

GRAHAM HUNTER



Barça

**A CONSTRUÇÃO E A TRAJETÓRIA DO MELHOR
FC BARCELONA DE TODOS OS TEMPOS**





O livro *Barça: A construção e a trajetória do melhor FC Barcelona de todos os tempos* já se transformou em um clássico da literatura esportiva moderna. A obra conta a história da espetacular era Pep Guardiola no clube catalão — que entre 2008 e 2012 levou à conquista de inúmeros títulos e redefiniu o conceito de beleza no futebol —, partindo do inesquecível triunfo sobre o Manchester United, em Wembley, na final da Champions League de 2011. Desse ponto em diante, cada capítulo foca uma das grandes personalidades que construíram a equipe, numa narrativa que se desenvolve desde as origens mais remotas desse time inigualável, no final dos anos 1980, até a grande consagração em Londres. Pep Guardiola e seu mentor, Johan Cruyff, assim como Xavi, Andrés Iniesta e Lionel Messi, talvez o melhor jogador de futebol da história, tornam-se os protagonistas do relato e nos ajudam a compreender por que, naquele jogo de maio de 2011 em Wembley, o Barça encerrou de vez o debate sobre qual seria a melhor equipe do mundo na época, iniciando outra discussão: seria aquele o melhor time de futebol de todos os tempos?



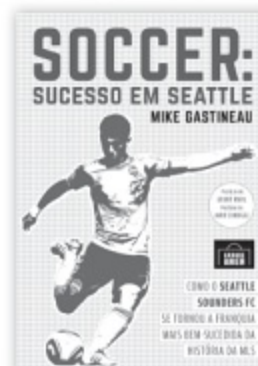
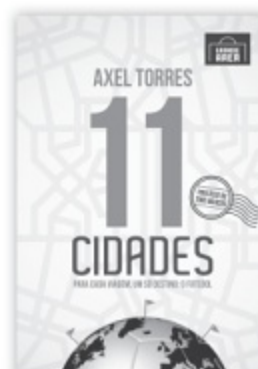
Nascido em Aberdeen e torcedor do clube de mesmo nome desde o berço, **GRAHAM HUNTER** fez sua primeira peregrinação futebolística em 1982, quando foi à Espanha acompanhar a Copa do Mundo. E achou tudo aquilo emocionante.

Ele escreve (ou fala nas mídias) sobre futebol desde o fim da década de 1980. Há quinze anos tem Barcelona como lar. E continua à espera do seu prêmio Pulitzer em reconhecimento ao livro *Spain: The Inside Story of La Roja's Historic Treble*. Mas tudo isso, claro, sem nenhum ressentimento.

É possível lê-lo nos sites ESPN FC e UEFA.com, acompanhar suas colunas no *Daily Record* e *Evening Express*, além de segui-lo na conta @BumperGraham do Twitter. Você também pode se inscrever no mailing do site Grahamhunter.tv para receber gratuitamente o podcast de futebol *The Big Interview*. Afinal, já são 3 milhões de ouvintes. E eles não devem estar tão errados, não é?

Graham pode ainda ser ouvido frequentemente no talkSPORT e no Radio 5 Live — e visto na Sky. E o leitor mais alerta descobrirá ainda que, para ele, Paul Weller é o maior inglês vivo.

CONHEÇA NOSSOS OUTROS TÍTULOS



GRAHAM HUNTER

Barça

**A CONSTRUÇÃO E A TRAJETÓRIA DO MELHOR
FC BARCELONA DE TODOS OS TEMPOS**

Tradução de Rafael Reis e Gabriel R. Gobeth



Copyright © 2012, 2016 BackPage Press. Graham Hunter, 2012.

Todos os direitos reservados.

© 2012. Primeira publicação na Inglaterra pela BackPage Press.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original: Barça: The Making of the Greatest Team in the World

Tradução: Rafael Reis e Gabriel R. Gobeth

Preparação: Andressa Bezerra Corrêa

Revisão: Ariadne Martins e Luciana Baraldi

Capa: Aline Temoteo

Produção do ebook: booqlab.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Hunter, Graham

Prefixo Editorial: 69214

Número ISBN 978-85-69214-16-8

Barça: a construção do maior time do mundo / Graham Hunter; tradução de Rafael Reis e Gabriel R. Gobeth – 1ª ed – Campinas, sp: Editora Grande Área, 2018.

Título original: Barça: The Making of the Greatest Team in the World.

Tipo de suporte: E-book

Formato Ebook: EPUB

1. Futebol — Espanha — História 2. Futebol Clube Barcelona — História 3. Jogadores de futebol — Espanha — Barcelona — História 4. Times de futebol — Espanha — Barcelona — História I. Título.

Índice para catálogo sistemático:

I. Futebol Clube Barcelona: História 796.33409

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Grande Área

Av. Tenente Haraldo Egídio de Souza Santos, 777 – sala 01

Jd. Chapadão – 13070-160 – Campinas – SP

Barça

Sumário

Introdução

1. O caminho para Wembley
David Villa: *El Guaje*
2. A construção de Messi
Jogos marcantes: Shakhtar Donetsk 1 × 2 Barcelona
3. O retorno do exílio
Jogos marcantes: Athletic Bilbao 1 × 4 Barcelona
4. A máquina
Daniel Alves: Estilo S/A
5. A teoria da evolução
Jogos marcantes: Real Madrid 2 × 6 Barcelona
6. A construção de Pep
Sergio Busquets: A pitada de maldade
7. Os imperadores de Barcelona
Jogos marcantes: Barcelona 2 × 0 Real Madrid
8. A dupla improvável
Víctor Valdés: O destruidor de corações
9. Terreno fértil
Pedro: a simplicidade
10. O homem das soluções
Jogos marcantes: Chelsea 1 × 1 Barcelona Construindo a maior rivalidade do mundo
11. Construindo a maior rivalidade do mundo
Éric Abidal: O convertido

12. O maior de todos

Epílogo

Agradecimentos

Apêndice A — Linha do tempo

Apêndice B — Referências

Apêndice C — Glossário

Apêndice D — Critérios para contratação

INTRODUÇÃO

Foi muito edificante ter vivido tantas experiências extraordinárias e inesquecíveis proporcionadas pelo futebol, ter escrito este livro e recebido, com surpresa, todo o carinho demonstrado pelos leitores. Mas também foi doloroso olhar para trás, agora no verão de 2016, na tentativa de redigir uma edição final de *Barça — A construção e a trajetória do melhor FC Barcelona de todos os tempos*.

Há quatro anos, quando fiz a última atualização, Tito Vilanova tinha acabado de assumir o comando do time principal do clube que tanto amava. Já Johan Cruyff esbanjava saúde, escrevia brilhantes colunas para o jornal *De Telegraaf* e lançava as “Quadras Cruyff” mundo afora, para que crianças pudessem jogar futebol perto de casa em áreas cobertas, sem se preocuparem com o clima e colhendo os enormes benefícios do futebol de rua. Esses dois homens eram talentosos, amados, cheios de vitalidade, inspiradores e aventureiros.

Mas o câncer acometeu ambos. E, enquanto seus familiares e amigos passaram pelo pior, todos nós que pensamos, vivemos e respiramos futebol também sofremos muito com a morte deles. Francamente, ainda estou perplexo e entristecido.

A intenção desta nova edição foi adicionar um capítulo final ao livro, o epílogo, que vai da despedida de Pep Guardiola até o ponto em que o clube percebeu que precisava de um *reboot* significativo e dispensou Tata Martino. Mas esta ainda é a história do Barcelona de Guardiola, de onde ele veio e o que deixou para a história.

Penso que sempre que você se dispõe a fazer uma narrativa de feitos geniais pode acabar sendo criticado, especialmente se as proezas dos personagens envolvidos continuam se repetindo, sobrepujando tudo aquilo que já foi escrito e publicado.

De certo modo, é tentador ter a chance de voltar ao livro, revisar suas frases

e poder reescrevê-lo com os benefícios que a retrospectiva histórica traz. No entanto, o feedback daqueles que leram a versão original foi tão positivo em relação à sensação de frescor da história e ao estilo de escrita adotado que decidi não fazer tais mudanças.

A editora e eu optamos por deixar esta versão praticamente igual à primeira edição. A obra continua sendo vendida, o que indica que novos leitores ainda estão dispostos a devorar aquele período extraordinário de futebol, compreendido entre 2008 e 2012. Por isso, creio que o texto original continua fazendo sentido.

Pesquisar e escrever este livro foi um trabalho mais difícil do que eu esperava, mas uma série de fatores e pessoas me deram forças para continuar. Em primeiro lugar, realmente acredito que essa era do Barcelona, por seu futebol e pelas personalidades envolvidas, ofereceu algo que, de tão especial, não espero ver equiparado durante o meu tempo de vida.

Do auge de Ronaldinho e Eto'o até as triangulações mágicas entre Iniesta, Xavi e Messi, fui um privilegiado por trabalhar nos estádios de futebol da Europa onde o Barcelona fez suas apresentações de gala.

Talvez pudéssemos ter dado o título de “O melhor time de futebol da história”... Mas qual seria o propósito? É verdade que algumas pessoas importantes do futebol acreditam nisso e que, com certeza, minha opinião importa menos que a delas. Meu trabalho, porém, era outro: contar como esse esquadrão, sob o comando de um homem brilhante, provou ser a melhor equipe de futebol do mundo entre 2008 e 2012, ano da primeira publicação.

Falar em “melhor da história” é sempre tema para debates, opiniões e defesa de posições. Minha suspeita é que testemunhamos algo próximo da excelência de todos os tempos, mas é você quem deve fazer o julgamento, a partir das evidências colhidas pelo seu próprio olhar. O objetivo deste livro é convencê-lo de que essa equipe foi única.

O que vai além de qualquer argumento, mesmo para os times que caíram diante dos homens de Guardiola, é que o Barça produziu regularmente um futebol encantador, daqueles que enlevam o espírito. Só por isso já valeria a pena ter escrito esta obra.

Espero e acredito que esse futebol vá continuar influenciando jovens

jogadores talentosos do mundo todo a desenvolver suas habilidades. O primeiro passe, a técnica, a obsessão por manter a posse de bola, a movimentação antevendo o passe, a visão, a inteligência, o toque de primeira: tudo isso deveria ser norma para quem quer praticar bem o futebol (apesar, é claro, da nossa inerente necessidade de competir agressivamente) até que brucutus e cabeças de bagre fiquem definitivamente à margem do jogo. Além disso, algo que me comove constantemente é a forma como pessoas do mundo inteiro — e não apenas aquelas nascidas na Catalunha e automaticamente atraídas pelo Barcelona — se apaixonaram por essa equipe, por essa era.

O futebol mostrou vários rostos desde que comecei a acompanhá-lo, ao lado do meu pai, em Pittodrie, no final dos anos 1960. Mas sua capacidade de inspirar e emocionar o mundo todo raramente foi (ou talvez nunca tenha sido) tão grande quanto nesta era Barça.

Graham Hunter,
Barcelona, agosto de 2016

1. O CAMINHO PARA WEMBLEY



Ninguém nos derrotou dessa forma antes, mas o Barça merece. Em meu período como treinador, é a melhor equipe que já enfrentamos.

Sir Alex Ferguson

Wembley, Londres, 28 de maio de 2011

SIR ALEX FERGUSON aperta a mão de Pep Guardiola. Sua linguagem corporal demonstra a aceitação de que o Manchester United foi superado e a admiração pelo fato de seu algoz, o Barcelona, ter vencido a batalha de forma brilhante.

Éric Abidal, que se recuperou três meses antes do prognóstico médico — de uma cirurgia para a retirada de um tumor — para poder participar da final, recebe a braçadeira do capitão, Carles Puyol, que lhe diz para levantar a taça.

E um pequeno exército de cúmplices é recrutado por Gerard Piqué para juntos retirarem a rede do gol de Wembley.

Todo o elenco e a comissão técnica do Barcelona se dão as mãos e dançam em volta do círculo central, onde está o troféu da Champions League e, amarrada a ele, uma bandeira da Catalunha. A cena parece saída de um festival pagão, uma espécie de ato de adoração à cobiçada “orelhuda”.

Momentos icônicos de uma partida decidida pelos gols marcados por Pedro, Wayne Rooney, Leo Messi e David Villa.

Em seguida, uma onda de manifestações de admiração desenfreada da obra-prima criada pelo Barcelona de Guardiola, partindo de alguns dos maiores nomes do esporte, começa a competir em termos de impacto com as imagens extraordinárias produzidas pela final.

“Ninguém nos derrotou dessa forma antes, mas o Barça merece. Em meu período como treinador, é a melhor equipe que já enfrentamos”, disse Ferguson, que conquistou mais de quarenta títulos na carreira.

“Eles jogam da maneira certa e curtem o futebol que praticam. Hipnotizam com suas trocas de passes, e ninguém é realmente capaz de controlar Messi. Mas muita gente já disse isso.”

Terry Venables, que treinou o Barcelona e levou o clube a um título espanhol e a uma decisão de Copa da Europa, disse: “O United foi depenado. Eles tiveram uma aula, e isso deve ter sido um pesadelo para Fergie. Ele deveria simplesmente sair do vestiário e declarar: ‘Eles foram excelentes’, porque o Barcelona não só os derrotou, mas mostrou ao United tudo o que é possível fazer em campo. Eu penso que todos deveriam se levantar e aplaudir”.

Graeme Souness, o qual fez parte da hegemônica equipe do Liverpool que ganhou três Copas da Europa entre o final dos anos 1970 e o início da década de 1980, afirmou: “Acho que os jovens de hoje que gostam de futebol não estão apenas vendo o melhor jogador da história [Messi] mas também possivelmente o melhor time de todos os tempos”. Disse ainda: “Eles deveriam assistir a todos os vídeos, além de se sentar diante da TV toda vez que esse time estiver jogando, porque é um grupo especial de jogadores”.

Antes da partida, Osvaldo Ardiles, campeão da Copa do Mundo de 1978 com a seleção argentina, era um dos que admitiam não ver “nenhuma chance” de o Manchester United vencer o Barcelona. Depois, ele disse: “Por algum tempo, pensei que Diego Maradona e Pelé nunca seriam superados, mas mudei de ideia. Agora, eu diria que Lionel Messi vai entrar para a história como o jogador número um de todos os tempos, o melhor que já existiu. Este Barça é o melhor time da história”.

Bixente Lizarazu — vencedor de Copa do Mundo, Eurocopa e Champions League pela França e pelo Bayern de Munique — foi outro que se derreteu por Messi: “Quando o vemos vestido com roupas normais, ele parece um menino a caminho da escola. Mas quando está com camisa e calções dentro de campo, ele faz todos os outros jogadores parecem estudantes assistindo ao mestre”.

Gary Neville, aposentado depois de uma carreira repleta de troféus no Manchester United, declarou: “Sete dos jogadores do Barcelona que jogaram nesta noite vieram das categorias de base do clube, o que dá a eles uma força imensa. É preciso admitir: eles são brilhantes e Messi foi absolutamente magnífico, um dos melhores jogadores que já vimos”.

“O futebol das duas últimas décadas foi de aptidão física e atlética”, Neville continua. “Mas, agora, o Barcelona está nos fazendo reviver os tempos das grandes equipes brasileiras e a ideia de um ‘futebol total’.”

Roy Keane, aquele cujo período como capitão simboliza o glorioso reinado de Ferguson como técnico do United, disse: “[O Barcelona] é a melhor equipe que já vi jogar. Eles estão em um nível diferente, fazem tudo parecer mais fácil do que é. O United não sai envergonhado desta noite, já que enfrentou o melhor time da história”.

Segundo Ottmar Hitzfeld, treinador que levou o Bayern de Munique e o

Borussia Dortmund a títulos na Champions League: “Esse Barcelona é o time mais inteligente de todos os tempos”, afirmou. “Eles têm uma geração de ouro, que continuará impactando a Champions League nos próximos anos. Não tenho ideia de quando teremos a oportunidade de ver novamente uma equipe exibindo tamanha perfeição técnica.”

Marcello Lippi, técnico vencedor de Champions League e Copa do Mundo, disse: “Nunca houve um time jogando dessa forma na história no futebol. Esse Barcelona tem todas as características para ser considerado a equipe mais forte que já existiu. Estamos assistindo a um fenômeno único”.

Para acrescentar ainda mais peso histórico, nossa próxima testemunha é Just Fontaine, o quarto maior artilheiro das Copas do Mundo (fez treze gols pela França em 1958): “Nenhum time foi melhor no controle da bola do que esse Barcelona. O Brasil foi imenso em 1958 e 1970; o Ajax de Cruyff e o Real Madrid cinco vezes campeão europeu, também. Mas, tecnicamente, o Barcelona alcança a perfeição”, ele disse. “Quanto a Messi, eu pensava que Pelé era melhor, porque brilhou por seu clube e ganhou três Copas do Mundo. Di Stéfano também foi sublime. Mas Messi é superior aos dois.”

Mestalla, Valência, 20 de abril de 2011

Trinta e oito dias antes dessa experiência transcendente descrita por todas as personalidades citadas até aqui, o Barcelona — cansado, irritado, abatido e disperso pelo gramado do estádio Mestalla, em Valência — viu o Real Madrid comemorar a vitória na final da Copa do Rei.

Os jogadores de Guardiola assumiram uma expressão vazia, a marca dos perdedores de uma grande decisão, com os olhos marejados refletindo a dor que sentiam.

Aquele tinha sido o segundo clássico em três dias, e a segunda decepção. No encontro anterior, a vitória por 1 a 0 do Barcelona havia caído por terra com um gol no fim. Já na épica e emocionante final, a taça escapou graças a um sensacional cabeceio de Cristiano Ronaldo na prorrogação.

Parecia que uma tempestade despencaria sobre Barcelona. A primeira derrota em uma final de copa na era Guardiola era uma experiência difícil, e aqueles soldados estavam exaustos, a maioria deles vinha de três temporadas

vitoriosas — e também de períodos cansativos de “férias”. A Eurocopa de 2008, a Copa das Confederações de 2009 e a Copa do Mundo de 2010 haviam sido o passatempo dos jogadores durante o descanso anual deles. Dentro da Espanha, o Real Madrid crescia os olhos e invejava o sucesso obtido pelo rival nas três temporadas anteriores. A situação do Barcelona era de cansaço extremo.

Poderia então aquela derrota na Copa do Rei abalar a confiança dos jogadores e dar vazão a esse sentimento represado de exaustão?

O time ainda iria encarar o terceiro clássico em sete dias, e certamente aquele seria o mais importante da temporada. A impressão era a de que a primeira partida da semifinal da Champions League acabaria sendo um teste definitivo e, na ocasião, o Real Madrid parecia ter uma vantagem competitiva e psicológica. Eles vinham pressionando o Barcelona, e o rival tinha chegado, aparentemente, ao próprio limite.

Essa tese foi resumida de um jeito melhor por Emmanuel Adebayor na zona mista, espaço onde os jogadores atendem os jornalistas, localizada no subsolo do Mestalla. “Mourinho nos disse que o Barcelona não é um RoboCop. Eles são um dos melhores times do mundo, mas são humanos, simplesmente são jogadores como nós. Isso quer dizer que, se tentarmos jogar nosso futebol e pressionarmos a defesa deles, os erros certamente aparecerão e eles perderão a bola. Então tínhamos de atacá-los como tigres ou leões”, explicou o atacante. “O time que mais queria vencer era o Real Madrid e, por isso, vencemos.”

Os jogadores do Barcelona e do Real que também defendiam a Espanha seguiam uma regra não escrita, um pacto selado entre eles: por mais duros que fossem os confrontos entre as equipes, eles não se esqueceriam dos laços construídos na seleção. Era uma questão de respeito, um acordo na base do: “Vamos competir ao máximo, mas não vamos ultrapassar o limite”.

Justa ou injustamente, alguns atletas do Barcelona sentiram que essa linha imaginária havia sido ultrapassada na final da Copa do Rei, corroendo o sentimento de amizade que nutriam pelos adversários.

O árbitro Undiano Mallenco marcou 26 faltas contra o Real e 24 faltas contra o Barcelona. Também distribuiu cinco cartões para os vencedores e três para os derrotados. Mesmo assim, foi muito permissivo em campo.

Álvaro Arbeloa acertou Villa em cheio no primeiro tempo, e os jogadores

do Barcelona se irritaram muito porque Sergio Ramos e Arbeloa trataram de arrastar bruscamente o atacante adversário pelos pés. Houve vários incidentes, principalmente em entradas duras, ainda que não criminosas, do Real. A falha do árbitro foi permitir que isso acontecesse. A partida foi um duelo de titãs. Um monte de chances perdidas, defendidas ou que pararam na trave. Tanto Iker Casillas quanto José Pinto praticaram milagres.

A noite foi encerrada com uma cena que rodou o mundo: durante o desfile em carro aberto dos jogadores do Real por Los Cibeles, tradicional ponto de comemoração da torcida do clube na capital espanhola, Sergio Ramos deixou a taça da Copa do Rei cair, e o ônibus passou por cima dela. Foi a metáfora perfeita para ilustrar como o Barcelona se sentia.

Também surgiram notícias de que uma combinação de erros dos seguranças e um planejamento malfeito da Real Federação Espanhola haviam forçado os comandados de Guardiola a permanecer em campo, furiosos, enquanto o Real Madrid recebia o troféu e era ovacionado por sua torcida.

Mas não foi isso o que aconteceu. Manel Estiarte, amigo e fiel escudeiro de Guardiola, será um dos nossos principais guias nos relatos sobre os incríveis eventos que fecharam a temporada 2010/2011. Atleta com múltiplas participações olímpicas, medalhista de ouro e, durante um longo período, o melhor jogador do mundo de polo aquático, Estiarte foi a primeira pessoa com quem Guardiola conversou quando se tornou técnico do time principal do Barcelona. Conselheiro, amigo, protetor: ele vê tudo, mas conta muito pouco. No entanto, presenteou-me com uma visão rara da jornada do Barça entre o Mestalla e o Wembley.

“No Mestalla, a decisão de permanecer no gramado foi nossa”, disse Estiarte. “Em 2009, vimos o Manchester United sofrer em Roma e os atletas do Athletic Bilbao sentarem chorando no gramado do Mestalla depois da Copa do Rei [o Barcelona venceu aquela final por 4 a 1]. Admiramos a dignidade e o orgulho com que eles encararam a derrota, então decidimos que ficaríamos em campo se perdêssemos. Ninguém nos obrigou a isso.”

Tito Vilanova me disse: “Nunca gostei de perder, mas aprendi desde cedo que não se pode ganhar sempre. Se você fez tudo o que podia para vencer, então deve aceitar que perder é parte do jogo. A partir daí, tem que levantar a

cabeça e tentar melhorar. Foi o que fizemos no Mestalla, mostramos respeito ao nosso adversário”.

Gerard Piqué fez questão de se dirigir a todos os jogadores do Real depois do apito final e cumprimentá-los um a um. “Perder uma final é duro, porque você sabe que deixou muitas pessoas tristes e que seus companheiros de time se esforçaram ao máximo. Mas, algumas vezes, é a sua vez de ser derrotado”, afirmou. “Acho que esta equipe tem o direito de perder ocasionalmente, desde que a gente jogue mostrando a atitude e o estilo do Barcelona, como fizemos aqui.”

Ao analisar a partida, achei que Messi talvez tivesse adotado uma movimentação diferente da habitual na tentativa de escapar da marcação exercida por Pepe e encontrar um espaço onde teria mais liberdade. Sua posição tradicional naquele momento era a de falso 9, um jogador que começa como atacante central, mas tem liberdade para se movimentar e se alternar entre os postos de centroavante e camisa 10.

Esse posicionamento de Messi foi testado pela primeira vez por Rijkaard em 2008, contra o Sevilla, e posteriormente virou um fator explosivo na goleada por 6 a 2 sobre o Real Madrid. Usá-lo assim, permanentemente, foi um golpe de mestre de Guardiola e contribuiu muito com a altíssima média de gols do argentino desde a chegada do treinador. No entanto, naquela final da Copa do Rei, o jogador mais importante do Barcelona decidiu recuar em alguns momentos até chegar à entrada de sua própria área para receber os passes curtos de Piqué ou Sergio Busquets.

Teria Messi ajudado o Real Madrid a vencer? Essa questão estava no ar porque, no ano anterior, Mourinho já tivera sucesso na tarefa de anulá-lo nas semifinais da Champions League com a Inter de Milão.

Fiz esse questionamento ao técnico do Barcelona, e Guardiola respondeu: “Pedi a Leo para ser muito mais do que um goleador. Seu papel é participar plenamente do jogo. Ele tem liberdade para se movimentar e ocupar os espaços que acredita serem os melhores para ele. A ideia é que ele esteja envolvido em todas as ações e seja muito mais do que um mero fazedor de gols, porque é nosso jogador mais decisivo”.

Na época, fiquei em dúvida sobre os rumos do Barcelona que eu tinha visto

naqueles dois clássicos consecutivos, mas os sete dias seguintes provariam que Guardiola estava certo e acabariam com o meu ceticismo.

Depois da vitória na Copa do Rei, Mourinho parecia e soava exausto: “O Barcelona deu a impressão de estar psicologicamente cansado no segundo tempo, porque eles estão acostumados a ser mais bem-sucedidos nos jogos”, ele disse. “Algumas pessoas afirmam que é necessário ter muita posse de bola para jogar um bom futebol, mas acredito que o domínio dos espaços e os contra-ataques também produzem uma grande exibição. Não nos consideramos melhores que o Barcelona só porque os derrotamos; e eles não são inferiores por terem perdido. Cada jogo é diferente.”

No entanto, um gesto marcante após aquela partida se tornou extremamente importante e talvez tenha mudado o destino da temporada.

Pouco mais de vinte minutos antes do fim do tempo normal, Pedro ia fazendo o gol que poderia ter sido o da consagração, aproveitando-se de uma das maiores sequências de dribles que já vi Messi — ou qualquer outro jogador — aplicar. No entanto, a marcação de impedimento não deixou que o placar fosse aberto. Apesar de se tratar de uma decisão acertada e de o relato do jogo publicado no site oficial do Barcelona ter dito que o “árbitro Undiano acertou ao invalidar o gol”, a reação de Guardiola deu vazão à imaginação maquiavélica de Mourinho.

Guardiola iniciou a entrevista coletiva pós-jogo dizendo: “Parabéns ao Real Madrid, eles fizeram uma excelente partida”.

Ele se recusou a criticar o árbitro, mas lembrou que pequenos detalhes transformaram aquela noite. “Uma decisão de dois centímetros do bandeirinha, que tinha uma boa visão do lance, anulou o gol de Pedro.” Foram exatamente essas as palavras do treinador. Nada mais. Mas mantenha-as na memória por uma ou duas páginas.

Camp Nou, 23 de abril de 2011, Barcelona × Osasuna

Um campo minado se apresentava imediatamente à frente dos jogadores do Barcelona, mesmo antes do confronto seguinte diante dos tradicionais adversários no Bernabéu.

O time de Guardiola havia vencido as duas últimas ligas espanholas,

sempre depois de desgastantes batalhas travadas com o Real Madrid. Mesmo assim, não havia ninguém disposto a abdicar de mais um campeonato para aumentar as chances de chegar à final da Champions League, já que apenas uma vez, em toda a história do clube, o Barça conseguira mais de dois títulos nacionais consecutivos — e tinha sido com aquela equipe de Johan Cruyff eternizada sob a alcunha de *Dream Team*.

“Aquele foi um momento em que todos estávamos exaustos física e psicologicamente”, recorda Vilanova. “Mas não havia tempo para que sentíssemos pena de nós mesmos. Quando você é um grande jogador, sabe como é importante se levantar depois das derrotas. E foi exatamente isso o que os atletas fizeram.”

Na 33ª rodada do espanhol, quando enfrentou o Osasuna, o Barcelona estava oito pontos à frente do Real, mas ainda havia dezoito por disputar. A posição do time era confortável, porém não garantia nada. Por isso, Guardiola pediu para os torcedores esquecerem o tropeço e apoiarem o time.

A frase do dia em sua entrevista foi uma mensagem ao elenco: “Para cada um dos meus jogadores que se sente triste ou deprimido com a perda da Copa do Rei, bem, peço que corra ainda mais”.

E continuou: “Meus rapazes precisam reagir, porque esse é o trabalho e a responsabilidade deles. A tristeza pode ser deixada de lado em um campo de futebol se você trabalhar duro e lutar um pouco mais. Aquele que não tiver se recuperado da derrota ficará no banco ou verá a partida das tribunas”.

“*Campeones, campeones*”, os torcedores no Camp Nou cantaram naquele sábado, durante a apertada vitória por 2 a 0 sobre o Osasuna. O primeiro gol de David Villa em doze partidas e o quinquagésimo de Messi na temporada mostraram que o elenco tinha conseguido responder às exigências feitas por Guardiola.

O Real Madrid voltou a Valência naquela mesma noite, marcou seis vezes diante da equipe dirigida por Unai Emery e se mostrou ainda mais ameaçador para a iminente semifinal da Champions League.

O Barça continuava oito pontos à frente. Mas, agora, restavam apenas quinze para serem jogados.

Meses mais tarde, Guardiola admitiu para nós que aquela partida contra o

Osasuna foi “horrorosa”, mas que naquele momento era preciso entender em que estado os jogadores se encontravam. O cansaço físico e mental tinha de ser levado em conta. Eles poderiam simplesmente desabar, tanto pela cabeça quanto em razão do sentimento de exaustão.

Madri, terça-feira, 26 de abril de 2011, entrevista coletiva da Champions League

O Real Madrid falou primeiro e atendeu os jornalistas às 14h45, em seu centro de treinamentos, Valdebebas, perto do aeroporto de Barajas. Já o Barcelona foi treinar no Santiago Bernabéu, o gramado da partida, enquanto a polêmica se estabelecia. Às oito da noite, Guardiola e Mascherano (então já chamado de *El Jefe*) dariam suas entrevistas coletivas.

Aquele era o terceiro dos quatro clássicos que seriam disputados em dezesseis dias. Torcedores e jornalistas do mundo todo estavam a postos.

Assim que Guardiola se sentou para começar a entrevista, disparou a falar por dois minutos e 27 segundos num discurso agressivo e de controlada indignação, tudo tão minuciosamente planejado quanto a tática que sua equipe aplicaria em campo na noite seguinte.

Mais cedo, naquela tarde, o treinador do Real Madrid havia cometido um erro.

Cheio de cinismo, Mourinho mirou Guardiola durante sua entrevista coletiva. O português foi mal-humorado, excêntrico, impetuoso e destilou sarcasmo a conta-gotas contra a declaração sobre “a decisão de dois centímetros” dada pelo rival depois da final da Copa do Rei.

“Até então, os técnicos podiam ser divididos em dois grupos”, começou, em tom irônico. “O menor compreende aqueles que nunca falam sobre a arbitragem, não importa o que aconteça. E o outro, aquele onde me incluo, é formado pelos treinadores que criticam os árbitros apenas quando eles cometem erros importantes. Não podemos controlar nossa frustração quando eles erram, mas os parabenizamos quando eles acertam”, disse Mourinho.

“Mas agora surgiu um terceiro grupo, com apenas um integrante: Pep. É uma nova era, jamais vista no futebol. Encontramos alguém que critica o árbitro por uma marcação correta!”, continuou.

“A explicação para isso é que, na primeira temporada de Guardiola no Barça, ele presenciou uma arbitragem escandalosa na semifinal da Champions League contra o Chelsea. Desde então, nunca mais ficou feliz com uma arbitragem que acerta.”

Nenhuma referência a como Guardiola havia elogiado o Real Madrid e reconhecido que a vitória deles era merecida, tampouco uma admissão de que o rival catalão não havia criticado o árbitro nem sugerido que o impedimento fora marcado de forma equivocada. A simples menção de Pep Guardiola ao lance e à decisão do auxiliar foi suficiente para Mourinho mergulhar nas trevas do seu próprio universo.

Mourinho acredita que a partida começa na entrevista coletiva do dia anterior e pensou que havia tido sucesso com suas declarações meticulosamente estudadas. Assim, depois de causar perplexidade em repórteres do mundo todo, ele abandonou a sala de imprensa sem dúvidas de que tinha saído na frente no clássico.

Mourinho deve ter julgado que seu trabalho fora bem-feito. No entanto, errou na avaliação sobre Guardiola. A noite vivida na sala de imprensa do Bernabéu causou mil vezes mais admiração.

Guardiola e a maioria do elenco do Barcelona haviam assistido à entrevista de Mourinho ao vivo pela televisão à tarde.

Companheiro do técnico do Barça durante a era Cruyff e diretor de futebol do clube, Andoni Zubizarreta advertiu Pep depois da sórdida performance de Mourinho: “Mais do que nunca, este é o momento em que precisamos falar de futebol”.

Contudo, o ex-goleiro do Barcelona e da seleção espanhola sabia que a linha havia sido cruzada. Ele até tentou conter os ânimos do ex-parceiro de time, mas Guardiola decidiu dar um basta naquilo. Havia chegado a hora de contra-atacar.

Mascherano falou primeiro na coletiva, e foi uma entrevista habitual, tentando manter o foco no futebol e se afastando da polêmica do momento. Guardiola deu-lhe então um aceno de agradecimento e um tapinha nas costas: “Bom trabalho!”. O técnico do Barça não precisava que ninguém falasse por ele,

estava pronto para puxar o gatilho sozinho.

Então, tudo aconteceu rapidamente. O assessor de imprensa do Barça, Chemi Teres, escolheu o jornalista David Bernabéu para abrir a coletiva. O Barcelona é um clube da Catalunha, mas — em vez de privilegiar um dos muitos jornais, rádios e televisões catalães que haviam viajado até a capital — a primeira pergunta foi concedida a um jornalista que falava espanhol de uma TV de Madri. David tinha um deadline apertado, por isso pediu para iniciar a entrevista, o que também favoreceu Guardiola. Seu show foi dirigido ao público de língua espanhola: tensão máxima, exposição máxima.

O jornalista perguntou: “Eu não sei se o senhor foi informado sobre o que o sr. Mourinho disse na entrevista coletiva desta tarde, mas destaquei alguns pontos da conversa para compartilhar com você. Ele se surpreendeu com sua crítica ao árbitro pelo acerto dele em relação ao impedimento de Pedro na final da copa, semana passada. Ainda deu a entender que você esteja acostumado a árbitros favorecendo o Barça, devido àquele escândalo na semifinal contra o Chelsea na Champions League dois anos atrás. Então, 24 horas antes da grande partida, há algo que o senhor gostaria de responder a Mourinho?”.

A declaração seguinte durou exatamente dois minutos e 27 segundos:

“Bem, para começar, boa noite a todos. Como o sr. Mourinho escolheu me chamar de ‘Pep’ durante toda a entrevista, vou me referir a ele como ‘José’ nesta noite.

“Não sei qual é a sua câmera aqui [Guardiola muda a direção de seu olhar: não mira mais os repórteres à sua frente, mas a fila de câmeras de TV no fundo da sala]. Provavelmente, todas elas.

“Amanhã, às 20h45, vamos jogar um pouco de futebol dentro de campo. Fora de campo, Mourinho já ganhou. Vem ganhando o ano todo, temporada após temporada, e continuará ganhando no futuro. Fico feliz em premiá-lo com seu troféu pessoal da Champions League fora do campo. Ele pode levar essa taça para casa e ficar admirando-a.

“Quanto a nós, apenas queremos jogar. Talvez a gente ganhe, talvez a gente perca. Normalmente, ele vence, como o currículo dele mostra. Nós nos contentamos com as vitórias ‘menores’, aquelas que parecem inspirar a admiração do mundo todo e que nos deixam tão orgulhosos. Eu poderia fazer

uma lista de reclamações para vocês todos, mas aí essa conversa nunca teria fim.

“Ele falou sobre Stamford Bridge. Bem, nós também tínhamos 250 mil queixas para fazer. Mas não contamos com secretárias, ex-árbitros ou diretores no nosso clube para ficarem anotando todas as reclamações que temos. Então, preferimos deixar tudo de lado e ir a campo amanhã, às 20h45, para tentar vencer e jogar o melhor futebol que sabemos.

“Aqui, na sala de imprensa, ele é o fodão, o chefe poderoso.

“Conhece todos os caminhos deste mundo [da provocação e guerra via imprensa] melhor do que qualquer outro. Não quero nem pensar em competir com ele nessa arena. Eu só gostaria de lembrá-lo que estivemos juntos, eu e ele, por quatro anos [no final da década de 1990, no Barcelona]. Ele me conhece, e eu o conheço. Isso é o suficiente para mim.

“Se ele prefere ficar distribuindo essas declarações para os jornalistas amigos do Florentino [Pérez, presidente do Real Madrid] sobre a Copa do Rei e dar mais importância ao que eles escrevem do que à nossa amizade — bem, não amizade, o que tivemos foi mais uma relação de trabalho —, então é problema dele.

“Pode continuar lendo Albert [Einstein, a quem Mourinho costuma citar nas preleções para seus jogadores]. Que faça tudo do jeito que bem entender, até ler os pensamentos daqueles jornalistas que mamam nas tetas do Florentino Pérez e depois escrevem tudo o que ele deseja.

“Não vou ficar justificando minhas palavras. Eu disse que fomos derrotados por um detalhe — pela inteligência de um assistente de arbitragem que acertou em um lance. Naquela noite, eu simplesmente parabeneizei o Real Madrid por ganhar a taça contra uma equipe que jogou muito bem: uma equipe que tenho orgulho de treinar.

“Então, José, eu não sei qual é a sua câmera [olha novamente para o fundo da sala, onde elas estão posicionadas]. Mas... lá vamos nós.”

Essa situação de conflito explícito vinha se desenhando fazia tempo.

Cobri a Espanha na Copa do Mundo de 2010 e, assim que eles pisaram em solo espanhol com o troféu, já havia um batalhão de jornalistas perguntando sobre a chegada de Mourinho ao país.

Tudo o que Mourinho precisava fazer era tossir ou erguer a sobrancelha para que a imprensa da Catalunha (a do resto da Espanha não importa tanto por lá) importunasse os jogadores do Barcelona sobre o *Special One*. Minha primeira entrevista da nova temporada foi com Gerard Piqué, e eu simplesmente perguntei se ele estava cansado de ouvir o nome daquele homem.

“É realmente chato ir a todas as entrevistas, cada coletiva, e ouvir os repórteres perguntando sobre *ele*. Entendo que ele é novo por aqui e é o técnico do Real Madrid, mas já chega”, Piqué respondeu. “Acho que precisamos falar sobre nós, sobre o Barcelona. Sobre como jogaremos neste ano e esquecermos um pouco o Real Madrid e Mourinho. Conquistamos muitos títulos e respeito mostrando ao planeta como jogamos — temos que continuar fazendo o mesmo nesta temporada.”

Ao longo do ano, os jogadores do Barcelona foram se sentindo cada vez mais desrespeitados por Mourinho, mesmo depois da inquestionável goleada por 5 a 0 em novembro.

Ele afirmou que os outros clubes “entregavam” o título espanhol para o Barcelona por deixarem de tentar vencer quando iam ao Camp Nou, jogando apenas para minimizar a derrota. Mourinho constantemente dizia que o adversário era favorecido pela arbitragem e, um dia antes da semifinal, acrescentou que Guardiola não conseguia viver sem os árbitros que lhe davam vantagem.

Ainda que os jogadores do Barcelona tenham obedecido às ordens do clube de não atirar de volta contra o Real, a fim de não cair nas armadilhas de Mourinho, eles eram competidores natos e não tinham sangue de barata. Estavam mordidos. Foi então que Guardiola, sentindo-se pessoalmente desrespeitado, escolheu aquela noite para descontar toda a raiva e frustração que ele, seu elenco e sua comissão técnica estavam carregando.

Os jogadores adoraram. Guardiola tinha jogado água fervente na confusão iniciada por Mourinho. Depois, pediu aos atletas que pusessem a cabeça no lugar e pensassem apenas em jogar futebol na noite seguinte, evitando mais polêmicas sobre agressões, simulações e divididas desleais.

Estiarte nos conta como foi: “A equipe estava voltando para o hotel depois

do treinamento quando os celulares começaram a receber mensagens do tipo: ‘O professor começou algo grande desta vez’. Assim que chegamos ao hotel, os jogadores ovacionaram Guardiola. Foi uma das noites mais especiais dos últimos três anos”.

E o sentimento de “véspera de Natal” não terminou ali. Após o jantar, as luzes foram apagadas, e a maioria dos jogadores ficou à espera de mais um dos vídeos motivacionais de Pep, que normalmente faziam parte da preparação para as partidas.

Mas o vídeo que começou a ser exibido foi outro: um DVD que havia sido gravado por Víctor Valdés com suas próprias imitações de jogadores do Barcelona e personalidades do futebol espanhol. Os atletas adoraram. Messi, Mascherano e Milito, particularmente, riram muito, inclusive quando o goleiro se arriscou a imitá-los.

No entanto, nem tudo era festa. Havia um jogo para ser planejado.

Estiarte continua: “Não estou dizendo que Pep é um gênio, mas ele é extremamente talentoso em relação às questões do futebol. Vou a todas as suas preleções e confesso que, no começo, não entendia muito daquilo. Lá está ele, em frente a um telão, exibindo 25 minutos de filmagens. Ele diz: ‘Senhores, vamos vencer, porque todos vocês estão aqui’. E, no final, os jogadores sentem como se já tivessem disputado a partida, porque as instruções que receberam foram muito claras. Pep mostra a eles os pontos fracos do adversário e diz: ‘É isto o que vai acontecer aqui e aqui’. Ele não diz: ‘Se você marcar um gol, blá-blá-blá’. É algo mais do tipo: ‘Se conseguirmos abrir este espaço, podemos chegar mais fácil ao gol’”.

Em público, Guardiola ainda demonstrava não entender que a derrota na final da copa diminuía as chances de seu time no jogo a ser disputado no estádio Bernabéu.

“Estamos indo para a semifinal sabendo que ela será apertada”, afirmou. “Tudo está contra nós, poucas pessoas estarão nos apoiando. A opinião pública também parece acreditar que eles vão ganhar, mas nós estamos ansiosos, entusiasmados para a partida.”

Enquanto isso, o capitão Carles Puyol vencida a corrida para se recuperar a tempo de disputar o clássico. Isso foi significativo. Até então, Piqué e Puyol

havam jogado dezoito partidas juntos naquela campanha, com quinze vitórias, três empates e nenhuma derrota. De fato, a última vez que tinham perdido um jogo atuando juntos fora na semifinal da Champions League anterior, contra a Inter de Mourinho.

No entanto, o jogador de 32 anos teria de demonstrar em campo toda a sua experiência e vontade de vencer. Ele encerraria aquela temporada tendo disputado apenas quatro das últimas trinta partidas, sendo que somente em duas ele jogou do começo ao fim. Até por isso, foram incríveis o comprometimento e a bravura dele em cada uma das batalhas contra o Real Madrid. Ele não estava 100 por cento fisicamente e, se o adversário fosse qualquer outro, provavelmente não teria entrado em campo.

“É verdade. Provavelmente, nenhum outro jogador teria conseguido fazer o que Puyol fez. Ele merece nosso enorme reconhecimento, porque superou um momento muito difícil e jogou a semifinal contra o Real sem ter treinado direito para isso”, afirmou Vilanova. “Não tínhamos certeza se ele conseguiria cumprir esse objetivo ou se a contusão lhe traria problemas. O que Puyol fez foi uma das coisas mais incríveis que já vi no futebol. Por isso, sentimos muito por ele não ter conseguido começar jogando a final.”

Assim que anunciaram que quem apitaria o clássico seria Wolfgang Stark, as pessoas no Barcelona ficaram decepcionadas.

O alemão havia expulsado Thiago Motta e Javier Saviola no jogo contra o Celtic na Copa da UEFA de 2003/2004. E, na partida em casa da semifinal da

League de 2009 contra o Chelsea, os jogadores do Barcelona descobriram que ele era um árbitro que permitia o “grau de contato físico” mais comum nas ligas do norte da Europa.

Até aquele momento, o Barça só havia vencido um dos cinco jogos disputados sob a arbitragem de Stark.

A partida, então, teria Puyol, Stark e 3590 torcedores do Barça — cerca de dez vezes mais do que um clássico no Bernabéu pelo campeonato espanhol. Só que Andrés Iniesta não estaria em campo. Uma lesão acabou tirando-o do jogo, justamente como havia acontecido na semifinal da temporada anterior, quando Mourinho e a Inter eliminaram o Barça.

Presságios, presságios, Wembley parecia estar muito distante. Mas aquela noite acabou sendo fantástica.

Santiago Bernabéu, quarta-feira, 27 de abril de 2011 — Semifinal da Champions League, jogo 1

Mourinho deslocou Pepe para compor o meio-campo defensivo ao lado de Lassana Diarra e Xabi Alonso. Sua missão era ser mais uma vez o “Exterminador” de Messi.

O Real Madrid não aparou o gramado — deixou-o com três centímetros de altura, dois a mais do que a preferência do Barcelona. E os jogadores do Barça levavam esse assunto a sério. Gramas mais baixas aumentam a velocidade da bola e a fazem voar como um disco de hóquei, dando vantagem a equipes mais técnicas. Já gramados mais altos, como os longos cabelos usados nos anos 1970 e as franjas das ultrapassadas jaquetas de caubói, fazem a bola se mover lentamente — para a alegria daqueles que procuram retardar o ritmo do jogo, praticando o deplorável futebol defensivo que tantos empregaram para tentar conter Messi, Iniesta e Xavi.

Xavi, aliás, comentou: “É uma pena que não haja regras sobre o gramado. Em 2011, temos regras sobre brincos, entrevistas e camisas, mas nada sobre a grama — um fator que pode deixar o jogo muito mais interessante, ou então acabar provocando lesões”.

Dentro de seu próprio estádio, o Real, um clube até então nove vezes campeão europeu, só teve 26 por cento da posse de bola. Parte disso foi culpa dos visitantes, mas outra parte esteve ligada ao plano de jogo de Mourinho.

O *El País* é o principal jornal da Espanha e não veste a camisa de nenhum clube. Seu principal redator, José Sámano, escreveu: “Com Pepe, o Real Madrid se recusou a jogar; sem Pepe, ele não conseguiria jogar. As orientações de Mourinho têm sido disputar esses jogos usando seu lado mais obscuro. Ele fez isso na semana passada e repetiu a tática ontem à noite. Essa é a única explicação para o time ter atuado da maneira que atuou”.

O “sem Pepe” refere-se ao cartão vermelho direto que Stark mostrou para Pepe por uma entrada de sola na altura do joelho de Daniel Alves.

Mourinho também foi expulso por zombar e aplaudir o árbitro

sarcasticamente depois dessa decisão.

Sem que Pepe estivesse por perto para contê-lo, Messi decolou. Seu primeiro gol saiu quando Ibrahim Afellay passou por um Marcelo que mais parecia uma estátua e cruzou para o argentino, que escapara de Xabi Alonso.

O segundo de Messi foi um dos gols mais bonitos de todos os tempos na Champions League. O camisa 10 recebeu o passe de Busquets próximo do círculo do meio-campo, deixou quatro jogadores do Real para trás, arrastando-se como peixes presos nas redes de um pescador, e tirou a bola do alcance de Iker Casillas.

Gordon Strachan, o ex-meia de Aberdeen, Manchester United e seleção escocesa que dirigiu o Celtic contra Messi e o Barcelona, estava no Bernabéu naquela noite e classificou o lance como “um dos mais belos gols que você verá daquele que é, na minha opinião, o maior atleta que já praticou esse esporte”.

Tito Vilanova fez um comentário muito inteligente quando conversamos sobre a partida. Eu achava que a expulsão de Pepe havia sido determinante para o gol, mas ele tinha outra perspectiva. “Quando Messi dribla seis jogadores, não importa se o rival tem dez ou onze homens em campo. O que importa é que ele driblou seis jogadores.”

A partida teve muitos outros momentos, mas esses foram os principais. Em meio ao som e à fúria, poucos perceberam que Guardiola usou oito produtos das categorias de base do Barça naquela noite. O mais jovem era um reserva de dezenove anos, Sergi Roberto, que se tornou o 19º *canterano* (atleta formado em casa, nas *canteras*) lançado pelo treinador na equipe principal desde junho de 2008, quando assumiu o cargo. Em menos de três anos, dezenove garotos foram introduzidos em um time já repleto de talentos caseiros. Sem dúvida, um feito notável.

Infelizmente, preciso relatar que também houve gritos racistas contra os jogadores negros do Barcelona. Amigos que estavam no meio da multidão no Camp Nou na semana seguinte me contaram que a mesma cena vergonhosa se repetiu por lá. É uma praga que assola todo o futebol, mas a Espanha não está sabendo combatê-la.

Após a partida, Mourinho conseguiu descer ao nível do que já havia produzido em campo.

“Por quê? Por quê?”, perguntava repetidamente. Embora não espumasse pela boca, o português parecia um cão raivoso. “Se eu revelasse aqui minha opinião sobre a UEFA e sobre o árbitro, minha carreira terminaria hoje.”

Ele então começou a listar os árbitros que acusava de terem favorecido o Barcelona nos jogos anteriores. “Øvrebø, De Bleekere, Busacca, Frisk, Stark... Por quê?”

Mourinho seguiu compilando as decisões que teriam ajudado o Barça — a maioria, contra equipes que ele treinava: Tom Henning Øvrebø teria deixado de marcar alguns pênaltis para o Chelsea na semifinal da Champions League de 2009; Frank de Bleekere foi o árbitro que expulsou Thiago Motta, da Inter, na mesma fase no ano seguinte; Massimo Busacca deu cartão vermelho para Robin van Persie, do Arsenal, nas oitavas de 2011; já Anders Frisk remonta a 2005, quando Didier Drogba, do Chelsea, foi expulso de campo contra o Barça.

Por fim, Mourinho voltou seu foco a Stark e à partida que o Barcelona havia acabado de vencer.

“Vamos jogar a partida de volta sem o Pepe, que não fez nada, sem o Sergio Ramos [suspense pelo acúmulo de cartões amarelos], que não fez nada, e sem treinador. Eu só tenho uma pergunta, e talvez algum dia alguém me responda: por quê? Eu não sei se é a publicidade em favor da Unicef, mas não entendo o que o Øvrebø fez há dois anos nem o que aconteceu hoje, e também não sei como conseguimos aquele milagre com a Inter no ano passado.

“Eles nos mataram mais uma vez. Hoje, ficou demonstrado que não tínhamos nenhuma chance. Tínhamos um plano de jogo, mas o árbitro não nos deixou usá-lo. Eu não sei por quê. Às vezes, o mundo do futebol faz eu me sentir sujo. Hoje, não era só difícil, era impossível. E se por acaso conseguirmos igualar o placar no Camp Nou, bem, eles vão nos matar novamente.

“Eu teria vergonha de vencer como Josep Guardiola — aparentemente, fui desrespeitoso com ele ontem ao chamá-lo de ‘Pep’. Esse cara é um técnico fantástico, mas ganhou sua primeira Champions League depois de um escândalo em Stamford Bridge — eu teria vergonha de vencer assim — e, se ganhar novamente neste ano, será depois de um escândalo no Bernabéu. Ele é um grande técnico e uma grande pessoa. E por isso espero que algum dia ele ganhe uma Champions que não esteja contaminada.”

Apenas para registro, a reação de Guardiola foi: “Uma equipe com nove títulos europeus em sua sala de troféus nunca vai desistir. Desde a infância, já vi o Real Madrid jogar milhares de vezes, e todos nós sabemos do que eles são capazes. Contra qualquer outra equipe, estaríamos tranquilos com a vantagem de 2 a 0. Mas não contra esse time.

“Já estávamos jogando bem quando eram onze contra onze. Obviamente, ficou mais fácil quando eles ficaram com dez, mas já tínhamos a situação sob controle antes da expulsão.”

Piqué adicionou: “Mesmo jogando em casa, eles não nos atacaram em nenhum momento dos primeiros sessenta minutos. Quando seu futebol descamba para a violência, sempre vai acabar mal para você”.

As críticas não vieram só do lado do Barcelona. Guti, um *madridista* que naquele momento jogava na Turquia, não se colocou ao lado da metralhadora de Mourinho, e preferiu elogiar Guardiola. “Pep é um superstar. Todas as minhas palavras sobre ele são de respeito e admiração, tanto pelo que jogou quanto por sua carreira como treinador.”

E houve também Cristiano Ronaldo. Nos primeiros quinze minutos no Bernabéu, ele tentou pressionar o Barcelona e descobriu que nenhum dos seus companheiros o acompanhava. Levantando as mãos para o céu, pediu aos parceiros que se adiantassem em campo e pressionassem os defensores do Barça. Mas ninguém o atendeu — eles já tinham recebido suas instruções.

Após a partida, Ronaldo foi questionado sobre a tática de Mourinho.

“Um atacante, como você, gosta do estilo de jogo que seu time usa?”

“Eu não gosto, mas tenho que me adaptar, porque é assim mesmo.”

Apesar do gol do título na Copa do Rei, na semana anterior, Cristiano Ronaldo acabou sendo retirado — não por Wolfgang Stark, mas por Mourinho — da partida do fim de semana seguinte, depois dessas declarações (embora seu treinador tenha dito que decidira poupar o português porque ele se desgastou jogando por muito tempo, enquanto o Real tinha um homem a menos na semifinal — foram 29 minutos).

O Real Madrid foi derrotado por 3 a 2 nessa partida, o que permitiu que o Barcelona, dando descanso para Puyol, Iniesta, Valdés, Villa e Pedro, pudesse perder por 2 a 1 para a Real Sociedad sem se preocupar com eventuais

problemas na tabela do campeonato espanhol antes do confronto de volta da Champions League — continuou oito pontos à frente do rival.

Camp Nou, terça-feira, 3 de maio de 2011 — Semifinal da Champions League, jogo 2 Na segunda partida da semifinal, os céus choraram. Talvez para acompanhar os lamentos de Mourinho, ou por compaixão pelo retorno de Éric Abidal — depois da extração de um tumor potencialmente maligno de seu fígado —, ou mesmo pela alegria diante da forma como o Barcelona se classificou para a final em Wembley. O certo é que a tempestade que desabou sobre o Camp Nou quase deixou o gramado em condições impraticáveis de jogo.

O Real Madrid foi ousado, ambicioso e violento praticamente nas mesmas proporções. Não é fácil explicar como Diarra, Ramos e especialmente Marcelo não foram expulsos.

Em um lance maravilhoso, Pedro aumentou para 3 a 0 a vantagem do Barcelona no placar agregado. Marcelo expiou um pouco de sua culpa em relação aos três gols do Barça ao empatar a partida de volta. O Real poderia ter virado o clássico, mas o juiz falhou ao anular o gol de Gonzalo Higuaín por uma falta que não existiu de Cristiano Ronaldo em Mascherano. O gol teria animado ainda mais a noite das duas equipes em campo.

A multidão de 95 mil pessoas — o time da casa não encheu o espaço destinado a seus torcedores — ironicamente cantou na chuva que Mourinho era especial. No embalo de versos musicados, gritou “Por quê? Por quê? Por quê?”, enquanto o *Special One* acompanhava o jogo em uma suíte no Hotel Rey Juan Carlos, o primeiro lugar onde me encontrei com o português, em 1997. Ele estava suspenso e, conseqüentemente, proibido pela UEFA de permanecer no banco de reservas ou de dar instruções para seu time.

Abidal só jogou por um ou dois minutos, mas foi o suficiente para levar a torcida ao delírio. Após uma cirurgia para a retirada de um tumor no fígado, ele acabou conseguindo voltar aos gramados meses antes do prognóstico médico. Sua saída do banco de reservas foi um momento incrivelmente emocionante.

Só não posso dizer se seus cirurgiões ficaram felizes ao ver os companheiros de zaga do francês agarrando-o e atirando-o para cima em comemoração do

seu retorno. Mas essa foi uma cena a que não consegui assistir direito. “Por favor, não o deixem cair”, pedi, silenciosamente.

Guardiola, seus jogadores e a comissão técnica deram as mãos, levantaram-nas acima dos ombros e começaram a dançar ao redor do círculo central em uma versão da tradicional sardana catalã, como já haviam feito em Roma após a conquista da Champions League de 2009. Então, os integrantes do corpo técnico formaram um corredor na entrada do túnel que leva aos vestiários e aplaudiram os atletas do Barcelona que iam passando.

Após a partida, o treinador disse: “Esta foi uma das noites mais maravilhosas da minha vida. Gostaria de parabenizar o Real Madrid por ter vindo aqui e jogado de igual para igual com a gente. Gostaria de parabenizar a todos que vieram assistir à partida e aos meus atletas porque, apesar da vantagem, não quiseram só defender, mas jogar futebol. Sou imensamente grato a eles”.

Valência, quarta-feira, 11 de maio de 2011, Levante × Barcelona

A final aconteceria em 28 de maio, mas Guardiola, que havia viajado com Manel Estiarte a Old Trafford logo após o clássico para ver o Manchester United eliminar o Schalke 04, queria planejar tudo com o máximo de antecedência. Com a vitória no dérbi catalão — 2 a 0, em casa, sobre o Espanyol, graças a Iniesta e Piqué —, o Barcelona precisava de só um ponto contra o Levante, em Valência, para ganhar seu terceiro título espanhol consecutivo.

A vida, no entanto, apronta das suas. Se o retorno de Abidal foi edificante, a morte de Seve Ballesteros foi um golpe doloroso. Na véspera do jogo contra o Espanyol, um tumor cerebral encerrou precocemente a vida notável do golfista de 54 anos.

Gênio do golfe e um homem adorável, ele também era fanático pelo Barça. Tanto que foi convidado pelo clube a assistir à equipe de Cruyff conquistar o primeiro título europeu da história dos catalães, em 1992, no camarote real do estádio de Wembley. Todos os jogadores, não importando há quanto tempo vestiam a camisa do time catalão, conheciam aquele homem carismático.

A última vez que aquele elenco viu Ballesteros foi em agosto de 2010, na

cidade de Santander. Guardiola e sua trupe passaram por lá, derrotaram o Racing por 3 a 0 e foram surpreendidos quando o golfista, já em estado bastante fragilizado devido ao câncer, desceu de seu camarote até o vestiário. Os jogadores imediatamente se levantaram e o aplaudiram por mais de um minuto. Seve chorou, e imagino que todos sentiram que aquela seria a última vez deles todos juntos.

Eu o adorava e gostaria que ele tivesse vivido um pouco mais, pelo menos o suficiente para ter visto o Barcelona conquistar Wembley outra vez.

O gol de Seydou Keita deu ao Barcelona o empate por 1 a 1 contra o corajoso Levante, no mesmo estádio onde, seis anos antes, outro africano, Samuel Eto'o, havia presenteado o Barça de Rijkaard com o mesmo placar e o mesmo título. Naquela noite de 2005, Pep Guardiola estava em sua casa em Barcelona, recém-chegado do Catar, e sentado no sofá vendo o “seu” time ser campeão espanhol pela primeira vez em seis anos. Faltavam ainda alguns meses até que ele começasse o curso para ser treinador. Uma longa jornada foi percorrida desde então.

O título do campeonato espanhol de 2011 levou o caos para Barcelona. Quase meio milhão de pessoas foram às ruas. Uma multidão encheu o Camp Nou, com entrada gratuita, onde o ônibus deixou os campeões para a grande festa daquela noite de sexta-feira.

No gramado, cercado por seus familiares, o treinador, seus jogadores e sua equipe técnica receberam todo o carinho dos torcedores.

O estádio inteiro gritava “Por quê? Por quê? Por quê?” a plenos pulmões, até que David Villa pegou o microfone e brindou o público com sua versão de “My Way” [música eternizada por Frank Sinatra e Paul Anka].

Um a um, os jogadores prometeram retornar no dia 28 para uma nova festa, com o troféu da Champions League. Um a um, falaram sobre como aquilo significava tudo para eles.

Guardiola: “Obrigado pelo apoio de vocês. Aos jogadores, a minha gratidão eterna. Obrigado, rapazes, admiro vocês”.

Puyol: “Eles nos atacaram de todas as formas e continuarão fazendo isso. Mas nós continuaremos fazendo aquilo que sabemos, que é jogar bem futebol”.

Xavi: “Eu só diria a todos que não vale a pena pensar naqueles que nos

rodeiam. Concentrem-se apenas no Barcelona, o melhor time do mundo”.

Abidal: “Obrigado a todos os meus companheiros de equipe e à comissão técnica. Foram vocês que me deram força”.

E, então, talvez o maior momento da noite.

Pinto: “Se alguém lhe perguntar por quê, nós estamos aqui para responder: ‘Porque somos os melhores’”.

Messi adotou um tom diferente. Em 2009, ele havia se mostrado tímido e quase com medo do microfone na celebração pela conquista da liga, também diante de um Camp Nou lotado. Dias mais tarde, depois da conquista da Champions League em Roma, deve ter sido encorajado a beber uma ou duas cervejas durante o tour da taça pela cidade para que, quando chegasse a hora de falar no estádio, já estivesse mais descontraído, ou até um pouco bêbado.

“Oláááááááááá, eu amo vocês. Vamos ganhar tudo, tudo de novo”, ele disse, em estado nitidamente alterado, para a diversão dos seus companheiros de equipe que acompanhavam a cena.

Mas, dessa vez, Messi foi direto ao ponto. “Não falarei nada nesta noite. Falarei no dia 29 de maio, porque estaremos de volta aqui.” Na sua cabeça, o título da Champions League era questão de tempo.

E Guardiola foi, mais uma vez, além do que se esperava.

Assim como quando ganharam o título em maio de 2009, o treinador do Barça disse a seus jogadores que bebessem, dançassem, cantassem e relaxassem. A apenas duas semanas da final de Wembley, mandou os campeões espanhóis fazerem a festa.

Em 2009, a comemoração tinha acontecido logo depois do último jogo do campeonato espanhol, em dois dos melhores lugares de La Coruña, o restaurante Coral e o bar Twenty Century Rock. Já em 2011, a festa começou no recém-inaugurado W Hotel, na praia de Barceloneta. O 26º andar abrigou um jantar, uma pista de dança e um karaokê (com direito a Shakira nos backing vocals). Depois, a coisa ficou mais pesada, e o grupo foi parar em uma balada chamada Luz de Gás.

O espetáculo de imitações de Víctor Valdés, que fizera sucesso na véspera da semifinal em Madri, voltou a pedido de todos. O goleiro apresentou paródias dos companheiros de equipe, de Jorge Valdano, diretor-geral do Real

Madrid, do piloto de Fórmula 1 Fernando Alonso, de Mourinho e do cantor Joaquín Sabina.

Guardiola e alguns dos seus atletas optaram por ficar em seus quartos no hotel cinco estrelas em formato de um gigante barco à vela, de onde, olhando à esquerda, é possível ver o Hotel Arts, palco da comemoração do Manchester United depois da dramática final da Champions League de 1999 — um tempo em que Pep ainda era um importante jogador do Barcelona; e Sergio Busquets, um garoto de dez anos.

Manel Estiarte foi o organizador do evento, que teve direito à presença de Eto'o como convidado de Guardiola e a outras distrações nos dias seguintes. “Tínhamos acabado de ganhar um título, e faltavam duas semanas para Wembley. Pep me disse: ‘Quero uma folga de três *días de locos*’. Organizamos jantares e festas seguidas para os jogadores, que se divertiram e beberam à vontade.

“Pep foi muito específico. Normalmente ele dá essa ‘folga de três dias’ para que os jogadores possam descansar e curtir suas famílias. Mas, dessa vez, eram três dias para que todos comemorassem juntos. Ele queria reconhecer a importância da conquista e garantir que seu elenco não ficaria exausto física e mentalmente. Pep é disso, ele tem essas intuições.”

Esses foram os primeiros dias da primeira fase da preparação para a decisão da Champions League.

Não houve grande danos, mas eu vi os jogadores bebendo litros e litros de água no treinamento na manhã de sábado — a ressaca era a norma naquele dia, e um ou dois atletas ainda não estavam completamente sóbrios.

Após o empate em 0 a 0 com o Deportivo La Coruña naquela noite, houve uma nova festa no Camp Nou, quando Pep disse a seus rapazes: “Agora vocês têm mais três dias de folga, e eu não quero ver nenhum de vocês. Saíam com amigos e familiares que não tenham ligação nenhuma com o clube e se desliguem daqui. Quarta de manhã voltaremos ao trabalho pesado, e é aí que o caminho para Wembley vai começar”.

O caminho para Wembley

Os torcedores estavam ansiosos. Foram 96.267 pedidos para uma carga

disponível de apenas 24.360 ingressos para a final da Champions League. Mas esse nem era o maior dos problemas.

O hotel do Barcelona já estava reservado, 42 das 154 suítes do Wyndham Grand Hotel, em Chelsea Harbour. O local da festa pós-jogo também já tinha sido definido: o Museu de História Natural, em South Kensington.

A festa pós-jogo era algo importante, e decidir o local era crucial, pois para muitos dos integrantes do alto escalão no Barcelona esse é o verdadeiro momento de ouro, quando a “família Barcelona” está completa e realmente unida — comissão técnica, jogadores, dirigentes, namoradas, esposas, crianças e convidados especiais —, comemorando depois de um ano de trabalho duro.

Para muitos, como Vilanova, esse maravilhoso sentimento de união tinha ainda mais valor que a conquista do troféu.

A UEFA inocentou Sergio Busquets das acusações do Real Madrid — de que ele tinha dirigido ofensas racistas a Marcelo — e o liberou para a final. Com exceção de Afellay, todos os jogadores estavam aptos para jogar. O título parecia próximo, não havia mais encontros com Mourinho pelo caminho, e o grupo do Barcelona estava fechado e centrado na partida.

Então, a Mãe Natureza interveio. No ano anterior, tinha sido terrível precisar jogar um clássico contra o Espanyol e depois viajar de ônibus para Milão (para enfrentar a Inter no jogo de ida das semifinais da Champions League) por causa das cinzas do vulcão Eyjafjallajökull, que fecharam o espaço aéreo europeu. Exibindo um sentido de *timing* impressionante, outro vulcão decidiu então entrar em erupção: desta vez, o Grímsvötn.

Não estava claro se os voos chegariam a ser novamente prejudicados. E, se algum tipo de preocupação ameaçou se instalar entre os dirigentes do Barcelona, as medidas adotadas logo a afastaram. Não dava mais para correr riscos e permitir imprevistos: o time viajaria sem demora para Londres e chegaria à cidade com dois dias de antecedência. Como o hotel Wyndham ainda não podia receber os jogadores e a comissão técnica, eles passaram dois dias no hotel Grove e treinaram no London Colney, uma cortesia do Arsenal, apesar de o clube londrino ter sido derrotado pelo Barça numa partida cheia de polêmicas cerca de um mês antes.

A turma de Guardiola, portanto, chegou cedo à cidade. “Fomos para

Londres uns bons dias antes e conseguimos nos sentir em casa lá, o que nos ajudou na hora da partida”, disse o treinador. “Esse tipo de coisa costuma ser subestimada, mas faz diferença nos jogos grandes.”

Surgiu, então, outro problema. Puyol, que seria certamente um dos titulares, descobriu que as dores que frequentemente sentia no joelho exigiriam uma cirurgia, e que ele só começaria jogando se passasse em um teste de aptidão pouco antes da partida — o plano B seria escalar Abidal.

Duas semanas antes da final, fiz uma longa entrevista com Mascherano, que havia aceitado uma redução de sete dígitos em seu salário anual para se juntar ao Barcelona porque, assim como Daniel Alves, Ibrahimović, Fàbregas e Abidal, estava decidido a vivenciar a celebrada filosofia do clube. O Barça os chamava. Dinheiro é importante, mas a realização profissional é ainda mais.

Muitos na Inglaterra acreditavam que Mascherano não se encaixaria no time catalão. Sua intensidade na marcação, atuando pelo Liverpool, mascarava algo que seus companheiros de Barcelona perceberam quase que instantaneamente: ele não apenas sabia jogar mas também era muito inteligente dentro de campo.

Nossa conversa teve um momento engraçado. Assim que mencionei Wembley para Mascherano, ele fez questão de citar 1966, Sir Alf Ramsey, Antonio Rattín e o polêmico jogo de quartas de final daquela Copa do Mundo, entre Inglaterra e Argentina.

“Eu não era vivo, mas todos sabem que fomos roubados”, disse Mascherano, fazendo questão de conduzir o rumo da conversa.

Fiquei convencido das chances de o argentino dar certo no Barcelona assim que ouvi Xavi elogiando sua capacidade para os passes e seu entendimento instintivo a respeito da filosofia de jogo do clube. Acredito que o meio-campista treinará o Barcelona em um futuro relativamente próximo. E quando Xavi diz que um jogador vai funcionar, é porque vai mesmo.

E o Barça acabaria jogando a final com Mascherano. Puyol teve que ficar no banco. E Abidal foi escalado na lateral esquerda.

Havia tanta história em campo que parecia mais do que uma simples final.

O United conquistou sua primeira coroa europeia em Wembley; o Barcelona, também. As duas equipes ainda carregavam em seu histórico o peso

de terem decidido a Liga dos Campeões dois anos antes — e eram muitas as disputas para se acompanhar na revanche.

Tive o enorme prazer de passar algumas horas da noite anterior à partida no estúdio da rádio BBC na companhia de um fantástico homem do futebol, Pat Crerand, meio-campista do time de Sir Matt Busby que ganhou a Europa em 1968. Apesar de leal ao United, ele sabia que uma eventual derrota, para um time como aquele Barça, de modo algum seria motivo para vergonha.

Ronald Koeman, Hristo Stoichkov, Johan Cruyff, Charly Rexach... Todos eles eram vistos nos arredores do hotel da UEFA, nos melhores restaurantes da cidade e, por fim, também em Wembley.

Na sexta, encontrei e entrevistei Gio van Bronckhorst, um grande jogador que havia emprestado seu vigor e sua inteligência à equipe de Ronaldinho, Eto'o e Henrik Larsson na conquista da Champions League de 2006. Gio está longe de ser um homem controverso, contudo só conseguia imaginar um vencedor para aquela final. E o apontou ouvindo a razão, em vez do coração.

Mas existia também o fator Ferguson. Sir Alex e seu irmão Martin haviam acompanhado como torcedores aquela que costuma ser considerada a maior final europeia de todos os tempos, Real Madrid 7 × 3 Eintracht Frankfurt, em Hampden Park, no ano de 1960.

Sir Alex recusou mais de uma proposta para dirigir o Barcelona. E se Pep tivesse deixado o clube em 2010, quando chegou ao fim a presidência de Joan Laporta, Sandro Rosell já havia planejado tentar Ferguson mais uma vez, para um último trabalho: chegar ao Camp Nou a fim de comandar Xavi, Piqué, Iniesta e Messi.

Marquei de encontrar Martin Ferguson, chefe da equipe de olheiros na Europa do United, no sábado de manhã para bebermos um pouco e batermos um papo. Meu amigo há dez anos, ele tinha esperanças de ver uma vitória do irmão e do United, mas sabia que o Barça era um rival ainda melhor que aquele que já havia derrotado os ingleses em 2009.

Sir Alex levou o time da minha cidade, o Aberdeen, à glória europeia — o título da Recopa de 1983. Até por isso, a vitória dele e de Darren Fletcher, outro amigo, teria sido motivo de celebração para mim.

Antes da partida, Messi foi questionado sobre uma anomalia estatística: ele

nunca havia balançado as redes em solo inglês. Respondeu: “Não é nada mais que uma coincidência. Vou tentar marcar em Wembley, mas a única coisa que me importa é que o Barça leve a taça”.

Sobre sua fase fenomenal como fazedor de gols, que iria torná-lo artilheiro da Champions League pela segunda temporada consecutiva, ele disse: “A cada ano, tenho ficado mais experiente, e isso me ajuda a tomar as decisões certas. Hoje, sei precisamente o que posso ou não fazer em cada situação. Tenho várias ideias sobre o que fazer durante a partida. E sinto cada vez mais confiança para tomar as decisões mais ousadas”.

Enquanto isso, Guardiola alertava: “Não há como ser favorito contra um clube como o United. Os jogadores precisam se concentrar, trabalhar duro e não se empolgar com o fato de essa ser nossa segunda final em três anos. Quero que eles sintam o nível apropriado de medo de que talvez o time não consiga alcançar outra final nos próximos vinte anos. Eles têm que tratar essa final como uma oportunidade única de conquistar o troféu”.

Os jogadores do Barcelona não só estavam tranquilos e confiantes, como acreditavam que, se seguissem as instruções do treinador e atuassem em seu nível normal, ninguém na face da Terra poderia vencê-los.

Estiarte tenta explicar como a autoconfiança dos atletas foi crescendo a ponto de tornar aquele grupo à prova de balas. “Primeiro, contamos com o melhor jogador do mundo. Isso é incontestável. Além disso, ele entende o que é jogar pelo Barcelona. Os jogadores catalães já se asseguraram disso.

“Messi tem humildade, dá para perceber isso quando ele joga. Ele aceita que o grupo de jogadores é a vida e a alma do clube. Enquanto isso, seus companheiros se sentem felizes em reconhecê-lo como o melhor do planeta. Não há ciúme, e isso é algo muito difícil de alcançar.

“Tive o status de melhor jogador do mundo [de polo aquático] e, por muitos anos, fui um desastre como líder. Eu era arrogante, não entendia muito sobre as coisas e pensava que o mundo girava ao meu redor. Isso acontece muitas vezes com atletas que são os melhores do mundo. Eles têm muita ambição e são egoístas. Só quando você cresce e amadurece é que vai se tornando mais próximo dos seus companheiros de time.

“Mas isso é algo com que ninguém precisa se preocupar quando pensa em

Messi. Leo não pensa sequer por um minuto que seus companheiros devem respeitá-lo como uma autoridade. Isso acontece naturalmente, e esse é o verdadeiro milagre. É isso que faz a diferença, não é preciso forçar nem inventar nada. O sentimento vem da admiração. E essa é uma combinação poderosa: o melhor do mundo trabalhando confortavelmente ao lado de um elenco que sente uma verdadeira ligação emocional com o Barcelona.”

Tito Vilanova explicou como foi o processo de orientação dos atletas para o jogo em que derrotaram o United. “Tentamos nos preparar do mesmo jeito para todas as partidas. Não há muita diferença entre jogar em Hospitalet ou numa final em Wembley. Como sempre, repassamos as táticas e estratégias. Também demos aos atletas a quantidade usual de informação. Nas partidas da liga, falamos menos com os jogadores, porque eles já enfrentaram cada time vinte vezes e sabem bem o que esperar; já contra adversários estrangeiros, falamos mais sobre o que eles vão enfrentar.”

Estiarte descreve uma mudança que acontece com Guardiola quando a temporada chega a seu clímax. “Pep é muito claro sobre o fato de que jogar bem é o melhor meio para vencer. É inato, acredita que o que importa é vencer. Então, ele diz: ‘Quero ganhar e vou transmitir isso para a minha equipe’. Mas, se o time perde, ele é o primeiro a dizer: ‘Não se preocupem, vamos pensar no próximo jogo’. Só que, em abril e maio, ele muda para: ‘Nós temos que vencer, nós vamos vencer’.

“Este time tem o melhor jogador do planeta, alguém que só pensa em vencer. Seu universo inteiro gira em torno disso: vencer. E esta é uma equipe muito competitiva. Temos três ou quatro jogadores extraordinários, três ou quatro jogadores com uma habilidade natural para aparecer nos grandes momentos. Você sabe que sempre pode contar com eles nas partidas importantes.

“Todo jogador se entrega em campo, dá tudo o que tem. Mas alguns possuem uma qualidade que transcende o esporte. E isso vai além de perder ou ganhar. São jogadores que mantêm sempre uma constância, não são afetados pelo estresse ou pressão. É a simbiose entre o espírito humano desses atletas e a alma de futebolista que os faz estarem sempre ‘presentes’. Há pouquíssimos atletas com essa capacidade, é o esporte em sua forma mais essencial. Existem

muitos jogadores que ficam pilhados demais e que, de repente, perdem o rumo e fazem alguma coisa estúpida, como brigar com o árbitro ou com outros atletas. Mas no nosso elenco, não.”

Wembley, Londres, 28 de maio de 2011

O United vinha jogando bem melhor do que em Roma (passados dois anos). Pelo menos, até pouco antes de Pedro abrir o placar, quando Xavi e Iniesta começaram a hipnotizar o meio-campo adversário. Suspeito que quando Pep Guardiola viu a escalação do United com Ryan Giggs e Michael Carrick no meio, ele se satisfez com o fato de Darren Fletcher não ter se recuperado de uma virose a tempo. Com essa formação mais leve, os jogadores do Barcelona teriam mais espaço e liberdade para dominar a faixa central do campo. E foi exatamente o que aconteceu.

O gol do United foi sensacional. Rooney vinha realizando uma bela atuação e merecia melhor sorte; mas, mesmo com o 1 a 1 no placar, qualquer um que estava acostumado a ver as partidas do Barcelona sentia que, quando aquele time jogava bem, o adversário tinha pouquíssimas chances.

Imagino que muita gente — ainda que não tivesse dedicado os últimos anos da vida profissional a estudar o Barcelona, como eu — já era capaz, àquela altura, mesmo olhando para o marcador e vendo a igualdade estampada no número de gols, de enxergar a superioridade catalã.

O desenho da partida logo mudou. A marcação por pressão exercida pelo United arrefeceu, e o Barcelona começou a encontrar espaços no meio-campo. Os buracos pareciam cada vez maiores, Xavi e Iniesta passaram a ocupar regularmente esses vazios. Além disso, já estava claro, antes mesmo de Messi marcar, que o argentino esbanjava energia.

O United começou a assistir perplexo à rápida movimentação da bola, passada de pé em pé pelos homens de Guardiola. Edwin van der Sar teve de trabalhar muito duro. A última partida da vitoriosa carreira do goleiro foi triste para ele, e um disparo explosivo de Messi o fez sofrer o segundo gol da noite. É só ver onde e como Messi recebe a bola — o gol se desenha ali. Para montar uma barreira defensiva contra aquele Barcelona, era preciso torná-la muito móvel e inteligente. Antes do gol, havia espaço de sobra para o Barça rodar a

bola; quando Messi a recebeu, depois de deixar a posição em que o atacante central normalmente gosta de estar, existia um corredor aberto para ele percorrer.

O drible do argentino sobre Nani, pouco antes do lance que resultou no terceiro gol, marcado por David Villa, era a marca de um jogador que queria a final para si: fatura liquidada e superioridade transformada em gols. Messi caiu de joelhos no gramado assim que viu que o arremate de Villa tinha passado por Van der Sar. Ele sabia, assim como nós, que a exibição do Barcelona havia sido excepcional.

Abidal recebeu a taça e, depois de tudo, estava completamente exausto. Não é de admirar que os jogadores do Barcelona tenham ovacionado o dr. Josep Fuster, o cirurgião do francês, assim que o viram pela primeira vez depois da extração do tumor.

A vitória era a culminância de um processo de três anos de trabalho árduo. O sistema de jogo do Barcelona tinha sido redesenhado; o talento crescera em genialidade, e uma corrente de admiração começou a fluir continuamente em direção ao Camp Nou.

Depois da atuação deslumbrante, Guardiola admitiu que não tinha certeza sobre as chances de sua equipe atingir um nível tão alto naquela temporada. “Não tinha ideia de como a equipe reagiria depois de ganhar tanto, incluindo aí uma Copa do Mundo”, confessou o técnico.

Ele sabia do impacto negativo que a Copa do Mundo de 1982 havia tido sobre a Juventus e se lembrava da queda terrível do *Dream Team* do Barcelona depois do Mundial de 1994. Chegou até mesmo a visitar o hotel que a Espanha usou perto da final da Copa de 2010, em Sandton, a fim de conversar com seus jogadores antes que eles saíssem de férias.

Guardiola informou a eles a programação da pré-temporada e ficou surpreso quando todos disseram que pretendiam disputar a Supercopa, contra o Sevilla, em agosto de 2010. Aquele grupo merecia um tempo maior de descanso, e isso foi oferecido a eles. Puyol, Xavi, Iniesta, Villa e os outros responderam: “Esqueça, chefe”. A fome de vencer não desaparecia.

Nas palavras do técnico: “Após ganhar tanto, há a tentação natural de perder um pouco da competitividade e deixar de buscar a excelência. Mas eles

não baixaram de nível nem por um segundo. Foram a cada estádio da Espanha e deram seu melhor. Não consigo expressar com palavras o orgulho que sinto deles. São excelentes exemplos de *fair play* e paixão pelo futebol”.

Estiarte resume bem o que aquela temporada de 2011, com a conquista de três troféus, nos diz a respeito dos feitos de seu amigo Guardiola e conta como o elenco ficou depois de todo o processo. Eu perguntei a ele se existia um segredo que ajudasse a entender melhor o que havia acontecido. Pedi que nos guiasse em uma viagem ao campo de treinamentos para tentar compreender o Barcelona. E ele disse: “Estamos falando de uma equipe excepcional. Vi um monte de coisas na minha vida e tive uma longa carreira no esporte. Mas, nesses últimos três anos e meio, testemunhei algo extraordinário tanto na parte esportiva quanto na humana.

“E o mais incrível de tudo isso? Em três anos e alguns meses, não houve uma discussão sequer no vestiário. Você pode até achar que isso é negativo. Afinal, com 22 pessoas juntas, o mais natural é que haja alguma discordância. Num dia, um jogador manda o outro se ferrar; no outro, pede desculpas. Isso seria totalmente normal e acontece em qualquer clube do mundo.

“Mas, em todo esse tempo aqui, não houve nenhum incidente, nenhum momento de preocupação com choques de personalidade, tensões religiosas ou discussões entre grupos de idade diferente. Acho que isso está ligado ao fato de termos essa base formada por jogadores criados no próprio clube.

“Poucos, muito poucos times — talvez o Manchester United — têm aquilo que o Barça possui. São os homens, os catalães, os espanhóis e os garotos que nasceram em diversas partes do mundo, mas cresceram aqui, que nos dão esse poder único. Sempre tivemos argentinos, holandeses e brasileiros que eram grandes jogadores, mas não eram nativos. Os holandeses são profissionais fantásticos; os britânicos, também — como Mark Hughes e Steve Archibald. Não estou falando em algum tipo de inferioridade, nada disso, mas é que o envolvimento emocional é diferente. O coração dos jogadores formados na base está no clube, e isso faz a diferença: temos muitos desses atletas.

“Temos Xavi, Busquets, Valdés, Messi, Iniesta, Piqué, Puyol, Pedro, Fàbregas, Thiago, Fontàs, Cuenca e dezenas de garotos nos times de baixo. Os capitães são daqui, são catalães. São eles que transmitem aos outros jogadores

essa dedicação especial ao clube, graças ao profissionalismo e à seriedade exemplares que possuem. Xavi e os outros vêm trabalhar todo dia com a satisfação de saber: ‘Sou de Barcelona e este é meu clube’. Caras como eles são o orgulho de sua terra, a Catalunha.

“São poucos os clubes que contam com esse tipo de sentimento. É melhor não o subestimar.”

Portanto, aí está: habilidade, liderança, talento, sentido de diversão, trabalho duro e o orgulho de fazer parte do clube em que jogam — elementos cruciais na construção do melhor time do mundo. Vamos descobrir, então, como é que eles alcançaram tudo isso.

DAVID VILLA: EL GUAJE

EU GOSTO DE DAVID VILLA, porque ele é da velha guarda. Velha guarda no que diz respeito a marcar gols. E a treinar. Velha guarda em relação a conceitos como respeito e profissionalismo.

Não importa se você é um adversário, um treinador, um fã ou um jornalista. Conquistando o respeito dele, Villa também fará o tipo velha guarda em relação a franqueza, honestidade e confiabilidade. E é possível notar evidências de tudo isso dentro do gramado.

Villa é famoso por seus gols. Mas, para entendê-lo melhor, vale lembrar o que seus companheiros de Barcelona e seleção espanhola pensam sobre ele. Eles sabem que podem confiar no atacante, porque ele nunca é displicente, seja no trabalho tático, seja nos pesados exercícios físicos.

Artilheiros costumam ser egoístas, mas David Villa melhorou o ataque do Barcelona e se tornou o recordista de gols da seleção espanhola — apesar de se dispor também a carregar o piano, de jogar aberto na ponta esquerda e aceitar que há um preço a se pagar pelo privilégio de ser parceiro do melhor jogador do mundo, Lionel Messi.

Ainda assim, esse filho de um mineiro das Astúrias (seu apelido, *El Guaje*, é a forma asturiana de dizer “o menino”) é duro na queda. Ele conta uma história de infância, de quando quebrou a perna direita e continuou jogando tanto futebol que sua perna esquerda ficou tão boa quanto a engessada. Foi uma passagem que ele revelou tardiamente na carreira, quando sofreu outra fratura na perna, durante o Mundial de Clubes em dezembro de 2011.

Ele tem também um pouco mais de sorte que juízo. Já o vi brincar de derrapar com um carro de Fórmula 1 de dois lugares no circuito de Montmeló, na Catalunha, e sair do veículo com as pernas tremendo. Se o seu clube na época, o Valencia, gostou ou não da história, não posso afirmar. Semanas mais tarde, ele se tornaria o goleador da Eurocopa de 2008 e levaria a Espanha a seu primeiro título em 44 anos.

Conversei com Villa na África do Sul, na noite anterior à grande final contra a Holanda no Soccer City. “Nunca chorei em campo e nem pretendo fazê-lo. Mas se for para acontecer, acho que será amanhã.” Eu gosto desse pensamento.

Não pretendo me vangloriar por ter dito durante várias temporadas que Villa seria a melhor contratação que um clube da Premier League inglesa poderia fazer. Levando em consideração sua idade, habilidade e disposição, estava claro que em algum momento ele deixaria o Valencia.

A falta de ânimo do Barcelona em pagar o preço que o Valencia exigia para abrir mão de sua estrela atrasou em um ano a união de Pep e Villa, fazendo-nos lembrar de que a construção do melhor time do mundo não foi desprovida de obstáculos.

Se, em 2011, a conquista do título da Champions League em Wembley e a maneira como ela se deu foram a cereja no bolo dos três anos de trabalho de Guardiola, o belíssimo terceiro gol marcado por Villa pode ser considerado a cereja da cereja.

O atacante tem tudo: inteligência, força, precisão e habilidade; é ambidestro, trabalhador e letal; faz gols de falta, pênalti, de cabeça, de chutes de dentro da área e de longa distância. O que mais alguém pode querer?

Todos saúdam *El Guaje*. Viva Villa!

2. A CONSTRUÇÃO DE MESSI



Acredito que Leo veio de um planeta maravilhoso, onde são criadas as pessoas excepcionais, como os violinistas, os grandes arquitetos e médicos. Eles são o povo escolhido.

Josep Maria Minguella

LEMBRO-ME CLARAMENTE da primeira vez que vi Leo Messi jogar futebol. Alguém não estava muito bem das ideias naquele dia. Voltei de lá pensando que Joan Verdú, que jogou naquela que consideramos hoje a melhor posição para Messi, o havia ofuscado, e que o gênio reconhecido hoje como maior jogador de futebol dos tempos modernos era um jogador comum.

Estávamos no outono de 2003, no Mini Estadi, a arena com capacidade para 17 mil pessoas a poucas centenas de metros do Camp Nou. Um amigo, Rob Moore, havia me convidado para assistir à partida com ele, porque estava pensando em ser agente do capitão do Barça B, Arnau Riera.

O nome de Messi, é claro, já gerava burburinho. Mas, naquele dia, ele jogou pela ponta esquerda no esquema 4-2-3-1 e, apesar de um ou dois deliciosos dribles, parecia lento e desinteressado.

A vez seguinte em que o vi foi no Camp Nou, na noite em que marcou seu primeiro gol pelo Barcelona, contra o Albacete na primavera de 2005. Todos os que estavam lá tiveram a certeza de que testemunhavam o surgimento de um jogador especial.

Eu tinha levado minha filha, Cara, e estávamos sentados nas cadeiras laterais do Camp Nou, próximos do gol norte.

Messi tinha dezessete anos e só atuara por 69 minutos no campeonato espanhol desde sua estreia contra o Espanyol, seis meses antes. Na partida que fomos ver, substituiu Samuel Eto'o e, 107 segundos mais tarde, balançou as redes. Ronaldinho escapou de dois marcadores no meio-campo e bateu por baixo da bola, levantando-a, para encontrar Messi. O garoto argentino limitou-se a dar um toque elegante para vencer o goleiro.

O gol foi mal anulado por impedimento. O goleiro do Albacete, Raúl Valbuena, paternalmente bateu de leve na cabeça de Messi e disse: "Que azar, baixinho". A multidão de 80 mil pessoas reclamou nas arquibancadas daquela decisão que lhe roubou um momento de magia. Mas faltavam ainda alguns minutos para o fim do tempo regulamentar. Tempo suficiente para o feitiço brasileiro e seu pequeno aprendiz produzirem outro passe de mágica.

Trinta segundos depois do gol anulado, Ronaldinho lançou Messi pela esquerda e o cruzamento do argentino por pouco não foi aproveitado por

Andrés Iniesta. O pequeno gênio estava em campo fazia dois minutos e meio, mas a defesa do Albacete já se desmantelava tentando encontrar um jeito de pará-lo.

Em seguida, Gio van Bronckhorst roubou a bola de Rubén Suárez, e Deco tocou-a rapidamente para Messi. O adolescente dominou, venceu seu marcador e entregou-a para Ronaldinho, que repetiu o passe da primeira jogada entre eles. Outra bola pelo alto, sobre Gaspar Gálvez, para Messi deixar Valbuena novamente estirado no chão e voltar a marcar.

O Camp Nou explodiu. Ainda não se sabia como Ronaldinho — um cara muito generoso e amável — adorava Messi, mas as pistas já estavam lá: o craque deu duas assistências açucaradas para que o jovem companheiro pudesse mostrar seu talento ao público. Na comemoração do gol, Ronaldinho fez questão de erguer o argentino, que era aplaudido por todo o estádio. Algumas semanas depois, Messi explicou: “Foi curioso, porque eu escutava as 80 mil pessoas cantando o meu nome, mas não via nada. Não sei se perdi a consciência por alguns momentos ou se foi a adrenalina de ter marcado o meu primeiro gol no Camp Nou, mas eu simplesmente não conseguia ver nada”.

Ninguém tinha como saber o tamanho do fenômeno que Messi se tornaria, mas qualquer um que tivesse visto a pérola produzida por ele naquela noite saberia que o Barcelona tinha em mãos um novo talento precioso.

Meu veredicto inicial no Mini Estadi virou um incômodo na minha garganta. Será que eu fui o único cara no mundo que teve a chance de ver Messi cedo e não conseguiu enxergar seu talento? Foi dessa maneira que eu sempre contei essa história — assim mesmo, depreciando o meu ponto de vista, até que comecei as pesquisas para este livro.

Conversando sobre aquela partida dos jovens com Arnau Riera, ele me disse que a impaciência de Messi em subir do Barça B para a equipe principal e o fato de ele gostar de jogar em todos os lugares do campo, menos pela faixa esquerda, faziam com que, de tempos em tempos, ele desaparecesse dos jogos. Não que estivesse chateado ou mal-humorado, apenas deixava de ser tão elétrico quanto em seus dias normais.

“Assim que ele se juntou à equipe, soubemos que não ficaria muito tempo por aqui”, disse Arnau. “Ele era um grande companheiro de time, uma boa

companhia e treinava bem. Mas todos sabiam que, aos dezesseis anos, já estava pronto para o time principal e não podia ficar preso à faixa esquerda.”

Então foi apenas isso: peguei Messi num dia ruim. Nada além disso. Agora sim, posso ficar tranquilo.

Riera contou que o argentino “odiava” ser obrigado a atuar apenas pela direita — ou, pior ainda, pela esquerda — quando Frank Rijkaard o promoveu ao time de cima. Mas Messi também admite que foi vital para ele aprender como jogar ao lado de um dos mais talentosos centroavantes modernos, Samuel Eto’o.

De qualquer forma, naquela fase inicial da carreira dele, eu não fui o primeiro a errar na avaliação sobre aquele que viria a ser o melhor jogador de futebol do mundo. E erros como o meu quase o afastaram definitivamente do Barcelona.

A deficiência hormonal com a qual Lionel Messi nasceu em Rosario, perto de Buenos Aires na Argentina, em 1987, não o impediria de atingir sua altura de adulto. No entanto, tornaria seu processo de crescimento lento a ponto de lhe custar uma chance no futebol se não tivesse sido tratada. Esse caso em si é muito conhecido, mas o nível de dúvidas do Barça em relação ao jovem Messi devido a seu tamanho é uma história pouco explorada.

As incertezas se estenderam até que Charly Rexach, então assessor de futebol do presidente do Barça, Joan Gaspart, foi forçado a firmar secretamente o compromisso de que o clube contrataria Messi — o que o dirigente fez assinando um guardanapo de papel no Pompeia Tennis Club. O pai de Messi também teve de escrever à diretoria do Barcelona perguntando quando (e se) eles cumpririam todas as promessas feitas, porque o dinheiro de que dispunham para se manter na cidade depois de terem chegado da Argentina estava acabando.

A história de como o craque foi descoberto pelo Barcelona está ligada diretamente aos problemas fisiológicos do craque. O especialista com quem ele se tratava na Argentina, o dr. Diego Schwarstein, é quem nos conta: “Algumas pessoas do clube [o Newell’s Old Boys, onde Messi treinava inicialmente] vieram até mim e disseram: ‘Temos esse garoto conosco, ele é um fenômeno, mas precisa crescer’. Messi sofria com a falta de um hormônio, que podíamos

recriar geneticamente para dar ao seu corpo exatamente o que precisava. O único problema é que isso era caro”.

Messi tinha oito anos quando esse tratamento começou. Ciente do talento do garoto, sua família conseguiu levantar o dinheiro necessário para as primeiras doses de hormônio. E o custo não era o único problema: as injeções eram uma experiência profundamente desagradável para um menino tão novo.

Ainda assim, Messi recusava o auxílio dos familiares e vizinhos nos cuidados ligados ao tratamento. “Sempre me lembro daquelas noites, sentado na minha casa, em que eu mesmo aplicava a injeção nas minhas pernas”, conta. “Não era nada divertido, mas eu sonhava em ser jogador de futebol e sabia que aquilo tudo era necessário. Só que o tratamento era muito caro. Mesmo com meus pais tentando de tudo, eles não tinham como bancá-lo por conta própria.”

Matías Messi, um dos irmãos mais velhos do astro, explica: “Ele mesmo preparava a seringa e injetava. Era difícil para a família toda. Apesar de ele não fazer nenhum barulho, sabíamos que toda noite antes de dormir ele passava por isso, o que não era nada legal para alguém daquela idade”.

Em Rosario, Messi não tinha rivais no futsal, modalidade popular na Europa continental e na América do Sul. A bola é menor e mais pesada, o espaço entre as traves é mais restrito que o dos campos reduzidos encontrados na Grã-Bretanha e na Irlanda. Não importava que ele fosse menor que os adversários, pois Messi sabia como se antecipar à marcação e acelerar seu jogo, e já executava os mesmos dribles impressionantes que caracterizam seu estilo atual.

O time do bairro se chamava Grandoli. Por algum tempo, seu pai, Jorge, foi quem o treinou lá. Sua avó, já falecida, tinha levado o menino ao clube pela primeira vez, quando Messi tinha apenas cinco anos. Sua primeira experiência jogando veio quando um garoto faltou ao treino e ele foi chamado para completar o time. É para essa avó, chamada Celia, que ele costuma dedicar seus gols comemorando com os braços apontados para o céu.

O clube ficava a quatro quilômetros da casa de Messi, na rua Estado de Israel, o que significava uma hora de caminhada quando não aparecia uma

carona ou o ônibus estava muito caro. Não demorou para que o Newell's Old Boys o descobrisse e o levasse para treinar nas equipes de base. E, até hoje, Messi diz que pretende encerrar a carreira no clube argentino.

Entre sua casa e o estádio eram seis quilômetros de distância. Quando criança, Messi frequentava o campo nos jogos do Newell's e se sentia nos céus. Levado pelo pai, viu o grande ídolo de seu país, Diego Maradona, jogar uma de suas cinco partidas pelo Newell's em 1993. Situado no Parque da Independência, perto do hipódromo e do Rosario Jockey Club, o estádio conta com um lago artificial, jardins de rosas e esculturas históricas impressionantes.

O centro de treinamentos do Newell's, chamado Instalaciones Malvinas, era bem mais perto de sua casa, além de bem mais modesto. Messi prosperava nos treinos lá, mas nem seu clube de infância nem o poderoso River Plate, que desejava contratá-lo, podiam pagar os cerca de mil dólares mensais necessários para levar adiante um tratamento que duraria anos — e que permitiria que o menino crescesse num ritmo normal.

No começo, Jorge Messi convenceu seus patrões e outros empresários locais a financiarem o tratamento. Mas a “vaquinha” se tornou inviável depois de dois anos, por causa, entre outros fatores, da recessão que tomou conta da economia argentina.

Então, em 2000, aconteceu um pequeno milagre. O garoto de doze anos foi descoberto pelo Barcelona, mudou-se para o outro lado do mundo com a família, continuou seu tratamento, superou as desconfianças no Camp Nou e cresceu para ser um dos maiores jogadores de futebol — se não o maior — de todos os tempos.

Dois empresários de Buenos Aires ouviram falar do menino excepcional que não crescia adequadamente e telefonaram para um contato em Barcelona, Horacio Gaggioli, o homem que introduziu nessa história aquele que seria um de seus personagens centrais: Josep Maria Minguella, uma figura onipresente na história moderna do Barça e um homem extraordinário.

Minguella chegou ao Barcelona em 1970 para ser tradutor de Vic Buckingham, o técnico inglês. Ele se tornou assistente técnico, treinador, dirigente das equipes de base, olheiro e agente de jogadores. Também foi o homem que levou ao Camp Nou Diego Maradona, Romário, Hristo Stoichkov

e, finalmente, Leo Messi.

Sobre Maradona, Minguella me disse: “Foi uma longa e complicada negociação. Vi Diego pela primeira vez em 1977 e já tentei trazê-lo imediatamente para o Barcelona.

“Estava procurando um camisa 7 para o time. E, no terceiro jogo a que assisti na Argentina, fui lá para observar um cara chamado Jorge López. Então, um garoto com shorts curtos e um cabelo encaracolado escuro começou a jogar. Assim que pegou na bola, passou a chamar minha atenção. Ele era diferente de qualquer outro que eu já tinha visto. Quando conversei com o presidente do Argentinos Juniors, ele me disse que os sócios do clube o matariam se ele vendesse o garoto. Além disso, naquela época, o Barça não contratava jogadores juniores de outros países.

“No final, tive que esperar até 1980 para assinar um contrato envolvendo Maradona, seu clube na Argentina e o Barcelona. Voltamos para a Catalunha, mas o assunto ainda era um segredo completo. Quinze dias depois, o presidente da AFA, Julio Grondona, me ligou e disse que era vital que eu retornasse à Argentina, porque tinham surgido problemas.

“Grondona me contou que eu teria que me encontrar com o ministro dos Esportes. A Argentina ainda vivia uma ditadura militar, e ele era um dos generais que havia levado a Copa do Mundo de 1978 para lá. O governo decidiu que Maradona não poderia deixar o país até o Mundial de 1982.

“Eu não estava muito por dentro do que andava acontecendo por lá. Naquele momento, os militares matavam seus adversários indiscriminadamente, cerca de 40 mil pessoas podem ter morrido. Não sei se eu teria discutido tão ríspidamente com eles se soubesse disso tudo naquela época.

“O acordo foi que Diego jogaria no Boca Juniors, mas viria para o Barcelona depois da Copa do Mundo.”

Maradona foi e sempre será importante para Messi. Quando foi convidado por Diego para aparecer em seu programa de TV argentino, *La Noche del 10*, o jovem jogador foi às lágrimas e contou emocionado que não acreditava que havia recebido uma ligação do maior nome da história do esporte de seu país.

Maradona treinou Messi na seleção argentina e, apesar de ter tido alguns

ataques momentâneos de ciúme, também chegou a admitir que o jovem atleta é melhor do que ele foi.

Minguella lembra com clareza do momento em que, já encantado por Messi, passou a tentar convencer as outras pessoas do talento do pequeno argentino. “O caso de Messi foi ainda mais difícil que o de Maradona”, relembra. “Na primeira vez que o vi, ele tinha doze anos e não era alto. Devido ao porte físico, havia dúvidas se ele poderia se tornar um bom jogador na Europa. Mas, assim que vi vídeos dele, foi como se eu tivesse encontrado a luz. Acredito que Leo veio de um planeta maravilhoso, onde são criadas as pessoas excepcionais, como os violinistas, os grandes arquitetos e médicos. Eles são o povo escolhido.

“Ele era incrivelmente parecido com Maradona. Canhoto, camisa 10, a mesma mentalidade. Todos os garotos como ele queriam ser iguais a Maradona, e eu sabia que com Messi havia a possibilidade de transformar esse sonho em realidade — mas que também haveria obstáculos.

“Mais uma vez, o Barcelona não estava muito interessado. Eles diziam: ‘Teríamos que esperar dez ou doze anos para colher o resultado’. Mas eu estava tão determinado que paguei a passagem dele e de seu pai até a Espanha e os hospedei no Plaza Hotel, na Plaza Espanya.

“Nos treinamentos, os técnicos puderam ver o que o garoto tinha para mostrar. Mas foram semanas de discussão, porque vários dirigentes achavam que ele era pequeno demais. Apesar de alguns cartolas terem gostado dele, ninguém queria chamar a responsabilidade e decidir pela contratação. Então, liguei para Charly Rexach, que era meu amigo de longa data e assessor do presidente Joan Gaspart. Charly marcou uma partida amistosa para observar Messi.”

O jogo aconteceu em um dos campos externos do Mini Estadi, de piso duro e com grama artificial. Mesmo subdesenvolvido fisicamente para sua idade, Messi jogou contra crianças mais velhas e brilhou. Só um cego não notaria aquele talento.

“Charly notou que os outros dirigentes estavam com medo de se comprometer”, conta Minguella. “A negociação estava se arrastando e havia chegado a um ponto em que o pai de Leo, frustrado, começava a perder a fé.

Então, fomos a um clube de tênis que eu presidia, o Pompeia, em Montjuïc. Eu confiava em Rexach, mas a família de Messi já estava em Barcelona fazia um mês e temia que tudo pudesse dar errado.

“Então, aconteceu a famosa cena. Charly pegou um guardanapo de papel na mesa e escreveu: ‘Em Barcelona, no dia 14 de dezembro de 2000, na presença do sr. Minguella e de Horacio Gaggioli (representando a família Messi), eu, Charly Rexach, secretário-técnico do FC Barcelona, faço uso de minha posição, apesar de algumas opiniões contrárias, para comprometer o clube a contratar Lionel Messi desde que todos mantenham os termos financeiros que acordamos’.”

Aquela medida era necessária. Afinal, o tempo voava. E Jorge Messi estava cansado de se sentir enganado.

Ele tivera uma frustração semelhante alguns meses antes, com o River Plate. Agora, estava do outro lado do mundo, distante do resto de sua família, e já achava que estava sendo feito de bobo pelo Barcelona.

Naquele momento, apesar de Minguella jurar que nunca contatou o Real Madrid, o maior rival do Barça já havia descoberto o futuro astro e sabia que a negociação do clube catalão com o garoto andava a passos lentos.

Se Messi e seu pai retornassem à Argentina no Natal, tomados por aquela frustração diante da inépcia do Barcelona, o mais provável é que Messi assinasse algum contrato profissional em seu país (possivelmente com o Newell's) e acabasse com as chances de o Barça realizar uma contratação simples — sem ter de indenizar clube algum.

Mas então a família Messi se sentiu reconectada ao Barcelona e acreditou que o estranho “guardanapo-contrato” seria validado. Prometeu-se a Jorge um pagamento em torno de 42 mil euros anuais para que ele trabalhasse no setor de captação e desenvolvimento de talentos do clube. E, assim, a carreira do seu filho no Camp Nou começou. Ou melhor, quase começou.

Na primeira vez que entrevistei Messi, em 2006, ele me contou como foi se despedir de Rosario para se tornar um verdadeiro jogador das categorias de base do Barça.

“Até hoje consigo me lembrar que saímos pela vizinhança e que todo mundo vinha até nós para nos dar adeus”, disse. “Minha mãe, meu pai, meus

dois irmãos e minha irmã se preparavam para pegar o táxi rumo ao aeroporto e choravam, choravam muito. Todos me diziam que o Barcelona cuidaria de mim e da minha família, mas eu me preocupava, não sabia se tudo aquilo era mesmo verdade. E, assim que chegamos ao Camp Nou, era tudo tão impressionante que nos beliscávamos para acreditar.”

Ainda demorou até março de 2001 para que o contrato de atleta júnior (não profissional) fosse assinado. Durante esse período, outro dos heróis da história, Joan Lacueva, então diretor-geral do Barcelona, cansado da lentidão do clube, pagou do próprio bolso o tratamento de crescimento de Messi.

Este é o marcante testemunho do dirigente, dado especialmente para este livro, no qual ele falou pela primeira vez com profundidade sobre a ajuda fundamental prestada ao argentino: “Eu era o diretor-geral, o responsável pela administração das categorias de base do Barcelona e estava ciente de que havia um jogador fazendo testes no clube, um certo Leo Messi. Josep Maria Minguella veio até mim e disse: ‘Acredito que esse garoto jogará algum dia no time principal. Gosto muito dele, mas seu pai não está feliz, porque as coisas não estão progredindo como deveriam. Eu quero isso resolvido’.

“Fui até o diretor esportivo do futebol de base e lhe disse: ‘Há um jogador que estamos testando e preciso saber tudo sobre ele para decidir se vamos ou não adiante’.

“Quanto mais eu conversava com os técnicos, aqueles que acompanhavam seus treinamentos, mais ouvia coisas incríveis sobre Messi. Então, insisti que precisávamos mesmo assinar com aquele garoto.

“Enquanto tudo isso acontecia, houve um encontro, por insistência do pai do menino, com Carles Rexach, o diretor técnico. Eles se encontraram em um clube de tênis e assinaram aquele famoso guardanapo. Obviamente, não era um documento de validade legal. Por isso, naquela tarde, o pai de Messi veio conversar comigo — afinal, eu era o responsável pelos arranjos contratuais.

“Eu não poderia produzir um documento oficial imediatamente, porque o caso dependia da aprovação do conselho do clube. Então, decidi copiar o acordo do guardanapo em um papel timbrado do Barça e o assinei.

“Quando consultado, o conselho não se decidiu de imediato. Alguns diretores apoiaram a contratação, mas outros consideravam que o menino era

muito pequeno para alguém de treze anos e estaria mais apto para o futsal ou futebol soçaite.

“A promessa feita era a de pagar àquele menino mais do que já havíamos pagado a qualquer jogador da sua idade. Mas, ao final da reunião, houve a concordância em se iniciar o processo de contratação de Messi.

“Eu sabia que Messi vinha tomando hormônios para crescimento na Argentina, então conversei com nosso médico Josep Borrell sobre o tratamento de que o jogador precisava. Ele advertiu que precisaríamos começar o quanto antes. Isso significava que alguém precisava pagar o tratamento e, pelo que me lembro, gastei 152 mil pesetas no primeiro lote de injeções. Mas essa ação não ficou apenas por conta de algum tipo de generosidade da minha parte. Como Messi ainda não era jogador do Barcelona, eu não podia usar o dinheiro do clube para fazer o pagamento; só que mais tarde, quando ele já estava jogando, fui reembolsado.”

Num momento em que o conselho ainda estava dividido e o Real crescia os olhos na pérola argentina, as medidas tomadas por Rexach e Lacueva foram fundamentais para convencer Jorge Messi de que o Barcelona era o clube certo para seu filho. Esses dois homens, além de Minguella, são algumas das poucas pessoas que podem se sentar em uma área nobre do Camp Nou, ou no sofá de casa, para ver Lionel Messi escrevendo a história do futebol com sentimento de orgulho e uma imensa satisfação por ter participado da contratação do gênio adolescente — apesar de toda a oposição que existia a ela.

“Ele é definitivamente introvertido e um pouco tímido. Logo que Messi chegou aqui, eu costumava visitar sua família no hotel e ele me parecia assustado e desesperado para voltar para a Argentina”, relembra Lacueva. “O que mudou tudo foram as reações de seus companheiros de time. Quando treinavam ou jogavam com ele, imediatamente percebiam o quanto ele era bom. E esse sentimento o afetou de uma maneira muito positiva.

“Nessa época, se você dissesse brincando a ele: ‘O.k., vamos mandá-lo de volta para a Argentina’, ele se recusaria até mesmo a ir a uma estação de metrô com você, com medo de estar sendo enganado e aquela ser a primeira parte do caminho rumo ao aeroporto.

“Agora, Leo tem 24 anos e ainda acho que tem muito a evoluir em relação

ao desenvolvimento físico, no relacionamento com a imprensa e na compreensão de que é um verdadeiro fenômeno sociológico. Não me surpreenderá se alguém fizer um filme sobre ele algum dia. Trata-se de uma história humana sensacional.

“Leo tinha um talento maravilhoso para o futebol, mas o tempo que passou em La Masia o transformou também em um grande jogador de equipe. Minha lembrança é a de que ele tinha que ir sendo promovido de categoria a cada três ou quatro partidas. Veio de um time onde estava acostumado a dar cinco, seis, sete toques na bola e a driblar todo mundo e foi ensinado a jogar coletivamente, com um ou dois toques. O mundo todo pode ver os resultados dessa evolução quando ele atua ao lado de Iniesta ou Cesc.

“Se eu imaginava que Messi se tornaria o melhor do mundo? Na minha cabeça, estávamos contratando um jogador com potencial para chegar ao time profissional e que era jovem o suficiente para obter a cidadania espanhola e não impactar nossa cota de estrangeiros. Não pensei nem por um segundo que ele poderia se tornar o que é hoje.

“Naquela época, ele já fazia coisas que eram impressionantes para sua idade. Mas pode haver muitas mudanças entre os doze e os dezoito anos. É nessa idade que as crianças se transformam em adolescentes irritadiços, capazes de perder a cabeça quando não são selecionados para jogar.”

Então, apesar da lentidão típica daquela era Joan Gaspart, o Barcelona conseguiu enfim abrigar aquele garoto — que ainda faria o clube faturar milhões e ganhar uma infinidade de troféus, além de se tornar o maior jogador de sua história.

No entanto, em julho de 2001, o descontentamento dos Messi com o Barça atingiu seu ponto mais alto. Foi quando Jorge escreveu a seguinte carta para Gaspart:

Barcelona, 9 de julho de 2001
Ao presidente do FC Barcelona

Escrevo esta carta como pai e guardião de meu filho mais novo, Lionel Messi, jogador do time infantil do FC Barcelona.

No último mês de março, eu e minha família nos mudamos de nossa casa na Argentina para que nosso filho atuasse pelo FC Barcelona. Naquele momento, assinamos todos os papéis necessários para que Lionel pudesse jogar pelo clube e também deixamos claro quais eram as circunstâncias do acordo para mim e minha família (minha mulher e nossos quatro filhos, incluindo Lionel). Com isso, estaríamos aptos a começar o processo de obtenção de visto de residência na Espanha, graças ao contrato de trabalho assinado com vocês.

Além do pagamento inicial que já recebi, ficou combinado na ocasião que o contrato seria válido a partir de 1º de julho, data que já passou.

Assim, apesar de ter entrado em contato com os departamentos responsáveis pelo assunto no clube, ainda não consegui ter certeza quanto à minha atual condição. Todas as pessoas envolvidas na operação até o momento, o sr. Lacueva, o sr. Hinjos e finalmente o sr. Jaume González, dizem não ser capazes de me dar qualquer informação.

Como resultado dessas circunstâncias, eu e minha família estamos numa situação difícil. Eu havia me preparado para nos sustentar sem depender do dinheiro de vocês até este mês, quando o contrato que assinamos começaria a valer. Mas, até agora, não tenho nenhuma indicação sobre quando os pagamentos terão início, e ninguém no clube está disposto a dizer como devo proceder.

Isso é tudo. Espero que consigamos resolver a situação o mais rápido possível.

Jorge Horacio Messi

Além da crescente insatisfação da família Messi com a diretoria, existia também um incômodo detalhe burocrático. Lionel não havia sido registrado para jogar partidas oficiais pelas categorias de base do Barcelona e, por seis meses, só pôde disputar amistosos.

Nenhuma partida oficial, nada do salário prometido a Jorge Messi e nenhuma oferta formal a respeito do financiamento do tratamento à base de hormônios. Dá para entender por que a família Messi se sentia rejeitada.

Minguella tem sua teoria: “Depois de cinquenta anos trabalhando com

futebol, algo ficou muito claro para mim. A única coisa que importa para os dirigentes é vencer a próxima partida. Sobre o que vai acontecer daqui a um ano, dois ou cinco... Não há muitos cartolas que se interessam por isso. Ganhar no próximo fim de semana já é suficiente. Algumas pessoas devem ter pensado: ‘Quando Messi chegar aos vinte anos, eu não estarei mais aqui’. Então, não deram a devida atenção ao assunto”.

E todo esse cenário de preocupação chegou ao ápice quando Messi, finalmente apto para jogar e em sua segunda partida oficial, sofreu uma contusão no tornozelo tão séria que precisaria de meses de recuperação.

Com saudades de casa e em meio a várias idas e vindas, a irmã de Messi e sua mãe decidiram voltar para Rosario. Logo depois, foi a vez dos seus irmãos, Matías e Rodrigo, seguirem o mesmo caminho.

Já adulto, Messi me contou que escondia do pai as lágrimas que derrubava quando as dores decorrentes das injeções de hormônio se tornavam insuportáveis ou quando sentia saudades desesperadoras de casa. No entanto, seu pai sabia que naquele ponto havia chegado a uma encruzilhada.

Jorge Messi deixou o filho escolher. Eram dois caminhos possíveis: ou eles reuniam novamente a família e ficavam todos em Rosario, ou os dois continuariam na Espanha e tentariam superar todos os obstáculos que surgissem pelo caminho. Messi, obstinado que é, recusou-se a desistir.

Em 2006, ele refletiu sobre aquela decisão: “Me perguntaram se eu queria ficar. Não sei se teria coragem de fazer a mesma coisa com o meu filho. Foi uma decisão extremamente difícil para eles. E sou muito agradecido pelos incentivos que recebi do meu pai, dos meus irmãos e de todos os que me influenciaram. Sem eles, eu não estaria aqui. É simples assim”.

Messi deve a seus irmãos mais velhos, Matías e Rodrigo, parte da determinação que lhe é característica. Quando conversamos em 2006, ele me contou que, por ser o menor dos três irmãos, normalmente perdia as partidas de futebol que disputava com eles e acabava chorando. Mesmo quando ganhava, era tão provocado pelos outros dois que também ia às lágrimas.

“Desde quando era criança, eu odiava perder. Então, depois de jogar com os meus irmãos, a partida sempre terminava em briga. Mesmo quando eu ganhava, eles ficavam me provocando e davam um jeito de arranjar uma briga

comigo. Se eu perdesse, me beliscavam e falavam coisas que eu odiava até me fazer chorar. É o tipo de coisa que acontece entre irmãos, mas eles me ensinaram a odiar perder.”

Messi é de fato uma pessoa tímida. Mas também gosta de dar boas risadas e, de acordo com absolutamente todas as pessoas com quem conversei que o conhecem, é um cara de bem com a vida e agradável. Para os familiares que voltaram a Rosario, deve ter sido difícil deixá-lo para trás. Mas, enfim, Messi estava no lugar certo na hora certa.

Ele passou a fazer parte de um time de base que tinha Gerard Piqué, Cesc Fàbregas, Víctor Vázquez, Víctor Sánchez e Marc Valiente, ou seja, uma equipe de primeira linha. Vencer se tornou algo corriqueiro para eles e, com o tempo, o ritmo de amadurecimento de Messi no futebol ultrapassou o de seu já normalizado crescimento físico.

Nada disso, porém, foi fácil. Na primeira vez que viu Messi no vestiário, Piqué conta ter pensado: “Esse cara vai jogar com a gente? Parece meu irmão menor”. Já Fàbregas costuma dizer que, no começo, achava que Messi era mudo. No entanto, todos eles admitem que se tornaram verdadeiros fãs de Messi no instante em que o viram tocar na bola.

Todos, com exceção de um: Víctor Vázquez.

Vázquez era um destaque das categorias de base do Barça e possivelmente teria brilhado na equipe principal se não fossem as contusões que sofreu. Ele e Messi costumavam competir para ver quem fazia mais gols pela equipe juvenil e, de acordo com Piqué, havia alguns jogos em que a bola parecia pertencer aos dois, que não deixavam ninguém mais sentir o cheiro dela.

Assim que comecei a entrevistar Messi, perguntei-lhe sobre seu estilo de jogo e o risco de lesões provocado por essa forma de praticar futebol. Naquela época, aos vinte anos, ele tomava muitos pontapés, e alguns deles eram terríveis. Com que frequência você o vê intimidado, ou perdendo a paciência e revidando contra o agressor?

É desta forma que ele explica seu estilo: “Há algo na raiz da minha personalidade que permite me levantar das pancadas e continuar tentando vencer. Eu sempre tive essa capacidade de persistir. Há muito tempo aceitei a ideia de que, pelo meu jeito de jogar, os adversários tentariam me derrubar de

todas as formas. Normalmente, eles não fazem isso com maldade. Mas, quando há maldade, você precisa reclamar um pouco. No começo da partida, quando ainda não estamos bem aquecidos, essas pancadas doem um pouco mais. Mas, quando o jogo está correndo, você fica tão concentrado em ganhar que, às vezes, nem percebe direito o que aconteceu.”

No entanto, no início daquela fase marcante em que o time juvenil ficou invicto por quase quatro anos, Piqué chegou a perder a cabeça uma vez e saiu em defesa de Messi depois de um adversário tentar de todas as formas tirá-lo do jogo. O zagueiro devolveu uma ou duas das agressões sofridas pelo amigo e acabou expulso de campo.

Esse crescimento conjunto, em equipe, criou um vínculo entre os garotos da base. Quando, no verão de 2011, Pep Guardiola conseguiu unir Cesc Fàbregas não somente a seu melhor amigo no futebol, Piqué, mas também a Messi, ele adicionou algo de muito especial a uma equipe que já era vitoriosa.

A adaptação de Messi ao novo clube — além dos desafios físicos que teve de superar — foi facilitada por uma ideia aplicada pelo Barça em relação a todos os seus jovens talentosos: uma estratégia chamada “Programa de Desenvolvimento Físico Individual”. Aos treze anos, quando pisou pela primeira vez no Camp Nou, Messi tinha 1,47 metro e pesava 39 quilos. Três anos mais tarde, estava dezoito centímetros mais alto e 25 quilos mais pesado. O Messi de dezesseis anos já tinha um corpo semelhante ao atual, de 1,69 metro e 69 quilos.

O programa enfatizou os exercícios de fortalecimento, a alimentação e a suplementação. O objetivo era o de “melhorar a condição física de alguns jogadores das categorias de base que têm excelente técnica, mas algumas desvantagens fisiológicas”. O médico do clube, Josep Borrell, trabalhou em conjunto com um especialista em medicina esportiva, um nutricionista, um fisioterapeuta e um profissional de educação física para transformar progressivamente o corpo de Messi. Assim, foram capazes de reduzir a quantidade de hormônio de crescimento que o jovem precisava utilizar.

A maioria das reportagens sobre os primeiros anos de Messi no Barcelona falam da importância que o tratamento hormonal teve para seu sucesso. No entanto, de acordo com sua família e o estafe do Barça, esse tratamento

também reduzia a força e a resistência do jovem jogador. Como resultado, o argentino não conseguia ser tão ativo nos jogos, já que não os suportava tão bem quanto um garoto normal da sua idade.

Messi, de qualquer forma, estava cada vez mais feliz com sua vida. Era popular na escola, claramente o jogador de futebol mais talentoso do seu grupo, e sua capacidade física vinha evoluindo, aumentando assim as chances de seu talento aparecer. A vida do jovem Messi, entretanto, não era só de compromissos com o Barça; também tinha diversão. Desinteressado nos estudos, ele muitas vezes era pego ouvindo música na sala de aula e, dos tempos de escola, só consegue mesmo se lembrar de quando jogava bola no pátio.

Embora a vida ao redor da velha La Masia, nas proximidades do Camp Nou, não estivesse livre dos períodos de tédio e solidão, garotos como Iniesta, Valdés e o próprio Messi também viviam seus momentos de farra.

Messi e os amigos costumavam driblar as câmeras de segurança para invadir o único campo de treinamentos que ficava entre a parede ao sul de La Masia e o gol norte do Camp Nou. Durante gerações, aquele foi o campo de treinamentos do time principal — um só campo, de tamanho oficial, que podia ser observado pelos pedestres (que normalmente iam e vinham da principal maternidade de Barcelona). Como a qualidade do terreno de jogo era extremamente importante, o jardineiro devia ficar confuso quando, depois de ter se despedido de um gramado perfeito à noite, acabava encontrando buracos e marcas de chuteira pela manhã. Messi e companhia geralmente não resistiam ao chamado para um bate-bola clandestino, mesmo que o clube proibisse a prática e que o jogo se desenrolasse na semiescuridão, sob a escassa iluminação vinda da rua.

Certa vez, Asier Zengotitabengoa uniu-se à turma de Messi para uma pelada e mostrou toda a sua natureza competitiva e falta de sutileza. Tendo praticamente o dobro de tamanho do argentino, deu um carrinho que acabou torcendo o tornozelo do craque — e encerrando o bate-bola mais cedo.

O episódio era para ter se transformado num pequeno desastre, mas foi aí que Messi resolveu mostrar toda a malandragem aprendida nas ruas de Rosario. Na manhã seguinte, ele chegou ao campo andando devagar e

disfarçando para que ninguém percebesse a lesão. Assim que recebeu o primeiro passe no treino, o garoto foi ao chão e começou a se contorcer como se houvesse acabado de torcer o tornozelo. Pronto, a travessura da noite anterior estava a salvo, e o inchaço passaria depois de alguns dias de recuperação.

Minguella lembra como a obsessão de Messi pelo futebol reinava durante aquela fase de sua vida: “Quando chegou aqui, ele era tranquilo e quieto. Uma vez, aos catorze anos, encontrou Juan Riquelme e Thiago Motta durante um jantar na minha casa e olhava para eles como se fossem deuses. Posso dizer pelo que vivemos juntos, do início até hoje, que ele é completamente louco pela bola, um viciado em futebol. Só pensava em pegar uma bola e começar a chutá-la. Não é um cara ligado em baladas ou numa vida social agitada. Tudo o que ele faz é pensando em futebol e em como se tornar um jogador melhor”.

O episódio que melhor resume a ascensão meteórica de Messi — de um garoto que o Barcelona não tinha certeza se queria em 2000 para o estreante na equipe principal alguns anos depois — é a “partida da máscara”.

Ele vinha jogando a temporada de formação na categoria cadete A, sendo dirigido pelo técnico Alex García, e o time estava invicto no ano. “Messi era como um irmão mais novo da equipe durante a semana, todo mundo queria cuidar dele”, lembra o treinador. “Mas, quando vinham os fins de semana, ninguém precisava se preocupar com ele. Piqué, Cesc, Víctor Vázquez e Messi se destacavam. Já eram talentos extraordinários. Tinham quinze ou dezesseis anos, mas jogavam como homens de 22. Esse grupo de atletas vencedores competia entre si durante a semana toda para que pudesse tratar o jogo de domingo como uma sessão de treinamento, enquanto nossos adversários treinavam todos os dias para poder competir quando chegasse a hora da partida.

“O único problema de verdade era que todos queriam ser artilheiros. Quando havia um pênalti para bater, esses quatro iam até a marca da cobrança e começavam a discutir entre eles. Então, eu tinha que intervir de longe e começava a gritar. Apesar da vontade dos outros, ninguém era páreo para Messi. Acho que ele marcou perto de quarenta gols naquela temporada.”

Falando de Tbilisi, onde estava trabalhando no momento em que

produzíamos o livro, García acrescentou mais memórias sobre o talentoso pupilo. “Leo era tímido e introvertido. Um rapaz muito sensível e que não gostava dos holofotes. Nunca foi de fazer piadas, e também não era de escutar muito o que dizíamos. Na verdade, você nem percebia a presença dele até vê-lo em campo.

“Nunca imaginei que se ele tornaria o melhor jogador do mundo, mas sempre notei que ele tinha algo de especial. Sempre que o vejo, ele é exatamente o mesmo garoto de dezesseis anos que eu costumava treinar. É um vencedor, como os outros garotos de sua geração, Cesc, Piqué. Todos eram garotos de dezesseis anos que pensavam como profissionais. Eles competiam nos treinos e usavam as partidas para treinar. Não havia nenhum time capaz de derrotá-los.”

No fim da temporada, houve uma decisão de título da liga contra o Espanyol. O Barça venceu, mas Messi trombou em um adversário, caiu desacordado e sofreu uma séria fratura no rosto. Ele foi levado ao hospital de imediato e, oito dias depois, seu time se reencontrou com o adversário na final da Copa Catalunya daquela categoria. Sem ter se recuperado adequadamente, foi vetado dessa partida. Mas ele implorou para jogar.

“Depois que Messi quebrou o osso da face, parecia certo que ele não jogaria a final”, conta García. “Os outros jogadores já estavam até preocupados. ‘Uma final sem Messi...’”.

Carles Puyol havia sofrido uma lesão semelhante mais cedo naquela temporada. E o especialista em máscara facial que fizera a proteção de plástico para “Puyi” ainda tinha a peça. Essa foi a condição para Messi jogar: ele teria de usar a máscara. Mesmo assim, era um risco enorme, já que outra colisão poderia ter consequências ainda mais graves.

Aos sete minutos do primeiro tempo da final de domingo, 4 de maio de 2003, Messi corre até o banco, reclama que não consegue enxergar direito porque a máscara está fazendo ele suar demais, tira a proteção e a joga na direção de García e seus assistentes. Todas as regras e advertências ouvidas durante a semana também são deixadas de lado. E antes que possa ser substituído, Messi faz um gol, depois outro. Ainda no primeiro tempo, Piqué anota o 3 a 0. Só então o treinador consegue convencer o argentino a sair do

jogo para sua própria segurança.

O Barça venceu por 4 a 1 — apesar de Piqué ter sido expulso junto com o técnico do Espanyol, por causa de um desentendimento entre eles — e encerrou uma temporada inteira de invencibilidade, com todos os troféus possíveis conquistados e quarenta gols de Messi. A final foi também a última partida do futuro astro ao lado de Cesc Fàbregas até a vitória da Supercopa, no Camp Nou, sete anos e 40 milhões de euros em transferências depois.

García relembra aquela perigosa aventura. “Messi parecia feliz em usar a máscara durante o treino e me disse: ‘É sério, professor, não tem problema nenhum’. Algo típico de Messi. Mas, quando o jogo começou, ele veio até o banco e arremessou a máscara para mim, dizendo que não conseguia enxergar bem. Minha resposta foi: ‘De jeito nenhum, não é seguro’.

“Deixe-me jogar por mais vinte minutos. Depois, pode me substituir’, ele implorou.

“Naqueles vinte minutos, o garoto fez dois gols. É claro que havia um risco de, sem a máscara, ele se ferir gravemente; mas, apesar de ter apenas dezesseis anos, confiávamos totalmente nele.

“Seu pai ficou muito preocupado quando o viu atuando sem a máscara, porque participou de todo o processo, esteve nas reuniões com os médicos e sabia o que estava em jogo. Graças a Deus, nada deu errado. Fomos para o intervalo vencendo por 3 a 0, e ele foi substituído. Mas eu teria feito a substituição qualquer que fosse o placar, mesmo que estivéssemos perdendo por 3 a 0.”

“Lembro-me de ter jogado a final com a antiga máscara do Puyol, porque eu tinha sofrido uma fratura no rosto”, recordou Messi, anos mais tarde. “Puyi não parecia se incomodar em usá-la, mas assim que toquei na bola e olhei para baixo, não consegui ver nada. Então, virei para o lado, tirei a proteção e a joguei para o pessoal do banco.”

Fàbregas partiu para Highbury, enquanto Messi iniciava sua caminhada rumo ao estrelato e a um nível de sucesso incomparável pelo Barça.

A promoção do “Pulga” — como um jornalista argentino passou a chamá-lo, depois de ouvir que Matías e Rodrigo Messi tinham apelidado o irmão de “Pulguinha” — ao Barça B, onde seria treinado por Pere Gratacós, aconteceu

apenas alguns meses antes de sua estreia na equipe principal.

Gratacós concorda com a opinião de Arnau Riera de que Messi rapidamente percebeu estar pronto para dar o salto do Barça B para o time principal. “Ele precisava de novos desafios, precisava treinar com Ronaldinho, Deco e Eto’o, jogadores que tinham a obrigação de ser melhores do que os outros e que acelerariam o desenvolvimento de Messi.

“Toda semana, quando tínhamos nosso encontro técnico, eu falava a Frank Rijkaard sobre Leo. Finalmente [em novembro de 2003], a comissão do time de cima veio até mim e pediu alguns jogadores da base para completar o grupo que iria ao Porto inaugurar o novo estádio daquele clube.”

Messi tinha dezessete anos, quatro meses e 23 dias. Havia acabado de anotar um *hat-trick* pelo time B contra o Granollers quando, durante um período de jogos de Data Fifa, foi levado ao estádio do Dragão, no Porto, e jogou por quinze minutos.

Apesar de uma apresentação fraca do Barcelona na derrota por 2 a 0 para o Porto, de José Mourinho, Messi criou três boas oportunidades de gol em quinze minutos e, quando Gratacós recebeu seu jogador de volta, foi com a seguinte notícia: “Você estava certo, ele deve mesmo treinar com a equipe de cima. Você o terá de volta nos fins de semana para os jogos”.

Foi mais ou menos neste ponto da temporada — poucos sabem desta história — que os torcedores do Rangers estiveram muito perto de contar com Lionel Messi, também com Andrés Iniesta, jogando por empréstimo em Ibrox.

Alex McLeish sempre foi um treinador de pensamento fora do comum em relação às estratégias para acrescentar qualidade técnica aos times que dirige. Sempre amou o futebol do continente europeu, e seu sucesso precoce pelo Hibernian deveu-se, em grande parte, à ousadia na contratação do ex-zagueiro da seleção francesa Franck Sauzée e de Russell Latapy, um criativo meia do Porto — e isso quando o Hibs tinha acabado de ser rebaixado na Premier League escocesa.

Como treinador do Rangers, repetiu a fórmula e conseguiu as transferências de Mikel Arteta, uma cria de La Masia, Jean-Alain Boumsong e Dado Pršo. Mas durante a temporada 2003/2004, esteve perto de dar a maior tacada de sua carreira.

McLeish relembra: “Jan Wouters era meu auxiliar em Ibrox. Um dia, perguntei se ele conhecia Frank Rijkaard e se poderia entrar em contato com ele sondando se havia por lá alguns jovens de qualidade que pudessem nos ajudar com seu talento e, assim, ganhar experiência na Escócia antes de retornar ao Barça.

“Jan me disse que tinha uma relação um pouco mais próxima com o auxiliar de Rijkaard, Henk ten Cate, e que nossos olheiros já conheciam a reputação de Lionel Messi na base.

“Não tínhamos um orçamento muito grande naquele momento. Na temporada anterior, havíamos contratado alguns jogadores conhecidos — sem custo ou pagando pouco pelas transferências. Só que os salários eram altos. Então, pensamos que desta vez os torcedores aceitariam se nos reforçássemos com atletas jovens ou pouco experientes, mas que tivessem qualidade.

“Ten Cate e Jan Wouters conversaram sobre o possível empréstimo de Messi. Porém, para Henk, o argentino era muito novo e muito leve para se desenvolver no futebol escocês. Nosso ponto de vista era outro: o Barcelona provavelmente queria proteger sua pérola. Eles devem ter pensado que deixá-lo ir para o futebol britânico poderia ser arriscado por causa do nosso jogo mais viril e de muito contato. Mas, obviamente, também tinham dúvidas a respeito de quando enfim poderiam utilizá-lo na equipe principal. Conversamos com eles no meio de todo esse processo de tomada de decisão sobre o destino de Messi. Então, durante as discussões, Henk disse a Jan que poderíamos fazer um favor a nós mesmos se pegássemos Iniesta emprestado em vez de insistir em Messi.

“Acho que suas palavras exatas sobre Iniesta foram: ‘Esse garoto será um dos maiores do mundo’, o que o craque provou ser verdade contra a Holanda, na final da Copa de 2010, na África do Sul. Henk nos disse que Iniesta tinha a capacidade de antever as jogadas, era um grande passador e muito bom em se livrar dos marcadores.

“Acabamos então fazendo uma proposta formal. Acho que isso aconteceu no final da temporada 2004/2005. Mas Messi brilhou no Mundial sub-20, e o Barcelona concluiu que não deveria emprestá-lo. E aí Iniesta marcou em um jogo importante da pré-temporada, o que significaria também a sua

permanência no clube. Foi uma pena que não tenha dado certo, porque eu estava realmente animado com a possibilidade de qualquer um dos dois jogar com a gente por uma temporada.

“Outra curiosidade sobre Messi é que meus filhos jogavam Championship Manager, e o descobriram no game quando ele tinha doze ou treze anos; já naquela época me disseram que ele se tornaria um grande astro.”

Ferran Soriano era um dos dois vice-presidentes do Barça na época e se lembra bem do debate sobre o que fazer diante da determinação do Rangers em conseguir Messi ou Iniesta por empréstimo.

“No momento em que surgiu o interesse do Rangers, havia muita discussão a respeito de Iniesta. Lembro-me de Henk defendendo sua ideia: ‘O cara é pequeno e não tem força. Talvez possamos enviá-lo para algum lugar por alguns anos e depois a gente vê no que vai dar’.

“Ele gostava de Van Bommel, por exemplo. É só lembrar da final da Liga dos Campeões de 2006. Eles [Rijkaard e Ten Cate] começaram com Van Bommel, e o jogo mudou quando Iniesta saiu do banco de reservas.

“Naquelas discussões sobre emprestá-lo ou não para os Rangers, a história e a tradição tiveram um peso decisivo. Lembro-me de Begiristain, Laporta, os mais velhos, os caras de casa, defendendo Iniesta com muito entusiasmo e dizendo: ‘Não, esse garoto tem talento. Precisa ficar aqui’. E eles estavam certos.

“Não era fácil argumentar contra o empréstimo, porque Iniesta é realmente pequeno e nossa rivalidade naquele momento era contra o Chelsea, pois havíamos tido vários confrontos de Champions League com eles. Iniesta teria que jogar contra atletas como Essien, que é três vezes maior do que ele. Então, foi um debate complicado. Hoje isso não seria uma questão, mas na época era.”

Já Messi tinha subido, no espaço de dezesseis meses, durante os anos de 2003 e 2004, cinco escalões dentro do Barcelona. Começou na equipe cadete, passou pelos dois times juvenis, jogou no Barça C e no Barça B até que chegou ao time principal. As promoções meteóricas poderiam tê-lo deixado um pouco perdido, principalmente devido à timidez. Mas, apesar de ser argentino, os brasileiros trataram de acolhê-lo.

Deco rapidamente espalhou que havia um novo baixinho nos treinos que era capaz de derrotá-lo no “fute-tênis”. Sylvinho, Edmilson, Juliano Belletti e Deco receberam Messi de braços abertos. Mas sua grande dívida de gratidão é com Ronaldinho.

“Ronnie foi muito importante para mim. Eu era muito novo quando cheguei ao vestiário do Barcelona, mas ele fez questão de ser o primeiro a se aproximar e cuidar de mim”, afirmou Messi, não muito tempo depois de sua estreia no time adulto.

“E isso não provocou nenhum tipo de inveja no elenco. O que aconteceu foi o contrário: Ronaldinho abriu o caminho, e todos, sem exceção, me apoiaram e fizeram com que eu me sentisse bem-vindo. Eu poderia ter encontrado colegas de grupo bem diferentes, então por isso acho que tive muita sorte.

“Ronaldinho cuidou de mim e me protegeu como um amigo mais velho. E foi um grande privilégio ter podido jogar ao lado dele. Há uma mesa ‘brasileira’ nas refeições do Barça e, muitas vezes, eles me convidam para sentar lá. Mas sempre fazem questão de dizer que sou o único argentino que eles vão deixar se juntar a eles.

“Tento copiar um pouco as coisas que Ronaldinho faz. Mas, o fundamental, é tentar jogar com a mesma alegria que ele. Ele jogando sempre mantém um sorriso no rosto — é assim também que eu me sinto. Jogar futebol sempre significou alegria e felicidade para mim.”

Tudo isso nos leva de volta ao começo do capítulo: Ronaldinho presenteou Messi com dois gols nos últimos minutos do jogo contra o Albacete. E o pequeno príncipe concluiu as duas jogadas com muito estilo.

“Fiz minha estreia no profissional mais ou menos com a mesma idade dele e sei exatamente o quanto é difícil para um garoto talentoso ser respeitado em um elenco cheio de gente mais velha”, explicou Ronaldinho. “Então, para aliviar a pressão sobre ele, decidi tratá-lo como meu irmão caçula e tentamos sempre brincar para fazer com que ele encarasse aquele momento da forma mais natural possível. Era só uma demonstração de camaradagem.”

E assim foi aquela temporada de estreia de Messi no time principal: nenhum outro amistoso ou jogo oficial disputado, mas fazendo parte da

primeira comemoração de título espanhol do Barça em seis anos. E todo o seu trabalho no verão de 2005 traria como resultado, num período de dois meses, além do título de campeão da Espanha, também o de campeão mundial pela Argentina na categoria sub-20. Tudo isso apenas alguns dias depois de ter comemorado o 18º aniversário.

Para todos aqueles que amam o futebol bem jogado, imprevisível e cheio de talento, a parte mais triste dessa história é que a carreira de Ronaldinho tenha começado a entrar em declínio assim que Messi amadureceu para se tornar um gênio do esporte. Imaginem só como seria os dois compartilhando seus melhores anos juntos na mesma equipe. Mas, infelizmente, não aconteceu. A grande fase do brasileiro foi sensacional, porém breve. E o argentino logo estaria pronto para deixar seu nome nos livros de história.

Jogos marcantes

SHAKHTAR DONETSK: 1

BARCELONA: 2

Fase de grupos da Champions League, 1^o de outubro de 2008

PARA MUITAS PESSOAS, essa partida ficará perdida na memória. Na verdade, é provável que isso já tenha acontecido. Mas foi justamente nesse momento da primeira temporada de Guardiola que o Barça mostrou ao mundo que não só tinha enterrado tudo de errado que fizera nos dois anos anteriores, como se tornara aquele tipo de time de futebol que você não deseja encontrar em um beco escuro numa noite de sexta-feira: traiçoeiro, rápido e que não perdoa sua desatenção.

A semana seria complicada para o Barça, do tipo que vinha fazendo os torcedores perderem a fé no time nas temporadas anteriores: Espanyol fora de casa (uma polêmica vitória por 2 a 1 no Montjuïc), Shakhtar em Donetsk, onde o time havia perdido em sua última visita, em 2004, na estreia de Leo Messi na Champions League, e então Atlético de Madrid, no Camp Nou.

Era o momento de comprar o paracetamol, baixar as cortinas, esperar pelo melhor e evitar os torcedores do Real Madrid no trabalho. Vinha sendo assim nos últimos tempos.

“O que fizemos até agora não significa nada perto do que vamos enfrentar nesta semana”, advertiu o treinador, antes de tudo começar.

Pep Guardiola conhecia Mircea Lucescu, o velho e astuto comandante do Shakhtar, dos tempos em que jogara na Itália, e sabia que ele iria instruir seu time a se impor fisicamente contra os jogadores do Barcelona. Uma frase de Andrés Iniesta, publicada por Luis Martín, do *El País*, na véspera da partida,

chamou minha atenção. Luis, um jornalista pelo qual os atletas têm grande respeito, perguntou sobre a atitude de jogo da qual Samuel Eto'o vinha falando — a ideia de que “ninguém voltará a ter um jogo fácil contra nós”. Iniesta respondeu: “Exatamente, há um compromisso agora que vai muito além do jogar bem. Pode até não ser o nosso dia, mas não vamos perder sem antes tentar mudar isso”.

Quando bons jogadores sabem exatamente o que são capazes de fazer juntos, a confiança se torna um atributo inquebrantável. E assim nascem os campeões.

O.k., mas vamos aos fatos. Guardiola poupou Messi, Sergio Busquets e Éric Abidal, testou Thierry Henry como centroavante e o Barça jogou muito mal. Graças ao gol marcado por Ilsinho pouco antes do intervalo, o Shakhtar chegou ao minuto 87 vencendo. E aí, aconteceu algo que viria a simbolizar a incrível temporada dos catalães.

O Barça ainda acreditava que a partida não estava perdida. Brandão, um dos jogadores do Shakhtar, começou a fingir uma lesão para ganhar tempo. Darijo Srna jogou a bola para fora, mas o árbitro Howard Webb não só ignorou as reclamações para que Brandão fosse atendido, como mandou o jogo continuar. Os atletas de Guardiola estavam ligados e atenderam ao pedido. Rafa Márquez, na direita, cobrou o lateral para Bojan, que cruzou para a área. O goleiro Andriy Pyatov se atrapalhou com a bola, e Messi, que substituíra Henry, empatou.

No quarto minuto dos acréscimos, uma jogada de sete passes muito bem trabalhada pelo Barça terminou com Xavi encontrando espaço na defesa, às costas de Srna, para acionar Messi, que de forma brilhante colocou a bola no ângulo e marcou novamente.

Em sete minutos, o Barcelona deixou de ser uma equipe morta e enterrada na Ucrânia para viajar de volta para casa com três pontos na bagagem. Concentro-me neste jogo porque ele foi crucial. Uma nova mentalidade, um novo patamar de condicionamento físico, uma nova fronteira cruzada e a vitória arrebatadora em um jogo que parecia perdido. Foi, sem dúvida, o momento da virada para esse time.

Sobre o gol do empate, Lucescu reclamou: “Foi uma vergonha. Se

estivéssemos na Itália, vocês não sairiam vivos do estádio”. Mas Srna admitiu para os jogadores do Barcelona que eles fizeram a coisa certa ao não devolver a bola, baixando a fervura e impedindo que as declarações do técnico romeno atingissem em cheio Guardiola e sua equipe.

Naquela temporada, o Barça marcaria quase trinta gols nos dez minutos finais das partidas. Não seria obra do acaso, mas da condição física dos atletas e do desejo de disputar a partida até o apito final, sem se importar com o placar já construído. Essa foi a noite em que eles buscaram forças dentro de cada um, descobriram do que eram capazes e conseguiram uma vitória que os impulsionou para iniciar, na sequência daquela temporada, a era de maiores glórias da história do clube.

BARCELONA (4-3-3)

Valdés; Daniel Alves, Piqué, Márquez e Puyol; Xavi, Yaya Touré e Keita (Guðjohnsen, 80); Eto'o (Bojan, 74), Henry (Messi, 59) e Iniesta

SHAKHTAR DONETSK (4-1-4-1)

Pyatov; Srna, Chygrynskiy, Ischenko e Shevchuk; Hübschman; Ilsinho (Willian, 85), Duljaj (Lewandowski, 89), Fernandinho e Brandão; Luiz Adriano (Seleznov, 71)

GOLS

Ilsinho 45; Messi 87, 94+4

CARTÕES AMARELOS

Xavi, Srna, Fernandinho, Chygrynskiy, Keita, Brandão

ÁRBITRO

Howard Webb

PÚBLICO

18 mil pessoas, Estádio Olímpico, Donetsk

3. O RETORNO DO EXÍLIO



Aquela fantástica faísca de inspiração: é pela alegria de viver esse instante único que eu sou treinador.

Pep Guardiola

APESAR DE ACERTADO HAVIA TEMPOS, o contrato que transformou Pep Guardiola em técnico da equipe principal foi assinado apenas em maio de 2008, no mesmo dia do nascimento de sua terceira filha, Valentina.

Já fazia alguns meses que Guardiola sabia que provavelmente sucederia a Frank Rijkaard. Apesar disso, a escolha do seu nome não tinha sido unânime. Longe disso. Quando decidiu substituir Rijkaard, Joan Laporta pediu conselhos e sugestões para vários especialistas.

Marc Ingla, nomeado vice-presidente de futebol pouco tempo antes, foi encarregado de encontrar um novo técnico. Ele então saiu à procura de um candidato capaz de passar pelo crivo criterioso da diretoria do Barça.

Txiki Begiristain, que era o diretor de futebol desde 2003, provaria ser um guia excepcional para Ingla — torcedor do clube cujas especialidades eram o marketing e o empreendedorismo. Begiristain jogou quase quinhentas partidas pelo Barcelona durante a gloriosa era Cruyff e é uma mente moderna, comunicativa e alerta à disposição do futebol.

O ex-atleta percebeu, em outubro de 2007, que apostar numa segunda temporada com Rijkaard depois da conquista da Liga dos Campeões de 2006, em Paris, havia sido um erro brutal. Já vinha pensando no assunto antes mesmo de ser convocado por Laporta para essa missão. Afinal, era para esse tipo de trabalho que ele era pago.

Begiristain e o admirável José Ramón Alexanco, o homem que levantou o troféu da Copa da Europa de 1992 pelo Barcelona, então diretor das categorias de base, tinham o hábito de acompanhar as partidas do Barça B.

E estavam encantados.

Ainda que o Barça B estivesse na terceira divisão, Guardiola fazia questão de ter jogos filmados de todos os seus adversários, e as imagens tinham de contemplar os vinte jogadores de linha na tela, o tempo todo. Era analisando esses DVDs que o treinador estudava para as partidas seguintes.

Nas palavras de um entrevistado deste livro, que preferiu não ter seu nome divulgado, “ele trabalhou, desde o primeiro minuto, como se estivesse dirigindo um time vencedor de Champions League, e não uma equipe da terceira divisão. Era como se fosse um treinador experiente se preparando para

enfrentar a cada semana o Milan, o Arsenal ou o Bayern de Munique”.

Alexanco e Begiristain logo notaram que Guardiola tinha muitos recursos. Não importava se o adversário jogava com bolas longas, gostava de uma retranca ou mudava de esquema durante a partida, do 3-5-2 para o 4-3-3, o Barça B sempre estava preparado para contra-atacar com novas estratégias. Guardiola não se mostrava um mestre apenas em análises táticas e métodos de treinamento, também havia conseguido fazer seus pupilos assimilarem e colocarem em prática suas ideias.

Os ex-colegas de *Dream Team* se entusiasmaram.

Ingla nos conta a história: “Pouco depois de eu assumir o cargo, em outubro de 2007, Txiki já havia concluído que o ciclo de Frank Rijkaard no clube estava encerrado e que ele deveria ser substituído ganhando ou não algum campeonato.

“Tínhamos de definir o tipo de profissional que gostaríamos de indicar. E precisávamos de privacidade para trabalhar.”

Em um encontro em Lyon, a diretoria começou a construir aquela que seria a fase mais bem-sucedida da história do clube. “Perguntei a Txiki quem deveria substituir Rijkaard, mas ele não quis citar nomes. Insisti, e então ele admitiu: ‘Estou pensando em Pep Guardiola’”, relembra Ingla.

“Quando olho para trás, chega a ser impressionante ele não ter dito: ‘É Pep, precisa ser Pep’. Apesar de estar aberto a opções, ele já sabia o que queria. Acreditava que um treinador com o perfil de Pep — bem-educado, experiente, com visões bem estabelecidas e o entendimento dos valores e do estilo de jogo do clube — era o nosso futuro.

“Txiki me disse: ‘Gosto de como o Barça B joga, da maneira que Pep reage e faz as mudanças táticas, de como treina a equipe, gosto de tudo’. Aquele foi um momento importante para nossa decisão.”

Após a conversa, Ingla decidiu que era preciso pensar em outros candidatos para não deixar passar a oportunidade de contratar o técnico ideal. Mas, se Guardiola continuasse a impressioná-los e se sentisse pronto para o desafio, então os candidatos de fora teriam de demonstrar que eram superiores ao catalão de 36 anos.

“Os outros nomes eram Laurent Blanc, Michael Laudrup, Arsène Wenger e

Ernesto Valverde, todos sugestões de Txiki. Começamos a conversar com conhecidos para chegar até essas pessoas. Mas, então, veio o Natal”, conta Ingla.

Entre a oitava e a 16ª rodada, houve uma sequência de apresentações decepcionantes do Barça. O time de Rijkaard perdeu para Villarreal e Getafe, além de ter empatado com Espanyol e Valladolid. Seu próximo compromisso era o clássico no Camp Nou.

Comandante do campeão vigente à época, Bernd Schuster era o primeiro treinador da história do Real Madrid a ser também um sócio, com carteirinha, do Barcelona. Mas seu passado *culé*, obviamente, não significaria vida fácil para os catalães. O Real dominou o rival e venceu o jogo por 1 a 0, graças a um belo gol de Júlio Baptista.

Rijkaard escalou a equipe naquela noite, dois dias antes do Natal, com Víctor Valdés; Puyol (Zambrotta), Milito, Márquez e Abidal; Yaya Touré, Xavi (Bojan) e Deco (Giovani); Iniesta, Eto'o e Ronaldinho.

Essa formação, com algumas mudanças, tornou-se o núcleo duro do time que viraria uma máquina de vencer com o novo treinador na temporada seguinte. O Real passou o Ano-Novo sete pontos à frente dos catalães, o que fazia aflorar as emoções nos corredores de poder do Barça.

Ingla recorda: “Os resultados eram ruins, e Frank estava abatido, sem mostrar poder de reação. Já nos preparávamos para um cenário em que Rijkaard desistiria antes do fim da temporada, e muita gente sugeria que Johan Cruyff assumisse. Sou um grande fã dele, mas eu não considerava uma boa ideia pôr ‘Deus’ no banco de um time naquele estado. Afinal, nosso problema não era só o técnico, mas alguns jogadores também”.

O futebol tradicionalmente trabalha com a ideia de que sacrificar o treinador é o melhor caminho para uma reviravolta positiva. Basta entregá-lo às feras e as coisas voltarão a correr bem. Mas Ingla, Ferran Soriano e Begiristain pensavam diferente.

Joan Laporta gostava da ideia de ter Cruyff como técnico interino e até de talvez efetivá-lo no final da temporada. Mas também se sentiu seduzido pelas primeiras informações que recebeu a respeito de Guardiola. Então, lançou a ideia: sacar Rijkaard imediatamente e promover Guardiola ao comando da

equipe principal com a temporada em andamento. Ingla, Soriano e Begiristain ficaram horrorizados.

“Adverti a todos que o técnico não era o único problema”, recorda Ingla. “Considero que treinadores podem transformar as coisas, mas que os jogadores têm uma parcela muito grande de responsabilidade sobre o tipo de futebol apresentado e os resultados colhidos.

“Se tivéssemos colocado outro treinador naquele momento, fosse Cruyff ou Guardiola, ele teria falhado. Não conquistaríamos o título espanhol e também não chegaríamos à final da Champions League, em Moscou. Olhando para trás, digo: ‘Graças a Deus não contratamos Cruyff nem antecipamos a estreia de Pep’. Houve um momento em março — quando começamos a nos despedir da liga, mas ainda estávamos vivos na Champions — em que parte da diretoria queria substituir imediatamente Rijkaard por Pep.

“Você não sabe o quanto tive que brigar para impedir a mudança naquele momento. Olhando para trás, tenho certeza de que fiz um grande favor ao clube e a Pep. Trabalhei pesado para que, quando ele assumisse, tivesse a área limpa e não precisasse trabalhar com Ronaldinho e Deco.”

Laporta chegou até a perguntar se Cruyff consideraria voltar a trabalhar como treinador a fim de preparar Guardiola, que seria seu assistente. A resposta foi negativa. Ele disse a Laporta que não queria mais saber da função e enfatizou que Guardiola estava pronto. Mais tarde, em setembro de 2008, o presidente do Barça confirmou: “Cruyff sabe muito bem que eu teria adorado vê-lo como substituto de Rijkaard, com Pep ao seu lado”.

Assim, em maio, Guardiola assinou o contrato, e todos os detalhes do negócio foram apresentados no mês seguinte. A história estava pronta para ser escrita. Mas muitos (incluindo eu mesmo) ficaram preocupados, considerando que o novo treinador do Barcelona era muito inexperiente.

A forma como Pep enxergava o futebol não estava em questão, assim como a qualidade de seu trabalho no Barça B. Como jogador, Guardiola sempre havia demonstrado liderança, visão estratégica e muita vontade de vencer. Mas será que ele teria experiência o suficiente para administrar o elenco? Esse costuma ser o grande obstáculo enfrentado por ex-jogadores que se dispõem a assumir o comando de uma equipe.

Guardiola tinha 37 anos. Havia jogado ao lado de Xavi, Puyol, Piqué e Valdés no Barcelona e na seleção catalã. Agora, seria o chefe deles. Para piorar, no vestiário do clube naquele momento imperavam a inveja, a preguiça e os maus hábitos de astros milionários que haviam fincado suas raízes por lá.

Eu me perguntava como alguém de 37 anos conseguiria lidar com personalidades tão difíceis como Ronaldinho, Deco e Eto'o, tendo tão pouca experiência na gestão de elencos. E eu não era o único a pensar assim. Pep recebeu pouco mais que um simples "seja bem-vindo" da imprensa espanhola. Como a seleção estava a caminho de ganhar a Eurocopa, o *El País* relegou a reportagem sobre a ascensão de Guardiola à página treze de seu caderno de esportes.

O *Mundo Deportivo* usou um inteligente truque gráfico em sua capa. A primeira página trouxe uma foto de Guardiola ladeada pelas palavras "sim" e "não", de forma a representar o debate que tomou conta da Catalunha: seria ele a escolha certa para o Barça? Nos tópicos do "sim", os argumentos publicados foram: "Sim para jogar com três atacantes, manter Rafa Márquez e contratar um novo centroavante". Enquanto isso, do outro lado, a manchete trazia: "Não para Ronaldinho, Eto'o e Deco, os cem dias em estado de lua de mel com a torcida e a mudança para o novo campo de treinamentos ainda não concluído".

Já o *La Vanguardia* escolheu dar como manchete a frase "Não acho que vou falhar", de Pep. Não chegava a ser uma demonstração de que o jornal acreditava no projeto.

A imprensa dava sinais embaralhados. Um importante jornalista catalão, que mais tarde se tornou agente de jogadores, alertou: "Sem experiência para se segurar no cargo, Pep corre o risco de cair antes do fim da temporada".

No entanto, Joan Laporta possuía um grande talento: a habilidade de tomar decisões importantes, mesmo aquelas mais arriscadas, rapidamente e com firmeza.

Antes de entregar as chaves do clube para o novo treinador, o presidente disse: "Pep conseguiu encontrar o equilíbrio perfeito entre a modernidade, a disciplina e o tradicional estilo ofensivo que o Barcelona adora. A era Guardiola começou".

E uma nova era precisava mesmo começar.

Em termos esportivos, o Barcelona havia se enfraquecido. Nos treinamentos, faltava intensidade. Muitos jogadores tinham perdido a força mental, já não eram capazes de fazer a grande pressão que exerciam sobre os adversários no início da era Rijkaard e não se sentiam confiantes para tentar os passes mais arriscados, aqueles que abrem as defesas rivais.

A cultura dos treinos precisava ser mudada, mas não era essa a razão das minhas dúvidas sobre o sucesso de Pep. A situação mais ameaçadora vinha dos vestiários, vinha da falta de comprometimento dos figurões daquele elenco: Ronaldinho, Deco e Eto'o.

Guardiola deixou isso claro para a diretoria. Era a hora de resolver o problema Ronaldinho, mesmo que isso custasse um prejuízo financeiro (o melhor jogador do mundo em 2005 estava exageradamente avaliado em 56 milhões de euros, mas saiu para o Milan por menos de 21 milhões de euros), pois assim estariam mandando um recado para o restante do elenco.

Então, em junho de 2008, o treinador não teve remorsos ao responder às perguntas sobre Ronaldinho, Deco e Eto'o num tom que combinava com o visual "fúnebre" de seu terno e gravata pretos. "Esses três não fazem parte dos meus planos para o futuro. Na verdade, vamos continuar sem eles", disse Guardiola, logo no seu primeiro dia no Barcelona.

"Penso que tudo se resume a desempenho e a quais jogadores podem se entregar de verdade à minha equipe. E essas decisões são baseadas nas minhas percepções. Por exemplo, se eu tivesse a garantia de que Ronaldinho e Eto'o me dariam sessenta gols, eu os manteria, sem dúvida nenhuma. Mas essa certeza ninguém pode me dar.

"É hora de um recomeço no vestiário. Não sei se há maus hábitos lá, porque ainda nem começamos o trabalho. Mas o passado ficou para trás.

"O que posso prometer é que não vou tolerar falta de esforço neste projeto de recolocar o time no caminho do sucesso. Podem ter certeza de que meus jogadores vão correr, e correr muito. Mas minha principal intenção é convencê-los com as minhas palavras. Quero que eles se envolvam neste projeto, quero inspirá-los a acreditar no que estamos realizando e fazer com que todos, até os mais talentosos, compreendam que individualmente eles

valem muito menos do que quando abraçam os valores do grupo.”

Ronaldinho, Deco, Edmílson, Giovani dos Santos, Santiago Ezquerro, Marc Crosas, Oleguer e Gianluca Zambrotta foram mandados embora. E Lilian Thuram optou por se aposentar.

A pedido de Guardiola, Laporta contratou Daniel Alves, Aleksandr Hleb, Henrique, Seydou Keita, Gerard Piqué e José Martín Cáceres.

O novo treinador também instaurou uma verdadeira guerra contra a balança. Se antes um quilo ou dois acima do peso poderiam ser relevados, na era Guardiola qualquer grama a mais virou motivo de cobrança.

Assim como Sir Alex Ferguson, Guardiola passou a ser normalmente o primeiro a chegar ao centro de treinamentos a cada manhã — geralmente não muito depois das oito horas. A pontualidade, tratada como um sintoma do nível de comprometimento de cada jogador, tornou-se outro valor importantíssimo. Um dos atletas que não deveriam ter tido problemas com isso foi Hleb — já que chegara naquele verão vindo do Arsenal, onde supostamente estaria acostumado à famosa rigidez com os horários de Arsène Wenger.

As regras de Guardiola, afinal, eram simples, mas não para Hleb. A primeira norma era a de que os jogadores tinham de chegar ao ct a tempo para o café da manhã, apesar de não serem obrigados a participar da refeição. O almoço, sim, era tratado quase sempre como parte do cronograma de treinos de cada dia e, dessa forma, a participação de todos era compulsória. Os jogadores, contudo, tinham de se apresentar no clube num horário específico, normalmente uma hora antes do treinamento. Se a sessão estava marcada para as onze horas, era nesse horário que deviam já estar no gramado, devidamente uniformizados e prontos, física e mentalmente, para dar o máximo naquela sessão. Do contrário, eram multados.

A multa por atraso começou em quinhentos euros para cada cinco minutos e chegou a 6 mil euros. Apresentar-se com a chuteira desamarrada, atrasar-se por dez segundos, qualquer deslize, por menor que fosse, não tinha perdão. E, para completar, os retardatários eram recebidos com aplausos irônicos de todos os que estavam no gramado para o treinamento.

De segunda a sexta-feira, os jogadores tinham de estar em casa no máximo

à meia-noite, sabendo que podiam receber uma ligação de Guardiola ou de seus assistentes no meio da madrugada. Se o atleta não atendesse ao telefonema em casa, sem que houvesse uma boa razão para isso, impunha-se a ele outra multa de quatro dígitos.

A decisão final sobre os compromissos publicitários dos jogadores também era de Pep Guardiola. Era ele quem definia onde e quando seus atletas seriam liberados para gravar comerciais ou fazer participações em eventos de patrocinadores.

O uso de telefones celulares e fones de ouvido passou a ser controlado (como em vários outros clubes). Além disso, os jogadores foram informados da obrigatoriedade de dar entrevistas e distribuir autógrafos para torcedores durante as viagens do Barcelona.

Também foi instituído um sistema de incentivos que Guardiola já havia testado com a garotada do Barça B. Se a equipe vencesse quatro jogos consecutivos do espanhol ou emendasse duas vitórias seguidas na Champions League, ele pagaria um almoço ou um jantar para o time todo, incluindo a comissão técnica.

Por que as multas não pagavam os jantares? Essa costuma ser a regra no mundo do futebol: o dinheiro das multas acumuladas durante a temporada é normalmente destinado para um grande jantar, ou uma boa festa, no final do ano.

Guardiola considerava essa dinâmica autodestrutiva. Se a multa servisse para bancar uma noite de farra para todos, como poderia ser considerada uma penalidade? Em vez disso, todo o dinheiro arrecadado com as multas seria revertido para causas beneficentes ao término da temporada — normalmente relacionadas a hospitais.

Hleb, que chegou a reclamar da falta de confiança de Guardiola em seu futebol, atrasava-se regularmente. Sua justificativa usual era a de que havia chegado no horário estipulado, mas se esquecera de assinar o livro de ponto. Além disso, era normal que iniciasse os treinos despreparado — se não fisicamente, pelo menos mentalmente.

Guardiola foi compreensivo. Sabia que se tratava de um jogador talentoso, mas ainda imaturo, um bielorrusso que precisava de ajuda para se adaptar à

vida na Espanha. “Por favor, aprenda espanhol”, fez questão de lhe pedir. “Como podemos ajudá-lo a aprender espanhol?”, insistiu, devido à falta de evolução do meia.

No gramado, Hleb muitas vezes tentava o drible que era sua marca registrada e não passava a bola ou se movimentava da forma necessária para ajudar os companheiros de time. Ele foi censurado, corrigido, alertado e, no fim da temporada, dispensado.

Nada de cerimônias, nada de misericórdia, nenhuma grande perda. Guardiola aplicaria esse mesmo padrão de extremo rigor a Samuel Eto'o e Zlatan Ibrahimović nas temporadas seguintes.

Mas voltemos ao início daquele verão, à crucial preparação para o primeiro ano do novo treinador à frente do Barcelona.

Saint Andrews, na costa leste da Escócia, foi escolhido como o local da pré-temporada, em parte porque as instalações foram adaptadas ao cronograma de treinos, em parte porque o governo escocês ofereceu um incentivo financeiro e em parte porque dois dos poderosos do clube, Begiristain e Cruyff, eram viciados em golfe.

Os campos de treinamento de Fife viram de perto um dos capítulos mais impressionantes de todo o reinado de Guardiola. Aquele era o verão dos Jogos Olímpicos de Pequim, e a Argentina queria contar com Messi. O torneio começaria no dia 8 de agosto. Para piorar, antes disso, havia o período de treinamentos da seleção.

Com Rijkaard, o Barcelona havia terminado em terceiro no espanhol, só três pontos acima do quinto colocado. Por isso, precisaria disputar a fase preliminar da Champions League, em agosto, contra o Wisla Cracóvia da Polônia. O medo de não avançar à etapa principal da Champions deixou o presidente Laporta tão preocupado que o fez embarcar em uma pesada disputa contra o movimento olímpico, a AFA (Associação Argentina de Futebol) e a Fifa.

Laporta alegava não ser obrigado a liberar Messi para a seleção argentina, porque o torneio olímpico não fazia parte do calendário de competições oficiais da Fifa. Sepp Blatter, o presidente da Fifa, posicionou-se ao lado da AFA e dos Jogos de Pequim. O presidente do Barça então apelou à CAS (Corte Arbitral do Esporte), que deu sentença favorável a ele. Era o fim da linha para a presença

de Messi na Olimpíada.

Ou melhor, era para ter sido o fim da linha.

O veredicto da CAS foi dado no dia do 16º aniversário da vitória da Espanha nas semifinais do torneio olímpico de futebol, quando um jovem Pep Guardiola garantiu sua medalha nos Jogos de Barcelona de 1992. O ouro conquistado no Camp Nou foi um grande marco de sua carreira. E, enquanto o Barcelona aguardava a decisão da CAS, já havia indícios de que o novo treinador tinha uma opinião diferente dos seus chefes (Laporta e o diretor de futebol, Begiristain) sobre a liberação de Messi.

Begiristain dizia: “Se a CAS nos apoiar, Messi terá de voar de volta para casa. Respeitamos as regras e vamos aplicá-las”.

As palavras de Guardiola, no entanto, eram bem diferentes: “Quando o veredicto sair, o clube decidirá o que fazer. Mas temos de ouvir o jogador. Sua opinião é a mais importante”.

Ou seja, a segunda grande decisão de Guardiola — depois de ter mostrado a porta de saída a Ronaldinho e Deco sem esperar que o clube encontrasse eventuais interessados em ambos os atletas — foi costurada na Escócia.

Os treinos em Saint Andrews eram puxados e exigentes. Havia apenas algumas poucas pausas para os jogadores se reidratarem entre uma atividade e outra. Além disso, tudo era cronometrado e filmado para que Guardiola, seu assistente Tito Vilanova e o preparador físico Lorenzo Buenaventura pudessem fazer análises mais apuradas.

“No início, ele ficava parando os treinos para nos dizer exatamente o que desejava que fizéssemos. Felizmente, conseguimos agradá-lo rápido e colocar suas ideias em campo”, relembra Piqué.

Porém o novo técnico logo descobriu que Messi se sentia incomodado.

Guardiola não demorou muito para questioná-lo com franqueza sobre o que estava acontecendo. Messi, que já é quieto por natureza, havia ficado ainda mais reservado com a possibilidade de perder a oportunidade de lutar pelo ouro olímpico. Quando finalmente confiou no treinador, ouviu que deveria se animar, trabalhar duro, viajar para o período de treinos com a seleção olímpica e, como todos os outros, esperar os desdobramentos de uma decisão definitiva sobre o caso.

Mas Guardiola também revelou a Messi que era um potencial aliado naquela disputa. Explicou como os Jogos de 1992 haviam sido pessoalmente importantes para ele e indicou que o argentino poderia contar com seu apoio, caso fosse necessário. Quando o veredicto da CAS foi anunciado, em 6 de agosto, Guardiola já tinha lutado e vencido uma grande batalha.

O treinador disse a Laporta e Begiristain: “Vocês me contrataram e eu sou o comandante. Sei como o garoto se sente em relação aos Jogos Olímpicos e digo que ele deve ficar na China e perder a fase eliminatória da Champions League. Isso é tudo”.

O que aconteceu?

Uma seleção argentina incrivelmente talentosa — que incluía Messi, Javier Mascherano, Sergio Agüero, Pablo Zabaleta, Ángel di María, Ezequiel Garay, Ezequiel Lavezzi, Fernando Gago e Éver Banega — conseguiu fazer como a Espanha de 1992 e conquistou o ouro olímpico. Enquanto isso, o Barça eliminou o Wisla Cracóvia por 4 a 1 no placar agregado, e o melhor jogador do mundo ficou com uma dívida de gratidão com Guardiola.

Mas o que poderia ter acontecido?

Guardiola poderia ter feito dois grandes inimigos, Laporta e Begiristain. Messi poderia ter quebrado uma perna em Pequim. E o Cracóvia poderia ter segurado o empate no Camp Nou e vencido por 1 a 0 na Polônia (dessa segunda parte, eles realmente foram capazes). Seriam fatos desastrosos, que poderiam ter encerrado o comando de Guardiola antes mesmo que de fato começasse.

A terceira grande decisão das primeiras semanas do treinador catalão foi voltar atrás na declaração de que “não contava com Eto’o para o futuro”.

Como Ronaldinho, a quem invejava, havia ido embora e Guðjohnsen buscava novos rumos para sua carreira, seu amigo Henry passara a ser o único atacante de verdade à disposição no elenco. Isso fez Eto’o não aceitar a rejeição inicial de Guardiola e trabalhar muito para convencer o treinador a mudar de ideia.

Naquele verão, Eto’o falou pouco, treinou como um novato, fez onze gols em jogos pelo clube e por sua seleção e, o mais importante, não apenas marcou contra o Wisla Cracóvia, como foi o jogador do Barcelona que mais correu.

No dia de sua apresentação, o novo técnico chegou a dizer: “Se algum dos três [Ronaldinho, Eto’o e Deco] permanecer para a próxima temporada, eu não o prejudicarei e vou trabalhar para que atinja o mesmo nível do passado”.

O africano foi o único a ficar. Bem antes de a janela de transferências fechar, Guardiola olhou para Eto’o e disse: “Eu gosto do seu trabalho, valorizo sua pressão na marcação. Se você treinar e jogar como antes, poderá ficar aqui. Mas conversei com os capitães [Carles Puyol e os outros dois vice-capitães], e eles disseram não aceitar mais comportamentos destoantes. Se cometer algum deslize, você estará fora”.

Eto’o aceitou imediatamente as condições de Guardiola, cuja decisão se mostrou a mais correta possível. O camaronês marcou 36 vezes na temporada: trinta gols no campeonato espanhol e um gol a cada dois jogos na Liga dos Campeões, inclusive o que abriu o placar na decisão contra o Manchester United. No entanto, quando o normalmente calmo Guardiola diz “se cometer algum deslize, você estará fora”, ele não volta atrás.

Na pré-temporada, de qualquer forma, tudo correu muito bem. Não havia dúvidas sobre quem estava no comando. Xavi, de volta após conquistar a Eurocopa de 2008 com seus colegas de seleção, explicou o impacto inicial do treinador. “A pré-temporada já estava a todo vapor quando iniciei os treinos, e todos trabalhavam duro. Pep, os auxiliares e os preparadores físicos nos vigiavam como falcões e nos motivavam a fazer todas as repetições e a aumentar a intensidade dos exercícios.

“Puyi [Puyol], Andrés [Iniesta] e eu trocamos olhares e pensamos algo como: ‘Uau, olha o que está acontecendo aqui, esses caras estão suando sangue’. Mais importante ainda, eu pensei: ‘Esse é um daqueles momentos em que ou você salta logo para dentro do trem ou ele parte sem você’.”

A estreia de Guardiola no campeonato espanhol, contra o Numancia, fora de casa, foi ao mesmo tempo edificante e caótica. Sua escalação foi: Valdés; Daniel Alves, Puyol, Márquez e Abidal; Xavi, Yaya Touré (Hleb) e Iniesta (Keita); Messi, Eto’o e Henry (Bojan).

O time estava bem fisicamente, mostrava fome de vencer e criatividade, mas também foi desorganizado e ingênuo durante a partida. A bagunça defensiva que permitiu que Mario abrisse o placar derrubou a autoconfiança

dos jogadores e os impediu de conseguir transformar em gol alguma das 27 chances que criaram (seis finalizações no alvo e duas na trave). Assim, o Barça foi derrotado de forma humilhante pelos novatos da liga.

“Há algumas regras para o jogo posicional. Todos nós já as conhecemos e as aplicamos durante todo o verão. Então, estou surpreso por termos jogado assim”, disse Guardiola. “Deveríamos ter vencido, mas jogamos mal. Foi nossa culpa, mas podemos corrigir os erros.”

Na manhã seguinte, os jornais publicaram uma série de e-mails e textos raivosos dos torcedores. Uma pesquisa com leitores naquela semana apontou que os barcelonistas queriam que Messi continuasse como ponta-direita, Iniesta passasse a jogar pela ponta esquerda e que fosse realizada a contratação de Andrey Arshavin, uma das estrelas da Euro daquele ano.

A visão de Guardiola a respeito da necessidade de uma terapia para consertar os erros do time estava totalmente correta. O dia de folga dos jogadores foi cancelado e eles tiveram de participar de um treino tático na manhã seguinte. Infelizmente para ele, haveria uma Data Fifa na sequência, e Pep precisou se despedir dos seus atletas por dez dias.

Por acreditar que tinha um pequeno elenco do Barcelona e também pelo temor de lesões que pudessem ser provocadas pelo gramado artificial, os jogadores que não tinham compromissos com as seleções (Daniel Alves, Eto'o e Sylvinho) não foram convocados para a partida da Copa Catalunha, em Sant Andreu, onde uma equipe mesclada de atletas do time B e jovens da base acabou derrotada por 3 a 1.

Alguns dos torcedores que assistiram àquela partida gritaram e gesticularam ostensivamente contra Joan Laporta, e também contra Guardiola, reclamando de um futebol que começava a parecer apenas uma cópia daquele que custara o emprego de Rijkaard. Quando, em seguida à derrota na estreia, o time apenas empatou em casa com o Racing Santander, os brados de protesto passaram a vir de toda a Catalunha — da torcida e da imprensa.

O retorno de Messi após uma viagem ao Peru, onde havia jogado pela Argentina, fez o craque começar no banco o jogo contra o Racing. Foi de lá que ele saiu para converter em gol uma penalidade, a dezenove minutos do fim,

que poderia ter dado a vitória ao Barcelona. Mas os 54.678 torcedores que foram ao Camp Nou, deixando-o com mais de 40 mil lugares vazios, viram o Racing empatar três minutos depois. Com apenas um ponto conquistado em seis disputados e na 15ª colocação na tabela do espanhol, o alarme soou para todos que pudessem ouvir — menos para Cruyff, que fazia questão de não escutar os clamores e continuar de olhos bem abertos.

“Não sei que jogo vocês viram, mas eu vi uma das melhores atuações do Barça nos últimos anos”, declarou a lenda holandesa a seus leitores na coluna que publicava no jornal *El Periodico*.

“Claro que são apenas dois jogos, um gol marcado (e de pênalti), e as chances criadas pelos adversários entraram. Mas são apenas números. Se pensarmos em termos de futebol jogado, o Barcelona foi bem melhor: excelente no futebol posicional, trocas de passes precisas e em velocidade, e marcação por pressão. Podem tirar suas próprias conclusões, mas para mim parece que a temporada será muito boa. Muito boa mesmo.”

Naquela semana, o Barcelona começou a vencer. Fez 3 a 1 no Sporting Lisboa, em casa, pela Liga dos Campeões, e goleou o Sporting Gijón por 6 a 1, fora. Os jogadores de Guardiola tinham se libertado.

Na rodada seguinte, o Betis foi ao Camp Nou, chegou a estar perdendo por 2 a 0 e foi buscar o empate. Mas em vão. O gol de Eiður Guðjohnsen definiu a vitória *culé* e mostrou que aquela equipe tinha queixos de aço, além de contar com uma poderosa combinação de ganchos e *jabs*. O Barça era imparável.

Em seguida, no dérbi catalão fora de casa, o Espanyol começou vencendo, mas o Barça conseguiu mais uma vitória — por 2 a 1, com um pênalti batido por Messi no minuto final da partida. Agora, já estavam a apenas uma vitória de fazer a primeira investida — pelos seis triunfos seguidos no espanhol — contra a carteira de Guardiola.

Mas antes ainda era preciso enfrentar um enorme desafio fora de casa, em Donetsk, pela Liga dos Campeões. O desempenho do Barcelona na Ucrânia, onde o time perdia até o minuto 87 e acabou saindo com os três pontos, revelou novas camadas de autoconfiança e fé no trabalho realizado. Aquele foi um grande marco para a equipe de Guardiola.

E as vitórias foram se sucedendo: Atlético de Madrid, Athletic Bilbao e um

agregado de 10 a 0 nos confrontos contra Basel e Almería. O Barcelona tinha se transformado num rolo compressor.

Depois do jogo contra o Almería, aquele em que Eto'o marcou três vezes nos primeiros 23 minutos e estabeleceu o *hat-trick* mais rápido dos 109 anos de história do Barcelona, Guardiola se abriu para nós na entrevista coletiva: "A chave para tudo isso é que temos jogadores fantásticos", argumentou. "Nenhum técnico, muito menos eu, opera milagres.

"Ainda na pré-temporada, eu mal podia acreditar na quantidade de chances de gols que éramos capazes de criar. Então, vieram aqueles dois tropeços no início do campeonato, contra Numancia e Racing, que acabaram nos fazendo bem. Contra o Numancia, tivemos o mesmo número de oportunidades de hoje, mas agora transformamos cinco delas em gols.

"Também gosto do nosso ambiente. Olhem para o nosso banco: os reservas comemoram os gols como se eles mesmos tivessem marcado. Isso não é algo que um treinador pode obrigá-los a sentir. Os jogadores sentem ou não sentem, é algo que está dentro deles. E é fácil ver que os nossos têm esse sentimento."

Foi nesse ponto que Xavi voltou a destacar que, na visão dos jogadores, os créditos pelo sucesso deveriam ser divididos com a comissão técnica. "Os detalhes fazem muita diferença hoje em dia e, psicologicamente, estamos fazendo um mestrado com Pep. Tudo é controlado e muito bem preparado. Gastamos muito tempo trabalhando estratégias, táticas e estudando como o adversário vai nos enfrentar. Estamos amando isso."

Mas Piqué, sempre muito confiante, foi o primeiro a dizer aquilo que muitos já vinham pensando. "Temos um time capaz de vencer o campeonato espanhol e a Champions League", afirmou.

Depois da 11ª vitória consecutiva (incluindo todas as competições), o Barcelona fez quatro gols no Málaga, fora de casa, e assumiu a liderança do campeonato nacional.

"O Barcelona vinha de dois anos ruins e, apesar da excelente forma mostrada na pré-temporada, nossos primeiros resultados no campeonato espanhol não foram bons. Os torcedores pararam de vir aos jogos, e o Camp Nou ficou meio vazio. Semana após semana, fomos trazendo as pessoas de

volta, mil em uma partida, mais mil em outra. Agora, eles estão orgulhosos de nós”, declarou Tito Vilanova.

A partir daquela noite, na nona rodada do espanhol, até a conquista do título, o Barça não deixou mais a primeira colocação. Do momento da troca de treinador, com o time falhando demais, um ponto ganho nos primeiros seis disputados e 52 jogos sem liderar o campeonato para o topo da tabela no dia 2 de novembro, de onde a equipe não sairia mais. Nada mal.

Foi também naquela noite que o pai do preparador de goleiros de Guardiola, Juan Carlos Unzué, morreu, aos 84 anos. O funeral seria realizado em 4 de novembro, um dia antes do compromisso com o Basel, que valia a classificação antecipada para a fase final da Champions League. Guardiola imediatamente comunicou aos jogadores que achava que todos, mesmo aqueles que estavam machucados, deveriam viajar os quinhentos quilômetros até a região de Pamplona para acompanhar a cerimônia. Estamos falando do mesmo Guardiola que tenta sempre minimizar o cansaço e o desgaste com viagens de seus atletas, que trata cada mínimo detalhe da preparação da equipe com o máximo de atenção. O elenco todo concordou e viajou para o funeral. Talvez não tenha sido um ato heroico, mas a atitude impressionou e ajudou a promover um verdadeiro espírito de “um por todos, todos por um” entre jogadores e comissão técnica.

Foi um momento decisivo da temporada. De uma temporada em que Guardiola estabeleceu suas normas, aprendidas muito rapidamente, e fixou diretrizes para sua equipe, seus auxiliares, a direção, os adversários, a imprensa e até mesmo para seus familiares.

Todos os jogadores sempre falam sobre como Guardiola se esforça para que eles não se sintam entediados e como faz questão de resguardar o tempo livre de todos. Em troca de dedicação nos treinamentos e de vitórias, o treinador instituiu uma nova e até mesmo polêmica regra: a fim de aliviar a tensão dos atletas e não os fazer gastar energia à toa, decidiu abolir, pelo menos nas partidas em casa, a tão odiada concentração — prática comum na Europa continental e que estabelece que os atletas do elenco devem deixar suas casas e dormir em um hotel na véspera da partida para se preparar melhor para o trabalho do dia seguinte.

Alguns jogadores, principalmente aqueles que têm a casa cheia de crianças ou uma esposa que não entende perfeitamente o grau de exigência do futebol jogado em alto nível, costumam gostar de dormir em hotéis, onde tudo é feito para o conforto dos atletas. Mas 90 por cento dos jogadores consideram a prática, na melhor das hipóteses, um incômodo.

Guardiola também instituiu um treinamento incomum nos dias de jogos. Na verdade, um trabalho leve de aquecimento e uma chance para aperfeiçoar detalhes de última hora, fazendo os jogadores manterem o foco.

Então, nos jogos em Barcelona, após esse treino leve ao meio-dia, os jogadores eram liberados para voltar para casa e só deveriam retornar ao Camp Nou uma hora e meia antes do jogo. Se a partida era disputada às nove da noite no domingo, por exemplo, os atletas teriam valiosas sete horas e meia para curtir o dia em família. É claro que eles adoraram a ideia.

Já nas partidas fora de casa, a prática normal na Espanha é voar ou viajar de ônibus na noite anterior ao confronto. Isso significa mais uma noite de tédio em outro hotel. Para jogadores de clubes como Barça e Real Madrid, assim como Manchester United, Internazionale ou Bayern de Munique, isso significa um importante desgaste extra. Afinal eles já enfrentam as frequentes viagens para jogos da Champions League, para outras cidades de seus próprios países nas copas domésticas e ainda as viagens internacionais para defender suas seleções.

Guardiola decidiu mudar isso. Ainda se lembrava de sua época de atleta, de como essas viagens infundáveis eram entediadas, e de todo o tempo desperdiçado em hotéis, restaurantes e aeroportos. Por isso, mudou a política interna do Barça para os voos domésticos: o grupo começou a viajar na manhã do jogo, passando pelo hotel apenas para um pequeno descanso — e a viagem de volta, se possível, passou a ser no máximo em duas horas após o apito final.

Com isso, o elenco passou a desembarcar no aeroporto El Prat, em Barcelona, de madrugada, entre duas e quatro horas; e às onze da manhã, já era hora de treinar novamente. Pode parecer desgastante, mas o ganho para jogadores e funcionários em relação à rotina anterior foi enorme.

Considerando-se a temporada toda, Messi, Xavi, Iniesta e os outros recuperaram centenas de horas que, no regime pré-Guardiola, teriam sido

desperdiçadas em estádios, nos hotéis, assistindo à TV, com os atletas sentados em um ônibus ou esperando em aeroportos. Para um time como esse Barcelona, não bastava estar fisicamente afiado. Era preciso também estar bem mentalmente a fim de executar o jogo de passes rápidos e muita movimentação. Essa foi uma das grandes inovações da era Guardiola: evitar o tédio, manter os jogadores em ponto de bala, criar obrigações, mas também recompensas. Por tudo isso, é inevitável concluir que a gestão do tempo conduzida por Guardiola foi excelente.

Novembro e dezembro trouxeram uma sequência de jogos que, graças à aleatoriedade da montagem da tabela pela lfp (Liga de Fútbol Profesional), fascinou todos aqueles que curtiam o futebol espanhol. Foi nesse período que testemunhei alguns dos momentos mais brilhantes e mágicos que esse esporte já me proporcionou.

Naquilo que os espanhóis chamam de *liquilla* (a miniliga), todos os principais candidatos ao título tiveram de se enfrentar em sequência. O time de Guardiola teve pela frente a seguinte ordem: Sevilla fora, Valencia e Real Madrid em casa, e Villarreal fora.

Já o Real enfrentou o Sevilla em casa, o Barcelona fora, Valencia e Villarreal em casa (a série custou o emprego de Bernd Schuster). Enquanto isso, o Sevilla, que terminaria na terceira colocação, encarou uma sequência com Valencia, Barcelona, Real Madrid e Villarreal. Imaginem só.

A equipe de Guardiola venceu o Sevilla por 3 a 0, bateu o Valencia por 4 a 0, no Camp Nou, derrotou o Real por 2 a 0, em um espetáculo brutal de pontapés patrocinado pelo novo treinador merengue, Juande Ramos, e por fim aplicou um 2 a 1 no Villarreal, em El Madrigal. Foram 22 dias, doze pontos conquistados, um saldo de gols de 11 a 1 e uma das maiores declarações de amor ao futebol que já presenciei. Foi brilhante. Foi implacável.

Na partida contra o Villarreal, dois jogadores foram expulsos: os ex-companheiros de Manchester United, Piqué e Giuseppe Rossi. O “Submarino Amarelo” chegou a estar na frente, mas Keita e Henry viraram a partida. Henry, que nunca foi uma unanimidade no Camp Nou, esteve sensacional naquela *liquilla*. Além de duas assistências, uma delas para Messi contra o Real, marcou quatro vezes.

“Nós sabíamos que o trabalho de Pep mudaria a equipe, mas aconteceu muito mais cedo do que imaginávamos”, comentou o diretor de futebol, Begiristain.

Um dos marcos daquele período foi a mudança dos locais de treinamento do Barcelona. Com a aprovação de Guardiola, o time migrou dos campos de La Masia para a Ciudad Deportiva, localizada entre o Camp Nou e o aeroporto. Quando o terreno do futuro ct foi comprado, em 1989, Pep era um adolescente convidado pelo presidente Josep Lluís Núñez para acompanhar Cruyff na cerimônia de apresentação do espaço. Depois de duas décadas marcadas por indecisões, disputas jurídicas e problemas financeiros, o projeto enfim ficou pronto.

A mudança para o centro de treinamentos com instalações de última geração aconteceu em meados de janeiro, pouco antes de o Barça enfrentar o Osasuna. José Antonio Camacho, uma lenda do Real Madrid que dirigia a equipe de Pamplona, mostrou que entendia bem o que estava acontecendo com o rival. “O Barça é um time de estrelas que trabalham como operários.”

Na metade da temporada, o Barcelona registrava uma média de três gols por partida (51 em dezessete jogos) e liderava o espanhol com onze pontos de vantagem. Era o melhor primeiro turno da história do clube.

E então veio a gênese de outra das grandes decisões que acabariam construindo a história daquele time. Durante um treino no dia 20 de janeiro, véspera de mais um clássico catalão contra o Espanyol, no Estádio Olímpico de Montjuïc, partida de ida das quartas de final da Copa do Rei, Guardiola ordenou que seus pupilos fizessem um longo exercício de alongamento.

Mas a cabeça de Eto'o não estava no treino. Ele não estava se alongando da forma correta, e Guardiola o alertou sobre isso. O atacante manteve a mesma atitude e respondeu que sempre fazia o exercício daquela maneira. Guardiola retrucou e mandou que ele se alongasse conforme havia sido ordenado. O atacante reclamou e, então, foi mandado para o vestiário.

Na noite seguinte, o camaronês não foi relacionado para o jogo do Barça, um empate por 0 a 0 que encerrou a sequência alcançada pelo time catalão de treze vitórias consecutivas e 28 partidas balançando as redes. Perguntado sobre a ausência do atacante, Guardiola declarou: “Não tenho nada a dizer. Ele é um

jogador exemplar. Essas coisas precisam ser mantidas entre nós”.

Semanas mais tarde, Eto’o conversou com a *Sportsweek*, da França, sobre sua situação: “Odeio os jogadores que fazem um gol e beijam o escudo na camisa. Se recebessem uma oferta multimilionária, pode ter certeza que mudariam de time no dia seguinte.

“Já decidi se vou cumprir ou não meu último ano de contrato, mas ainda não posso dizer nada. Eu não era bem-vindo no Barcelona no verão passado, porque algumas pessoas não acreditavam em mim, mas isso ficou no passado. Provei a mim mesmo do que sou capaz.”

Eto’o acabou reintegrado ao time e marcou na goleada por 4 a 1 sobre o Numancia, mas foi dispensado ao final da temporada. A fim de explicar essa decisão surpreendente, a qual sempre considerei um erro, Guardiola me disse no verão de 2009: “Entendo perfeitamente que as pessoas queiram saber por que isso aconteceu, afinal ele é um jogador maravilhoso.

“De fato, não foi por razões ligadas ao futebol. Foi uma questão de *feeling*. Dentro e fora de campo, ele esteve bem durante toda a temporada. A decisão foi exclusivamente minha.”

Eto’o foi empurrado para a porta de saída do clube e virou moeda de troca na contratação de Zlatan Ibrahimović. Em nenhum sentido, seja técnico ou financeiro, o Barcelona se deu bem com a mudança.

A segunda partida das quartas de final contra o Espanyol foi vencida por 3 a 2, com dois gols de Bojan. Na semifinal, a vítima foi o Mallorca. E, pronto, Guardiola chegou à sua primeira final de copa como técnico — contra o Athletic Bilbao, no Mestalla, um terreno histórico para o Pep atleta olímpico.

A Data Fifa de fevereiro trouxe as estreias de Piqué e Busquets pela seleção espanhola. Um ano e meio mais tarde, ambos conquistariam como titulares o troféu da Copa do Mundo.

Enquanto isso, o time de Guardiola perdia um pouco do brilho e acumulava alguns tropeços — um empate com o Betis e a primeira derrota em casa para o Espanyol desde a Copa do Mundo de 1982.

Então, depois de uma derrota maluca por 4 a 3 para o Atlético de Madrid, em que chegou a abrir 2 a 0 no placar e vencia por 3 a 2 faltando dezoito minutos para o fim, alguns já poderiam imaginar que Guardiola começava a

fraquejar.

Após a partida, em meio à euforia *colchonera* no Vicente Calderón, ele disse: “Primeiramente, quando muitos falavam que éramos superiores a todos e que o campeonato estava ganho, eu sempre alertava que isso não era verdade e que ainda existiam muitos obstáculos pela frente.

“Hoje, quando vencíamos por 2 a 0, tivemos duas ou três chances de matar o jogo, mas as desperdiçamos. Então, começamos a falhar no jogo posicional e não conseguimos nos defender corretamente. São falhas, no entanto, que podemos corrigir.”

Uma vez mais, o jogo posicional tinha sido a fraqueza do Barcelona. E Pep tinha se dado conta disso.

O Barça venceu oito e empatou dois dos seus dez jogos seguintes, que incluíram o retorno da *liquilla* (Sevilla, Valencia, Real Madrid e Villarreal) e, em especial, uma impressionante vitória por 6 a 2 no Santiago Bernabéu.

Este foi o calendário do Barcelona entre abril e maio:

22 de abril: Barça × Sevilla.

26 de abril: Valencia × Barça

28 de abril: Barça × Chelsea, semifinal da Champions League

2 de maio: Real Madrid × Barça

6 de maio: Chelsea × Barça, semifinal da Champions League

10 de maio: Barça × Villarreal

13 de maio: Barça × Athletic Bilbao, final da Copa do Rei

16 de maio: Barça conquista o título espanhol

27 de maio: Manchester United × Barça, final da Champions League

Bom, não tenho como construir neste ponto um enredo de suspense. Vocês já sabem que o Barcelona ganhou as três competições. Mas tentem se colocar no lugar dos jogadores e imaginar a tensão, o desgaste físico e psicológico, as viagens, a celebração por ter humilhado o Real no Santiago Bernabéu, o “belisque-me porque acho que estou sonhando” sentido após a partida enlouquecedora contra o Chelsea, as suspensões e as contusões.

Não tenho como jurar a vocês que nunca houve maneira mais espetacular

de conquistar três torneios em menos de um mês. Mas aqui vai o meu palpite. O que essa equipe — que na temporada anterior se mostrava frágil e entediante — fez com um técnico novato, enfrentando todos os cinco maiores times da Espanha, além de Chelsea, Athletic Bilbao e Manchester United, para ganhar a Tríplice Coroa, representou o mês mais impressionante da história do futebol.

É claro que no meio desse longo teste de força e resistência houve aquele que provavelmente continua sendo o jogo mais controverso da era Pep Guardiola, talvez até da história moderna do Barcelona: a partida de volta da semifinal da Champions League contra o Chelsea, em Stamford Bridge. Foi um confronto extremamente desgastante, tanto do ponto de vista físico quanto do psicológico, por ter sido uma disputa travada durante algum tempo com apenas dez jogadores, e também pelas acusações que o clube sofreu depois do retorno à Espanha.

Imediatamente após essa prova de fogo, o Barcelona empatou por 3 a 3 com o Villarreal e, na sequência, iria encarar a primeira final sob o comando de Guardiola.

O duelo emocionante com a equipe de Manuel Pellegrini levou o Barça a seu recorde de gols marcados em uma edição do espanhol. Mas essa foi apenas uma das marcas históricas alcançadas pela equipe naquela temporada: ela também bateu o recorde histórico de vitórias do clube em um campeonato espanhol, bem como de triunfos fora de casa; além disso, quebrou a marca de gols como visitante na história do torneio, e de número total de gols em partidas oficiais de qualquer time em qualquer temporada — incluindo todas as competições — da história do futebol espanhol. Foi um verdadeiro festival.

Mas aquele empate por 3 a 3 teve também um custo. Uma vitória teria significado a conquista antecipada do título. O Barça chegou a estar vencendo por 3 a 1 e, até o minuto 92, ainda tinha vantagem no placar. Mas cedeu o empate e viu sua festa ser adiada.

Pior sorte teve Iniesta, que sofreu uma pequena lesão muscular na coxa, ficou de fora da final da Copa do Rei e teria de lutar contra o tempo para tentar participar da decisão da Champions League. Éric Abidal, expulso em Londres, recebeu mais um cartão vermelho contra o Villarreal e acabou então suspenso

das duas finais.

A primeira decisão, a da Copa do Rei, foi vencida com uma goleada por 4 a 1 sobre o Athletic Bilbao. No sábado seguinte, Guardiola garantiu o *doblete*.

O primeiro título espanhol “completo” de Pep como jogador tinha vindo com uma derrota por 3 a 2 do Real para o Tenerife, em 1992, com o gol decisivo saindo no fim da partida.

Já seu primeiro título espanhol como técnico foi obtido depois de placar idêntico, mas num cenário diferente — e também com um final dramático: vitória por 3 a 2 do Villarreal sobre o Real, com um gol de Joan Capdevila no último minuto.

Guardiola costuma manter seus jogadores na linha durante toda a temporada. Mas, quando diz que “é hora de relaxar”, os atletas podem acreditar. Apesar de faltar apenas uma semana para sua primeira decisão de Champions League como técnico, ele avisou a equipe de que havia feito todos os preparativos para um jantar especial, ao qual as esposas e namoradas poderiam comparecer se quisessem, mas que seria uma festa para o elenco, com boa comida e permissão para que todos se divertissem.

Eu tinha uma entrevista marcada com um atleta para o dia seguinte, por volta de meio-dia. Faltando 45 minutos para o horário combinado, esse jogador (que não é nenhum dos que vocês devem estar imaginando) me mandou a seguinte mensagem: “Olha, nossa entrevista vai ter que esperar algumas horas. Acabei de chegar”.

Para Pep, era importante que os jogadores conseguissem liberar a tensão depois de terem atingido um objetivo, especialmente se fizessem isso juntos, saindo de todo o processo ainda mais unidos e se sentindo recompensados pelo comandante.

Passados nove minutos da decisão da Champions League de 2009 em Roma, já estava claro que a noite de festa não tinha produzido qualquer efeito colateral. A nova vitória foi merecida e categórica.

O extraordinário reconhecimento de Sir Alex Ferguson de que o gol de Eto'o no nono minuto de jogo “matou” o Manchester e a impressionante cabeçada de Messi foram a coroação em grande estilo de uma temporada perfeita.

Sem Daniel Alves e Rafa Márquez, com Puyol na lateral direita, Yaya Touré fora de posição e escalado na zaga, com Sylvinho (aos 35 anos) na lateral esquerda, e com Iniesta longe de sua melhor condição e prestes a sofrer a lesão que o tiraria dos gramados por cinco meses: ainda assim, o Barcelona foi muito melhor que o United.

Mas antes do jogo em si, Guardiola havia surpreendido seus jogadores. Quando voltaram do aquecimento, eles ficaram intrigados ao verem um grande telão na parede do vestiário. As luzes estavam apagadas, e a tela exibia cenas da temporada do Barcelona intercaladas com a trilha sonora e imagens do filme *Gladiator*, com Russel Crowe. A forma como o Barça se impôs ao Manchester United naquela noite em Roma diz muito sobre o sucesso da ação motivacional.

Não quero aqui ignorar a natureza épica do segundo título espanhol de Guardiola, mas ainda acho que esses doze primeiros meses servem melhor para explicar sua personalidade, sua forma de gerir o elenco, sua visão de futebol e as decisões que o temos visto tomar desde então.

Guardiola, o estreante de 37 anos, herdou um elenco repleto de talentosas estrelas insatisfeitas com egos inflados, mas conseguiu rapidamente colocá-lo nos eixos. Ganhou a confiança dos atletas, exigiu diariamente o máximo deles e os inspirou a irem além dos limites imagináveis. Foi uma conquista gerencial de proporções gigantescas.

Ele ainda foi capaz de estimular, resgatar o desejo de vitórias e comandar esse grupo de homens ao mesmo tempo que lidava com a pressão brutal de administrar um clube especial: essa foi a principal virtude do seu trabalho.

No final daquele ano, em Abu Dhabi, Guardiola desabou em lágrimas inesperadamente ao derrotar o Estudiantes e ganhar o Mundial de Clubes. Isso depois de ter faturado as Supercopas da Espanha e da Europa, além dos três títulos que já haviam sido conquistados poucos meses antes.

Quanto mais seus assistentes tentavam consolá-lo, mais ele soluçava. Foi um momento revelador. O mestre da diplomacia, do controle e da preparação desfazendo-se emocionado em frente às câmeras. Seus auxiliares se aproximaram, Thierry Henry pôs um braço sobre seus ombros... E, então, algo aconteceu. Desconfio do que tenha sido, mas não tenho como provar.

O único jogador que realmente o abraçou foi Zlatan Ibrahimović. O sueco disse algo, provavelmente fez uma piada. Guardiola deu de ombros e, quase instantaneamente, deixou a emoção de lado e olhou com ares de reprovação para o atacante. O que ele falou? Isso teve algum impacto na relação que, hoje sabemos, se rompeu pouco depois? Não é possível saber, só especular.

Devido a algumas desilusões, a conflitos fora de campo e certas contratações equivocadas, algumas pessoas consideram a segunda temporada de Guardiola de certo modo decepcionante. Não é uma opinião da qual compartilho.

Quatro dos seus primeiros sete troféus foram conquistados em 2009/2010 — e cada um deles foi levantado após disputas acirradíssimas. Derrotado em Sevilha na primeira partida da Supercopa, o Barcelona precisou de uma noite mágica de Messi para conseguir um 5 a 3 no placar agregado. Já o título da Supercopa Europeia foi obtido com muito suor, num campo bastante esburacado em Monte Carlo. O Shakhtar Donetsk jogou muito, e foi necessário que Pedro se apresentasse para resgatar o Barça na prorrogação e dar a taça ao clube.

Então, veio o terceiro e mais importante troféu. O Real já havia sido coroado campeão mundial três vezes, mas o Barça deixara escapar os dois títulos que havia disputado, um deles com Guardiola e o *Dream Team*, em 1992. Era, portanto, um momento especial.

O Mundial de Clubes foi mais uma partida que eles poderiam e, provavelmente, deveriam ter perdido. Dias antes do jogo, Guardiola tentou esfriar um pouco os ânimos. “Esse será o dia mais importante da nossa vida? Espero que não, porque todos temos mulheres, filhos e outros familiares em casa. Mas nosso futuro será difícil, tenham certeza, porque não há meio de melhorarmos o que já alcançamos até hoje.”

Se o enfoque dessa declaração foi um pouco estranho, sua preleção antes da partida final contra o Estudiantes foi bem mais afinada com o que estava em jogo. Suas palavras foram: “Se vocês perderem, continuarão sendo a melhor equipe do mundo. Mas, se ganharem, serão eternos”.

A equipe de Juan Sebastián Verón jogou bem até fazer 1 a 0. Com a vantagem no placar, posicionou-se toda na defesa e “estacionou o ônibus”. O

campo não era dos melhores, e os argentinos marcaram com a dedicação de quem temia ir para a cadeia se chegasse a La Plata sem o troféu. A dois minutos do fim do jogo, o sonho de Guardiola completar a série de seis conquistas em seis campeonatos disputados, apesar de não estar morto, já padecia na UTI.

Mas, antes disso, Pep havia colocado Pedro e Jeffrén no jogo, tentando alargar o campo, aumentar o número de jogadas pelas pontas e tornar o time mais vertical. Os quatro defensores foram liberados para avançar e intensificar a pressão. E a estratégia deu certo.

Pedro, um dos melhores em campo, cabeceou para empatar a partida quando o relógio já apontava para o desastre. Na prorrogação, Messi (quem mais poderia ser?) fez o gol do título.

Era difícil não se encantar com esse time, liderado por um ícone do Camp Nou e que conquistava o primeiro Mundial de Clubes de sua história com um gol do maior jogador dos tempos modernos — talvez, até, de todos os tempos. No lance do gol da virada, ao perceber que o cruzamento não viria na altura dos seus pés nem de sua cabeça, Messi se inclinou para a frente, investiu com o peito em direção à bola, como um velocista cruzando a linha de chegada, e a colocou nas redes.

Em meio às lágrimas que misturavam alívio e alegria, Guardiola disse algo revelador: “Meus jogadores são como os atletas do passado”, balbuciou. “Eles já têm tudo, mas continuam jogando, porque amam o que fazem e têm sede de vencer. Sem eles, eu não seria nada.”

Aquela foi uma vitória que ele repetiria em 2011, ao aplicar 4 a 0 sobre o Santos, em Yokohama, no Japão. Mas, na segunda vez, sem direito a lágrimas.

*

A temporada 2009/2010 teve momentos de grande alegria para Guardiola, mas foi também muito mais amarga do que a anterior.

A contratação de Zlatan Ibrahimović, da qual Pep havia participado diretamente, não funcionou. A relação entre o astro contratado e o Barcelona desmoronou em alguns poucos meses. A primeira metade de temporada do sueco foi produtiva, marcada por profissionalismo e, pode-se até dizer,

essencial para a conquista do título espanhol. Seu gol de primeira na vitória por 1 a 0 no clássico contra o Real Madrid, após cruzamento de Daniel Alves, valeu três pontos, justamente a diferença para o arquirrival no final do campeonato.

No começo, a parceria entre Ibrahimović e Leo Messi deu certo. E os gols e assistências foram acontecendo naturalmente.

Quando marcou no clássico de 30 de novembro, Ibrahimović chegou a nove gols e seis assistências na temporada. Além disso, ele havia aberto o placar em cinco das doze partidas do Barça até aquele momento no espanhol.

O sueco terminou a temporada com 21 gols, nove assistências e quatro títulos. Belos números, bonitas estatísticas.

Durante a única entrevista exclusiva que fiz com Zlatan naquele ano, ele me disse: “Quando deixei a Inter, eu afirmei que só iria para o Barcelona porque eles praticavam o futebol mais bonito do mundo, o estilo que os outros times tentarão imitar ao longo do próximo século”.

Isso foi no inverno. Na primavera, em abril, ele já estava dizendo: “Em muitos jogos, fiquei um pouco estático, porque meu papel aqui é diferente do que eu tinha na Inter, quando possuía liberdade total de movimentação. O treinador escolhe a tática, mas ela depende de como os jogadores irão interpretá-la dentro de campo. Desde o começo de março, eu vinha me questionando e me sentindo confuso em relação ao fato de ter parado de me movimentar tanto. Quando decidi deixar de me incomodar com isso, infelizmente veio a lesão”.

Foi triste e talvez até um pouco ridículo que Ibrahimović tenha sido capturado pelo futebol bonito praticado pelo time de Guardiola e, depois de contratado, viesse a questionar o porquê de ter de abandonar seu estilo anárquico em favor do sistema que produzia o tipo de jogo que o havia seduzido.

Depois do Natal, ele foi multado por Guardiola por ter andado de *snowjet* [uma espécie de trenó radical para se locomover na neve] durante a folga, atividade proibida segundo o contrato dele.

Ibrahimović passou a trabalhar menos, a se movimentar menos para receber a bola e a marcar menos. Não foi apenas Guardiola que percebeu,

Messi também ficou frustrado.

A autobiografia do sueco tratou de expor todos os podres da relação, mas a partir do seu ponto de vista. No livro, ele revela que confrontou o técnico sobre as razões de ter que correr tanto nos jogos, reclamou de estar sendo usado de forma equivocada no plano tático e acusou Guardiola de perder a cabeça ante a ameaça de José Mourinho e sua Inter de Milão.

Mas voltando à temporada de Ibra no Barça, depois de dar três pontos ao clube na 29ª rodada do espanhol com o gol da vitória em Maiorca, ele sentiu uma lesão na panturrilha durante o aquecimento para o jogo contra o Athletic Bilbao, no Camp Nou. Bojan o substituiu e marcou duas vezes. Seguiu marcando nos jogos seguintes, com seis gols nas últimas nove partidas, ajudando a equipe a triunfar na apertada corrida pelo título.

Ficou bastante claro que o sueco se sentiu desprestigiado, uma vez recuperado fisicamente, pelo fato de Bojan ter ganhado tanto espaço, e contabilizando os minutos de jogo disputados por ele depois de sua volta, é fácil perceber o que Guardiola achou da reação de Ibra no que dizia respeito a Bojan, um garoto criado em La Masia e muito querido no elenco. Zlatan retornou na 33ª rodada, contra o Espanyol, e jogou 8, 90, 6, 65, 0 e 11 minutos nos seis importantíssimos jogos restantes da temporada. Uma média de trinta minutos por partida numa disputa de título resolvida apenas na última rodada, graças a uma vitória por 4 a 0 sobre o Valladolid em casa e um empate do Real Madrid em Málaga. Não era exatamente isso o que se esperava de um reforço de 70 milhões de euros.

Guardiola sentia que Ibrahimović havia ultrapassado tantos limites (na maioria esportivos, mas também alguns pessoais), apesar de vários avisos e conselhos para mudar de comportamento, que a relação entre eles tinha desaparecido.

No final da temporada, o sueco anunciou. “O treinador está me dispensando. Não temos nenhuma relação. Ele só falou comigo duas vezes nos últimos seis meses.”

Depois que foi negociado com o Milan, Ibrahimović ainda passou muito tempo reclamando de Guardiola, chamando-o de “filósofo” e se fazendo de vítima.

O que ele não admite é que, em meio ao estremecimento da relação, seu agente tratava de provocar o treinador: “Se [David] Villa quer vir para tentar tirar a posição de Zlatan, é melhor ficar em casa. Agora, se aceitar ficar no banco, então é um reforço bem-vindo”, foi o que ele disse em maio.

E no final daquele mesmo mês, afirmou: “Foi Guardiola quem contratou Zlatan. Se ele quer vendê-lo depois de apenas um ano, deveria ser internado em um hospício”.

Enquanto tudo isso acontecia, o técnico do Barcelona usava — talvez de forma equivocada — sua calma e elegância para se referir à situação. “Não me arrependo de ter contratado Ibrahimović. Zlatan tem sido profissional nos treinamentos, mas há também o aspecto individual. E isso sempre conta mais.”

Originalmente, a contratação custou ao Barça 46 milhões de euros, além dos 20 milhões de euros equivalentes à liberação do último ano de contrato de Eto'o. Mas, quando o empréstimo por uma temporada de Hleb à Inter deu errado, houve um acréscimo de mais 2,5 milhões de euros ao valor pago. Então, foram 48,5 milhões de euros em dinheiro mais 20 milhões de euros por Eto'o, além do custo de ver o camaronês liderar a equipe italiana à conquista da tríplice coroa — isso tudo em troca de um jogador de pouca participação após a metade da temporada e que acabou sendo dispensado do clube. Um desastre.

A despesa com os salários de Zlatan também era absurda: 75 milhões de euros por cinco anos de contrato. É claro que o atleta teve sua porção de culpa, mas o Barça e Guardiola falharam feio na escolha realizada. Gente como Ronald Koeman e Ruud Gullit foi consultada antes da contratação — ambos disseram que Ibrahimović havia amadurecido e já deixara para trás a reputação de causador de problemas.

A tristeza, para David Villa, Guardiola, Joan Laporta e os cofres do Barcelona, é que outros erros também haviam sido cometidos. No verão anterior, o Valencia estava disposto a vender Villa, mas o presidente do Barça disse que não pagaria “esse preço” (50 milhões de euros) pelo jogador. A compra do atacante — brilhante, aplicado e muito querido pelos companheiros — teria impedido o “desastre Ibrahimović” e, a meu ver, poderia ter rendido mais uma tríplice coroa ao clube.

Guardiola, então, tratou de ejetar o sueco do elenco. Zlatan foi emprestado

ao Milan com uma cláusula de compra obrigatória, por 24 milhões, ao final da temporada 2010/2011. Para o Barça, esse dinheiro significou apenas uma redução de danos.

“Guardiola nos disse que o problema começou no campo e que percebeu que Ibra estava infeliz por não ter uma vaga garantida entre os titulares, situação nova na carreira de alguém acostumado a participar de times que jogavam para ele. Falei então à diretoria que precisávamos encontrar uma solução para esse problema”, explicou o diretor esportivo Andoni Zubizarreta.

O então vice-presidente Josep Bartomeu completou: “Tivemos uma perda relativa ao valor que investimentos na contratação, mas agora vamos economizar 60 milhões de euros que deixaremos de pagar em salários”.

Mas falemos agora de vulcões. Aliás, para Guardiola o melhor seria não falar. Se tem algo que ele não gosta de ouvir... é sobre vulcões.

Como vimos anteriormente, o Barcelona antecipou a chegada a Londres em maio de 2011 devido à explosão de um vulcão islandês. Na ocasião, tudo deu certo porque o clube estava alerta e tivera tempo suficiente para tomar a decisão mais adequada. Mas, um ano antes, quando o Eyjafjallajökull entrou em erupção e espalhou uma nuvem de fumaça e cinzas a até nove quilômetros de altura, faltavam só sete dias para a semifinal da Champions League contra a Inter e, antes disso, ainda havia pelo caminho o dérbi catalão contra o Espanyol.

O dérbi foi uma partida disputadíssima, o Barcelona teve o menor índice de posse de bola de toda a temporada, e Daniel Alves foi expulso de campo com uma hora de jogo. Concluído o campeonato, Guardiola diria: “Aquele foi o jogo em que ganhamos o espanhol”. Na época, no entanto, pareceu ter sido um ponto ganho a um custo muito alto.

Devido ao clássico, a equipe não teve como viajar à Itália antes da manhã de segunda-feira. E, até lá, o espaço aéreo foi fechado. Os jogadores esperaram e esperaram por uma corrente de vento que dissipasse as cinzas, mas isso não aconteceu. Eis que surgiu a ideia: ir de ônibus para Milão, com direito a uma parada para descanso em Cannes. Sem muitas opções, Guardiola aprovou.

O elenco e a comissão técnica partiram às 14h45 de segunda-feira e chegaram ao Hotel Martinez, em Cannes, para passar a noite, às 22h55. Às dez

da manhã de terça, caíram na estrada novamente para cumprir os 380 quilômetros que faltavam até o Meliá Milano Hotel. A viagem acabou às duas da tarde, quase 24 horas depois de o grupo ter deixado a Ciudad Deportiva, em Barcelona.

“É melhor passar um dia no ônibus que ficar sentado em casa assistindo pela TV aos outros jogarem”, disse, de forma seca, Guardiola. Mas a partida foi um desastre.

Apesar de ter marcado primeiro, o time de Guardiola foi atropelado, com a Inter levando ao limite as condições impostas pelas regras do jogo. A equipe de José Mourinho praticou o estilo de jogo inglês de antigamente, mas com total clareza de propósito. Foi uma das vitórias mais bem construídas pelo técnico português.

A bola foi lançada todo o tempo para a área, sufocando Piqué e Puyol, que não tinham tempo para respirar. A Inter perseguiu o rival como o Barcelona costumava fazer em seus melhores momentos e contou em alguns lances com a sorte e a ajuda do árbitro, que deixou de marcar faltas em momentos cruciais da partida e validou um gol impedido. Contra cães ferozes, o Barça foi apático. O desgaste da temporada, o dérbi catalão e, para completar, a viagem de ônibus minaram sua força.

O jogo de volta ficou marcado pela intensidade da defesa da Inter, pelo polêmico cartão vermelho recebido por Thiago Motta ao empurrar o rosto de Piqué e pela falta de precisão que passara a assombrar o Barça ao longo daquela temporada.

Com 78 por cento de posse de bola, o Barcelona poderia ter feito três ou quatro gols. Mas só conseguiu um, com Piqué. Bojan marcou outro, mas em impedimento, e perdeu também uma chance claríssima. Messi ainda obrigou Júlio César a fazer a defesa do ano.

O caminho para as desavenças da temporada seguinte começou a ser construído quando Mourinho foi até o lugar onde Guardiola dava instruções a Zlatan sobre o que fazer depois da expulsão de Thiago Motta e lhe disse: “Você acha que já acabou, mas não acabou, não”.

No final, Mourinho deu a famosa corrida da vitória para delírio dos torcedores da Inter, que estavam pertinho do céu, no terceiro andar do Camp

Nou — apesar de Víctor Valdés, primeiro verbalmente e depois fisicamente, ter tentado impedi-lo.

A Inter trabalhou muito duro para conquistar a vitória, e ao Barcelona faltou o instinto do predador para decidir o jogo. Isso é tudo. Mas o que a derrota fez também foi trazer à tona a imensa capacidade de recuperação que Guardiola havia injetado em seus jogadores.

Se o elenco poderia ter reagido mal à eliminação europeia, o placar agregado de 15 a 3 nas quatro partidas que faltavam no campeonato espanhol demonstrou que isso não aconteceu. O primeiro jogo pós-Inter era um dos mais importantes, e o Barcelona precisava vencer: contra o Villarreal, no Madrigal. Acabou sendo um passeio, 4 a 1, que representou a quebra no recorde (que era da própria equipe) de número de vitórias em uma só temporada, e também de número de pontos somados em um campeonato de 38 rodadas. A recuperação instantânea do Barça foi um enorme golpe nas pretensões do Real, implacável perseguidor durante o campeonato todo e que imaginava que a derrota para a Inter provocaria estragos no grupo comandado por Guardiola.

Lembro-me do tom e do conteúdo da entrevista coletiva pré-jogo. “Esta temporada já foi excepcional. Eu vinha dizendo há tempos que não éramos imbatíveis, então é lógico que, em algum momento, perderíamos. Acho que até mesmo os Los Angeles Lakers perdem de vez em quando [o time havia conquistado o 16º título da nba naquele ano, e muitos dos jogadores de Guardiola eram obcecados por basquete].

“Nossa campanha na Champions League foi um grande sucesso, mas alguns detalhes nos impediram de chegar novamente à final. Na última temporada, achamos a classificação no último minuto, mas nesta não conseguimos encontrá-la e perdemos por uma pequena margem. Estou muito feliz com o desempenho do meu time. E não ficarei surpreso se pelo menos chegarmos tão longe de novo no próximo ano.”

A série de quatro vitórias consecutivas, encerrada com uma goleada por 4 a 0 sobre o Valladolid, em casa, fez do Barcelona um campeão destruidor de recordes. A Espanha acompanhou, ponto a ponto, a melhor disputa pela taça da história da Liga, e nós descobrimos um pouco mais sobre nosso

protagonista.

A primeira coisa que Guardiola fez ao se sentar para conversar com os jornalistas depois da conquista foi parabenizar o Real Madrid. Comportamento que viria a contrastar com o clima de acirramento de ânimos e provocações que a chegada de José Mourinho ao Bernabéu acarretaria na temporada seguinte.

“Gostaria de felicitar o técnico e os jogadores do Real, porque admiro a atitude que eles todos demonstraram nesta temporada. Sem eles, não teríamos alcançado os 99 pontos e, sem nós, eles não teriam chegado a 96. O futebol que praticaram e a forma como brigaram pelo título honraram a instituição Real Madrid. Quero que saibam que há pessoas neste clube que admiram o que eles estão fazendo. Eles têm sido exemplares”, disse Guardiola.

Pep reclamou da forma como seu time vinha sendo tratado pela imprensa de Madri, mas fez questão de mostrar respeito à equipe do Real, treinada por Manuel Pellegrini. Em seguida, retornou a um de seus temas favoritos: “Há algo de ‘amador’ na personalidade dos meus jogadores. Eles adoram treinar, amam vir ao trabalho e competir. Isso nos deu a força necessária para trabalharmos num ano difícil, em que só pudemos perder uma partida para conquistar a liga”.

Naquelas duas primeiras temporadas, Guardiola frequentemente exibiu a personalidade que precisou retrain um pouco à medida em que se estendeu o seu período no comando do melhor time do mundo. Quem o conheceu bem na época de jogador relata que ele sempre foi extremamente curioso, cabeça aberta, muito inteligente e divertido. Nunca deixou de levar uma vida regrada, tanto em relação à alimentação quanto ao consumo de álcool e à vida noturna, exibindo ainda senso de humor apurado e muito interesse pelas pessoas.

Apesar de todas essas características, prometeu nunca conceder uma entrevista exclusiva enquanto fosse técnico do Barcelona. A regra foi criada porque Pep se considerou traído por parte da imprensa nos piores momentos do fim de sua carreira como jogador do Barça e também porque ele sabia que o tempo gasto para alimentar a faminta máquina de mídia seria mais bem despendido trabalhando para que sua equipe chegasse perto de alcançar a excelência.

Houve algumas exceções. Por duas vezes, o treinador me aceitou em seu escritório para entrevistas que se tornariam um artigo a seu respeito para a revista-programa da decisão da Champions League. Esse foi um privilégio que recebi por estar representando a UEFA, organizadora do torneio. Sempre que o encontrei, a experiência foi fascinante e frustrante. Fascinante porque, quando ele começa a falar sobre um assunto pelo qual é apaixonado, você não tem ideia do rumo que a conversa vai tomar, tamanha é a velocidade de seu raciocínio, a quantidade de informações que possui e sua interpretação única do futebol: Guardiola é um homem brilhante, que merece estar no topo. E frustrante porque o tempo é imensamente curto, e a conversa tem de ser muito rápida.

A televisão exhibe a face de Pep com frequência, mas nossa forma de compreendê-lo depende muito de suas entrevistas coletivas. Antes e depois de cada partida, o então técnico do Barça nos concedia generosos períodos de atenção falando nos quatro idiomas em que é fluente: espanhol, catalão, inglês e italiano. Em razão do agitado calendário do Barcelona, isso significava seis ou sete entrevistas a cada oito dias. As coletivas pré-partida duravam até uma hora; e as posteriores, cerca de vinte minutos. Estamos falando de quatro horas por semana, na maioria das semanas. Inevitavelmente, alguns jornalistas, algumas perguntas que ele não podia ou não queria responder e o próprio ritmo de sua agenda o levavam ao cansaço. Mas, fazê-lo falar sobre futebol pode ser uma forma fantástica de aprender. E, além disso, pode ser divertido também.

Durante a etapa que passou à frente do Barcelona, Pep chegou por exemplo a citar um verso de “Rehab” quando o telefone de um jornalista tocou e tinha a música de Amy Winehouse como ringtone. Houve ainda um incidente particularmente engraçado quando um jornalista catalão foi contratado, por um canal de televisão do Oriente Médio, para entrevistá-lo em inglês. Ele soltou as primeiras frases no idioma, enrolou-se todo e voltou ao catalão para explicar a Guardiola que havia treinado durante a manhã toda. Depois de brincar um pouco com o repórter, Pep mudou de lado e disse: “Não se preocupe com todos esses caras muito inteligentes rindo de você. A próxima coletiva será toda em inglês e quem não seguir essa regra ficará sem resposta

para a pergunta que fizer”.

Depois que Piqué, Puyol e Pepe Reina surpreenderam Fàbregas vestindo-o com uma camisa do Barcelona durante a comemoração do título mundial da Espanha, em 2010, Guardiola foi questionado sobre o comportamento do trio por um repórter da BBC. “Piqué é um cara engraçado”, disse o técnico, rindo e provocando uma gargalhada coletiva na sala de imprensa com o gesto que valeria como complemento para o seu raciocínio, “mas, às vezes, tem um parafuso a menos.”

Sempre haverá alguém enviado a uma entrevista coletiva com ordens expressas de seu editor para formular uma pergunta em que não tem verdadeiro interesse. Imagino que David Ibañez, da Telecinco, estava nessa situação antes do Grande Prêmio da Espanha de Fórmula 1, na Catalunha, quando perguntou a Guardiola: “Quem você quer que vença neste fim de semana: Alonso, Massa ou Hamilton?”.

Pep ficou um pouco perplexo, mas respondeu: “De quem nossos torcedores gostam? Alonso torce para o Real, não é? Então, vou ficar na torcida por Hamilton”.

Nada de muito especial em termos de espirituosidade, mas a velocidade de raciocínio de Guardiola e sua facilidade com as palavras acabaram suavizando o peso de uma faceta do seu trabalho que poderia ser das mais difíceis. Só que toda essa desenvoltura contrastou com a irritabilidade de Pep durante a exasperante temporada 2010/2011.

É óbvio que o treinador se enerva quando está à beira do gramado. Sua rixa com Ståle Solbakken — em novembro de 2010, o Copenhagen compeliu o Barcelona a disputar na Dinamarca aquilo que Pep chamou de “a partida mais difícil, mais intensa e de mais imposição física de minha carreira” — mostra bem isso. O conflito foi uma espécie de prólogo do que viria na sequência, com Mourinho. Solbakken pediu quatro jogos de suspensão para José Pinto, porque o goleiro imitou o som do apito do árbitro e confundiu os jogadores durante um ataque do Copenhagen — os dinamarqueses perderam uma chance clara de gol por acharem que havia sido marcado um impedimento.

Guardiola ficou furioso com a tentativa do colega de obter a suspensão de um jogador do Barça e foi tirar satisfações. Mas enquanto os dois se encaravam

na beirada do campo, a caminho dos vestiários, olho no olho e um se esbarrando no outro — dando a impressão de que a situação poderia se descontrolar a qualquer momento —, algo aconteceu.

Sergio Busquets, quem mais sabia usar a força entre os atletas do Barça, veio em defesa do chefe. Correu em direção a Solbakken, mas acabou sendo contido por Guardiola, que o segurou pelos ombros. A mensagem passada pelo treinador era menos um “não se meta em confusão”, e muito mais um “pode deixar, eu luto minhas próprias batalhas”.

E pensem também nisso: perder em casa para o Hércules na segunda partida da temporada, por mais desagradável e humilhante que tenha sido, causou menos, mas muito menos angústia em Guardiola que a assinatura da extensão de seu contrato com o clube que ele amava e havia tornado verdadeiramente grande de novo. Seu contrato original se encerraria em junho de 2011, mas, durante o verão de 2010, ele já havia acertado verbalmente uma extensão do acordo até junho de 2012. Como sempre, Guardiola insistiu que os novos termos incluíssem todos os membros de sua comissão, como Domènec Torrent e Carles Planchart, que faziam o *scout* dos jogos e cuidavam da montagem de vídeos sobre os adversários da equipe, além de Tito Vilanova, seu braço direito, e os demais profissionais que o acompanhavam — de quem sempre se exigia muito.

Mesmo assim, existia pouca alegria em sua linguagem corporal, e chegava a lhe faltar energia, quando o treinador finalmente tratou com a imprensa sobre a renovação. Em meados de fevereiro de 2011, antes de um empate suado em Gijón, ele falou como um homem desgastado, não particularmente feliz — a milhares de anos-luz de distância do sujeito que tinha assumido o cargo em 2008.

“Simplesmente chegou o momento de deixar de adiar a decisão. Mais do que um ano de prorrogação? Um ano já parece tempo demais para mim. Se pudesse, renovaria por apenas seis meses a cada vez.

“Minha ideia não é ficar aqui por muito tempo. Se tudo correr bem, vamos ver o que acontecerá depois do meu quarto ano de contrato aqui. Quando eu for embora, não será por nenhum motivo específico, mas porque essas coisas acontecem. O tempo desgasta tudo nesta vida. Quando eu perceber que estou

ficando sem forças ou paixão para continuar, será a hora de parar.

“Só há duas maneiras de deixar um trabalho como este: sendo demitido porque as vitórias não estão vindo ou pedindo demissão por achar que se trata do momento certo. Ou ficaremos felizes por continuar aqui com vocês ou perceberemos que chegou a hora e tomaremos a decisão.”

Muitos dos altos e baixos da temporada 2010/2011 serão mais bem descritos em outras passagens deste livro — foi um período especial para jogadores como Leo Messi, David Villa, Éric Abidal e, especialmente, Andrés Iniesta. Mas foi também a temporada em que Guardiola se sentiu mais pressionado e estressado, considerando todo o seu tempo de permanência no comando do Barcelona.

José Mourinho o atormentou muitas vezes nos primeiros doze meses como técnico do Real. Mas de tudo o que o técnico português fez, o que mais perturbou Pep foi a sensação de ver os títulos da liga espanhola e da Champions League ameaçados.

Sem entrar no mérito das escolhas táticas e deixando um pouco de lado o fato de, ao final da temporada, o Barça ter levantado dois troféus e o Real apenas um, os *blancos* fizeram uma pressão estrondosa sobre o time de Guardiola durante os épicos e insanos dezoito dias de decisões — um período digno de “World Series” em pleno futebol espanhol — travadas entre os arquirrivais: quatro clássicos em menos de três semanas, decidindo a liga espanhola, a Copa do Rei e quem enfrentaria o Manchester United na final da Champions League.

Não que Pep seja um mau perdedor, mas ele vive para vencer. E se esforçou demais para manter a filosofia de jogo do seu time. Quando o entrevistei em 2009, em sua primeira fase de grande sucesso, ele falou apaixonadamente sobre a importância de jogar bem e com estilo, a fim de deixar algo para os torcedores. “Vivemos um momento economicamente complicado, e as pessoas precisam fazer um grande sacrifício para assistir a uma partida de futebol. Tudo o que devemos fazer, o esforço, o trabalho, o planejamento, a concentração e a disciplina, adquire um sentido quando pensamos nessas pessoas. A forma como estamos jogando nesta temporada é uma demonstração de respeito a essa gente, que paga pelo ingresso ou para ver nossos jogos pela

TV”, disse Guardiola, no programa da final da Champions League daquele ano.

Depois de vencer a Copa do Rei de 2009, ele também afirmou: “Com tudo o que está acontecendo no mundo, o mínimo que podemos fazer é dar tudo de nós dentro de campo. Tenho amigos que estão sem trabalho, sofrendo com a falta de dinheiro e vivendo com medo. Muitos torcedores do Barcelona estão assim, mas também sentem orgulho de como defendemos o nosso estilo de jogar futebol. Não o abandonaremos. E se, no final, conseguirmos vencer, então o melhor de tudo será vê-los alegres”.

Já no momento de turbulências que vivia em 2011, quando eu lhe perguntei se ele e Alex Ferguson compartilhavam a filosofia de buscar sempre o ataque e dar alegria aos torcedores, Pep foi muito mais prosaico: “Seja treinando um clube gigante ou um time pequeno da terceira divisão, quando se está no futebol o objetivo é um só, ganhar. E ponto-final.

“Se Manchester United e Barcelona compartilham a mesma filosofia a respeito de como jogar futebol, é porque ambos os times acreditam que buscar o ataque é a melhor forma de vencer. A única coisa que nos interessa é conseguir a vitória. Se não fosse assim, se não fosse isso me motivando todos os dias, eu não estaria aqui.”

As duas declarações acima são fiéis ao modo de pensar de Guardiola. Elas se harmonizam, não são contraditórias, mas possuem tons diferentes. A primeira temporada foi um grande barato, alegria total — apesar de desafiadora, foi como surfar uma onda com absoluta confiança na própria capacidade. Mas muitas coisas aconteceram desde aquela primeira declaração: Xavi teve problemas no tendão de aquiles; Puyol, no joelho; Abidal descobriu um tumor no fígado. A vitória continuou sendo motivo para celebração, claro (talvez ainda mais), mas o treinador percebeu que toda aquela dedicação também cobrava seu preço.

Guardiola e seus atletas sempre se nutriram da admiração das pessoas pelo futebol que eles praticavam, das declarações de quem dizia que o time era o antídoto contra o tédio ou as preocupações da vida. Mas, acima de tudo, a sede de vencer do Barcelona não diminuía — mesmo que existisse um preço a ser pago.

O pai de Pep, Valentín, disse a um jornal de Santpedor que sua nora

Cristina muitas vezes precisava buscar o marido no trabalho às onze da noite, já que Pep perdia a hora analisando vídeos e mais vídeos e ponderando sobre a melhor estratégia para a partida seguinte. Não bastasse esse tipo de desgaste, existiam também os problemas com a imprensa, o estresse com os jogos, as contratações e dispensas, as lesões e as relações com a diretoria. Não é de estranhar que Dolores, a mãe de Guardiola, tenha declarado na mesma época: “Ele parece mais velho, está ficando careca e perdendo muito peso por causa do estresse”.

O sucesso, portanto, custou caro, mas também se tornou viciante. A incrível descarga de adrenalina, alegria e satisfação provocada pela suada vitória no acirradíssimo campeonato espanhol de 2011 e a exuberante atuação em Wembley, que valeu o título da Champions League na mesma temporada, renovaram as energias de Guardiola e o convenceram a continuar no Barcelona enquanto tivesse à disposição aquele grupo extraordinário de jogadores.

Depois de receber a medalha de honra do Parlamento Catalão, em setembro de 2011, Guardiola explicou:

“Quero contar a vocês um pequeno segredo. Antes de cada partida, eu mergulho no meu pequeno escritório no porão do Camp Nou e me tranco lá por algumas horas, para assistir aos DVDs que minha comissão técnica preparou do nosso próximo adversário.

“Lá faço minhas análises: o ponta deles pela esquerda é mais rápido que o da direita, os zagueiros não têm tanta qualidade, eles usam bastante a bola longa etc. Observo os pontos fortes e procuro as fraquezas do rival.

“Sempre me pego pensando: ‘O.k., se eu usar esses jogadores aqui, se eu puser Messi ali e outro cara no outro lado, talvez possamos derrotá-los’. E aí acontece o momento ‘eureca’.

“É nesse ponto que me vem aquela fantástica faísca de inspiração; é pela alegria de viver esse instante único que eu sou treinador. Todo o resto faz parte daquela lista de afazeres diários, de uma rotina que todo tipo de trabalho tem.

“Mas esse momento só chega a durar um minuto, às vezes noventa segundos. Alguns dias, preciso assistir a dois DVDs inteiros, mas, por mais tempo que demore, sempre que chego a esse ponto, consigo dizer para mim

mesmo: ‘É isso, vamos ganhar amanhã’.

“Não sei de onde vem essa sensação, mas sei que é sempre o suficiente para me convencer. Vamos ganhar amanhã.”

Pep Guardiola, o homem com a visão. Inalterado pelo poder. Ainda lutando pela ideia de que jogar o futebol bonito não é um caminho apenas para ganhar títulos mas também para definir o seu clube, a sua identidade cultural e o seu lugar no mundo.

Jogos marcantes

ATHLETIC BILBAO: 1

BARCELONA: 4

Final da Copa do Rei, 13 de maio de 2009

SE O FUTEBOL FOSSE previsível e a teoria valesse mais do que o talento, então essa final muito especial da Copa do Rei provavelmente teria tido destino bem diferente.

O time de Guardiola chegou a Valência no dia do jogo. Sua agenda nas últimas semanas havia sido bem extenuante. No fim de semana anterior, o time tinha desperdiçado a chance de conquistar antecipadamente o título do espanhol ao deixar escapar uma vitória de 3 a 1 sobre o Villarreal (o jogo terminou empatado) e, para completar, Andrés Iniesta tinha se somado à extensa lista de desfalques do Barça, que já contava com Thierry Henry, Rafa Márquez e Gabriel Milito, machucados, e Éric Abidal, suspenso. O Athletic Bilbao, por sua vez, atravessava grande fase, com quatro vitórias e um empate nos últimos cinco jogos, e vivia seu sonho particular.

Bem treinado por Joaquín Caparrós e com os futuros campeões mundiais Javi Martínez e Fernando Llorente no elenco, ambos autores de gols na humilhante vitória sobre o Sevilla na semifinal, o Athletic tinha se tornado um time forte e badalado.

Além disso, os bascos pareciam estar levando a Copa do Rei mais a sério. Cerca de 25 mil torcedores viajaram para a final e chegaram bem antes dos catalães — alguns passaram de segunda a quinta-feira bebendo, cantando e proclamando o orgulho de pertencer ao País Basco.

Enquanto isso, os torcedores do Barça tinham coisas mais prosaicas em

mente: trabalho, vida em família, boas noites de sono. Lembrem-se, eles não são conhecidos como a mais fanática das torcidas.

Os jogadores de Guardiola nem treinaram pênaltis “porque chega a ser uma ideia arrogante querer simular o pênalti que será batido depois da prorrogação e com os jogadores pressionados. Não dá para treinar isso”. O importante naquele momento era descansar e aliviar o desgaste do calendário, tanto que eles pegaram o voo para Valência às onze horas, na manhã do dia do jogo.

Por outro lado, os últimos treinos do Athletic foram fechados e arrastaram uma multidão de torcedores — pois uma final deve ser desfrutada. Para completar, quando a bola rolou, os *rojiblancos* logo fizeram 1 a 0.

O time de Caparrós foi o que mais anotou gols em jogadas de bola parada naquela temporada. E foi justamente assim que abriu o placar. David López cobrou o escanteio, Xavi e Keita não alcançaram a bola e Toquero cabeceou para fazer a torcida basca explodir de alegria. O Barça pode até ter sentido o gol, mas Yaya Touré, não. Improvisado na zaga, o marfinense abandonou sua posição carregando a bola, saiu driblando os adversários e chutou de longe para vencer Gorka e empatar a partida.

Foi o que bastou para o Barcelona voltar ao normal. E o normal do Barça significava Messi e Xavi, em sua primeira final juntos, seis anos depois da estreia do argentino, tomando conta da decisão.

Mas retomo aqui o meu argumento. Pelo que se viu antes da partida, o Barcelona deveria ter chegado exausto e prostrado à final, sem forças para acompanhar a correria do Athletic durante os noventa minutos. Só que o que aconteceu foi o contrário. E muito embora na equipe adversária não houvesse tantos craques de renome, ao que parece os jogadores de Guardiola sentiram que, depois de tudo o que haviam vivido — de ter visitado o inferno e retornado de lá durante a semifinal da Champions League, contra o Chelsea, na semana anterior, e ainda sabendo que não havia time na Espanha em melhor forma do que eles —, aquela taça não poderia escapar de jeito nenhum.

Um episódio curioso também me marcou durante a final... Bom, pelo menos eu o achei engraçado. A emissora estatal TVE exibiu a partida ao vivo. Então, quando o rei e a rainha chegaram ao estádio, ao som do hino espanhol,

e foram recepcionados com vaias e provocações pelos torcedores bascos e catalães, a TV rapidamente tratou de cortar a cena e passou a exibir imagens ao vivo do San Mamés, a casa do Athletic.

A emissora foi imediatamente inundada de críticas recebidas de todos os cantos da Espanha. E então se desculpou e durante o intervalo do jogo exibiu o momento em que era executado o hino nacional — em versão editada e com as vaias quase inaudíveis. O lado menos engraçado da história foi que o pobre Julián Reyes, chefe da TVE Esporte, perdeu o emprego no dia seguinte, enquanto o canal tentava furiosamente negar que fora censurado.

O primeiro troféu de Pep naquela sua primeira temporada já estava na galeria. Faltavam mais dois.

ATHLETIC (4-4-2)

Iraizoz; Iraola, Ocio, Amorebieta e Koikili; Yeste, Javi Martínez, Orbaiz (Etxeberria, 62) e López (Susaeta, 59); Toquero (Vélez, 62) e Llorente

BARCELONA (4-3-3)

Pinto; Daniel Alves, Piqué, Yaya Touré (Sylvinho, 88) e Puyol; Xavi, Busquets e Keita (Pedro, 87); Messi, Eto'o e Bojan (Hleb, 83)

GOLS

Toquero 9; Yaya Touré 30, Messi 54, Bojan 57, Xavi 64

CARTÕES AMARELOS

Touré, López, Koikili, Keita e Messi

ÁRBITRO

Luis Medina Cantalejo

PÚBLICO

55 mil pessoas, Mestalla, Valência

4. A MÁQUINA



Preciso dar pelo menos cem toques na bola por partida. Se tivesse que voltar para o vestiário com apenas cinquenta, estaria pronto para matar alguém.
Xavier Hernández Creus

UMA HORA DEPOIS DA VITÓRIA por 3 a 1 sobre o Manchester United, na final da Champions League, eu estava do lado de fora do vestiário do Barcelona, em Wembley, com uma missão inglória. Precisava entrevistar dois dos jogadores campeões europeus para o programa de TV oficial da competição. Ou melhor, precisava que dois dos jogadores que haviam acabado de conquistar um dos títulos mais desejados do planeta deixassem a festa pela conquista do troféu para conversar comigo.

A produção havia preparado um vestiário extra para nós. Só que, para dificultar ainda mais as coisas, os entrevistados não poderiam ser o jogador eleito o craque da partida nem os autores dos gols, que já haviam falado com a UEFA e mostrado o troféu para os torcedores ainda no gramado.

Para minha surpresa, Éric Abidal parou ao passar por mim e me deu um caloroso abraço. Mas disse que preferia não ser entrevistado, porque se sentia muito cansado e emotivo. Tinha ido a campo mesmo após uma cirurgia para a retirada de um tumor no fígado que, a princípio, deveria tê-lo feito ficar longe dos gramados até o mês de agosto seguinte. Além disso, recebera de Carles Puyol a faixa de capitão e o convite para levantar o troféu em seu lugar.

Thiago, que havia sido meu vizinho do sexto andar num edifício de Pedralbes, também parou na saída do vestiário. Mas, após uma conversa rápida e com uma cerveja nas mãos, partiu para o exame antidoping obrigatório.

Enquanto a música e os festejos soavam mais alto, a sempre simpática e atuante assessoria de imprensa do Barcelona tentava atrair um dos vencedores para falar conosco. Nosso tempo era curto, nosso prazo final ia sendo continuamente estendido, e a situação não era nada boa. Outros jogadores apareceram, mas para serem levados até os imensos painéis de patrocinadores onde dariam entrevistas às emissoras detentoras dos direitos de transmissão da Champions League, que haviam desembolsado fortunas por esse acesso exclusivo.

Gerard Piqué, cansado e carregando uma grande caixa de papelão cheia de alguma coisa que não consegui descobrir o que era (cheguei a perguntar se se tratava da rede do gol de Wembley que ele havia cortado para levar de

recordação, mas ele negou), concordou em fazer a entrevista, aproveitando que passaria alguns instantes com o troféu. Fomos então levados a uma sala vazia do vestiário, e aquele foi um momento estranho: o troféu, um vencedor de Champions League que eu conhecia desde que era um garoto das categorias de base, e um espaço vazio, sem qualquer clima de festa — ainda que Piqué transbordasse de alegria. Só que, enquanto fazíamos a filmagem, todos os outros atletas acabaram deixando o local, exceto um: Xavi Hernández.

“Cinco minutos, Xavi, nem um segundo a mais”, implorei, em meio a duas fileiras de repórteres a quinze metros de nós, já imaginando levar um não como resposta. Afinal, ele tinha coisa melhor para fazer naquela noite, e todos o esperavam para sair para a grande festa no Museu de História Natural, em South Kensington — e o último a subir no ônibus da equipe sempre era recebido, digamos, “calorosamente”. Mas, para minha surpresa, ele me olhou e respondeu: “O.k., vamos lá, eu sei que você cumpre sua palavra”.

Então nos apressamos pelo corredor, alcançamos o funcionário da UEFA que já recolhia o troféu por acreditar que a chance de eu conseguir a segunda entrevista era a mesma de receber um cartão de Natal de José Mourinho, e batemos um rápido papo, liberando o craque para embarcar no ônibus que o esperava. Por nenhuma razão específica, a não ser a animação do momento, eu disse a ele quando saíamos do vestiário: “A movimentação de Messi, acompanhando sua corrida, foi excelente e abriu espaço para que você desse a assistência para Pedro”. [Vejam no YouTube: a corrida de Xavi é como a de um quarterback prestes a fazer o lançamento; Pedro está marcado por Nemanja Vidić, mas Messi atrasa o passo e se aproxima de Xavi; Evra acelera na direção do argentino e deixa o espaço livre para que Pedro o ocupe; então, Xavi encontra o buraco que buscava e toca para o atacante, que abre o placar.] Meu elogio é suficiente para ele me interromper: “Cara, eu amo o fato de você adorar nosso futebol”. E para que Xavi, depois, siga falando sobre o primeiro gol da final.

Foi um momento mágico, um vislumbre de tudo aquilo que perdemos — nós, jornalistas, os torcedores, os funcionários e os patrocinadores — quando atletas que saem vitoriosos de uma partida se dispõem a analisar e curtir aquilo que acabaram de fazer dentro de campo.

Quanto a Xavi, ele considera uma coisa normal parar o que está fazendo para conversar sobre futebol. É tão bom em analisá-lo quanto com a bola nos pés. Por isso, tantas pessoas acreditam que se tornará técnico do Barcelona. Não seria a primeira vez que ele iria seguir os passos de Pep Guardiola.

Aquela conversa foi um dos melhores momentos da minha longa carreira no jornalismo esportivo e não poderia ter sido mais discrepante da primeira vez que tentei entrevistá-lo. Foi em 2002, e eu tinha acabado de me mudar para Barcelona. O assessor de imprensa aceitara meu pedido de entrevista, mas disse que ainda precisava checar com o jogador. Naquela época, tudo funcionava de forma diferente, e eu consegui ver Chemi Teres, o assessor do Barça, conversando com Xavi e explicando minha solicitação. Por algum tempo, menos do que costumava demorar para que Xavi encontrasse espaço para um passe perfeito no meio da defesa adversária, pude vê-lo refletindo sobre o tema. E então, consegui ouvir sua resposta: “Nunca ouvi falar sobre ele, não quero dar a entrevista”.

Pobre Chemi, que teve de me trazer a resposta. “Desculpa, mas infelizmente o jogador está muito ocupado. Vamos tentar de novo mais para a frente.” Sem problemas. Chemi é pago para isso, Xavi provavelmente não perdeu o sono devido a essa recusa, e eu vi esse episódio como um incentivo para ganhar sua confiança.

Em Wembley, em 2011, foi diferente. Xavi e o Barcelona estavam em estado de graça. O primeiro gol contra o Manchester United tinha sido o retrato perfeito de Xavi, Messi e do estilo do Barça sob o comando de Guardiola. Quando Iniesta passou a bola a Xavi, ele estava “entre as linhas” (um espaço vazio entre os marcadores do meio-campo e os defensores adversários), sem ninguém para perturbá-lo.

Durante a condução da bola, mudou o posicionamento do corpo, preparando-se para tocá-la em qualquer direção. Mas num dado momento Messi estava estático; e Pedro, prensado por Evra e Vidić. Não havia chance de gol à vista. Só que no instante em que Pedro decidiu atrasar a corrida, o argentino percebeu o movimento e deu três ou quatro passos em direção a Xavi, arrastando com ele Evra e abrindo um corredor para o passe. Vidić, imaginando que o companheiro ainda estava às suas costas, não notou Pedro

avançando alguns metros para sair livre diante de Van der Sar e marcar o primeiro gol do jogo. Pura poesia.

O futebol é cheio de peculiaridades e pequenas ironias. Vejam só esta: quando Xavi ainda buscava espaço no time principal do Barcelona, surgiu a oportunidade de ele se transferir para o Manchester United. O meia refletiu muito sobre a possibilidade, mas decidiu que preferia continuar e brigar por um lugar dentro do clube para o qual sempre torceu.

Imaginem como seria ter Xavi abastecendo Andy Cole, Dwight Yorke, Ruud van Nistelrooy, Wayne Rooney ou Ole Gunnar Solskjær com seus passes teleguiados...

Hoje, Xavi é venerado e considerado um jogador brilhante, visionário, um dos melhores meios-campistas da história da Espanha; mas, entre 1998 e 2002, foi um jovem subestimado, mal utilizado e avaliado de forma equivocada. Ironicamente, seu primeiro problema foi Pep Guardiola.

Xavi estreou pelo Barça contra o Southampton, durante a excursão de pré-temporada do verão de 1998. Em agosto, sob comando de Louis van Gaal, disputou sua primeira partida oficial, a Supercopa da Espanha. A chance veio porque Guardiola e Albert Celades estavam no departamento médico. O meia estava de férias, deitado na areia da praia, quando recebeu uma ligação urgente solicitando que voltasse a Barcelona ainda naquela tarde. Era o destino chamando.

A partida de ida daquela Supercopa, contra o Mallorca, acabou sendo uma derrota desastrosa para o Barça. Mas Xavi fez um gol e deixou boa impressão. Guardiola foi um dos primeiros a elogiar sua “consciência” e “maturidade”, mas ressaltou que trabalharia duro para não permitir que Xavi tirasse seu lugar. E cumpriu essa promessa.

Todos esses fatos aconteceram dentro do período compreendido entre 19 de abril (ainda durante a temporada anterior) e 13 de setembro de 1998, em que o time de Van Gaal não conseguiu uma mísera vitória, fosse em amistosos ou jogos oficiais — até triunfar contra o Extremadura de Rafa Benítez. As coisas não iam bem para os campeões espanhóis.

Em meados de setembro daquele ano, Xavi então estreou na Champions League, em Old Trafford, em um jogo frenético: empate por 3 a 3 com o

Manchester United, que levaria o título — e a tríplice coroa — naquela temporada. Sua primeira partida como titular no espanhol viria no mês seguinte, numa bela vitória por 3 a 1 sobre o Valencia.

Naquele momento, ele parecia estar deixando de ser apenas um *canterano* para se tornar uma grande promessa do time principal. Nessa temporada, participou de todos os jogos da fase de grupos da Champions e disputou 27 partidas na soma de todas as competições — foi o décimo jogador mais utilizado por Van Gaal. No entanto, a volta de Guardiola à boa forma depois de uma lesão na panturrilha, pouco antes da metade do campeonato espanhol, resultou em menos aparições para Xavi.

Não é nenhum desastre para um garoto de dezoito anos ser preterido em favor de Phillip Cocu, Luis Enrique, Rivaldo, Ronald de Boer, Pep Guardiola e Giovanni, especialmente quando ele marca um gol decisivo na defesa do título nacional. O tento de Xavi contra o Valladolid, numa exibição pobre do Barcelona, abriu caminho para uma sequência de dezesseis partidas com apenas uma derrota que valeu ao clube o bicampeonato espanhol. “Quando marquei contra o Valladolid, salvei a pele de Van Gaal”, lembrou, anos mais tarde. “Ele tinha muitos opositores na época, gente que o queria fora do clube. Aquele gol foi o impulso de que precisávamos para ganhar a liga.”

Em abril de sua primeira temporada fazendo parte do elenco principal do Barça, Xavi teve outro compromisso muito importante, mas, dessa vez, longe do clube. Ele, Iker Casillas e Carlos Marchena se tornaram campeões mundiais sub-20 na Nigéria, num torneio que revelou vários jogadores que, de uma forma ou outra, acabariam fazendo parte da história do Barcelona: Ronaldinho, Seydou Keita, Gaby Milito, Rafa Márquez, Ashley Cole e Júlio César. A competição apresentou ainda vários outros nomes que no futuro representariam seus países mundo afora: Robbie Keane, Damien Duff, Danny Invincibile, Brett Emerton, Joseph Yobo, Roque Santa Cruz, Aldo Duscher, Mahamadou Diarra, Simão, Diego Forlán, Idriss Kameni, Peter Crouch, Andy Johnson, Matthew Etherington, Junichi Inamoto, Shinji Ono, Carlos Bocanegra, Tim Howard, Mancini, Juan, Dani Aranzubia, Pablo Couñago, Fran Yeste e Gabri.

No ano seguinte, Xavi, ao lado de Marchena, Joan Capdevila e Carles

Puyol, liderou uma maravilhosa seleção espanhola à final dos Jogos Olímpicos de Sydney. Na partida que valia a medalha de ouro, um empate por 2 a 2 com Camarões, ele marcou um gol e converteu sua cobrança na disputa de pênaltis, mas o título acabou ficando com a equipe de Samuel Eto'o. Então, naqueles dois anos importantíssimos, os primeiros de sua carreira como profissional, Xavi tinha faturado o campeonato espanhol, o Mundial sub-20 e uma medalha de prata olímpica. Um catalão, criado nas categorias de base do Barcelona, evidentemente talentoso e desde cedo bem-sucedido. A vida estava sorrindo para Xavi.

O Camp Nou, entretanto, demorou a se encantar com ele. Xavi se lembra de ter ouvido vaias quando substituíu Guardiola durante os jogos, de ter lido nos jornais cartas de torcedores que o criticavam, ou escutado em programas de rádio que não deveria tentar “expulsar” Pep do território que era dele por direito. O diretor-executivo do clube, Javier Pérez Farguell, chegou a informar pelo menos um empresário de que o Barça estava disposto a negociar o meia — principalmente porque ele não tinha “muito apelo de marketing”. De Iniesta, eles gostavam. Iniesta era intocável. Mas Xavi...

“No começo, as pessoas costumavam fazer comparações entre mim e Guardiola, e eu tentava lutar contra isso”, admitiu Xavi, no aniversário dos dez anos de sua promoção ao time profissional, em 2008. “Foi uma verdadeira batalha conseguir ser valorizado e respeitado pelo meu jeito de jogar futebol, principalmente depois de Van Gaal nos usar na mesma função e nos comparar em entrevistas coletivas. Foi difícil ter de competir contra o meu ídolo. Eu me preocupava com a ideia de estar roubando o lugar dele. Eu idealizava Pep, sua forma de falar, sua liderança dentro de campo. Então, não me sentia psicologicamente bem no início de carreira, apesar de estar contente com o meu desempenho. Mas, aqui neste clube, você precisa ser homem para encarar os desafios. Ou faz isso, ou não serve.”

Martin Ferguson, o chefe dos olheiros do Manchester United, que se deparou com a estreia de Xavi ao analisar os jogos do Barcelona para o confronto entre as equipes na Champions League, tratou de recomendar ao clube inglês que acompanhasse de perto a situação do dinâmico meia catalão. Quando o United foi alertado de que o Barça pensava em negociá-lo, o

interesse por ele já era uma realidade. Foi então que Xavi precisou decidir se cortaria o cordão umbilical ou ficaria no Camp Nou e brigaria por espaço.

Quando mencionei esse episódio, pouco antes da final de Wembley, em 2011, Xavi me disse o seguinte: “Por bastante tempo, eu realmente pensei em aceitar a proposta do United. As coisas não estavam indo bem para mim no Barcelona e eu precisava de uma mudança de ares. Não sei, acho que o clube também pensou em me vender”.

“Sempre senti uma atração especial pelo futebol inglês, e o Manchester United era o meu clube na Inglaterra. Durante boa parte da minha carreira, quando eu era apontado como o sucessor de Pep no meio de campo, o entorno do Barça fazia eu me sentir mal, como uma ameaça que viria a assumir o lugar do lendário capitão.

“Não somos bons em lidar com mudanças por aqui. Eu odiava esse debate que rolava sobre mim e Guardiola. E Van Gaal, ao incentivá-lo, não foi muito cuidadoso, já que eu era apenas um garoto de dezoito anos.”

O pai e os dois irmãos de Xavi, Alex e Óscar, apoiavam a mudança por acreditarem que Xavi só conquistaria o reconhecimento que merecia longe do Barça. “O que acabou sendo determinante é que sou teimoso como uma mula”, afirma. “Cheguei a pensar em ir para o United, mas então cerrei os dentes e disse para mim mesmo: ‘Preciso provar aqui do que sou capaz’. A sorte sorriu para mim quando Pep foi embora.

“Como jogador, eu precisava que ele sáísse, mas adorei quando ele retornou como técnico. Nós sempre nos demos bem, apesar de toda essa rivalidade que criaram entre a gente. Pep sempre me aconselhou e me ajudou a lidar com essa situação. Além disso, passei a saber exatamente o que esperava de mim, porque ele é ótimo nas explicações. Desenvolve as ideias e depois nos comunica de forma brilhante.

“Eu sou um *culé*. Este é o meu clube. Esta é a terceira final de Champions League da minha geração, e não trocaria por nada aquilo que já vivi aqui.”

Outros atletas não seguiram o mesmo caminho de Xavi e tomaram decisões diferentes quando viram aberta a porta de saída. Cesc Fàbregas é um caso clássico até pelo fato de sua repatriação ter sido lenta e espinhosa. Marc Crosas também encontrou obstáculos semelhantes. E houve ainda Mikel

Arteta, basco de nascimento, habilidoso e um produto muito bem-acabado de La Masia, mas que visualizava uma longa linha sucessória à sua frente.

“Deixei o Barça porque Xavi tinha acabado de ser promovido e Pep ainda estava jogando, então não via futuro para mim”, conta Arteta. “Luis Fernández me convidou para tentar a vida no PSG, e aceitei ser emprestado. Foi uma decisão acertada. Ele jogou na minha posição e me ensinou muito.”

A decisão de Xavi de permanecer ajudou-o a se tornar o jogador mais talentoso, consistente e visionário que a Espanha já produziu. Os números dão suporte a essa avaliação: em sua carreira, foram oito títulos nacionais e quatro Champions League pelo Barcelona, duas Eurocopas e os títulos mundiais sub-20 e adulto pela seleção. Ele é também o recordista de jogos pelo Barça e disputou mais de cem partidas com a camisa da Espanha.

Mas o que faz dele um atleta único na história espanhola é o “pacote completo Xavi”: visão, estilo, perseverança, técnica e vontade de vencer.

*

O caso de amor entre Xavi e a bola começou no piso de concreto da Plaza del Progreso, em Terrassa, cidade a cerca de uma hora de Barcelona.

Apesar de ser o menorzinho da turma, era o garoto catalão quem comandava o show e nunca deixava a bola escapar até a rua Galileu, que corre ao lado da praça onde mil peladas foram vencidas e perdidas durante sua infância dourada.

Ele era tão bom que Antoni Carmona, o olheiro do Barça na região, percebeu o talento especial do meia quando ele tinha apenas seis anos. Foram então mais cinco anos perturbando o clube para apostar no garoto. Sua contratação demorou porque Xavi era especialmente pequeno, apesar de, segundo seu técnico Joan Vilà, “já ter aquela capacidade impressionante de nunca perder a bola”.

Quando Xavi ingressou na base do Barcelona, aos onze anos, seu pai passou a levá-lo de carro aos treinos, numa viagem que durava duas horas. Mais tarde, o garoto passou a tomar o trem de Terrassa até o Camp Nou. Ainda no primeiro ano de clube, recebeu seu primeiro pagamento, de 4 mil pesetas

(cerca de 25 euros), levou sua mãe às compras e a presenteou com uma torradeira.

Hoje, a praça onde Xavi deu seus primeiros chutes está diferente. Lá, é possível ver uma placa com a imagem de uma bola coberta por uma faixa vermelha, além da frase “É proibido jogar futebol”.

“Tudo ficou muito legal, muito moderno, mas não pensaram nas crianças, que não podem mais jogar futebol lá”, disse Xavi, em um documentário produzido pelo Canal+. Outra transformação que nos faz lembrar de que o tempo sempre passa mais rápido quando estamos vivendo momentos de felicidade. Num piscar e esfregar de olhos, será o próprio Xavi quem já terá deixado o futebol.

Ele completou 32 anos em janeiro de 2012 e, apesar de ter sofrido com o que os médicos do Barcelona classificaram como um problema “crônico” no tendão de aquiles na temporada anterior, ainda jogou perto de sessenta partidas no ano, contando clube e seleção. Naquele momento, imaginava ter mais quatro ou cinco boas temporadas pela frente. A nós, o que restava então era parar e apreciar um atleta tão especial.

Entre a praça de Terrassa e Wembley em 2011, Xavi percorreu uma jornada repleta de aprendizado, talento, passes preciosos e muitas risadas. “Na nossa casa, quando eu era criança, nós vivíamos e respirávamos o Barça”, ele relembra.

Jogar nas categorias de base do clube significava, para ele, poder assistir às partidas do time profissional de graça, sem, é claro, ter direito a um assento específico no estádio. O que acontecia era que dez minutos antes do pontapé inicial ele e os outros garotos saíam em busca de cadeiras vazias no Camp Nou. “Eu ficava todo feliz quando encontrava um lugar para sentar, mas quando o jogo ia começar um cara aparecia e dizia: ‘Esse é o meu lugar, garoto’. Então, eu tinha que sair à procura de outro assento. Nas partidas mais importantes, acabava sentado na escada mesmo.”

A família de Xavi lhe deu um valioso apoio no começo de carreira. “O pior momento para um jovem jogador é entre os quinze e os dezoito anos. É quando todos os seus amigos estão saindo à noite e namorando, mas você precisa ficar preso em casa. Meu pai jogou profissionalmente na segunda

divisão e por pouco tempo na primeira, o que acabou me ajudando. Ele fazia marcação cerrada sobre mim o tempo todo: ‘Chegue em casa às dez. Você tem jogo amanhã’, dizia. Ele me ensinou a ser profissional desde cedo, com a alimentação, os horários, a atitude. É preciso se sacrificar para atingir o sucesso. Mas eu também tive muita sorte.”

Sim, mas também não se pode ignorar a dose de azar que o acompanhou no início. Louis van Gaal foi seu primeiro técnico no time principal. O holandês teve a coragem de promover o garoto, mas aquele era o momento em que tudo ao redor do Barcelona estava começando a ruir, e o tormentoso final da era Van Gaal, marcado pelas atitudes intempestivas do treinador, teve impacto tão negativo sobre o clube que o mergulhou em um período de cinco anos sem títulos, com muitos problemas financeiros e uma política salarial mal estruturada.

Muito embora Van Gaal possua enormes qualidades em áreas importantíssimas do futebol, ele é também impetuoso e teimoso, e pode tornar a sua vida um inferno caso se volte contra você. Carregava para cima e para baixo uma espécie de caderninho no qual era possível vê-lo rabiscando durante as partidas. “Ele costumava nos classificar com estrelas e depois nos mostrava o caderno para que vissemos o que havia escrito sobre cada um de nós.”

Os dois tiveram uma relação turbulenta. Houve um período em que Xavi, já tendo se estabelecido na equipe principal, foi rebaixado pelo treinador para o Barça B. “Foram algumas das piores semanas da minha carreira”, descreve o jogador. Mas a pior coisa que Van Gaal fez para o talentoso e criativo meia foi insistir na ideia de que ele era, exclusivamente, um volante.

Xavi era então escalado para jogar logo à frente da linha de quatro zagueiros, e muito embora sua habilidade no controle de bola lhe permitisse iniciar em alto nível o jogo de passes do Barcelona, era óbvio que devia atuar mais adiantado no esquema 4-3-3. Vários técnicos passaram pelo clube sem perceber isso até que os bons ventos da mudança chegaram em 2003, quando Joan Laporta foi eleito presidente e restabeleceu a escola holandesa — ou do Ajax — no clube.

“Até a chegada de Frank Rijkaard, eu fui volante por seis ou sete anos”, Xavi confirma. “Eles [os treinadores] me pediam para subir ao ataque e criar os

passes para gol. Mas é difícil fazer isso jogando nessa posição. Dez ou quinze metros mais adiantado no campo, onde atuo hoje, tornam essa tarefa muito mais fácil para mim.

“Nunca tive medo de receber a bola em qualquer situação. Tenho de recebê-la e passá-la cem vezes por jogo. É uma necessidade.”

Pensem em como seu posicionamento mais adiantado parece óbvio hoje, ao olharmos em retrospectiva. Seu antecessor na função foi Guardiola, um jogador mais alto e com maior capacidade para os lançamentos, mas não para os passes curtos. Desde que Xavi foi colocado mais adiante, todos os volantes do Barcelona foram jogadores altos, fortes e de boa capacidade de marcação: Edmilson, Rafa Márquez, Yaya Touré, Thiago Motta e Sergio Busquets. Percebem a diferença entre eles e Xavi, de 1,73 metro? Então, por que Van Gaal, Lorenzo Serra Ferrer, Charly Rexach e Radomir Antić — os que vieram antes de Rijkaard — não notaram isso?

Ainda mais estranho é o fato de que Xavi se acostumara tanto àquela posição que chegou a dizer a Rijkaard que não se via jogando mais à frente. “Aprendi muito com cada treinador que tive, mas acho que o que levarei de Rijkaard para sempre comigo será o fato de ele ter me convencido a mudar de posição. Ele disse que queria me ver dando mais passes para gols.”

Xavi é a luz e a sombra no Barcelona da primeira década deste século. Trata-se da mesma revelação da *cantera* que com o tempo passou a ser celebrado como um dos maiores jogadores do mundo. É um produto do sistema de La Masia? Bem, não há nada mais bonito e badalado do que esse rótulo, mas não podemos nos esquecer de que esse sistema também tem suas falhas.

O meia foi maltratado, quase acabou vendido, jogou na posição errada e durante anos se frustrou com a falta de conceitos e de visão da direção do clube. Eu me lembro da jogada de mestre de Rijkaard ao trazer para o Barça Edgar Davids, uma cria do Ajax, no mercado de inverno de 2004. Davids estreou em um empate sem graça por 1 a 1 contra o Athletic Bilbao: estava visivelmente fora de forma, mas teve momentos de brilho. As tabelas com Ronaldinho desafiavam o apelido de “pitbull” que o holandês carregava, uma redução de seu talento.

Davids e Ronaldinho se entendiam perfeitamente. Não era difícil imaginar Xavi olhando para o lado e pensando: “Então é disso que precisamos para ser uma equipe poderosa e vencedora de novo. É exatamente assim que eu gostaria de estar jogando”.

O time de Rijkaard cairia para oitavo naquela noite caso fosse derrotado e já estava dezesseis pontos atrás do líder do espanhol, o Valencia, de Rafa Benítez. Era uma vergonha. Mas, depois de perderem para o Zaragoza de um inspirado David Villa na Copa do Rei, Xavi, Davids e o Barça só foram batidos uma vez nas vinte partidas seguintes — 1 a 0 para o Celtic, de Henrik Larsson. Foi o suficiente para terminar em segundo lugar no espanhol. E até poderia ter rendido o título, se não fossem duas derrotas nas três últimas rodadas.

Outros dos golpes de sorte a que Xavi se refere é o fato de Rijkaard não ter conseguido convencer seu ex-companheiro de Ajax, Davids, a continuar no clube depois do fim de seu empréstimo. O holandês preferiu os salários mais altos da Inter e deixou o compatriota ressentido. Tão ressentido que o jogador foi recusado por Rijkaard quando, mais tarde, quis voltar ao clube. A saída de Davids permitiu que Xavi, muito embora atuasse no outro lado do meio-campo, assumisse um papel mais destacado no jogo de ataque, nas tabelas com Ronaldinho e, depois, com Eto'o.

No meio da série de vinte jogos mencionada há pouco, aconteceu a vitória sobre o Real, em abril, que sem dúvida nenhuma ajudou na metamorfose de Xavi. Fantasmas foram exorcizados no Bernabéu, ele deixou seu gol — marcado sobre um amigo; rival, mas amigo — e ganhou muita confiança.

Os *galácticos* — David Beckham, Zinédine Zidane, Luís Figo, Raúl e Roberto Carlos (Ronaldo estava machucado) — dividiam o topo da tabela com o Valencia e estavam sete pontos à frente do Barcelona. Uma vitória do Real teria pressionado a equipe de Rafa Benítez e poderia ter colocado um fim na reação do time de Rijkaard. Era o cenário que se desenhava quando Santiago Solari colocou o time da capital em vantagem. Mas Víctor Valdés, ainda jovem e com bastante cabelo, fez ótimas defesas, e Patrick Kluivert conseguiu empatar a partida.

O fantasma exorcizado foi Figo, que provocara uma enorme perda de confiança e de autorrespeito no Camp Nou ao deixar o clube para jogar pelo

Real Madrid quatro anos antes. Uma falta em forma de revide, bastante clara, de Figo sobre Puyol causou a expulsão do português e, com um homem a mais em campo, o Barcelona chegou à virada depois de Xavi receber um lindo passe de Ronaldinho e tocar por cima de seu amigo Iker Casillas.

O Barça terminou a temporada como vice-campeão, e o projeto *galáctico* do Real começou a desmoronar definitivamente. Na sequência da derrota inspirada pela atuação de Xavi, o time da capital perdeu para La Coruña (2 a 0), Mallorca (3 a 2), Murcia (2 a 1) e Real Sociedad (4 a 1). O resultado do clássico e, de forma mais contundente ainda, a absoluta confiança exibida pelos catalães naquela noite marcaram uma mudança no equilíbrio de poder do futebol espanhol — uma transformação cujos efeitos foram sentidos repetidas vezes ao longo dos sete anos seguintes.

“Aquele vitória, com aquele gol no fim definindo a virada no placar, pôs fim à mentalidade vencedora com a qual o Real vinha enfrentando o Barça nas temporadas anteriores”, relembra Xavi.

Em abril de 2010, antes de perder para o arquirrival por 2 a 0, Casillas se curvou ao companheiro de seleção: “Todo ano me perguntam que jogador aumentaria nossas chances de vencer [o clássico] se mudasse de lado, e todo ano eu respondo: Xavi. Ele é fantástico, além de ser meu amigo. A forma como ele controla a bola e a distribui faz dele o melhor jogador do Barcelona”.

O relacionamento entre Casillas e Xavi foi um fator decisivo para a maturação do futebol espanhol, que dominou o cenário internacional nos últimos anos. É claro que a excelência alcançada pela Espanha também deriva de uma série de outras razões, mas o fato de Casillas, um *madridista* que acompanharia o Real das arquibancadas caso não fosse jogador profissional de futebol, ser amigo íntimo de Xavi, um homem dedicado ao Barcelona e símbolo do sucesso do clube, ajudou a aparar arestas e encorajou particularmente os catalães a se sentirem parte verdadeira da seleção.

Xavi é um catalão de primeira geração, orgulhoso do seu “país”, mas não um radical (seu pai, Joaquín, é andaluz). Na comemoração do título da Euro de 2008, em Madri, fez questão de se cobrir com uma bandeira espanhola. Sabia que seria criticado na Catalunha, mas não se importava com isso.

Os dois futuros rivais se conheceram ainda na adolescência. Em 1997,

disputaram juntos o Mundial sub-17, no Egito, e voltaram de lá com a terceira colocação no torneio. Dois anos antes, Xavi, então um garoto de quinze anos, havia impressionado a comissão técnica da seleção espanhola durante um treinamento de três dias. Na época, Casillas tinha só catorze, mas estava a pouco mais de um ano de ser convocado pela primeira vez para uma partida do elenco adulto do Real — viajou para a Noruega como goleiro reserva numa partida contra o Rosenborg, pela Liga dos Campeões. Dois talentos extremos, dois polos opostos na questão do sentimento futebolístico. Essa relação tinha tudo para provocar faíscas. Mas, no lugar disso, eles preferiram compartilhar o gosto pelos trotes nos amigos, os jogos de cartas (sempre vencidos por Casillas) e uma sede insaciável pela excelência, ou melhor, pela perfeição.

Esta é a visão de Xavi: “Nas seleções de base, você conversa mais. Como seus objetivos são idênticos, ninguém ainda conquistou nada e todos têm medo de não atingir suas metas, nós nos abrimos mais, e assim nos aproximamos”.

Xavi e Casillas não têm personalidades idênticas, mas complementares. O *madridista* não é tão despreocupado quanto o meia. Pelo contrário, é mais pilhado e até um pouco mais dedicado que o amigo. Já ouvi o próprio Xavi admitindo que, às vezes, é um pouco preguiçoso; porém, uma vez que entra no ritmo de trabalho, torna-se incrivelmente determinado — seja nos treinos, nos jogos ou na busca por algum objetivo pessoal.

Casillas, por sua vez, tem o perfil do trabalhador irrepreensível, sente sempre a necessidade de dar o exemplo e odeia perder.

Mas o catalão me revelou o seguinte: “Não se deixe enganar por essa ideia de que Iker é um cara supersério. Pelo contrário, ele é muito brincalhão e adora sacanear os outros. Tenho o privilégio de ser seu companheiro de equipe e amigo desde que tínhamos dezesseis anos.

“Ele é um verdadeiro torcedor do Real, e eu defendo o Barça até a morte, mas somos amigos e companheiros de seleção. Nosso vínculo inspira as pessoas normais a esquecerem as diferenças entre elas e se unirem no apoio à seleção. Não entendemos de política ou economia, mas fazemos nossa parte como jogadores de futebol.

Xavi costuma dizer: “Se nós tivéssemos mais do espírito do Real, teríamos

vencido mais vezes a Champions League. Não sei exatamente o que esse clube tem, mas eles sempre mostraram uma capacidade incrível de vencer, mesmo quando não jogam bem”. E o meia também dizia com frequência que os jogadores do Real eram pretensiosos. Em Casillas, encontrou a primeira característica, mas não a segunda. Gostou do que viu e tratou de tentar aprender com o amigo.

Mas a dupla também sabe ser chata nas cobranças quando quer. Em 2010, fui convidado para acompanhar a palestra que o supervisor de arbitragem da Fifa deu à seleção espanhola, em Potchefstroom, África do Sul. A conversa com Horacio Elizondo, o argentino que expulsou Zinédine Zidane na final do Mundial de 2006, durou uma hora. Enquanto o ex-árbitro falava, Cesc Fàbregas e Gerard Piqué — a “turma do fundão” na sala — pouco se preocupavam, brincavam de dar estalinhos nas orelhas dos companheiros de time e não paravam de atirar bolinhas de papel nos colegas sentados mais à frente.

Mas ao final da palestra, Elizondo perguntou o que todos tinham achado. Casillas, o capitão espanhol, cedeu então a palavra a Xavi, o vice-capitão, que disse em alto e bom tom: “Ficamos aqui durante uma hora ouvindo sua explanação sobre como as regras serão interpretadas e aplicadas, o que é legal. Mas agora queremos que você leve uma mensagem a Sepp Blatter. Diga que a Fifa não está molhando os campos suficientemente nem deixando a grama baixa como deveria, o que está favorecendo o futebol defensivo [a Espanha foi uma das últimas seleções a estreiar na Copa e, naquele momento, já se discutia o baixo número de gols e os jogos pouco divertidos a que o mundo estava assistindo]. Se ele quer bom futebol e partidas que entretenham as pessoas, diga para que cuide dos gramados”.

Elizondo deu meio passo para trás enquanto Xavi falava. O recado estava dado.

Xavi e Casillas sempre marcam posições, e isso já pôde ser notado no Mundial sub-20 que conquistaram juntos em 1999, na Nigéria. Apesar de uma febre alta que lhe custou quatro quilos e o fez dormir com agasalho de treino mesmo sob os 39 graus de um clima escorchante, o meia (que não costuma ter sorte com a saúde naquele continente, já que contraiu conjuntivite no

Mundial sub-17 no Egito e teve uma terrível crise alérgica na Copa das Confederações na África do Sul) brilhou na vitoriosa campanha espanhola. Antes da final, Michel Platini e Óscar Tabárez visitaram a concentração da Fúria e, de acordo com o elenco, deram a entender que Xavi havia vencido a Bola de Ouro, oferecida ao melhor jogador do torneio, e que Gabri tinha ficado em segundo. No entanto, na hora da premiação, o troféu principal ficou com Seydou Keita; a Bola de Prata foi para Pius Ikedia, da Nigéria, eliminada nas quartas de final; e Xavi e Gabri nem sequer estiveram entre os três primeiros. Indignada, a seleção espanhola abandonou a festa e foi comer em uma pizzaria.

Sua participação na seleção espanhola é importante para compreendermos o sucesso de Xavi no Barça, porque foi algo que o ajudou a superar uma das poucas deficiências que possuía: a falta de autoconfiança.

Ele sempre foi determinado, muito talentoso, bem condicionado fisicamente, inteligente e visionário — mas de modo algum arrogante. Ter terminado em terceiro, primeiro e segundo seus três primeiros grandes torneios na seleção não só o ajudou a se desenvolver, como também a suportar os anos difíceis de seu início no Barça, pois o fez perceber do que era capaz.

“Ganhar o Mundial [sub-20] em 1999 serviu como catalisador para toda uma geração de jovens espanhóis, que perceberam que podiam sim almejar os maiores títulos. Foi muito importante para todos nós”, foi o que me disse durante a Copa do Mundo de 2010.

Guardiola sabia de forma inata o que era preciso para se conquistar os maiores títulos enquanto jogador. Xavi sempre tivera as mesmas habilidades que seu futuro colega de time: começou a carreira muito bem, mas teve o azar de, ao contrário de Pep, que logo passou pelas mãos de Cruyff, não ter sido treinado por um gênio desde o início. Precisou, então, desenvolver sua confiança da maneira mais difícil, para só então igualar as conquistas de Guardiola — e, posteriormente, superá-las.

“Assim que comecei a jogar nas seleções de base, logo senti a diferença. Você passa a ser tratado de forma diferente no clube, os técnicos adversários prestam mais atenção no seu futebol, e você começa a ser mais cobrado nas partidas. É algo que faz você se sentir prestigiado e mais estimulado. Você percebe a diferença”, explicou Xavi, na comemoração do seu centésimo jogo

pela seleção.

Jogar pela Espanha moldou Xavi e, até por isso, é justo que ele tenha retribuído, oferecendo tantas alegrias a seu país. E, como já dissemos, seu desenvolvimento na seleção foi fundamental para que ele alcançasse o nível que passou a exibir pelo clube.

O meia tivera desempenho excelente na conquista do título espanhol de 2005, o primeiro troféu do Barça em cinco anos, mas a grave lesão no joelho (ruptura do ligamento cruzado) sofrida em dezembro daquele ano fez com que ele começasse no banco a final da Champions contra o Arsenal, em maio de 2006, em Paris. E quando chegou o momento da Copa do Mundo da Alemanha, o catalão ainda não estava em sua melhor forma.

Já havia quem começasse a pensar que Xavi daria continuidade a um velho problema do Barcelona e da Espanha: contar com jogadores talentosos, mas frágeis fisicamente. A verdade, no entanto, é que Xavi seria a solução para esse mal, e eram apenas as circunstâncias que vinham adiando essa certeza. Quando a Eurocopa de 2008 chegou, ele estava pronto para brilhar, apesar do grande declínio que seu clube vinha sofrendo.

Durante uma entrevista naquela época, às vésperas do torneio, ele me falou sobre o orgulho de ter colocado em xeque a ideia de que “tamanho é documento” no futebol. Aquela seria a primeira vez que os “baixinhos” passariam a comandar o show sob o comando de Luis Aragonés. Assim que eu cheguei para a cobertura da competição, ouvi a seguinte declaração de um funcionário da federação espanhola: “Agora que Guti e, principalmente, Raúl não estão mais conosco, o clima ficou um milhão de vezes melhor. Algo grande pode acontecer neste verão”.

Iniesta, David Silva, Fàbregas, Santi Cazorla, Xavi e até David Villa eram jogadores relativamente baixos que estavam proporcionando à Espanha um novo patamar de desempenho e confiabilidade. Nenhum deles tem mais de 1,75 metro. E alguns são consideravelmente menores do que isso.

Treinada por Guus Hiddink, a Rússia foi uma das adversárias da Espanha na primeira fase. Andrey Arshavin não participou dos dois primeiros jogos por causa de uma suspensão por cartão vermelho recebido nas eliminatórias, mas voltou na última rodada, contra a Suécia. O baixinho russo, então, acabou com

o jogo: participou do primeiro gol, fez o segundo, acertou a trave e ganhou o prêmio de craque da partida. Nas quartas de final, foi ainda melhor: com um gol e uma assistência, despachou a Holanda. Antes do reencontro entre espanhóis e russos, agora por uma vaga na final, entrevistei Xavi. E ele estava encantado.

“Achamos outro cara baixo que pode dominar o mundo”, brincou. “Eu nunca havia ouvido falar em Arshavin antes do torneio, e ele é incrível. É mais um exemplo de como o futebol é o esporte dos caras inteligentes, não dos grandões que conseguem correr o dia todo.” Na sequência do campeonato, no entanto, Xavi arruinou o dia do pobre Arshavin (não seria a última vez) com um gol e uma bela performance na vitória por 3 a 0 na semifinal.

Minha tese é a seguinte: a partir daquele dia, as atuações de Xavi nas partidas mais importantes da Espanha e do Barcelona foram históricas. Na final da Euro de 2008, em Viena, ele foi de longe o melhor em campo e deu uma grande assistência para o gol de Fernando Torres contra a Alemanha.

No primeiro encontro com o Real na temporada 2008/2009, foi ele quem bateu o escanteio que Puyol desviou para Eto'o marcar. No segundo clássico, distribuiu quatro assistências na histórica goleada por 6 a 2 no Bernabéu. “Eu joguei em Madri várias vezes e nunca me senti tão superior a eles quanto naquele dia”, confidenciou, anos mais tarde.

Na final da Copa do Rei de 2009, Xavi partiu do meio-campo para marcar o quarto gol contra o Athletic Bilbao. Diante do Manchester United, no mesmo mês, foi eleito pela UEFA o melhor jogador da decisão da Champions League — deu um delicioso cruzamento, cheio de curva, para Messi cabecear e vencer Edwin van der Sar.

Na vitória por 2 a 1 na partida de ida da Supercopa Espanhola, em Bilbao, ele marcou um e deu o outro gol para Pedro. Quatro meses depois, foi Xavi quem colocou a bola na área para que Piqué acionasse Pedro, que marcaria o gol de empate a dois minutos do fim no Mundial de Clubes (o sexto título do Barcelona naquele ano). O clássico do Bernabéu naquela temporada também viu outra grande atuação do meia: 2 a 0 para o Barça, com duas assistências suas, uma para Messi, outra para Pedro.

Na Copa do Mundo, ele foi eleito o craque do jogo duas vezes e deu um par

de assistências — a mais importante, o escanteio para a cabeçada de Puyol na semifinal. Xavi foi o jogador que mais tocou a bola na competição (669 vezes) e também o que mais passes certos distribuiu para seus companheiros (599, com 89 por cento de acerto).

O Mundial de Xavi foi tão bom que o então presidente da UEFA, Michel Platini, solicitou ao comandante da federação espanhola, Ángel María Villar, que pedisse a camisa número 8 usada pelo meio-campista na decisão no Soccer City como recordação. “Não tive como dizer não”, declarou o craque.

“Fiquei muito feliz com o presente”, afirmou Platini, antes da final da Champions League de 2011. “A inteligência e o comportamento dentro e fora de campo fazem de Xavi o jogador de futebol ideal. Eu amo vê-lo jogar.”

Talvez a performance de Xavi nos grandes jogos tenha sido um pouco mais discreta ao longo da temporada 2010/2011. Mesmo assim, ele ainda fez um gol no clássico (terminado em 5 a 0) contra o Real, contabilizou uma assistência na Supercopa e outras duas na semifinal da Copa do Rei, e deu o passe maravilhoso para Pedro abrir o placar sobre o United em Wembley.

Avançando até a final do Mundial de Clubes de 2011, em Yokohama, encontramos outra grande atuação em um momento decisivo, com direito a uma assistência diante do Santos.

Depois daquela extraordinária vitória dos catalães por 5 a 0 no clássico no Camp Nou, em uma noite chuvosa e de frio congelante em novembro de 2010, a relação entre Casillas e Xavi ainda era suficientemente forte para permitir que as mães de ambos, convidadas a falar em um programa de rádio depois do jogo, se derramassem em elogios pela beleza, dignidade e humildade do filho da respectiva companheira de transmissão. Nada indicava que, seis meses mais tarde, a relação entre eles teria se azedado a ponto de o goleiro e o meia se desrespeitarem em campo durante o mais venenoso clássico daquela série histórica de quatro jogos em sequência entre Barça e Real.

Os amigos de longa data pararam de conversar e trocar mensagens por celular. O gesto de paz e reconciliação de Casillas foi dado por meio dos jornais: “Eu não deveria ter gesticulado daquele jeito, mas quando nos encontrarmos de novo vou brincar com ele, chamando-o de tonto, e tudo ficará para trás”.

Casillas é um sujeito impressionante, que diz o que acha que deve ser dito

— e não guarda ressentimentos. Não é um acaso que sua promoção ao posto de capitão da Espanha tenha coincidido com um período em que, independentemente das vitórias dentro de campo, o grupo de atletas da seleção se uniu e mostrou grande sede de vitórias.

Já a reação de Xavi ao crescimento da animosidade foi bem mais contundente. Enquanto Real Madrid e Barcelona trocaram insultos e apresentaram uma série de reclamações dirigidas um ao outro, concluídas com queixas por escrito enviadas à UEFA, o meia não mediu as palavras.

Chamou as reclamações do Real contra o Barcelona de “lamentáveis”, falou abertamente sobre as queixas feitas à UEFA e disse ser patético que “todas essas coisas estejam acontecendo no mundo do futebol”. Pareceu claramente endereçar suas críticas também à diretoria catalã, cujos protestos não o convenceram. Não teve medo de contrariar quem quer que fosse.

Durante o tempo em que trabalhei na Espanha, Xavi sempre foi um entrevistado generoso e fascinante. Alguém com sua inteligência, seu comportamento e sua dedicação ao trabalho nos faz escrever e transmitir o futebol com alegria. Ele ocupa o primeiro escalão entre os melhores meios-campistas europeus de todos os tempos e é, provavelmente, o melhor jogador espanhol da história. No entanto, não se considera sequer o espanhol mais talentoso do Camp Nou. O meia costuma dizer que “Iniesta é o mais completo jogador espanhol” com quem já jogou. É por isso que Xavi ficou desapontado, mas não muito, quando foi derrotado na eleição para a Bola de Ouro, em janeiro de 2011, prêmio que teve como finalistas os três mosqueteiros do Barça e que acabou nas mãos de Messi.

Primeiramente, ele considera o argentino o melhor jogador da história. Além disso, não só acha que “Andresito” tem qualidades que ele não possui, como também entendeu o peso do gol (do título) marcado pelo colega na final da Copa do Mundo, principal competição no período daquela eleição. Para ele, provavelmente mais importante do que sua posição na disputa foi o pódio formado por três crias de La Masia.

“O que me faz mais feliz é que jogadores como Leo, Andresito e eu provam que o talento é mais importante do que a força física no futebol moderno.

“Eu sou um jogador de equipe. Individualmente, não sou nada. Jogo ao

lado dos melhores, e isso me faz um jogador melhor. Dependo dos meus companheiros de time. Se não escaparem da marcação, eu não consigo tocar a bola para eles e me torno um jogador menor.

“Não acho que Messi queira comentar esse tema, até por respeito aos jogadores que vieram antes dele, mas acredito que ele é o melhor de todos os tempos. Leo nasceu na Argentina, porém foi educado aqui, é como se fosse daqui. O Barça é uma escola de futebol, mas também uma escola da vida, onde você aprende os valores que eu acredito que sejam os corretos. Leo é um produto desse processo. Aqui, os jogadores são ensinados a se comportar e a respeitar. Tenho muito orgulho de pertencer a essa escola.”

Xavi, ao longo do tempo, ganhou vários apelidos. O já falecido Andrés Montes, excêntrico comentarista de rádio e TV, costumava chamá-lo de “Humphrey Bogart”. Os telespectadores achavam que era porque o jogador tinha o mesmo olhar triste do clássico ator norte-americano. Mas, na verdade, a origem era uma alusão à frase clássica do filme *Casablanca*: “Play it again, Sam”. Para Montes, era como se Xavi sempre jogasse “de novo, de novo, de novo”, já que, com seus toques precisos, fazia a bola do Barcelona e da seleção espanhola rolar de pé em pé.

Já a maioria dos jogadores o chama de “Maki”, uma redução do termo “máquina” em espanhol. Até parece um apelido prosaico e “industrial” demais para um jogador tão criativo, mas quem o chama assim costuma fazê-lo de maneira positiva e carinhosa. Xavi está sempre trabalhando, sorrindo e motivando alguém. É um moto-perpétuo, seus passes parecem sair de uma linha de produção incessante. Ele não para nunca, como uma máquina.

“Durante o jogo, a maioria dos jogadores costuma gritar ‘Máquina’ ou ‘Maki’ quando querem que eu toque a bola. Só Messi e Daniel Alves gritam ‘Xavi’ mesmo”, conta o jogador.

“Se fico dois minutos sem receber a bola, já começo com um: ‘Ei, pessoal, estou aqui, olhem para mim, estou livre’. Para mim, não há como jogar de outra maneira. Se fosse para ser diferente, preferia ficar em casa. Preciso dar pelo menos cem toques na bola por partida. Se tivesse que voltar para o vestiário com apenas cinquenta, estaria pronto para matar alguém.”

Eis, então, Xavi: divertido de ver jogar, ótimo no convívio pessoal. Um

jogador sublime e um grande homem. Um futebolista que personifica tudo o que deu certo no FC Barcelona ao longo das últimas duas décadas.

“Sou torcedor do Barcelona desde que me conheço por gente”, reflete. “O que está acontecendo agora e a forma como estamos jogando são uma festa permanente para quem torce por este clube.

“Ao longo dos anos, comprei relógios, joias e todo tipo de presente para a minha mãe. Mas, como ela ama futebol, provavelmente as melhores coisas que já lhe dei foram a carteirinha de sócia do Barcelona e o carnê de ingressos para que ela pudesse ver ao vivo tudo isso acontecendo.

“Sou romântico em relação ao futebol e concordo com a tese de Johan Cruyff de que devemos travar uma batalha pelo futebol bonito. Respeito muito José Mourinho, mas os treinadores que ficarão para a história são Guardiola, Sacchi, Cruyff e Alex Ferguson. Esses são os caras que deram um passo além e reinventaram o futebol. Eles são os vencedores.”

DANIEL ALVES: ESTILO S/A

QUANDO O BARCELONA PAGOU 30 milhões de euros por Daniel Alves em 2008, muita gente reclamou do preço da negociação. O que rapidamente veio à tona é que, além das evidentes qualidades futebolísticas, o clube havia contratado também o estilo de vida do jogador, que iria provocar um grande impacto no vestiário.

Ele é agitado, engraçado, um cara cheio de alegria de viver, qualidades e atributos que andavam em falta no Camp Nou ao final da passagem de Frank Rijkaard pelo clube. É claro que nenhum centavo pago ao Sevilla tinha como contraprestação direta as piadas, dancinhas ou o sorriso contagiante do lateral — tudo isso foi uma espécie de bônus do negócio.

O Barcelona precisou vencer uma batalha contra o Chelsea e outros clubes para ficar com o brasileiro. O time catalão o desejava, porque acreditava que Daniel Alves poderia se adaptar perfeitamente à velocidade de pensamento e à movimentação que Lionel Messi começava a demonstrar em campo. E a expectativa se cumpriu. É difícil deixar de concordar que o brasileiro foi o jogador do elenco *culé* que melhor se entrosou com o astro argentino.

Os impetuosos avanços de Daniel Alves pela direita atraem a atenção da marcação adversária, e o foco passa a ser aguardar por uma finalização ou um cruzamento produtivos. Mas resumi-lo a essas ações seria subestimar outras características de seu futebol.

O brasileiro adora tabelar em espaços apertados, principalmente se a jogada acontece em velocidade. Ele e Messi muitas vezes fizeram esse jogo do “você acham mesmo que conseguem nos cercar?” contra três ou quatro marcadores e, na maioria das ocasiões, saíram por cima. Quanto menor o espaço, mais os dois artistas tratavam de saborear a peripécia.

Um exemplo dessa brincadeira de trocas de passe entre os dois se deu na esmagadora goleada por 5 a 0 sobre a Real Sociedad, em 2010. Dani Alves e

Messi começaram a tabelar perto da linha do meio-campo e avançaram até a entrada da pequena área, de onde o argentino chutou para marcar o gol. Foram três passes de cada um, sempre com marcação cerrada da defesa, e mesmo assim, ninguém conseguiu detê-los.

Os dois produziram outra de suas obras de dupla autoria na vitória de virada por 3 a 1 sobre o Real Madrid, no Bernabéu, em dezembro de 2011. No terceiro gol, Messi carregou a bola pelo centro, viu Daniel Alves passar livre pelo corredor direito e tocou para o brasileiro cruzar na cabeça de Fàbregas.

Todas as características do brasileiro — sua atitude, seus traços físicos — passam a impressão de que ele foi descoberto e desenvolvido pelo sistema das categorias de base do Barcelona. Dani tem tamanho e porte físico semelhantes aos de Xavi, Iniesta e Messi, além da mesma crença, compartilhada entre todos no clube, de que jogadores pequenos e talentosos são melhores que atletas grandões e fortes.

Até quando o jogo acaba, Daniel Alves é sinônimo de diversão. Chegou a ir à zona mista conversar com os jornalistas usando um espalhafatoso casaco de veludo, camisa e calças brancas, gravata estreita e sapatos de bico fino. Um show de estilo. Também foi o cara que, quando perguntei sobre Xavi, deu esta incrível resposta: “Eu e você vivemos no mesmo planeta, mas Xavi veio de outro mundo”.

O time de Pep Guardiola teria sido menos espetacular se não tivesse podido contar com Daniel Alves — e o restante do elenco teria se divertido muito menos.

5. A TEORIA DA EVOLUÇÃO



Quando Cruyff e eu assumimos o comando do Barcelona, decidimos instaurar aqui o futebol que havia nos inspirado. O futebol de Rinus Michels. Mas não se engane, foi difícil conseguir.

Charly Rexach

SE OS 175 MIL sócios do Barcelona formassem uma fila e, dia após dia, massageassem seus pés cansados, cozinhassem seu jantar e arrumassem sua cama; se eles carregassem seus tacos de golfe pelo campo de dezoito buracos do clube na montanhosa Montanyà; ou se lhe entregassem 50 por cento de seus salários, mesmo assim, ainda não seria o bastante como forma de retribuição a Johan Cruyff por tudo o que ele fez por quem é apaixonado pelo Barça.

Sem ele, não haveria Pep Guardiola, Messi, Xavi e Andrés Iniesta. Eles teriam sido considerados muito lentos e muito pequenos — serviriam no máximo para futebol de botão.

O gênio de Amsterdã criou as condições que permitiram que esses jogadores incríveis fossem reconhecidos e se tornassem símbolos dos valores do Barcelona. Sem Cruyff, esta história que estamos contando simplesmente não existiria.

Mas a verdade é que a fase mais vitoriosa da história do Barcelona também tem a marca do dna do holandês: a forma de treinar e de jogar, a forma de recrutar jogadores e integrantes da comissão técnica e a valorização do entretenimento apenas um nível abaixo da necessidade de vitória na lista de prioridades do clube. Por isso, soa tão absurdo que parte dos torcedores do Barcelona tenham se acostumado a usar termos depreciativos ao se referirem ao homem nascido Hendrik Johannes Cruyff.

Até o fim da vida, em março de 2016, Cruyff se ressentiu muito do tipo de catalão que historicamente reivindicou, em alto e bom som, que o Barcelona precisava superar o Real Madrid e conquistar a Europa, mas que no íntimo se satisfazia com os fracassos, que lhes davam combustível para nutrir a própria mentalidade perdedora e continuar reclamando e criticando.

Talvez um homem que tenha contado entre suas máximas a de que “se eu quisesse que vocês entendessem, teria explicado melhor” não se preocupasse muito com sua reputação ou com o fato de tantos não compreenderem suas ideias. Talvez. Até porque aqueles que menos entendiam de futebol — além dos que o invejavam — que costumavam ser os mais sarcásticos ou histéricos em relação a ele.

Um exemplo de como Cruyff inspirava esse desconcertante mal-estar era a

relação entre ele, um gênio do futebol dentro de campo e na análise do jogo, e o presidente Sandro Rosell. Os dois viviam como gato e rato, sempre prontos para disparar críticas e ataques recíprocos.

No início da presidência de Rosell, Cruyff foi questionado sobre o acordo de patrocínio com a Qatar Foundation, que previa a inédita exposição da marca de uma empresa na camisa de jogo do clube. “Ele e seus diretores estão destruindo o respeito do mundo pelo FC Barcelona. Criar esse respeito é tarefa difícil. Destruí-lo é simples.”

Os conflitos começaram logo que Rosell assumiu o comando do Barcelona e anunciou que o estatuto do clube não previa a existência do cargo de presidente honorário. O título, equivalente ao que Alfredo di Stéfano ostentava no Real Madrid, havia sido conferido por Joan Laporta ao holandês em março de 2010, pouco antes do fim de seu mandato. Logo na sequência, Laporta perderia a corrida eleitoral para Rosell — seu antigo aliado, que se tornara crítico do seu trabalho e um inimigo declarado.

Algumas semanas depois da vitória esmagadora de Rosell no pleito, a diretoria colocou como assunto de primeira importância a destituição imediata de Cruyff e sugeriu a realização de uma eleição com os sócios para definir se o cargo deveria existir. Na manhã seguinte, enquanto Rosell concedia uma entrevista coletiva, Cruyff foi ao Camp Nou e devolveu o distintivo de honra que havia recebido na cerimônia de posse, em abril. “Essas coisas demoram muito tempo para serem conquistadas e pouco para serem devolvidas”, disse o holandês. “Se essa posição é tão importante que virou prioridade da primeira reunião da nova diretoria, então é óbvio que sou uma pedra no sapato de alguém que está lá. Por isso, vou sair do caminho.”

Rosell falou sobre o caso: “Obviamente, qualquer um faria o mesmo. Se sabe que ocupa um cargo inexistente, então é natural que você o deixe. Ninguém quer ficar numa posição que não existe. Imagino que ele esteja analisando a situação com seus advogados”.

As desavenças entre os dois desceram ladeira abaixo e começaram a atingir a instituição como um todo. Meses depois do primeiro atrito, Cruyff disse que o Barcelona havia deixado de pagar a contribuição usual para sua fundação, que cuida de crianças deficientes — um episódio indigno da história recente do

clube.

Na minha opinião, a contribuição de Cruyff para o Barcelona como instituição é muito maior que a de qualquer outra pessoa. Ele provocou grande impacto no Camp Nou em duas oportunidades: quando foi contratado como jogador, em 1973, e quando assumiu o comando técnico do time, em 1988.

Sua fase como atleta do Barcelona foi menos espetacular que o período como treinador. No entanto, ela contém um episódio notável, que mais uma vez sugere que o acaso (a sorte, o destino, o “imponderável”) costuma ter papel fundamental na forma como os grandes acontecimentos se desenrolam.

Em fevereiro de 1974, Cruyff liderou o Barça rumo a um histórico 5 a 0 sobre o Real, no Santiago Bernabéu. Para muitos catalães, a goleada foi ainda mais especial porque representou o último prego no caixão de *El Caudillo* Franco, o déspota que governou a Espanha com punhos de ferro entre 1939 e 1973 e que morreria no ano seguinte. Durante todo o governo Franco, o Real esteve sempre próximo do centro do poder, o que transformou o clássico disputado com o Barça em algo muito maior do que um simples jogo de futebol.

Mas, qual a real importância de Cruyff na façanha? O primeiro encontro dos dois times naquela temporada, no Camp Nou, duas semanas antes de sua estreia, terminou sem gols; a final da Copa do Rei, também sem a presença do holandês, foi um humilhante 4 a 0 em favor do Real. Ou seja, o time da capital só não se deu bem contra seu maior rival no jogo em que o Barcelona contou com o reforço do homem que mudaria sua história.

Garotos daquela época, como Joan Laporta e Sandro Rosell, sentiram-se extasiados e inspirados pelo triunfo por 5 a 0, momento que permanece eternizado na história do clássico. Cruyff só pôde vestir a camisa do Barcelona naquele dia graças à sua forma única de tratar as coisas. Antes de se transferir para a Catalunha, o holandês foi oferecido pelo Ajax ao Real. A proposta espanhola já estava aceita, quando o jogador interveio. “Não gosto de como as coisas estão sendo feitas, tudo pelas minhas costas... E, para ser honesto, sempre gostei de uma confusão”, foi sua explicação para recusar o negócio.

Então, no meio daquela primeira temporada com o Barcelona, que terminaria com o título, veio o esperado encontro com o Real. Só que seu

primeiro filho, Jordi, estava previsto para nascer justamente no dia do clássico, 17 de fevereiro. “Jamais vou esquecer essa partida. Era o dia programado para o parto. Mas decidimos adiantar o nascimento de Jordi em uma semana e fazer uma cesariana para que eu pudesse jogar.

“Honestamente, até aquele dia, eu não tinha percebido como o clima no Barcelona era influenciado pelo clássico contra o Real. O impacto de uma vitória como aquela, por goleada, me ensinou muito sobre o Barça e, provavelmente, fez que eu me sentisse envolvido com o clube pelo resto da vida.”

E se a cesariana não tivesse acontecido? É quase certo que não teria havido também o 5 a 0. Sem a goleada, Cruyff teria se conectado tanto com o clube? E Laporta e Rosell... teriam percorrido o mesmo caminho que trilharam?

Enquanto ele jogou ou treinou o time, o Barcelona conquistou muitos títulos, mas não é apenas por ter enchido a sala de troféus do clube, e sim pela maneira como as vitórias foram construídas, que Cruyff deveria ser venerado pelos catalães — e não objeto de queixas variadas ou, em casos extremos, de um sentimento de ódio.

Sua maior realização foi ter instaurado não apenas uma filosofia no Camp Nou, mas também sua espinha dorsal. Sejam quais forem os nomes envolvidos (de jogadores, técnicos, presidentes), caso o Barcelona continue selecionando seus atletas (de qualquer idade) e treinando-os da mesma maneira concebida pelo holandês, o futebol praticado pelo clube seguirá sendo atraente, bem-sucedido e difícil de enfrentar. E não se enganem: o mundo do futebol ainda está colhendo os frutos das sementes que foram plantadas em 1988.

Sem Cruyff, não teria existido o *Dream Team*. Sem Cruyff, não existiria a prolífica e organizada *cantera*, treinada para a prática de um 4-3-3 voltado para o ataque. Sem Cruyff, não haveria lugar para Joan Laporta, o mais vitorioso presidente da história do Barça. Sem Cruyff, não teria chegado a vez de Frank Rijkaard, que fez ressurgir um clube sufocado em sua própria estupidez. Sem Cruyff, não haveria Guardiola; o técnico catalão afirma que não teria recebido a chance de jogar pelo time principal se não fosse a visão do holandês e de seu braço direito, Charly Rexach.

E desde a implantação de suas ideias, inúmeros discípulos de Cruyff

passaram a ocupar, no Barcelona, os cargos voltados para o treinamento e desenvolvimento dos atletas, e também os da gestão administrativa do clube. Pessoas como Guardiola, Tito Vilanova, Andoni Zubizarreta, Guillermo Amor, Eusebio Sacristán, Juan Carlos Unzué, Óscar García, Sergi Barjuán e Rexach são ótimos exemplos.

O que dizer então dos repetidos ataques ao homem de Amsterdã? Cruyff sempre teve de confrontar a acusação de que gostava muito de dinheiro — um argumento risível e hipócrita, já que jogadores com uma pequena fração do seu talento recebem 400 mil euros por mês ou até mais. Além disso, os críticos do holandês, se pudessem ganhar tanto quanto ele, provavelmente teriam se dedicado muito mais a esse propósito.

Uma anedota sobre sua carreira pode resumir bem a situação. Cruyff sempre conheceu o próprio valor — sem se deixar levar pelo ego inflado que contamina muitos jogadores atuais — e sabia como tirar vantagem dessa consciência apurada.

No começo dos anos 1980, depois de uma passagem pelos Estados Unidos e outra pelo Levante, retornou ao Ajax como diretor. Mas não aguentou a distância dos gramados e decidiu voltar ao campo de jogo mais uma vez. O resultado foi mais uma série de títulos, com destaque para a conquista do campeonato holandês e da Copa da Holanda em 1982/1983. Logo depois, no entanto, o presidente Ton Harmsen considerou que o jogador de 36 anos estava velho e se recusou a lhe oferecer um novo contrato.

Cruyff, indignado, decidiu retaliar e se mandou para o Feyenoord, o principal rival do Ajax. O clube não tinha dinheiro suficiente para pagar seu salário. Ele, então, desenvolveu um plano para que o time de Roterdã pudesse bancá-lo. A ideia seria recompensar Cruyff pelo público extra que viesse a comparecer nos jogos do Feyenoord. Quando o número de espectadores no De Kuip, em uma partida, superasse a média corrente até então de 10 mil torcedores, o dinheiro dos primeiros mil ingressos extras iria para o clube. A partir desse ponto, todo o restante da arrecadação com bilheteria seria dividido meio a meio entre time e jogador. Ou seja, caso uma partida do Feyernoord viesse a ter 20 mil pagantes, o clube ficaria com o dinheiro de 15.500 ingressos. A grana dos outros 4500 bilhetes iria direto para os bolsos de Cruyff.

O holandês adorava lembrar que “era normal enchermos o estádio com 40 mil pessoas, o que representava um sucesso econômico para o clube e para mim. Melhor ainda, ganhamos a copa e a liga. Então, gostei muito daquela temporada”.

Quanto a cobrar valores para falar com a imprensa ou em eventos patrocinados, a prática teve início quando ele ainda atuava como jogador e sofria um bombardeio de pedidos para entrevistas. Para afastar a maioria das solicitações — boa parte delas de empresas pouco interessadas no que ele tinha a dizer e apenas desejosas de explorar sua fama, a fim de faturar um pouco mais —, decidiu cobrar para ser entrevistado. Os veículos ou profissionais que ele conhecia, de quem gostava ou que acreditava merecerem um tratamento diferente, não precisavam pagar: faziam o pedido, aguardavam a vez e então podiam se divertir (ou passar por um grande teste) ao conversar com o holandês. De certa forma, esse sistema foi mantido até o fim de sua vida — acesso gratuito aos veículos conhecidos, de credibilidade ou que divulgassem a Fundação Johan Cruyff (para crianças com deficiência).

Durante a era Laporta, Cruyff foi convidado para ocupar uma posição que o futebol espanhol chama de *asesor* — seria uma espécie de consultor do Barcelona. Mas ele não aceitou o cargo e explicou sua recusa em uma coluna no jornal *La Vanguardia*: “Laporta me ofereceu essa função, mas eu lhe disse que ela é ingrata. Você trabalha, mas, no fim, só recebe críticas; e críticas por uma decisão que nem foi você quem tomou. Quando converso com Frank [Rijkaard] ou Txiki [Begiristain, diretor esportivo], expresso minha opinião e digo o que faria se estivesse no lugar deles. Normalmente, são conversas sobre assuntos hipotéticos. Mas, quando falamos sobre algo de concreto e não chegamos a um consenso, eles mantêm a decisão original e fazem do jeito deles. É assim que tem que ser.

“Laporta, como meu amigo que é, pode me pedir todos os conselhos que quiser. Mas nada está mais distante da verdade do que dizer que sou o homem por trás de todas as decisões esportivas deste clube.”

No entanto, durante a presidência de Laporta, os conselhos de Cruyff foram tão valiosos quanto se ele efetivamente estivesse no poder, tomando as decisões. Ou até mais...

Antes de tudo, um fator que sempre incomodou os críticos de Johan Cruyff na Catalunha era sua nacionalidade. O gênio não era catalão, mas holandês. E, naquela parte do mundo, existem os reacionários que creem profundamente na superioridade catalã.

Além disso, muitos se ressentiam do fato de ele ter poder demais, ou influência demais, e responsabilidade de menos. Cruyff foi demitido do seu último cargo assalariado no Barcelona em maio de 1996, mas sua visão, seus conselhos e suas críticas continuaram fazendo parte do cotidiano do clube por anos a fio.

Para completar, seu hábito de ser sincero e dizer sempre o que via e pensava fez com que o holandês colecionasse inimigos. O problema não era seu ponto de vista ser brilhante, mas o fato de muitas vezes se opor ao de tantas pessoas. E se ele se desentendia com alguém, sabia ser impiedoso com o desafeto em suas participações na televisão ou colunas de jornal.

Apesar de tudo, as decisões fundamentais que ele tomou quando retornou ao clube como treinador continuam sendo seu legado mais importante — mais do que o campeonato espanhol que ganhou em 1974 ou a libertação psicológica que proporcionou ao Barça com a conquista inédita da Copa dos Campeões da Europa de 1992.

É óbvio que o momento supremo da carreira de Cruyff como jogador deveria ter se concretizado na Copa do Mundo de 1974, quando a Holanda apresentou ao planeta a ideia do “futebol total”, transformando-se na seleção favorita dos apaixonados pelo jogo. Três décadas mais tarde, na primavera de 2004, perguntei a ele sobre aquele episódio, sobre a dor de ter perdido a final para a Alemanha, a rival mais odiada dos holandeses. Sua resposta foi interessante: “Não me chateio; na verdade, é possível que esse desfecho tenha sido ainda melhor. Jogamos um belo futebol durante todo o caminho até a final e chamamos atenção do mundo todo para a Holanda e nosso estilo de jogo. Nossa derrota provocou uma onda de simpatia por nossa seleção e a escola holandesa de futebol. Perder dessa maneira talvez tenha nos dado mais coisas boas do que ruins”.

À primeira vista, essas palavras podem soar como desculpas ou um delírio autoimposto, mas há algo que precisa ser entendido: Cruyff sempre defendeu

o princípio básico de que há duas formas de jogar futebol: a certa e a errada. Para ele, é essencial que o futebol seja praticado com inteligência, estilo, técnica e visão. Sua bíblia prega que se sua primeira preocupação for aprimorar o domínio e o toque de bola, as vitórias e títulos virão naturalmente.

Seu trabalho no Camp Nou entre 1988 e 1996 pode ser destrinchado em três aspectos: ele conquistou títulos, remodelou as categorias de base e, acima de tudo, desenvolveu uma filosofia que já não faz parte apenas do dna do Barcelona, mas também da cultura futebolística generalizada na Espanha.

Os troféus? Eles ficam para a história. Os títulos espanhóis foram conquistados em algumas oportunidades na última rodada do campeonato, provocando a humilhação do Real Madrid, o Golias no embate contra o David-Cruijff. Das quatro conquistas em competições da UEFA, a mais importante foi a obtida depois da vitória sobre a Sampdoria, de Luca Vialli e Roberto Mancini, na final da Copa da Europa de 1992.

A filosofia de jogo foi seu legado mais importante. Os conceitos que são fundamentais para o sucesso do Barcelona até hoje pareciam ter vindo de outro planeta quando foram introduzidos no clube.

Contratado do Ajax em 1988, Cruyff desembarcou em um clube que fora campeão nacional apenas duas vezes nos 28 anos anteriores. O Real Madrid estava no meio da era Emilio Butragueño-Hugo Sánchez, que lhe rendeu cinco títulos consecutivos da liga. A geração da “Quinta del Buitre” representou um período glorioso, em que a equipe da capital espanhola foi liderada por jovens formados em casa, cheios de talento e identificação com a torcida, como Butragueño, Manuel Sanchís, Martín Vázquez, Michel e Miguel Pardeza. É, a história se repete. Mas, muitas vezes, muda de lado.

O Barça terminou a temporada anterior à chegada de Cruyff na sexta colocação, mas apenas dois pontos acima do décimo, apesar de ter sido finalista da Copa da Europa sob comando de Terry Venables apenas dois anos antes.

Na metade de sua primeira temporada no clube, Cruyff declarou: “O passado estava repleto de ódio e inveja entre quase todos no clube. No dia em que cheguei, alguns jogadores ainda queriam acertar algumas contas do passado. Eu tive que dizer a eles que o treinador é quem manda no vestiário, não os atletas. Por mais estranho que possa parecer, isso soou como novidade

para eles”.

“Havia falta de disciplina dos dois lados [jogadores e diretoria]. A situação era tão ruim que a diretoria mantinha uma espécie de sala de reuniões no meio do vestiário.”

Ou seja, eram muitos os conflitos que precisavam ser solucionados por Cruyff — que, por sua vez, sempre pareceu se alimentar de embates e repor energias à medida em que provava que seu ponto de vista era o correto. Em meio à insatisfação e às contrariedades que caracterizaram os primeiros meses do seu trabalho, no entanto, o holandês começou a construir as fundações de sua obra, tanto para o futuro imediato do clube quanto para o longo prazo. A fim de compreendê-las, precisamos conhecer melhor Charly Rexach.

Assim como Gerard Piqué, Rexach nasceu na endinheirada comunidade de Pedralbes — um local que conta com várias embaixadas e faculdades particulares, o clube de tênis real e onde mais recentemente se estabeleceu também a residência da filha do rei.

Franzino, mas bastante técnico, o ponta-direita Rexach marcou quase duzentos gols em mais de seiscentas partidas pelo Barça e conquistou seu único título espanhol em 1973/1974, ao lado de Cruyff. Ambos tiveram o prazer de serem treinados pelo brilhante e inovador Rinus Michels, que dirigiu o Barcelona entre 1971 e 1975, e tornaram-se discípulos do pai do “futebol total”.

Em 1988, Rexach virou o braço direito de Cruyff. Assim como aconteceu com Brian Clough e Peter Taylor ou John Lennon e Paul McCartney, a parceria não durou para sempre. Mas a contribuição do catalão para o clube foi extremamente significativa.

Foi Rexach quem lutou para convencer a diretoria de que o pequeno tamanho do adolescente Messi não seria um problema diante do seu grande talento. Ele também assegurou que as categorias de base se mantivessem fiéis às ideias de Cruyff mesmo depois da demissão do holandês.

Quando eles retornaram ao Camp Nou pela primeira vez, em 1988, foi como se estivessem tirando o clube das trevas. “Quando Cruyff e eu assumimos o comando do Barcelona, decidimos instaurar aqui o futebol que havia nos inspirado. O futebol de Rinus Michels. Mas não se engane, foi difícil conseguir”, explicou Rexach.

“Nós nos deparamos com uma cultura no Camp Nou em que os torcedores criticavam e vaiavam um jogador de defesa quando ele recuava a bola para o goleiro, ou um ponta quando chegava à linha de fundo e não cruzava, independentemente de haver ou não algum atacante dentro da área para aproveitar a jogada.

“Nossa primeira missão foi encontrar e contratar jogadores que tivessem as qualidades de jogo que buscávamos e que entendessem a nossa filosofia, além de educar aqueles atletas que tínhamos herdado no próprio clube. Mas um subproduto desse processo foi que educamos também os nossos torcedores. Tudo deu certo a partir do momento em que deixamos claro que existia uma filosofia básica no nosso trabalho e que não iríamos abdicar dela.”

Hoje em dia, o Camp Nou é praticamente um teatro. Os jogadores do Barça já chegaram a dizer que gostariam de contar com uma torcida mais semelhante à inglesa ou irlandesa, pronta para gritar em apoio ao time do início ao fim da partida, pressionando adversários. No entanto, os que estão no clube há mais tempo já entenderam que, para agradar os fãs do Barcelona, precisam vencer e produzir um espetáculo de futebol.

Mas em 1988, além de o público vaiar quando a bola não era rapidamente jogada para a frente, para muitos dos tomadores de decisão dentro do clube “não era possível jogar da forma como queríamos”, segundo Rexach.

Como as categorias de base ainda não produziam os jogadores desejados, Cruyff e Rexach tiveram de se lançar ao mercado com astúcia. Naquela temporada, contrataram alguns nomes que seriam vitais para a conquista de dois títulos espanhóis e mais duas taças europeias nos primeiros quatro anos do técnico holandês: Txiki Begiristain, Eusebio, Julio Salinas e José Mari Bakero, todos capazes de praticar o futebol de toques rápidos característico do Ajax — além de abrir espaços nas defesas rivais e pressionar muito o adversário. Outros grandes reforços, como Hristo Stoichkov, Ronald Koeman e Michael Laudrup, foram adicionados ao elenco posteriormente.

Eles construíram um time que, desde o início, se compunha de jogadores que possuíam os requisitos técnicos necessários para suas posições e sabiam como se relacionar com as características dos companheiros de equipe. Depois, quando o clube passou a contar com artistas talentosos — como Laudrup,

Begiristain, Stoichkov, Amor e Guardiola —, Cruyff começou a lhes pedir que trocassem de posição durante as partidas. Dessa forma, Stoichkov, um atacante central de origem, caía pela ponta, permitindo que Laudrup ocupasse seu espaço, num movimento que viria a ser conhecido como o do falso 9. Os laterais se tornavam pontas, e o volante — o *pivote* na cultura espanhola, aquele que costuma se posicionar à frente dos quatro defensores — recuava para atuar como uma espécie de zagueiro auxiliar. Resultado: um futebol mais fluido e muito mais difícil de marcar. A chave para o sucesso do Barcelona.

Cruyff e Rexach nunca afirmaram estar inventando um estilo de jogo. Ambos admitiam abertamente que estavam adaptando e fazendo evoluir os conceitos que haviam aprendido com Michels, os mesmos que muita gente acredita terem sido introduzidos no futebol europeu pela grande Hungria dos anos 1950. Mesmo assim, a dupla do Barcelona era pioneira à sua maneira. Cruyff construiu um ambiente no clube que encorajava a experimentação, a ousadia e o pensamento não ortodoxo, desde que fosse mantida a estrutura básica de troca de passes, valorização da técnica, manutenção da posse de bola e “alargamento” do campo de jogo.

A maioria dos jogadores que brilharam tanto naquele *Dream Team* tende hoje a considerar que o Barça de Guardiola era melhor em talentos individuais, mais forte defensivamente, tinha a mentalidade mais evoluída e um recurso incomparável: Messi, um jogador mais espetacular que qualquer atleta que Cruyff comandou. Contudo, Cruyff e Rexach precisaram reeducar astros do futebol da época, impondo-lhes um sistema de regras, especialmente no que diz respeito ao jogo posicional, que era bastante rigoroso, inovador e duraria mais do que a passagem de cada um deles pelo clube. Alguns entenderam as regras relativas a posicionamento, toques de primeira para a criação de espaços, ultrapassagens e marcação por pressão melhor do que outros. Koeman, que havia recebido uma educação de primeira linha na Holanda, foi um deles. Guardiola, outro — talvez por ter passado três anos na *cantera* de Cruyff antes de ser promovido à equipe principal.

Ao contrário do time que seria comandado por Guardiola duas décadas mais tarde, no entanto, o *Dream Team* de Cruyff não era uma equipe formada primordialmente por jogadores com um histórico de vida em La Masia, onde

teriam sido treinados no mesmo estilo de jogo desde os onze anos de idade. A era Cruyff-Rexach deve ter se parecido, no início, com uma épica batalha travada por alguns homens contra o resto do mundo: o público era hostil às mudanças, a mídia estava cética, o clube era administrado por um presidente “rápido no gatilho”, e muitos dos atletas do grupo acreditavam ter ideias melhores que as apresentadas pela dupla.

Além de tudo isso, quando Cruyff chegou ao Barça, a infraestrutura esportiva de La Masia funcionava havia apenas sete anos. Muito embora o histórico casarão de pedra — onde garotos talentosos como Guardiola iriam encontrar um lar para desenvolver seu futebol — se situasse desde sempre ao lado do Camp Nou, tinha sido usado até então para uma infinidade de outros propósitos.

Hoje, a velha La Masia é um lugar triste. O casarão foi esvaziado de seus moradores, que se mudaram para a Ciudad Deportiva Joan Gamper, e o campo onde gerações e gerações de jogadores treinaram a partir do final da década de 1950 se transformou em estacionamento. Mas ao inaugurá-lo como parte do projeto de sua *cantera*, o Barcelona usara o espaço como residência para jovens jogadores recrutados fora da cidade e que não podiam viajar até o Camp Nou a fim de treinar todos os dias. O projeto vinha sendo tocado desde antes do retorno de Cruyff ao clube, em 1988, mas, quando ele voltou, ainda avançava lentamente: o clube estava mais disposto a contratar grandes jogadores do que a revelá-los — e tinha um basco, Josep Lluís Núñez, e não um catalão, como presidente.

Logo que o treinador chegou, ficou claro que ele discordava radicalmente da maneira como as categorias de base do Barcelona estavam sendo conduzidas. Cruyff considerava um absurdo que o treinador de cada equipe inferior (sub-13, sub-15, sub-17 etc.) treinasse seus jogadores no sistema de jogo de sua preferência pessoal. Não havia uma filosofia uniforme. O resultado? Um garoto que passasse pelas treze categorias existentes teria sido orientado em treze esquemas diferentes e precisaria passar por um reaprendizado a cada ano.

Cruyff, então, iniciou sua revolução e passou três ordens aos subordinados. Primeiramente, todas as categorias deveriam ser treinadas com base nos mesmos conceitos, adotando o mesmo sistema 3-4-3. Além disso, os melhores

jogadores deveriam ser tirados de sua zona de conforto, passando a treinar com meninos de uma ou até duas categorias de idade acima. Para completar, as “pérolas da *cantera*”, os garotos realmente especiais, teriam de passar por um processo de promoção acelerada, a fim de chegar o mais rápido possível à equipe principal.

Todos começaram a praticar o jogo posicional, a troca de passes com um ou no máximo dois toques na bola, os conceitos do goleiro-líbero e da máxima redução de espaços em relação ao adversário — princípios que prosperaram definitivamente com Guardiola e Rijkaard. Essa estratégia, somada à adesão de todas as equipes de base a um estilo de jogo de ataque, rápido e criativo, baseado na pressão para a recuperação da bola e em passes rápidos e precisos, é o seu legado mais duradouro. Só que o reinado de Cruyff no Barcelona teve um fim. E não foi dos mais bonitos.

A primeira vez que estive em Barcelona para escrever sobre futebol foi em 1996, quando visitei a cidade para cobrir a participação da Escócia na Eurocopa sub-21.

Aquele foi um campeonato cheio de futuros astros do futebol mundial. A França tinha Patrick Vieira, Claude Makélélé, Robert Pirès e Sylvain Wiltord; a Itália contava com Gigi Buffon, Fabio Cannavaro, Francesco Totti, Alessandro Nesta e Alessio Tacchinardi; e a Espanha escalou Gaizka Mendieta, Raúl, Iván de la Peña, Jordi Lardín, Aitor Karanka, Fernando Morientes e Óscar García. Esse rol de grandes jogadores já seria o suficiente para exigir a atenção da imprensa, mas outra grande história se desenrolava na cidade. Dez dias antes da estreia da Escócia, no Estádio Olímpico de Montjuïc, Cruyff havia sido demitido.

Até a indicação de Guardiola, o tempo médio de permanência de um técnico no Barcelona era de cerca de dois anos. Cruyff reinara por oito anos.

Somaram-se muitas razões para a sua queda. Para começar, a relação com o presidente Núñez sempre fora marcada pelo desdém e ressentimento mútuos. Além disso, o arquiteto do projeto de desenvolvimento de jovens no Camp Nou vinha sendo bombardeado por torcida e imprensa pela falta de qualidade no time principal — por contratações malsucedidas — combinada à lentidão na promoção das pratas de La Masia. Depois de dois anos, e com o time em

dificuldades, os torcedores queriam que seus garotos promissores fossem lançados no time adulto sem demora. Cruyff até escalava jovens da base, como Albert Celades, os irmãos Roger e Óscar García, e Iván de la Peña, mas não era o bastante. Então, no dia 18 de maio, um sábado, o vice-presidente Joan Gaspart, o mesmo homem que tinha sido enviado ao aeroporto El Prat em 1973 com o objetivo de recepcionar Cruyff, foi mandado por Núñez ao vestiário para demitir o treinador — enquanto seus jogadores se preparavam para começar o treino matinal.

“Não fizemos nada de anormal, nada que vá entrar para a história como uma decisão ruim”, disse Gaspart à imprensa. Mas ele estava errado e, em 2001, pensava de modo diferente.

Reverendo os acontecimentos, o dirigente, que estava prestes a deixar de ser um vice-presidente eficaz para se tornar um mandatário de pouco sucesso e vida curta na presidência, confessou: “Tenho que admitir que a forma como demitimos Cruyff foi deselegante.

“Ele continua sendo um sócio distinto e sempre será bem-vindo neste clube. Só é possível fazer as pazes se os dois lados concordarem. Da minha parte, eu aceitaria.”

Cruyff também fez sua parte ao defender Gaspart quando alguns sócios do Barcelona quiseram processá-lo pela venda de terrenos nos arredores do novo centro de treinamento. Mas ser defendido por Cruyff, na condição de seu inimigo, não era nada reconfortante.

“Depois de 22 anos trabalhando mal, não vejo razão para ele ser crucificado agora, a não ser que tenha cometido alguma ilegalidade. O fato de o negócio ter sido ruim para o clube não é motivo para tirá-lo.” Essa foi a declaração — de quem mais morde que assopra — dada pelo holandês.

A fatídica temporada 1995/1996, a última de Cruyff, foi incomum. O Barça terminou em terceiro, o Real Madrid ficou em sexto, e o treinador passou muito tempo se estranhando com Núñez. O saldo dos três anos posteriores à demissão foi inquestionavelmente positivo: sete troféus ganhos, distribuídos entre Bobby Robson e Louis van Gaal. Mas as bases daquela equipe que retomaria o caminho das conquistas já tinham sido montadas: em sua última temporada com Cruyff, o Barça havia chegado à semifinal da Copa da UEFA, à

decisão da Copa do Rei e fora derrotado no espanhol por um extraordinário e histórico Atlético de Madrid.

Cruyff costumava afirmar também que o fato de quase ter sido demitido mais cedo naquela mesma temporada, em janeiro de 1996, impediu o Barcelona de contratar Zinédine Zidane, do Bordeaux. “Em janeiro, entramos em contato com Zidane a fim de contratá-lo para a temporada seguinte. Seu preço era de 3,5 milhões de dólares”, disse. “Tenho orgulho de dizer que normalmente minha palavra é o suficiente para um jogador se sentir seguro [a respeito de um negócio]. Mas, em março, tive de ligar para Zidane e Aron Winter e pedir a eles que esperassem um pouco mais, porque eu não sabia se seria demitido ou teria de deixar o clube. Eu era o responsável por todas as contratações no Barcelona e já não poderia garantir que eles seriam comprados.”

Dois anos mais tarde, Zidane fez história ao marcar duas vezes de cabeça na final da Copa do Mundo pela seleção francesa. E em 2002, no Camp Nou, foi o autor de um dos gols que eliminaram o Barcelona da semifinal da Liga dos Campeões — o começo do fim da presidência de Gaspart —, para posteriormente fazer o antológico gol do título na decisão europeia daquele ano. Tudo isso com a camisa do Real Madrid.

Mas, retomando a nossa história: um jogador que criticou duramente a saída de Cruyff do clube, em maio de 1996, foi Guardiola. O capitão do Barça à época disse: “Conflitos entre técnicos e diretoria raramente acabam bem, e não é bom que existam no elenco jogadores pró-Cruyff e outros anti-Cruyff.

“Fizemos tudo o que podíamos para ajudar o treinador desde que ele chegou e faremos o mesmo pelo novo técnico, porque vencer é nosso principal objetivo. Mas eu me sinto em dívida com Cruyff, porque foi ele quem me deu a oportunidade de jogar aqui e me ensinou muito.”

Na primavera de 2011, Guardiola concedeu uma entrevista para a produção do DVD de comemoração do centenário do Brescia — time que defendeu depois de ter saído do Barça —, em que afirmou que um clube em ebulição, como aquele Barcelona, pode fazer as pessoas se cansarem umas das outras, e a mudança se torna necessária para arejar o ambiente e promover a recuperação do foco. Eis então parte do que Pep aprendeu durante aquele período de dias

extremamente turbulentos no Camp Nou.

No dia posterior à queda de Cruyff, o Barça venceu o Celta por 3 a 2, com direito a um cruzamento de Jordi Cruyff para o gol de Óscar García, e o presidente do clube foi vaiado ostensivamente, além de ter recebido a tradicional *pañolada* — manifestação típica entre as torcidas espanholas, que consiste no ato de agitar lenços brancos para demonstrar desaprovação. Em meio aos braços se agitando, viu-se uma faixa de um torcedor que parecia acreditar que Cruyff compartilhava mais do que suas iniciais com Jesus Cristo: “Perdoai-os, Johan, eles não sabem o que fazem”.

Quase tão dolorido para Cruyff quanto o desgosto de ser forçado a deixar para trás Jordi, seu filho, ainda atleta do clube, foi o fato de Rexach ter aceitado a oferta para dirigir o time interinamente até o final da temporada. O holandês reagiu mal e rompeu a amizade com o antigo parceiro.

Cruyff foi embora do Camp Nou e nunca mais ocupou um cargo formal. Sua influência no clube, entretanto, redobrou de tamanho, sobretudo pela forma desrespeitosa como ele foi demitido e pelo sentimento de perda da torcida ao vê-lo partir.

Além disso, seu trabalho nas décadas de 1970, 1980 e 1990 já tinha começado a dar frutos, e iria influenciar os times que ainda viriam a ser formados no Barça; em especial, o de Xavi, Iniesta e Messi, cuja maneira de entender e praticar o futebol seria a mesma instituída no Camp Nou pelo gênio holandês. O fato, por exemplo, de Cruyff ter promovido Guardiola à equipe principal, e depois tê-lo treinado e orientado exaustivamente, contribuiu de forma decisiva para moldar as visões e o comportamento do Guardiola treinador.

“Quando era jovem, Guardiola não tinha porte físico para chegar ao topo. Se não fosse por sua inteligência, não teria sequer chegado ao nosso time juvenil [sub-18]”, analisou Cruyff, em 2009.

“Mas isso se transformou em uma vantagem ao longo de sua carreira. Nós conversamos muito sobre sua visão de jogo e capacidade de organização. Graças a esses atributos, nosso time ganhou muitos títulos. Também falamos sobre como minimizar suas deficiências, e ele lidou com todo esse processo de forma magnífica. Depois de sua carreira no Barça, ele bateu asas e foi aprender

em outros lugares. Agora, voltou mais experiente — tem uma inteligência enorme e é verdadeiramente obcecado pelo trabalho. Um dia, terá de desacelerar um pouco ou vai acabar ficando doente. Mas, por enquanto, é o homem perfeito para o Barcelona.”

Cruyff remodelou a estrutura e o desenvolvimento de treino e jogo das categorias de base do Barcelona. Também teve enorme impacto em um jovem e combativo advogado catalão chamado Joan Laporta. Além disso, alguns de seus principais “alunos”, que mais tarde ganhariam a Champions League com Rijkaard e Guardiola, já estavam nas *canteras*.

No dia em que o holandês foi demitido, Xavi Hernández tinha dezesseis anos e já treinava em La Masia, sob sua supervisão, fazia cinco anos. Andrés Iniesta estava sendo acompanhado pelos olheiros do clube. Víctor Valdés já passara quatro anos na base do Barça, e um garoto de dezessete anos chamado Carles Puyol acabara de ser contratado — para jogar como atacante pelos lados do campo.

O sistema implantado por Cruyff não apenas permitia que os jogadores fossem treinados da melhor forma, como também havia alterado os critérios de observação de possíveis reforços para a base. Como resultado, o clube passou a trazer para sua *cantera* os melhores jovens atletas disponíveis. Ou, pelo menos, aqueles que melhor se encaixavam em seu estilo de jogo.

O presente seguinte, entre os oferecidos pelo holandês ao Barcelona, veio depois de muito sofrimento.

Foi a indignação de Laporta com a forma desrespeitosa como seu ídolo vinha sendo tratado no clube que o fez disputar a corrida eleitoral, transformar-se em presidente do Barça e dar início à era mais vitoriosa da história do clube.

Quando Laporta venceu de forma dramática a eleição de 2003, o momento do Barcelona era lamentável. O último troféu havia sido levantado em 1999, a geração de receitas era ruim, a dívida era enorme, e a classificação para a Champions League se tornava um objetivo cada vez mais difícil de alcançar. Resumindo, era um clube em queda livre.

A campanha presidencial foi apoiada em três ideias. Primeiro, que Laporta (presidente), Sandro Rosell (vice-presidente), Mark Ingla (vice de marketing) e

Ferran Soriano (quem administraria o dinheiro) compunham um time de catalães muito bem-sucedidos, jovens e dinâmicos. Segundo, que Cruyff estava com eles; votar em Laporta significaria votar a favor da terceira passagem do holandês pelo clube: antes como jogador e técnico e, naquela oportunidade, como consultor. Por fim, o terceiro trunfo do grupo seria o “truque Beckham”, que explicaremos detalhadamente adiante.

Depois da vitória nas eleições, Laporta e sua chapa descobriram que as pretensões salariais de Guus Hiddink eram muito altas e que a cláusula de rescisão do contrato de Koeman, técnico do Ajax, era exagerada para os cofres catalães. A nova era começava com duas tentativas frustradas de contratar um técnico de primeiro escalão. Cruyff, então, recomendou o nome de Rijkaard, e Laporta confiava nele. Mas não se tratava de uma escolha simples.

O trabalho do técnico na seleção holandesa tinha sido razoável, mas, em sua única temporada no comando do Sparta Rotterdam, o clube foi rebaixado pela primeira vez na história, e ele acabou demitido. Cruyff, no entanto, não só o conhecia bem, como sua intuição indicava que o pupilo possuía as características necessárias para promover a recuperação do Barcelona.

Em 2011, o holandês afirmou que a contratação de treinadores “inexperientes”, como Guardiola e Rijkaard, precisava atender a alguns critérios específicos. “O técnico de qualquer time de nível mundial tem de estar por dentro de muitas coisas, inclusive do que o seu clube representa e de como transmitir essa imagem ao público e à mídia. Ele também precisa conhecer bem seus torcedores e saber administrar o vestiário. Na verdade, o futebol representa só 40 por cento do seu trabalho. Todas as decisões relacionadas a quem será escalado e como o time irá jogar estão ligadas a conhecimentos que ele já possui. Então, em que consiste afinal a experiência? Consiste no conhecimento do vestiário, no saber trabalhar sob intensa pressão, preparando-se para um grande jogo. Se você lidou com tudo isso enquanto era jogador, então já tem uma experiência enorme.”

A ideia de que o Barcelona de Pep Guardiola não teria funcionado tão bem, ou que seria menos bem-sucedido, ou que talvez nem sequer tivesse existido se não fosse pelo Barça de Frank Rijkaard já se estabeleceu há algum tempo. Jogadores como Valdés, Iniesta e Messi, além de terem sido promovidos,

tiveram suas primeiras experiências reais de sucesso pelas mãos do técnico holandês. Com Rijkaard, o Camp Nou voltou a se apaixonar pelo 4-3-3, pela marcação que sufocava o adversário e pela troca de passes em velocidade alucinante — mais uma vez, futebol ao estilo Cruyff. O Barcelona FC, como instituição, redescobriu o gosto pela vitória, e Rijkaard se transformou (em retrospectiva) numa escolha visionária. Ele e Cruyff eram pessoas muito diferentes e mantiveram uma relação bastante volátil durante algum tempo, mas não restam dúvidas de que foi muito inteligente da parte de Laporta, Rosell e Begiristain terem recebido e aceitado o conselho de Cruyff de trazer o jovem técnico holandês para o Camp Nou.

No ano de 1991, Cruyff descreveu o impacto que tivera sobre o Rijkaard jogador. “Uma das maiores evoluções que vi foi a de Frank. É verdade que tivemos nossos problemas, mas a forma como ele está jogando hoje no Milan é sensacional. Uma vez, precisamos pedir a Wim Jansen que ficasse de olho em Rijkaard, para que ele não deixasse de trabalhar duro. Algumas pessoas precisam de um empurrão para acordar. É dessa forma que a qualidade especial que elas têm vem à tona e as leva até o topo.”

Ter confirmado para Laporta que Rijkaard era mais do que adequado para o cargo de técnico não foi a única contribuição vital de Cruyff naqueles meses de reconstrução do clube. O treinador precisou muito do seu apoio.

Em dezembro de 2003, o Barça levou 5 a 1 do Málaga de Juande Ramos, em La Rosaleda. O resultado provocou uma grande histeria. Jornais, rádios, emissoras de TV, torcedores e certamente alguns jogadores, todos já estavam esperando que Rijkaard fosse demitido. Os jornais usaram expressões como “desastre” e “câncer futebolístico” para falar da atuação do time catalão. E, durante o segundo tempo, torcedores do Málaga cantaram “segunda divisão, segunda divisão”.

Quatro dias depois, veio o clássico contra o Real Madrid, de Ronaldo, Figo e Beckham. Mais uma derrota, agora por 2 a 1, a primeira ante os arquirrivals no Camp Nou, em um jogo da liga, em vinte anos. Aquela foi uma semana de horror para o Barcelona.

Cruyff disse a Laporta que o Real Madrid era uma equipe frágil, que não justificava a vantagem de treze pontos em relação ao Barça. E complementou:

“Um treinador, não importa se é bom ou não, está condenado ao fracasso se sua equipe tiver uma atitude ruim. Foi o que aconteceu contra o Málaga e no primeiro tempo contra o Real. Mas se nosso time jogar como no segundo tempo do clássico, então será difícil para os adversários enfrentarem o Barcelona”.

É importante enfatizar isso. Cruyff identificou e fez questão de compartilhar um aspecto positivo (e algo que se provaria correto quase instantaneamente) depois de uma derrota humilhante por 5 a 1. Não foi um palpite nem uma bravata. Sua visão era apuradíssima.

Quando janeiro chegou, o Barcelona ainda era o 13º colocado no espanhol e havia perdido dezessete dos 27 pontos disputados em casa. Seu artilheiro na temporada, Patrick Kluivert, marcara apenas cinco gols. E, então, veio o confronto como visitante contra o Racing Santander.

Rüştü; Reiziger, Puyol, Rafa Márquez e Gio van Bronckhorst; Xavi, Cocu e Iniesta; Luis Enrique, Ronaldinho e Sergio García. Com essa escalação, a qual contava com quatro jogadores que seriam campeões mundiais e um que seria vice da Copa do Mundo de 2010, além de outro que ganharia o título da Euro em 2008, o Barcelona foi destruído: 3 a 0.

“Agora, estou muito mais otimista com a segunda metade da temporada. O grupo está unido”, foi a avaliação pública de Cruyff.

Como de costume, era uma opinião isolada. A forma mais fácil de o presidente agradar a torcedores e imprensa seria entregando a cabeça de Rijkaard em uma bandeja. Mas Cruyff garantiu que o treinador estava prestes a dar a volta por cima. E Laporta acreditou. Contra a vontade de todos — especialmente do vice Sandro Rosell, que já articulava a contratação de Luiz Felipe Scolari —, a dupla bancou a permanência do holandês. E o Barcelona emendou uma impressionante série invicta, terminando a liga na segunda colocação, muito perto do título. Enquanto isso, o Real caiu para o quarto lugar e demitiu mais um treinador, Carlos Queiroz.

Foi uma belíssima recuperação — pontos para Rijkaard e, principalmente, para Cruyff. O período de Rijkaard no comando trouxe muitas coisas boas ao Barça, mas poderia ter sido interrompido logo no início, muito antes do auge, se não fosse pelos conselhos insistentes de Cruyff e por sua percepção de que

os problemas herdados pelo treinador estavam profundamente enraizados no clube, exigindo paciência até que o trabalho pudesse render frutos. O teor do aconselhamento também demonstrou o tamanho da diferença entre o Cruyff jogador e o Cruyff treinador/analista de futebol.

Ronaldinho foi, sem dúvida, a contratação mais importante da presidência de Laporta e o atleta responsável por restaurar a reputação do clube e a magia em torno do nome Barcelona. No entanto, mesmo antes do início do seu declínio, ele já tinha a orelha puxada por Cruyff em sua coluna publicada no *La Vanguardia*. O holandês costumava criticar o brasileiro por certo exagero de individualismo, por se envolver pouco com a filosofia de jogo da equipe e por não se dedicar a fazer pressão sobre os adversários. Mas quando entrevistei Cruyff sobre seu período como jogador no Camp Nou, uma fase relativamente modesta em termos de títulos, ele me contou uma história que ilustra muito bem a disparidade entre sua forma de pensar quando ainda era um jovem gênio dentro de campo e a filosofia — de mais responsabilidade, do apreço pelo jogo coletivo — que passou a adotar quando se tornou técnico.

Na sua visão, parte do seu papel no time do Barcelona, entre 1973 e 1978, era “ir a campo nos jogos em casa com uma preocupação extra quando no jogo anterior tivéssemos jogado mal ou perdido. Nesses casos, o que eu fazia então era logo de cara tentar algo especial, uma mudança tática ou um lance de efeito nos primeiros quinze minutos, para tentar trazer o público para o nosso lado novamente. Dessa forma, o time passava a sentir menos a pressão, e podíamos então tratar de ganhar o jogo”.

Não é difícil imaginar Ronaldinho pensando e fazendo a mesma coisa; e o Cruyff colunista o criticando por isso.

Depois de dois anos frustrantes e cada vez mais embaraçosos no período final da passagem de Rijkaard pelo Barcelona — pelo menos um deles devido a um erro de cálculo de Laporta —, tinha chegado a hora de uma nova mudança no comando. Rijkaard foi embora com Cruyff ainda defendendo seu trabalho e apontando que talvez o momento guardasse semelhanças com o que havia acontecido no clube em 1996.

O veredicto de Cruyff foi o seguinte: “Rijkaard foi fiel a si mesmo durante os cinco anos [de trabalho no Barcelona]. Infelizmente, não se pode dizer o

mesmo de alguns dos seus jogadores. É só olhar para o que eles fizeram nos primeiros três anos e para como se comportaram depois disso.

“Todo técnico precisa de um elenco que ande sempre junto, em todos os sentidos. Rijkaard não mudou, mas alguns jogadores, sim. E o resultado foi que eles perderam o respeito dos outros.”

Cruyff teve mais uma chance de trabalhar em tempo integral no Camp Nou. Laporta o queria de novo como treinador ou diretor técnico na primeira temporada de Guardiola. Mas o holandês recusou o convite e disse que o pupilo estava pronto. Foi seu último grande presente ao Barcelona.

Quando o Barça conquistou a Champions League novamente em 2011, Cruyff continuava com a aparência jovial de sempre. Ele jogou golfe com Guardiola durante as festas de fim de ano e seguiu aconselhando seus discípulos. Os mais inteligentes entre eles, no entanto, sabiam como peneirar o que ouviam: seguiam aquilo que reputavam como boas ideias e demonstravam sua independência e autonomia ao desconsiderar o restante.

Já a relação de Cruyff com Sandro Rosell realmente não tinha como ser reparada. Então, à exceção das críticas construtivas em relação ao Barça nas suas colunas semanais nos jornais, Hendrik Johannes Cruyff decidiu voltar a dedicar seus talentos ao outro clube que realmente amava.

No verão de 2011, não muito depois da consagração absoluta de algumas de suas ideias em Wembley — o mesmo estádio onde ganhou seu primeiro título europeu como jogador e, 21 anos depois, como treinador —, Cruyff retomou o contato direto com o Ajax e passou a atuar em seu conselho administrativo, supervisionando de perto a implantação de sua filosofia no clube.

Sua energia e visão foram então redirecionadas para a equipe de Amsterdã, onde ele havia começado a carreira. Talvez a remodelação planejada por Cruyff no sistema de treinamento, no desenvolvimento das categorias de base, no trabalho de *scouting* e na própria condução do time profissional ainda leve tempo para mostrar resultados, mas é possível também que, dentro de algum tempo, alguém escreva um livro para descrever como o último grande feito de Johan Cruyff no esporte foi devolver o Ajax ao topo do mundo do futebol.

E quais são os prognósticos para o futuro do Barcelona sem Johann Cruyff para ditar os rumos do clube? A história sempre mostrou um padrão: os

catalães sentiam sua falta, titubeavam durante algum tempo e depois imploravam por seu retorno. Mas isso não acontecerá mais, pois Cruyff não poderá voltar a atender ao chamado.

Jogos marcantes

REAL MADRID: 2

BARCELONA: 6

Campeonato espanhol, 2 de maio de 2009

A NOITE FOI PERFEITA, o resultado e o desempenho foram sensacionais. Mas, olhando em retrospectiva, é possível encontrar ainda mais elementos absolutamente extraordinários nessa partida histórica.

Para começar, muitos supõem que essa tenha sido a grande atuação do Barcelona de Guardiola. Afinal, nunca um dos times havia marcado seis gols fora de casa no clássico, e a histórica vitória aconteceu menos de um ano depois de a equipe catalã ter sido obrigada a formar o tradicional *pasillo* pré-jogo, como reverência ao título espanhol conquistado na rodada anterior pelos arquirrivais, numa partida que, para piorar as coisas, terminou com Xavi expulso e a esmagadora derrota dos *culés* por 4 a 1 no Santiago Bernabéu. Sendo assim, impor o massacre ao Real no clássico seguinte, destruindo-os técnica e taticamente, foi indescritível. No entanto, para a maioria das pessoas, a performance do Barça no 5 a 0 no Camp Nou, em 2010, acabou sendo um triunfo ainda mais emocionante e completo. O 3 a 1 em Madri, depois de um início vacilante, na temporada 2011/2012, também é um ótimo candidato a figurar nesse pódio de placares inesquecíveis.

Em segundo lugar, nesse jogo o Barça começou perdendo, o que costuma ser uma garantia de derrota para a maioria dos times que visitam o Real.

E o terceiro fator a se considerar é que, além de ter feito seis gols no Santiago Bernabéu, o Barcelona contou com mais quatro chances frente a frente com Casillas, que conseguiu impedir que Messi, Thierry Henry e Samuel

Eto'o ampliassem ainda mais a goleada. Se não fosse a grande atuação do goleiro, a partida poderia facilmente ter terminado com o placar de 10 a 2.

E, por fim, embora não tenha sido a primeira vez que Lionel Messi atuou como falso 9 — a chave para se entender por que o argentino passou a marcar tantos gols desde então —, essa foi a noite que o definiu como o jogador ideal para o papel. Trata-se de uma função que já era famosa no futebol espanhol graças à perfeição e classe com que Michael Laudrup a executara no *Dream Team* de Cruyff. Mas o argentino foi tão bem no jogo que um jornal o descreveu como “o equivalente a Maradona, Cruyff, Ronaldo e Georgie Best juntos”. Talvez um pouco exagerado, mas...

Um dos segredos do grande desempenho foi o fato de Guardiola ter inspirado tanta confiança em seus jogadores (houve várias viradas e vitórias conquistadas nos últimos minutos naquela temporada), que o esplêndido gol de cabeça anotado por Higuaín para abrir o placar não abalou o time em nada.

Para ajudar, Xavi, com quatro assistências, numerosos desarmes e acerto de 89,5 por cento dos 107 passes que tentou, viveu uma das noites mais incríveis de sua carreira. Aconteceram outros gols marcantes na partida, mas o que melhor define a temporada do Barcelona foi aquele em que Xavi roubou a bola de Diarra e acionou Messi, que marcou pela primeira vez no Bernabéu.

Guardiola soube identificar que a zaga formada por Cannavaro e Metzelder sofria com o problema de falta de velocidade. Então, escalou Eto'o e Henry abertos pelos lados e encaixou Messi no espaço entre a defesa e o meio-campo do Real. Com Iniesta e Xavi próximos do argentino, criava-se a superioridade numérica no setor quando Diarra tentava contê-los, e os zagueiros logo se viam numa sinuca de bico: sair da área para dar combate a Messi, deixando um buraco às suas costas, ou esperá-lo na área tendo de enfrentá-lo chegando em velocidade e com a bola nos pés.

Henry humilhou Sergio Ramos, seu marcador, e foi excelente nas finalizações, realizando sua melhor atuação pelo Barça. Os catalães puseram a mão na taça do título espanhol naquele jogo, abrindo sete pontos de vantagem a quatro rodadas do fim do campeonato e superando a marca dos cem gols na competição.

“Precisávamos de um jogo como esse para coroar esta temporada

espetacular”, disse Puyol, na zona mista. “Ter perdido aqui na temporada passada e ter sido obrigado a reverenciá-los como campeões no *pasillo* foi um dos piores dias da minha carreira. Em compensação, hoje é um dos mais felizes.”

“Jogamos com classe, fomos completamente superiores a eles e poderíamos facilmente ter feito muito mais gols”, adicionou Xavi.

Há tempos já era possível ouvir o prelúdio da obra que Guardiola vinha compondo. Mas, naquela noite, pudemos conhecer toda a sinfonia em sua plenitude.

REAL MADRID (4-2-3-1)

Casillas; Sergio Ramos (Van der Vaart, 71), Cannavaro, Metzelder e Heinze; Gago e Diarra; Robben (Javi García, 79), Raúl e Marcelo (Huntelaar, 59); Higuaín

BARCELONA (4-3-3)

Valdés; Daniel Alves, Puyol, Piqué e Abidal; Yaya Touré (Busquets, 85), Xavi e Iniesta (Bojan, 85); Messi, Eto’o e Henry (Keita, 62)

GOLS

Higuaín 13; Henry 17, Puyol 19, Messi 35; Sergio Ramos 56; Henry 58, Messi 75 e Piqué 82

CARTÕES AMARELOS

Abidal, Sergio Ramos, Puyol, Marcelo, Van der Vaart e Javi García

ÁRBITRO

Undiano Mallenco

PÚBLICO

80 mil, Santiago Bernabéu, Madri

6. A CONSTRUÇÃO DE PEP



Não é possível agradar a todos e não faz sentido tentar ser a pessoa que os outros querem que você seja. O importante para mim é ser quem eu sou.
Pep Guardiola

QUANDO DEUS FEZ JOSEP “Pep” Guardiola, usou o molde da “vida encantada: deverá receber todas as dádivas disponíveis”. Não lembro quem foi o primeiro a usar a expressão “todas as mulheres gostariam de estar com ele, e todos os homens gostariam de ser como ele”, mas ela se encaixa tão perfeitamente em Guardiola quanto as calças número 36 que ainda — de modo absolutamente improvável — cabiam na cintura desse catalão aos 41 anos de idade.

Guardiola dirigiu o clube que ama, é feliz, tem uma relação estável e duradoura com Cristina, é pai de três filhos e produziu algo tão belo e emocionante em sua vida profissional que se transformou em inspiração para pessoas do mundo todo. E, ainda vivendo a metade de sua quinta temporada como treinador, já havia vencido catorze títulos de relevância. Uma vida quase impossível de tão perfeita.

No entanto, todo verdadeiro artista sofre com sua arte. Inclusive esse homem fenomenal. Apesar de todo o seu talento e sua inteligência, Guardiola enfrentou grandes dificuldades e viveu momentos terríveis. Quando era mais jovem, por exemplo, chegou a ouvir que seu corpo franzino e o “andar de Charles Chaplin” não lhe permitiriam chegar ao primeiro escalão como jogador de futebol; viveu catorze meses de agruras quando uma lesão complicada na panturrilha o impediu de jogar. Sua irmã, Francesca, disse o seguinte sobre esse período: “Pep estava realmente mal quando eu o vi. Apesar de sempre ter sido muito reservado, a lesão o fez se tornar ainda mais retraído”. Para completar, algumas pessoas que deveriam valorizar sua enorme contribuição para a cultura catalã preferiram atacar sua vida pessoal com comportamentos desonestos, o que o abalou demais.

O entorno do Camp Nou — as pessoas que orbitam o clube e passam adiante tudo o que ouvem, informações verdadeiras ou não — começou a especular que Guardiola, que sempre cuidou do visual, é leitor de poesia e frequentador de cinema, e uma vez participou de um desfile de moda do amigo estilista Toni Miró, talvez fosse gay. Não que o então capitão do Barcelona considerasse a orientação homossexual um problema, mas simplesmente não era verdade, e as insinuações estavam sendo usadas maliciosamente contra ele.

Na época, eu já era um admirador do futebol de Guardiola e fui ao Camp Nou para entrevistar Bobby Robson, então técnico do Barça. Perguntei a vários jornalistas catalães sobre a lesão do capitão, esperando compreender o problema e obter uma estimativa para a data de seu retorno. Sem exceção, todos eles preferiram murmurar sobre o estilo de vida do jogador e os problemas que aquilo poderia lhe causar. Foram ainda mais longe, mas não estou disposto a repetir aqui aquelas especulações infundadas.

Guardiola é alguém que, já aos seis anos, passava três horas em um ônibus para voltar do Camp Nou depois de ter visto o Barcelona jogar, e muitas vezes chegava em casa de madrugada; pelo time de infância, foi ao longo do tempo gandula, capitão e campeão.

Ao falar da vida que viveu no Camp Nou, nada lhe tira a alegria de suas lembranças — não apenas do período como técnico, em que levou o clube a glórias sem precedentes, mas também dos dezesseis troféus que conquistou enquanto jogador. Entretanto, não há como deixar de recordar que deixou o clube, enquanto ainda era atleta, muito triste e desapontado. Sua fala de despedida, em abril de 2001, foi elegante e eloquente, e destacou seu desejo de experimentar como seria viver e trabalhar no exterior, mas a verdade é que Guardiola não demonstrava nenhuma confiança nas pessoas que dirigiam o Barça na época e se viu muito desvalorizado. Foi embora antes que o mandassem procurar outro clube.

De todos os dons concedidos a esse homem apaixonado pelo futebol, o mais importante talvez tenha sido a obstinação. Se alguma certeza existe, é a de que ele irá superar os problemas que se apresentam. Uma vez, um amigo nosso em comum lhe enviou um e-mail contando que havia recebido uma promoção no trabalho. A resposta de Pep não o surpreendeu: “Parabéns, mas não relaxe!”.

Guardiola provou a todos os olheiros e jogadores mais velhos do Barcelona que eles estavam errados ao duvidar de que ele daria certo no futebol devido ao corpo franzino. Lutou como nunca para ser absolvido — e foi — da acusação de ter usado nandrolona enquanto jogava na Itália. E se afastou do clube que ama, porque não estava disposto a ser um instrumento de manipulação nas mãos de pessoas pelas quais havia perdido o respeito.

Existiam riscos, mas o treinador mais vitorioso da história do Barcelona provaria que integridade e sucesso podem sim caminhar lado a lado no (cruel) mundo do futebol.

É claro que ele não é um anjo. Guardiola pode ser intenso, quixotesco e difícil de agradar — *pesado*, como os espanhóis costumam dizer.

Sua história como jogador do Barcelona é repleta de pontos altos. Os feitos alcançados por ele, além da forma como os obteve, dizem muito a respeito do homem que esteve à frente de um dos melhores times da história, mas usarei suas duas primeiras temporadas, dos sonhos, como microcosmo do seu sucesso precoce. Gostaria de enfatizar a semelhança entre o que aconteceu com ele enquanto era um jovem jogador comandado por Johan Cruyff e o que Pep foi capaz de fazer com si próprio como treinador novato. A repetição de padrões é extraordinária, e foram esses anos que moldaram o homem que conhecemos hoje: de muito talento, capaz de lutar contra todas as probabilidades, maduro antes do tempo e um líder nato.

Uma experiência de laboratório misturando os genes de Sergio Busquets, Matthias Sammer e Cesc Fàbregas, com uma pitada de Roy Keane e mais um implante de visão raio X, produziria um Guardiola. Se jogasse hoje, seu valor de mercado no auge seria algo em torno de 40 ou 50 milhões de euros.

Ele foi um gênio como jogador. Talvez não um gênio do tipo ouro 24 quilates, já que algumas de suas habilidades não estavam no mesmo nível de outras (sua velocidade de pensamento era bem maior do que a que conseguia atingir com as pernas, e o pé direito era muito melhor que o esquerdo), mas seus melhores atributos não deixavam a desejar a ninguém que já tenha alguma vez chutado uma bola.

Seus melhores anos aconteceram após ter sido promovido por Cruyff e seu assistente, Rexach, à equipe que ficou conhecida como *Dream Team*. O holandês normalmente usava o esquema 3-4-3 e escalava Guardiola como *pivote* [posição semelhante à do nosso volante], na faixa central do meio-campo. Ele era o responsável por proteger os três defensores, cobrir seus avanços e, principalmente, iniciar o ataque com velocidade e qualidade assim que a posse de bola fosse recuperada.

Duas características do Guardiola jogador se destacavam mais.

Primeiramente, ele era capaz de fazer lançamentos precisos de quarenta metros, criando assim jogadas de gol para Romário, Hristo Stoichkov, Michael Laudrup e Rivaldo. Mas também se destacava pela qualidade na leitura de jogo. Isso incluía identificar quando seus companheiros de meio-campo, Eusebio e José Mari Bakero, estavam prestes a dar o bote no adversário, fazendo-o perder a bola; Pep então estava sempre bem posicionado para recebê-la logo em seguida ou recuperá-la ele mesmo, executando o passe seguinte (já pensado) com um só toque.

Aqueles dezesseis troféus que conquistou incluem seis títulos espanhóis e a primeira Copa da Europa da história do Barcelona, em 1992. Mas sua simples presença do elenco do clube que amava desde a infância já era uma primeira grande vitória.

Para ficar mais próximo do local dos treinos, o jovem Guardiola deixou sua casa em Santpedor, no interior da Catalunha, a cerca de uma hora de distância do Camp Nou, para morar em La Masia, o casarão de pedra localizado logo atrás do gol norte do estádio do Barcelona — a meta onde Teddy Sheringham e Ole Gunnar Solskjær marcaram os famosos gols do Manchester United na decisão da Liga dos Campeões de 1999.

Santpedor é uma pequena e encantadora cidadezinha agrícola, e parte de seu nome significa “lugar dourado” — tão dourado quanto a carreira de Guardiola. Humildade e tradição são palavras de ordem por lá, a tal ponto de o site da cidade indicá-lo como o 11º entre onze pessoas famosas a terem saído do pequeno vilarejo medieval. Eu até gostaria de dizer que à frente dele estão físicos nucleares, ou multimilionários famosos pelo trabalho filantrópico, mas não é o caso. O texto sobre Pep é bastante simples: destaca apenas suas proezas como jogador e faz referência a uma condecoração que ele recebeu da municipalidade em 2009. Pelo jeito, Guardiola terá de fazer bem mais que conquistar catorze títulos em quatro anos, incluindo duas Champions League, e se tornar o técnico mais bem-sucedido da história do Barcelona para subir nesse ranking.

Sua mãe, Dolores, relembra o dia em que finalmente Pep se mudou para Barcelona. “Foi muito duro para nós, eu chorei demais. Era como se estivessem roubando o nosso filho. Foi difícil para nós, e também para ele.

“Quando o deixamos em La Masia, ele olhou para nós pela janela do quarto e disse: ‘Mãe, todo dia quando eu acordar, a primeira coisa que verei será um campo de futebol’. Foi assim que tudo começou no Barça.”

Os olheiros do Barcelona, no entanto, duvidaram dele no início. Após visitar o Manresa, clube onde Guardiola deu seus primeiros chutes, o já falecido Oriol Tort, então um dos olheiros mais experientes do clube, deu o seguinte veredicto sobre Pep: “Ele se move como Charles Chaplin”.

Carlos Naval, que ainda trabalha no Barça, foi ao que tudo indica uma voz destoante a respeito de Guardiola e tem a seguinte lembrança: “Ele não era um garoto forte ou grande, mas jogava como um anjo. Tinha muita visão de jogo e grande capacidade de antever as jogadas.

“Quando me perguntaram em La Masia quantos anos ele tinha e eu disse onze, não acreditavam que ele poderia ser tão bom. ‘Milagres como esse não acontecem’, diziam. E eu respondi a todos que deveriam ver com seus próprios olhos.”

Luis Milla, volante que trocava mais tarde o Barcelona pelo Real Madrid e abriria espaço para a promoção de Guardiola ao time adulto, ainda se lembra dos primeiros passos do garoto de Santpedor no clube. “Era difícil chegar a La Masia com treze ou catorze anos. Ele vinha de uma cidade pequena, e alguns jovens como ele não conseguiam se adaptar e acabavam voltando para casa depois de um certo tempo. Mas Pep já era muito maduro para sua idade.”

Guillermo Amor, que atuou pelo *Dream Team* e posteriormente comandou as categorias de base do Barcelona, jogou ao lado de Guardiola durante toda sua carreira no Camp Nou e admite: “Algumas pessoas achavam que ele era magro demais e não cresceria o suficiente, mas ele era muito bom e conseguia ler o jogo melhor do que qualquer um de nós. Então, deram-lhe um tempo para que pudesse crescer e se desenvolver”.

Hoje em dia, dúvidas sobre o possível sucesso de um jogador, baseadas em sua estatura e porte físico, chegam a soar estranhas. Xavi, Messi, Iniesta, Mata, Agüero e Daniel Alves são baixos e vêm há anos dando as cartas no futebol mundial. Mas talvez seja preciso olhar para o contexto de 1990, a fim de entender a desconfiança que pairava sobre Pep.

Johan Cruyff sempre teve como prática a promoção dos jovens mais

confiantes com a bola nos pés, com mais visão de jogo e passe mais apurado. Mas ele ainda estava no início de sua trajetória em um clube muito diferente do atual. Quando Cruyff foi contratado, em 1988, o Barcelona não era a máquina de vitórias de hoje em dia e só havia conquistado dois títulos espanhóis nos 28 anos anteriores.

O treinador holandês demorou três anos para vencer a liga pela primeira vez. Ou seja, em outubro de 1990, quando Ronald Koeman teve rompido o tendão de aquiles durante uma derrota para o Atlético de Madrid, seu trabalho vinha sendo contestado e seu emprego estava por um fio.

Cruyff procurou o presidente Josep Núñez e pediu a contratação de Jan Mølby, do Liverpool, para substituir Koeman. Mas o dirigente não gostou da ideia. Desconfiava da forma física de Mølby, achava-o velho para o investimento e não o via como um jogador capaz de atuar na mesma posição do holandês.

Depois de quatro ou cinco dias sem novidades, Cruyff procurou o presidente mais uma vez e lhe disse: “Pensamos melhor e mudamos de ideia. Se nos der um ano a mais de contrato [para ele e Rexach], não precisa comprar ninguém, escalaremos atrás com mais frequência o Alexanco [que viria a usar a braga de capitão no jogo do título europeu de 1992, mas que na época passava mais tempo no banco de reservas] e promoveremos esse menino da base, o Guardiola”.

Hoje em dia, essa decisão soaria bastante normal. Daniel Alves tem uma frase que diz tudo: “Futebol es para listos” — ou seja, futebol é para os inteligentes. Sua teoria é de que atletas baixinhos e magros, como ele, Xavi, Iniesta e Messi, precisam ser mais espertos do que os grandalhões e mais fortes, que são capazes de correr mais rápido e saltar mais alto, mas não têm qualidade técnica e inteligência para controlar a bola e praticar um jogo de passes velozes. É por isso que o lateral brasileiro tem tatuada no tornozelo uma imagem do Piu-Piu carregando uma espada, a arma para enfrentar o Frajola. É a vingança dos pequenos, ele costuma brincar.

Mas, naquele tempo, o futebol estava num estágio diferente. A decisão de promover Guardiola foi um teste decisivo para a ideia de Cruyff de que as pedras angulares da filosofia do Barcelona deveriam ser a qualidade técnica, a

visão de jogo e a inteligência, não a experiência dos atletas e seu porte físico.

Um exemplo de como o sistema de formação não estava funcionando bem no clube — e voltaria a fracassar do mesmo modo com Cesc Fàbregas e Gerard Piqué — foi o fato de Cruyff não ter conseguido encontrar Guardiola nos jogos da *cantera* a fim de observá-lo, mesmo com Rexach já tendo avisado os responsáveis pela base de que o time principal estava de olho no garoto.

Rexach se recorda: “Johan foi ao jogo do Barça B em um domingo [no final de 1989] apenas para observar Pep. Chegando lá, foi avisado que ele não jogava no Barça B, mas na categoria juvenil A. Então, tive de explicar que Pep ainda estava entre os juvenis porque era pequeno e franzino demais. Mas Johan decidiu promovê-lo mesmo assim para o Barça B e o colocou para treinar com a equipe adulta”.

Guardiola deu o grande passo finalmente em janeiro de 1990, quando foi relacionado para uma partida do time principal contra o Oviedo. Mesmo não tendo participado do jogo, aquele foi um momento marcante para o garoto que, apesar de parecer ter quinze anos, acabara de comemorar o 19º aniversário. Naquele fim de semana, ele foi entrevistado pela TV3, o canal local catalão. “Jogo no meio-campo, como camisa 4 ou 6. Sou um jogador mais técnico e que busca sempre o passe simples. Recebo a bola e toco, não sou de tentar jogadas mais complicadas.”

Ele não nomeou sua posição da forma tradicional (volante, lateral direito, meia-esquerda). Preferiu usar o número da camisa, como a “escola Ajax” havia lhe ensinado. Além disso, se sua filosofia pudesse ser resumida em uma única frase, ainda seria assim: “Recebo a bola e toco, não sou de tentar jogadas mais complicadas”. Tenha essa frase sempre em mente se você realmente deseja entender Pep Guardiola.

Então chegou o dia de sua estreia. Foi em dezembro de 1990, na 15ª rodada do campeonato espanhol, contra o Cádiz, que levou ao Camp Nou alguns poucos (porém barulhentos) torcedores — que precisaram atravessar o país para chegar à capital da Catalunha.

Ele jogou com sobriedade na vitória por 2 a 0 do Barcelona. E então o drama começou: da sua estreia até a segunda apresentação foram catorze partidas. E, no meio dessa longa espera, aconteceu o ataque cardíaco de seu

treinador.

Cruyff começou a reclamar de dores no peito após a vitória por 5 a 1 sobre o Valladolid, em 23 de fevereiro de 1991. Quatro dias depois, teve de ser levado às pressas para um hospital. Ele só retornou ao banco de reservas na trigésima rodada, em uma viagem a Castellón com um time remendado (sem Alexanco, Stoichkov, Begiristain, Bakero e Nando). Antes da partida, Rexach, que vinha substituindo o holandês, disse aos jogadores: “Vençam hoje e estaremos muito perto de alcançar nosso objetivo. O título é quase nosso”. Pep ficou os noventa minutos em campo, e o Barça venceu por 1 a 0.

Guardiola manteve seu lugar no time nas duas partidas seguintes, 3 a 0 em casa sobre o Sevilla e o empate por 1 a 1 com o Mallorca, fora. Foi assim que terminou sua primeira temporada como profissional, a primeira temporada de Cruyff como campeão da liga. O Barcelona jogou quatro vezes com a cria de La Masia na função de *pivote*, à frente de sua defesa, e conseguiu três vitórias e um empate. Assim, Pep fez parte daquele que foi apenas o quarto título do Barça em três décadas.

Curiosamente, a taça veio com uma derrota por goleada (4 a 0 em Cádiz), porque na noite seguinte, a Real Sociedad deu o título de presente para os catalães ao bater de virada o Atlético de Madrid, único rival que ainda ameaçava a conquista de Cruyff e companhia.

O Barça encerrou a temporada perdendo para o Manchester United, já treinado por Alex Ferguson, na decisão da Recopa. Mas, ainda em Roterdã, antes de embarcar de volta para casa, o presidente Josep Núñez prometeu: “Foi uma decepção deixar esse título escapar, mas não vamos sair por aí contratando a esmo. Esses garotos do Barça B mostraram que não precisamos nos desesperar. Esses garotos — como Pinilla, Guardiola e Herrera — são o futuro. Eles são fenomenais”.

A era Guardiola tinha começado. E, assim como Sergio Busquets, volante lançado pelo Pep treinador do Barça, que saltou da terceira divisão para uma final de Copa do Mundo em três anos, Guardiola pisou no acelerador.

Logo se tornou parte fundamental da equipe de Cruyff, que ficou conhecida como *Dream Team*, apelido em homenagem à seleção norte-americana de basquete formada por astros da nba, como Michael Jordan,

Magic Johnson e Charles Barkley, que prometia promover um dos maiores espetáculos coletivos da história dos Jogos Olímpicos em Barcelona (1992).

Pouco antes daquele verão olímpico, Guardiola, ainda muito jovem, estava se preparando para a final da Copa da Europa, em Wembley. “Precisamos mostrar muita força e ousadia, já que, em finais de Copa, o medo é um adversário que pode nos derrotar. A pior coisa que pode acontecer em uma partida como essa é um jogador não ter coragem de finalizar, arriscar ou assumir a responsabilidade pelo fato de os nervos não estarem sob controle. Nós temos que ser corajosos. Não tenho dúvidas de que ficarei nervoso antes da partida, mas temos que mostrar do que somos feitos, temos que mostrar como somos bons.”

Guardiola tinha só 21 anos, iria disputar a primeira grande decisão de sua carreira e já falava como um líder experiente. Tratava-se de um discurso que caberia muito bem para o Guardiola treinador que, quase vinte anos depois, orientaria seus jogadores em mais uma final europeia em Wembley, a da Champions League de 2011.

Em 1992, o Barça venceu graças ao gol histórico de Koeman, no segundo tempo da prorrogação, e a festa na Catalunha durou dias. O Real Madrid sempre provocara os torcedores catalães, dizendo que o maior título europeu era exclusividade dos *blancos* na Espanha desde 1955, mas a hora do Barcelona enfim havia chegado. Na época, os troféus de conquistas do Barça eram apresentados aos torcedores na Plaça Sant Jaume, no coração do antigo Bairro Gótico. Todos os jogadores envolvidos estavam vivendo um momento de glória absoluta, mas Guardiola roubou a cena.

Quinze anos antes, pouco tempo depois da morte de Franco, o político e ideólogo catalão Josep Tarradellas, que havia sido nomeado presidente *in absentia* pelo seu povo em 1954, retornou à cena como líder do recém-reconhecido Parlamento Catalão. No mesmo local onde os jogadores do Barça comemorariam o título europeu em maio de 1992, ele discursou para a população: “Ciutadans de Catalunya, ja sóc aquí!” [“Cidadãos da Catalunha, eu estou aqui!”].

Inspirado por Tarradellas, Guardiola aproveitou a apresentação do troféu para adaptar o discurso do herói catalão: “Cidadãos da Catalunha, a taça está

aqui!”. Com essa frase, transformou-se imediatamente em santo e humorista para os catalães.

“Eu já tinha a frase preparada”, ele acabou admitindo. “E também deixei o videocassete programado para gravar o jogo e vou revê-lo milhões de vezes até ficar bem velhinho”, completou.

Apesar do título europeu, a temporada do Barcelona ainda não estava encerrada. Faltava a reta final do campeonato espanhol.

E o *Dream Team* mostrou contra Valladolid e Espanyol que cansaço não fazia parte do seu vocabulário: foram seis gols contra o primeiro adversário e mais quatro no Sarriá. Tudo isso sem ser vazado uma única vez.

Javier Clemente, o treinador do Espanyol, recusou-se a fazer o *pasillo* — o corredor de aplausos formado pelos jogadores rivais ao início da partida — para reverenciar os campeões continentais. “Cruyff não merece um corredor, nem uma escada, nem mesmo um tapetinho. Ele é uma pessoa rude e mal-educada. Essa é a minha opinião.”

Mesmo com um homem a menos por quase uma hora, devido ao cartão vermelho recebido por Nando, o Barcelona destroçou o rival da cidade. “As grandes equipes estão acostumadas a conquistar um título num dia e voltar à batalha pela próxima taça 24 horas depois. Quero ganhar o espanhol, a Copa do Generalíssimo, caso ela volte a ser disputada, e qualquer amistoso que venham a organizar. E, se eu for convocado para os Jogos Olímpicos, quero também a medalha de ouro”, disse Guardiola, antes da partida. Seus documentos diziam que ele tinha apenas 21 anos. Mas as palavras eram de alguém muito mais maduro.

Faltava então apenas uma rodada para o fim do campeonato espanhol, e o Real Madrid tinha um ponto de vantagem sobre o Barcelona.

O Barça fez sua parte batendo o Athletic Bilbao por 2 a 0, e o Real Madrid acabou perdendo para o Tenerife por 3 a 2, apesar de ter aberto a vantagem de 2 a 0 em meia hora de jogo. O Tenerife marcou o terceiro quando faltavam treze minutos para o fim e, no Camp Nou, 100 mil radinhos de pilha voaram pelos ares enquanto a torcida comemorava enlouquecida. Além do triunfo europeu, o clube tinha conseguido também manter o título do campeonato nacional.

Na quarta-feira, 10 de junho de 1992, o jornal *El Mundo Deportivo* estampou em sua capa a foto de Guardiola ao lado dos dois troféus levantados naquela temporada, sob a seguinte manchete: “Guardiola: o herói mais jovem da história do Barça”.

Por um capricho do destino, o Catar, país onde Guardiola jogaria na reta final de sua carreira e a favor de quem desempenharia o papel de embaixador da polêmica candidatura à sede da Copa do Mundo de 2022, caiu no mesmo grupo da Espanha no torneio de futebol das Olimpíadas de 1992. Os espanhóis venceram não só os catarianos, mas também a Colômbia e o Egito, na primeira fase. Já nas quartas, o atacante Kiko, do Atlético de Madrid, um grande amigo de Pep, decretou a vitória por 1 a 0 sobre a Itália.

Na sequência, a seleção olímpica bateu Gana diante de 15 mil torcedores no estádio Mestalla (então chamado Luis Casanovas), em Valência, e garantiu a vaga na decisão. Antes da final, os jogadores mudaram de acomodação e foram transferidos para o hotel Rey Juan Carlos, um luxuoso cinco estrelas digno de receber as estrelas olímpicas espanholas, localizado a cerca de dez minutos de caminhada do Camp Nou. A maioria dos jogadores adorou o isolamento, mas Guardiola admitiu que, depois de sair de Valência, a base da equipe no restante do torneio, ele teria preferido se instalar na Vila Olímpica para “viver a experiência” dos jogos por completo.

“Estamos relaxados e confiantes de que vamos ganhar o ouro, mas não podemos subestimar nosso adversário. Ainda não ganhamos nada. O importante é levar a partida com seriedade”, ele disse a *El Mundo Deportivo*, na véspera da final.

Era uma declaração honesta e, até hoje, esse é o seu mantra.

Antes do jogo, Guardiola revelou um pouco mais sobre sua motivação e aquilo que faz o seu coração bater mais acelerado — algo que continuou presente em sua vida mesmo depois de ele ter se tornado técnico. “No começo, ninguém acreditava em nós, ninguém. Mas, pouco a pouco, as pessoas começaram a perceber que jogamos muito bem. Agora, acredito que pelo menos 60 mil pessoas irão ao Camp Nou para nos apoiar, já que enchê-lo será impossível.

“Para mim, é muito importante fazer parte desta grande festa do esporte

mundial. Não consigo entender um atleta que não tenha orgulho de competir aqui. Valeu a pena perder as férias para competir na Olimpíada. Participar da cerimônia de abertura foi muito intenso para mim e fiz questão de curtir demais aquele momento, porque sei que não voltarei a usar o uniforme olímpico espanhol. É difícil explicar o que senti.” Dezesesseis anos depois, seria Leo Messi quem se beneficiaria de todo esse sentimento de Guardiola em relação ao que estava vivendo.

Como cidadão orgulhoso de ser catalão, Pep sabia que a torcida de Barcelona poderia não abraçar totalmente a seleção, mesmo se tratando de uma final olímpica jogada no Camp Nou. “É impossível haver mais de 60 mil pessoas [no estádio]”, ele tinha previsto. Mas, como poucas vezes aconteceria em sua carreira, Guardiola errou. E errou feio.

A Espanha venceu a Polônia por 3 a 2 para delírio dos 95 mil torcedores que estiveram no Camp Nou — incluindo o rei e a rainha, que se apressaram para chegar ao estádio quando ouviram que, no intervalo, a Polônia estava em vantagem (1 a 0).

Aproximadamente nove minutos depois da chegada do casal real à tribuna central, e com as vaías já silenciadas, Guardiola cobrou uma falta na esquerda, dirigida à segunda trave, e Abelardo chegou cabeceando forte, para anotar o empate. Na comemoração do gol, a TV exibiu uma cena que entrou para a história — ao notar que o estádio tomado por catalães vibrava com o empate espanhol, um maravilhado rei Juan Carlos se vira para a rainha Sofia e aponta para a arquibancada, como se estivesse dizendo: “Olha o que está acontecendo”.

Desde a sangrenta tomada de poder por Franco na década de 1930, aquela talvez tenha sido a primeira indicação de que parte da Catalunha era capaz de sentir orgulho dos feitos alcançados pela Espanha. Ou, pelo menos, por uma Espanha que contasse em suas fileiras com catalães como Guardiola, Ferrer, o goleiro Toni e o atacante Tony Pinilla. O terceiro gol da Espanha, de Kiko, foi marcado aos 46 minutos do segundo tempo; e, logo depois de os poloneses darem nova saída, o juiz apitou o fim da partida.

Ao elogiar os dois catalães, Guardiola e Ferrer, que venceram o espanhol, a Copa da Europa e as Olimpíadas na mesma temporada, Francesc Pereaunau, do

El Mundo Deportivo, escreveu de forma profética: “Nenhum jogador catalão na história do FC Barcelona ganhou tantos títulos em uma temporada. Os dois foram os pilares desse time, com seriedade e postura, além de uma pequena dose de genialidade. Mas, o mais importante, é que eles trouxeram para a equipe uma mentalidade vencedora, que parece ter o poder de contagiar a nova geração.

“Além da coragem e da emoção demonstradas na partida de ontem, a Espanha alcançou e venceu a final graças à sua recém-descoberta mentalidade de campeã, que permitiu à equipe enfrentar cada partida com o estado de espírito ideal. O melhor de tudo é que os dois [Ferrer e Guardiola] ainda terão o restante de suas vidas para explorar e aprimorar essa filosofia.”

Sobre a conquista, Pep disse: “Não dou muito valor para esse metal dourado em si, genericamente falando, mas vencer essa final contra a Polônia é uma experiência que nunca mais poderei repetir disputando uma Olimpíada, então o verdadeiro valor desta medalha, que está no meu pescoço agora, eu vou descobrir só daqui a alguns anos”.

Ele se sentiria de forma parecida em vários outros momentos de sua carreira no Barça. Foram quatro títulos espanhóis, duas Copas do Rei, uma Recopa, a Copa e a Supercopa da Europa. Mesmo quando o período mágico de Cruyff chegou ao fim, houve outras conquistas importantes sob o comando de Louis van Gaal e Bobby Robson.

As contusões lhe custaram uma vaga na Copa do Mundo de 1998, competição na qual a Espanha foi humilhada pela Nigéria. Uma longa inimizade com Javier Clemente foi o principal motivo para ele não ter sido convocado para a Eurocopa de 1996. Azar do próprio Clemente.

Seu talento merecia mais do que as 47 partidas que disputou pela Espanha, e esse baixo número de jogos explica parcialmente a falta de combatividade da seleção durante os anos 1990. Não que Guardiola sozinho pudesse fazer dos espanhóis campeões europeus ou mundiais, mas sua ausência foi certamente muito sentida.

A espinha dorsal da Espanha deveria ter sido formada por Andoni Zubizarreta (companheiro de Guardiola no Barcelona) no gol, o imponente Fernando Hierro na defesa, Pep no centro nervoso do meio-campo, e um dos

melhores da Europa, Raúl, no ataque. Ter parado nas quartas de final, no máximo, foi pouco para os espanhóis.

“Pep, por toda sua qualidade técnica e caráter, era essencial para a seleção”, admite Hierro, uma lenda do Real Madrid.

Michel, que mais tarde, no comando do Getafe, viria a enfrentar o Guardiola treinador, é outro que elogia sua capacidade como jogador. “Pep era incansável jogando futebol. Costumava falar sem parar, estava sempre gesticulando e tentando gerenciar o time todo. Era como se estivesse organizando o trânsito.”

Se é óbvio que essas palavras todas explicam um pouco da origem do Guardiola treinador de futebol, é também importante compreender o triste final de sua carreira como atleta no Camp Nou e os eventos que o transformaram em um homem de “casca mais grossa”, capaz de assumir o comando técnico do Barcelona.

Depois da dramática e imprudente demissão de Cruyff, o clube apostou em Van Gaal e Bobby Robson para se reconstruir e tomou um caminho que acabou marginalizando o talento de Guardiola e restringindo seu potencial de ganhos financeiros. Os novos jogadores passaram a ser contratados por altas somas de dinheiro, deixando de lado a prata da casa de La Masia. Os reforços chegaram ao Barça ganhando salários altíssimos e concentrando a maior parte dos investimentos do clube, o que representou também a necessidade de cortes em certos gastos e o estabelecimento de uma nova hierarquia. Guardiola e sua turma pagaram o pato.

Pep é um homem de princípios rígidos e que não aceita meias palavras. Por isso, talvez tenha tido uma parcela de responsabilidade no esfacelamento da sua relação com a diretoria, então comandada por Joan Gaspart. Ele esperava que o cartola lhe apresentasse uma proposta formal de renovação de contrato que refletisse seu status e sua importância no clube, só que essa proposta nunca chegou.

Então, desistiu de continuar aguardando. Em uma entrevista coletiva, em abril de 2001, anunciou sua decisão unilateral de deixar o Barcelona e jogar no exterior. O impacto foi o de um terremoto. Guardiola não era apenas o mais vitorioso catalão da história do clube, mas também o símbolo de La Masia, o

xodó dos torcedores e uma mente brilhante do futebol.

Os catalães costumam dizer que “a Catalunha tem tudo o que você pode desejar”. Citam as praias, as montanhas, o esqui, o clima, a comida, o futebol e as artes. Os argumentos são válidos: a vida por lá não é nada ruim. Mas, para alguns, isso significa também que inexiste qualquer necessidade de expandir os horizontes. “Tenho tudo aqui” é uma expressão sufocante, algo que pode comprimir sua necessidade de evolução e experimentação.

Mas Guardiola não é como os outros. Definitivamente, é um catalão diferente. Foi isto o que ele disse: “Ontem à noite, às 23 horas, encontrei o presidente Gaspart e conversamos por duas horas. Pedi que participasse deste evento, mas não foi possível porque ele tinha de estar em outro lugar hoje. O presidente conversará com vocês na terça-feira, mas estou aqui hoje para lhes dar minha interpretação daquilo que discutimos.

“Quando cheguei ao Barcelona, eu era um rapaz totalmente inexperiente de treze anos. Agora, já tenho filhos. Esta foi minha casa durante dezessete anos e sou muito feliz e orgulhoso de ter crescido e amadurecido aqui. Mas agora tenho trinta anos e sinto que minha carreira está escapando por entre os dedos. Não tenho mais muitos anos como jogador pela frente e preciso pesar bem minhas escolhas. Devo continuar aqui até pendurar as chuteiras ou assumir o desafio de descobrir outros países e suas ligas? Devo conhecer outros clubes e competir ao lado de outros companheiros de time? Preciso ser honesto comigo mesmo e admitir que me sinto mais atraído pela ideia de ir atrás do novo.

“Por essas razões, preciso dizer a vocês exatamente aquilo que falei para o presidente ontem, que vou terminar minha carreira no exterior. Não tenho ideia de para onde vou, porque até agora tenho ignorado todas as ofertas que recebo. Eu precisava resolver minha situação com o Barça primeiro. Mas, a partir deste momento, estou de portas abertas para Inglaterra, Itália, França e Alemanha. Josep María Orobitg irá me representar e poderá falar em meu nome. Obviamente, estou à procura da melhor oportunidade possível para aproveitar meus últimos anos como jogador. Busco um clube onde possa continuar aprendendo, mas também onde eu possa ensinar o que aprendi aqui.

“O presidente até me autorizou a dizer que, caso eu não encontre um clube

do meu interesse, poderei continuar aqui. Mas, já estou decidido: vou embora. Esta não é uma decisão impulsiva, que tomei de uma hora para a outra, depois um jogo particularmente bom ou ruim. É algo sobre o que venho pensando há tempos. Estou determinado a levar a outro clube todo o conhecimento que recebi aqui graças a pessoas muito talentosas.

“Eu gostaria de aproveitar a oportunidade para agradecer aos presidentes Núñez e Gaspart, e todos os diretores e treinadores com quem trabalhei desde os treze anos. Quero agradecer a Serra Ferrer, a todos os funcionários do clube e aos companheiros de time que me ajudaram a ser um grande jogador de futebol. Considero-me um homem de muita sorte por ter jogado ao lado deles. Gostaria de agradecer a todos vocês, àqueles com quem sempre me dei bem, e também àqueles com quem tive bons e maus momentos. Trilhamos um longo caminho juntos. Também quero agradecer aos torcedores que me apoiaram e aos que nunca conquistei, porque, no final das contas, a motivação de todos nós é o amor que temos por este clube. Obrigado a todos que me ajudaram a ser quem eu sou.”

Fiz questão de reproduzir a íntegra do comunicado porque ele é muito revelador. Um símbolo do clube vai embora, e o presidente não faz questão nenhuma de estar a seu lado no momento do anúncio. Separados, cada um dará sua própria versão a respeito do fim desse longo casamento. Além disso, é importante considerar o tom formal e articulado das declarações de Guardiola. É como ele tenta se comportar até hoje, principalmente quando está em público. Mas ainda assim podemos sentir sua adoração pelo clube e o gosto pelo tempo que passou vestindo a camisa do Barça.

Já a declaração de que sua “carreira está escapando por entre os dedos” e o reconhecimento de que partiria ativamente em busca de um novo emprego (no lugar de esperar que uma fila de clubes desejosos de seu futebol se formasse) são típicos da maneira de Guardiola de se expressar, com sinceridade e sentimento, sem espaço para a falsa modéstia. Ponha as mãos à obra, trabalhe duro e não tenha medo de admitir que quer muito alguma coisa.

No anúncio de que deixaria o Barcelona ao final da temporada, Pep também falou sobre sua “paixão pelos times ingleses”.

“Eles são honestos, agressivos e normalmente não jogam pelo empate,

como fez recentemente o Liverpool ao vir nos enfrentar no Camp Nou. Nos estádios da Inglaterra, você respira futebol no estado mais puro e natural. Ainda me lembro da primeira vez que joguei em Old Trafford. Foi inacreditável.”

Aquele foi o início de uma fase turbulenta na vida de Guardiola. O primeiro passo foi o convite do presidente da Juventus, Luciano Moggi, para que o catalão fosse jogar na Itália. Pep gostou da ideia e queria aceitar, mas o clube de Turim retirou a oferta.

De qualquer forma, Guardiola acabou mesmo atuando na Itália, mas pelo Brescia. Sua passagem por lá foi marcada por um exame antidoping que apontou o uso de nandrolona pelo atleta — acusação da qual foi inocentado posteriormente. Entre os dois breves períodos que passou no Brescia, Guardiola acompanhou de perto na Roma o trabalho de Fabio Capello, um dos grandes técnicos do futebol moderno. Quando deixou a capital italiana, Pep estava farto do homem Capello, mas todo o aprendizado recebido ainda iria compor o seu repertório na futura carreira de treinador.

Já seus anos no Catar tiveram sabor agri-doce. Sem a pressão de torcedores e da imprensa, ele teve tempo de sobra para curtir a vida ao lado de Hierro e dos irmãos De Boer, jogar golfe, ir ao cinema, aprender inglês e se dedicar mais à família. “Depois de sua carreira no Barça e da experiência na Itália, tudo o que ele e eu queríamos era nos divertir jogando futebol, como fazíamos quando tínhamos dezessete anos e estávamos começando. Queríamos recuperar aquela alegria”, recordou Hierro.

Uma entrevista dada a uma emissora espanhola de TV na época mostrou que Guardiola continuava se sentindo tão catalão quanto antes, apesar de já estar vivendo no exterior fazia quatro anos. Afirmando que apenas as voltas para casa a cada poucos meses tornavam a vida longe da Catalunha “mais tolerável”, Pep reafirmou seu desejo de ver a seleção catalã ser reconhecida pela Fifa.

“Infelizmente, pelas leis do futebol, a Catalunha não pode disputar as grandes competições. Quando jogava no campeonato espanhol, eu era convocado para jogar pela seleção [espanhola] e me sentia feliz com isso. Mas não dá para mudar o que sinto pelo meu país, aquele que não sai da minha

cabeça e do meu coração. Meu país tem seu idioma próprio há centenas de anos, meu país é a Catalunha.”

Ao falar sobre identidade, Guardiola também abriu o coração para comentar sobre as inúmeras interpretações equivocadas surgidas sobre ele ao longo dos anos, em razão de sua personalidade e de gostos particulares.

“Muitas pessoas da minha idade leem e gostam de ir ao cinema. Mas, quando falo sobre isso nas entrevistas, sou visto como alguém um pouco diferente. A verdade é que muitos jogadores gostam de livros e cinema. Também há aqueles que gostam de McDonald’s. Outros preferem bons restaurantes.

“Eu me esforço para viver com paixão e não perder minha sensibilidade diante da vida. As coisas importam para mim, é assim que se tem que viver. Se não for assim, de que vale a vida? Não é possível agradar a todos e não faz sentido tentar ser a pessoa que os outros querem que você seja. O importante para mim é ser quem eu sou. Não quero ser diferente, apenas ser autêntico como sou.”

Sua amizade com o estilista Toni Miró levou a uma conversa entre os dois sobre a nova coleção do artista, na primavera de 1993, e Guardiola então se ofereceu para participar do futuro desfile de lançamento em julho daquele ano. O jogador estaria em seu período de férias, ou seja, sem compromissos futebolísticos. Mesmo assim, como o próprio Miró recorda, Cruyff não gostou.

“Pep e eu conversamos sobre essa ideia de ele desfilar para mim, mas Cruyff ficou tão contrariado que acabou punindo-o com o banco de reservas.”

Quando meu amigo Gabriele Marcotti, o excelente correspondente de futebol europeu do *Times*, visitou Guardiola em Doha, ele o encontrou lamentando as mudanças sofridas pelo futebol nos catorze anos que haviam se passado desde sua estreia pelo Barcelona. “Acho que jogadores como eu entraram em extinção, porque o jogo se tornou cada vez mais físico e tático. Na maioria dos times, os jogadores têm uma função bem definida, e a criatividade só pode existir dentro desse parâmetro. Eu não mudei, minhas qualidades não diminuíram, mas o futebol mudou: está muito mais físico. Para jogar à frente da linha de zagueiros agora, é preciso ser um recuperador de bolas. Se eu tivesse vinte anos hoje, não encontraria espaço no Barcelona nem seria jogador

profissional. Na melhor das hipóteses, estaria na terceira divisão de algum outro país”, ele disse a Gabriele.

Uma constatação deprimente, mas que o próprio Pep treinador, nos primeiros anos da nova carreira, iria provar se tratar de um equívoco: em seu Barça multicampeão teria existido espaço para o jovem Pep Guardiola, ainda que seu poder de marcação fosse um pouco menor que o de Sergio Busquets.

Uma das pessoas que sempre apreciaram o estilo de jogo de passes do Pep jogador foi Paul Jewell, treinador responsável por um dos namoros que não se tornaram casamento de Guardiola com o futebol inglês. No final de 2005, cansado da vida e do futebol do Catar, Pep havia decidido seguir os passos do amigo Hierro, que se transferira para o Bolton Wanderers e estava adorando a experiência.

Jewell não tinha conhecimento da decisão de Guardiola, mas sabia que o atleta ainda tinha visão de jogo e profissionalismo para ajudar o Wigan a se estabelecer na Premier League. O técnico então telefonou para o catalão e deixou uma mensagem. Não tinha grandes expectativas quanto a obter uma resposta, mas, dois minutos depois, Pep ligou de volta.

“Ele ficou muito interessado na minha proposta e me interrompeu quando tentei explicar um pouco mais sobre o Wigan: ‘Tenho visto as partidas, sei exatamente como o time joga e não me surpreende o sucesso do Wigan’, disse.”

Os detalhes do contrato foram discutidos e, apesar de o teto salarial do clube ser de 10 mil libras, Guardiola estava disposto a aceitar o negócio. “Sempre gostei da forma como Pep jogava, ele estava à frente do seu tempo. Foi o melhor meio-campista passador da minha geração, fazia o futebol parecer um passeio.”

Mas, para azar de Jewell, um amigo próximo de Guardiola e também amante do futebol romântico chamado Juanma Lillo assumiu o comando do Dorados de Sinaloa, do México, e convidou o catalão a fazer parte do seu meio-campo. E, como a lealdade é um atributo fundamental para Pep, ele aceitou o convite e desistiu de ir para o Wigan. Jewell lamentou muito.

“A simplicidade é um dos componentes mais eficazes, e também mais difíceis de se atingir, no futebol de alto nível”, ele me disse. “Pep tinha isso quando jogador, e basta olhar para suas equipes para notar que ele continua

tendo essa característica como técnico. Muitos jogadores e treinadores complicam o jogo, o que nunca acontecia com o Barça de Guardiola.

“Lembro que ele sempre sabia onde a bola sobraria com liberdade, porque conhecia o tipo de pressão que a equipe realizava no meio-campo e então ele dava o mínimo possível de toques para encontrar a melhor opção de ataque. É exatamente isso o que seus times fazem. A maioria dos centenas e centenas de passes trocados nos jogos contra Arsenal e Manchester United na temporada 2010/2011 foram de primeira ou no segundo toque. Se não precisam tocar na bola, eles não tocam. Se o passe foi bom, os jogadores simplesmente deixam a bola rolar e apenas ajustam a posição do corpo para continuar avançando. Eu gostaria de ter tido a oportunidade de trabalhar com ele.”

O que Guardiola descobriu no deserto catariano e, depois, no curto e incompleto período ao lado de Lillo no México foi que era absolutamente necessário para ele continuar envolvido com o futebol. No entanto, como sempre, Pep queria fazer tudo da melhor maneira possível, e não simplesmente aproveitar a primeira oportunidade que aparecesse pela frente.

Em 2003, houve eleições presidenciais no Camp Nou. Joan Laporta foi o vencedor e levou o Barcelona de volta aos bons tempos. Mas seu principal adversário no pleito tinha sido Luis Bassat.

Bassat fora inteligente o bastante para identificar Guardiola, que ainda estava em seu estágio na Roma, como um recurso indispensável para o clube. O candidato queria fazer dele o técnico do Barça, com apenas 32 anos de idade.

“Quando disputei a presidência em 2003, fui a Roma para contratar Pep. Eu sabia que ele era um cara inteligente, que amava o Barça e trabalharia duro pelo clube. Conversamos durante seis horas, e ele me convenceu de que não era treinador. Na ocasião, ainda não tinha a licença necessária para exercer a função”, relembra.

“Então, mudei de ideia e decidi que seria melhor tê-lo como meu futuro diretor de futebol. Ele teria sido brilhante na função, assim como se tornou um técnico sensacional.”

Bassat ficou em segundo lugar na eleição, e Guardiola seguiu jogando enquanto preparava o próprio futuro. Tempos depois, com o apoio da Federação Espanhola, ele recebeu a licença de treinador e, quase

instantaneamente, se tornou o comandante do Barcelona B.

O mês era junho de 2007 e, muito embora apenas pouco mais de um ano tivesse se passado desde que o Barcelona conquistara o segundo *doblete* com liga e Champions de sua história, o time de Frank Rijkaard já tinha começado a enferrujar. Logo depois da vitória por 2 a 1 sobre o Arsenal, na decisão da Champions, em Paris, duas figuras muito importantes haviam deixado o clube. Primeiro, Henk ten Cate, que sempre fora o auxiliar linha-dura de Frank, decidiu sair do Barcelona para ir treinar o Ajax. Apesar de ter sido um jogador bastante firme (ele me disse uma vez que aprendeu a jogar futebol na rua, onde era “matar ou morrer”) e um vencedor contumaz, Rijkaard não conseguia ser rigoroso e exigente o bastante na condição de técnico.

Para piorar a situação, sua vida pessoal também estava uma bagunça. O holandês perdeu o foco, seu principal auxiliar e também o vigor necessário para conduzir um clube como o Barcelona às vitórias. Rijkaard deixou de trabalhar com a mesma vontade de antes e, naturalmente, alguns de seus jogadores foram pelo mesmo caminho.

A segunda perda importante foi a de Henrik Larsson, que deixou o Barcelona. O atacante sueco tinha tido enorme impacto no clube. Trabalhador incansável, inteligente, absolutamente profissional e de atitude indiferente em relação a quem não ostentava o mesmo sentido de responsabilidade, não era difícil entender por que ele era simplesmente adorado pela torcida.

É claro que o dever de manter o elenco na linha não recai apenas sobre uma pessoa, tampouco corresponde somente a uma gestão dos atletas. Mas, se Larsson ainda estivesse no Camp Nou quando as coisas começaram a desandar, é certo que seus companheiros o teriam ouvido falar com firmeza sobre os padrões esperados no clube, o condicionamento físico e a atitude dos jogadores.

Um ano depois do discreto retorno de Guardiola ao Barcelona, ainda na equipe B, o time de Rijkaard chegou às semifinais da Champions League, em maio de 2008. No entanto, atuou sem qualquer brilho e não foi páreo para o Manchester United e o míssil disparado por Paul Scholes em Old Trafford.

Qualquer um que prestasse atenção perceberia que o clima havia mudado no Camp Nou. Isso ficou claro durante a semifinal contra o Manchester,

quando o time recebeu pouco apoio de uma torcida ainda irritada com a atuação muito ruim nas quartas de final diante do Schalke. Os jogadores pareciam mal condicionados, sem disposição e infelizes. Era como assistir a um cão feroz ir se transformando rapidamente em um pacato labrador, daqueles que podem até carregar seu chinelo, mas se assustam com o latido de um poodle mais briguento.

Rijkaard tinha oferecido ao clube alguns anos extraordinários e conseguira reconstruir o time com o suporte que recebera de Joan Laporta e Txiki Begiristain. Longe dos holofotes, Ferran Soriano e Marc Inla também foram essenciais para o renascimento do Barcelona moderno: eles transformaram completamente as finanças e o marketing do clube.

Mas foi apenas em razão da grande lealdade de Laporta e da qualidade do trabalho inicial do holandês, que chegara a um clube em pedaços, que Rijkaard continuou como técnico do Barcelona na temporada 2007/2008 — uma decisão que se mostraria um grande erro.

Mas o que aconteceu com o nosso homem, Pep, nesses doze meses de sobrevida recebidos por Rijkaard?

Quando a direção do Barcelona (leia-se Laporta, Cruyff, Begiristain e o conselheiro Evarist Murtra) decidiu que havia chegado a hora de repatriar Guardiola, houve um grande debate a respeito de ele ser ou não o homem certo para dirigir o Barça B.

Além do time principal, o clube conta com doze equipes menores, para jovens e crianças a partir dos sete anos de idade. Na Espanha, ao contrário da Inglaterra, não há times formados exclusivamente por reservas disputando uma competição à parte — em que podem ser usados jogadores do elenco principal que precisem ganhar ritmo de jogo. O Barça B é um laboratório para os jogadores mais jovens, uma plataforma voltada para a venda em relação a atletas de 22 a 25 anos que ainda não encontraram espaço no primeiro time, e um termômetro para a avaliação do estado de saúde geral das categorias de base do Barcelona. É um elenco de jogadores profissionais e assalariados, que contava com 27 atletas no ano de 2011.

Certa tristeza antecedeu a contratação de Guardiola para a segunda equipe, já que Quique Costas — que no passado havia treinado e orientado

Pep em seu período como jogador do time B, antes da estreia sob o comando de Cruyff — era o técnico sendo substituído, após uma temporada ruim.

A atmosfera em torno do clube era muito negativa, porque o declínio em um ano tinha sido muito acentuado. Tanto que no dia em que Guardiola foi contratado para assumir o time B e voltou para casa, a mídia catalã pouco disse a respeito, pois Begiristain fazia críticas pesadas aos jogadores do time principal. “Precisamos de mais rigor e profissionalismo nos treinos. Estamos perdendo jogos em que tínhamos a vantagem e desperdiçando chances importantes de gols nos últimos minutos das partidas. Enquanto não treinarmos melhor, não jogaremos melhor.”

No mesmo dia, Laporta também fez questão de atacar o elenco. “Para alguns jogadores, eu tiro meu chapéu. De outros, não tenho do que reclamar. Mas há um terceiro grupo, de muito talento, que não tem se comportado como deveria.”

A declaração mais contundente foi a de Rijkaard, que, como se sabe hoje, deveria ter sido demitido naquele momento, e não doze meses depois: “A lembrança que me fica desta temporada que passou é a de Carles Puyol, meu capitão. Ele se sentiu como se estivesse pregando sozinho no deserto, gritando a plenos pulmões para tentar motivar os companheiros de time. Ele sofreu muito este ano”.

O técnico também disse que “seria muito fácil culpar os jogadores, mas eles se comportam como você permite que aconteça. Por isso, prefiro culpar a mim mesmo”.

Guardiola, apesar de ter se tornado apenas o técnico do time B, já trazia consigo os ares de renovação, de um líder faminto por vitórias. Em sua apresentação, o ex-capitão disse: “O que fiz como jogador ficou no passado. Não sou ninguém como treinador e estou começando do zero. Só as vitórias me trarão credibilidade e me farão crescer como técnico.

“A prioridade aqui continua sendo produzir jogadores de qualidade. Mas, se não conseguirmos as vitórias e não atingirmos o objetivo de subir de divisão, sei que não mantereí meu emprego. É assim que as coisas funcionam.

“Eu não tinha nenhuma outra proposta e por isso devo agradecer ao Barça. Se eles não tivessem me procurado, eu estaria agora sentado no sofá de casa. A

primeira coisa que quero fazer é dizer que estou honrado e transmitir o orgulho que sinto ao retornar a este clube mais uma vez. Não considero que vou trabalhar na terceira divisão, mas sim no Barça B. Os jogadores não devem pensar que estão jogando na terceira divisão, mas que estão abrindo as portas para o time principal.”

Tempos depois, ao relembrar a negociação para a contratação do treinador, Laporta declarou: “Pela nossa impressão, Pep provavelmente aceitaria dirigir o Barça B mesmo sem receber salário”.

O ano correu bem. O time B tinha acabado de sofrer a humilhação do rebaixamento para a terceira divisão, e Pep chegava sem contar com um grupo de jogadores definido e estável. Um momento revelador pôde ser visto nos treinos que antecederam o primeiro jogo em casa, no Mini Estadi — uma arena com capacidade para 15 mil pessoas a cerca de cem metros do Camp Nou. Os jogadores do elenco, entusiasmados e ainda pouco maduros, tentavam impressionar o novo técnico, que por sua vez podia ser ouvido gritando palavras de ordem que evocavam sua primeira entrevista à TV catalã, quase vinte anos antes.

“Não quero que vocês tentem driblar como Leo Messi. Quero que passem a bola, passem e passem de novo. Deem o passe com precisão, movimentem-se bem, passem novamente, passem e passem.

“Quero que a movimentação de todos seja inteligente, e que cada passe saia com precisão. É assim que nos diferenciamos das outras equipes. É isso o que eu quero ver.”

A estreia, naquele fim de semana, foi então uma primeira demonstração do que viria a ser um padrão ao longo da temporada. O Balaguer deu muitos chutes, tentou se impor fisicamente contra os garotos de Guardiola, teve dois jogadores expulsos e acabou perdendo por 4 a 2. Como registro histórico, a primeira escalação de Pep como técnico do Barça B foi a seguinte: Oier, Córcoles, Xavi Torres, Botía, Víctor Sánchez, Espasandín, Crosas, Dimas, Abraham, Jeffrén e Víctor Vázquez. Pedro, que se tornaria campeão mundial com a Espanha e uma estrela internacional, saiu do banco de reservas e marcou o terceiro gol da vitória.

Diferentemente do técnico de ternos bem alinhados que vemos hoje em

dia, Guardiola vestiu em sua primeira partida em casa uma camiseta rosa e calças jeans.

E o Barcelona B se tornou uma equipe praticamente imbatível dentro dos seus domínios. Muito do que se vê hoje em seus times já podia ser vislumbrado naquela época, com ingressos a preços bem mais acessíveis. Além da filosofia dos passes curtos, ainda mais difícil de implantar em meio aos chutes e à correria que prevaleciam na terceira divisão, Guardiola fez a equipe trabalhar muito. Os treinos eram extremamente intensos; quem não se dedicasse, fosse quem fosse, simplesmente não jogava no final de semana.

Foram estabelecidas muitas regras e as multas respectivas, além de um pequeno sistema de bonificações pelo empenho dos jogadores. No início da pré-temporada, o treinador conversou com os capitães e disse que, cada vez que o time vencesse três partidas em sequência, ele pagaria um almoço para todos. Logo no primeiro mês, já teve de colocar a mão no bolso para cumprir a promessa. E não ficou só nisso. Foram várias visitas do Barça B, todas patrocinadas por Pep, aos restaurantes El Gorriá e El Asador de Aranda. Mas o treinador recuperou seu investimento com o dinheiro arrecadado com as multas pagas por quem se atrasou ou não se dedicou nos treinos, chegou em casa depois da meia-noite em dias de trabalho ou foi expulso de algum jogo. Não posso afirmar se Guardiola chegou a multar a si mesmo, mas, tenso com a reta final da temporada, ele também acabou expulso de uma partida. No fim, o Barça B conquistou o título da terceira divisão com um ponto de vantagem sobre o segundo colocado.

Os laterais se transformavam em alas, e os pontas entravam em diagonal para deixar o time ocasionalmente com cinco atacantes. Sergio Busquets aperfeiçoou o ofício de *pivote*, recuando com frequência até a linha de defesa quando o 4-3-3 original se transmutava em 3-4-3. Era ele quem organizava o jogo e quem mais tocava na bola, além de voltar para auxiliar a saída de bola da dupla de zaga, formada por Botía, Chico ou Valiente. O atacante central e os dois interiores (os meias pela direita e pela esquerda) eram orientados a avançar e pressionar o adversário em cada tentativa de saída de bola rival pelo chão.

Foram 21 jogos de invencibilidade em casa. A campanha na terceira divisão

também marcou a aparição de um recurso que se tornaria famoso depois da preleção para a final da Champions League de 2009, em Roma, o vídeo motivacional. Um exemplo: antes da partida decisiva contra o Castillo, Guardiola exibiu aos jogadores do Barça B o filme *Zidane: Um retrato do século 21*. Os garotos, ao que parece, se inspiraram e acabaram vencendo por 6 a 0.

Guardiola tem uma compreensível obsessão pela ideia de ver seus jogadores iniciarem as partidas como animais famintos capazes de produzir uma blitz sobre o adversário logo nos primeiros cinco minutos. É em parte sobre esse conceito que se apoiam os vídeos motivacionais. Antes do último jogo da temporada, a segunda partida do mata-mata contra o Barbastro, ele escolheu exibir um filme sobre a história de um homem de sessenta anos e seu filho, que sofre de paralisia cerebral, participando juntos de uma etapa do *Ironman*. O vídeo, que mostra cenas do pai carregando o filho e ajudando-o a superar sua deficiência, foi exibido apenas quinze minutos antes do apito inicial. Alguns jogadores admitiram mais tarde que entraram em campo naquele dia com os olhos cheios de lágrimas.

Todas as estratégias serviram como modelos para as temporadas seguintes, em que ele se encarregaria do time principal.

Dez mil torcedores foram ao Mini Estadi para ver a última partida de Guardiola antes do acesso e o gol de Víctor Vázquez que recolocou a equipe na segunda divisão B. Naquela partida, o treinador usou os seguintes jogadores: Oier, Córcoles, Chico, Xavi Torres, Espasandín, Sergio Busquets, Dimas, Víctor Vázquez, Abraham, Pedro, Emilio Guerra e Gai.

Àquela altura, o treinador já havia sido informado (meses antes) de que muito provavelmente sucederia Rijkaard na equipe principal. Que bela maneira de se despedir de seu primeiro trabalho como técnico profissional.

SERGIO BUSQUETS:

A PITADA DE MALDADE

NO MEU TEMPO de Espanha, não me lembro de nenhum jogador que tenha dividido mais opiniões do que Sergio Busquets depois de ter sido promovido como parte da revolução de Pep Guardiola no Barcelona.

Os companheiros de equipe não demoraram a perceber quais eram os talentos do volante, mas poucos torcedores e jornalistas foram capazes de apreciar de imediato o seu valor. É claro que, com o tempo, Busquets provou sua qualidade a todos. Porém o começo foi desafiador.

Ele parecia um estranho no elenco. Talvez porque fosse alto e esguio, tão diferente dos baixinhos e criativos companheiros de meio-campo, tanto à esquerda quanto à direita. Mas o que logo ficou claro para todos nós — e o que era enfatizado sempre que conversávamos com algum de seus colegas de equipe — é que Busquets acrescentava três atributos fundamentais para que o Barcelona deixasse para trás definitivamente a equipe frágil e cambaleante da temporada 2007/2008.

Primeiro, Busquets é um competidor voraz — muitos, inclusive, acreditam que ele utiliza seus instintos para finalidades reprováveis. De qualquer modo, era ele, na minha opinião, o membro do time que mais se assemelhava ao Guardiola dos tempos de jogador.

Na Gol Televisión, em Barcelona, trabalhei ao lado de Jordi Lardín, um grande ex-atleta do Espanyol, também catalão, que foi contemporâneo de Guardiola e me falou um pouco sobre os tempos em que o treinador atuava como volante. Jordi contou que, embora Pep fosse um grande jogador de futebol, também dominava a arte de usar a malandragem para irritar os adversários e fazê-los perder a cabeça. Ofensas, pisadas no pé... Não entremos em muitos detalhes para não arranhar demais sua imagem. De qualquer

forma, nada muito diferente da forma como Busquets atua.

O segundo grande atributo do jovem volante é o cérebro extremamente preparado para o jogo de futebol. Em seu sonho utópico de uma equipe perfeita, Guardiola teria em mãos um elenco formado por vinte jogadores fantásticos, cujos cérebros também deveriam ser capazes de trabalhar em alta velocidade o tempo todo. O impacto de Busquets em relação à área do campo em que acontece a marcação por pressão — um aspecto que se tornou marca registrada da “era Guardiola” no Barça —, e também à sua efetividade, foi tremendo, e é uma eloquente confirmação de sua importância para a equipe.

Foi isso o que Mascherano me falou sobre “Busi”. “Ele tem talento para jogar em qualquer equipe do mundo, mas é o cara perfeito para jogar aqui neste clube. É um ladrão de bolas, tem uma técnica soberba e nos ordena taticamente. Eu o vejo jogar e tento aprender.”

No Barcelona de Guardiola, a presença de Víctor Valdés permitia que a defesa atuasse bastante avançada, e Busquets empurrava o meio-campo alguns metros adiante para ajudar os atacantes enquanto faziam a pressão. Era tudo, portanto, parte de um processo.

Em relação ao terceiro atributo, eu passo a palavra a Xavi, que sabe de futebol um pouco mais do que eu. Foi o veterano catalão quem indicou que o time precisava de um tanto de *mala leche*, ou de uma certa pitada de maldade. Ele contou que Busquets aprendeu a jogar futebol nas ruas de Badia del Vallès, e sempre se mostrou disposto a fazer muito presente esse traço de sua personalidade nas situações em que os craques do Barcelona estavam sendo intimidados. Os baixinhos do clube gostavam. E muito.

Busquets acabou conquistando muitos de seus detratores, sucedeu a Marcos Senna na seleção espanhola — a partir da Eurocopa de 2008 — e ganhou tudo o que disputou desde então, inclusive a Copa do Mundo de 2010, na África do Sul. É possível não gostar dele, mas não dá para duvidar de que Sergio Busquets foi peça fundamental para o sucesso do Barcelona de Pep Guardiola.

7. OS IMPERADORES DE BARCELONA



Nas nossas reuniões de campanha, discutimos muito a necessidade de passarmos uma ideia de frescor e mudança. Acho que ganhamos por causa disso... Significávamos uma história diferente.

Marc Ingla

AO CONTRÁRIO da sexta-feira anterior, o domingo, dia 8 de março de 1998, foi muito bom para Louis van Gaal. Quarenta e oito horas antes, o holandês havia escorregado no vestiário do Camp Nou depois de um treino, sofrendo uma torção de tornozelo tão feia que precisou usar uma bota protetora, daquelas bem ao estilo Frankenstein, durante o decisivo clássico contra o Real Madrid — na noite do domingo em questão. Mas, quando ele e seu esquisito calçado entraram em campo para acompanhar, ao lado de 115 mil torcedores, a goleada por 3 a 0 aplicada pelo Barça, Van Gaal já sabia que o homem que queria tirar Josep Lluís Núñez da presidência e ameaçava entregar o cargo de treinador a seu arqui-inimigo, Johan Cruyff, havia sido derrotado nas eleições.

Antes do clássico, os sócios do Barcelona tinham sido convocados para aprovar ou não uma moção de censura a Núñez. Caso fosse derrotado nas urnas, o presidente passaria a estar em posição insustentável e provavelmente deixaria o cargo. Mas não foi o que aconteceu. Dos 91.815 sócios aptos a participar do plebiscito, só 40.412 compareceram. Desses, a maioria (24.863) votou contra a moção e a favor do mandatário. Houve ainda 1191 votos brancos ou nulos.

A vitória nas urnas significava que o presidente estava a salvo. Quarenta e cinco minutos depois do anúncio do resultado — e provavelmente se sentindo intocável —, Núñez pôde se sentar tranquilamente no luxuoso camarote presidencial para assistir ao clássico. E, levando em consideração a entrevista coletiva dada por Van Gaal após a partida, o mandatário do clube não era o único a estar se sentindo tão bem.

“Esse foi um dos melhores dias para mim. Primeiramente, porque derrotamos o Real, mas também porque o presidente venceu nas urnas. Mas ainda acho que fizemos um trabalho melhor do que o dele”, declarou o holandês, em sua tradicional mistura de humor e arrogância.

“Amanhã de manhã, vou usar uma gravata azul com desenhos de elefantes brancos, já que os elefantes sempre me trouxeram sorte, o que ficou provado nesta noite.”

Ele estava fazendo referência ao *Elefant Blau* [Elefante Azul], grupo de

oposição a Núñez que havia sido derrotado na tentativa de provocar a queda do presidente do Barcelona.

O que ninguém sabia ainda era que os 14.358 votos obtidos pelo *Elefant Blau* e por seu carismático líder, Joan Laporta, então com 35 anos, seriam a voz do futuro. O advogado que dava um rosto para a oposição a Núñez se tornaria o mais vitorioso e eficiente presidente da história do Barcelona. Sua gestão herdou um clube que caía pelas tabelas no futebol espanhol e o transformou na equipe mais poderosa do planeta. Durante os seus mandatos (que se estenderam de 2003 a 2010), o Barça conquistou doze troféus, incluindo duas Champions League e quatro títulos espanhóis. Só para contextualizar: o clube havia vencido dezesseis vezes o espanhol nos 75 anos anteriores à chegada de Laporta.

Antes da vitoriosa presidência do catalão, o Real Madrid tinha nove títulos europeus em sua galeria; o Barcelona, apenas um (conquistado em Wembley, em 1992). Na era Laporta, o clube faturou duas Champions League, e um dos seus legados foi deixar ao sucessor um time muito bem montado para que outra conquista europeia se concretizasse, apenas um ano depois de sua saída do cargo (título obtido novamente em Wembley).

É óbvio que ele não fez tudo sozinho. Homens como Ferran Soriano e Marc Inla foram vitais para o sucesso institucional que passou a rodear o clube. No entanto, todo o movimento de reconstrução tinha sido ideia de Laporta. E, mais uma vez, tudo havia começado com Johan Cruyff.

Quando Núñez enviou seu vice-presidente, Joan Gaspart, ao vestiário da equipe para demitir Cruyff, em maio de 1996, Laporta estava entre os milhares de *culés* que discordavam da decisão e lamentou pela forma como o holandês havia sido removido do cargo. Somado a outras críticas à gestão de Núñez — como seu estilo ditatorial e a situação financeira bastante desconfortável do clube —, o tratamento desonroso da diretoria em relação ao treinador do único título europeu do Barça até então motivou o jovem advogado a liderar um movimento rebelde contra o presidente.

Em 2006, Laporta me explicou as (importantíssimas) razões para que ele se tornasse um fã incondicional de Cruyff. “O verão de 1973 foi muito emocionante devido à expectativa pela chegada de Johan”, explicou. “Eu tinha

onze anos e acompanhei tudo. Na época, foi a contratação do século. Em seu primeiro jogo oficial, contra o Granada, ele fez dois gols. Depois, ficamos trinta jogos invictos, com direito a um 5 a 0 sobre o Real em Madri, e ganhamos a liga com cinco rodadas de antecipação. Foi maravilhoso!

“Foi como se o quinto Beatle tivesse chegado a Barcelona. Nossa cidade e nossa cultura passaram por uma espécie de revolução. Ele nos trouxe um ar de modernidade e nos colocou na vanguarda do esporte mundial.

“Como jogador, Cruyff era amado. Passou a ser imitado em tudo o que fazia: na forma como entrava em campo, no jeito como orientava o time todo quando tinha a bola nos pés, até no penteado. Todo garoto queria ser como ele — especialmente, eu.

“Estávamos no meio de um governo totalitário, e o Barcelona tinha a simpatia das pessoas mais progressistas, dos democratas. Cruyff conquistou torcedores aqui e em grande parte do país. Ele defendeu a identidade do Barça, mas também iluminou as mentes da Espanha.

“Então, toda vez que o Barcelona viajava era como agora: havia centenas de torcedores e um clamor popular na cidade sendo visitada. Mas o mais importante foi que Johan trouxe consigo uma ideia de modernidade. Ele desencadeou ondas progressistas e sentimentos democráticos que aumentaram a distância entre o Barça e os franquistas.”

Torcedor do Barça desde a infância, Laporta acabou se transformando em um advogado inteligente e ambicioso, que soube como organizar e promover um grupo de oposição quando Núñez, em 1996, mandou Cruyff embora do Barcelona.

O mais curioso é que, observando alguns episódios de sua vida adolescente, já era possível encontrar sinais indicativos de suas atitudes mais excêntricas no cargo de presidente do clube.

Educado numa escola de padres, Laporta desejava, na adolescência, tornar-se um missionário. No entanto, acabou expulso da instituição depois de se rebelar contra um professor de física que havia suspenso todos os alunos de uma mesma sala. Como forma de responder à suspensão, o jovem Joan roubou os originais de um exame e compartilhou as respostas com os colegas. Quando o professor se deu conta de que alunos que mal sabiam escrever os próprios

nomes haviam tirado notas muito altas, começou a desconfiar de algo errado, trancou todos os garotos dentro da classe e exigiu que o culpado se apresentasse. Foi o fim para Laporta, que precisou deixar a escola.

Nem mesmo o serviço militar obrigatório foi capaz de insuflar algum sentido de conformismo no jovem Laporta. Uma falha administrativa fez com que ele fosse mandado para Tenerife e não para a base localizada a uma hora de Barcelona, como era previsto. Lá, o rapaz se rebelou, porque o Exército estava servindo carne de camelo vencida nas refeições, e acabou punido com duas semanas na solitária.

Um outro incidente, quando ele fugiu para casa acreditando que, com o caos administrativo do Exército, sua ausência não seria sentida, rendeu-lhe mais duas semanas de prisão. Enviado mais tarde para a fortaleza de Pedralbes (com vista para o Camp Nou), para onde eram mandados os piores elementos a serviço do Exército, Laporta decidiu viajar com uma namorada para o Egito. Mas sem permissão. Somente quando retornou, já esperando que voltaria a ver o interior de uma cela, ele descobriu que seus companheiros haviam se revezado no momento de responder “presente” em cada uma das chamadas previstas no período. E Laporta se safou.

Ou seja, quando seu herói, Cruyff, foi destronado de forma truculenta no Barcelona, ele já era um homem acostumado a atos de rebeldia.

O grupo de oposição a Núñez nasceu da sua união com Albert Vicens, Jordi Moix, Albert Perrín e Alfons Godall, seu velho amigo dos tempos de escola. Todos eles se tornariam dirigentes do Barça durante a gestão Laporta.

Em 1998, ele se lançou de vez na política do clube ao apoiar a candidatura de Ángel Fernández à presidência. Seu candidato, no entanto, não teve chances contra Núñez. Dois anos depois, quando o mandatário decidiu se aposentar, Laporta se aliou ao relações-públicas e magnata do marketing Lluís Bassat na eleição para escolher o novo presidente, extraordinariamente acirrada.

Apesar de estar em curso o processo de deserção do astro português Luís Figo para o Real Madrid, Joan Gaspart — vice de longa data de Núñez e o homem que levara a cabo a demissão de Cruyff em 1996 — derrotou Bassat com facilidade: 25.181 votos contra 19.791.

Aquela campanha, entretanto, levantou temas importantes. Bassat aproveitou o pleito para discursar firmemente contra a “violência e o tráfico de drogas” praticados pela torcida mais barulhenta do Barcelona, a *Boixos Nois*. Quando se tornou presidente, Laporta retomou a discussão, tentando expurgar do Camp Nou os piores elementos ligados ao clube — e, por isso, foi alvo de uma campanha de intimidação que incluiu até mesmo ameaças de morte.

Bassat também lançou o nome de Txiki Begiristain como diretor de futebol, recebeu apoio implícito de Cruyff e falou com frequência sobre como os valores defendidos por Guardiola — o estilo de jogo e o percurso histórico do clube — eram importantes para ele. Esses três homens seriam as pedras angulares do novo Barça.

Para preocupação de Laporta, uma pesquisa pré-eleitoral conduzida por um dos jornais catalães revelou que a maioria dos entrevistados considerava a participação de membros do *Elefant Blau* na campanha de Bassat prejudicial à candidatura — naquela época, o grupo era visto pela mídia, na melhor das hipóteses, com ceticismo.

Gaspart venceu as eleições, mas seu mandato foi desastroso. A derrota em casa por 4 a 2 para o Valencia de Rafa Benítez, em janeiro de 2003, foi o momento ideal para uma monumental *pañolada* (o protesto dos lenços brancos), e marcou também o começo do fim de sua presidência enquanto se aproximavam as novas eleições.

Depois da experiência de ter participado como coadjuvante da campanha de Bassat e diante do estado lamentável no qual o Barcelona se encontrava, dentro e fora do campo, Laporta decidira que ele próprio lideraria uma chapa como candidato a presidente nas eleições seguintes.

Sua primeira ação foi entrar em contato com Sandro Rosell, um “sangue azul” do Barça. Juntos, eles convenceram Marc Ingla a se juntar ao projeto; e foi Ingla quem envolveu Ferran Soriano, seu sócio (e uma mente privilegiada), no grupo que disputaria o comando do clube.

Soriano era então um rico empresário de apenas 36 anos, com experiência em marketing internacional e no setor de telecomunicações. A partir daquele verão, ele se tornaria vice-presidente do clube. Apaixonado pelo Barça desde a

infância, Soriano não tinha experiência em termos de política associativa e representava o perfil ideal para integrar um grupo com muita paixão pelo Barcelona, mas que carecia de sua expertise.

“Quando conheci esse grupo, com Laporta e todos os outros, eles estavam ansiosos para disputar a presidência, mas não tinham ideia de como organizar uma campanha vencedora.”

Soriano imediatamente começou a pôr de lado algumas regras tradicionais do futebol e passou a aplicar ao projeto medidas de sucesso comuns no mundo dos negócios. “A questão é que, quando você está se aproximando de algo que não entende bem, o mais prudente e aconselhável a fazer é procurar ajuda de um especialista, certo? Então, liguei para uma catalã que trabalha como consultora política em Washington e perguntei a ela: ‘Como se organiza uma campanha vencedora?’.

“Ela me deu um tutorial de uma hora por telefone. Anotei tudo e depois adaptei aquelas regras para as situações específicas envolvendo a nossa eleição. Quando expus as ideias ao grupo, eles me deram o aval para seguir adiante.”

A chapa liderada por Laporta era uma colcha de retalhos composta de pessoas que pareciam acreditar nos mesmos ideais, gente jovem, dinâmica e bastante incomodada com a situação vivida pelo clube — que vinha apenas alternando cenários de maior e menor constrangimento, em razão de administrações incompetentes.

No excelente documentário *Barcelona: The Inside Story* — da série Storyville, produzida pela BBC —, Rosell admite que “torcer para o Barcelona tinha começado a ser motivo de vergonha”.

Outro dos futuros vice-presidentes do Barça, Rosell, utilizou seus contatos e alguns favores que lhe eram devidos para mudar a percepção popular em relação a seu grupo, que inicialmente ainda era visto como azarão na eleição, e emplacar a ideia de que Laporta era um “garoto de ouro”. Com a boa condução da campanha, aos poucos a inteligência, o charme e a autoconfiança do candidato começaram a elevar suas chances de sucesso eleitoral.

“Joan era o candidato perfeito por duas razões. A primeira é seu carisma natural, ainda mais destacado naquela época. Ele é corajoso e sabe se expressar bem”, diz Soriano. “A segunda razão, muito importante, é que ele era capaz de

acreditar em tudo o que dizíamos, absorvendo e repetindo nossos ideais sem se desviar um milímetro.

“As coisas acabaram mudando em 2008, quando enfrentamos a moção de não confiança. Na ocasião, ele não permitiu que as pessoas que o cercavam lhe dissessem o que fazer. Ele se desviava da mensagem, deixava a emoção tomar conta.

“Em 2003, logo pela manhã, nós nos reuníamos e dizíamos a ele: ‘A mensagem de hoje é a criação de um círculo virtuoso e a contratação de novos jogadores’. Já o deixávamos avisado: ‘Você vai repetir essa mensagem várias vezes. Provavelmente, vai se sentir cansado e meio tonto por ficar repetindo a mesma coisa, mas não se preocupe, essa será a mensagem para hoje’. E então, ele passava aos eleitores exatamente aquela mensagem, sem nenhum desvio. E sempre de forma convincente.”

Ingla, apesar de não ter se sentido respaldado por Laporta mais tarde, compartilha da mesma visão sobre aquele que viria a ser o novo mandatário do Barcelona. “Joan foi e é muito idealista, cheio de energia e carismático”, diz. “Era o presidente certo para aquele momento.

“Havia uma certa dúvida no início sobre quem deveria encabeçar a chapa. Sandro queria ser o candidato, mas é claro que tinha de ser Joan.

“Não era só uma questão de aproveitar a oportunidade. Ele tinha bons valores e os apresentava de forma carismática. Sabia como fazer as pessoas o seguirem. E sua energia era a mesma nos episódios em que ele estava contra determinada ideia. Isso criava as faíscas de que precisávamos.”

Como é típico nos grandes homens e mulheres, os atributos que os levam à glória são os mesmos que os lançam em direção às derrotas. Ingla descreve bem Laporta. Quando o presidente tinha razão, sua extraordinária autoconfiança afastava todas as dúvidas, e coisas boas aconteciam. Quando ele estava errado, a mesma extraordinária autoconfiança o fazia ignorar os bons conselhos que recebia, e os desastres aconteciam.

*

A campanha já estava correndo bem quando Rosell arquitetou a

sensacional jogada de relações públicas que colocou Laporta à beira do poder.

Dia 10 de junho de 2003. Nós, os jornalistas que trabalhavam na cobertura das eleições do Barcelona, estávamos no escritório de campanha de Laporta, na Passeig de Gràcia, preparados para um prometido grande anúncio.

Fazia meses que eu noticiava que a transação entre Manchester United e Real Madrid por David Beckham já estava fechada. O preço de compra do jogador fora definido numa reunião entre José Ángel Sánchez, do Real, David Gill e Peter Kenyon, ambos do United, na ilha de Menorca. Livres para negociar (o contrato do inglês com o time de Manchester se aproximava do fim), os agentes de Beckham já tinham chegado a um acordo com o clube espanhol. Mas, como a transferência ainda não havia sido anunciada, o meia estava, pelo menos em tese, no mercado.

“Estou aqui para anunciar que chegamos a um acordo com o Manchester United e temos um preço para a compra de David Beckham”, disse Laporta naquele dia. A tela logo atrás do candidato atestava a afirmação do cartola e mostrava uma declaração do clube inglês sobre o tema. Do ponto de vista do United, não havia nada de errado. Laporta havia perguntado o preço de Beckham, e eles haviam respondido. Só isso.

O futuro presidente avisou que não responderia a nenhuma pergunta sobre o tema e entregou a palavra para Rosell, seu vice de futebol, para que o homem que tinha negociado a possível transferência levasse todos os créditos.

Veio então uma chuva de indagações incrédulas.

“Como vão persuadi-lo a não ir para o Real Madrid?”

“Ele é o tipo certo de jogador para o projeto de vocês?”

“O técnico que planejam contratar o aprova como reforço?”

“Ele é uma contratação apenas para o marketing do clube?”

Rosell respondeu a cada uma dessas questões com calma, sem demonstrar nervosismo ou hesitação.

Só que tudo não passava de um teatro. Beckham estava mesmo de mudança para Madri. Mas, como havia um documento formal do Manchester United confirmando o valor da taxa de transferência, a imprensa catalã entrou em frenesi.

No momento em que o golpe foi arquitetado, o Barcelona vinha caindo

pelas tabelas no campeonato espanhol e corria risco de nem se classificar para a Champions League da temporada seguinte. E a estratégia funcionou perfeitamente. Laporta deu aos eleitores justamente aquilo em que queriam acreditar: que aquele grupo de empresários jovens e vibrantes faria o Barcelona voltar a ser um dos grandes protagonistas do futebol europeu.

Marc Ingla estava lá naquele dia e tornou-se vice-presidente de marketing depois da vitória esmagadora de sua chapa nas eleições. Ele e Soriano haviam fundado uma empresa global de telecomunicações, com escritórios em cidades de todo o mundo — como Paris, São Paulo, Boston, Dusseldorf e Londres. E ele me disse naquele dia: “Quando anunciamos o acordo com Beckham, estávamos ultrapassando nossos adversários nas pesquisas. Já tínhamos dado nosso primeiro sprint na corrida eleitoral. Mas foi a negociação que promoveu nossa vitória, porque foi um atestado de credibilidade, algo na linha do: ‘Esses caras são capazes de ir até Manchester e contratar um superastro’.

“Sandro Rosell tinha muitas relações no mercado do futebol, e acredito que seu ótimo relacionamento com Florentino Pérez tenha contribuído para que aquela ideia fosse adiante. Era um ‘acordo pela metade’, e Sandro costurou nos bastidores com todas as partes envolvidas.”

Rosell e Florentino mantinham — e, de certo modo, ainda mantêm — uma longa e duradoura relação de respeito mútuo, inclusive de amizade.

A ida de Beckham para Madri já estava sacramentada. Ou seja, o Real viu de camarote seus rivais históricos anunciarem que tinham um acordo para contratar o meia inglês caso Laporta vencesse as eleições e não tratou de desmenti-los ou ridicularizá-los. As águas estavam calmas: imperava entre o mandatário do Real e a futura diretoria do Barça um clima de paz e amor fraternal naquele momento.

Se as relações amistosas com Rosell impediram que Florentino Pérez dissesse a verdade sobre Beckham, permitindo que o truque publicitário tivesse impacto sobre os eleitores do Barça, então o presidente do Real cometeu um grande erro. O efeito incendiário do anúncio catapultou Laporta à vitória e recolocou o Barça no caminho da grandeza.

“Nas nossas reuniões de campanha, discutimos muito a necessidade de passarmos uma ideia de frescor e mudança. Acho que ganhamos por causa

disso, ou pelo menos foi assim que enxergamos a situação. A idade da nova diretoria, nossos históricos profissionais, tudo era diferente do que o Barcelona conhecia até então”, avalia Ingla.

Laporta e seu grupo derrotaram o antigo aliado Bassat por uma diferença de quase 9 mil votos. Era o aval para as mudanças radicais pelas quais Ingla tanto ansiava.

O programa de governo do novo presidente incluía o descarte de uma das ideias fundamentais do conceito-slogan que sempre definiu o Barcelona, o “Més que un club”: os catalães passariam a aceitar patrocínio em sua camisa. O Barça se orgulhava do fato de ser um dos pouquíssimos clubes do mundo a manter a camisa “pura”. Essa proposta, ratificada por uma assembleia especial logo no primeiro ano do mandato de Laporta, significou uma incrível ruptura com a tradição.

Beckham virou jogador do Real, é claro. Pini Zahavi, o empresário que vinha auxiliando Rosell e Laporta nos bastidores, ajudou o clube a trazer o goleiro turco Rüstü Reçber (que viria a fracassar no Barcelona), enquanto Luis García, Rafa Márquez, Gio van Bronckhorst, Ricardo Quaresma e Ronaldinho também eram contratados.

Foi interessante também (para não dizer estranho) que o Manchester United, que ajudara na estratégia Beckham durante a campanha de Laporta, tenha desistido da contratação de Ronaldinho junto ao Paris Saint-Germain. O presidente do clube parisiense, Francis Graille, ficou tão irritado com Peter Kenyon, executivo de futebol do United à época, que vinha fazendo ofertas diferentes pelo jogador, por escrito e verbalmente, que decidiu oferecê-lo ao Barcelona. O Real também queria Ronaldinho, mas planejava deixá-lo mais um ano no PSG, acerto que não agradava o brasileiro. A favor dos *culés* pesava o fato de Rosell ter um excelente relacionamento com seu futuro camisa 10. O dirigente conhecia o atacante dos tempos em que trabalhava para a Nike e negociava com a seleção brasileira. Um jogador extraordinário e uma personalidade contagiante foram então acrescentados ao projeto de reconstrução do Barça, num dos momentos mais significativos da história recente do clube.

Em seguida, deu-se outro desses momentos de definição: a escolha de

Frank Rijkaard como novo técnico. “Ele era jovem e não tinha muita experiência, então provavelmente estávamos aumentando o grau de risco do nosso projeto”, lembra Ingla. “Mas acreditávamos que um técnico de mais rodagem não teria energia o suficiente para comandar a revolução de que precisávamos. A idade e o perfil de Rijkaard estavam mais alinhados com os nossos interesses. Era uma parceria. Vencemos as eleições porque o clube precisava de uma reformulação, e ela não aconteceria se contratássemos alguém que já chegasse com uma cartilha pronta.

“Tínhamos de ser fiéis aos nossos sócios, e o que eles nos pediam era um treinador jovem, que apostasse nas categorias de base, num estilo de futebol ofensivo e em jogadores inteligentes. Rijkaard se enquadrava nesse perfil.”

Os líderes que dirigiriam o clube e o comandante que levaria o time ao sucesso já estavam então definidos.

Ao mesmo tempo, o grupo de Laporta começava a se dar conta do tamanho da bagunça em que havia se metido. A nova diretoria herdou uma dívida de 150 milhões de euros e descobriu que o presidente anterior, no último ano de sua gestão, tinha gastado 196 milhões de euros, mas arrecadado apenas 120 milhões. Soriano ficou assombrado com a situação que encontrou.

“O mais impressionante é que o estilo de gestão era mais próprio do que se costumava ver nos anos 1970”, ele comentou.

“A nossa ideia, já que iríamos administrar o clube, que é tão relevante para tantas pessoas, era simples: ter no departamento de marketing, por exemplo, alguém que entendesse de marketing. E não simplesmente uma pessoa que pararia lá somente porque durante anos integrou a ‘família do futebol’ no Barcelona. Era chamar um especialista em marketing da Procter & Gamble, e essa pessoa é que iria aprender sobre futebol. Usamos a mesma lógica no departamento financeiro, no de recursos humano etc.”

O problema, no entanto, é que havia muito mais para fazer do que eles tinham imaginado no início. E, para piorar, os primeiros resultados dentro de campo foram de medianos a ruins. Sopravam ventos de crise.

Soriano lembra que, naquele momento difícil, recebeu apoio de onde não esperava. “Luis Enrique foi um muito importante para as mudanças. Ele era o capitão do time e costumava olhar para nós com certa desconfiança.

“Mas, com o tempo, começou a se tranquilizar porque viu as contratações que vínhamos fazendo, como Ronaldinho e Rafa Márquez. ‘Estamos aqui há muito tempo e temos visto o clube comprar jogadores sem qualidade ano após ano’, foi exatamente o que ele nos disse.

“De fato, não era incomum a chegada de jogadores caros e que não tinham qualidade o suficiente para atuar pelo clube. Giovanni e Fábio Rochemback foram dois bons exemplos. Mas Luis Enrique esperou, viu nossas contratações e então voltou para conversar conosco: ‘O.k., agora está bem melhor. Esses jogadores são de primeiro escalão’.

“Houve outro fator importante. No início da primeira temporada, Rijkaard vinha usando Luis Enrique em todas as partidas. E nós perguntávamos: ‘Por que você está fazendo isso?’. Luis estava se aproximando da aposentadoria e provavelmente não era a melhor opção do ponto de vista técnico.

“Rijkaard respondia: ‘Tenho que dar oportunidade primeiro aos jogadores mais velhos, os donos do vestiário, para tratá-los de forma justa. Então, se for preciso tirá-los do time mais tarde para colocar os garotos mais jovens, vou poder dizer que eles também tiveram sua chance’.

“Com o passar do tempo, Luis começou a jogar menos. Mas, pela forma como tinha sido tratado, acabou sendo fundamental para a união do elenco. Existia a ideia de que ele poderia ajudar o treinador a passar suas ideias para o grupo, e foi exatamente o que ele fez. Essa decisão de Frank Rijkaard foi extremamente importante.”

Pouco a pouco, a nova diretoria foi convencendo pessoas e instituições de que, apesar dos resultados ainda oscilantes dentro de campo, o Barça estava de volta.

O faturamento era baixo, a identidade do clube estava manchada, as estratégias de marketing eram ultrapassadas ou praticamente inexistentes, e a dívida era enorme. Inglá, o vice-presidente de marketing, foi um dos principais estrategistas da mudança.

“[O Barcelona] tentava vender um amistoso por um valor que variava entre 120 mil e 200 mil euros, o equivalente hoje ao cachê de uma equipe espanhola média. Depois de três anos, estávamos vendendo partidas por 2 milhões de euros, dez vezes mais do que quando assumimos o clube.

“Somos uma marca muito atraente, algo de que as pessoas querem muito se aproximar, gente de diversas partes do mundo. Durante muito tempo, tinha faltado visão sobre o que o clube realmente representava.”

Laporta, Rosell, Soriano e Ingla, os quatro mosqueteiros da reconstrução do Barça, não tinham vergonha de olhar para os lados a fim de copiar medidas positivas que já tinham sido adotadas por outros protagonistas do esporte. Descobriram que, em 1996, o clube espanhol e o Manchester United arrecadavam o mesmo valor com marketing. Mas, sete anos depois, em 2003, o Barcelona faturava 120 milhões contra 260 milhões dos ingleses.

“O Real também era um modelo para nós, porque contava com jogadores incríveis, verdadeiras marcas mundiais”, afirma Ingla. “Qualquer um podia ver quais caminhos o clube trilhava para alcançar a enorme exposição que tinha. Consideramos que o Barça era administrado muito localmente. Mas também olhamos para o Manchester United, porque queríamos entender como devia se dar o processo de mudança que estávamos almejando.

“No entanto, antes de tudo, nós precisávamos voltar ao nosso estilo ofensivo de jogar futebol.”

*

Não demoraram a surgir fissuras na jovem diretoria montada por Laporta. Logo depois de o grupo ter assumido o comando do clube, Rosell já começou a mostrar desconforto. Ainda no início da nova era, as câmeras dos documentaristas da série Storyville o flagraram de guarda baixa. “Quando uma equipe está unida e é conduzida na direção certa, então o sucesso vem. Mas a equipe é fundamental”, disse. Ele não se referia ao Barça de Frank Rijkaard, mas ao grupo que vencera a eleição.

Depois de algum tempo, passou a chamar os demais integrantes da diretoria de “flower children”. Um apelido que fazia alusão àquilo que Rosell via como ingenuidade de parte de seus colegas, que acreditavam que de fato todos tinham o mesmo peso no grupo e Laporta apenas ocupava o cargo de presidente. Mas o feitiço que conseguira reunir, durante alguns anos dourados, aquele colegiado de mentes brilhantes em torno do mandatário do clube não

durou muito.

“No primeiro ano, Joan delegava bastante”, lembra Ingla. “Delegava a Ferran, a mim e, em questões ligadas ao futebol, a Sandro e Txiki. Mas, no ano seguinte, ele começou a tomar mais decisões por conta própria, como um chefe executivo. Tornou-se o presidente executivo do clube 24 horas por dia, sete dias por semana. Mas o presidente não deve decidir sobre as questões gerenciais e técnicas. Sua função tem de ser mais social — é claro que ele vai participar das decisões, mas sempre respeitando os especialistas de cada área ao seu redor. Olhando em retrospectiva, percebo que Joan deveria ter atuado menos como executivo, e nós também. Precisávamos ter deixado os profissionais administrarem o clube.”

Perguntei a Soriano se ele havia percebido que, alimentando Laporta com estratégias e conselhos de fundo político e depois lhe oferecendo o poder, acabaria criando uma espécie diferente de monstro. Sua resposta foi: “Não nos primeiros meses. No começo, tudo correu bem, foi um processo bem-sucedido. Mas, com o tempo, foram aparecendo os primeiros desentendimentos. Dentro de três ou quatro meses, o cara que depois assumiu a presidência [Rosell] de repente se voltou contra alguns dos diretores e começou a criar problemas.

“Quanto aos problemas de 2008 [quando Laporta enfrentou a moção de não confiança], penso que só é possível sobreviver como presidente se você é suficientemente maduro e não acredita totalmente no personagem criado pelo poder. Agora, se você se transforma nesse personagem, aí terá problemas. Naqueles dois anos, entre 2006 e 2008, Laporta foi atacado pela oposição diariamente nos jornais. É difícil lidar com isso, sobretudo se você é uma pessoa emotiva e aguerrida.

“Chegou um determinado momento em que ele desenvolveu essa ideia de que ‘se sou eu quem está sofrendo toda a pressão, então sou eu que tenho que tomar todas as decisões’. Foi aí que começou a se equivocar, porque parou de dar ouvidos a pessoas honestas e brilhantes que estavam ao seu lado. Acho que por isso se tornou tão centralizador. Seu erro foi pensar que precisava ter todo o poder para lidar com toda a pressão. A escolha certa teria sido distribuir a pressão entre todos e trabalhar em grupo.”

“Eu sempre fui um presidente executivo”, disse Laporta, em 2008. “O FC

Barcelona viaja a uma velocidade muito alta, e é importante manter sempre o desejo de inovar. É preciso ter pulso forte para conduzir o clube no rumo certo sem se desviar dos objetivos. Algumas coisas fizeram sentido meses atrás, mas agora não fazem mais.”

Esse, certamente, não era o discurso de um estrategista de longo prazo.

*

Como as câmeras da série Storyville tinham revelado logo no início do reinado de Laporta, o presidente estava prestes a perder o apoio do homem que o sucederia no cargo e que deixaria de ser um influente aliado para se tornar um grande inimigo.

Rosell foi a principal voz a pedir a cabeça de Frank Rijkaard na metade da temporada 2003/2004. A equipe parecia jogar com um peso enorme nas costas, e as derrotas para o Málaga (5 a 1) e o Racing (3 a 0) apontavam para um caminho que parecia irreversível.

Rosell era um homem brilhante e talentoso, cujo passado como executivo da Nike e futebolista de algum talento faziam dele o perfil ideal como administrador de um clube de futebol. Mas ele logo se frustrou com a nova diretoria da qual fazia parte — especialmente com Laporta, depois que Rijkaard foi mantido; e sua ideia de contratar Scolari, descartada.

As tensões cresceram, como relembra Ingla. “Nós acreditávamos em Rijkaard e estávamos muito relutantes em aceitar a proposta de Sandro. Ele teria trocado de técnico. Parecia que as ideias de Sandro eram anti-Cruyff, anti-Txiki [Begiristain], pró-Scolari e a favor de uma turma de jogadores ‘seus’. Sandro passou a oferecer os nomes que deveriam ser contratados como reforços, o que não era a função de um vice-presidente. Esse trabalho é do diretor de futebol e do treinador.

“Desde o começo, Sandro sempre teve uma atitude paranoica em relação a Cruyff. Ele lembrava que seu pai havia sido diretor-geral do clube quando Cruyff era jogador e citava os valores dos acordos financeiros entre eles naquele tempo. Era totalmente obsessivo quando falava de Cruyff.”

A postura de Soriano era um pouco mais moderada. “Sandro Rosell esteve

na nossa diretoria por dois anos, mas sempre foi contra todos os outros membros do conselho. Nem se preocupou em explicar por que nos deixou.

“Na época em que Rijkaard esteve a perigo, houve grandes discussões entre os membros da diretoria. Depois de apenas seis meses da chegada de Frank, o grupo de Rosell já queria contratar Luiz Felipe Scolari. Achavam que o estilo de futebol praticado pelo Barcelona estava ultrapassado. Na época, jogamos contra o Chelsea e perdemos. Eles então levantaram a voz e disseram: ‘Vejam o que aconteceu. Nós devíamos trazer um técnico como Scolari e começar a contratar jogadores maiores e mais fortes’.

“Nosso grande mérito foi ter respondido: ‘Não, não somos assim. Jogamos um futebol espetacular e não podemos nos desviar disso’.”

Rosell então, com sabedoria, engoliu a frustração e permaneceu na diretoria até que o clube conquistasse um título (o espanhol de 2015). Só então deixou para trás os antigos companheiros.

Nesse intervalo, apesar da tensão entre Begiristain (pró-Cruyff) e Rosell, o clube realizou, no verão de 2004, uma das mais impressionantes transformações de elenco que o futebol já testemunhou. Foram dezesseis jogadores vendidos ou liberados, como o caso de Phillip Cocu, Patrick Kluivert, Luis García, Marc Overmars e Rüstü. Para compensar as saídas, chegaram Samuel Eto’o, Deco, Edmílson, Ludovic Giuly, Julian Belletti, Sylvinho e Henrik Larsson. Mesmo depois de ter perdido a batalha contra os admiradores de Cruyff, Rosell esteve diretamente envolvido nesse trabalho de remontagem, que construiu as bases para as conquistas de dois títulos espanhóis e uma Champions League.

Laporta ainda alega que Rosell foi totalmente contrário à contratação de Eto’o e que tentou boicotar a chegada do camaronês. A razão, de acordo com o então presidente, teria sido o fato de o dirigente considerar que a transação punha em risco sua boa relação com Florentino Pérez, uma vez que o Real Madrid ainda era proprietário de parte dos direitos do atacante. O acerto com Eto’o acabou se revelando uma grande vitória para o Barcelona, no sentido administrativo, tornando-se mais um fator a colaborar para a ruptura entre Laporta e Rosell.

Quando Rosell partiu, em junho de 2005, ele enviou uma carta aberta aos

sócios, na qual atacou a diretoria e vendeu a imagem de um homem absolutamente decepcionado.

Queridos barcelonistas,

Devo contar a vocês que comuniquei hoje ao presidente que estou renunciando ao cargo de vice-presidente do Barcelona FC.

Decidi manter essa decisão em suspenso até o presente momento por duas razões. Em primeiro lugar, não queria que nenhuma ação minha desestabilizasse o desempenho esportivo de qualquer um dos nossos jogadores. Agora que a liga chegou ao fim e nós conquistamos o título, esse risco não existe mais. O segundo motivo foi a demora do clube, pelo menos até 1º de junho, em renovar o contrato dos profissionais que têm sido vitais para o nosso sucesso nas categorias de base. Para o bem do clube, eu queria que o futuro deles estivesse garantido, pelo menos em relação à próxima temporada, antes da minha saída. Mas esperar por tanto tempo teve um preço.

Eu sei que é quase impossível se afastar de um cargo como o meu sem provocar turbulências.

Sempre pus os interesses do clube à frente dos meus. Se esse não for o caso desta vez, peço desculpas. Estou indo embora e não quero causar prejuízo a ninguém com essa decisão.

Sou um sócio leal ao clube e alguém que assume a responsabilidade por suas ações. Mas, amigos e culés, existem problemas que não têm soluções simples. Durante meses, minha situação foi bastante desconfortável e me entristeceu muito. O projeto que esse grupo de jovens orgulhosos e ambiciosos apresentou durante a última campanha eleitoral tem sido repetidamente minado ao longo dos dois últimos anos de gestão no Barcelona. Ou eu não entendi desde a origem a ideia com a qual Joan Laporta buscou a presidência, ou as coisas foram mudando

rumo a um estilo de administração que carece de independência, transparência e espírito democrático. Eu preciso ir embora e, pelas razões que já expus, devo também evitar dar mais detalhes das nossas divergências em público.

Na verdade, essas divergências não são entre mim e o presidente. São entre a gestão de Joan Laporta e o programa eleitoral que ele apresentou. Temos sido acusados de ser uma diretoria sempre ávida pela imprensa. Não precisava ser assim. As atenções deveriam estar sempre voltadas para os jogadores que defendem com seus esforços a camisa do Barça. Um diretor do Barcelona, por sua vez, deve ser firme e exigir o mais alto padrão, além de ter orgulho do clube e ser leal a ele.

E, claro, precisa ser leal às decisões e ações da diretoria — contanto que elas sejam democráticas. Ele deve trabalhar com discrição, honestidade, eficiência, humildade e transparência. Com a mão na consciência, posso dizer que tentei agir dessa maneira, mas as circunstâncias nos arrastaram até indiscrições que rapidamente vieram a público.

Eu também gostaria de dizer que as divergências de ponto de vista que tenho com o presidente não devem ser usadas como forma de criticar esse grupo de pessoas da nova geração [diretoria]. Foi o nosso trabalho duro e a crença na ideia de que devemos sempre pensar no “Barça primeiro” que nos fizeram vencedores. Se esse espírito ainda estivesse nos guiando, eu não estaria partindo.

Sei que sou eu quem sai perdendo nessa história, mas se eu for embora, o presidente ficará mais tranquilo. E não quero forçá-lo a me demitir. Conheço a forma como ele trabalha e sei que minha renúncia o ajudará. Mas não estou perdendo “para ele”. Estou perdendo para mim mesmo por ter investido tanto tempo, tantos contatos e tanto sacrifício em um projeto que ele tratou de reduzir. De qualquer maneira, devo dizer que não me importo com essa derrota, porque todos os benefícios do

meu trabalho e esforço não foram ao final dirigidos ao presidente, ou ao treinador ou a mim mesmo: foram destinados ao clube.

Isso é compensação o suficiente, inclusive para o que será dito a meu respeito a partir de agora, porque sou culé desde o nascimento. Na minha família, dos avós aos pais, irmãos, irmãs, filhos e netos, somos todos sócios. Por isso, parto sem rancor de ninguém, apesar do meu desacerto com o presidente.

Encerro esta carta com uma mensagem ao presidente. “Joan, ainda mais, não se esqueça dos sócios. Eles são os donos do clube, eles o elegeram e é a eles que você deverá prestar contas. O Barça precisa ser sempre um clube democrático.”

Espero que essa liga que conquistamos seja o início de uma sequência de sucessos. Para tanto, já contamos com uma boa base que foi sendo construída ao longo dos dois últimos anos. Só espero que os responsáveis não estraguem tudo aquilo que já foi feito. Termino com o grito que une todos nós que somos barcelonistas.

Visca Barça!

Na entrevista coletiva convocada para anunciar sua saída da diretoria, Rosell deu ênfase maior a uma das questões que o separaram de Laporta. Questionado sobre a influência de Cruyff no clube, o dirigente que estava abandonando o barco disse: “Para o bem de todos, Johan, recue. Deixe Laporta trabalhar sem pressão, mais tranquilo. Sem sua influência, ele talvez possa reconsiderar e retomar o projeto original. Para o bem dele, deixe Laporta trabalhar”.

Por um longo tempo depois de ter abandonado o cargo, o ex-vice continuou repetindo o mesmo conselho. Mas então, quando Laporta precisou enfrentar a moção de não confiança em 2008, Rosell anunciou que concorreria à presidência assim que surgisse uma nova oportunidade.

Na época, ele disse: “A crise que enfrentamos não é simplesmente

esportiva, é institucional. Há uma absoluta falta de governança, e agora não sou eu que digo, mas os 9500 sócios que aprovaram a moção de não confiança”.

Laporta sobreviveu por pouco à moção. Mas oito dos seus diretores, incluindo Soriano e Inglá, renunciaram ao se dar conta de que havia uma oposição tão significativa àquela direção. E criou-se mais uma polêmica durante uma presidência em que elas foram tão corriqueiras quanto os troféus levantados.

O cunhado franquista

Nenhum dos diretores do Barcelona recebe salário ou qualquer tipo de remuneração direta, exceto reembolso pelas despesas em nome do clube. Além disso, todos eles precisam apresentar garantias financeiras (cujo montante era de 1,5 milhão de euros na época em que Laporta assumiu) antes de serem investidos no cargo para o qual foram eleitos. A apresentação de Laporta como presidente teve, inclusive, que ser adiada enquanto ele e alguns novos membros da diretoria levantavam o valor necessário. E parte do dinheiro de Laporta saiu dos bolsos de familiares seus.

Alejandro Echevarría é cunhado de Laporta e foi convencido a fazer parte da chapa que viria a ser eleita. Homem influente, ele se encarregou de ser amigo dos jogadores, facilitando a vida deles dentro do Barcelona. Desse modo, virou um sujeito popular e bastante útil. Mas um jornalista descobriu que Echevarría era franquista. No começo, ele e Laporta negaram, mas não foi possível sustentar a negativa por muito tempo. A presença de um defensor de Franco na diretoria do novo Barcelona “supercatalão” e o fato de o presidente ter mentido a respeito levaram à demissão do cunhado, em outubro de 2005.

Pego com as calças arriadas

No sábado, 9 de julho de 2005, por volta de três e quinze da tarde, Joan Laporta tentava sem sucesso passar pela revista de segurança no terminal C do aeroporto de Barcelona. Já havia se livrado do celular, do cinto, de suas chaves e moedas, mas o detector de metais ainda insistia em apitar. Os demais passageiros assistiram atônitos quando o presidente perdeu o controle e gritou: “Certo, se quer me ver pelado, é isso que você vai ter”. Ele tirou as calças

e as jogou na esteira. Nesse ponto, a Guarda Civil interveio, removeu Laporta do local e, para sua sorte, ele não foi preso.

O Watergate de Laporta

No final de 2008, Laporta contratou um homem chamado Joan Oliver para ser diretor-geral do clube. Um ano depois, emplacou um salário para o dirigente de 600 mil euros anuais, que podiam ser acrescidos de mais 300 mil euros dependendo dos objetivos alcançados. Questionado pela imprensa incrédula a respeito dos ganhos do profissional, ele respondeu: “Acho que ele merece até mais”.

Oliver, aparentemente sem informar o presidente, contratou uma empresa de detetives particulares para espionar quatro vices do clube: Joan Boix, Joan Franquesa, Rafael Yuste e Jaume Ferrer. Com o mandato de Laporta chegando ao final naquele verão, a campanha para encontrar um opositor à altura de Rosell já havia começado: alianças e pactos clandestinos estavam sendo formados. Será que Laporta buscava informações confidenciais sobre possíveis candidatos a fim de escolher aquele que seria seu sucessor?

Quando o escândalo veio à tona, Laporta declarou: “Essa gestão de informações de risco era legal e servia para proteger esses caras e o clube. Tem acontecido um exagero nessa questão. O diretor-geral [Oliver] e o chefe de segurança tomaram essa decisão sem me informar, porque fazia parte de suas atribuições. Ao final da investigação, Oliver compartilhou os resultados comigo, e decidi que era importante contar tudo aos vice-presidentes. Eles compreenderam e aceitaram tudo”.

As auditorias

No fim do verão de 2010, quando o mandato de Laporta chegou ao fim e sua diretoria apresentou as contas, foi anunciado que o Barcelona fechara os doze meses anteriores com lucro de 11 milhões de euros. Meses depois, o serviço de auditoria independente da KPMG afirmou que o clube havia encerrado aquele ano com déficit de 79 milhões de euros. Uma enorme diferença de valores devido em parte a algumas despesas extravagantes: jatinhos particulares, gastos de sete dígitos em ingressos para um show do U2,

viagens para a final da Champions League em Roma e para o torneio Final Four de basquete.

Rosell e sua diretoria afirmaram que 47,6 milhões de euros em despesas não tinham sido contabilizados. E propuseram, diante de sua primeira assembleia de sócios como presidente, que Laporta e a gestão anterior fossem responsabilizados pelas perdas; como os associados votaram a favor da proposta, o caso foi levado à justiça comum. No final de 2014, o juiz José Manuel Martínez Borrego decidiu o caso favoravelmente a Laporta, obrigou os autores da ação a pagarem as custas do processo e determinou que a gestão Laporta havia sido encerrada com um superávit de 4 milhões de euros. Menos de três meses depois e investigado pelo governo, Rosell renunciou à presidência.

O patrocínio na camisa

Esse foi um assunto que atravessou as duas presidências — a de Laporta e a de Rosell. Um princípio adotado com tanto afincamento ao longo da história foi descartado sem grandes cerimônias pela diretoria de Laporta. E a própria escolha do patrocinador, seguida da decisão de mudá-lo no início do mandato de Rosell, foi o que perpetuou a polêmica.

Após um verdadeiro desfile de potenciais (e lucrativos) patrocinadores, que incluiu os Jogos Olímpicos de Pequim entre os interessados, a diretoria de Laporta lançou a bomba: o primeiro patrocinador a ocupar o principal espaço do uniforme do Barça seria a Unicef, e além disso o clube é que iria pagar — pelo menos 1,5 milhão de euros anuais — por esse privilégio, dinheiro que seria destinado ao combate à aids na Suazilândia.

Soriano foi o autor principal da ideia. “O slogan ‘Més que un club’ [Mais que um clube] tem um grande significado político na Catalunha, mas não no resto do mundo”, ele me disse. “Nós tínhamos um desafio pela frente e gente do clube dizia: ‘Isto não é mais que um clube. Somos um clube de futebol. Temos é que vender camisas na China’.

“A beleza dessa ideia foi juntar aquilo que somos com a venda de muitas camisas na China. Queríamos encontrar algo que nos ajudasse a transmitir a mensagem do ‘Més que un Club’, mas de modo que o mundo inteiro pudesse

entender.

“Também queríamos um acordo que fosse universal e global. E que fosse, de certa maneira, autoexplicativo. A Unicef era a escolha perfeita. Por isso a decisão de trocá-la pelo patrocínio da Qatar Foundation foi tão controversa. É uma medida que não alcança os mesmos objetivos atingidos pela Unicef.”

*

O homem que decidiu tirar a Unicef da camisa do Barcelona para estampar a marca da Qatar Foundation foi o sucessor de Laporta na presidência, Sandro Rosell, cuja jornada de gandula a presidente do clube faz lembrar o caminho percorrido por Pep Guardiola.

Rosell retornou oficialmente ao Camp Nou em 2010, após uma vitória esmagadora nas eleições — a maior na história do clube —, e sua relação com Joan Laporta, a essa altura, já estava mais do que desgastada. Por isso, pareceu ter ares de pura retaliação a ideia de Rosell de tratar como prioridade inicial de seu mandato a revisão do título de presidente honorário do clube concedida por Laporta a Cruyff, no final da presidência do antecessor.

Claramente mais importante do que isso foi a decisão da nova diretoria de investir pesado na melhoria das instalações do centro de treinamento do clube e também nos profissionais contratados. Rosell transformou os principais treinadores de cada categoria de base em funcionários do Barcelona em tempo integral, oferecendo suporte administrativo ao projeto de Pep Guardiola de utilizar mais *canteranos* no time principal.

Mas, ainda assim, a principal decisão da primeira parte de seu mandato foi a de receber o que Rosell e sua diretoria classificaram como o indispensável investimento da Qatar Foundation, substituindo a contribuição altruísta oferecida à Unicef pela exibição da marca de um patrocinador tradicional em troca de compensação financeira.

No verão de 2011, o Barcelona anunciou que tinha reduzido sua dívida bruta de 532 milhões de euros para 431 milhões de euros — e a dívida líquida de 431 milhões de euros para 364 milhões de euros. Levando esses números em conta, não é preciso refletir muito para compreender a utilidade e necessidade

da receita de 165 milhões de euros por cinco anos (além de um acréscimo potencial de 5,5 milhões de euros) advinda do acordo com a Qatar Foundation. Ainda durante a campanha eleitoral, Rosell havia descrito o clube como “um transatlântico com uma tripulação de primeira categoria, mas cheio de buracos no casco”. Alguma coisa precisava ser feita para remediar a situação.

A nova diretoria insistiu em um acordo com o Qatar Sports Investment (cujas marcas, Qatar Foundation, passou a ser exibida na camisa do Barça), no qual “uma futura nova diretoria poderia mudar ou encerrar”. Javier Faus explicou que “nós queríamos resolver nossos problemas econômicos, mas também selar um acordo que não fosse irreversível”.

Aqueles que selaram a parceria com a Unicef lamentaram o fato de a instituição ter perdido espaço na nova administração, mas Inгла e Soriano, as figuras-chave do acordo, passaram longe de condenar a chegada de um patrocinador comercial.

“Acredito que seja uma má ideia remover a Unicef do peito da camisa”, disse Inгла. “Isso não nos torna um clube como outro qualquer, mas realmente impede que o mundo nos veja como um clube muito especial.”

*

A tarefa mais desafiadora de Sandro Rosell ao assumir a presidência do Barcelona era buscar uma forma de não perder as duas principais estrelas da companhia, Lionel Messi e Pep Guardiola. As lesões, no caso de Messi, e o esgotamento, no caso de Guardiola, seriam dois fatores imprevisíveis àquela altura dos acontecimentos.

Ao longo dos últimos anos, no entanto, ficou bastante claro que as estratégias adotadas para manter Messi em forma e feliz produziram muitos dividendos. As mudanças em sua dieta e no regime de treinamentos deram resultados positivos. Além disso, uma confiança mútua foi estabelecida entre o clube, o jogador e seu pai, fortalecendo a relação. Tudo isso se deu, inicialmente, a partir da percepção de que Messi estava prestes a se tornar um grande fenômeno.

Já a contratação de Neymar sempre esteve nos planos do Barcelona. De

acordo com o presidente do Santos à época, Rosell pediu e conseguiu permissão para conversar com o jogador e seu pai ainda no verão (europeu) de 2010 — confirmando o perfil do catalão de presidente com participação ativa nas negociações.

Rosell venceu a disputa com Real Madrid e Manchester United pelo atacante brasileiro. Mas a forma como o negócio foi costurado e os valores da transação se tornaram tópicos tão obscuros que, no momento em que escrevo esta edição revisada, em 2016, o assunto ainda não está encerrado e já resultou em processos judiciais, multas e uma investigação governamental.

Com relação a Guardiola, o técnico até permaneceu no comando do Barcelona por mais tempo do que havia imaginado. Só que a tarefa de Rosell era criar uma atmosfera de plena confiança entre o comandante e a diretoria, a fim de adiar pelo máximo de tempo possível o adeus do treinador. E ele falhou na tentativa.

Rosell não é adepto da filosofia de Cruyff e teria trocado uma era que se mostrou importantíssima para o Barça, a do comando de Rijkaard, pelo trabalho de Luiz Felipe Scolari e a contratação de jogadores maiores e mais fortes. Sua conversão ao estilo atual de futebol praticado pelo time foi resultado do sucesso obtido nos últimos anos, e não do culto a Cruyff, que teve grande influência sobre Rijkaard, Guardiola e Laporta.

A necessidade que se apresentou a Rosell, então, foi a de criar um futuro para o Barcelona que não incluísse Carles Puyol, Xavi e Guardiola. Um futuro com o clube também mais forte economicamente. Parte do seu trabalho pode estar presente no razoável sucesso esportivo alcançado pelo Barça depois da partida de Guardiola, mas sua mudança de residência abrupta e às escondidas — presidente num dia, em fuga no outro — diz muito mais sobre sua personalidade e suas falhas: sua inadequação como homem, como líder, como pensador do futebol e até mesmo como torcedor do Barcelona. Rosell achou que bastaria ser um “sangue azul” do clube e que a vitória por ampla margem nas eleições o deixaria seguro no cargo. Mas se enganou redondamente.

Jogos marcantes

BARCELONA: 2

REAL MADRID: 0

Campeonato espanhol, 14 de dezembro de 2008

JUANDE RAMOS CONQUISTOU sua primeira vitória como treinador no Camp Nou em 2000, quando dirigia o Rayo Vallecano e venceu o Barcelona por 2 a 0. A derrota foi dolorida para uma equipe que contava com Pep Guardiola e Carles Puyol, mas foi ainda mais sentida por Louis van Gaal, que pouco tempo depois perderia o emprego. Apesar das sete derrotas subsequentes sofridas à frente de diferentes times na casa do Barça, o técnico também obteve outros dois resultados bastante expressivos contra os *culés*: 5 a 0 com o Málaga, em 2003, e 3 a 0 pelo Sevilla, diante dos recém-coroados campeões europeus, em agosto de 2006.

Então, apesar das ausências de Ruud van Nistelrooy, Arjen Robben, Lassana Diarra e Pepe, a combinação entre o evidente conhecimento de Ramos sobre as virtudes e defeitos do Barcelona e o fato de terem passado apenas sete meses desde a humilhante goleada por 4 a 1 imposta pelo Real aos catalães transformava este clássico em uma partida de alto risco para os comandados de Guardiola.

“Este pode inclusive ser meu último clássico”, disse Pep, antes da partida, a respeito de seu primeiro encontro com o arquirrival do Barça como treinador. “Eles estão no trono, são os campeões e, apesar de a torcida estar pedindo para acabarmos com eles, esse tipo de coisa, contra times assim, simplesmente não acontece. Eu os respeito e vou tratá-los como uma ameaça, mais ainda pelo fato de estarem desfalcados. Nosso trabalho é ir a campo, pressioná-los e

ganhar.”

Numa noite em que as forças da natureza fizeram a batalha por superioridade em campo parecer ter saído do filme *Apocalypse Now*, Ramos e seus jogadores passaram a impressão de ter escolhido como tática tentar tirar Leo Messi do jogo o quanto antes. Entre o segundo e o 41º minuto de jogo, o argentino sofreu seis faltas duras cometidas por cinco adversários diferentes, que se alternavam nas pancadas nos tornozelos, canelas e joelhos do craque. Infelizmente, o árbitro Medina Cantalejo pouco fez para coibir a violência e manteve o Real vivo na partida.

Víctor Valdés fez grandes defesas em finalizações de Royston Drenthe e Rafael van der Vaart, enquanto Miguel Palanca, um garoto da base que acabou entrando no jogo em razão dos inúmeros desfalques do Real, ainda acertou a trave. O Barcelona dominava, enquanto o estádio urrava pedindo vingança, um gol, um cartão vermelho... qualquer coisa que aliviasse a tensão que só fazia aumentar.

Foi então que Iker Casillas defendeu um pênalti cobrado por Eto'o, seu ex-companheiro de Real, e o time da capital achou que tinha ganhado na loteria: fora dominado, mas não derrotado, enquanto a locomotiva de Guardiola descarrilava.

Ainda faltavam vinte minutos para o fim da partida. Depois, apenas oito. Até que Xavi cobrou um escanteio, Puyol subiu mais que toda a defesa madrilenha, encontrou Eto'o no meio da área, e o camaronês conseguiu colocar a bola para dentro — antes de sair correndo feito louco na comemoração, girando a camisa no ar e encharcado pela chuva fria de novembro que caía sem parar.

Pouco depois, já nos acréscimos, um passe açucarado de Henry deixou Messi frente a frente com Casillas, e o argentino finalizou com uma cavadinha ao seu estilo, com muito efeito, para decidir o clássico a favor do Barcelona.

“Eu apanhei mais e com um pouco mais de força do que de costume”, disse Messi, na saída de campo. “Mas não vamos dar muita importância a isso”, completou.

Guardiola ficou quase tão feliz com a gana e a determinação de seus jogadores quanto com os dois gols e os três pontos pela vitória. “Vencer assim,

com tanta emoção, é melhor do que ganhar por 5 a 0”, disse. “Nós lutamos até o fim, nós acreditamos e conseguimos nossa recompensa.”

Foi épico.

BARCELONA (4-3-3)

Valdés; Daniel Alves, Puyol, Márquez e Abidal; Xavi (Keita, 90), Yaya Touré e Guðjohnsen (Busquets, 63); Messi, Eto’o (Hleb, 88) e Henry

REAL MADRID (4-4-2)

Casillas; Salgado, Metzelder, Cannavaro e Sergio Ramos; Sneijder (Palanca, 36), Gago, Guti (Javi García, 72) e Drenthe; Higuaín (Van der Vaart, 76) e Raúl

GOLS

Eto’o 82 e Messi 91

CARTÕES AMARELOS

Metzelder, Sergio Ramos, Márquez, Drenthe, Salgado, Eto’o, Casillas e Messi

ÁRBITRO

Luis Medina Cantalejo

PÚBLICO

96.059 pessoas, Camp Nou, Barcelona

8. A DUPLA IMPROVÁVEL



Chegamos a um estágio em que não precisamos conversar. Basta um olhar para o outro que já sabemos o que precisa ser feito em cada situação.
Gerard Piqué

DIA 5 DE JANEIRO DE 2011. O Barcelona vai se segurando da forma como pode contra o Athletic Bilbao, na Catedral de San Mamés, em partida válida pela Copa do Rei. Com a vitória parcial por 1 a 0, gol de Éric Abidal, o Barça passa para a próxima fase a menos que sofra dois gols nos últimos dezesseis minutos. Só que a pressão imposta pelo adversário, que transformou sua casa em um caldeirão, é sufocante.

Fernando Llorente, no auge da forma, vem encarnando o papel do centroavante que não se consegue marcar, e é o objetivo de todas as bolas lançadas pelos colegas de branco e vermelho. Nas arquibancadas, a torcida basca joga junto com o time.

Sentado ao lado de Pep Guardiola no banco de reservas está Carles Puyol, o capitão, o homem ideal para os momentos difíceis, o Tarzan. Ele, no entanto, não está em perfeita forma física. Não participou dos dois jogos anteriores em razão de um problema no joelho, que acabaria deixando-o fora de boa parte do restante da temporada.

O plano era levá-lo para a partida, mas deixá-lo no banco e conseguir a classificação sem precisar recorrer ao veterano de 32 anos. Só que agora não há escolha, e o zagueiro — um verdadeiro talismã cuja ausência no time coincidiu com todas as seis derrotas do Barça na temporada até então — tira o agasalho e espera a permissão do árbitro César Muñiz Fernández para entrar em campo. Faltam treze minutos.

Puyol é autorizado a entrar e ocupa sua posição, ao lado de Gerard Piqué. O zagueiro mais jovem se vira para o capitão e diz: “Caramba, Puyi, senti sua falta. É bom ter você de volta”.

Mas a resposta do capitão ao velho companheiro de zaga não veio com um cumprimento ou abraço. Puyol preferiu gritar: “Para de brincadeira e se concentra na porra do jogo!”. Apesar de Llorente ainda ter empatado a partida, o Barcelona conseguiu a classificação e seguiu no caminho que levaria até a final contra o Real Madrid.

Mas a atmosfera relatada acima sempre foi uma constante entre os dois zagueiros. Piqué admite que não é capaz de se manter concentrado durante

todo o tempo, e Puyol reconhece que o entusiasmo juvenil do parceiro o ensinou a não precisar estar tenso e sério, na defensiva, durante as 24 horas do dia e os 365 dias do ano.

Fora de campo, Piqué conseguia acalmar Puyol. Dentro dele, o veterano infernizava o parceiro mais jovem caso ele perdesse a concentração por um instante sequer.

Senhoras e senhores, esses são Gerard Piqué e Carles Puyol: uma das duplas mais improváveis do futebol mundial. Vocês poderiam ler este capítulo ao som da música-tema do premiado filme *Um estranho casal*, sobre a história de Oscar e Felix — em que o fanático por esporte e agitadíssimo Oscar (Walter Matthau) se oferece para dividir seu apartamento com o neurótico e deprimido Felix (Jack Lemmon).

Para falar a verdade, o mais provável seria que os dois zagueiros campeões do mundo pela Espanha em 2010 nem sequer se gostassem. Mas, além de manterem um relacionamento que rendeu frutos para ambos, eles se tornaram verdadeiros amigos, capazes de transformar um ao outro profundamente.

A diferença de idade entre os dois é de quase uma década, e eles receberam criações absolutamente díspares. Mas as discrepâncias não param por aí: estão na altura (são quinze centímetros a mais para Piqué), corte de cabelo, estilo, personalidade e experiência de vida. Ainda assim, os dois zagueiros construíram laços muito estreitos.

Aos 23 anos de idade, Puyol não tinha vencido Copa do Mundo e Champions League, não namorava uma estrela de fama global, não havia sido escolhido como o rosto das campanhas publicitárias da boutique espanhola Mango e não publicara uma autobiografia.

Ficou fácil adivinhar que Piqué já tinha feito tudo isso com a mesma idade.

Aos 23, Puyol ainda não havia conquistado nenhum título e tinha passado os últimos anos se esquivando das cobranças de Louis van Gaal para que cortasse o cabelo. Longe de ter o futebol comparado ao do mais elegante líbero da história — até Franz Beckenbauer concordou com o apelido de “Piquénbauer” dado ao parceiro de Puyi no Barça —, Puyol era um ponta-direita convertido em lateral, prestes a passar a jogar no miolo da zaga.

Quando Piqué foi contratado de volta do Manchester United, em 2008, por 5 milhões de euros, ele começou a construir uma história de exceção. Outras crias exiladas de La Masia já haviam sido recontratadas — como Luis García, que chegou a ganhar a Champions League pelo Liverpool, ou Gerard López, vice do mesmo torneio com o Valencia. Só que, apesar de terem sido contratações caras, nenhum deles fez sucesso na volta. Foram operações que não compensaram. O retorno de Piqué tampouco foi visto como unanimidade, e ele sabia disso.

Mas pensem então nos outros zagueiros do elenco quando ele chegou. Puyol havia acabado de ser campeão da Euro de 2008 com a Espanha. O mexicano Rafa Márquez, de estilo clássico e o mais frequente companheiro de zaga de Puyol, já tinha até mesmo participado de uma Copa do Mundo. Éric Abidal, originalmente lateral esquerdo, vinha pedindo para jogar mais no eixo central da defesa, e Cáceres acabara de ser contratado por impressionantes 16 milhões de euros. E havia ainda Gabi Milito, com quem Piqué já tinha atuado quando esteve emprestado ao Zaragoza.

Piqué nasceu em uma família rica no elegante bairro de Pedralbes. Era confiante, brincalhão e fora repatriado por um valor considerável. Não seria estranho se os outros zagueiros tivessem se voltado contra ele. Mas, em vez disso, Piqué logo se transformou em peça fundamental do processo de revitalização do espírito do grupo — e também do ganho de qualidade no futebol apresentado pelo time.

Em seu ano de estreia, a temporada 2008/2009, quando o Barcelona conquistou todos os títulos que disputou, Piqué foi o sexto jogador do elenco com mais minutos em campo (e o terceiro mais usado na Champions League). No jogo mais importante da temporada, deu um carrinho histórico e de extrema classe para impedir que o Manchester United saísse na frente na decisão da competição europeia, em Roma. O Barça deve essa vitória ao bloqueio de Piqué em Park Ji-sung quase tanto quanto aos gols marcados por Samuel Eto'o e Leo Messi.

“Um dos problemas do futebol é que os defensores não são tão valorizados, porque não há tanto espetáculo e prestígio no nosso trabalho quanto no de um atacante”, Piqué explicou.

“O gol é a coisa mais bonita que se pode fazer no futebol. Depois, vem a assistência. Mas, pessoalmente, acho que momentos como aquele em Roma são decisivos. Se o United tivesse aberto o placar, teria sido bem mais difícil para nós conseguirmos a virada. Park certamente poderia ter marcado no rebote da cobrança de falta de Cristiano Ronaldo, mas eu estava atento e consegui bloqueá-lo.”

O fato de Piqué ter conseguido inspirar Puyol a transformar sua personalidade, passando a integrar um trio de grandes amigos, que também envolvia Cesc Fàbregas, foi notável. Mas para entender como isso aconteceu, é preciso saber um pouco mais sobre seu parceiro de zaga.

Ainda que seu nome vá entrar para a história como um dos grandes jogadores espanhóis de todos os tempos, as façanhas de Puyol podem parecer realizações devidas mais ao esforço que ao talento. Mas essa é uma impressão equivocada, estimulada em parte pelo fato de o zagueiro cabeludo ter sido o jogador mais emblemático no Camp Nou durante a grande seca de títulos, entre 1999 e 2005.

O inexperiente garoto de dezessete anos, vindo do interior, desembarcou nas categorias de base do Barcelona apenas alguns meses antes de Johan Cruyff ser demitido. Era o protótipo do jogador utilitário: apesar de não ser muito alto, tinha bastante impulsão; mesmo não sendo um primor de técnica, dedicava-se intensamente a aperfeiçoar todos os aspectos de seu jogo. No fim, Puyol acabaria se transformando em campeão mundial como zagueiro, mas, quando jovem, atuara em praticamente todas as posições possíveis, de goleiro a atacante. Nos dois primeiros anos no elenco principal do Barça, foi ponta; depois, lateral direito.

Nascido no pequeno povoado de La Pobla de Segur, nas entranhas da Catalunha, Carles é filho de Josep e Rosa, donos de um sítio onde criavam um rebanho de vacas. Ele e seu irmão, Josep Xavier, estudaram na escola local Sagrada Família. Josep, chamado de “Putxi” pelo irmão mais novo, jogava como atacante e talvez tivesse até mais talento para o futebol. Mas a incrível determinação de Carles, presente no garoto desde cedo, o levaria mais longe. Essa qualidade o marcou durante toda a vida; em uma de suas tatuagens, inclusive, pode-se ler: “A força está dentro da mente. O forte é capaz de

resistir”.

Torcedor fanático do Barcelona desde a infância, Puyol costumava subir as escadas até o quarto e bater a porta com força quando o time perdia, indo dormir sem jantar.

Os garotos jogavam bola em um campinho composto de areia e cascalho duro, um risco para a saúde de praticantes de futebol no estilo “vencer ou morrer”, como Carles. Qualquer contato entre a pele e a superfície de jogo resultava em cortes e escoriações terríveis, e os carrinhos eram só para aqueles completamente indiferentes ao próprio bem-estar.

Mas Puyol teve a sorte de encontrar um treinador em sua pequena cidade, Jordi Mauri, que era tão determinado quanto ele. Mauri e Puyol eram obstinados o bastante para combinarem treinos extras no frio congelante das manhãs de inverno, antes mesmo de o sol nascer.

Jordi Mauri se recorda de dois incidentes que lhe mostraram como aquele era um garoto de determinação extremamente rara. “Nos treinos, costumávamos encher meias velhas com dez quilos de areia e as amarrávamos de duas em duas”, conta. “Carles colocava um par de meias em cada ombro e começava a fazer abdominais. Fazia um frio congelante, aquela era uma solução caseira improvisada, e seus colegas desapareciam do treino. Mas ele não esmorecia. Talvez eu não conseguisse nunca mais repetir aquele treinamento com os outros garotos, mas Puyol continuava aparecendo, estava sempre lá.

“Numa outra ocasião, estávamos jogando fute-tênis, e Carles mergulhou de cabeça no chão, para tentar evitar um ponto do adversário. Quando ele se levantou, percebemos que tinha esfolado o rosto e estava todo coberto de sangue. Mas sua única reclamação era por ter perdido o ponto, e ele só queria recomeçar a partida.

“A maioria dos garotos de catorze anos, naquela situação, continuaria estirada no chão, sentindo pena de si. Mas Puyol era ultracompetitivo, um verdadeiro ‘puro-sangue’, e aprendia muito rapidamente.”

Puyol estava sempre com uma bola de futebol por perto: fosse jogando com os amigos, participando dos treinos ou mesmo em casa. Sua trajetória desde o incidente sangrento na partida de fute-tênis até a decisão da Copa do

Mundo, na África do Sul, nunca foi movida pelo desejo de obter fama e fortuna, mas por uma vontade imensa de vencer.

“Quando eu era mais novo, costumava enlouquecer quando perdíamos um jogo”, recorda. “A ideia de perder um jogo e não ficar enfurecido é difícil até hoje para mim — eu já fico irritado quando sou derrotado em um rachão no treino. Acho que isso nunca vai mudar. É preciso ser muito competitivo para fazer parte da elite.”

A região onde Puyol vivia só contava com um clube de futebol profissional, por isso o garoto jogou apenas futebol de rua, soçaite e futsal até a metade da adolescência. O atleta que viria a simbolizar a seleção espanhola e o Barça multicampeão, portanto, só começou a jogar futebol de campo (de onze contra onze) com catorze anos de idade.

Quando enfim participou de um teste promovido pelo Barcelona, o futuro capitão concorreu com cerca de trinta adolescentes por uma vaga na base do clube. “Enquanto o teste acontecia, eu não tinha a menor ideia se estava indo bem ou mal”, conta. “Não tivemos quase nada de retorno imediato, mas eu adorei cada minuto daquilo. Vestir a camisa do Barcelona já era um sonho.”

Levaria mais uma década até que Puyol conquistasse seu primeiro título com o time adulto, mas a era de ouro do Barcelona já tinha começado a ganhar os primeiros contornos. Xavi e Víctor Valdés treinavam nas categorias de base, Iniesta acabara de ser captado pelo clube e, dois anos depois, seria a vez de uma dupla de garotos de dez anos desembarcar no Camp Nou: Piqué e Francesc Fàbregas.

Quando Puyol era menino e se atirava no chão como um goleiro destemido, sua mãe, Rosa, começou a ficar preocupada com tantas quedas em superfícies tão duras e decidiu levá-lo ao médico local. Naquele dia, o doutor deu sua contribuição para a conquista da primeira Copa do Mundo pela Espanha, dizendo a Rosa que o filho devia parar de jogar como goleiro, porque corria o risco de desenvolver um problema de coluna. Puyol só tinha se tornado goleiro porque jogava com o irmão mais velho e os amigos dele, e a vaga no gol era sempre reservada ao menor dos garotos.

Já em outro ponto da Catalunha, Piqué começou a disputar os torneios internos do Barcelona para crianças de seis e sete anos. Nessas competições, a

disparidade entre os níveis de habilidade podia ser gigantesca. O Barça então decidiu passar a cobrar dos garotos que não tinham tanto talento, mas mesmo assim queriam participar das atividades do clube social. Poucos meninos acabavam sendo convidados para testes em La Masia, mas Piqué foi um deles.

“Lembro que tive de passar em um teste como atacante”, recorda. “Marquei dois gols e vencemos por 3 a 1. Naquele tempo, minha vida era ir para a escola, jogar futebol e me divertir. Eu não queria nem precisava de mais nada.

“Não pensava em transformar num grande sonho a ideia de jogar pelo Barcelona, porque conhecia outros caras que haviam tentado e não tinham conseguido. Eu não queria viver como se meus sonhos tivessem sido frustrados, não queria me sentir um fracassado.”

*

A educação de Piqué não poderia ter sido mais diferente da recebida por Puyol na zona rural da Catalunha, em meio às vacas e às meias cheias de areia. Para começar, seu avô, Amador Bernabéu, foi um autêntico “sangue azul” do Barça. Representou o clube durante 23 anos — nas gestões Josep Lluís Núñez, Joan Gaspart e Enric Reyna — perante a Federação Espanhola, a UEFA e a Fifa. Quando Sandro Rosell chegou à presidência, ele foi convidado a retomar o cargo.

Bernabéu, aliás, fazia parte da diretoria quando seu neto trocou a base catalã pelo United. Graças ao avô, Piqué virou sócio do Barcelona assim que nasceu, e cresceu tendo o Camp Nou como segunda casa. Pedralbes, a área onde vivia, fica a dez minutos de caminhada do estádio.

O jovem Piqué, portanto, podia passar o tempo que quisesse no clube, jogando futebol, vendo as partidas do time B ou comparecendo aos jogos de basquete disputados pelo Barcelona. Viveu mergulhado no Barça.

No entanto, um terrível acidente quase custou a esse elegante campeão do mundo não apenas sua carreira, mas também sua capacidade de locomoção — ou talvez até mesmo sua vida. Em 1988, quando ainda mal sabia andar, Piqué estava na residência de férias dos avós, em Blanes, na Costa Brava. A casa estava sendo reformada, e a varanda do primeiro andar contava apenas com

uma proteção temporária. O garoto foi atrás de uma bola e acabou caindo da varanda, situada a alguns metros de altura do chão. E uma confusão complicou tudo. A estrutura médica da cidade não era boa o bastante para atender crianças com traumas na cabeça; na viagem às pressas até Barcelona, os avós, nervosos, primeiro levaram o menino para o hospital errado, e somente quando Piqué foi encaminhado ao hospital onde sua mãe trabalhava é que ele recebeu o tratamento devido. O pequeno Gerard ainda permaneceu algumas horas em coma até recobrar os sentidos completamente. Para a sorte do futebol espanhol, o menino era de ferro.

O pai de Piqué, Joan, um jogador amador de futebol mais do que razoável, formou-se advogado e é diretor de uma construtora. Já Montse, sua mãe, é diretora do Institut Guttmann em Barcelona, inaugurado em 1965, como o primeiro hospital da Espanha para pacientes com lesão medular ou cerebral adquirida.

A mãe do futuro zagueiro às vezes levava os filhos até o hospital para lembrá-los de que havia pessoas no mundo muito menos afortunadas e de que eles deviam fazer o melhor uso possível de todos os dons que tinham recebido — mais dos acadêmicos que dos futebolísticos no caso de Gerard, pelo menos na opinião de Montse Piqué.

As diferenças de trajetória de vida entre Piqué e Puyol provavelmente atingiram seu ponto máximo em novembro de 2006 — alguns meses depois do dia mais feliz da vida de Puyol, quando ele levantou a taça da Champions League em Paris. O pai de Carles estava construindo uma estrada nas terras da família, manobrando uma pá carregadeira. No final de uma semana de muito trabalho, perto das cinco horas de uma tarde de inverno, o maquinário agrícola que Josep conduzia tombou para trás em um aclive, e acabou matando-o aos 56 anos de idade.

Seu filho estava a caminho de um jogo do Barça em La Coruña, mas logo tomou um voo de volta a Barcelona e de lá dirigiu por três horas até chegar à pequena cidade onde os pais viviam. O funeral, dias depois, uniu as pessoas mais simples e humildes de Poble Sec a grandes nomes do mundo do futebol, que fizeram questão de estar presentes para dar apoio a Puyol. Os meses que se seguiram devem ter parecido catastróficos para o capitão *culé*.

A reconstrução do Barcelona promovida por Rijkaard tinha sido dinâmica e estimulante. O Camp Nou vibrava com o time, e o futebol apresentado era de tirar o fôlego. No entanto, o declínio físico, psicológico e esportivo depois da conquista da Champions League de 2005/2006 foi notado quase imediatamente.

Num dia o Barça era como um leão; no outro, havia se transformado num pacato coelhinho. O desempenho dos jogadores dentro de campo desabou, os padrões estabelecidos deixaram de ser respeitados e, se cabia ao capitão Puyol a responsabilidade de cobrar os companheiros, essa árdua tarefa coincidiu com um dos momentos mais complicados de sua vida.

Enquanto isso, Piqué, que acabaria sendo um dos remédios para a crise que se abateu sobre o clube de infância, tocava a vida bem longe de casa, na região de Lancashire, na Inglaterra. Uma de suas grandes virtudes é a franqueza. Ele já falou várias vezes sobre como as comodidades encontradas em sua infância e adolescência fizeram dele um garoto mimado. Foi só em Manchester que o jogador descobriu como era viver sozinho, precisar amadurecer rapidamente e lutar pelo que deseja.

De qualquer forma, as razões pelas quais ele costuma ser descrito como um sujeito iluminado, nascido em berço de ouro, são bastante claras. Ele é alto, bonito, inteligente e talentoso. Foi criado por pais cultos e bem-sucedidos, e estimulado a se dedicar aos estudos. Além disso, foi também recrutado pelo clube do coração e, para completar, nasceu na vitoriosíssima geração de 1987, que inclui Cesc Fàbregas, Leo Messi e Víctor Vázquez.

Amigos desde a infância, Piqué e Fàbregas foram também “companheiros de crime”. Em entrevista para um documentário, os dois admitiram que costumavam roubar as tampas do tanque de combustível de carros estacionados. Uma vez, quando avistaram um alvo na praia de Barceloneta e entraram em ação, foram vistos pelo dono do carro, que saiu do restaurante onde comia e começou a persegui-los, correndo pela orla.

No final das contas, acabaram se livrando, seguindo a vida despreocupadamente.

A filosofia de futebol do Barça nem sempre foi tão clara e bem executada quanto atualmente. A ideia de Cruyff de acelerar a evolução dos jogadores

mais talentosos, fazendo-os saltar de categoria mais rapidamente, entrou e saiu de moda algumas vezes. Muito mais importante do que a máxima de que “se você é bom o bastante, então já tem idade suficiente” era o conceito de que os melhores jogadores precisavam ser tirados da zona de conforto, passando a atuar numa categoria em que os companheiros de time fossem mais experientes — e os adversários, maiores e mais fortes.

Quando Piqué, Fàbregas e Messi eram garotos, essa ideia andava adormecida em La Masia. Eles se cansaram de ganhar jogos marcando gols na casa dos dois dígitos.

Nessa época, o técnico que comandava o Barcelona, Louis van Gaal, foi convidado para um jantar na casa dos Piqué. Ao ser avisado de que o neto de Amador, Gerard, treinava na base do clube para um dia integrar o time principal, o holandês logo disse que o garoto era magro demais e lhe deu um empurrão, fazendo Piqué se esparramar no chão da sala.

Independentemente de qual tenha sido a dimensão do constrangimento sentido pelo jovem naquela noite, a retribuição ao holandês já foi paga e com sobras — nas vitórias sobre o Bayern de Van Gaal na Champions League e sobre a Holanda na Copa do Mundo de 2010. E não pensem que essa não é a forma de pensar de Piqué. Porque é, definitivamente.

Até 2012, Pep Guardiola havia promovido ao time principal do Barcelona: Sergio Busquets, Pedro, Thiago, Andreu Fontàs, Jeffrén, Marc Bartra, Jonathan dos Santos, Martín Montoya, Rafinha e Isaac Cuenca. A prática não se tornou apenas muito bem-sucedida como também se transformou em uma estratégia badalada no que diz respeito à imprensa, aos torcedores do clube e a outras equipes. Hoje, os treinadores das categorias de base do Barça sabem que o que se espera deles é que encontrem, desenvolvam e promovam os maiores talentos.

Piqué e Cesc, que juntos fizeram o clube desembolsar 46 milhões de euros para que retornassem ao Camp Nou, sugeriram que provavelmente não teriam ido embora se na época deles já houvesse se estabelecido uma política adequada de aproveitamento dos jovens talentos. De fato, não dá para culpar Fàbregas por sua decisão. Logo após sua partida, no verão de 2003, ele se tornou o mais jovem jogador do elenco principal do Arsenal.

Na época, o Camp Nou era um lugar caótico. O Arsenal se aproveitou da situação e pinçou Cesc. Seis meses depois, Laporta descobriu que algo semelhante estava prestes a acontecer com Piqué. E não admitiu perder outra pérola da *cantera* sem brigar por ela.

O zagueiro interessava ao Arsenal e ao Manchester United. Era, e ainda é, muito simples identificar talentos como os dois, já que as equipes menores do Barcelona costumam atuar em campos municipais espalhados pela Espanha ao disputarem as competições juvenis. Mick Brown ou Martin Ferguson (United) e Steve Rowley ou Francesc Cagigao (Arsenal) — os principais *scouts* desses clubes na época — só precisavam ir a Sabadell, Girona ou Tarragona e desembolsar alguns trocados para assistir aos jogos de alguma das equipes de base do Barça, observando discreta e silenciosamente alguns jovens candidatos a craque.

Mas o fato é que o tratamento dispensado pelo Barcelona a Piqué foi um fator crucial em sua decisão de mudar de ares. O zagueiro foi afastado da categoria juvenil A, a última antes do Barça B, apesar de ser um dos destaques da equipe. E, pior, antes de ser rebaixado para o juvenil B, foi forçado a ficar sem jogar por dois meses. Essa sequência de decisões da diretoria custaria ao clube 5 milhões de euros.

Em dezembro de 2003, o Barcelona recebeu o primeiro aviso sobre o interesse de gigantes da Premier League por seu zagueiro alto e elegante — que naquela época ainda era, no entanto, magro demais. Poucos meses depois, Piqué escolheu o United e, em julho, apresentou-se ao novo clube. Mas, antes, preocupou-se em explicar a uma rádio catalã os motivos de sua saída.

“O Barça não quis negociar meu contrato e me disse que eu era ‘deles’, como se fosse um escravo”, afirmou. “E se eles não querem negociar comigo, com meus agentes ou com o United, a Fifa já estabelece um processo para chegar a um valor de compensação. Isso significa que estou livre para ir para Manchester.

“Quando você é um jovem jogador e seu clube mostra que não o quer, deve seguir sua vida. Pode ser útil buscar novos ares até mesmo para que você seja valorizado e algum dia possa retornar.”

O avô de Piqué, e ex-dirigente do clube, Amador Bernabéu, concordou com

a decisão do neto. “Gerard está no Barça desde os nove anos. Mas, assim que descobriram o interesse de United e Arsenal por ele, em dezembro, tornaram sua vida um inferno”, ele declarou.

“Os comandantes das categorias de base do clube sabiam que estavam lidando com os sentimentos de um garoto de dezesseis anos, mas mesmo assim decidiram puni-lo com o rebaixamento de categoria e impedindo-o de jogar.”

Laporta engoliu em seco sua indignação quatro anos mais tarde, não só repatriando Piqué, como também tendo que desembolsar muito dinheiro por ele. Ainda que de forma não proposital, o Barcelona acabou se dando bem com a saída precoce do defensor. Na Inglaterra, ele amadureceu, aprendeu tudo aquilo que Sir Alex Ferguson exigia dos seus jogadores, treinou ao lado de Paul Scholes, Ryan Giggs, Roy Keane e Cristiano Ronaldo, além de ter ficado mais forte — ganhou nove quilos de músculos. Mas também passou pela traumática experiência que aflige muitas das crias de La Masia e, muitas vezes, encerra precocemente suas carreiras.

Do dia para a noite, Piqué deixou de ser o garoto especial de dezessete anos, que vivia com os pais e jogava ao lado dos amigos de infância, para viver sozinho em um apartamento e trabalhar em um ambiente menos amigável, em que precisava se comunicar num idioma estrangeiro. Era um grande desafio. Ao contrário do que aconteceu com Cesc, logo ficou claro que ele não teria tantas oportunidades no time principal. Não foi um período fácil.

Conheci Piqué no começo de 2004, pouco antes de sua mudança para a Inglaterra. O que me impressionou na época foi o fato de ele ser extremamente esguio para um zagueiro e incrivelmente articulado para um jogador de futebol. Uma coisa mudou no United, a outra não.

No seu retorno à Espanha, ele disse: “Foi uma experiência completamente nova para alguém acostumado a ser escalado em todas as partidas e, de repente, ter de brigar por espaço em meio a jogadores excepcionais. Fui morar numa casa pequena e, às vezes, chegava a dizer para mim mesmo: ‘Não vale a pena passar por isso’. Mas aprendi muito nos treinos no Manchester United. Ser alto e bater bem na bola passou a não ser mais o suficiente. Tive de aprender a usar meu corpo, defender sem a bola — e também aprendi a superar os momentos de solidão.

“Costumava ligar para minha mãe e dizer que estava tudo bem, mas, na verdade, eu estava sempre segurando o choro. Ela realmente sentia minha falta, então eu não podia dizer: ‘Mãe, eu daria tudo para ir para casa amanhã. Estou cansado disso tudo e com saudade de você’.”

Piqué sempre se referiu a Ferguson como um “segundo pai” e, se não fosse pela proposta do Barça, teria permanecido ao lado do treinador escocês, esforçando-se para roubar a vaga de Nemanja Vidić ou, mais provavelmente, de Rio Ferdinand (que era mais propenso a contusões) em Old Trafford.

De qualquer modo, treinar contra os grandes nomes do Manchester United foi uma espécie de faculdade para Piqué. O zagueiro odiava perder disputas aéreas para atacantes que sabiam em que momento exato tomar impulso, ou que usavam melhor o corpo. Era consciente de que, apesar de o Barcelona tê-lo ensinado a ser um bom jogador de futebol, existiam outras escolas de pensamento sobre como defender. Foi no campo de treinamentos de Carrington que eclodiu o espírito competitivo voraz do jovem catalão — convide-o para qualquer atividade recreativa, como uma partida de tênis de mesa ou videogame, e certamente Piqué dirá que vai derrotar você.

Depois de ter voltado a Barcelona, ele me explicou: “Os jogadores ingleses têm fama de exagerar nas festas e nas bebidas, mas eles são extremamente profissionais no trabalho cotidiano e no cumprimento das ordens do treinador. Permanecem juntos depois das sessões de treino, vão juntos para a academia. Eles têm a cultura de passar muito tempo envolvidos com o esporte, e foi isso o que eu trouxe de volta comigo. O profissionalismo com que encaram as coisas.

“Foi uma fase complicada, e houve momentos muito difíceis em que eu não entendia por que não estava jogando. Mas eles tinham dois grandes zagueiros, Rio e Vidić. Era muito difícil conseguir ter a chance de jogar, mas foi uma grande experiência ter atuado ao lado de Cristiano Ronaldo, Rooney e Van Nistelrooy. Fui para lá quando tinha dezessete anos e voltei para o Barcelona com 21. O Gerard que saiu daqui é muito diferente do que voltou.”

O ano em que o United o emprestou para o Zaragoza (2006/2007) também foi muito proveitoso. Piqué jogou regularmente na liga e na Copa do Rei, algumas vezes como zagueiro, outras como volante. Além disso, foi lá que ele conheceu Gaby Milito, que viria a ser seu parceiro no Barcelona.

Com a missão de transformar a vida dos atacantes que enfrentariam em um inferno, os dois se tornaram grandes amigos. Antes das partidas, adquiriram o hábito de pular sobre as camas do hotel em que estivessem hospedados, urrando a plenos pulmões, para “entrar no clima” dos jogos. Depois, começavam a trocar tapas e socos para que se apoderasse deles um espírito mais guerreiro.

O Zaragoza, com essa dupla de zaga assustadora, derrotou Barcelona, Sevilla e Villarreal no La Romareda, empatou com o Real Madrid e ficou em sexto no campeonato espanhol, só a seis pontos da vaga para a Champions League. Na temporada seguinte, Milito foi para o Barça, Piqué retornou a Old Trafford e o Zaragoza foi rebaixado. Tirem suas próprias conclusões.

Segundo Piqué, foi naquele momento que ele provou a si mesmo “que estava pronto para jogar com regularidade em uma liga importante”. A volta à Inglaterra para sua última temporada no United não foi ruim, mas ficou aquém do que o jovem esperava. Ele disputou três partidas da Champions (com duas vitórias e um empate) e marcou duas vezes, contra o Dínamo Kiev e fora de casa contra a Roma. A boa notícia é que seu ótimo desempenho na passagem pelo Zaragoza havia sido o suficiente para chamar atenção dos dirigentes do Barcelona, no Camp Nou.

O Barça entrou em contato com o zagueiro, seus agentes da IMG e o Manchester United em fevereiro de 2008. Ferguson confiava na evolução do catalão, mas a dupla Vidić-Ferdinand era excelente, e ele ainda contava com Jonny Evans, John O’Shea e Wes Brown como opções para o setor. Mesmo assim, tentou lutar para manter Piqué. Só que as negociações avançaram — e Piqué pagou um preço.

O sorteio reuniu United e Barcelona na disputa da semifinal da Champions League, em abril de 2008. Vidić, o dono de uma das posições na zaga, foi desfalque na primeira partida do mata-mata, no Camp Nou, e tinha Piqué como substituto natural. Mas, após uma soneca na tarde do jogo, Ferguson procurou o espanhol e o informou de que ele não seria escalado, porque estava prestes a se transferir para o adversário. Na visão do treinador, enfrentar o futuro clube seria inadequado. “Foi uma decepção monumental”, admite Piqué.

“Sobre Alex Ferguson, preciso dizer que, apesar de eu não jogar muito, tive um relacionamento muito bom com ele”, explicou o zagueiro, na última vez que conversamos. “Ele sempre foi muito direto comigo. Há alguns treinadores que se escondem de você quando não o escalam, mas nunca tive esse problema, nós conversávamos abertamente. Tivemos um bom relacionamento. Então, quando recebi a proposta do Barcelona, fui até ele e lhe disse que gostaria de retornar para o clube de toda a minha vida. Ele ainda tentou me convencer, mas entendeu. Então, decidi voltar. Era a melhor coisa a fazer.”

*

E como estavam as coisas com aquele que seria seu companheiro de zaga no retorno ao Camp Nou? Assim como Piqué, Puyol nem sempre viveu só de amores com o clube do qual se tornaria um símbolo.

O verão de 1999 tinha sido decisivo para Puyi. Málaga e Sevilla haviam demonstrado interesse no jogador, e o diretor de futebol Lorenzo Serra Ferrer disse-lhes que estava disposto a ouvir ofertas pelo ponta e lateral do Barça B. Durante um treino, Puyol foi brincar jogando no gol e acabou sofrendo uma lesão no ombro, leve, mas suficiente para atrapalhar os movimentos do braço e deixá-lo fora de ação. No período em que ficou afastado, decidiu permanecer em Barcelona e lutar por espaço no clube. Decisão que seria prontamente recompensada.

Para a sorte de Puyol, Louis van Gaal confiava nele mais que Serra Ferrer, pois o futuro capitão recebeu sua primeira chance no time principal em outubro daquele ano. O momento era simbólico. O centenário do Barça coincidiu com uma crise monumental do clube, tanto dentro quanto fora dos gramados. A situação exigia novos jogadores, com mentalidade e prioridades diferentes. E Puyol provou que poderia ser um deles.

Na época, não havia muitos ex-pupilos de La Masia na equipe de cima, só Xavi e, eventualmente, Gabri e Pepe Reina — resultado da política de privilegiar as grandes e caras contratações internacionais.

Van Gaal deu apenas uma breve explicação sobre o garoto cabeludo que

estava promovendo, uma análise que continuou válida durante toda a carreira de Puyol. “Ele tem uma mentalidade muito boa, uma força impressionante e sua técnica não é ruim”, disse o holandês. “Ele é rápido, corre o campo todo e sua atitude é a ideal.”

Guardiola foi o capitão do Barcelona na estreia de Puyi. Nove anos depois, já como técnico do time catalão, Pep se derreteu em elogios ao zagueiro na entrevista coletiva antes da histórica goleada por 6 a 2 sobre o Real Madrid, no Bernabéu, em sua primeira e devastadora temporada à frente da equipe. “Ele é um exemplo brilhante. Posso escalá-lo como lateral direito, como lateral esquerdo ou em qualquer um dos lados do miolo de zaga, e ele não reclama nem tem desempenho ruim.”

O pai de Puyol costumava dizer: “Dê o seu melhor para tentar realizar seu sonho porque, caso não chegue lá, não ficará com a impressão de que a culpa foi sua”. Esse sentimento sempre impulsionou o zagueiro, assim como sua competitividade fora do comum.

“Dividi o vestiário com muitos jogadores mais talentosos, mas que não chegaram tão longe quanto eu simplesmente porque não tinham uma atitude tão boa quanto a minha. Sem disciplina, vontade e predisposição para o trabalho duro, você não constrói uma carreira, especialmente no Barcelona”, disse o defensor em entrevista publicada no livro *La fuerza de un sueño* [A força de um sonho], de Albert Puig, técnico especializado em categorias de base.

Puyol iniciou a carreira no Barça como um impetuoso lateral direito, não tão devastador no ataque quanto Daniel Alves, mas tão disposto a correr por toda a faixa direita do campo quanto o brasileiro.

Sua estreia no Camp Nou foi em grande estilo: um clássico contra o Real Madrid, no fim de 1999, e a última grande atuação do Barcelona no século passado. Mas ele não foi titular contra a equipe dirigida por John Toshack, que seria campeã europeia ainda naquela temporada pelas mãos de Vicente del Bosque. Puyol substituiu Sergi depois de meia hora de jogo, deixando o Barça com: Hesp; Reiziger, Abelardo, Cocu e Puyol; Luis Enrique, Guardiola e Zenden; Figo, Kluivert e Rivaldo.

Já o Real escalou: Illgner; Salgado, Campo, Julio César e Karanka (que seria

mais tarde auxiliar de José Mourinho no Santiago Bernabéu); Geremi e Redondo; Anelka, Raúl, Sávio e Morientes.

Uma cabeçada de Raúl, logo no início da partida, colocou o Real Madrid na frente. Mas Rivaldo e Luís Figo levaram o Barça à virada. O time catalão deixou a vitória escapar depois da expulsão de Kluivert e de mais um gol de Raúl — quando o lendário camisa 7 do time da capital espanhola comemorou com o dedo à frente da boca, como se estivesse pedindo silêncio ao Camp Nou. Ao final da partida, Puyol foi até o rival para trocar de camisa com ele: “Não me importo com o que os outros pensam. Faço as coisas do meu jeito”.

Talvez a ousadia de trocar camisas com o craque do grande rival tenha ligação com o alívio sentido pelo jovem. “Não fiquei tão nervoso quanto achei que iria ficar”, ele disse aos repórteres mais tarde. Mas aquele jogo acabaria tendo um impacto nas perspectivas de carreira de Puyol muito maior do que ele imaginava.

Figo teve uma atuação brilhante naquela noite, um desempenho espetacular, mas na mesma ocasião também aceitou a oferta feita pelo poderoso Florentino Pérez: se ele, um magnata da construção, ganhasse as eleições presidenciais de 2000 no Real Madrid e pagasse a cláusula de rescisão do contrato do jogador português, Figo toparia rumar para a capital e abandonar o Barça.

Hoje, essa história já foi completamente digerida. Mas, na época, a transferência teve o efeito de um abalo sísmico catastrófico. Figo não merecia as correntes de bicicleta, os telefones celulares, as garrafas e a solitária cabeça de porco que foram atirados em sua direção quando retornou ao Camp Nou com a camisa do Real, mas certamente deixou uma ferida aberta ao sair do Barça daquela maneira.

O time de Madri, então campeão europeu, treinado por Del Bosque, com o jovem Casillas no gol e reforçado por Figo, voltou a Barcelona quase um ano depois do clássico de estreia de Puyol. Lorenzo Serra Ferrer tinha substituído Van Gaal no comando do time e acreditava que sua melhor alternativa seria tentar asfixiar a criatividade do português. E a fúria das arquibancadas, perseguindo o ex-atleta do Barça durante os noventa minutos, poderia ajudá-lo nessa estratégia. Puyol foi o escolhido para ser a sombra de Figo no jogo.

“O professor me mandou fazer marcação individual em Figo e segui-lo pelo campo todo, uma tarefa que me agradou muito”, disse Carles. “Foi cansativo, mas deu certo, porque me concentrei muito e acho que Figo não conseguiu produzir nada de importante no jogo. De qualquer forma, ele mostrou o grande jogador que é, independentemente do resultado. O ambiente era muito hostil, mas ele não se escondeu, procurou a bola durante o tempo todo e me fez trabalhar duro.”

No período entre seu primeiro clássico e a vitória por 2 a 0 do ano seguinte, Puyol repetiu a trajetória de Guardiola e Ferrer, foi para os Jogos Olímpicos de Sydney em 2000 e voltou com uma medalha — no caso dele, de prata. Ele e Xavi fizeram parte de um elenco cheio de grandes jogadores, como Carlos Marchena, Joan Capdevila, David Albelda, Raúl Tamudo, Gabri e Albert Luque. Na emocionante final, Camarões derrotou a Espanha, que chegou a jogar com apenas nove homens, nos pênaltis, após um 2 a 2 no tempo normal — Eto'o marcou duas vezes depois de Xavi e Gabri terem aberto 2 a 0 no placar.

Uma rápida passagem pelo Barça B ao retornar das Olimpíadas teria sido o caminho mais natural; mas, enquanto o torneio na Austrália se desenrolava, o Barcelona chegou ao fundo do poço — por isso, foi preciso mandar o sinal de sos implorando pelo retorno imediato dos jovens medalhistas.

Uma derrota por 3 a 0 fora de casa para o Beşiktaş, outra para o Milan no Camp Nou por 2 a 0 na Champions League, além do placar adverso contra o La Coruña (também 2 a 0) na liga, desenharam uma situação desesperadora para o clube: o Barça acabaria não conseguindo passar de fase na Champions, num grupo com Leeds, Milan e Beşiktaş.

O sucesso de Puyol na missão de marcar Figo durante o clássico do retorno do português ao Camp Nou lhe rendeu então uma sequência de partidas como titular, nas quais ele ajudou o Barça a chegar às semifinais da Copa do Rei e da Copa da UEFA (entre esses jogos, incluiu-se o último de Guardiola em competições continentais pelo clube: a derrota por 1 a 0 para o Liverpool em Anfield).

A marcação implacável sobre Figo e a prata olímpica transformaram o futuro capitão em um herói popular entre os torcedores do Barcelona, numa temporada em que o time foi uma grande decepção. Nele, os *culés*

reconheciam mais um *canterano* tomado pelo espírito de Migueli — o “Tarzan” original do Barça, zagueiro que jogou quase setecentas partidas pelo clube. E ao final daquele excelente segundo ano de Puyol como profissional, os catalães o elegeram o melhor defensor do elenco.

E foi então que vieram as ações que selaram definitivamente o status de Puyol junto à torcida do Barcelona, muito antes de ele começar a erguer troféus pelo clube.

Como já dito, a saída de Figo para o Real Madrid, pela quantia recorde de 60 milhões de euros, havia devastado o Barça. Um grande jogador tinha sido “roubado” do clube, a diretoria do Barcelona ficara com fama de mesquinha e ingênua, enquanto o Real Madrid, de repente, passara a ostentar a condição de todo-poderoso da Espanha — em termos futebolísticos e administrativos.

Florentino Pérez logo se preparou para repetir a estratégia: pagar a cláusula de rescisão de contrato de Cocu, Kluivert ou Puyol (ou de todos eles). Mas cada um teve então seu contrato renovado por altos valores para permanecer no Camp Nou, apesar do fato de Puyol configurar uma contratação extremamente improvável para o perfil do Real Madrid. O zagueiro ficou e se transformou em verdadeiro alicerce do clube, testemunhando quatro mudanças de presidente e quatro substituições de treinador até levantar seu primeiro troféu, o espanhol de 2005. Realmente, eram tempos caóticos.

“Não posso fingir que nunca pensei em sair”, ele disse algum tempo depois. “Houve uma época em que, além de não ganharmos títulos, nem sequer sentíamos ter uma chance real de disputá-los. Isso me irritava muito, e eu cogitei ir embora, mas preferi ficar e lutar para mudar esse cenário.

“Existiu muita especulação na imprensa sobre minha possível ida para o Real, mas nunca me encontrei com nenhum dirigente do clube para conversar sobre o assunto. Posso lhe dizer que essa transferência jamais vai acontecer. Vencer é a coisa mais importante de todas. Você pode jogar de forma brilhante; porém, se não conquistar um título, não haverá nenhuma satisfação. É como no mata-mata de 2004 contra o Chelsea. Jogamos um futebol lindo, mas acabamos eliminados do mesmo jeito. Isso não serve para mim. Precisamos vencer.”

Mesmo quando tudo ao seu redor estava desmoronando, Puyol nunca deixou de manter o alto padrão de desempenho. O jogo que viria a simbolizar o momento vivido pelo clube aconteceu no dia 23 de outubro de 2002, numa visita do Lokomotiv Moscou ao Camp Nou, pela Champions League. Com o placar em 0 a 0, o goleiro argentino do Barça, Roberto Bonano, saiu correndo do gol para tentar interceptar um lançamento endereçado a James Obiorah e acabou facilmente driblado. Não havia mais ninguém entre o nigeriano e a meta vazia, a cerca de trinta metros de distância, mas Puyol corria desesperado para tentar a cobertura. Enquanto Obiorah avançava, Puyol se aproximou rapidamente. O gol estava à mercê do atacante, mas Puyol se colocou sobre a marca do pênalti, com os braços para trás a fim de evitar a penalidade máxima e os olhos fixos nos pés do nigeriano, tentando adivinhar sua ação seguinte.

O desfecho do lance se deu numa fração de segundo: Obiorah chutou, Puyol mergulhou para a esquerda, como se fosse uma serpente dando um bote, e defendeu o chute com o emblema do Barça, desviando a bola com o peito. O Camp Nou explodiu de emoção diante daquele pequeno milagre futebolístico.

Nove anos mais tarde, Puyol foi a Monte Carlo para acompanhar o sorteio dos grupos da temporada 2011/2012 da Champions League e disputar a Supercopa da UEFA. Era uma festa de gala, e todos os presentes estavam vestindo trajes finos. Todos, menos o zagueiro: Puyol subiu ao palco vestindo uma camisa polo do Barça e bermudas que também faziam parte da coleção de uniformes oficiais do clube. No Twitter, Piqué zombou do companheiro de zaga. E a resposta foi quase instantânea: “Estava em casa, comecei a olhar para todos aqueles ternos chiques e percebi que nada seria mais confortável e me faria mais feliz do que usar o uniforme do meu clube, com o emblema do Barça perto do coração”.

A mensagem me fez lembrar justamente daquela noite em que Puyol salvou a pele dos companheiros de equipe usando o peito e — por que não? — o escudo do clube para desviar a bola que iria parar no fundo das redes.

Logo depois daquela partida contra o Lokomotiv, o zagueiro explicou o lance: “Pensei nas minhas velhas habilidades de goleiro e só me preocupei em evitar o reflexo de usar as mãos”.

A vitória ao final daquele jogo, possibilitada em parte pela grande defesa de

Puyol, colocou o Barcelona na liderança do grupo e permitiu que o time chegasse ao jogo em Bruges já classificado para a fase eliminatória. Assim, Louis van Gaal teve a chance de promover a estreia de diversos *canteranos*. Entre eles, Andrés Iniesta.

Mas, voltando a Puyol, o zagueiro teve motivos de sobra para apreciar a era Rijkaard: o triunfo no clássico em Madri, o título espanhol, a vitória sobre o Arsenal na decisão da Champions League e o privilégio de se tornar o primeiro capitão do Barça a levantar a “orelhuda” desde Alexanco (o homem que o chamou para o primeiro teste em La Masia) em 1992.

Mas nada disso veio fácil. Na época da decisão contra o Arsenal, Puyol chegou a dizer: “Thierry Henry foi o jogador mais difícil que já tive de marcar. Eles passaram a jogar só com dez homens, mas precisei muito da ajuda de Rafa Márquez para contê-lo. E mesmo assim, foi preciso que Valdés fizesse algumas grandes defesas para impedi-lo de marcar”.

Pouco antes da conquista da Champions, eu entrevistei Puyol e lhe perguntei quem ele considerava o jogador mais subestimado do elenco. Sua resposta imediata foi Víctor Valdés. Com o tempo, ficou difícil não concordar com ele.

Alguns jogadores do Barcelona não conseguiram jogar tudo o que sabiam naquela decisão e, apesar de Puyol admitir que o nervosismo atrapalhou o time, é importante comparar aquela performance com o que se veria na era Guardiola: ainda não havia Messi, e a equipe de Rijkaard estava prestes a iniciar uma queda vertiginosa de desempenho.

Puyol não se desfez da camisa, dos calções e de ambas as braçadeiras de capitão (a do clube, nas cores da bandeira da Catalunha, e a oficial da UEFA) usadas naquela partida, mas eu apostaria que a conquista da Champions de 2009 tem para ele um significado maior que a vitória em Paris, três anos antes.

A morte de seu pai, no final de 2006, transformou-o radicalmente. Em busca de algum tipo de consolo para lidar com a perda, ele leu *O livro tibetano do viver e do morrer*. A obra o deixou tão intrigado que ele decidiu entrar em contato com Thubten Wangchen, o representante do dalai lama na Catalunha; além disso, passou algum tempo na Casa Tibete.

Puyol também se encontrou com o próprio dalai lama quando ele visitou

Barcelona, em 2007, e é um apoiador da causa pela autonomia do Tibete em relação à China. “Eu realmente me identifiquei com o povo tibetano”, disse. “Gosto da filosofia e da visão de mundo deles.”

O capitão do Barça saiu do momento mais angustiante de sua existência em direção a uma mudança radical no estilo de vida. O contato com uma cultura de meditação, tranquilidade, dignidade e estímulo ao perdão coincidiu com o início das aulas de pilates e ioga, que estenderam o período do auge de sua carreira. Além disso, exatamente quando ele retomava a alegria de viver, quem apareceu foi Piqué, com seu 1,94 metro de muita energia, bom humor, amor à vida e imenso potencial futebolístico.

A surpresa, na minha opinião, foi Puyol ter passado a se envolver com as brincadeiras dos colegas de equipe durante os treinos. Mas não durante os jogos — talvez ele não tenha mudado tanto assim.

A simbiose entre Puyol e Piqué dentro de campo é mais fácil de explicar. Houve uma época em que Puyol parecia ficar mais satisfeito quando durante os jogos a situação do time era caótica. Ele corria para cima e para baixo sem parar, apagava incêndios o tempo todo, saltava muito alto para afastar os cruzamentos adversários e se jogava em direção à bola a fim de impedir os gols rivais. Nessa época, certamente não se dava por satisfeito se a noite não contivesse altas doses de heroísmo.

Mas, ao longo dos anos, ele amadureceu. Tudo começou pelas mãos de Frank Rijkaard, que nos tempos de jogador alternou-se entre a zaga e o meio-campo no Ajax, no Milan e na seleção holandesa — equipes em que a necessidade de controlar a bola e ditar o ritmo do jogo significava um estilo de defesa muito mais sereno, assertivo e dominante. O treinador holandês ajudou a transformar seu capitão.

Puyol ainda confiava muito na velocidade, e em sua capacidade de se antecipar e roubar a bola dos adversários, mas passou a buscar um padrão de atuação mais controlado e menos reativo. Mudou sua forma de ver as coisas, satisfazendo-se ainda mais quando, além de o time não tomar gols, ele terminava os jogos com o calção limpo — sem precisar dos carrinhos e mergulhos ao solo que um dia falharam na tentativa de evitar um ponto do adversário no fute-tênis.

O declínio do Barcelona na reta final da era Rijkaard foi algo que Puyol não conseguiu entender nem tampouco reverter, mesmo que trabalhasse duro para isso. Ele expressa todo o desgosto daquele período com uma memória amarga: “Fizemos muitos jogos ruins. A derrota para o Sevilla na Supercopa da Europa, em Mônaco, foi o começo do fim. Mas, na época, ainda não sabíamos disso”, recorda. “Depois houve aquela derrota [para o Internacional] na final do Mundial de Clubes, em Tóquio, mas o pior de tudo certamente foi a derrota no Bernabéu para o Real [4 a 1, em maio de 2008]. Sem dúvida, aquele foi o fundo do poço. Ter que fazer o *pasillo* para eles no início e depois levar uma lavada no jogo. Tudo aquilo que havíamos construído vinha desmoronando. Foi o pior jogo da minha vida, o pesadelo parecia não ter fim: eles sempre comemorando, e nós sempre sofrendo. Foi o fim de uma era.”

Perder faz parte do esporte. Mas a humilhação e a frustração, no caso de Puyol, não eram merecidas. Então, os deuses do futebol decidiram lhe mandar de presente não apenas Guardiola, mas também Piqué.

O primeiro jogo da dupla teve um palco bastante apropriado. Puyol esteve ausente das duas partidas da pré-temporada na Escócia (6 a 0 sobre o Hibernian e 5 a 1 contra o Dundee United), mas estava pronto para o amistoso seguinte. A “renascença” futebolística do Barça começou no estádio Artemio Franchi, em Florença — cidade onde séculos antes havia florescido outro Renascimento, de cunho artístico e cultural —, com uma performance impressionante da equipe na vitória por 3 a 1 sobre a Fiorentina.

Não há dúvidas de que a chegada de Piqué trouxe benefícios ao clube, tanto dentro quanto fora do campo. “Desde a chegada de Gerard, todos estão muito mais descontraídos. Ele é jovem, e sua personalidade se encaixou perfeitamente nesse grupo, porque está sempre muito alegre. Assim que chegou, percebemos que ele está sempre pronto para se divertir. Mas é claro que isso não pode ser tudo no futebol”, disse Xavi.

“Podemos dar nossas risadas, mas isto aqui é um trabalho e estamos sempre sob enorme pressão. Piqué teve de se adaptar a isso. De certa forma, foram os capitães (Valdés, Puyol e eu) que ensinaram isso a ele — mas aprendeu rápido e muito bem.

“De qualquer modo, Piqué e Puyol são realmente amigos muito próximos,

que funcionam de maneira brilhante quando estão juntos dentro de campo. Fora dele, Puyol mudou completamente. Está muito mais relaxado agora. Piqué é o cara das piadas no elenco. Está por trás de todas as brincadeiras por aqui, seja envolvendo o celular, os calçados ou as roupas dos companheiros de time.”

O gosto da improvável dupla do Barça pelos trotes nos colegas ficou famoso. Foram Puyol e Piqué que planejaram, durante as comemorações em Madri pela conquista da Copa do Mundo de 2010, surpreender Fàbregas vestindo-o com uma camisa do time catalão enquanto Pepe Reina o apresentava aos torcedores. Naquele momento, a brincadeira não foi um fenômeno de aceitação.

Em outra ocasião, quando Piqué e Puyol estavam sentados juntos na arquibancada do Camp Nou, assistindo a um jogo contra o Ceuta pela Copa do Rei para o qual não haviam sido relacionados, as câmeras de TV flagraram Piqué jogando sementes de girassol em Juanjo Brau, fisioterapeuta-chefe do clube. Quanto mais o integrante da comissão técnica se irritava, mais Piqué tratava de culpar o companheiro, que estava bem ao seu lado.

Mas boa parte do nonsense praticado pela dupla acontecia no Twitter.

Os dois e Fàbregas costumavam repetir a expressão “Ooooooh. Móc móc!” em muitas de suas conversas na rede social. Isso começou quando Piqué assistiu no YouTube a um vídeo de uma aposentada espanhola que descobria como um espelho podia distorcer a imagem de seu rosto. E ela não se cansava de fazer “Ooooooh”. Piqué mostrou o vídeo aos companheiros, acrescentou o “móc móc” — que seria o som de beijos lançados no ar — e um novo *meme* nasceu. Lendo aqui, realmente parece não fazer muito sentido.

Vejam esta conversa entre os dois no Twitter. Piqué: “Certo, meu alongamento pós-treino acabou. Agora vou sair para comer com um menino chamado Carles Puyol, que estou tentando ajudar a conseguir uma vaga no time”. Puyol respondeu em seguida: “Muito obrigado pela ajuda. Espero que possamos nos aposentar na mesma época. Quantos anos de futebol você ainda tem? Três, quatro?”.

Durante os treinos, pegar no pé dos companheiros era prática comum, assim como as gargalhadas e os petelecos na orelha. No entanto, quando o

trabalho do dia a dia é realizado num nível tão elevado de excelência, esse tipo de comportamento se transforma numa maneira de liberar o estresse e num antídoto para o tédio.

Antes da final da Champions League em Wembley, pedi a Piqué para me falar um pouco mais sobre seu companheiro de zaga. “Chegamos a um estágio em que não precisamos conversar. Basta um olhar para o outro que já sabemos o que precisa ser feito em cada situação”, ele me disse.

Pelo menos, era isso o que costumava acontecer durante os momentos mais disputados dos jogos. Só que Piqué também admitiu que, às vezes, ainda levava broncas homéricas do parceiro.

“Houve um jogo em que estávamos vencendo por quatro ou cinco gols de diferença e só faltavam alguns minutos para o fim”, ele me contou, já aos risos. “Um dos nossos adversários se machucou, a maca entrou no campo para buscá-lo, e eu fui até lá para ver como ele estava. A próxima coisa de que me lembro é de Puyol gritando feito louco comigo, mandando eu me concentrar. Ele veio furioso até mim, mandando eu voltar para minha posição e me concentrar. Ele nunca para.”

Mas não se trata de algum tipo de implicância sem propósito. Piqué reconhece que, especialmente quando o time em que atua está jogando de forma espetacular e suas intervenções são raras, tem dificuldade para se manter concentrado. Ele sabe que sua mente costuma divagar e, em jogos que tem certeza de que vai ganhar ou quando está num mata-mata em que a partida de ida acabou 5 a 1 a favor da sua equipe — ou ainda em jogos como o disputado pela Espanha na Lituânia, durante as eliminatórias para a Euro de 2012, num gramado cujo estado era deplorável —, acha difícil encarar os compromissos com a mesma seriedade.

“A concentração é uma parte fundamental do jogo, mas tenho de admitir que às vezes preciso lutar para mantê-la”, disse. “Olho para Ryan Giggs, que ainda está jogando aos 37 anos, e me pergunto de que planeta ele é. O mesmo vale para Puyol, que encara todos os jogos como se fosse a final da Champions League. Sempre olho para ele e penso: ‘Relaxa, parceiro, relaxa’.”

As qualidades de Piqué e Puyol foram mais fortes para aproximá-los que suas diferenças para separá-los. Ambos nasceram atletas, com qualidades

excepcionais para o futebol e muita vontade de vencer — variando apenas no estilo que os conduz até a vitória. Entretanto, toda a dedicação ao trabalho, que sempre marcou a carreira de ambos, foi provavelmente a principal razão para que tivessem alcançado tanto sucesso.

No Barcelona de Guardiola, ter talento nunca foi o suficiente. O esforço demonstrado em cada sessão de treino é que determinava quais jogadores ganhariam ou não a aprovação do técnico; acima disso tudo, Piqué e Puyol vieram a representar outro aspecto fundamental da era de sucesso do clube nas mãos do treinador catalão. Entre o grande entusiasmo de Piqué pela vida e a batalha diária de Puyol em busca de superar os próprios limites, criou-se o espaço para a descontração e o relaxamento, que são essenciais para afastar o tédio e aliviar a tensão — é o espírito do *Carpe diem*, a filosofia do “aproveite o dia”.

Eu me encontrei com essa dupla improvável durante a Copa do Mundo de 2010. Um dos trabalhos designados à minha equipe foi o de filmar o elenco da Espanha, jogador por jogador, em frente a uma tela verde, para que suas imagens pudessem ser exibidas individualmente nos telões dos estádios quando o locutor anunciasse as escalações de cada time. Só que a Espanha foi uma das últimas seleções a desembarcar na África do Sul e, quando chegou, o elenco estava cansado pela viagem e nervoso com a proximidade da estreia.

O único intervalo que encontramos na programação espanhola para realizar a filmagem aconteceu logo depois de uma palestra de uma hora ministrada pelo supervisor de arbitragem da Fifa, Horacio Elizondo. Eu fui o encarregado de dar a má notícia aos jogadores. Foi possível ouvir um grunhido coletivo quando avisei que aquele era um compromisso obrigatório e que começaríamos em cinco ou seis minutos. Eles também foram informados de que todos os atletas e o técnico precisariam vestir o uniforme número um da seleção e que não poderiam usar nenhuma joia ou relógio.

Enquanto eu tentava acalmar o espírito dos mais contrariados, o cinegrafista e o técnico de imagem trabalhavam na montagem do cenário: tiravam as cadeiras do fundo da sala, testavam a iluminação e colavam fitas no chão para marcar as posições dos atletas (cada um deles teria de dar um passo à frente, virar o corpo, cruzar os braços e encarar a câmera ligada).

Primeiro a gravar, Puyol não fez questão de esconder que estava com pressa.

“Já está pronto?”

“Podemos começar?”

“Vamos nessa, vamos gravar agora.”

A impaciência de Puyol logo começou a levar a melhor sobre as normas da boa educação. Mas, apesar de todos os jogadores terem sido avisados de que não deviam estar usando joias e acessórios, eu percebi que o zagueiro não havia tirado o relógio — uma peça de sua própria coleção. Nós já tínhamos nos posicionado e, assim que as câmeras começaram a gravar, indiquei gentilmente que ele não deveria estar utilizando nenhuma espécie de acessório.

Por um segundo, pensei que ele ficaria irado comigo, mas então os outros jogadores notaram a derrapada do colega e a zombaria começou, todos pegando muito no pé dele — Puyol chegou até a dar um leve sorriso. O episódio relaxou o grupo, e o restante da gravação foi muito agradável, porque a atmosfera tinha mudado completamente. Duvido que ele teria se acalmado de forma tão fácil antes de ter passado a conviver com Piqué.

Mais tarde, ainda durante a Copa, fomos contratados para fazer vídeos curtos com os jogadores espanhóis, que seriam vistos por assinantes de uma operadora de telefonia celular. O centro de treinamentos da seleção estava localizado bem no coração do país do rúgbi — a terra dos africanos. Como Puyol foi o convidado naquele dia para visitar nosso estúdio improvisado no campus da Universidade North Western, tivemos a ideia de fazê-lo brincar com uma bola de rúgbi. Assim que lhe explicamos o plano, ele topou. Começamos com um close-up da bola próxima de seu queixo e ele falando: “Dizem que este é o país do rúgbi. Bem [pausa dramática e ar confuso], eu não sei nada de rúgbi”.

Ele então jogava a bola de rúgbi para o lado direito e, quase simultaneamente, recebia uma bola de futebol, vinda da esquerda.

“Mas eu sei muito bem como jogar futebol”, complementava, lançando um olhar congelante para a câmera.

Claro, não foi nada que merecesse um Oscar, mas o vídeo ficou legal e Puyol se divertiu conosco. Alguns dos meus colegas espanhóis se

surpreenderam com o fato de ele ter topado uma encenação tão descontraída, mas isso foi mais um exemplo do novo Puyol.

Uma das imagens mais marcantes da decisão da Champions de 2011 em Wembley foi a de Piqué, acompanhado de um exército de ajudantes, cortando as redes do gol e guardando-as como lembrança. Não era uma ideia nova, apenas um expediente aperfeiçoado desde a noite da final da Copa do Mundo.

Após vencerem a Holanda na prorrogação, os jogadores de Vicente del Bosque levantaram o troféu e fizeram a volta olímpica no gramado. O vestiário espanhol virou um caos, mas meu câmara e eu recebemos autorização para entrar e gravar um vídeo exclusivo enquanto a rainha, Rafael Nadal e Plácido Domingo cantavam e dançavam com os atletas da seleção (tudo observado de perto por um desolado Phillip Cocu, ex-jogador holandês do Barça, que também estava presente).

Não muito depois de termos encerrado a gravação e retornado à área localizada entre o vestiário e o início do túnel que levava ao campo, Piqué passou por nós, com uma tesoura numa mão e uma garrafa de cerveja na outra, seguindo em direção ao gramado.

Instantes depois, ele voltou ao local onde estávamos, todo agitado e perguntando sobre as redes. Como nenhum dos funcionários da organização parecia interessado no que estava acontecendo, ele pediu minha ajuda. E nós saímos de lá, acompanhados de um voluntário da Fifa — que já visualizava a chance de ganhar, no final, uma camisa autografada pelo zagueiro.

Com a promessa de que sabia onde estavam as redes, o voluntário nos conduziu estádio adentro, com os cravos da chuteira de Piqué ameaçando algum tipo de retaliação enquanto subíamos e descíamos as escadas de concreto. Mas o engenhoso garoto tinha mentido: ele apenas nos levou a outra entrada que também dava para o gramado. Piqué já tinha estado no campo e sabia que as redes haviam sido recolhidas, por isso ficou extremamente contrariado.

Só que o zagueiro, que acabara de ser campeão do mundo, não desistiu. Começamos a bater na porta das salas de estocagem de equipamentos, onde as redes poderiam ter sido guardadas. Nesse processo, acabamos entrando no escritório da empresa responsável pelo serviço de alimentação do estádio, onde

testemunhamos pilhas de dinheiro sendo contado.

Piqué foi ficando cada vez mais irritado e, verdade seja dita, com razão. Todo funcionário que encontrávamos lhe pedia um autógrafo ou uma foto, mas nenhum deles o levava até o souvenir que ele tanto procurava.

Finalmente, achamos o escritório da administração do estádio. Lá, conversamos com um sul-africano que mentiu sobre o paradeiro das redes e tentou sem sucesso escondê-las de nós. Piqué estava contendo a raiva crescente, tentou sorrir e atender às dezenas de pedidos de fãs que fomos encontrando pelo caminho, mas chegara perto do próprio limite. Vinha falando inglês o tempo todo, mas se virou para mim e disse em espanhol: “Eu vou dar um soco nele, você pega as redes e nós saímos correndo”.

Hoje, acho que a frase foi apenas mais uma demonstração do famoso senso de humor de Piqué. De qualquer forma, depois de muita negociação, de intervenções de gente da Fifa, da menção ao nome de alguns dos patrocinadores do evento e com a ajuda de outros membros da administração do estádio, finalmente foi possível chegar a um acordo. Ver aquele zagueiro campeão mundial cortar um pedaço das redes da final com uma pequena tesoura foi ao mesmo tempo uma cena cômica e um grande alívio.

Agora chegamos à parte triste. No início da temporada 2011/2012, Carles Puyol estava trabalhando duro para recuperar a forma, depois de ter disputado apenas algumas partidas nos oito meses anteriores — que incluíram alguns minutos no campo de Wembley na decisão da Champions League. Mas os problemas físicos acabaram levando-o a uma cirurgia de joelho, que foi seguida de muita discussão a respeito de sua capacidade para voltar a atuar em alto nível.

Quando eu escrevia a primeira edição deste livro, acreditava que os padrões elevadíssimos de dedicação e condição atlética de Puyol lhe dariam ainda mais dois ou três anos de atividade em meio à elite de sua profissão. Apesar de todas as lesões, ele ainda era o capitão “Tarzan” e chegou a levantar a taça do Mundial de Clubes de 2011. A aposta mais segura, no entanto, era a de que estávamos realmente vivenciando os últimos momentos da improvável parceria Piqué-Puyol.

De qualquer maneira, imagino que no futuro veremos Puyol na comissão

técnica do Barcelona, embora acredite que o candidato mais forte para ser treinador do time principal do Barça no futuro seja Xavi.

Quanto a Piqué, sua história ainda está sendo escrita. O Barcelona é sua casa, ele é muito feliz por lá e será uma grande surpresa se não se tornar, em algum momento, capitão do clube e da seleção espanhola. Só o tempo dirá se ele permanecerá pelo resto da carreira no Camp Nou, mas acho que há grande probabilidade de que isso não aconteça. O gostinho de futebol inglês que teve com o United foi não foi o suficiente para satisfazê-lo por completo. E, assim como o Barça já não tem mais o comando de Pep Guardiola, os grandes atletas do time também podem sentir a necessidade de mudar de ares.

Um objetivo já declarado de Piqué é o de se tornar, um dia, presidente do Barcelona. Se for realmente um desejo dele, então acredito que um dia virá a acontecer — e ele terá sucesso. Talvez um novo período no exterior, mais para o final de sua carreira, venha a fazer muito bem às suas aspirações de futuro.

Chegamos então aos créditos finais nesse nosso “filme” sobre essa dupla improvável que se formou no centro da defesa do Barcelona, destacando os momentos que a definem melhor: Puyol exigindo que Piqué “preste atenção”; Puyol praticamente usando o companheiro como escada para subir mais alto e marcar de cabeça o gol decisivo contra a Alemanha na semifinal da Copa do Mundo de 2010; Piqué rindo, rindo sempre; e Piqué marcando aquele gol no 6 a 2 sobre o Real Madrid, no Bernabéu, enquanto Puyol cuidava da retaguarda.

Obrigado por tantas lembranças, amigos!

VÍCTOR VALDÉS:

O DESTRUIDOR DE CORAÇÕES

O MELHOR AMIGO de Andrés Iniesta no futebol foi também o jogador mais consistente do Barcelona num período de seis anos. Todos os melhores goleiros irão lhe dizer que, quanto menos trabalho há, mais difícil é o teste para sua concentração.

O gol que Valdés sofreu contra o Arsenal, no Emirates, em 2011 — quando deixou a bola passar entre ele e a trave — e a falha terrível na vitória por 3 a 1 sobre o Real Madrid, no Bernabéu, no mesmo ano — quando um passe errado do goleiro permitiu ao adversário marcar no primeiro minuto de jogo — destacam-se porque Valdés raramente cometia erros.

Seus companheiros de Barcelona costumavam ressaltar com frequência a confiança que sentiam na habilidade de Valdés com a bola nos pés e em sua capacidade no um contra um, diante de um atacante adversário. Um goleiro com essas características é essencial para uma equipe que atua com marcação alta e conta regularmente com apenas três homens na defesa.

Os resultados do Barcelona contra o Real Madrid na era Guardiola demonstram um domínio quase completo do time catalão. Quem viu todos esses jogos certamente se lembrará de muitos contra-ataques do Real sendo interceptados por ações arriscadas de Valdés, que por sua vez mantinha sempre a calma e a frieza — especialmente nos dois primeiros clássicos disputados pelo time de Pep no Camp Nou, que terminaram em vitórias por 2 a 0 e 1 a 0, mas foram partidas extremamente tensas.

As categorias de base do Barça treinam os goleiros para que atuem também como líberos. E Valdés se encaixou perfeitamente nesse perfil. A disposição para acompanhar o desenrolar do jogo a partir do limite da grande área vem naturalmente para alguém que fica muito à vontade ao intervir nas jogadas de

contra-ataque rápido do rival e que confia muito em si mesmo nos lances de um contra um — o “olho no olho” frente ao atacante da equipe adversária.

Valdés é obstinado, alguém que exige muito de todos que o cercam — inclusive da imprensa —, mas também é muito divertido. Foi sua a ótima ideia de preparar e exhibir aos companheiros um DVD com suas imitações de personalidades do futebol espanhol na noite anterior ao jogo de ida das semifinais da Champions, contra o Real, o que ajudou a aliviar a tensão dos atletas e criar uma atmosfera vencedora.

Ao longo da carreira, ele se livrou da impetuosidade que marcou seus primeiros anos. Lembro-me de vê-lo muitas vezes enfurecido quando Louis van Gaal mandava-o de volta ao time B do Barça — ele já parecia totalmente pronto para a equipe principal —, como também costumava acontecer com Xavi. Certa vez, Valdés perdeu a paciência, foi embora de repente e perdeu o treino, chegando a pôr em risco seu futuro no Camp Nou. Com o tempo, a capacidade para domar esse instinto de competitividade feroz se tornou uma de suas principais qualidades.

Campeão mundial em 2010, o catalão também pôs um fim na lenda de que não dava valor à seleção espanhola e poderia ser uma influência negativa sobre o grupo, pois conviveu muito bem com Iker Casillas e Pepe Reina durante a Copa. Na África do Sul, eu o vi treinar diariamente e apoiar os companheiros com dedicação, mesmo sabendo que não iria jogar.

Vejo nele grandes virtudes, é uma pessoa que não se omite e se dispõe a conversar com a imprensa independentemente de seu time ter vencido ou perdido. Valdés é um homem de verdade. Adora música, e o nascimento do seu filho Dylan o ajudou a encontrar a felicidade, sentimento que aumentará depois que ele encerrar a carreira e puder praticar kitesurf e montar em sua Harley sempre que tiver vontade.

O título de Wembley, em 2011, não foi sua conquista mais suada, mas os torcedores do Barcelona jamais se esquecerão de sua atuação corajosa em outra ocasião: na final da Champions League de Paris cinco anos antes. Naquela noite, ele destruiu o coração de Thierry Henry e conquistou o dos fãs do Barça para sempre.

9. TERRENO FÉRTIL



A única coisa que não pode parar neste clube é a cantera.
Pep Guardiola

A HISTÓRIA DO Barcelona que protagoniza este livro é a de um time que conquista títulos praticando um futebol de tirar o fôlego, que fascina pelo estilo de jogo e conta com astros cujo talento viverá para sempre na nossa memória. É preciso, no entanto, acrescentar mais um elemento a essa narrativa: suas grandes façanhas têm sido realizadas por elencos cheios de jogadores nascidos na Catalunha ou formados no próprio clube.

Víctor Valdés, Carles Puyol, Gerard Piqué, Sergio Busquets e Xavi Hernández são catalães e passaram todos pelas categorias jovens do Barcelona, chamadas de *fútbol base* (uma alusão ao ensino do que é básico no futebol) ou *cantera* (palavra do espanhol que define o termo “pedreira” ou “mina”, de onde se extraem os metais mais preciosos). Pedro, Lionel Messi, Andrés Iniesta e Thiago Alcántara foram identificados por olheiros e trazidos para a *cantera* quando ainda eram garotos. O técnico Pep Guardiola e seu assistente na época em que comandou o time, Tito Vilanova (mais um que viria a treinar a equipe principal), também nasceram na Catalunha e passaram pelas categorias de base do clube quando jogadores. Praticamente toda a comissão técnica formada por Guardiola incluía ex-alunos do Camp Nou.

Albert Benaiges treinou Piqué, Messi e Cesc Fàbregas antes de passar a trabalhar nas categorias de base do Al Wasl, em Dubai, no verão de 2011. “Em uma das fotomontagens da Nova Masia você vê, ainda como jovens jogadores, o técnico Pep Guardiola, seu assistente, Tito Vilanova, o preparador físico Aureli Altimira e o analista de vídeos Jordi Roura”, aponta Benaiges. “Eles estavam todos juntos quando garotos em La Masia e conseguiram também trabalhar juntos na equipe principal. Quer melhor homenagem a La Masia que o fato de quase toda a comissão técnica de um período tão brilhante ter sido formada dentro de casa? É difícil imaginar qualquer coisa dando errado nessas circunstâncias.”

Sete jogadores da seleção espanhola que conquistou a Eurocopa de 2008 passaram pelas categorias de base do Barcelona. Quatro deles foram titulares na decisão. Também foram sete os titulares do Barça formados em casa na decisão da Champions League de 2009, número que se repetiria dois anos

depois, em Wembley.

Agora, um dado definitivo: na final da Copa do Mundo de 2010, seis dos onze titulares da seleção espanhola haviam se desenvolvido como jogadores na base do clube catalão.

Nos tempos em que vivemos, quando o futebol às vezes pode parecer estéril ou robótico demais, sendo disputado rotineiramente por atletas altos e fortes e com salários na casa dos seis dígitos, distanciando-se mais do que nunca do universo dos torcedores, o conceito de “garotos formados em casa”, capazes de praticar um futebol de grande beleza, torna-se extremamente sedutor. E se precisávamos de um nome simples e direto para explicar o objeto de todo esse encanto, foi o termo “La Masia” que se consagrou como referência no assunto. O antigo casarão de pedra com o tempo se estabeleceu como a melhor representação de tudo aquilo que as pessoas acreditam ser bom e desejável no que diz respeito ao FC Barcelona — uma espécie de Camelot do futebol, onde dragões são sacrificados e a mesa (ou tábua) é redonda, para que os jogadores possam trocar seus passes sobre ela.

Ao longo das próximas páginas, explicarei o que é exatamente La Masia, como funcionam as categorias de base do Barcelona e como o aprendizado que os jovens jogadores recebem nas equipes inferiores foi aplicado às táticas adotadas por Guardiola no time principal.

Masia: uma casa de campo ibérica, geralmente feita de pedra

As categorias de base do Barça têm o apelido de “La Masia” devido à antiga casa de campo erguida com pedras, próxima ao Camp Nou, que serviu como alojamento para os talentosos garotos que precisavam de hospedagem na cidade para poder treinar no clube a partir de 1979. A edificação tem mais de trezentos anos e foi incorporada pelo Barcelona assim que o clube se mudou para aquelas redondezas, no final da década de 1950. Um dos primeiros formandos de La Masia, Guillermo Amor, acabou se tornando o diretor das categorias de base do Barça.

O clube conta com doze times de idades diferentes atuando abaixo do elenco principal, desde sete ou oito anos de idade até a equipe B — um grupo eclético composto de atletas de até 25 anos que não chegarão ao time principal

e também por garotos (alguns de dezesseis ou dezessete anos) cuja promoção pelas diferentes categorias jovens é acelerada em função de seu rendimento acima da média.

Todos os que fazem parte desse grande sistema são chamados de *canteranos*: elementos da *cantera* ou de La Masia. Apesar de pouco comuns, trata-se apenas de termos que descrevem, de forma especial, o futebol de base ou de formação, um sistema que dá sustentação a todo o clube e integra, em sentido mais amplo, sua estratégia de sucesso.

A La Masia em si deixou de ser usada como residência principal dos jovens jogadores do Barcelona em junho de 2011. O destino da antiga construção, que abrigou gerações e gerações de *canteranos*, ainda não se sabe com certeza, mas a importância que o clube dá ao desenvolvimento de seus atletas jovens pode ser vislumbrada na estrutura que substituiu o velho casarão.

A Ciudad Deportiva Joan Gamper, onde o time principal vem treinando desde pouco depois de Pep Guardiola ter assumido o comando como técnico, está localizada no meio do caminho entre o Camp Nou e o aeroporto. Construída ao custo de pouco menos de 70 milhões de euros, demorou seis anos para ficar pronta porque, acreditem, o Barcelona ficou sem dinheiro para finalizar a obra no prazo. Os jogadores das categorias de base também treinam no local e, em outubro de 2011, o edifício que substituiu La Masia — o Centro de Formación Oriol Tort — foi inaugurado, numa bela cerimônia acompanhada por dezenas de atletas formados pelo clube.

*

A maioria deles carrega uma dívida em relação a Johan Cruyff. Quando o holandês retornou ao Barcelona para dirigir o time principal, em 1988, ele transformou radicalmente o sistema de formação de atletas no clube, alinhando o esquema de jogo de todas as categorias ao que seria praticado pela equipe principal, o 3-4-3, e promovendo rapidamente uma série de *canteranos* catalães — como Toni Pinilla, Albert Ferrer, Guardiola e Óscar García.

Charly Rexach foi assistente de Cruyff e já tinha passado pelo Camp Nou em diversos períodos de sua carreira. “Este clube sempre amou os jogadores

talentosos. O Barcelona de que me lembro da minha infância jogava muito, muito bem”, ele disse. “Só que então houve uma reviravolta negativa.

“Nosso futebol se tornou obscuro e triste, excessivamente físico. Não havia mais espaço para a imaginação, só para a correria. Se você não corresse, não jogaria. Fiquei farto de ouvir que os jogadores tinham de suar. ‘Você precisa estar preparado para morrer por essa camisa’, costumavam nos dizer. E eu só pensava: ‘Tenho vinte anos, quero jogar futebol e me divertir. Sou muito jovem para morrer’. Ah, malditos! ‘Quero ver essas camisas sujas no final!’ O bom futebol é jogado com os pés. Se você não suou muito é porque jogou mais com a bola nos pés.”

Não é de admirar que o retorno de Johan Cruyff, seu ex-companheiro de time no Barcelona, tenha sido um momento sublime para Rexach.

Cruyff e Rexach levaram adiante uma espécie de missão. No início, o jogo de posse de bola introduzido por eles foi recebido com vaias no Camp Nou. Mas aos poucos eles conseguiram educar o público que acompanhava os jogos, e os troféus que se seguiram representaram um argumento bastante sólido. Também foram essenciais para respaldar a exigência de Cruyff de que os jogadores da base passassem a ser formados obedecendo ao mesmo tipo de jogo. Os planos do holandês não foram simplesmente implementados, eles acabaram compondo uma identidade futebolística para o FC Barcelona: um estilo de futebol atraente e bem-sucedido mesclado à ideia do “Més que un club” — o projeto todo, afinal, estava sendo executado por catalães.

Alexanco, o zagueiro da equipe de Cruyff que levantou o troféu do título europeu de 1992, em Wembley, foi o primeiro graduado de La Masia a ser promovido para o *Dream Team*. “Cruyff criou um grande modelo, instaurado assim que ele chegou para trabalhar como treinador no futebol espanhol e que se mantém até hoje”, disse ele. “Desenvolveu sessões de treinamento bem estruturadas, com horários predeterminados, um estilo de trabalho, um processo de *scouting* eficiente e toda uma filosofia de jogo. Desde então, tem havido um esforço para aprimorar esse modelo, mas dando continuidade a seus objetivos básicos. Tudo o que temos hoje é decorrência daquele trabalho inicial de Cruyff.”

Quando o holandês foi demitido, em 1996, muitos dos seus conceitos

acabaram abandonados. O Barcelona deixou de lado o modelo centrado na promoção dos *canteranos*, que manteriam o DNA do clube no time principal, e o substituiu pela aposta em jogadores estrangeiros contratados a peso de ouro. Já não existia mais confiança no futebol da base, e os jovens passaram a ser menos utilizados. Ainda assim, ao longo desse período, enquanto o time de cima era comandado por Bobby Robson, Louis van Gaal, Lorenzo Serra Ferrer, Charly Rexach e Radomir Antić, toda a engrenagem do sistema de formação do clube continuava em operação.

Alex García — que trabalhou na base com muitas das estrelas do time dirigido por Guardiola antes de ser contratado, no verão de 2011, para desempenhar um papel semelhante no Dínamo Tbilisi — revela como as *canteras* sobreviveram à era de turbulências entre os comandos de Cruyff e Rijkaard. “Se não tivéssemos tido paciência e calma, se não trabalhássemos tão duro, tudo teria desmoronado. Mas o importante é que conseguimos manter a filosofia que Cruyff havia implantado, pelo menos no futebol de base”, ele diz.

“Independentemente das idas e vindas de técnicos depois da partida de Cruyff, ou do estilo de jogo adotado pela equipe nessa etapa, as categorias de base foram separadas do restante e puderam seguir obedecendo às mesmas regras e ideais. Foi por essa razão que Guardiola, quando assumiu, pôde contar com um time em que mais da metade dos jogadores eram *canteranos*, atletas produzidos em casa.”

Para Txiki Begiristain, um dos grandes feitos da era Guardiola foi ter tornado o modelo Barcelona de jogar futebol imune à “erosão”, seja quem for o treinador no comando da equipe.

*

Eis como as coisas funcionam: o recrutamento pode começar com garotos de sete anos de idade — esse é pelo menos um dos eixos do trabalho —, e o esforço de captação, de modo geral, se divide em três tipos de jogadores.

Primeiro, evidentemente, o clube está sempre atento ao mercado à procura de reforços que chegarão direto como titulares da equipe principal, como aconteceu com David Villa e Dani Alves.

A segunda estratégia é a do recrutamento de atletas para a categoria juvenil (de dezesseis a dezenove anos) com perspectivas de curto a médio prazo em relação ao acesso ao time A. Foi nessa fase que chegaram ao clube Carles Puyol (dezessete anos, em 1995, enquanto Cruyff era o técnico) e Pedro (recrutado na fase Rijkaard, mas promovido ao time de cima por Guardiola depois de alguns técnicos da base terem pensado em emprestá-lo). Esse tipo de jogador pode ser captado de diferentes formas: de um clube exclusivamente voltado para o futebol de base, de um time amador local, de uma equipe escolar e, cada vez mais frequentemente, de outros clubes profissionais dentro e fora da Espanha.

Por fim, existe o trabalho de recrutamento que alguns consideram o mais importante: o de meninos de sete ou oito anos de idade, talvez um pouco mais. São as pedras preciosas que chegam ao clube em estado bruto e que o sistema de formação do Barça é capaz de educar e lapidar — como foi feito com Xavi, Iniesta e Messi.

O Barcelona reconhece ainda a ênfase em jogadores nascidos na Catalunha, a determinação de derrotar os outros clubes no processo de atração dos mais talentosos — entre os mais novos — atletas espanhóis, e o tratamento prioritário em relação aos melhores jogadores jovens do mundo.

A integração de Messi à base do Barça e seu imenso sucesso no time adulto foram obviamente um catalisador dessa parte da estratégia, mas houve outro fator também muito importante: uma iniciativa conjunta entre o FC Barcelona e a fundação de Samuel Eto'o em Camarões, firmada quando o atacante ainda vestia a camisa do clube. Os catalães ajudaram no investimento inicial, cederam o apoio técnico necessário e intensificaram a promoção da marca Eto'o, estabelecendo-se que, em troca, receberiam os principais talentos garimpados no empreendimento. A parceria já levou às *canteras* os jovens Jean Marie Dongou, Frank Bagnack, Vivaldi Leonid Bakoyock e Wilfrid Jaures Kaptoum.

No passado, as diferentes demandas das três fases de recrutamento significavam que cada uma delas era tratada de forma independente — apesar de coexistirem como focos de atuação no clube. Em 2010, no entanto, o trabalho de todos aqueles que realizam a busca por reforços para o Barcelona

foi unificado. Desde então, as informações captadas pelos olheiros passaram a ser compartilhadas em todos os níveis, os critérios de seleção foram uniformizados, e qualquer lição aprendida na observação e contratação de um jogador como, por exemplo, Ibrahim Afellay, pôde ser codificada e repassada aos responsáveis pela captação de nomes para as categorias menores.

*

Mas o que os olheiros das categorias de base realmente procuram?

Há inúmeros sinais que apontam para o talento — e alguns deles estiveram desde sempre na mira de quem trabalha com futebol. Os especialistas podem, por exemplo, sair em busca de garotos que passam todo o tempo de que dispõem com uma bola de futebol nos pés, que nunca perdem uma chance de jogar ou praticar suas habilidades.

Durante a infância e o começo da adolescência, Pep Guardiola vivia batendo bola na praça de Santpedor e usando as portas de garagem das lojas como gols quando não havia uma partida de verdade para disputar. Os vizinhos às vezes tinham que dar um jeito de afugentá-lo junto com os amigos que também jogavam. “Parte da capacidade técnica de um jogador é inata, mas é óbvio que, se você passou cinco, seis ou sete horas por dia brincando de futebol quando era criança, isso ajudará muito. O problema dos garotos mais jovens de hoje — particularmente aqueles que vivem em cidades grandes — é que eles só jogam futebol quando estão treinando. Isso dá no máximo uma hora e meia por dia”, disse o técnico.

A infância de Carles Puyol em Poble de Segur foi idêntica à de Guardiola. Apesar de não ter jogado futebol de campo, com onze jogadores de cada lado, até os catorze anos ele estava sempre com uma bola nos pés, exercitando suas habilidades sem descanso e driblando tudo o que pudesse dentro da própria casa.

Xavi Hernández foi outro que passou horas e horas durante a infância desenvolvendo aquilo que, como ele próprio admite, é sua “obsessão”: o controle de bola.

Laureano Ruiz é uma espécie de lenda em Barcelona. Foi um visionário no

campo da formação de atletas no período pré-Cruijff e protagonizou uma anedota que ilustra bem o valor, hoje reconhecido, desse amor pela bola de futebol.

Ruiz havia acabado de presenciar um teste com uma multidão de garotos catalães. Não parecia ter sido um dia muito produtivo, mas de repente ele percebeu que um dos meninos ficara para trás e continuava chutando uma bola contra a parede de um dos vestiários. Ruiz foi até ele e lhe perguntou o que estava fazendo. “Esperando meu pai”, respondeu o garoto.

O diretor das *canteras* do Barça seguiu seu instinto e indagou aos treinadores e olheiros que tinham organizado o teste quem era o menino e como ele havia se saído nos jogos. Responderam-lhe que o candidato não fizera nada de mais e que não seria aprovado.

Mas o palpite de Ruiz era outro. Qualquer garoto com tamanha dedicação à bola de futebol não deveria ser descartado sem antes passar por um teste adicional. A perseverança de todos os envolvidos acabou compensando. Quando aquele menino, Albert “Txapi” Ferrer, subiu as escadas de Wembley em 1992 como integrante do primeiro time do Barça a se sagrar campeão da Copa da Europa, o momento também foi de consagração para Ruiz, cujo trabalho minucioso e dedicado havia contribuído para a grande conquista.

Tudo o que o Barcelona busca em um jovem para a base tem como referência as habilidades necessárias a quem atua no time principal. Como é o primeiro domínio do candidato a craque? Ele consegue manter a posse de bola? Com que rapidez lê o que está acontecendo em campo? É capaz de tomar boas decisões quando está sob pressão? O ponta consegue jogar com ambos os pés? Ele faz pressão sobre o adversário quando sua equipe não tem a bola? O zagueiro tem capacidade técnica para iniciar jogadas de ataque?

“A tarefa essencial no futebol de base, porém também a mais importante, é encontrar os garotos certos”, afirma Alexanco. “Não podemos errar. Temos de achar jogadores que são compatíveis com o nosso sistema. Desde o momento em que eles entram no clube, vamos adaptando suas qualidades até que eles dominem o estilo de jogo do Barça. Esta é a chave: captar os garotos certos o mais cedo possível, para que eles passem anos aprendendo tudo aquilo que deve ser internalizado antes de chegarem ao time principal.”

É muito comum que os especialistas do Barcelona estejam presentes em partidas ou torneios de jovens, que recebem olheiros e *scouts* de diversas partes da Europa. Também é bastante frequente, no entanto, que eles escolham garotos que já foram descartados por observadores de outras equipes. Isso porque, apesar de o Barça e a Espanha terem provado nos últimos anos que talento e inteligência são mais importantes que força física e capacidade atlética, o tipo de jogador jovem que agrada aos olheiros do clube catalão, que possui o DNA do Barça, tende a ser rejeitado por outros olheiros por ser pequeno e franzino — não se destacando em critérios tradicionais de avaliação, como o desarme, o cabeceio e a capacidade para marcar gols.

Albert Benaiges, o venerado técnico da base, admite que o modelo atual de desenvolvimento das categorias inferiores nem sempre foi tão popular em meio à alta hierarquia de comando no Camp Nou. “Tudo depende de quem está no topo do clube”, afirma. “Já há muitos anos temos priorizado a escolha de jogadores técnicos. Nosso modelo se baseia no potencial técnico do menino, não no fato de ele ser alto, elegante ou ter olhos azuis. Mas houve momentos na nossa história em que se deu muito mais importância para a parte física.

“Nessa época, não jogávamos o mesmo futebol de hoje em dia. Era um bom modelo, mas são os detalhes que fazem toda a diferença. É como cozinhar: se você não sabe quanto sal e quais temperos usar, não conseguirá fazer um bom ensopado.”

Dois exemplos recentes no time principal mostraram por que o “DNA Barça” deve ser um fator determinante no recrutamento de jogadores pelo clube, sejam garotos de sete anos ou grandes reforços envolvendo cifras multimilionárias. Os casos a seguir demonstram o que acontece quando as regras não são obedecidas.

É impossível classificar Zlatan Ibrahimović como um jogador ruim. Ele tem habilidade, faro goleador, mentalidade vencedora e físico perfeito para o futebol moderno. Durante sua passagem de apenas uma temporada pelo Camp Nou, marcou 21 gols, deu nove assistências e conquistou quatro títulos, mas sua compreensão e capacidade de se integrar ao sistema de jogo proposto por Guardiola não atenderam às expectativas.

Se ele tivesse sido contratado aos catorze ou dezesseis anos, provavelmente

teria acontecido o mesmo. Seu talento, os gols e o físico privilegiado lhe abririam as portas de La Masia, mas sua incapacidade ou relutância em se adaptar ao modelo de jogo praticado pelo clube teriam provocado sua dispensa ou transferência. Nesse caso, a operação não teria sido o desastre econômico que acabou se tornando.

Outro caso semelhante é o de Dmytro Chygrynskiy. O Barcelona decidiu contratar o zagueiro, pois sempre teve dificuldades ao enfrentá-lo. O ucraniano era alto, forte, técnico e organizava bem o time quando atuava pelo Shakhtar Donetsk e em sua seleção. A compra parecia um ótimo negócio, considerando sua idade, sua velocidade e seu bom jogo aéreo. Ele, contudo, não conseguiu se adaptar à necessidade de ter de sair jogando a partir da defesa.

Os jogadores e os integrantes da comissão técnica do Barça costumam falar muito sobre os automatismos, hábitos que, de tão enraizados, acabam se tornando práticas naturais. Chygrynskiy não conseguiu chegar a esse ponto: seus instintos mandavam que ele se livrasse da bola o mais rápido possível e evitasse as subidas ao ataque.

Guardiola tinha muito interesse em manter o zagueiro no elenco, pois via nele uma boa atitude e disposição para aprender e desenvolver as habilidades que lhe faltavam, mas foi convencido pelo recém-empossado presidente Sandro Rosell de que o melhor seria vendê-lo de volta ao Shakhtar a fim de equilibrar o orçamento.

Ibrahimović e Chygrynskiy — contratados, entre outros motivos, para trazer mais força física ao Barcelona — mostraram que, apesar de todas as suas qualidades, não estavam prontos para se adaptar ao “jeito Barça” de fazer as coisas.

“Xavi me alertou de que os torcedores *culés* esperam muito dos jogadores e perdem a paciência rapidamente”, disse o zagueiro ucraniano. “É quando as vaias começam. Até ele já tinha sido perseguido pelo público alguns anos antes.

“No Shakhtar [clube para o qual voltou ao deixar o Barcelona], quando recebo a bola, eu me sinto um rei. No Barça, quando recebia um passe, eu já tinha que procurar Xavi ou Iniesta. No Shakhtar, nós tentamos sempre a bola longa; no Camp Nou, é totalmente diferente. A culpa foi minha, na verdade, nunca deixei de me sentir pressionado. Adaptar-se ao Barcelona vindo de outra

liga — como aconteceu com Mascherano, Abidal e Ibrahimović — é muito, muito difícil.”

Seja no caso dos atletas jovens da *cantera*, seja ao contratar reforços que valem milhões de euros, o Barcelona sempre busca compreender a personalidade e as origens do jogador — além de sopesar seus atributos técnicos. O desenvolvimento de todos os aspectos que envolvem o futebolista se tornou um dos principais objetivos para quem trabalha com o *fútbol base* no clube.

“Quando olhamos para um garoto, não vemos apenas um jogador de futebol, mas um jovem que tem uma família e toda uma comunidade por trás dele”, explica Benaiges. “Acreditamos que é realmente importante que nossos meninos se desenvolvam no âmbito pessoal e também no acadêmico, porque, caso o futebol não dê certo, eles poderão optar por outra carreira. Tentamos inculcar nos garotos valores como o autossacrifício e o espírito de equipe. Trabalhamos duro e, como resultado, temos atualmente sete ou oito jovens do Barça B que também frequentam universidades. Nossos jogadores precisam trabalhar em busca de um desenvolvimento integral, não só o técnico-esportivo.”

Carles Folguera, que assumiu o comando de La Masia em 2002, acredita que essa atenção dada a aspectos não futebolísticos da vida do jogador é fundamental para diminuir o número de atletas da base que “não dão certo” e incrementar as chances de emplacar mais promessas no time principal. À medida que o Barcelona passa a prospectar talentos na África e na Ásia, isso se torna ainda mais importante.

Os garotos da Fundação Eto’o são um caso à parte, uma vez que chegam às categorias de formação do clube desacompanhados dos pais ou de tutores. Além de ter de lidar com um novo idioma, um novo país e uma nova cultura, esses jovens ainda precisam suportar a terrível pressão da solidão e da imaturidade. Por isso, suas qualidades para o futebol têm que ser extraordinárias, não podem deixar qualquer dúvida. Se garotos catalães jogando nas mesmas posições merecem, por exemplo, uma nota 8 ou 8,5, os oriundos do Japão ou da Nigéria necessariamente têm que fazer jus a uma nota 10.

*

Estudo de caso: Cesc Fàbregas

Rodolfo Borrell foi o homem que descobriu Cesc Fàbregas e fez a intermediação do que, mesmo à época, se constituiu como um acordo bastante difícil.

“Eu o vi jogar pela primeira vez em Mataró e conversei sobre Cesc com Oriol Tort, que acabou levando-o para a categoria *alevín A*”, recorda Borrell. “Estávamos na temporada 1997/1998 e, na época, nossos treinadores rodavam a Catalunha para observar nossos adversários. Na minha primeira visita ao Mataró, ainda na pré-temporada, não vi ninguém especial. Mas então, com a temporada já em andamento, voltei lá e vi aquele jogador brilhante, que eu não tinha notado antes.

“No intervalo, o coordenador do Mataró me confidenciou que os técnicos haviam sido instruídos a tirar o garoto de campo assim que um treinador de equipe adversária chegasse. Eles sabiam que todos nós iríamos querer contratá-lo.

“Naquela época, o jogador que atuasse em cinco partidas da liga ficava impossibilitado de se transferir para outro clube. Quando pedi mais detalhes sobre ele, fiquei ainda mais satisfeito: apesar de se destacar em meio a todos aqueles jogadores, Cesc era pelo menos um ano mais novo que os demais. Era a melhor indicação possível.

“Cesc era um jogador importante para o Mataró, mas eles permitiram que o garoto treinasse conosco uma vez por semana, às quartas-feiras, até alcançar a idade para se juntar ao *alevín A*. Um ano depois, ele passou a ficar com a gente em tempo integral, reunindo-se nos treinos com Piqué e Víctor Vázquez e, mais tarde, com Messi.”

*

Se um menino chega às categorias de base do Barcelona aos dez anos e estreia no time principal aos vinte, terá passado por cerca de 2300 sessões de treino. Boa parte dessas 3070 horas de preparação terão sido gastas em

atividades destinadas a incrementar uma qualidade específica: a de manter a posse da bola.

Em muitos clubes, a formação dos jovens começa pela parte física, com o desenvolvimento de atributos como força e resistência, passando depois à parte tática e por fim aos aspectos técnicos. No Barcelona, acontece exatamente o contrário: quase todas as atividades iniciais têm foco na técnica, e as questões táticas aparecem em seguida. Só quando os garotos chegam aos quinze ou dezesseis anos aumenta a ênfase sobre o desenvolvimento físico, a força e a resistência.

Nos primeiros anos da formação, o foco principal do trabalho está nas habilidades básicas — domínio e proteção da bola, exercícios para o ensino do jogo de posição (movimentos com e sem bola, pressão ofensiva e defensiva) e assim por diante. Jogam-se partidas de sete contra sete, com os times atuando normalmente no esquema 3-2-1 — em que os defensores pelos lados atuam também como alas ofensivos, o terceiro jogador da linha de trás pode ser um volante *pivote* (como Sergio Busquets) ou um zagueiro (como Gerard Piqué), e os dois jogadores da linha média devem executar movimentos semelhantes aos de Xavi e Iniesta.

O futebol de base tem esse nome justamente por tratar do processo de educação básica do esporte: se você, como zagueiro central, passa a bola ao meia pela direita, o que deve fazer na sequência? Para onde deve correr? Quais são suas responsabilidades?

Se você é o atacante que recua para receber o passe do meia que atua como Xavi, tentará fazer a parede e tabelar ou vai girar e partir para o drible?

Se a bola é perdida e você está do outro lado do campo, como deve reagir?

A preparação dos jovens jogadores parte das mesmas premissas em todas as faixas etárias. É o futebol operando como a dança de salão: os movimentos são os mesmos para todos, e o que separa os melhores dos demais alunos é a forma como eles são executados dentro das regras determinadas. Se você se desvia do planejado ou não treina o bastante, acabará pisando nos pés do seu parceiro, os juízes notarão e você não poderá continuar dançando.

Os *canteranos* do Barça, portanto, repetem incansavelmente os mesmos movimentos, que aos poucos vão sendo internalizados, tornando-se cada vez

mais naturais — e as crias de La Masia começam a se diferenciar dos meninos da mesma idade que treinam em outros clubes.

Fran Sánchez, outro treinador da base, explica como acontece a integração ao sistema dos meninos que são recrutados mais tarde e chegam ao clube já com mais idade: “Inicialmente, ensinamos a eles os conceitos gerais e depois vamos apresentando os detalhes do nosso método de trabalho. Vamos aumentando o nível de dificuldade pouco a pouco. Trabalhamos com o elenco todo para que os meninos que vieram de fora consigam acompanhar os outros em relação à compreensão do nosso sistema”.

Estudo de caso: A posse de bola

Faz parte da filosofia do Barcelona que o trabalho de manutenção da posse de bola nas suas equipas — por meio do aperfeiçoamento do primeiro domínio, dos passes rápidos e precisos, além da movimentação inteligente e constante — não resulte, ao final, numa posse estéril. Não se trata de pretender superar o adversário por meio da posse, mas de buscar sempre a superioridade numérica que permite a um jogador-chave dar o passe que desequilibra o adversário e desestabiliza sua defesa.

Xavi explica desta forma: “Nós estamos sempre buscando superar em número os nossos oponentes, no dois contra um, então se Puyol está sozinho com a bola, eu grito: ‘Pode vir, pode vir!’. Ele vai avançar até o ponto em que o cara que está me marcando é forçado a se afastar de mim para fechar o espaço dele. Assim criamos o dois contra um e, nesse momento, peço para ele me passar a bola.

“Se eu me posicionar atrás do meu marcador, não serei útil. Preciso sempre me manter em movimento para que possamos atacar juntos. Assim que eu recebo a bola, digo ao Dani Alves que se posicione e eu parto em direção ao lateral que deve marcá-lo. Nós seguimos passando e passando a bola, sempre na direção do ataque.”

Um exercício de troca de passes de importância primordial no desenvolvimento de um jogador no Barcelona é o chamado *rondo*. Vocês já devem ter visto e talvez tenham até participado desse tipo de atividade.

Forma-se um círculo com sete ou oito jogadores, com outros dois

posicionados no meio da circunferência. Os jogadores posicionados no perímetro do círculo devem trocar passes sem que os dois colocados no centro resvalém na bola ou recuperem seu controle. Diz a lenda, dentro do clube, que o exercício foi inventado (ou pelo menos aplicado pela primeira vez nos treinos) por Laureano Ruiz, o descobridor de Txapi Ferrer e um dos pais fundadores de La Masia.

O primeiro e mais óbvio objetivo do exercício é melhorar as habilidades de passe dos jogadores posicionados na parte externa do círculo, que devem tocar de primeira enquanto sofrem a pressão dos colegas da parte interna.

O segundo é ensinar aos defensores, no centro da roda, como fazer a pressão de forma inteligente. Os dois precisam trabalhar de maneira coordenada para ter sucesso no jogo.

O terceiro benefício é que, como todo jogador em algum momento irá parar no meio do círculo, trabalha-se também o condicionamento físico, que é essencial para o estilo de jogo do Barça.

Por fim, reforça-se ainda o espírito de equipe: os jogadores do perímetro precisam atuar em conjunto para não perder a bola.

Se vocês assistirem a um *rondo* bem jogado no Barça, perceberão que ele carrega tanta competitividade quanto qualquer partida de cinco contra cinco nos treinos do Manchester United, Arsenal, Milan ou Bayern de Munique. Talvez vocês já tenham visto os jogadores realizando esse exercício no aquecimento de algum jogo, chegando a pensar: “Eu também conseguiria participar”. Mas o que vocês viram é a versão de aquecimento, dez vezes mais lenta e bem menos intensa que os *rondos* praticados durante os treinamentos.

Os jogadores que formam o círculo jogam em busca de recordes: quantos passes consecutivos são trocados, quanto tempo sem perder a bola; existem inúmeras variações em relação ao número de toques permitido e à quantidade de defensores no centro da roda, pode-se proibir que a bola seja tocada entre jogadores vizinhos e assim por diante.

Vendo-os praticar, você começa a entender uma anedota que Xavi costuma contar sobre os treinos do seu período nas categorias de base. Charly Rexach era o responsável por conduzir a atividade e gritava: “Não quero um toque na bola. Quero meio toque!”.

Esse “meio toque” está inscrito no DNA do Barcelona. Basta ver o gol marcado por Xavi no confronto com o Arsenal, em março de 2011, pelo mata-mata da Champions League.

A partida estava empatada em 1 a 1 quando Iniesta escapou de Tomáš Rosický, Abou Diaby e Johan Djourou, depois acionou David Villa, que — antecipando-se à interceptação de Laurent Koscielny — deu um toque levíssimo na bola para deixar Xavi na cara do gol. Esse foi um ótimo exemplo do “meio toque” que Rexach pedia anos antes. O recurso não é exclusividade do Barcelona, mas os jogadores do clube costumam utilizá-lo melhor porque se trata de um movimento intrínseco ao desenvolvimento dos atletas da base catalã, como explica Xavi. “Eles nos ensinam a estar sempre atentos a quem está perto de nós antes de recebermos a bola e a dar toques rápidos, fazendo tabelas em décimos de segundo a fim de manter a bola sempre correndo.”

Apesar do brilhante domínio de bola de Iniesta, Messi, Xavi e Pedro, é a prática dos *rondos* que permite ao Barça circular a bola em altíssima velocidade — como se fosse o disco numa partida de hóquei — até abrir com um passe a defesa adversária. Ao longo de suas carreiras, cada atleta do clube terá participado de dezenas de milhares de exercícios dessa natureza.

Para o treinador, o *rondo* serve como uma espécie de termômetro. Basta prestar atenção no resultado da atividade para saber se tudo está correndo bem ou se há algo fora dos eixos. Se os rapazes sofrem com o *rondo*, então existe algum problema — que pode ser uma questão mental ou física, de confiança ou concentração. Alguma coisa está provocando a instabilidade.

Arnau Riera foi o capitão do Barça B durante a curta passagem de Messi pelo time. Arnau foi trazido para a base do clube numa idade já relativamente avançada, o que significou um evidente reconhecimento às suas virtudes, pois são poucos os que conseguem jogar na base do Barcelona sem ter crescido lá dentro, mas também um grande desafio: ele precisou mergulhar numa cultura que com certeza intimida quem vem de fora.

“Nas primeiras vezes que participei do *rondo* nos treinos, eu simplesmente não conseguia acompanhar”, conta. “Via jogadores como Thiago Motta participando daquilo sem fazer praticamente nenhum esforço. Então, liguei para meu pai e disse: ‘Acho que não vou conseguir, os outros garotos são muito

melhores que eu’.

“Um dos pontos que podemos destacar das categorias de base do Barça é que eles querem que todos os jogadores pensem mais rápido que os adversários. Os *rondos* ajudam no domínio da bola, no passe, no condicionamento físico, na técnica, mas o que realmente faz diferença é começar a perceber o que vai acontecer em seguida e saber o que você terá de fazer. Isso é o que resume tudo o que se valoriza no Barcelona.”

Hoje em dia, vários clubes realizam exercícios semelhantes a esse. Mas alguns desses *rondos*, especialmente os praticados pelos clubes da Premier League inglesa, estão muito distantes do que se vê no Barça, sobretudo em relação à qualidade do toque, velocidade, técnica e competitividade.

“Na Inglaterra, esse exercício ainda é encarado como uma brincadeira”, resume um contato da FA inglesa com quem conversei.

*

Existem outros conceitos considerados fundamentais pelo Barcelona na formação dos seus jogadores. Um deles, que pode parecer curioso quando pensamos na equipe dirigida por Guardiola, é o uso da cabeça. Nas palavras de Xavi, que nos ajudam a entender melhor a ideia, todos precisam adquirir a visão de jogo necessária para tomar as melhores decisões, especialmente nos momentos de posse da bola.

“Há uma série de conceitos que discutimos nas sessões de treinamento no Barcelona”, diz o meia. “Manter a cabeça erguida é um deles. A bola está nos seus pés, mas sua cabeça tem que estar levantada. Se não estiver, você não consegue observar o jogo. Outra coisa que costumamos dizer é: ‘Olhe à sua volta sempre antes de receber a bola’. Isso é muito importante na hora de posicionar o corpo da maneira correta para receber o passe, já sabendo que movimento fará para entregá-la rapidamente a outro companheiro.”

Durante sua passagem pelas *canteras*, Xavi ouviu muitas vezes a seguinte recomendação: “Observe Pep jogando, sua cabeça está todo o tempo erguida. Ele sempre sabe quando e para quem passar a bola”.

Conselhos como esse são repetidos dia após dia até hoje na base do Barça. É

fácil imaginar o nome de Guardiola sendo substituído pelo de Xavi ou Iniesta; esses dois craques, no entanto, acreditam que o exemplo mais completo dessa filosofia do clube é na verdade Sergio Busquets. O estilo de Busquets não é tão espetacular, mas é ele quem representa o grau de dedicação, a expertise no controle da bola e a velocidade de raciocínio que foram um dia a marca registrada de Guardiola.

“Sergio não recebe o devido reconhecimento. É um cara brilhante. Ele não dribla, raramente faz gols e não dá ‘pedaladas’, mas é um grande jogador”, analisa Xavi.

“Busi é a essência daquilo que significa ser um jogador do Barcelona. É um trabalhador, mas tem muita classe. O outro time pode estar marcando um de nós homem a homem, e mesmo assim ele usa o passe de primeira para nos entregar a bola. Faz você pensar: ‘Como ele me viu? É impossível!’.”

*

O uso do terceiro homem livre, ou das “triangulações”, não é uma ação tática exclusiva do Barcelona, mas a qualidade técnica e a velocidade dos passes de seus jogadores fazem com que poucos times no mundo consigam executá-la tão bem quanto os catalães.

Quando bem trabalhada, é uma jogada que faz lembrar um truque de ilusionismo. Você acha que sabe o que está acontecendo, que sabe aonde a bola irá, e de repente se descobre sem qualquer possibilidade de reação.

Xavi toca a bola nos pés de David Villa, que se aproximou dele e está de costas para a meta adversária. O atacante não tem a intenção de segurar a bola na frente ou de correr em direção ao gol: quer apenas fazer o papel de pivô. Com um toque, passa a bola para Iniesta, que, como Xavi, também estava colocado de frente para ele.

Só que assim que tocou para Villa, no início da jogada, Xavi tinha começado a correr. Em velocidade, livra-se do seu marcador, ultrapassa o homem que estava marcando Villa de perto e passa a ocupar o espaço onde Iniesta — também fazendo um passe de primeira — lançará a bola.

Pergunte a qualquer jogador que passou pelo Camp Nou sobre esse

movimento, e ele dirá que é uma jogada quase impossível de defender quando realizada de forma eficaz e em alta velocidade.

*

A educação no futebol de base vai além do desenvolvimento da técnica. Os ensinamentos são também de ordem psicológica e incluem a compreensão do valor das derrotas, além de um contínuo debate acerca da dicotomia entre vencer e aprender nos anos de formação.

Pode soar estranho que uma máquina de vencer, como a construída pelo Barcelona, dê tamanha relevância para o valor das derrotas. Mas a ideia é, em parte, destacar a importância de perder com dignidade — um conceito fundamental para Guardiola, que fala dele com frequência, e que também é ensinado em todas as categorias menores do clube.

Albert Puig, secretário-técnico do programa de desenvolvimento dos jovens do Barcelona, explica como é possível aplicar esse princípio em situações competitivas de jogo: “Sempre digo aos meus jogadores que é saudável expressar raiva e frustração depois de perder um jogo, mas que eles só devem permitir que esses sentimentos predominem do momento em que a partida termina até a chegada ao chuveiro, no vestiário. Assim que a água começa a molhá-los, devem se lembrar de que o futebol é apenas um jogo e que sempre existem vencedores e perdedores”.

“Às vezes, é importante perder nas categorias de base”, afirma Charly Rexach, ao falar sobre os riscos que a supremacia dentro de campo pode esconder. “Em algumas ocasiões, você acaba ganhando com muita frequência porque enfrenta somente adversários mais fracos. Então, quando tem de encarar um rival de qualidade semelhante à sua, seu desempenho pode cair por você não estar acostumado a jogar contra garotos do mesmo nível. Vencer todos os jogos não é saudável, porque os jogadores se acomodam.

“Se o placar no intervalo já é de 3 a 0, você sabe que a partida está ganha e talvez pense que não há necessidade de buscar mais gols até chegar a um 7 a 0 ou 8 a 0. Nesse momento, o treinador precisa então impor novos desafios aos seus atletas. Tem de dizer a eles que só passem de primeira, que corram mais

ou algo do tipo. Precisa fazer algo para que a vitória seja realmente merecida.”

Essencial para a questão levantada por Rexach é o debate sobre vencer e perder nos estágios iniciais da formação do atleta.

A sede de vitórias é uma característica inata ou algo que pode ser aprendido? Como é possível que jogadores que acabaram se tornando viciados em vitórias no mais alto nível do futebol mundial, como Víctor Valdés, Carles Puyol, Andrés Iniesta e Xavi, tenham feito parte de duas grandes fases de jejum de títulos do Barcelona, entre 1999 e 2004 e depois de 2006 a 2008, quando a absoluta falta de troféus se refletia no estado de ânimo dentro do vestiário?

Até Pep Guardiola dá seu palpite a respeito do que exatamente significa vencer. No livro *La fuerza de un sueño* [A força de um sonho], escrito por Puig, ele argumenta que: “Ganhar não é incompatível com uma boa formação inicial [na base]. Pelo contrário, uma boa formação inicial significa que esses jovens irão se tornar jogadores que vencem, mas que o fazem da maneira correta. Eles respeitam os adversários, comportam-se como verdadeiros representantes do clube, aceitam que devem se subordinar a alguém, são disciplinados taticamente e treinam com dedicação. Essa é a forma correta de ganhar”.

Alex García, que foi professor de Messi, Piqué, Fàbregas, Bojan, Busquets e Thiago em La Masia, esclarece que parte desse conceito reside na necessidade de encorajar os jogadores a não se acomodar com o que já foi alcançado. “Na geração de Messi, Cesc, Víctor e Piqué, todos eram muito competitivos”, ele recorda. “São vencedores natos que lutavam muito por todos os troféus que disputavam. Nunca sossegavam. Essa é uma característica que distingue esses jogadores do Barcelona: eles nunca se satisfazem com o que já atingiram. Se estivessem vencendo por 5 a 0, iriam tentar marcar o sexto gol.”

Xavi acrescenta: “Antes de se tornar profissional, você precisa aprender e se desenvolver, mas sem perder a vontade de ganhar. No Barça, todos compreendem isso. A prioridade é o desenvolvimento dos atletas, os garotos aprendem conceitos futebolísticos e entendem por que é necessário fazer as coisas de uma determinada forma, mas tudo isso sem perder o espírito competitivo, o desejo de vencer. É bom poder expressar sua raiva depois de uma derrota. Nas categorias de base, a prioridade é treinar e se desenvolver, mas o objetivo é vencer”.

Enquanto escrevia este livro, descobri que, na NextGen Series, competição no formato da Champions League para equipes sub-19, os conceitos postos em prática pelo Tottenham Hotspur eram praticamente os mesmos. Conversei com Tim Sherwood — que quando jogador foi campeão inglês com o Blackburn Rovers, e hoje é coordenador técnico do Tottenham —, e sua visão a respeito da discussão entre aprender ou ganhar no período de formação soou muito familiar. “O mais importante na base é formar jogadores, não ganhar jogos”, ele me disse.

“Ainda existe uma mentalidade muito antiquada nesse meio. Alguns ainda acham que, mesmo nas categorias de base, tudo se resume ao resultado. Mas não deve ser assim. A filosofia básica de futebol é o que deve permanecer com o jovem atleta. Se um baixinho é desarmado por um grandalhão da mesma idade, vamos querer que ele continue no caminho certo, e não que mude seu jeito de jogar porque se viu em desvantagem no aspecto físico.”

Fran Sánchez é o treinador que está há mais tempo atuando na base do Barcelona, apesar de ter apenas 35 anos. “A competitividade é sempre essencial”, ele diz. “Quando você entra em uma partida, tem que ser para ganhar. Essa é a atitude que esperamos de nossos garotos, dos mais novos até os mais velhos. A sociedade atual é muito competitiva, e o futebol reflete isso, mas é óbvio que o mais importante para nós é jogar do jeito certo. Não se trata de vencer a qualquer custo. Temos de jogar o nosso futebol, mostrar respeito pelo adversário e pelo árbitro e tentar superar o rival. Jogar de acordo com o nosso estilo de futebol é fundamental, mesmo que isso signifique sair de campo derrotado.

“À medida que crescem, os garotos tendem a achar que se ganharam é porque são melhores que os outros, mas essa não é nossa filosofia. É perfeitamente possível vencer uma partida sem jogar da forma correta e vice-versa — podemos jogar do jeito certo e perder. O que nos interessa é que o adversário nos imponha as maiores dificuldades possíveis, de forma que os nossos garotos tenham a chance de se desenvolver. Ganhar todos os jogos por 10 a 0 não traz benefícios.”

Pai de Thiago e Rafinha, duas pérolas saídas de La Masia, o ex-volante Mazinho, que defendeu Valencia e Celta, entre outras equipes, e conquistou a

Copa do Mundo de 1994 com a seleção brasileira, conclui o debate contextualizando-o e nos oferecendo uma versão do que poderia ser o melhor equilíbrio entre o vencer e o aprender. Ele está em sintonia com as ideias de García e lembra que, quando seus talentosos filhos treinavam em uma escola em Vigo, havia um técnico de futebol que costumava dizer aos meninos: “O mais importante é participar”. Um dia, o brasileiro o chamou de lado e calmamente lhe disse: “Você está enganado. O mais importante para cada um deles é competir”.

*

Existe uma fila permanente de interessados, do mundo todo, em estudar os métodos de treinamento do Barcelona. São treinadores, assistentes técnicos, dirigentes. Dependendo de quem são e do que procuram, recebem do clube níveis variados de acesso. Apesar de estarem abertos a demonstrar de que forma trabalham, os treinadores do Barcelona são bastante céticos em relação ao real valor de visitas rápidas que têm como propósito a assimilação de ideias desenvolvidas ao longo de algumas décadas. A menos que a pessoa acompanhe o processo de desenvolvimento em sua inteireza, uma passagem de poucos dias pelo clube, em que se observa apenas o trabalho de um determinado grupo etário, propiciará ao interessado uma visão parcial — e provavelmente falsa — de todo o processo. Além disso, se o clube de onde ele vem não estiver disposto a passar por uma revisão total em suas estruturas de recrutamento, desenvolvimento e treinamento, assim como de sua filosofia de futebol, a incorporação de apenas um ou outro ponto do jeito Barça de fazer as coisas estará, quase certamente, fadada ao fracasso.

Pere Gratacós, o último treinador de Messi antes do acesso ao time principal, expressa aquele que talvez seja o sentimento geral a respeito dessas visitas. “As escolas têm a função de ensinar, e se o Barça pode ajudar no desenvolvimento de outros treinadores, isso é positivo, mas não é algo que você pode conseguir em um par de dias de estudo e trabalho. O que temos aqui é fruto de muitos anos de planejamento. Não dá para passar dois dias aqui e sair achando que é possível reproduzir o nosso sistema em outro lugar.”

Existe uma outra questão interessante. Alguns dos nomes mais importantes para o sucesso da *cantera* do Barça nos últimos anos deixaram o clube em busca de fama, fortuna e novos desafios em outras paragens. Rodolfo Borrell foi para o Liverpool, Alex García se mudou para o Dínamo Tbilisi, e Albert Benaiges partiu para um dos novos eldorados do futebol, Dubai, a fim de ocupar o cargo de coordenador técnico do Al Wasl — clube que Diego Maradona treinava no momento em que este livro estava sendo escrito [e onde ele já não está mais, há muito tempo].

Mas será que o modelo do Barça pode realmente ser reproduzido no exterior a partir da contratação de profissionais que faziam parte de La Masia e de sua nomeação para o comando das categorias de base de outro clube?

“Não, acreditar nisso seria um grande erro”, afirma Borrell. “Cada país tem sua própria cultura futebolística, e você não deve tentar alterar essa essência básica. Tudo o que você pode fazer é tentar complementar o que eles já fazem com algumas ideias novas. Eu tento passar adiante alguns dos conceitos que acredito terem feito do Barcelona aquilo que o clube é hoje e garantir que as equipes de todas as faixas etárias trabalhem na mesma direção.”

Alex García é mais otimista ao falar sobre a implantação dos princípios de La Masia na Geórgia, mas admite que seu trabalho está sob pressão constante devido à tensão que a necessidade de vitórias impõe sobre o aprendizado. “Estamos tentando ajudar os jogadores a desenvolverem os valores e os métodos de trabalho do Barça, mas é um desafio, pois as competições em disputa não nos dão tempo para respirar e ensinar corretamente”, explica. “Será um processo demorado, mas estamos determinados a trabalhar muito para alcançar nossos objetivos.

“Estamos reestruturando o clube de cima para baixo, de acordo com o modelo do Barça, mas é necessário esperar até que o projeto renda frutos. Nossos times todos já atuam no 4-3-3, mas o mais importante é que estamos usando os mesmos métodos de treinamento do Barcelona.”

Direto de Dubai, Benaiges nos faz o seu relato. “Estamos trabalhando com o mesmo objetivo. É sempre um desafio trazer um novo estilo de jogo a um lugar como este, e a jogadores que não têm a mesma qualidade dos craques do Barcelona. O que podemos importar é a ordem e a disciplina que sempre

impusemos às categorias de base do Barça. Há outras equipes que usam esse modelo, como o Ajax e o Santos, e eles também alcançaram muito sucesso ao longo do tempo.

“Um problema-chave para os outros clubes é descobrir que tipo de jogador é viável que eles recrutem. O tipo de garoto que você traz para o seu sistema é quase tão importante quanto a excelência do ensino que ele vai receber. O Barça tem Xavi, Iniesta e Messi, que já foram os três melhores jogadores do mundo. Conta hoje com jogadores que já passaram dos trinta, como Xavi, e jovens de dezenove, caso do Cuenca, chegando ao time de cima. É uma verdadeira mistura de gerações na equipe principal, com a garotada pedindo passagem e pressionando os mais velhos. Todos eles aprenderam o mesmo estilo de jogo, o que foi, essencialmente, o segredo do nosso sucesso. Replicar isso em outro lugar exigirá bastante tempo e as melhores condições possíveis para que o projeto venha a se tornar bem-sucedido.”

A última palavra sobre o tema vem de um dos heróis deste livro, Charly Rexach. “É claro que outros times podem tentar nos copiar, mas já temos uma vantagem de trinta anos.”

*

Um importante aperfeiçoamento que acompanhou a mudança do clube para uma La Masia maior e mais moderna foi a profissionalização de todo o sistema de *fútbol base* do Barcelona. Quando câmeras e mais câmeras começaram a ser instaladas no novo centro de treinamento, tive essa certeza pela primeira vez. Não se tratava de uma medida de segurança, mas do projeto de filmar a maior parte dos treinos também das equipes menores. A ideia é revisar todo o material, aplicar as lições aprendidas e monitorar os padrões de treinamento.

Até Sandro Rosell atender a um dos principais desejos de Pep Guardiola, a maioria dos profissionais da base trabalhava apenas meio período no clube. Eles ganhavam salários moderados, tinham outros empregos e iam ao centro de treinamentos apenas para comandar os treinos e nos dias de jogo. Hoje, no entanto, esses especialistas são todos funcionários do Barcelona em tempo

integral.

Nas últimas temporadas, a equipe técnica do clube passou a ter tempo para assistir aos vídeos gravados e trocar informações a respeito dos garotos, que no final do processo de aprendizado oscilam entre a categoria *alevín* A e a juvenil B, ou entre a juvenil A e o Barça B. Planejamento, troca de informações e revisão do trabalho: todos esses pontos recebem atualmente mais atenção do que jamais tiveram no clube.

“Estamos realmente vendo os frutos de muitos anos de trabalho”, diz García. “O futebol e seus métodos de treinamento mudaram ao longo do tempo. No passado, os treinadores passavam apenas duas horas por dia no clube. Mas, agora, estão lá o dia inteiro, e isso faz toda a diferença para a *cantera*.”

“Estamos sempre trabalhando juntos na análise do que tem sido feito para tentar sempre melhorar. Além disso, há uma grande comunicação entre nós [da base] e os rapazes do time principal”, acrescenta Fran Sánchez. “Enquanto as informações estiverem fluindo em ambas as direções, poderemos continuar evoluindo. Não teremos de esperar dez anos para descobrir que não temos bons centroavantes no clube. Se nós sabemos agora que precisamos de um jogador com determinadas qualidades, podemos começar a trabalhar para produzir atletas com as características necessárias.”

✱

As falhas no sistema das *canteras* que fizeram com que Lionel Messi quase deixasse o Barcelona antes mesmo de chegar à equipe principal foram todas erradicadas depois dos ajustes feitos nos últimos anos. No entanto, os erros de avaliação — tanto no processo de *scouting* como na decisão sobre em que momento liberar determinados atletas — ainda acontecem.

Jordi Alba foi dispensado das categorias de base catalãs antes de se destacar no Valencia, chegar à seleção espanhola e voltar a chamar atenção do Barça. Equívocos desse tipo são cada vez mais raros, mas não desapareceram por completo.

Um problema maior, contudo, é o instinto predatório dos clubes da

Premier League, que estão sempre rondando o Camp Nou e outros clubes espanhóis. Quando Cesc Fàbregas e Gerard Piqué deixaram o Barcelona e rumaram para a Inglaterra, isso aconteceu em parte pela má condução de ambos os casos e pela ausência de oportunidades para os atletas. Rodolfo Borrell faz a seguinte ponderação: “Naqueles dias, era extremamente difícil subir das *canteras* para o time principal, muito mais do que é hoje”.

Apesar dessa mudança, outros fatores que resultaram na partida dos dois talentos continuam presentes. As leis trabalhistas espanholas não permitem que os garotos assinem qualquer contrato profissional até completar dezesseis anos. Isso significa que, ano após ano, as pérolas da base do Barça (e de outros clubes espanhóis) podem encontrar novos caminhos livremente, transferindo-se para onde quiserem. Foi assim que La Masia perdeu Héctor Bellerín e Jon Toral para o Arsenal. Eles são apenas dois exemplos, mas existem muitos outros.

Cada um desses jovens jogadores rendeu ao Barcelona uma pequena indenização, na casa dos seis dígitos, resultante das regras da Fifa para transferência de atletas acontecida antes da utilização de uma cláusula rescisória em benefício do clube formador.

Jogadores como Sergi Samper — apontado quando ainda estava na base como uma espécie de sucessor de Iniesta e Xavi — seguiram recebendo ofertas significativas para mudar de ares. O próprio Messi e seu pai foram procurados seguidas vezes quando o argentino ainda atuava nas categorias menores.

A não ser que as leis trabalhistas da Espanha mudem, essa situação se perpetuará, criando um círculo vicioso do ponto de vista do Barcelona. Quanto mais jogadores de qualidade forem recrutados e treinados pelo clube, mais difícil será que eles consigam um dia jogar pelo time principal.

O caso de Oriol Romeu aponta uma alternativa sobre como lidar com tais circunstâncias. Ele foi vendido ao Chelsea por 5 milhões de euros, mas com uma cláusula de recompra, em favor do Barça, que previa o acréscimo anual de 5 milhões de euros no preço a ser pago na hipótese de o clube querer contratá-lo de volta num período de até três temporadas. É uma maneira de fazer as pedras preciosas produzidas pela *cantera* servirem para venda e também para o aproveitamento no time principal do Barcelona.

“É muito mais difícil contratar jogadores de outros clubes ingleses, por isso eles preferem investir na Espanha, onde os valores das transferências costumam ser mais baixos”, afirma Albert Benaiges. “As famílias dos jogadores da *cantera* do Barça não têm certeza se seus garotos de quinze anos darão certo no futebol e acabam sendo seduzidas por caminhões de dinheiro. Como resultado, existem muitos jovens rumando para a Inglaterra. Alguns vão se desenvolver jogando por lá, outros não.”

Fran Sánchez resume a situação assim: “A média de idade do time principal do Barcelona é relativamente baixa, e simplesmente não há espaço para todos os bons jogadores que o clube produz. É preciso escolher prioridades e, infelizmente, o Barça acaba deixando escapar meninos talentosos que por algum motivo não se encaixam na equipe de cima. Somos constantemente procurados por clubes, principalmente ingleses, interessados nos nossos atletas do time B”.

No verão de 2011, logo após o encerramento de sua primeira temporada como diretor-esportivo da base, Guillermo Amor falou sobre o tema: “A Inglaterra é um país economicamente forte, e seus clubes ficam à espreita para atacar no momento certo, que é quando nossos jogadores estão na categoria cadete [dezesseis anos]. Também vemos clubes ingleses tentando contratar garotos ainda mais novos que vêm sendo igualmente acompanhados por nós. Mas nunca vamos entrar numa disputa financeira com um clube da Premier League por um menino. Continuaremos seguindo as nossas diretrizes e não daremos a um garoto, por mais talentoso que seja, mais dinheiro do que o apropriado para sua idade”.

Quanto mais você conversa com gente do Barcelona sobre esse assédio aos seus garotos mais talentosos, mais acaba se lembrando da situação que levou à promoção de Pep Guardiola, ainda jogador, ao time adulto. Luis Milla, o volante titular do Barça na época, queria mais dinheiro, e o Real Madrid estava disposto a lhe dar. Muita gente da diretoria achava que o clube deveria entrar no leilão e cobrir a oferta. Mas o técnico Johan Cruyff não estava de acordo e decidiu intervir. “Nós vamos encontrar outro Luis Milla”. Foi exatamente o que ele fez. Até hoje, o Barcelona perde jovens promissores para outros clubes e responde dizendo: “É uma pena. Boa sorte. Vamos produzir alguém melhor”.

De qualquer modo, o fato de o clube ter faturado algumas dezenas de milhões de euros com as vendas de Rubén Rochina (Blackburn), Oriol Romeu (Chelsea), Jeffrén (Sporting), Bojan (Roma), Nolito (Benfica) e Víctor Sánchez (Neuchâtel) é o efeito colateral de todo o processo.

A Nova Masia

A marcha de trabalho nas categorias de base do Barcelona seguiu seu rumo costumeiro até 20 de outubro de 2011, quando foi inaugurada a Masia Oriol Tort depois de uma cerimônia grandiosa — que acrescentou alegria e otimismo ao sentimento de nostalgia que acompanhara o fechamento da antiga casa, quatro meses antes.

A Nova Masia foi construída na Ciudad Deportiva Joan Gamper: um centro de treinamentos enorme, moderno e impressionante para onde Pep Guardiola e o time principal haviam se mudado dois anos antes, em janeiro de 2009. Durante o período de dez anos que vivi em Barcelona, essa novela teve vários capítulos: o clube iniciou a construção, depois ficou sem dinheiro, então precisou paralisar as obras e enfim conseguiu completar a estrutura — que já ajudou na realização de alguns feitos históricos.

Antes do fechamento, a Velha Masia, localizada perto do Camp Nou, tinha capacidade para abrigar apenas doze jovens, além de outros 48 que eram alojados em dormitórios anexos ao estádio. Já nas novas instalações, um complexo residencial cujo custo foi de 10 milhões de euros, vivem todos os 83 garotos que têm o clube como residência e local de treinamento diário.

Em cada quarto são acomodados um, dois ou quatro meninos; no local, distribuem-se diversas instalações voltadas para o estudo, pois todos os garotos recebem também educação em tempo integral.

Na noite da inauguração, enquanto vários ex-jogadores e funcionários da base do Barcelona visitavam o complexo, Andrés Iniesta, que viveu um período inicial bastante traumático no antigo casarão de pedra, recordava sua própria experiência e vislumbrava o futuro dos primeiros residentes da nova casa.

“Essa mudança de La Masia faz muitas lembranças aflorarem”, ele disse. “As melhorias em relação ao período em que eu vivi lá são enormes. O que tenho a dizer para esses garotos que terão a sorte de passar por essa experiência é que

valorizem o aprendizado diário, os estudos, os treinos, o processo todo, porque o tempo passa muito rápido. É isso o que eu posso dizer. Viver longe da família é tão difícil que pode fazer você desperdiçar muito tempo. Eu diria a eles para aproveitarem cada minuto dessa experiência. Quando meus pais me levaram à Velha Masia, muitos anos atrás, não podiam ter me deixado em lugar melhor no mundo.”

Mas ninguém melhor do que Pep Guardiola para concluir este capítulo. Ao final de sua primeira temporada com o time principal, a da tríplice coroa, perguntaram-lhe sobre quantos troféus seu time ainda iria ganhar, depois de um início tão extraordinário. Desviando de uma questão a que realmente não queria responder, o egresso de La Masia — que, como sabemos, se tornou meio-campista de sucesso e depois técnico histórico — disse: “A única coisa que não pode parar neste clube é a *cantera*”.

PEDRO: A SIMPLICIDADE

PODE SER UMA questão cultural, mas considerando os meus dez anos de Barcelona, não consigo me lembrar de muitas coisas na imprensa esportiva que tenham me deixado mais incomodado que a mania de chamar Xavi, Andrés Iniesta e Deco de *Los Tres Juguets*. A expressão foi cunhada pela imprensa esportiva catalã e significa algo como “Os Três Brinquedinhos”. Parecia, na minha visão de escocês beligerante, uma forma ofensiva de se referir a três jogadores tão sublimes.

Quando Pedro surgiu, os jornalistas atacaram novamente: *Pedrito*, o diminutivo espanhol para o nome do atacante, é um apelido que provavelmente teria aborrecido a maioria dos jogadores. O garoto das Ilhas Canárias, no entanto, conhecia bem suas próprias qualidades e estava determinado a triunfar.

Assim como no caso de Sergio Busquets, os responsáveis pelas categorias de base do clube tinham chegado à unânime decisão de emprestar Pedro, ou até mesmo vendê-lo, pouco antes de Pep Guardiola aparecer para resgatá-lo. O atacante, portanto, foi um dos poucos a ter realizado toda a trajetória rumo ao sucesso ao lado do treinador, desde a equipe reserva até a consagração absoluta.

A velocidade era sua arma mais evidente, mas o acerto de Pep ao apostar nele se confirmou pela forma como o futebol de Pedro foi se desenvolvendo: em pouco tempo o garoto evoluiu para se tornar um grande perigo para as defesas rivais, alguém capaz de transformar a jogada mais trivial e inofensiva numa clara oportunidade de gol.

Eu também me lembro de toda a tranquilidade de Pedro quando teve que assumir a vaga de Fernando Torres na reta final da Copa do Mundo de 2010. Seu temperamento e a atitude despreocupada faziam as viagens com a seleção espanhola pela África do Sul parecerem uma ida até a esquina para comprar

pão e jornal. “Semifinal da Copa do Mundo? Sem problemas, chefe.”

Logo após a conquista do título mundial, enquanto o câmera da UEFA Adam Goldfinch filmava a festa no vestiário espanhol, eu estava no meu canto, observando toda a celebração. Pedro então veio até mim, me abraçou e disse: “Muito obrigado por tudo”. Eu não tinha feito nada, ele é que simplesmente é um cara muito legal.

Mas façamos justiça ao futebol de Pedro e lembremos a final da Champions League disputada quase um ano depois da decisão no Soccer City. Esqueçam por um momento o placar da partida e também a exibição de gala protagonizada pelo Barça quando o time já estava à frente no marcador. Em vez disso, lembrem-se daquilo que vocês talvez já estejam apagando da memória: os primeiros minutos de domínio praticamente absoluto do Manchester United, quando parecia que a equipe de Guardiola teria muitas dificuldades pela frente.

Foi a ação de Pedro no primeiro gol do Barcelona, olhando para um canto e finalizando no outro, contra um atônito Edwin van der Sar — pego no contrapé —, que transformou completamente os rumos da final, assim como, nas palavras de Sir Alex Ferguson, havia acontecido dois anos antes, na final de Roma, com o gol de Eto’o.

Pedro era provavelmente o sujeito menos pretensioso de todo o elenco multicampeão do Barcelona, mas sua ascensão meteórica, de jogador potencialmente descartável no clube a campeão mundial pela seleção em apenas dois anos e meio, simboliza à perfeição toda a gloriosa era Pep Guardiola no Barça.

10. O HOMEM DAS SOLUÇÕES



Xavi, você vai me substituir. Mas preste atenção nesse garoto, porque ele vai nos aposentar.

Pep Guardiola

A VIDA NA ESPANHA parou. A milhares de quilômetros de casa, a seleção espanhola de futebol deixa o hotel DaVinci, em Sandton, Joanesburgo, em direção ao Soccer City, em Soweto, a bordo de um luxuoso ônibus vermelho estampado com a frase: “Esperança é meu caminho. Vitória é meu destino”. O dia é 11 de julho de 2010, e eles estão rumando para a final da Copa do Mundo.

Bem longe dali, em Fuentealbilla, aldeia com 2067 habitantes localizada a cerca de três horas de Madri, José Antonio Iniesta acompanha a decisão sozinho em casa, porque sua mulher está na sede do fã-clubes Andrés Iniesta/FC Barcelona no centro da vila. O pai de Andrés odeia aviões, por isso não foi a Joanesburgo — o que já aconteceu em outras das grandes ocasiões vividas pelo filho. Seu medo de voar é tão grande que ele viajou de trem a Viena, Paris, Roma e Londres para acompanhar as finais de Eurocopa e Champions League das quais Andrés participou. Mas, dessa vez, a viagem por terra era impossível. E José Antonio preferiu assistir ao jogo num ambiente mais tranquilo.

Assim que seu filho marca o gol que daria o título mundial à Espanha, já na prorrogação contra a Holanda, ele desliga a TV e sobe as escadas porque não suporta a tensão dos últimos cinco minutos da partida. Só quando vê os fogos de artifício iluminando o céu de Fuentealbilla, tem a certeza de que Andrés acabara de ganhar a Copa do Mundo para a Espanha e liga a TV novamente.

María Francisca Luján, a mãe de Iniesta, também ficara nervosíssima, no velho Bar Luján, que pertenceu a seu pai por 35 anos. Ao se aposentar, ele transformou todos os recortes de jornal sobre o neto talentoso — que vinha guardando ao longo dos anos — em uma espécie de arquivo que cobre cada milímetro das paredes do lugar. É um santuário.

Apesar de a pequena cidade ser conhecida como território fértil de torcedores do Real Madrid, o Bar Luján — cujas dimensões não são reduzidas — funciona atualmente como sede do fã-clubes dedicado ao filho mais ilustre de Fuentealbilla e ao clube que ele defende. Na noite da final, o local ficou abarrotado de torcedores, como a maioria dos bares espalhados por todos os cantos da Espanha, e María Francisca, de tão tensa, precisou sair à rua para

tomar um pouco de ar fresco. Ela ainda estava do lado de fora quando Andrés marcou o gol histórico.

*

Exatamente duas semanas antes de o Barcelona conquistar a Champions League de 2011, em Wembley, o Burgos Club de Fútbol arrancou um empate emocionante por 1 a 1 com o Atlético Tordesillas. Como assim, vocês não ficaram sabendo? O resultado garantiu ao clube o título da terceira divisão regional e uma vaga nos play-offs de acesso à terceira divisão de âmbito nacional na Espanha, chamada de Segunda B. O.k., admito, o restante do mundo não parou para ver.

A beleza dessa partida não foi o placar, mas o gol espetacular marcado pelo meia-esquerda do time, Jorge Troiteiro. Depois de receber a bola ainda em seu campo de defesa, ele deu um passe longo para o lado esquerdo e percorreu rapidamente mais de 45 metros; estava no lugar certo quando o lateral esquerdo do Tordesillas, Villamañán, ao tentar afastar a bola, acabou cabeceando-a para a entrada da própria área.

Após dominar com a coxa esquerda e baixar a bola no chão, Troiteiro levou a defesa adversária inteira para um lado e depois para o outro com fintas seguidas. No terceiro corte, driblou três rivais de uma só vez e, então, já livre dentro da área, mandou a bola entre as pernas do goleiro Héctor Barajas.

Foi um gol dos sonhos, aquele que passamos a vida inteira pedindo a Deus para conseguir marcar. Apesar de ter sido anotado diante de apenas 2 mil pessoas, o gol ficou muito famoso por ter sido exibido à exaustão na TV espanhola nos dias que se seguiram, e faz sucesso na internet até hoje. Faça um favor a si mesmo(a) e veja o lance no YouTube.

O gol foi ainda mais incrível por ter sido marcado a dois minutos do fim da partida, quando os torcedores do Burgos estavam desesperados pelo ponto que lhes valeria o título do campeonato. Tudo bem que não valeu a conquista de uma Copa do Mundo nem estamos falando de uma assistência em final de Champions League, mas foi de tirar o fôlego. E seu autor foi um jogador fundamental para que Andrés Iniesta conseguisse triunfar no Barcelona.

Em 1996, Iniesta e Troiteiro eram dois garotos de Albacete, que se destacavam no futebol de base da região e estavam sendo observados pelo Barça como possíveis reforços para La Masia.

O *Torneo Nacional Alevín de Fútbol 7* — na época realizado todos os anos nos arredores de Madri e hoje disputado em diferentes cidades do país — é a competição em que equipes formadas por sete garotos de até quinze anos de idade representam os melhores clubes da Espanha. Foi nesse campeonato que Fernando Torres, Cesc Fàbregas, Gerard Piqué, David Silva, Juan Mata, Fernando Llorente, David de Gea e Sergio Canales tiveram seus primeiros momentos de fama.

Troiteiro disputou a competição pelo Mérida, pois seus pais haviam se mudado para Extremadura, no oeste do país. Já Iniesta defendeu o Albacete, time da sua cidade. Bem, não exatamente da sua cidade. Desde que o garoto tinha oito anos, José Antonio e o filho faziam viagens de uma hora, ida e volta, três vezes por semana, para que Andrés pudesse treinar em um clube profissional.

A vida de um jogador de futebol é embalada por coincidências, peculiaridades, momentos de sorte e de azar que acabam determinando quem dá certo ou não na carreira. O acaso tem um peso importante. Iniesta, por exemplo, tinha brilhado no ano anterior, em seu primeiro *Torneo Nacional Alevín de Fútbol 7*, mas não havia levado o prêmio de melhor jogador da competição nem chegara longe com o Albacete. Um ano depois — quando o imponderável começaria a iluminar o caminho que o levaria até o Soccer City, em 2010 —, o Albacete tinha acabado de ser rebaixado para a segunda divisão espanhola no nível profissional, o que custaria a vaga do clube na competição sub-15. Só que devido a problemas financeiros, algumas equipes desistiram de participar do torneio. Chamado de última hora para participar, o Albacete terminou na terceira colocação e viu Iniesta ser eleito o craque do campeonato e passar a ser classificado pelos olheiros do Barça como um garoto que “tem que ser contratado”.

Troiteiro também brilhou no campeonato e elevou seu status no clube catalão. Como tinham apenas doze anos na época, dois a menos do que a idade mínima permitida para ingressar em La Masia, ambos receberam ofertas de

futuras bolsas de estudos para jogar na base do Barça.

Mas o pai de Troiteiro tinha pressa. Ele avisou o Barcelona, sem meias palavras, que seu filho estava pronto. Disse que as regras existiam para serem quebradas, e que ele levaria o pequeno e talentoso Jorge para jogar em outro lugar, talvez num clube de uniforme todo branco, se o Barça não se mexesse rapidamente.

Oriol Tort foi um dos primeiros dirigentes do Barcelona a ir ver Pep Guardiola jogar, quinze anos antes, no Manresa. Já em 1996, era ele quem comandava as categorias de base do clube, e fizera tanto sucesso na função que ganhara a alcunha de “o professor”. O novo centro de desenvolvimento de jovens do Barcelona, depois que a antiga La Masia foi desativada, recebeu o nome de Tort, tamanha sua influência no clube ao longo dos anos.

Ele e Rodolfo Borrell, que posteriormente se mudaria para a Inglaterra a fim de comandar o time reserva do Liverpool, se reuniram para tratar do problema. Ambos queriam contratar Troiteiro, mas não achavam uma boa ideia instalar o garoto de doze anos num ambiente onde todos os outros meninos eram pelo menos dois anos mais velhos. A solução encontrada pela dupla foi antecipar também a entrada de Iniesta em La Masia. Eles ligaram para José Antonio, que ficou surpreso mas se encantou com a ideia.

Se o pai de Iniesta ficou animado, a mãe teve mais dúvidas, e o jovem Andrés se sentiu muito inseguro. Ele era torcedor do Barcelona e idolatrava Michael Laudrup, mas também se sentia muito ligado aos valores que o cercavam. Tinha crescido dentro do Albacete e ficara bastante chateado quando viu o time da sua região, em sua primeira participação na elite espanhola em 1991, ser goleado por 7 a 1 no Camp Nou.

“Meu pai era torcedor do Athletic, mas eu gostava do Albacete e do Barcelona”, recorda. “O Barça era meu segundo time. Nos finais de semana, eu costumava ir ao estádio e assistir aos jogos do Albacete. O ano em que o time subiu para a primeira divisão foi ótimo. Lembro-me das comemorações na nossa vila, mas também não me esqueço de como fiquei furioso quando levamos sete do Barcelona.”

Iniesta então começou a dizer que não gostava mais do Barcelona. E as cicatrizes ainda estavam abertas quando o Barça fez contato alguns anos mais

tarde, convidando-o a entrar mais cedo que o planejado em La Masia. O garoto inicialmente disse que não queria ir. O Albacete exercia grande atração sobre ele, afinal, o time já tinha passado quatro anos na primeira divisão espanhola e chegara inclusive a vencer uma partida no Camp Nou. Além disso, pai e filho compartilhavam quase seis horas de uma convivência especial nas viagens para os treinos ao longo da semana.

O ex-técnico de Iniesta, Francisco Javier Mármol, mais conhecido como Catali, explica: “Eu o treinei quando ele tinha nove ou dez anos. Desde aquela época já era possível notar que se tratava de um garoto com um futuro excepcional pela frente. Ele já jogava com a cabeça erguida e se destacava do restante. Era um ótimo garoto, de família boa, que nunca era expulso ou nos trazia problemas. Sempre ajudava na construção de um bom ambiente para o time”.

“Ele não gostava muito de aparecer. Mas, na minha opinião, sua maior virtude era sempre saber o que fazer com a bola antes mesmo de recebê-la, e tomar sempre as melhores decisões. Não importa quem foram os seus técnicos, Andrés Iniesta estava predestinado a vencer no futebol.”

José Antonio Iniesta tem o perfil típico de muitos pais de estrelas de primeira grandeza do futebol mundial. Foi profissional de bom nível durante alguns anos, semiprofissional por bastante tempo; tinha talento, mas lhe faltou aquela centelha do jogador especial, ou então um pouco de sorte no desenvolvimento da carreira. Algumas pessoas em Fuentealbilla ainda dizem a Andrés que seu pai jogava melhor do que ele — mas, considerando até que ponto os dois chegaram, é melhor deixar essa discussão de lado, certo?

Ciente de que o pai não queria que ele deixasse escapar a oportunidade de ir para o Barça, Iniesta acabou topando se encontrar com Tort e Albert Benaiges, outra das figuras históricas de La Masia.

Além disso, o prêmio de melhor jogador do *Torneo Nacional Alevín de Fútbol 7* tinha rendido ao garoto uma viagem ao Port Aventura, um parque de diversões próximo de Tarragona, no sul da Catalunha. A família Iniesta aproveitou o passeio para visitar as instalações de La Masia e perambular em meio aos troféus no museu do Camp Nou. Andrés estava começando a balançar.

Tort e Benaiges, antes mesmo de desenvolverem uma solução para o caso Troiteiro, já tinham consciência de que La Masia estava evoluindo muito lentamente, era muito conservadora e precisava abrir suas portas para jogadores menores de catorze anos. Aquela era uma época em que o Ajax, comandado por Louis van Gaal, mas cuja estrutura das categorias de base fora esculpida por Cruyff, era o time que dominava a Europa. O clube de Amsterdã era conhecido por treinar seus garotos desde os sete ou oito anos de idade e certamente não esperava tanto quanto o Barça para recrutar meninos de talento vindos de longe. Tort, Benaiges, Borrell e outros colegas de clube decidiram então que iriam atrás de Iniesta, já que a regra da idade tinha sido posta de lado para a chegada de Troiteiro.

“Eu estava sempre vendo Andrés jogar. Mesmo naquela idade, já adorava seu estilo de jogo. Era exatamente o que queríamos ver na *cantera* do Barcelona”, disse Benaiges. “Ele ainda mantém muitas das qualidades que tinha aos doze anos, é um jogador puramente técnico. Seus passes e suas tomadas de decisão são sempre corretos. Suas mudanças de ritmo, usando velocidade e habilidade para se livrar do marcador, são inigualáveis.”

Para a sorte de todos os envolvidos no Barça, Iniesta admirava tanto Michael Laudrup e Pep Guardiola que, aos poucos, foi se animando com a ideia de se mudar para o clube, apesar de todas as dúvidas que tinha e de provavelmente não estar maduro o suficiente para morar a quinhentos quilômetros de seus pais.

Era realmente uma oportunidade de ouro para um garoto que adorava o *Dream Team*. Então, quando a reunião com os responsáveis por La Masia se desenrolou da melhor maneira possível, Iniesta tomou a decisão de ir. Ele me contou sobre a grande tristeza que dominou a viagem de quase cinco horas até Barcelona, que todos na família sabiam se tratar de um passo definitivo rumo a um futuro absolutamente desconhecido.

“Paramos para almoçar, mas ninguém comeu. Minha mãe estava chorando, eu estava chorando, meu pai havia perdido o apetite e meu avô tentava me animar, mas também não conseguia comer.

“Eu não consegui nem mesmo olhar para a comida. Assim que cheguei em La Masia, me deparei com José, o goleiro de 1,86 metro do time júnior, que me

mostrou tudo por lá. Na hora do jantar, eu não parava de chorar. No dia seguinte, meus pais me levaram à escola e disseram: ‘Nós buscaremos você no fim do dia’. Mas, quando saí, eles já tinham ido embora. Foi melhor assim.

“Não fazia sentido prolongar a agonia. Eu continuei chorando, mas sei que teria sido ainda pior se eles tivessem ficado por mais tempo”.

Em razão do tempo que levou para se decidir quanto à mudança para Barcelona, Iniesta chegou a La Masia algumas semanas depois de Troiteiro, que já estava bem instalado e, para a alegria de Andrés, tinha encontrado um protetor em Víctor Valdés, dois anos mais velho do que os novatos. O goleiro sabia se virar, era respeitado pelos colegas e foi generoso o bastante para estender a mão e não deixar os dois caçulas se afundarem naquele ambiente novo e de difícil adaptação.

“Víctor foi o primeiro cara com quem eu cruzei assim que passei pela porta. Ele logo se ofereceu para me ajudar a levar minhas coisas até o quarto onde eu iria ficar”, relembra Troiteiro. Até hoje, Iniesta considera Valdés um de seus melhores amigos no futebol.

No dormitório, Troiteiro ficava na cama de cima do beliche, Iniesta na de baixo; apesar de poder contar com o amigo, sempre animado, Andrés estava sofrendo. “Na maioria dos dias, ele chorava de saudades da família”, recorda Troiteiro. “Às vezes, eu contava uma piada ou brincava um pouco com ele para tentar animá-lo. Mas o que nos encorajava era que podíamos ver o Camp Nou da nossa janela, e assim sonhávamos acordados: ‘Quem sabe um dia, quem sabe...’”.

La Masia sempre contabilizou muitas histórias de garotos, muitas vezes bem mais velhos que Iniesta, que não conseguiram lidar com todas as mudanças. E essas histórias se repetem nas categorias de base de clubes de diversas partes do mundo. A ausência de contato com os amigos, com pais ou irmãos, a imaturidade e a indisciplina são algumas das razões mais comuns para o fracasso dos jovens jogadores. E Troiteiro e Iniesta, ainda por cima, eram os mais novos garotos de toda a base do Barça.

Mesmo depois de ter chorado muito, e apesar do fato de a família de Benaiges o ter acolhido em muitos fins de semana depois que seus pais decidiram reduzir o número de visitas para ajudá-lo na adaptação, o que fez

Iniesta triunfar foi sua força mental e espiritual, que também lhe seria muito útil durante outras crises com as quais teve de lidar em sua vida esportiva.

Iniesta descreve seus primeiros meses no Barcelona como um “inferno”. Algo que o ajudou nesse início foi que, nos torneios de futebol de cinco ou de sete disputados no campo de piso de concreto de sua escola em Fuentealbilla, ele era tão bom e tão superior tecnicamente em relação aos outros garotos que já era muito comum ter de enfrentar adversários mais velhos, mais altos e mais fortes. Ter lidado com esse desafio no âmbito esportivo certamente não diminuía as saudades de casa, mas pelo menos o ajudava a ter mais certeza do próprio talento — uma confiança da qual ele iria precisar em La Masia. Outro ponto importante é que sua vida de garoto de cidade pequena, imbuído de valores ligados à terra e ao trabalho, sempre havia sido bastante regrada e difícil.

Sua devoção aos treinamentos no Albacete significava que, desde os oito anos de idade, Iniesta sempre precisara sair um pouco mais cedo da escola, encarar cinquenta quilômetros de estrada, treinar no clube durante setenta minutos e então percorrer rapidamente o caminho de volta — quem o levava de carro era o pai, a mãe ou o avô — para o segundo turno escolar (as aulas nas escolas espanholas normalmente vão das 9h às 13h, seguidas por duas horas de almoço, concluindo-se depois com um turno complementar das 15h às 17h ou 17h30). Se sua escola não tivesse feito vistas grossas para o fato de, duas vezes por semana, ele deixar as aulas da manhã trinta minutos mais cedo para ir até Albacete, Iniesta não teria jogado pelo clube daquela cidade e não teria sido descoberto pelo Barça em 1996 — e será que o Chelsea em 2009 e a Holanda em 2010 teriam tido experiências diferentes ao enfrentar o Barça e a seleção espanhola caso *Andresito* não tivesse jogado?

“Sem aquele torneio *alevín*, eu talvez não estivesse onde estou hoje”, admite.

“Realizar sonhos é muito difícil. Eu tive que lutar muito no início da carreira e, por isso, sempre que vejo os meninos da base assistindo às nossas sessões de treino, eu me lembro de quando estava na mesma fase que eles. Jamais vou me esquecer daquela época.”

As vidas de Troiteiro e Iniesta continuaram caminhando lado a lado até

que ambos se sagraram “campeões mundiais” pela primeira vez.

Cerca de três anos após entrarem nas categorias de base do Barcelona, eles tiveram a primeira grande oportunidade de suas carreiras. A fase final da Nike World Cup foi disputada na Catalunha, com a participação de dezesseis equipes — as que superaram as fases eliminatórias, que contaram com a inscrição de quase 6 mil times da África, Ásia, Europa e de todas as Américas.

Iniesta, Troiteiro e o Barça venceram o campeonato e se tornaram campeões mundiais. Menos de dois anos mais tarde, Iniesta era campeão europeu sub-16 com a Espanha, já contava com a admiração do técnico do time principal do Barcelona e estava próximo da aguardada estreia na equipe. O antigo parceiro, tão impaciente quanto o pai havia sido, se cansara de esperar e tinha partido para o Atlético de Madrid, em busca de mais oportunidades.

Não foi uma boa escolha. Troiteiro acabou jogando por clubes cada vez menores e, embora continue sendo muito talentoso, suas atuações passaram a acontecer para públicos de 2 mil pessoas, e seu ápice foi o gol que garantiu ao Burgos o acesso da quarta para a terceira divisão na Espanha. Azar? Destino? Imaturidade? Talvez a escolha mencionada tenha sido um desses momentos que definem se você será o rei de Burgos ou uma lenda do futebol espanhol.

Curiosamente, foi a redução de contato com a família que fez Iniesta superar a tristeza dos primeiros dias de Barça e alcançar uma sensação de bem-estar no clube, com maior independência, fazendo amigos e percebendo como suas habilidades futebolísticas cresciam exponencialmente. Iniesta, aliás, prometera a si mesmo que, se o preço a pagar era o de se afastar de sua família, então seu objetivo seria atingir o sucesso o mais rápido possível e passar a ganhar muito dinheiro com o futebol. Assim, poderia se assegurar de que seus pais não precisariam mais trabalhar e os traria para morar perto dele em Barcelona. Esse foi o pacto que ele firmou consigo mesmo — e que funcionou muito bem.

Voltemos à Nike World Cup de 1999, pois, embora ambos os garotos a tenham vencido, a conquista foi ainda mais especial para Iniesta. A competição foi disputada ao longo de alguns dias, utilizando o Camp Nou e o Mini Estadi, a casa do time B do Barça, vizinha ao estádio principal. Iniesta, Troiteiro e companhia enfrentaram na decisão o Rosario Central, equipe que já haviam

derrotado na estreia do torneio. A final contra os argentinos levou o impressionante público de 20 mil pessoas ao Camp Nou e terminou empatada por 1 a 1 no tempo normal. Com a partida muito equilibrada, adivinhem: quem marcou o gol da vitória? Andrés Iniesta, com o mesmo pé direito que mandaria a bola no canto esquerdo alto de Petr Čech, do Chelsea, na semifinal da Champions League de 2009, e que também marcaria, contra o holandês Maarten Stekelenburg, na Copa de 2010, o gol do título mundial — o gol que definiu uma era.

“Ele se destaca pela inteligência que demonstra dentro de campo. Andrés é o líder e a referência desta equipe. Tecnicamente, ele já é grande. Além disso, sabe como e quando controlar o ritmo partida”, disse, na época, o técnico do Barça sub-16, Ángel Pedrazza.

Já sobre Troiteiro, o treinador falou de maneira diferente, quem sabe já oferecendo uma indicação de que o jovem ainda tinha muito a aprender e não deveria se arriscar a sair de La Masia. “O maior impacto que ele produz se deve à sua energia em campo. Mas talvez seu jogo seja mais espetacular do que eficiente. Ele pode e deve continuar melhorando.”

Em 1999, o Camp Nou acabara de receber a épica final da Champions League entre Manchester United e Bayern de Munique, e o Barça vivia uma fase ruim, que viria a provocar um longo período de seca de títulos. Além disso, também estava se encerrando a era de ouro de Pep Guardiola como jogador do Barcelona; mas, para a sorte de Iniesta, seu ídolo foi convencido pelo irmão mais novo — Pere, executivo importante da Nike — a comparecer ao jogo final do torneio da base e entregar o prêmio aos campeões.

Iniesta já tinha chamado atenção de Guardiola antes e, quando o capitão do Barça deu ao garoto de ouro sua medalha, ele lhe disse: “Um dia, eu vou estar nessas arquibancadas vendo você fazer aquilo que eu faço pelo Barça”. Não há dúvidas de que o elogio foi mais importante para Iniesta do que a medalha ganha naquele dia. Ele foi embora do Camp Nou se sentindo nas nuvens. Mas essas não seriam as únicas palavras ditas por Guardiola sobre a promessa da base catalã. Ele fez a seguinte previsão para Xavi, já seu companheiro de equipe na época: “Xavi, você vai me substituir. Mas preste atenção nesse garoto, porque ele vai nos aposentar”.

Para nossa sorte, Pep estava errado... Pelo menos no que dizia respeito a Xavi. Porque, desde o momento em que Xavi e Iniesta começaram a jogar juntos, eles se tornaram o coração e a alma tanto do Barcelona quanto da seleção espanhola. Os dois são imensamente dedicados ao trabalho, ao mesmo tempo que ostentam a visão e a capacidade imaginativa de grandes homens como Da Vinci e Galileu.

Na época, no entanto, alguns torcedores e jornalistas costumavam dizer que os dois não podiam atuar juntos no Barça. Eram muito parecidos, muito pequenos, muito “espanhóis”.

Uma vez mais, o acaso — que já havia ajudado Iniesta no passado e sempre acompanha os grandes esportistas — fez das suas e chegou na forma de Pep Guardiola, seu ídolo de infância, sendo contratado para dirigir o Barcelona. Em razão da diferença de idade, estrutura física e personalidade, é fácil deixar de notar todas as ligações que existem entre Pep e Andrés. Os dois foram crianças nascidas e criadas no interior, em comunidades pequenas e tradicionais onde valores como civilidade, dignidade, honra e tradição importam muito. O pai de Guardiola era pedreiro e lhe ensinou o valor do trabalho. O pai de Iniesta era operário e, às vezes, também precisava trabalhar no Bar Luján, tendo o sogro como chefe.

Iniesta foi o jogador de sua geração que mais sofreu com problemas físicos e lesões, o que ele admite que chegou a diminuir seu otimismo e a autoconfiança. O mesmo aconteceu com Guardiola, que desabou mentalmente no ano em que ficou parado devido a uma contusão na panturrilha que parecia impossível de curar. Ambos precisaram usar ao máximo a força interior de que dispunham para superar os momentos difíceis. Ambos também souberam bem o que significa se tornar um símbolo de La Masia. Em 1989, Guardiola foi o *canterano* escolhido por Núñez, Gaspart e Cruyff para fincar a bandeira do Barça no terreno de Sant Joan Despí, onde seria levantado o novo centro de treinamentos da base. Dez anos mais tarde, escolhido pelos diretores e jogadores, foi a vez de Iniesta representar La Masia em outro evento nobre: a recepção ao papa João Paulo ii (que se tornara, em 1982, o sócio número 108.000 do Barcelona, na mesma ocasião em que ganhou um carnê de ingressos para assistir a todos os jogos daquele ano), na

comemoração do centenário de fundação do Barça.

Ainda durante sua primeira temporada como técnico à frente do Barcelona (2008/2009), Guardiola já fazia questão de expressar o sentimento de gratidão por contar com Iniesta no elenco. Alguns dos elogios chegaram depois de uma grande atuação do meia na vitória por 2 a 0 sobre o Athletic Bilbao, que deixou a equipe catalã com seis pontos de vantagem em relação ao Real Madrid. Busquets e Messi marcaram os gols, mas foi do desempenho majestoso de Iniesta que Pep Guardiola falou após o jogo: “Andrés é um caso único. Além de ser um jogador excepcional, também é ele quem eu sempre cito como exemplo para os jovens da base. Ele não usa brincos, não tem tatuagens, parece simplesmente um cara normal. Mas sempre se dedica ao máximo nos treinos e nunca se desconcentra. Também nunca reclama, não importando se jogou por apenas vinte minutos ou fora de posição. Para este clube, um jogador como Andrés não tem preço”.

E a admiração é mútua. Pouco antes de conquistar seu terceiro título da Champions, em Wembley, Iniesta declarou: “Temos sorte de contar com Pep Guardiola como treinador. Ele é um produto das nossas categorias de base, entende futebol como ninguém e nos conhece profundamente. É a chave do nosso sucesso, presente e futuro”.

Iniesta também teria se tornado um astro do futebol sendo comandado por outros técnicos, mas o impacto de Guardiola em especial sobre ele, Xavi, Messi e Piqué foi imenso e resultou, com o tempo, em um “todo” maior que a soma das partes envolvidas. Pep fez todos eles evoluírem, técnica e mentalmente. Como a distância entre o melhor e o segundo melhor é sempre mínima, esse “extra” foi muitas vezes o elemento singular que garantiu as vitórias.

Entre a primeira grande conquista da carreira de Iniesta, com aquele gol marcante em 1999, e o reencontro com o já técnico Guardiola, no entanto, uma década se passou. E esse período se iniciou com o que viriam a ser realidades comuns na carreira de Andrés: glórias e lesões.

Em 2001, a Espanha, liderada por Fernando Torres e contando com o talento de Iniesta na criação das jogadas, conquistou o campeonato europeu sub-16, na Inglaterra, mas o meia foi afastado da fase final do torneio depois que o carrinho violentíssimo de um rival alemão atingiu seu tornozelo. Iniesta

voltou para casa a fim de iniciar o tratamento imediatamente, mas o carinho de seus companheiros de seleção ficou claro na semifinal contra a Croácia, quando Fernando Torres (chamado com ainda mais razão de *El Niño* na época) marcou o primeiro gol no Riverside em Middlesbrough.

Desviando dos companheiros que corriam para abraçá-lo, Torres partiu em direção às câmeras de TV e levantou a camisa para mostrar, por baixo, a camiseta em que se lia uma mensagem de apoio a Iniesta. Ao ser avisado de que o jogo não fora transmitido ao vivo para a Espanha, Torres prometeu que usaria a camisa número 8 do companheiro debaixo da sua na final contra a França. E foi exatamente o que ele fez. Torres voltou a marcar na decisão, diante de 31 mil pessoas, no Stadium of Light em Sunderland. O título também era de Iniesta, mas pela primeira vez — e certamente não foi a última — surgiram dúvidas a respeito de sua suposta fragilidade física.

Ao longo do tempo, os médicos que cuidaram de Iniesta precisaram lidar com o fato de as violentas e repetidas pancadas dos adversários em seus joelhos e tornozelos, somadas ao estresse provocado por sua forma de jogar, com seguidas mudanças de velocidade e direção, terem o transformado em um atleta mais propenso a contusões. O jovem Andrés, de qualquer modo, celebrou o ano de sua estreia pelo time profissional vencendo, ao longo da temporada de 2002, o Europeu sub-19 — depois de uma final em que a Alemanha foi batida por 1 a 0. Os dois futuros vencedores de Copa do Mundo, Torres e Iniesta, estiveram muito acima dos demais companheiros no torneio. Foi do brilhante meio-campista do Barça a jogada que culminou no gol de *El Niño*.

A carreira de Iniesta no Barcelona e na Espanha estava começando a deslanchar. Ele não fazia parte de uma geração especial de atletas da base do Barça, sobretudo se compararmos com o grupo do início da década de 1990, com Iván de la Peña, Albert Celades e os irmãos García, ou com o time de Fàbregas, Piqué e Messi, comandado por Rodolfo Borrell. Iniesta se destacava de seus contemporâneos, era o grande nome de sua safra.

Apesar de ainda ser bastante jovem, amadurecera muito ao superar a traumática experiência de se mudar de Albacete para Barcelona. E Lorenzo Serra Ferrer, o técnico do Barça na época, que ouvia muitos elogios dirigidos ao

garoto da *cantera*, decidiu ir vê-lo com os próprios olhos.

O que aconteceu quando ele pediu ao supervisor da equipe principal, Carles Naval, para promover Iniesta, que passaria a treinar com o time em fevereiro de 2001, já ganhou o status de lenda. Mas a história é verdadeira. Naval ligou para La Masia e pediu que avisassem o menino de dezesseis anos que ele deveria se apresentar na manhã seguinte para treinar no Camp Nou, a cem metros do casarão de pedra. O problema é que Iniesta não tinha sequer sonhado em receber essa oportunidade tão cedo e nunca tinha pisado no vestiário do time principal, bem no coração do legendário estádio. Andrés ficou perdido.

No dia seguinte, ele se apresentou na barreira de segurança perto da entrada principal do estádio, um local normalmente cheio de turistas, e pediu informações. O encarregado daquela área, temendo estar sendo vítima de um trote, pediu para que ele esperasse. Só quando Luis Enrique chegou para treinar, reconheceu o novato e decidiu acompanhá-lo até o vestiário é que Iniesta conseguiu entrar. Bem típico do jeito Andrés de ser: tranquilo, despretensioso e pensando que talvez também estivesse sendo alvo de uma pegadinha dos colegas. Contudo, pronto para o que viesse.

Refletindo sobre aquele momento, quando promoveu Iniesta, Serra Ferrer relembra: “Eu quis recompensá-lo, porque ele era muito especial. Era modesto, leal, responsável e prático. E era incrivelmente maduro do ponto de vista emocional, além de muito inteligente. Ele me ouviu e se lembrou de todos os detalhes que lhe pedi”.

Iniesta também não se esquece do momento em que passou a fazer parte do time principal e se encontrou com seu ídolo e futuro treinador. “Eu tinha apenas dezesseis anos e quando ele [Guardiola] falou comigo, eu nem consegui olhar nos olhos dele. Simplesmente não podia acreditar que ele estava me tratando tão bem, fiquei envergonhado. Era incrível estar fazendo parte daquela equipe.”

Já em 2002, chegou o momento decisivo para Iniesta com Louis van Gaal, que voltara ao clube para uma segunda passagem que seria absolutamente frustrante. Com o Barcelona embalado por quatro vitórias consecutivas, já classificado para a fase seguinte da Champions League e desfalcado de Patrik

Andersson, Philippe Christanval, Thiago Motta, Marc Overmars e Michael Reiziger, todos machucados, o treinador holandês consultou Joaquim Rifé e Quique Costas, responsáveis pela base, para saber quais *canteranos* poderia usar na partida contra o Brugge.

Apesar da sequência de resultados positivos, o jogo era importante. O Barcelona vinha acumulando muitas dívidas, suas receitas não eram tão polpudas quanto as atuais, e cada vitória na fase de grupos da Champions valia 340 mil euros — o empate, metade disso. E Van Gaal resolveu arriscar. Escalou um time com média de idade de 22 anos, deu a primeira oportunidade para Iniesta e também escalou Dani Tortolero, Oleguer, David Sánchez e Sergio García. O Barça acabou ganhando por 1 a 0, com um belo gol de Juan Román Riquelme.

A curiosa escalação num 3-4-1-2 do Barcelona de Van Gaal, naquela noite tão especial para Iniesta, foi a seguinte: Robert Enke; Puyol, Tortolero e Navarro; Fábio Rochemback, Iniesta, Gerard e Gabri (David Sánchez, 88); Riquelme; Giovanni (Sergio García, 60) e Dani.

O diário catalão *Mundo Deportivo* classificou o debut de Iniesta como “espetacular” e destacou a facilidade e a confiança com que ele transferiu, do Barça B para um jogo de Champions League, sua forma inteligente e elegante de se mover pelo campo e controlar a bola.

A primeira participação de Iniesta no campeonato espanhol veio em dezembro, em Maiorca, quando o time já havia se afundado e entrado num estado de caos completo. O Barça era só o 13º colocado, estava dois pontos acima da zona de rebaixamento e dezesseis abaixo do líder, a Real Sociedad, da futura estrela Xabi Alonso. Um a um, os cartolas da cúpula diretiva do clube iam abandonando o presidente Gaspart, e Van Gaal sabia que seria demitido e trocado por Carlos Bianchi em caso de derrota. Apesar disso, deu a Iniesta sua estreia na liga. Um treinador visionário ou sem coração? Corajoso ou injusto? Seja como for, a exibição de Iniesta foi sublime, e o Barça goleou por 4 a 0. O time naquela noite foi: Bonano; Gabri, Christanval e Frank de Boer (Rochemback, 45); Mendieta, Xavi, Cocu, Thiago Motta e Iniesta (Gerard, 59); Overmars (Saviola, 79) e Kluivert.

De todas as suas estreias, no entanto, a que desperta maior carinho em

Iniesta é a de sua primeira vez jogando em casa pelo time principal. Aconteceu em 6 de janeiro de 2003, Dia de Reis (data em que os espanhóis costumam trocar presentes). Depois de já ter atuado nas vitórias fora de casa contra o Brugge e o Mallorca, Andrés enfim teve a oportunidade de jogar — contra o Recreativo Huelva — ao lado dos craques da equipe no Camp Nou, o estádio que ele tinha observado da janela do seu quarto ao longo dos seis anos anteriores.

O jogo em si foi um passeio, vitória por 3 a 0, mas a fase era tão ruim que o público presente foi de apenas 45 mil torcedores — metade da média alcançada na era Guardiola. Iniesta, de qualquer forma, atuou nos três jogos seguintes: um empate sem gols com o Málaga, a terrível derrota em casa para o Valencia por 4 a 2, e outra derrota contra o Celta, por 2 a 0, fora de casa. Com o insucesso que viria a seguir, um humilhante 3 a 0 aplicado pelo Atlético de Madrid de Fernando Torres, o clube chegava a apenas um ponto conquistado em doze disputados, e Van Gaal não se sustentou no cargo. Em 28 de janeiro de 2003, aqueles que presenciaram sua coletiva de despedida viram o orgulhoso, eloquente e habitualmente bem-sucedido holandês derramar-se em lágrimas enquanto declarava: “Ainda sou o treinador certo para este clube...”.

Entretanto, quando Radomir Antić o substituiu, o Barça se encontrava a apenas três pontos da zona de rebaixamento. Sven-Göran Eriksson era outro treinador que estava de olho no banco do Barcelona, e seu agente, Athole Still, chegou a me ligar algumas vezes perguntando o que os dirigentes do clube estavam pensando em fazer. Havia gente no Barça interessada no sueco, mas existia também uma revolução prestes a acontecer.

O Barcelona cresceu sob o comando de Antić e, apesar da recuperação do clube, que terminou o campeonato em quarto lugar, a apenas dois pontos do Real Madrid, o sérvio acabou não sendo mantido no posto de técnico para a temporada seguinte. Mas isso beneficiaria Iniesta. Foi Frank Rijkaard quem assumiu para comandar a revolução, e as coisas melhoraram muito depois dos primeiros seis meses terríveis do holandês. O novo comandante reconhecia todo o talento de Iniesta e logo recomendou à diretoria a renovação de seu contrato até 2010.

Neste ponto, eu, de novo, devo admitir mais um erro de avaliação, do qual

extraí a lição de que a verdadeira análise sobre o potencial de um jogador exige mais do que disciplina na observação e atenção aos detalhes: requer também muita paciência.

Entre 2003 e 2004, muitas vezes eu trabalhava cobrindo as partidas do Barça, mas um amigo chamado Rob Moore era detentor de um carnê e podia acompanhar no estádio a temporada toda. Talentoso, Rob chegara a fazer testes quando jovem para jogar no Tottenham e no Chelsea. Depois, tornou-se dono de um clube na África do Sul, o Cape Town Seven Stars, vendeu-o para o Ajax — que utilizaria a estrutura no desenvolvimento de jovens jogadores — e se tornou agente de atletas como Benni McCarthy e Steven Pienaar. Às vezes, assistíamos juntos a algumas das partidas. Ele tinha sido avisado pelo gerente-geral do Barça, Javier Pérez Farguell, de que Xavi até poderia ser vendido, desde que o clube recebesse uma oferta vantajosa, mas Iniesta era absolutamente inegociável.

Só que quando nós dois juntos vimos Iniesta jogar, demorei muito mais para me convencer da sua qualidade — e por uma razão específica. Sua habilidade, visão de jogo e velocidade nas ações eram evidentes, mas o que me frustrava era vê-lo tantas vezes se livrar de um adversário, fazer uma tabela inteligente ou exibir gestos de técnica excepcional para então desperdiçar a clara chance de gol que havia criado.

Isso soa ridículo hoje. Pensem em seus gols maravilhosos: o marcado pela Espanha em Old Trafford contra a Inglaterra, em 2007, o dos minutos finais contra o Chelsea, quando a equipe de Guus Hiddink já se via na final da Champions de 2009, a ser disputada em Roma, ou o mais importante de todos: a reação rápida, o domínio perfeito, o corpo perfilado numa fração de segundo e o “gol gol gol gol gol gol gol gol”, como gritaram os narradores espanhóis de TV e rádio em Joanesburgo, na decisão da Copa do Mundo de 2010. Quando pedi a Piqué que descrevesse cada um de seus companheiros de Barça antes da decisão da Champions League de 2011, eis o que ele disse sobre Iniesta: “Acho que em algum momento ele foi tocado por uma varinha mágica que lhe deu o poder de marcar gols especiais em momentos importantes”.

Então é com desgosto que olho para trás e lembro que, apesar de tê-lo visto como um futebolista excepcional desde o início, por muito tempo eu o preteri

em favor de outros atletas da equipe — como Ronaldinho, Xavi e Eto'o, por exemplo — porque ele marcava poucos gols. A vida está sempre nos ensinando, mas foi também reconfortante descobrir que, no começo da primeira temporada de Guardiola como técnico, o próprio Andrés foi até o treinador e lhe pediu conselhos sobre o que fazer para balançar as redes mais regularmente.

Dos três gols mais fantásticos de sua carreira (Stamford Bridge, Soccer City e Old Trafford), os dois primeiros são normalmente os mais lembrados. Mas Iniesta já me disse que o sublime chute no ângulo em 2007 contra a Inglaterra, dirigida por Steven McClaren, significou bem mais do que uma simples vitória num amistoso.

“Vencer a Inglaterra é sempre um grande feito devido ao peso histórico do *English Team*. Mas batê-los na Inglaterra, em Old Trafford, foi um passo enorme para nós. Representou uma carga psicológica que serviu para mudar nossa mentalidade. Nós respeitamos os ingleses por tudo o que eles fizeram no futebol, crescemos na Espanha sempre ouvindo falar das suas realizações, do fato de terem inventado o futebol moderno.

“O resultado nos fez acreditar mais em nós mesmos. Ganhamos a Eurocopa e a Copa do Mundo, mas foi naquela noite que teve início o ciclo de confiança vencedora da Espanha.”

Apesar de ter ajudado a estabelecer Iniesta definitivamente no elenco do Barcelona, a era Rijkaard representou um período de emoções contraditórias para o meio-campista. O holandês foi o responsável por promovê-lo de vez ao time de cima e cunhou a frase sobre Iniesta ser o cara no elenco que “reparte los caramelos” — ou seja, que distribui os doces. Era uma referência à Folia de Reis espanhola, festa em que homens fantasiados de reis magos entregam doces para as crianças nas ruas. Esse era Iniesta na visão de Rijkaard: o homem certo para os bons momentos, não para os dias de trabalho. Na realidade, o técnico fez essa declaração elogiosa justamente quando perguntado sobre por que não escalava o jovem meio-campista como titular, ou não o mantinha em campo durante os noventa minutos.

Iniesta, evidentemente, não gostou de ter sido classificado como um jogador apropriado apenas para momentos de tranquilidade. Ele disse:

“Tivemos anos bons e anos ruins sob o comando de Rijkaard. No geral, foi uma experiência positiva, mas que terminou desastrosamente, e é disso que todos se lembram. Na cabeça das pessoas, os dois últimos anos mancharam toda sua passagem pelo Barcelona”.

Em 2009, quando já tinha sido concluída a transição entre o holandês e Guardiola, Iniesta declarou: “Estávamos jogados na lona quando Guardiola chegou. Tudo de que precisávamos era alguém que nos ensinasse de novo como fazer as coisas da maneira correta”.

Houve um momento incrível, e também fugaz, durante a era Rijkaard que me revelou muito do lado mais frio de Iniesta, um sujeito normalmente muito gentil, de fácil convívio e introspectivo. O namoro do Barcelona com Thierry Henry parecia ter esfriado em 2006, quando ele desfiou uma ladainha sem fim, reclamando de tudo e todos depois da derrota do Arsenal para os catalães na final da Champions League: criticou o árbitro, disse que o vento atrapalhou e até mesmo que os cadarços das suas chuteiras tinham sido amarrados com muita força.

Só que, um ano depois, o atacante francês desembarcou na Catalunha. A apresentação do jogador levou mais de 30 mil pessoas ao Camp Nou, cujos portões foram abertos para o evento. Foi um momento especial, marcado por muita festa e badalação, uma cerimônia que dava a entender que os torcedores do clube viam em Henry a figura de um salvador. Todo aquele barulho provocava espanto e chegou a impressionar Rijkaard — que já havia vencido Eurocopa, Copa da Europa e Champions League. Eu lhe perguntei o que estava sentindo naquele instante, e ele disse: “Passei pelo Milan, que é um clube fantástico, e joguei diante de torcedores fanáticos, que adoravam vencer, mas eu nunca, nunca mesmo, tinha visto algo assim”.

Na época, portanto, Henry era tido por alguns como o próprio Rei Sol, que estava desembarcando em Barcelona. Mas, como veremos, não era o que Iniesta achava. Semanas depois de sua apresentação, Henry teve a chance de estreiar, jogando em casa no Torneio Joan Gamper — realizado anualmente em agosto para homenagear o fundador do clube catalão — contra a Inter de Milão, então comandada por Roberto Mancini.

Henry começou jogando, Iniesta entrou no segundo tempo; quando os

dois tiveram a chance de fazer uma tabela pela esquerda, Henry tocou a bola por dentro para o novo companheiro, que deu a continuidade mais natural ao lance, mandando a bola nas costas de César, o lateral esquerdo adversário. O problema foi que o francês quis ditar o lance, determinar o que fazer e para onde correr. Desacostumado às ações praticadas desde a base em La Masia, e habituado a ser o dono do time no Arsenal, ele simplesmente ficou parado após o passe inicial, com as mãos no quadril, e depois gesticulou muito na direção de Iniesta, como se estivesse lhe dizendo: “Escute, garoto, tudo o que você precisa fazer é devolver a bola para o professor”.

Como o Barcelona já vencia por 4 a 0 — Iniesta marcara o quarto logo depois de entrar — uma Inter bastante frágil, já não existia mais a preocupação com o resultado, mas sob os olhares do público que lotava as arquibancadas, Iniesta imediatamente agitou os braços na direção de Henry e, irritado, mandou o seu recado: “Corra atrás da bola e nunca mais faça isso com este time”. Henry esperou um segundo para digerir o que havia acontecido, deu de ombros e se dirigiu à faixa esquerda do campo para fechar o corredor do lateral rival. Foi ali que começou sua aclimação ao Barça, e ele descobriu que Iniesta não era tão pacato quanto parecia — também podia ser duro na queda.

Fora de campo, Iniesta é famoso por sua tranquilidade e discrição. No entanto, na vitória por 1 a 0 sobre o Real Madrid, na segunda temporada da era Guardiola, o meio-campista novamente desmentiu essa imagem. Enquanto se levantava após sofrer mais uma falta, Iniesta viu Cristiano Ronaldo reclamando para o árbitro Alberto Undiano Mallenco de que ele tinha se jogado. Antes de Seydou Keita chegar para abafar a discussão, Iniesta já estava colado no rosto do português, fazendo o típico gesto do dedo em riste diante da boca, e logo em seguida ainda empurrou Ronaldo.

Houve outros momentos, especialmente aquele maravilhoso gol anotado contra a Holanda na final da Copa do Mundo, que disseram muito sobre Iniesta. No dia mais importante da sua vida, a decisão do Mundial, ele se lembrou de homenagear Dani Jarque, zagueiro catalão com quem jogara em várias seleções de base, inclusive na que conquistou a Euro sub-19 de 2002. O defensor do Espanyol, que apesar de jogar num clube rival do Barcelona se tornou grande amigo de Iniesta, morreu durante os treinos de pré-temporada

em 2009, na Itália, o que o deixou bastante abalado. “Dani Jarque siempre con nosotros” [Dani Jarque sempre conosco] foi a mensagem que Iniesta escreveu em sua camiseta de baixo e fez questão de exibir a bilhões de espectadores do mundo todo depois de ter marcado o gol do título espanhol.

Gosto de acreditar que existe uma correlação entre a atitude de um superastro do futebol mundial que se preocupa tanto com uma mensagem dessa natureza, lembrando-se de um amigo que se foi, e o fato de a bola ter caído nos seus pés no momento decisivo da final no Soccer City. Ele passou por muitas coisas ao longo da vida e sempre fez questão de mostrar que o dinheiro, a fama ou o imenso talento não tornam ninguém imune aos caprichos do destino. Iniesta havia sido companheiro de equipe de Robert Enke, goleiro alemão que entrou em depressão e cometeu suicídio cinco anos depois de ter deixado o Barcelona e apenas alguns meses após o ataque cardíaco que vitimou Jarque. O primeiro título de peso de Andrés pela seleção espanhola viera na Eurocopa de 2008, quando Rúben de la Red, o meio-campista do Real Madrid, marcara um dos gols da vitória de virada por 2 a 1, ainda na fase de grupos, contra a Grécia. No final de outubro daquele ano, pouco menos de quatro meses depois da noite do glorioso triunfo sobre a Alemanha na final, em Viena, De la Red também teve problemas cardíacos e chegou a desmaiar. Passados dois anos de exames, dúvidas sobre seu retorno e discussões a respeito de um seguro para que continuasse em atividade, ele acabou anunciando a própria aposentadoria. Tinha apenas 25 anos.

“A morte de Jarque mudou completamente minha visão sobre a vida. Perdi minha estabilidade, foi como se tudo tivesse virado de cabeça para baixo. Pensei em muitas coisas ruins”, disse Iniesta.

“Às vezes, acho muito difícil tentar entender o que acontece de ruim no mundo. Desastres naturais, como as inundações na Austrália ou o terremoto no Japão, costumam me deixar muito para baixo. Fico triste demais quando penso sobre as experiências terríveis pelas quais algumas pessoas passam, como o que aconteceu no Egito ou toda essa confusão com o Kaddafi. Tudo isso me deixa mal. Eu odeio injustiça, odeio o abuso infantil e os maus-tratos às mulheres.”

Esse não é o discurso padrão de uma grande estrela do futebol. Muitos

outros podem até parar para pensar sobre esses temas, mas são poucos os que acabam falando disso nos contatos que têm com os torcedores. Iniesta é um sujeito raro. Não só no futebol, mas também na vida. O que você vê é o que ele é: um cara honesto, gentil e amável, não muito chegado nos holofotes, mas mentalmente forte e de atitudes à moda antiga. “Faço o que considero certo, independentemente do que os outros vão pensar de mim.”

Um pequeno exemplo disso foi visto logo no início do período de Guardiola como técnico da equipe principal do Barça, em setembro de 2008. Apesar da boa pré-temporada, a derrota por 1 a 0 para o recém-promovido Numancia e o empate em casa por 1 a 1 com o Racing Santander nas duas primeiras partidas da liga trouxeram pânico e frustração aos veículos de imprensa da Catalunha. Com a partida como visitante contra o Sporting Gijón pela frente e a possibilidade de o time ir parar no último lugar da tabela em caso de derrota, Iniesta procurou o chefe para uma conversa.

Ele bateu na porta do homem a quem não havia conseguido dirigir o olhar quando tinha só dezesseis anos e era um garoto recém-promovido ao time principal do Barça em 2001. Foi até lá com a simples intenção de dizer a Guardiola que ele, especificamente, e também todo o elenco, pelo que ele podia perceber, estavam a seu lado de modo integral e compreendiam exatamente tudo o que o técnico vinha pedindo ao grupo durante os treinos e jogos. Foi um gesto admirável, mas também arriscado. Existem treinadores que teriam se sentido envergonhados, irritados ou insultados diante de tais circunstâncias, e muitos jogadores poderiam ser vistos com maus olhos pelos companheiros de time depois desse tipo de atitude, pois estariam buscando alguma espécie de favorecimento futuro.

Mas Guardiola se sentiu honrado. E Iniesta não fez qualquer alarde sobre o que havia feito depois de o Barcelona marcar seis gols em Gijón, iniciar a arrancada para o título, ganhar a Copa do Rei e, por fim, conquistar a Champions League em Roma, meses mais tarde.

A grande determinação foi seu maior trunfo em várias oportunidades, mas dois desses momentos — aquela final de Champions League em Roma e o jogo do título da Copa do Mundo — parecem ser os que definirão melhor o seu legado.

Alguns dias depois de marcar o gol da vitória sobre o Chelsea e classificar o Barcelona para a decisão da Champions de 2009, Iniesta se machucou no empate por 3 a 3 com o Villarreal. Desde o diagnóstico do estiramento muscular de dois centímetros na coxa direita até o pontapé inicial da decisão de Roma haveria quinze dias de prazo para a recuperação.

Ele então disse aos médicos do Hospital de Barcelona, localizado na avenida Diagonal, a algumas centenas de metros do Camp Nou, que “contusão nenhuma no mundo vai me fazer perder esse jogo”. Ao pai, falou que “nem um buraco na perna me impedirá de jogar”.

O que ele, sua família e os médicos do clube sabiam muito bem era que o estiramento havia acontecido apenas alguns milímetros abaixo do local de uma lesão anterior, que desde novembro o mantivera parado por dois meses. A verdade é que sob nenhuma circunstância ele deveria ter jogado — e sob nenhuma circunstância, depois de ter convencido o normalmente conservador Guardiola a se arriscar a escalá-lo, deveria ter sido tão simples para Iniesta escapar da marcação de Michael Carrick e Anderson, criando o lance que resultou no importantíssimo gol de abertura do placar, marcado por Samuel Eto'o. Além de tudo isso, ele permaneceu em campo por 91 minutos.

No intervalo do jogo, os médicos alertaram Iniesta de que, em hipótese alguma, ele deveria chutar a gol. O esforço dos primeiros 45 minutos havia piorado tanto o estado da lesão muscular que um movimento mais forte, como o de uma finalização, poderia resultar na ruptura total do músculo.

Seu sentimento em relação a toda a situação era condicionado pela lembrança da decisão da Champions de 2006, em Paris, que nas palavras dele foi “o pior dia da minha carreira no futebol — tive que esperar até Roma para tirar essa pedra do meu sapato, por não ter disputado a final desde o começo”.

Apesar de ter sido titular contra o Sevilla, na última partida do campeonato espanhol antes da final da Champions League de 2006, Iniesta acabou ficando no banco em Paris. Para muita gente, ainda resta dessa final uma lembrança confusa, de que Xavi e Iniesta teriam dominado o meio de campo. Mas não foi assim. Outro jogador formado em La Masia é que se destacou naquela noite: Cesc Fàbregas. Vestindo a camisa do Arsenal, ele começou jogando desde o início, atuou de forma magnífica numa equipe que já aos dezoito minutos teve

um atleta expulso, e foi substituído a menos de vinte minutos do fim, quando os *gunners* ainda venciam por 1 a 0.

Naquela final, o Barça usou a seguinte escalação: Víctor Valdés; Oleguer (Belletti, 71), Puyol, Rafa Márquez e Van Bronckhorst; Van Bommel (Larsson, 61), Edmílson (Iniesta, 46) e Deco; Giuly, Ronaldinho e Eto'o.

A entrada de Iniesta no jogo tornou o Barcelona muito mais dinâmico e fez o Arsenal de Wenger correr e se cansar cada vez mais; só que, apesar da medalha de campeão que levou para casa, o meio-campista considerou aquela noite incompleta. Por isso, o risco assumido em Roma.

Mais tarde, Guardiola afirmou que Iniesta foi a campo naquela noite da final contra o United com apenas 60 por cento de sua condição física, então imaginem a magnitude da sua performance para que um desolado Wayne Rooney tenha dito no vestiário a seus companheiros de time, logo após a partida, que haviam perdido “para o melhor jogador do mundo”. Ele não estava falando de Messi, mas de Iniesta.

Pouco antes da Copa do Mundo de 2010, perguntei a Iniesta sobre o que Rooney havia declarado e ele me respondeu: “Se eu disser que não fiquei feliz com isso, estaria mentindo. É muito bom ouvir algo assim, melhor ainda quando vem de um jogador sensacional, um nome tão importante do futebol. Vindo de um cara como Wayne Rooney, o significado é imenso. Eu poderia tranquilamente ter dito o mesmo sobre ele e seu talento. Rooney sempre me impressionou, ele trabalha de forma extraordinária para o time e tem muita qualidade”. Receba um elogio e o retribua. Atitude típica de Iniesta.

Mas sua façanha extraordinária em Roma significou que ele só conseguiria voltar a jogar uma partida completa em outubro de 2009. Ao longo da nova temporada, Iniesta ficou fora da Supercopa da Espanha, da Supercopa da Europa, não pôde disputar a final do Mundial de Clubes, contra o Estudiantes, e voltou a se machucar depois da vitória por 2 a 0 sobre o Real, no Bernabéu, em abril. Por isso, acabou perdendo os dois confrontos da semifinal da Champions contra a Inter de Milão, quando o Barcelona não conseguiu superar a defesa adversária, num jogo de volta incrivelmente desgastante e equilibrado. Com Iniesta em campo? Talvez tivesse sido diferente...

O risco assumido por Iniesta para atuar e vencer em Roma teve

consequências importantes. Esta é a sua visão dos fatos: “Nós ganhamos. Foi um grande sacrifício, porque o preço a pagar foi passar quase metade da temporada seguinte machucado. Mas eu faria tudo de novo se necessário”. Tudo o que os holandeses queriam era que, até o meio do ano de 2010, a conta ainda não tivesse sido totalmente paga.

Nas últimas seis semanas da temporada 2009/2010, Iniesta jogou apenas 31 minutos devido aos incessantes problemas físicos. Pelo planejamento de Vicente del Bosque, os jogadores da seleção teriam dez dias de descanso entre o fim do campeonato espanhol e o primeiro amistoso pré-Copa — a ser disputado na cidade-amuleto de Innsbruck, perto de onde haviam estabelecido sua base durante a Euro de 2008. Havia muita preocupação com a possibilidade de um dos principais nomes de *La Roja*, em torno de quem fora parcialmente montado todo o sistema de jogo, não estar totalmente recuperado para suportar um longo e desgastante mundial disputado nos gramados duros da África do Sul.

Iniesta aguentou por uma hora cada um dos primeiros amistosos da Espanha, contra Arábia Saudita e Coreia do Sul. Foram vitórias magras, por apenas um gol de diferença, mas o pequeno mago de Fuentealbilla parecia pronto. O que a maioria das pessoas não conhecia, entretanto, era o estado mental de Iniesta.

Depois de já ter conquistado o título, ele revelou as dúvidas que o tinham perseguido no início: “Eu tinha começado a perder a confiança no meu jogo. Cada lesão era um verdadeiro golpe para mim”.

Emil Ricart, um dos fisioterapeutas do Barça, deu a Iniesta um DVD sobre grandes campeões do esporte que precisaram superar enormes obstáculos para alcançar suas maiores conquistas. Todas as noites, antes de ir dormir, o meio-campista assistia ao DVD. E esse esforço todo para estar bem preparado para o torneio na África do Sul, tanto física quanto mentalmente, acabou dando resultado no final.

Iniesta teve excelente atuação e marcou um gol na partida contra o Chile, a última da fase de grupos, que poderia ter mandado a Espanha de volta para casa. Também foi o melhor em campo no tenso e desgastante confronto de quartas de final contra o Paraguai. E, finalmente, lá estava ele, rondando a

área, a cinco minutos do final da prorrogação contra a Holanda, na decisão.

Ao longo de toda a Copa do Mundo, Iniesta correu 66 quilômetros pelos gramados sul-africanos, duros e irregulares, e foi sempre um dos grandes trunfos da Espanha: manteve a cabeça no lugar e colheu a recompensa por todos os momentos difíceis que já vivera. No instante decisivo de todo o torneio, foi um gesto bastante típico de Iniesta a escolha por se lembrar de Dani Jarque em vez de comemorar plenamente o lance mais marcante de sua própria carreira.

Durante o mundial de 2010, eu fui o produtor de TV da Fifa destacado para a cobertura da Espanha. A experiência foi arrebatadora e muito desgastante, e se encerrou com Adam Goldfinch (nosso câmera excepcional) e eu gravando a festa no banco de reservas espanhol, bem à nossa direita.

A posição onde ficávamos se situava a alguns metros da parte do gramado reservada para o aquecimento dos suplentes da Espanha. Pouco antes dos quinze minutos do segundo tempo, Fernando Torres e Jesús Navas foram mandados até lá. Torres tinha sido um modelo de paciência e boa educação ao longo de toda a Copa, e nenhum jogador espanhol parara tantas vezes para conversar com as crianças sul-africanas e distribuir autógrafos — especialmente para os meninos negros que se amontoavam em volta do centro de treinamentos de Potchefstroom.

Apesar de ter sido titular desde a segunda rodada da fase de grupos até as quartas de final, ele não começou jogando a semifinal contra a Alemanha, tampouco foi escalado desde o início na decisão. Sem confiança e ritmo de jogo depois de uma corrida contra o tempo para se recuperar de uma lesão antes do início da Copa do Mundo, Torres, no entanto, vinha fazendo tudo o que podia para ajudar a equipe. Mas durante a final o tempo foi passando, e Navas acabou sendo o primeiro a ser chamado para substituir Pedro. Muito embora Torres tenha continuado com os piques e alongamentos, seu abatimento foi visível. Toda a sua postura corporal mudou.

Depois, foi Cesc Fàbregas quem iniciou o aquecimento. Assim que se aproximou de nós, já parecia estar “dentro” do jogo, não parava de gritar palavras de apoio para seus companheiros e, logo em seguida, discutiu com o bandeirinha sobre a marcação de um escanteio. Era um dínamo de energia.

A dois minutos de se encerrar o tempo regulamentar, Fàbregas acabou sendo escolhido para entrar, também antes de Torres — no lugar de Xabi Alonso. O atacante ficou mal de novo. Praticamente parou de se exercitar para assistir à partida, sentindo, de forma compreensível, uma mistura de emoções: a tensão natural da decisão e o profundo desapontamento por talvez nem sequer participar do jogo. *El Niño*, o grande parceiro de Iniesta nove anos antes na Inglaterra, estava sofrendo.

Del Bosque, por fim, chamou Torres para participar do tumultuado segundo tempo da prorrogação. Já existem muitos relatos sobre o que aconteceu em seguida, mas foi desta forma que eu vi. Passados alguns minutos do início da segunda etapa do tempo extra, Iniesta e Xavi ainda estavam afiados, muito confiantes na própria técnica, a ponto de produzir passes de primeira e tabelas. A certa altura, Iniesta recebe de costas para o gol e faz a parede, deixando a bola com Xavi, que imediatamente faz o lançamento em direção à área de Maarten Stekelenburg, no espaço de onde o companheiro poderia marcar. Johnny Heitinga então segura Iniesta pelo pescoço e, ao receber o segundo cartão amarelo, é expulso — o que altera definitivamente o equilíbrio de forças no jogo.

Quando o gol histórico finalmente acontece, é Fernando Torres quem tenta o lançamento para a entrada da área, mas a bola sai curta e não alcança o alvo pretendido, Iniesta. No entanto, Rafael van der Vaart, assumindo a responsabilidade de recuar para cobrir o espaço deixado por Heitinga, é quem está no caminho da bola e tenta cortar o passe. Pouco acostumado a defender, o holandês faz a tentativa de interceptar a bola com o pé esquerdo, mas se desequilibra e cai no gramado.

Uma fração de segundo antes da falha, Fàbregas está cercado por dois marcadores, Joris Mathijsen e Marc van Bommel — eles estão tão próximos que é até difícil ver o espanhol. Mas Cesc pensa antes dos adversários, antevê o que está prestes a acontecer, dá uma curta corrida e escapa dos dois jogadores que vestem laranja. Nesse instante acontece o corte malsucedido de Van der Vaart. Se Fàbregas tivesse se aquecido no ritmo de Torres, não teria conseguido produzir a chance de gol. Mas ele estava alerta, com a cabeça levantada; o primeiro toque serviu para dominar a bola já preparando a ação seguinte, e o

segundo, realizado bem antes de Van der Vaart poder se levantar e deixar Iniesta em impedimento, foi “açucarado”, beirou a perfeição. Valem os mesmos elogios para o outro egresso de La Masia envolvido na jogada.

Iniesta, com o primeiro toque, já prepara a bola para o voleio e, no segundo, balança com força as redes do gol adversário. “Cesc me passou a bola e, do nada, Isaac Newton baixou por ali. No instante em que dominei a bola, já sabia que ia marcar. Só precisava esperar a bola descer um pouco para acertá-la em cheio. Se a força da gravidade iria continuar atuando, a bola desceria e eu sabia que ia marcar.”

O gol do título não foi apenas um lance típico da Espanha, cheio de técnica, precisão e eficiência na finalização, mas uma jogada toda com o dna de La Masia. O autor do gol foi Iniesta, o sujeito que passou por maus bocados mas esperou por sua chance no Barcelona. E o da assistência foi Fàbregas, que, tal como Troiteiro, não quis aguardar a oportunidade e acabou encontrando a fama no Arsenal, antes de sentir falta de casa e retornar à Catalunha.

Se Fàbregas “ganhou” a Copa do Mundo para a Espanha com sua velocidade de reação e toda a sua técnica, o pobre Fernando Torres, que tentou o passe frustrado no início do lance, viria a se lesionar novamente, perdendo por isso a fundamental pré-temporada do Liverpool — o que acabou condicionando seus terríveis últimos seis meses no clube inglês.

Eu continuo tendo a maior consideração por Torres, tanto como jogador quanto como pessoa, mas o fato de Del Bosque passar a impressão de que não o utilizaria teve um peso tremendo para ele. Já Cesc — que, nas palavras do próprio treinador antes da partida contra o Chile, andava realmente aborrecido com ele — estava pronto para agarrar a chance que apareceu.

Penso que Fàbregas e Iniesta têm algo em comum. A formação em La Masia, é claro, mas também uma determinação para superar qualquer obstáculo que apareça pelo caminho. Não importa se com um gol, um passe ou um carrinho, o certo é que sempre darão um jeito de vencer as dificuldades. Até cheguei a considerar chamar este capítulo de “Andrés Iniesta: o Messi do meio de campo”, porque acredito que seja terrível para os outros clubes saber que o jogador que mais se aproxima da habilidade de Messi para o drible curto no mundo é provavelmente Iniesta — e os dois jogam juntos no Barça.

No entanto, analisando tudo que sei sobre Iniesta, outra ideia me veio à mente. Ele é o homem das soluções. Houve um momento na decisão da Copa do Mundo que representou muito bem quem é esse jogador. Na metade da primeira etapa da prorrogação, Arjen Robben está no ataque depois de receber um bom passe de Wesley Sneijder. Iniesta corre atrás do holandês — que é maior e mais forte que ele —, toca na bola com o pé, usa o corpo para ganhar a disputa, e recupera a posse para a Espanha na faixa lateral.

Em seguida, ele se vale do giro característico sobre a bola de Zinédine Zidane para escapar do lateral direito Gregory van der Wiel e fica mais uma vez frente a frente com Robben. Sem pensar duas vezes, toca entre as pernas do rival. Não para se exibir, mas porque é a maneira mais simples de dar o passe para Puyol. Segundos depois, ele já está correndo pela ponta, enquanto Puyol passa a bola para Xavi e a Espanha faz a transição da defesa para o ataque.

No Camp Nou em 1999, em Paris, no Old Trafford, em Stamford Bridge, em Roma, no Soccer City ou mesmo em Wembley: esse é Andresito Iniesta, o homem das soluções.

Jogos marcantes

CHELSEA: 1

BARCELONA: 1

Jogo de volta da semifinal da Champions League, 6 de maio de 2009

SOB O COMANDO DE GUUS Hiddink, o Chelsea tinha conseguido um empate sem gols no Camp Nou, na partida de ida do duelo que valia uma vaga na decisão. Na minha visão, a atuação dos ingleses beirou a perfeição, pelo menos no aspecto defensivo. Rápidos e inteligentes, eles fizeram pressão em todas as partes do campo e foram uma das poucas equipes que conseguiram parar o mágico meio de campo do Barcelona.

Guardiola não ficou feliz com o que viu. “Vamos a Londres em busca de gols. Não vamos jogar pelo empate, mas para vencer. Eles cometeram muitas faltas, Ballack derrubou Iniesta numa chance clara de gol e não foi expulso. Enquanto isso, Puyol levou amarelo na primeira falta que fez e agora está suspenso. O que fica evidente é que, se quisermos conquistar o título, teremos de superar os detalhes que, claramente, não estão do nosso lado.” Essas pontuações ainda viriam a ser objeto de muito debate.

O jogo de ida contra o Chelsea foi o primeiro da era Guardiola em que o Barcelona não conseguiu balançar as redes no Camp Nou. Para piorar, Rafa Márquez sofreu uma lesão que o tirou do restante da temporada e Carles Puyol levou o cartão que o impediria de atuar na partida de volta, em Londres.

Mas o que se viu em Stamford Bridge foi uma loucura completa.

O gol fulminante de Essien, logo no início da partida, pôs o Chelsea em vantagem; durante boa parte do jogo, os ingleses foram muito melhores. Então, algumas das coisas mais estranhas que já vi num campo de futebol

começaram a acontecer.

A primeira constatação que faço é que, por toda a velocidade e intensidade, e pelo nível de exigência física presente na moderna Champions League, o árbitro Tom Henning Øvrebø estava aparentemente acima do peso para apitar o confronto. O ritmo do jogo pareceu lhe trazer dificuldades extras durante toda a noite, e várias de suas decisões foram questionadas pelos atletas.

O tom da lamentação do Chelsea a respeito desse jogo — maliciosamente utilizada por José Mourinho antes da semifinal da Champions de 2011 — foi elevado exageradamente, mas as reclamações têm algum fundamento. É possível debater sobre os dois toques de mão na bola envolvendo Piqué e Yaya Touré dentro da área, e me arrisco a dizer que em lances do mesmo tipo marcam-se pênaltis 90 por cento das vezes.

O cartão vermelho direto recebido por Abidal também pode ser discutido. Mas Øvrebø consulta o auxiliar na jogada, e eles consideram que o francês teve a intenção de atingir Anelka e que aquela era uma clara oportunidade de gol. A reclamação mais ouvida, que se refere ao pênalti supostamente sofrido por Didier Drogba, surge depois de uma ação soberba de Touré, na qual o meio-campista atinge a bola limpamente — sendo que logo em seguida, no mesmo lance, Anelka se joga tão claramente na disputa com o rival que, caso um pênalti igual tivesse sido marcado contra o Chelsea, o estádio teria vindo abaixo.

O futebol tem como predados o erro humano e os debates polêmicos. O fato é que o Chelsea estava vencendo por 1 a 0 e jogando contra dez homens desde os 21 minutos do segundo tempo. Hiddink é um técnico fantástico na gestão dos jogadores, mas sua decisão de substituir Drogba por Belletti seis minutos depois do cartão vermelho para Abidal é praticamente inexplicável.

O Barça não contava com Puyol e Rafa Márquez, Abidal tinha acabado de ser expulso; em vez de tentar o segundo gol ou pelo menos prender atrás os três jogadores mais recuados do time de Guardiola, mantendo Drogba e Anelka em campo jogando juntos, fazendo tabelas inteligentes e segurando a bola no ataque, Hiddink decidiu proclamar uma emergência.

Ainda existem mais três pontos importantes que devem ser mencionados:

Um, o Chelsea desperdiçou chances muito fáceis de marcar.

Dois, apesar de todos os protestos de Ballack sobre um pênalti não marcado, ele se abaixa — isso mesmo: se abaixa — quando Iniesta chuta para empatar a partida.

Três, olhem para Messi quando o gol do Barça finalmente acontece. Ele fica com a bola depois da ação desastrada de Essien ao tentar afastá-la e... ele pensa. Apesar de ser o melhor driblador do mundo, domina a bola, procura ver quem está bem posicionado e, com um passe perfeito, dá a Iniesta todas as chances do mundo para um bom chute. Para mim, esse é o resumo do jeito Barça de jogar.

Somando-se a tudo isso a efusiva corrida à Forrest Gump de Guardiola pela linha lateral, a reação de Sylvinho, que lembra o técnico de que ainda poderia fazer duas substituições para gastar o tempo que restava, a nova reclamação de pênalti do Chelsea, os quase sete minutos de acréscimo e Drogba extravasando com raiva diante das câmeras de TV, o que se tem é uma das mais bizarras e extraordinárias noites de futebol que já presenciei.

CHELSEA (4-4-2)

Čech; Bosingwa, Alex, Terry e Ashley Cole; Essien, Ballack, Lampard e Malouda; Drogba (Belletti, 72) e Anelka

BARCELONA (4-3-3)

Valdés; Daniel Alves, Piqué, Yaya Touré e Abidal; Xavi, Busquets (Bojan, 85) e Keita; Messi, Eto'o (Sylvinho, 96) e Iniesta (Guðjohnsen, 95)

GOLS

Essien 9; Iniesta 92

CARTÕES AMARELOS

Daniel Alves, Essien, Alex e Eto'o

CARTÃO VERMELHO

Abidal, 65

ÁRBITRO

Tom Henning Øvrebø

PÚBLICO

42 mil pessoas, Stamford Bridge, Londres

11. CONSTRUINDO A MAIOR RIVALIDADE DO MUNDO



Mourinho está destilando veneno pelo fato de ter sido rejeitado. Neste momento, nós somos o clube dos sonhos. Com os jogadores que temos, a melhor coisa que pode acontecer a alguém é ser treinador desse time. Marc Ingle

NO INÍCIO DE 2008, Txiki Begiristain e Marc Ingla deixaram Sevilha, no sul da Espanha, e embarcaram numa decisiva viagem de 460 quilômetros rumo a Lisboa. Estava em jogo uma das escolhas mais importantes da história do Barcelona: convidar ou não José Mourinho para ser o sucessor de Frank Rijkaard.

A hipótese parece impensável hoje. Depois de sua passagem pelo Real Madrid, Mourinho alcançou o status de figura odiada por muitas pessoas na Catalunha. O que acontece é que o tipo de sentimento despertado por ele anteriormente, enquanto técnico do Chelsea, tinha lhe valido durante algum tempo uma imagem menos perniciosa, a de uma espécie de “vilão favorito” dos torcedores do Barça — o português, até então, ainda não havia incorporado o personagem inominável em que se transformou praticamente desde o dia em que pôs os pés no Bernabéu, em 2010.

Desde a chegada ao Real, contudo, Mourinho nunca deixou de alfinetar o Barça diante dos jornalistas: logo sugeriu que as demais equipes jogavam a toalha antes mesmo de pisar no Camp Nou e habituou-se a acusar o clube catalão de receber tratamento benevolente da arbitragem. Em suas declarações, recusava-se até mesmo a dizer o nome do Barcelona, referindo-se ao rival como “eles” ou “os outros”.

As provocações chegaram ao ápice em 2011, quando Pep Guardiola resolveu contra-atacar com o famoso discurso dirigido ao “ex-amigo” na noite anterior ao primeiro jogo da semifinal da Champions League, no Bernabéu.

Depois da partida, vieram os comentários indesculpáveis de Mourinho em seguida à derrota por 2 a 0, quando declarou que Guardiola deveria se sentir “envergonhado” por ter conquistado a Champions de 2009 graças ao estranho desempenho da arbitragem em Stamford Bridge, além de ter se perguntado se o fato de o Barça fazer propaganda da Unicef na camisa ajudava na conquista da simpatia dos árbitros.

Ainda em agosto daquele ano, num jogo pela Supercopa, o treinador se colocou estrategicamente atrás de um grupo de atletas e membros da comissão técnica que haviam se aglomerado à beira do campo para enfiar o dedo no olho

de Tito Vilanova.

Apesar de toda a competência que já havia demonstrado e de a maioria dos jogadores com quem trabalhou classificá-lo como um líder brilhante e inteligente, será que o Barça realmente cogitou o nome de Mourinho para assumir o comando do time antes da temporada de 2007/2008?

A resposta é simples: sim.

Pouco antes do voo importantíssimo dos dirigentes até Lisboa, um gol de Xavi havia impedido aquela que seria uma merecida derrota do Barça diante do Sevilla, na casa do adversário. No entanto, com o time a oito pontos de distância do líder Real Madrid, de Bernd Schuster, já eram claros os sinais de declínio daquele Barça, tanto dentro quanto fora de campo, e a diretoria vinha trabalhando para encontrar o melhor substituto possível para Rijkaard.

E Mourinho foi um dos nomes avaliados.

A agonia dos fãs do Barcelona com a impressionante decadência do time depois da conquista da Champions de 2006 era imensa. A aproximação com Mourinho trazia ainda uma dose extra de expectativa, pois os envolvidos não conseguiam evitar a pergunta: será que o homem que estivera pouco tempo antes no centro da amarga rivalidade surgida entre o Barça e o Chelsea poderia ser perdoado pelos torcedores?

Além disso, se a conversa de Ingla e Begiristain — vice-presidente e diretor de futebol do clube catalão, respectivamente — com o *Special One* acabasse vindo à tona, sendo que Rijkaard e o Barça ainda estavam vivos na Copa do Rei e na Champions League, o caos teria tomado conta do clube.

No mais, a relação entre o FC Barcelona e alguns setores da mídia catalã é tão simbiótica que, se Ingla e Begiristain tivessem tentado sair da própria cidade de Barcelona rumo a Lisboa, haveria uma grande chance de eles serem vistos iniciando a viagem ou então de algum funcionário do próprio clube vazar a notícia para alguém da imprensa.

Partir de Sevilha, num momento em que toda a imprensa catalã que também fizera a viagem para cobrir o jogo tinha páginas e páginas dos jornais para preencher, parecia uma boa estratégia. E Ingla e Begiristain estavam certos.

O nome de Mourinho como possível candidato ao cargo já tinha sido

ventilado por setores da imprensa da Catalunha. Em parte, por uma questão de pura lógica — ele estava disponível no mercado e seu currículo tinha muitos títulos — e, em parte, porque alguns dirigentes do clube estavam tão irritados com a falta de comando de Rijkaard — o qual permitira um declínio tão rápido da equipe — que começaram a pensar no nome de alguém que representasse o oposto dele.

Mas por que a diretoria do Barça cogitava contratar um treinador que dividia tanto as opiniões?

Primeiro, porque Mourinho tem talento.

Segundo, porque sob o comando do português, o Chelsea tinha jogado frequentemente num 4-3-3, esquema que o Barcelona acreditava que deveria sobreviver no clube mesmo depois do fim da era Rijkaard.

Havia ainda o fato de Mourinho já ter passado vários anos trabalhando no Barcelona, primeiro com Bobby Robson e depois com Louis van Gaal, que lhe confiara um importante papel na preparação do time para as partidas.

A busca por um novo treinador já havia começado fazia tempo, muito embora ninguém admitisse publicamente que o destino de Rijkaard estava selado e Joan Laporta continuasse dizendo: “Frank tem crédito o suficiente para permanecer aqui pelo tempo que quiser”.

Begiristain considerava que Laurent Blanc, Ernesto Valverde e, sobretudo, Guardiola possuíam credenciais suficientes e o estilo ideal para treinar o clube. Inicialmente, Mourinho não fazia parte dessa lista. Então, uma vez mais, a dúvida: por que ele e Ingle foram à capital portuguesa a fim de entrevistar um técnico que estava desempregado e que, para muitos, jamais poderia ser o treinador do Barça?

A primeira parte da resposta são os laços estreitos do clube com o poderoso, incansável e cada vez mais polêmico empresário do treinador, Jorge Mendes. O português tinha negociado regularmente com o Barça ao longo dos anos; Deco e Rafa Márquez eram seus clientes, assim como Cristiano Ronaldo quando, em 2003, o Barcelona agiu com tanta lentidão que perdeu para o Manchester United o prodígio do Sporting Lisboa. Mendes visitava com frequência os escritórios do Camp Nou, conhecia bem Begiristain e mantinha um bom relacionamento com os vice-presidentes Ingle e Soriano e, evidentemente,

também com Laporta.

Entretanto, quando Ingla criou sua lista de nove critérios¹ para a escolha do próximo técnico do Barcelona, não havia razões suficientes para considerar Mourinho uma hipótese válida para o cargo. Só que, no outono de 2007, quando ficou claro que o prazo de validade de Rijkaard já estava vencido e as circunstâncias tinham mudado, a diretoria passou a aceitar que o português — naquele momento sem vínculo com clube algum — fosse considerado.

E, então, o telefone de Begiristain começou a tocar, tocar, tocar sem parar. Jorge Mendes é conhecido por sua eloquência e capacidade de convencimento ao reunir clubes, jogadores e terceiros investidores. Nessa ocasião, foi com a sutileza de um *rottweiler* que ele abordou o Barça.

O recado deixado por Mendes, no entanto, não foi apenas bem elaborado, mas também consistente e persuasivo. Ele informou a Begiristain que Mourinho estava desesperado para trabalhar no Barcelona, disposto a “mudar” e garantiria um time praticando bom futebol, pois conhecia bem as “regras da casa” e já vinha utilizando o 4-3-3 sempre que possível.

Txiki Begiristain foi um ótimo ponta no seu tempo de jogador. Nascido no País Basco, era forte e rápido, e também tinha tino para marcar gols. É um dos personagens do futebol mais brilhantes que conheci em Barcelona, cujo perfil se adaptaria perfeitamente aos clubes de primeiro escalão da Premier League — desde que estes aceitem uma transformação completa nos sistemas de recrutamento e treinamento de seus jogadores jovens.

Durante todo o processo de seleção, o pensamento que vinha à mente de Begiristain era a lembrança de como Mourinho fora um adversário complicado (que algumas vezes saíra vitorioso) na série de épicos confrontos entre Barça e Chelsea pela Champions League. Ainda que não se encantasse com o estilo de jogo do Chelsea de Mourinho, ele apreciava a eficiência do rival.

Além disso, Begiristain tinha encerrado seu período como jogador do Barça um ano antes de Mourinho chegar ao clube como auxiliar de Bobby Robson; portanto, não sabia ao certo — a partir de uma experiência pessoal — se o *Special One* era realmente especial. Então, começou a achar que devia pelo menos conversar com o português.

Por fim, Txiki se dirigiu ao chefe, Ingla, e lhe disse que Jorge Mendes estava

praticamente de joelhos, implorando para que seu cliente fosse entrevistado e afirmando que Mourinho tinha coisas interessantes a dizer. O diretor de futebol perguntou então ao vice-presidente se o conselho toparia incluir o nome de Mourinho na disputa pela vaga, muito embora o próprio Begiristain já estivesse quase certo de que Guardiola era o nome perfeito para o cargo.

Ingla e Soriano relembram a história. “A primeira conversa da diretoria a respeito de Mourinho aconteceu em dezembro de 2007”, conta Soriano. “A manutenção de Rijkaard havia se provado um erro e, em dezembro, Mourinho já se fazia ouvir com muita força. Era um técnico de sucesso, que conhecia o Barcelona e entendia nossa essência. Ele não fazia parte da lista inicial de candidatos, mas vinha sendo bastante insistente.”

Ingla confirma que a derrota para o Real, no clássico de dezembro, acirrou os ânimos da diretoria e elevou as possibilidades de o português ser contratado. “Em janeiro de 2008, Frank estava em apuros”, diz. “Nós sofriamos uma pressão enorme do agente de Mourinho para nos encontrarmos com o português: ‘Ele conhece o clube’, ‘está preparado’, ‘entende o estilo de jogo’, ‘quer se encontrar com vocês’. Eles se ofereciam para a vaga de forma incansável.

“Precisávamos de critérios bem definidos para decidir se aceitaríamos ou rejeitaríamos uma reunião com ele. Txiki concluiu que Mourinho poderia provavelmente utilizar o nosso esquema 4-3-3. Já estava acostumado a usá-lo no Chelsea, ainda que adotasse um estilo mais baseado na força física. Mas acreditávamos que, com os jogadores que o Barcelona tinha, ele poderia se adaptar ao que desejávamos. Txiki dizia que, se olhássemos além do seu comportamento e caráter, ele era um cara que poderia valer a pena.

“Escolhemos Lisboa porque, se trouxéssemos Mourinho para [uma entrevista em] Barcelona, teríamos criado uma bagunça dos infernos. Assim nos preparamos para ir confidencialmente a um lugar seguro, a fim de termos uma conversa privada com ele. Uma questão muito importante era conhecer seus pontos de vista nos aspectos técnicos, saber como seria o futebol que ele gostaria de implantar no clube. No entanto, também estávamos negociando com a marca Mourinho; por isso, do ponto de vista da instituição que eu representava, precisava conhecê-lo pessoalmente.

“Esse encontro acabou me custando caro porque, quando concorri à presidência do Barça, em 2010, o fato de eu ter me encontrado com o português foi usado contra mim por Laporta. Essa foi uma atitude maliciosa dele, pois viajei para ver Mourinho enquanto realizava o meu trabalho. Era minha função avaliar as alternativas.

“Eu tinha de poder dizer, com autoridade, que [Jupp] Heynckes não entendia o Barcelona, que [Guus] Hiddink é um grande treinador, mas talvez não tivesse a idade ideal; tinha de conhecer [Laurent] Blanc, Mourinho, Pep e assim por diante. Eu me encontrei com Mourinho porque precisava conhecê-lo de perto.”

O que aconteceu nesse encontro foi fascinante e transformou-se num momento definitivo para o desenvolvimento do Barcelona moderno — assim como da Inter de Milão e do Real Madrid.

De acordo com as recordações de Inгла e Begiristain, Mourinho tinha preparado uma brilhante apresentação de PowerPoint. Sua autoconfiança estava intacta. Mesmo à distância, havia detectado o que existia de errado no clube e tinha visões claras sobre a melhor forma de tirar o Barcelona do caos em que se encontrava. Em circunstâncias normais, o material e o profissional exibidos teriam gerado tamanho impacto que a discussão passaria a ser sobre lhe dar ou não o emprego imediatamente.

Só que, nas reuniões — Inгла e Begiristain se encontraram com Mourinho individualmente, depois os três conversaram juntos —, foi possível identificar uma espécie de tendência que preocupou os dois espanhóis.

Inгла confirma: “Houve um momento em que eu lhe disse: ‘José, o problema é que você se desentende demais com a imprensa. Há muita agressividade. O treinador é a imagem do clube, conversa com os jornalistas e representa a instituição três vezes por semana. Você não pode iniciar um incêndio a cada coletiva, vai contra o nosso estilo’.

“Ele respondeu: ‘Eu sei, mas esse é o meu estilo e não vou mudá-lo’.

“Também me disse: ‘Pense no Van Gaal. Na primeira passagem pelo Barça, ele foi assim também e teve sucesso. Na segunda, virou uma mãe, mudou seu estilo e fracassou’.

“O que extraí da minha visita a José Mourinho, em resumo, é que ele pode

ser agradável, um sujeito encantador e muito simpático. Eu me diverti com ele e então Txiki se juntou a nós para ouvirmos suas ideias sobre o futebol em si. Mourinho tinha a fama de ser o melhor, sabia muito bem como se vender — mas ele não nos ouvia.”

Esse detalhe foi fundamental. Para Ingla e Begiristain, pareceu que Mourinho achava que, pelo clube estar mal das pernas, seus dirigentes não sabiam como resgatá-lo — apenas ele saberia. O português não deu ouvidos aos sinais de alerta emitidos pelo conselho do Barcelona, que dizia que ele deveria renunciar ao estilo beligerante para seguir como uma opção. Mourinho aparentemente se confundiu sobre quem estava dando as cartas naquela ocasião.

Ele sentia que suas conquistas pelo Porto e pelo Chelsea, seu poder no mercado de transferências, devido à crescente influência de Jorge Mendes, seu passado no Camp Nou e a capacidade para controlar os jogadores (algo que faltava a Rijkaard) o deixavam numa posição favorável.

Mas esse era um gigantesco erro de apreciação de sua parte.

Ingla e Begiristain tinham uma carta na manga. Eles que decidiriam a quem oferecer o cargo, e não estavam desesperados para resolver a questão de imediato — especialmente porque já suspeitavam que o homem certo para resgatar o Barcelona era Guardiola. A balança, definitivamente, pedia para o lado deles.

Ingla foi embora de Lisboa com a confirmação daquele que era seu maior medo: as atitudes de Mourinho eram inapropriadas. Begiristain também deixou Portugal cheio de dúvidas.

O diretor de futebol se convencera de que o Barça conquistaria troféus caso Mourinho fosse contratado dentro de três meses e meio, em junho de 2008. Mas, assim como Ingla, achava que o *Special One* tinha deixado a desejar.

Begiristain não conseguia imaginar Mourinho mudando de ideia e compreendendo que o clube não queria (ou não precisava de) bate-bocas com a imprensa duas ou três vezes por semana. Além disso, muito mais que o português na época, o basco achava que o Barça que ele próprio estava pensando em construir deveria valorizar o respeito pelo adversário, a honra nas

derrotas e outros conceitos sutis, porém importantes para o Barcelona como instituição. Enquanto voava de volta para casa, Txiki retomou suas reflexões, que iam ganhando contornos mais claros.

Tinha certeza (e continua tendo) de que Mourinho faria o Barcelona treinar bem, jogar um futebol decente, talvez pragmático, e conquistar títulos. Mas também tinha absoluta segurança de que essas vitórias iriam custar caro para os sócios, a diretoria, a marca Barcelona no âmbito internacional e uma série de outros valores intangíveis que o clube considerava essenciais.

Més que un club? Begiristain temia que Mourinho pensasse ser ele próprio mais que o clube.

Soriano também descreve o humor com que a força expedicionária enviada a Lisboa retornou a Barcelona depois da conversa com o treinador. “Txiki e Marc consideraram que Mourinho estava muito bem preparado”, afirma. “Foram três horas de entrevista, mas os dois saíram de lá achando que o português não era o cara certo. Marc disse que Mourinho ficou 90 por cento do tempo falando e não quis ouvir ninguém. E concluiu: ‘Eu simplesmente não gosto dele’.

“Txiki foi um pouco mais racional. Disse: ‘Mourinho se sairia bem, mas o número de incêndios que ele provocaria internamente e na relação com a imprensa não valeriam a pena.

“Devido à piora nos resultados e à forma como os jogadores de então vinham se comportando, alguns membros da diretoria diziam: ‘Precisamos ser ousados. Temos de contratar Mourinho. Ele é garantia de sucesso em campo’.

“Enquanto isso, outros diziam: ‘Temos de ir para o outro extremo, ser fiéis à nossa verdadeira essência e trazer Guardiola. Se ficarmos no meio do caminho, com alguém como Laudrup ou Blanc, não chegaremos a lugar nenhum’. O debate foi detalhado e muito intenso.”

Ingla ainda se ressentia da forma como sua missão profissional, totalmente justificável, acabou sendo distorcida posteriormente. Mas o processo todo não se encerrou em fevereiro, quando ele retornou de Lisboa.

Como ainda existiam vozes que se mantinham fortemente favoráveis a Mourinho, Ingla e Begiristain se tornaram fundamentais para a tomada de decisão sobre o próximo treinador do Barça. Afinal, eles é que tinham

encontrado o português e ouvido o que ele tinha a dizer. A opinião dos dois teria muito peso no desfecho da questão.

Pouco depois da volta para casa, Ingla se encontrou com Joan Laporta e Evarist Murtra, um dos principais defensores da contratação de Guardiola. Ele se lembra do episódio: “Eu fui ao escritório de Laporta e Murtra, então eles me perguntaram como as coisas tinham ido em Lisboa. Eu respondi: ‘O.k., valeu a pena ter ido, mas ele não é o nosso homem’. Hoje, estou ainda mais seguro dessa opinião. Eu recomendei expressamente que disséssemos não a Mourinho”.

Houve ainda uma última surpresa antes de Ingla e o restante da diretoria tomarem a inspirada decisão de apontar Guardiola como sucessor de Rijkaard: o próprio Pep perguntou ao vice-presidente se não seria melhor contratar Mourinho em vez de promovê-lo ao time principal.

Ingla tivera uma ideia clara, ao conversar com Mourinho, de tudo o que era possível descobrir quando se vai além do superficial — a capacidade técnica ou o currículo de um candidato — no momento de analisar a viabilidade de contratação de um treinador. Apesar de Begiristain, Alexanco e Johan Cruyff serem vozes relevantes que apoiavam o nome de Guardiola, ele queria ter certeza de que estava apontando o homem certo antes de informar à diretoria sua decisão final. Ao explicar o que aconteceu em seguida, ele dá a entender que Pep foi obrigado a enfrentar o mesmo processo meticuloso de seleção.

“Olha, eu nunca tinha contratado um técnico antes”, ele recorda. “Rijkaard chegou até nós por recomendação, depois de termos descoberto que seria impossível ter Hiddink e Koeman, em 2003, e a decisão foi de toda a diretoria. Em 2007, eu era vice-presidente de futebol e levava muito a sério aquela escolha e todo o processo de tomada de decisão, então o correto seria submetê-lo ao mesmo tipo de entrevista formal que tínhamos feito com Mourinho.

“Para conduzir o encontro, usei os mesmos nove critérios que havíamos escrito originalmente, e eles se referiam sempre a uma pergunta básica: como deve ser o próximo treinador do Barcelona?”

“Segui esse roteiro com Mourinho e fiz o mesmo com Pep. Ainda lhe disse: ‘Desculpa, Pep, espero que você entenda. Eu nunca escolhi um técnico antes’.

“No final da nossa conversa, Pep perguntou: ‘Por que não contratam

Mourinho? Seria mais fácil para vocês’.

“Então respondi: Não, existem alguns critérios nos quais ele não se encaixa e um desses critérios é o comportamento. Ele é totalmente inadequado para nós.”

Ingla, Soriano e Begiristain foram as três figuras centrais dessa parte da história (Laporta ouviu os conselhos que recebeu e desistiu das ideias de contratar Cruyff ou renovar o contrato de Rijkaard até 2010, quando seu mandato presidencial chegaria ao fim). Nenhum dos três dirigentes se arrepende da decisão de rejeitar Mourinho; todos eles olham para a forma como o português agiu entre o verão de 2010 e agosto de 2011 e respiram aliviados por ele não ter tido a chance de agir da mesma forma no comando do Barcelona.

No entanto, Ingla, Soriano e Begiristain tampouco têm qualquer dúvida de que, caso Mourinho tivesse sido o nome escolhido, os padrões fossem elevados e a equipe passasse a praticar um futebol vencedor e de imposição física, pouquíssimas pessoas bateriam às portas do Camp Nou para questionar: “Por que vocês não contrataram um catalão inexperiente, de 37 anos, no lugar dessa máquina vencedora portuguesa?”.

Além disso, acredito que, naquele momento, os homens responsáveis pela decisão achavam que a porta estava se fechando para Mourinho apenas temporariamente. Os três acreditavam que ele continuaria levantando taças em outros clubes (o que realmente aconteceu), amadureceria e talvez até abrandasse o personagem midiático que criara para si (tire suas próprias conclusões). Então, poderia voltar a ser uma opção dentro de cinco, dez ou quinze anos, no momento ideal para assumir o trabalho no Camp Nou pelo qual tanto ansiava. Por tudo isso, a forma como Mourinho veio a se colocar, deliberadamente, no papel de inimigo número um do Barcelona nos tempos que se seguiram tem um peso ainda maior. Hoje ele já não pode sequer imaginar ser contratado para o cargo.

“Mourinho está destilando veneno pelo fato de ter sido rejeitado”, diz Ingla. “Neste momento, nós somos o clube dos sonhos. Com os jogadores que temos, a melhor coisa que pode acontecer a alguém é ser treinador desse time. Há o rancor, mas também o fracasso de não estar brilhando em Madri.”

Begiristain tem uma sensação ainda mais clara, a de que apenas a ira por não ter sido contratado pelo Barça explica o comportamento de Mourinho em sua temporada de estreia no Real. Afinal, os jogadores com que ele contaria na Catalunha pareciam garantias de que alcançaria dois dos três grandes objetivos de sua carreira: vencer três Champions League por três clubes diferentes e ser campeão dos três principais campeonatos nacionais da Europa: Inglaterra, Itália e Espanha.

Aqueles que o rejeitaram já imaginavam receber alguma espécie de troco na primeira vez que o Barcelona enfrentasse uma equipe de Mourinho, e tiveram certeza disso com a Inter de 2010, mas a verdadeira surpresa para eles foi ter identificado a atitude de “bebê chorão” nos oito primeiros meses do português em Madri. Essa nova dinâmica também acrescentou um novo elemento a uma rivalidade já estabelecida, cuja história recente influenciou decisivamente o desenvolvimento do Barça multicampeão de 2008 a 2012.

O ano crucial nessa história é 2000. O Barcelona já havia se afundado no âmbito institucional e ia tomando o mesmo rumo dentro de campo.

Um desmoralizado Pep Guardiola estava prestes a deixar o Camp Nou. Xavi, Carles Puyol, Andrés Iniesta, Leo Messi, Gerard Piqué e Cesc Fàbregas já se encontravam no clube, mas Luís Figo acabaria indo embora. Naquele ano, fomos assombrados pela primeira vez por uma filosofia que tem sido essencial para o Real Madrid desde então.

Em 16 de julho de 2000, o multimilionário magnata da construção Florentino Pérez conquistou a maioria absoluta dos votos na eleição presidencial do clube da capital espanhola, apesar de seu adversário, o então presidente Lorenzo Sanz, ter vencido duas Champions nas três temporadas anteriores.

Os dois clubes foram transformados pelas eleições daquele verão. Joan Gaspart foi desastrosamente alçado ao cargo de presidente e sofreu uma derrota monumental quase imediatamente depois de assumir: o Real Madrid pagou a cláusula de rescisão de Figo e convenceu o português a concretizar a polêmica transferência, deixando de mãos atadas o antigo empregador.

O reinado de Florentino Pérez passou então a ser chamado de era dos *galácticos*, um apelido que tinha como origem as referências da imprensa à

“galáxia” de estrelas que começou a brilhar no Santiago Bernabéu.

Essa política de contratações, no entanto, era descrita pelo próprio novo mandatário, por seu leal e talentoso braço direito, José Ángel Sánchez, e por Jorge Valdano como a dos “Zidanes e Pavones”. A manobra espetacular que arrancou Figo do arquirrival capturou a atenção de todo mundo, mas existia uma estratégia paralela a essa em desenvolvimento, que também se baseava em aspectos econômicos.

O propósito principal de Florentino e Sánchez era contratar, a cada verão, o jogador que o Real considerasse o melhor do mundo. Depois do início com Figo, o alvo do ano seguinte foi Zinédine Zidane. Essa iniciativa, contudo, seria contrabalançada pela renovação do interesse nas *canteras* do clube. Jogadores formados pelos *blancos*, que amavam e entendiam o clube, como Raúl, Guti e Iker Casillas, jogariam ao lado dos grandes astros. Como naquele momento o garoto mais celebrado da base era Francisco “Paco” Pavón, o plano desenhado por Florentino Pérez ficou conhecido como a estratégia dos “Zidanes e Pavones”.

Olhando para trás, depois de tantos anos, podemos concluir que o planejamento foi um fracasso, já que o último jogador formado no próprio clube que conseguiu se firmar no time principal foi Casillas. O goleiro apareceu pela primeira vez na equipe em 1997/1998 e estreou em setembro de 1999. Desde então, todos os *canteranos* de qualidade revelados em Madri tiveram de jogar por outros clubes para encontrar o sucesso. Foi o que aconteceu com o excelente Álvaro Arbeloa, recontratado do Liverpool — em transação semelhante às realizadas pelo Barça com Piqué e Fàbregas —, e com José María Callejón, trazido de volta do Espanyol três anos depois de ter sido liberado.

O Barcelona iniciou os anos 2000, portanto, ferido quase mortalmente e com Gaspart paranoico em relação ao risco de perder outras estrelas para o Real da mesma maneira que havia acontecido com Figo. Quando Joan Laporta chegou à presidência, os principais astros do Camp Nou recebiam salários enormes, de até 6 milhões de euros anuais, além de verbas adicionais que chegavam a 30 mil euros por partida disputada. Esses valores estratosféricos eram uma reação ao trauma sofrido com a perda de Figo.

Apesar de tudo isso, na década seguinte o Barça — e por consequência a

seleção espanhola — acabou florescendo, graças a uma política de valorização dos *canteranos* que resultou na formação de Carles Puyol, Andrés Iniesta, Lionel Messi, Cesc Fàbregas, Gerard Piqué, Pedro, Bojan, Fernando Navarro, Sergio Busquets, Pepe Reina, Víctor Valdés, Mikel Arteta, Thiago e muitos outros. Nem todos permaneceram, mas a maioria ficou e se desenvolveu no clube catalão.

No mesmo período, o Real produziu mas não conseguiu aproveitar da forma correta talentos como Juan Mata, Álvaro Negredo, Borja Valero, Diego López, Dani Parejo, Javi Portillo, Roberto Soldado, Javi García e José Manuel Jurado. Tamanha falha já seria por si só um constrangimento para uma instituição futebolística tão orgulhosa quanto o Real Madrid, mas, diante da promessa original de Florentino feita durante as eleições, de mesclar os melhores jogadores do mundo com *canteranos* de excelência, o desfecho soa como uma espécie de traição.

Até hoje, o Real segue tomando decisões administrativas que acabam reduzindo as possibilidades de suas categorias de base renderem bons frutos.

Para começar, há no clube o impulso de buscar sempre o sucesso imediato, e não um desenvolvimento sustentável. Florentino Pérez e Ramón Calderón, os dois presidentes mais significativos da década de que estamos falando, nunca se preocuparam em usar o dinheiro para promover o crescimento orgânico do Real, e acabavam por tomar medidas que serviam apenas para compensar exatamente a ausência desse crescimento — estratégia que, por tabela, sufocava o potencial das melhores promessas.

Além disso, houve uma sequência de treinadores (Mourinho foi o 11º desde as eleições de 2000) que não demonstrou interesse em promover os jovens talentos, pois eles sabiam que permaneceriam no cargo durante pouco tempo, convivendo com as exigências por um futebol que trouxesse glórias imediatas — ou então porque foram demitidos tão rapidamente que não tiveram tempo o suficiente para refletir e dar oportunidade às promessas da base.

Por essas razões, e apesar do fato de a primeira era Florentino Pérez no clube ter acabado como um fracasso retumbante, vale a pena recordar como o mundo do futebol se encantou desde o início com o projeto.

Havia um elemento de profecia autorrealizável na crença de que o Real, ao

contratar o melhor jogador disponível a cada ano, conseguiria jogar bem e ganhar títulos. E, em certo sentido, a ideia foi bem-sucedida. Aos mercados emergentes do mundo do futebol, o clube ofereceu justamente os valores mais desejados: glamour, talento, espetáculo. Era como se o Real Madrid tivesse se tornado a Hollywood do futebol.

Durante uma entrevista, Sánchez me explicou que o Real vinha usando pesquisas de mercado para descobrir qual seria o impacto de uma nova grande contratação no Japão, na Coreia do Sul, na China e na Malásia. As pesquisas realizadas indicavam que o torcedor-padrão asiático se sentia extremamente atraído pela força, tradição e sucesso do futebol europeu, assim, apesar de dois clubes em especial — Manchester United e Bayern de Munique — estarem muito à frente na exploração desses mercados, o Real imaginava ter encontrado um trunfo para alcançá-los.

As pesquisas também mostravam que os torcedores asiáticos tratavam a questão da fidelidade a um clube de futebol de forma muito diferente em relação aos europeus.

Por muitos anos, escrevi e trabalhei como repórter para a rede SportSCN de Xangai. Nas visitas que fiz à empresa, conheci jornalistas e editores sedentos por informação, que se levantavam no meio da madrugada para assistir aos jogos da Champions League e eram tão apaixonados por futebol quanto eu. Até por isso, foi uma surpresa para mim descobrir que muitos pais chineses não gostavam da ideia de ver seus filhos praticando ou acompanhando a modalidade.

O ponto principal para que as famílias chinesas não quisessem ver suas crianças envolvidas com o futebol era a ligação do esporte com episódios de corrupção e grandes escândalos. Só que os grandes nomes do futebol europeu pareciam estar ajudando a mudar esse cenário de suspeitas e desconfiança. Pude testemunhar atitudes de devoção absoluta a clubes como Real Madrid, Manchester United e Barcelona entre os chineses, no mesmo nível visto entre os europeus. Esses fãs asiáticos até vestiam as camisas dos clubes e torciam por eles, mas, segundo as pesquisas do Real, demonstravam ainda maior fidelidade aos grandes jogadores de cada esquadra.

Como resultado, o Real Madrid concluiu que podia “comprar” a lealdade

desse torcedores, desde que continuasse renovando continuamente sua lista de astros. Então, com nomes como Figo, Zidane, Ronaldo, David Beckham, Michael Owen, bem... Jonathan Woodgate e, posteriormente, Kaká e Cristiano Ronaldo, a ideia foi posta em prática, tanto por Florentino Pérez quanto por Ramón Calderón.

Em razão dos anos de seca e resultados embaraçosos do final desse período, podemos nos esquecer de que o Real Madrid jogou sim um futebol divertido, vencedor e criativo entre os anos de 2000 e 2003, antes que a coisa toda desandasse, a preguiça se instalasse no clube, e o mandato de Florentino, que acabou renunciando, se encerrasse em 2006.

Os erros cometidos pelo Real permitiram que o Barcelona voltasse a concorrer naquela que parecia a corrida de um só cavalo.

Florentino chegou a forçar as saídas de Vicente del Bosque e Fernando Hierro do clube, em parte devido ao apoio que os dois ofereceram a Fernando Morientes. Del Bosque havia conduzido o clube a oito títulos em dois anos — incluindo duas Champions League, dois campeonatos espanhóis e o mundial de clubes —, mas durante o último ano de sua passagem pelo Bernabéu, seu relacionamento com o presidente se tornou apenas protocolar. Já Hierro, o capitão da equipe, fez declarações sobre como Morientes vinha sendo pressionado a sair e o desejo de Florentino de que o atacante jogasse o mínimo possível, para que assim decidisse ir embora. Então, depois do jogo da conquista do título, Hierro e seus companheiros mostraram todo o descontentamento com o presidente do clube ao se recusar a dar mais uma volta olímpica diante dos torcedores do Real, no Santiago Bernabéu.

Quando deixou o clube, Hierro — um jogador brilhante que representava o espírito do Real Madrid que veio sendo minado ao longo dos anos anteriores — disse: “Nós não agimos de cabeça quente. A única coisa que fiz, como capitão da equipe, foi defender meus companheiros. Minha consciência está limpa. O clube nos disse algumas coisas, e os jogadores decidiram mostrar que não estavam de acordo”.

Um dia depois da conquista, Del Bosque foi informado de que seu contrato não seria renovado. Segundo Florentino, o treinador parecia “exausto” e não era mais “o caminho certo para o clube”.

Jorge Valdano, um homem elegante e articulado, mas também muito dedicado às ideias do presidente, falou sobre o acontecido em 2003. “Del Bosque chegou ao fim de um ciclo e o melhor é que isso aconteceu enquanto estamos no ponto mais alto. Queremos evitar um declínio gradual. Trabalhar por muito tempo com o mesmo treinador pode levar à inércia um elenco que não passa por mudanças significativas a cada ano. Se nosso elenco não viverá uma transformação radical, então é importante alterar os comandos que os jogadores ouvem repetidamente.”

A cultura no clube, durante esse período, era a de que os *galácticos* podiam fazer tudo, desde que sua imagem continuasse rendendo dividendos. Se um atleta importante quisesse um dia de folga dos treinos, não precisaria falar com Del Bosque: pediria permissão diretamente para Florentino ou seu estafe, alegando por exemplo que “meus patrocinadores querem me encontrar nesse dia”. Esses mesmos patrocinadores traziam dinheiro para os cofres do Real, num regime de compartilhamento dos direitos de imagem, o que significava que a máquina de fazer dinheiro de Florentino Pérez estava funcionando muito bem.

O declínio físico dos atletas foi evidente, e era impossível não estar do lado de Del Bosque no imbróglio que levou à sua demissão. Na época, Florentino disse: “Cada treinador tem seu estilo. Del Bosque faz o estilo clássico, mais tradicional. Nós queremos alguém que seja tecnicamente superior, tanto no campo da estratégia quanto no do condicionamento físico, porque nossa equipe será mais forte assim. Del Bosque não é o técnico ideal para o futuro do Real Madrid”.

Na verdade, a direção do Real já tinha o homem ideal, mas não se dava conta disso. Mesmo oito anos depois da demissão, Del Bosque seguia sendo um treinador vigoroso, inteligente e “moderno”. Bateu o recorde de vitórias com a seleção espanhola e se tornou em 2010 o primeiro técnico a vencer uma Copa do Mundo depois de ter estreado com derrota. Após sua saída, o Real demorou quatro anos para conquistar um título importante — foi campeão espanhol em 2007, com Fabio Capello. E, claro, assim como acontecera com Del Bosque, a recompensa para o italiano foi a porta da rua: cortesia do sucessor de Florentino, Ramón Calderón.

Entre 2003 — ano em que Joan Laporta chegou à presidência, contratou Frank Rijkaard e fez nascer o Barcelona moderno — e 2011, o clube catalão teve dois técnicos: Rijkaard e Guardiola. No mesmo período, o Real teve onze. O Barça contou com dois diretores de futebol (Txiki Begiristain e Andoni Zubizarreta), enquanto cinco nomes diferentes trabalharam no Bernabéu.

Um dia depois de ser apresentado no antigo centro de treinamentos do Real Madrid como substituto de Del Bosque, Carlos Queiroz teve um encontro comigo e com o jornalista Sid Lowe. O português havia acabado de descobrir que, enquanto negociava sua saída do Manchester United, onde atuava como assistente de Alex Ferguson, o Real havia tomado a decisão de vender Claude Makélélé, o homem responsável pela marcação no meio de campo e que jogava logo atrás dos superastros Luís Figo, Zinédine Zidane, Raúl, Ronaldo e David Beckham.

“Eles fizeram isso sem me consultar”, Queiroz se queixou naquele dia. “Pedir para ganhar o campeonato ou a Champions sem um meio-campista defensivo de primeiro escalão é como enviar um escalador ao Everest sem oxigênio.”

O Real só conseguiu alguma estabilidade quando Capello chegou pela segunda vez ao Bernabéu. A equipe montada pelo italiano protagonizou uma das temporadas mais emocionantes da história recente do futebol espanhol e conquistou o título nacional graças a uma sequência incrível de vitórias de virada. Depois de um amistoso pós-campeonato em Israel para encher os cofres do clube, Capello estava de partida para um período de férias no Tibete, já ciente de que seria demitido. “A campanha para conquistar este campeonato foi como uma luta para vencer um pântano de areia movediça.”

Também não há dúvidas de que quando Manuel Pellegrini diz que quebrou recordes e levou a equipe madrilenha a praticar um bom futebol em seu curto período de um ano no Bernabéu, ele tem razão. Até o time de José Mourinho na temporada 2011/2012, nenhuma outra equipe do Real havia superado os 96 pontos alcançados com o chileno no comando. O Barcelona vivia seu extraordinário renascimento com Guardiola, e mesmo assim conquistou o título com apenas três pontos de frente. O próprio Pep não acreditava na forma como Pellegrini vinha sendo tratado em Madri.

No entanto, o ápice da crise existencial do Real veio quando a decisão da Champions foi disputada no Bernabéu, em 2010 — partida vencida pela Inter de Mourinho, que viria a ser o próximo treinador dos *blancos*. Durante a semifinal, o técnico do Arsenal, Arsène Wenger, fez o seguinte comentário: “O melhor talvez seja esperar do lado de fora do Bernabéu para ver quais jogadores eles vão liberar neste verão”. Era uma frase irônica e espirituosa sobre o hábito do Real de vender joias de 24 quilates pelo preço de 24 cebolas. Na ocasião, com exceção do Barça, os outros três semifinalistas da Champions eram liderados dentro de campo por atletas antes rejeitados pelos espanhóis.

Autor de um gol e de uma assistência no primeiro jogo da semifinal entre Inter e Barça, o holandês Wesley Sneijder havia sido figura essencial na conquista do título espanhol de 2008, mas acabou vendido pelo Real — que perdeu 12 milhões de euros na operação — aos italianos. No novo clube, virou uma das principais figuras do futebol europeu. A Inter foi muito superior ao Barcelona nesse jogo de ida das semis, em Milão, e usou quatro jogadores que haviam sido vendidos por Florentino: Samuel Eto’o, Walter Samuel e Esteban Cambiasso, além de Sneijder.

Na outra semifinal, Arjen Robben, que já havia marcado gols decisivos para o Bayern nos confrontos contra Fiorentina e Manchester United, fez outra vítima: o Lyon, justamente o clube responsável pela eliminação do Real. O atacante holandês fora inexplicavelmente cedido aos alemães antes de ter a oportunidade de formar uma assustadora parceria com Cristiano Ronaldo no time comandado por Pellegrini.

Quanto mais pensamos no assunto, pior vai ficando. Desde que foi rejeitado pelo Real, e até 2012, Eto’o conquistou quinze títulos no futebol de clubes, mesma marca alcançada por Cambiasso. Já Samuel ganhou catorze; e Sneijder, seis. Nas duas primeiras temporadas depois de deixar a Espanha, Robben faturou três taças. O atacante, junto com Sneijder, também foi peça fundamental na Holanda vice-campeã da Copa do Mundo de 2010.

A questão toda é que chegou a um ponto em que o clube de Madri não era capaz de produzir os “Pavones” e tampouco se esmerava em manter os “Zidanes” depois de encontrá-los. A partir do grande passo à frente dado em 2000 e dos primeiros títulos, o Real viu afundar o projeto de criar grandes

times em prazos cada vez mais curtos.

Já na metade da temporada 2011/2012, no entanto, estava claro que José Mourinho vinha fazendo o Real Madrid evoluir, e que seu trabalho ainda estava em fase de desenvolvimento. A qualidade das contratações, como Mesut Özil e Ángel di María, era indiscutível. Além disso, o português havia conseguido resgatar Kaká e ajudara Cristiano Ronaldo a amadurecer. O time se tornava cada vez mais forte e perigoso e praticava um futebol agradável de se ver.

Logo na chegada ao clube, Mourinho disse que passar uma temporada sem títulos no Real seria impensável, sobretudo dada a recorrente humilhação do clube nas mãos do Barcelona, mas que suas equipes sempre iam melhor em seu segundo ano de trabalho.

O português também afirmou: “Meu relacionamento com Pep Guardiola era bom, é bom e continuará sendo bom. Se tivermos alguma desavença proporcionada pelo futebol, ela não se tornará um problema entre José Mourinho e Pep Guardiola, mas um problema entre os técnicos do Real Madrid e do Barcelona, o que é totalmente diferente. Eu o respeito tanto quanto acho que ele me respeita. Não há qualquer problema pessoal entre a gente, muito pelo contrário. É claro que não posso lhe desejar sorte neste momento, já que vamos disputar os mesmos troféus, mas, exceto por isso, não há nenhum problema entre nós”.

Só que as palavras e atitudes de Mourinho acabaram posteriormente traindo todo esse sentimento e, no final de sua primeira temporada no Real, certamente já existiam problemas entre os dois.

Houve outra declaração do português na chegada a Madri que mostra bem o quanto ele se distanciou, ao longo de sua primeira temporada, do caminho que havia projetado.

“O que digo para quem trabalha comigo é que é importante ‘enxergar’ bem as coisas, mas que é ainda mais importante levar a informação que foi identificada à pessoa certa, no momento certo e do jeito certo. A qualidade da informação que nós acabamos recebendo é mais importante do que a qualidade da informação que foi coletada.

“A experiência me ensinou que se você não é o treinador do time principal,

terá mais tempo para observações e análises. Mas, se você é o encarregado pelo time, também é preciso estar pronto para analisar os problemas e tomar as decisões, mesmo sob pressão. É isso o que os cientistas chamam de ‘inteligência emocional’. Uma coisa é um assistente nas arquibancadas ou um analista que assiste a um mesmo jogo no computador uma, duas, talvez dez vezes. Outra bem diferente é a alta tensão que existe durante uma partida, quando não dá para você apertar o *pause* e dizer: ‘Espera um pouco, quero ver isso de novo’. O ambiente de jogo é totalmente diferente; está a quilômetros de distância de todas as outras coisas que fazemos.”

Trata-se de um retrato fascinante da ética de trabalho de Mourinho e de sua tentativa de fazer da gestão de um elenco de futebol uma questão científica, mas algumas de suas atitudes e decisões contrastaram com seu próprio conceito de “inteligência emocional”. Se as análises feitas pelo técnico e seus assistentes eram tão boas quanto acreditava, por que então ele achou que poderia encarar o Barcelona de igual para igual no Camp Nou, em novembro de 2010? A goleada por 5 a 0 condicionou todo o restante daquela temporada e representou uma das demolições mais completas e violentas da história do clássico.

Talvez o único fator que minimize um pouco a vergonha vivida pelo Real naquela partida foi o nível do futebol praticado pelo Barcelona. A equipe de Guardiola envolveu o adversário completamente, e minha percepção é a de que, até a final da Champions de 2011, em Wembley, eu nunca tinha ouvido tantas vozes diferentes, no ambiente do futebol profissional, perguntando-se se aquela fora a melhor performance que já haviam testemunhado.

A chuva fria que caía naquela noite não prejudicou o espetáculo e deve ter contribuído para acentuar o sentimento de humilhação dos jogadores do Real. A violenta entrada de Sergio Ramos em Messi, que lhe valeu um cartão vermelho no jogo, seria o prenúncio dos confrontos da primavera seguinte. E, mesmo antes de deixar o campo, o zagueiro ainda empurraria o rosto de Carles Puyol, se estranharia com Gerard Piqué e trocaria insultos com Xavi. Todos os pactos de não agressão selados entre os jogadores de Barça e Real, um legado da conquista da Copa do Mundo de 2010, foram rasgados naquela noite.

Então, durante a frenética série de clássicos contra o Barcelona, na

primavera de 2011, Mourinho mudou sua aposta e se equivocou mais uma vez. Jogar um futebol tão defensivo no segundo embate pelo campeonato espanhol, jogo que terminou empatado em 1 a 1, e depois repetir a tática no jogo de ida das semifinais da Champions League, após ter derrotado o Barça na final da Copa do Rei entre uma partida e outra, não foram apenas traições à história do Real Madrid, mas também constituíram erros do ponto de vista estratégico.

E onde estava a inteligência emocional de Mourinho quando ele foi expulso na Champions e vociferou sobre conspirações obscuras depois da partida, ou então quando enfiou o dedo no olho de Tito Vilanova durante a final da Supercopa, em agosto?

Até mesmo Guti, um ferrenho *madridista*, criticou o homem que estava à frente do clube. “Há coisas que não gosto em Mourinho”, disse o jogador, que deixou o Real pouco depois da chegada do treinador. “O que move o Real Madrid é um sentimento de honra, de sempre assegurar que sua camisa histórica seja mais importante do que as pessoas que passam pelo clube a cada momento. O Barça está vencendo por seus próprios méritos, não por causa da ajuda dos árbitros.”

No momento em que Mourinho controlar a própria irritação com Guardiola e o Barcelona, deixando de fugir dos seus padrões de comportamento, e tirar da cabeça as imaginadas conspirações a favor do Barça, o Real enfim terá o técnico que merece — e o Barcelona ganhará um adversário significativamente mais perigoso.

ÉRIC ABIDAL: O CONVERTIDO

ÀS VEZES, AO ANALISAR esse Barça de ouro, é essencial contar com o benefício do olhar em retrospectiva. Se durante os primeiros dias de Éric Abidal em Barcelona alguém afirmasse que o clube estava para ingressar em uma nova era de sucesso, você fatalmente apostaria tudo contra o francês e diria que ele estaria bem longe de lá antes mesmo que qualquer sinal de progresso fosse identificado.

Pois quando chegou à Catalunha, Abidal reclamou do ambiente e do relacionamento com os outros jogadores — e, de modo geral, sentia que a vida na cidade não era o mar de rosas que tinha imaginado. Apesar de ter desejado a saída do Lyon, sua rotina na França parecia agradá-lo muito mais.

Quando Pep Guardiola foi apresentado ao elenco e falou de forma extremamente enfática sobre os desafios que os jogadores teriam pela frente, enquanto os fazia correr e suar durante aqueles meses de verão e muito calor, foi Abidal quem, além de considerar desagradável o tom de Guardiola, precisou de uma conversa com o presidente Joan Laporta para entender o modo de ser e agir do novo treinador.

A elegância, a velocidade e as outras qualidades futebolísticas do francês nunca estiveram em questão. O que provocavam dúvidas eram a atitude do defensor e a forma como ela poderia influenciar os demais atletas. Felizmente, descobriu-se que Abidal buscava, no fim das contas, os mesmos elementos que o novo técnico queria instigar em um elenco até então bastante disfuncional.

Quanto mais ousado o estilo de futebol do time, quanto maior a necessidade de trabalho e mais altas as expectativas, mais Abidal se destacava. À medida que isso acontecia, sua personalidade obstinada ia se tornando mais conhecida e ele ganhava o respeito e a admiração de todos à sua volta.

Também é verdade que, sem o francês, Guardiola não teria conseguido passar a adotar uma defesa de três homens com tanta frequência durante as

partidas. Antes de a estratégia ser desenhada, no entanto, Abidal já atuava ocasionalmente ao lado de Piqué ou Puyol como zagueiro, e seu talento para o papel — longe da lateral esquerda, sua posição de origem — era fundamental para que a primeira linha de defesa pudesse contar com um jogador a menos.

Muito antes do diagnóstico de tumor hepático, em março de 2011, ele já havia se tornado um dos líderes do elenco. Na temporada da tríplice coroa, a primeira de Guardiola, a defesa esteve muitas vezes desfalcada por problemas de lesão e suspensão, mas Abidal sempre conseguiu se adaptar e cumpria bem qualquer desafio que lhe era apresentado.

Antes da final da Champions de 2011, em Wembley, ele me contou que em novembro do ano anterior, quando participara da vitória da França sobre a Inglaterra no mesmo estádio, tinha deixado para si mesmo um breve recado no vestiário, que esperava poder voltar para buscá-lo em maio do ano seguinte. O recado já não estava mais lá, mas ele retornou — apesar do prognóstico médico de que se tratava de um objetivo inviável.

É possível que não exista na história moderna do Barcelona um momento mais emotivo e comovente que a decisão de Carles Puyol, o mais catalão dos catalães, de conceder a braçadeira de capitão e o direito de ser o homem a levantar o troféu da Champions League daquele ano ao companheiro recém-recuperado de um câncer. Esse episódio diz tudo o que você precisa saber sobre que tipo de homem é Éric Abidal.

¹ O documento elaborado por Inglá é reproduzido em sua totalidade no Apêndice D.

12. O MAIOR DE TODOS



Messi é o jogador que faz a diferença, que nos leva a outro nível. Ele nunca será repetido. Ele é o melhor jogador que eu vi, o melhor jogador que vou treinar. Pep Guardiola

POR IRONIA DO destino, a confirmação de Lionel Messi como estrela do mundo do futebol veio pela conquista da versão júnior de uma competição que é a pedra no sapato tanto dele quanto de sua seleção: a Copa do Mundo. O verão em que ele se sagrou campeão mundial sub-20, na plenitude dos seus dezoito anos e com uma fila de interessados em contratá-lo, foi um momento fundamental em sua relação com o Barcelona. Seu contrato com o clube ainda não o blindava totalmente, sua trajetória era ascendente e prometia alcançar alturas cada vez maiores. Não seria estranho se os chamados de Chelsea, Milan e Manchester United pudessem ter mexido com a cabeça de Leo e Jorge Messi, seu pai. Mas, para a sorte do Barça, a saída não aconteceu — em parte porque o clube contava com um diretor de futebol muito atento. Logo voltaremos a esse assunto.

O Mundial sub-20, disputado na Holanda, não começou bem para Messi. O técnico da Argentina, Francisco Ferraro, deixou-o no banco contra os Estados Unidos, fez o mesmo com Agüero, e acabou amargando uma derrota por 1 a 0. Enquanto isso, a Espanha, com Raúl Albiol, Fernando Llorente, David Silva e José Enrique, iniciava a trajetória que a levaria à liderança de seu grupo.

A Argentina se recuperou com uma vitória por 2 a 0 contra o Egito, quando Messi começou jogando e marcou; na sequência veio outro triunfo, por 1 a 0 sobre a Alemanha.

Messi também foi às redes no 2 a 1 sobre a Colômbia, pelas oitavas de final, voltou a marcar no 3 a 1 contra a Espanha, nas quartas, e — para coroar tudo o que vinha fazendo até então — abriu o caminho para a vitória por 2 a 1 sobre o Brasil, que colocou os argentinos na decisão. No lance do gol, partiu da direita, passou por dois defensores e, com um de seus típicos arremates de canhota, de fora da área, mandou a bola no ângulo.

Apesar de tudo de extraordinário que aconteceu na vida de Messi desde então, esse ainda é um dos momentos mais especiais de sua trajetória no futebol. Afinal, ele começou o torneio no banco, ganhou lugar no time e pôs sua equipe na final com uma vitória sobre o maior rival dos argentinos. E tudo isso sob os olhares atentos do diretor de futebol do Barça, Txiki Begiristain, que

fora à Holanda para acompanhar a promessa do Barça e lhe entregar um novo contrato.

Até completar dezoito anos, Messi não podia assinar nenhum vínculo com mais de três anos de duração. Então, em 24 de junho de 2005, um novo acordo de cinco anos, muito mais proveitoso financeiramente, estava pronto para ser assinado por todas as partes envolvidas: Barça, Messi e seu pai-empresário. Pelo novo contrato, seu salário ainda estaria mais para o de um atleta do Barcelona B que para o de um titular da equipe principal, mas, apesar disso, o clube deu um jeito de estabelecer uma multa rescisória no valor de 150 milhões de euros — bem mais comum para jogadores com salário na casa dos 5 milhões de euros anuais.

O Barça tinha percebido que estava correndo riscos. Ainda que Messi e sua família estivessem totalmente satisfeitos em Barcelona, a indefinição sobre seu passaporte espanhol, as aparições do craque no time principal e a possibilidade de os grandes predadores do futebol europeu pagarem a multa de sua rescisão para levá-lo embora — como acontecera com Figo — ligaram o sinal de alerta no clube.

Pouco antes da final em Utrecht, Diego Maradona ligou para o hotel onde a Argentina estava hospedada para falar com Messi e lhe pediu que assumisse a responsabilidade de trazer o troféu. O garoto prometeu que faria seu melhor, e então marcou dois gols, ambos de pênalti, na vitória por 2 a 1 sobre a Nigéria. Tinham se passado 26 anos desde que Maradona levara a Argentina a outro título mundial sub-20, e Messi, além da taça, também faturou os prêmios de artilheiro e melhor jogador da competição. Ao levantar o troféu, vestia uma camiseta estampada com o nome de sua irmã, de um primo e dois sobrinhos. Mais Messi, impossível.

“Diego pediu o troféu quando me ligou, e agora ele está aqui”, disse. “Então, essa vitória foi para ele, para minha família e para todos na Argentina que amam o futebol. Minha mãe está preparando um armário para eu colocar todos os prêmios que ganhei na Holanda. Mas esse armário fica em Rosario, não na Espanha. Esses são troféus que pertencem à Argentina, então devem ficar no nosso país.

“Não gosto quando todos os holofotes estão apontados para mim. Tudo o

que espero é que essa conquista me dê mais tempo de jogo no Barça, é o melhor que pode acontecer.”

Mas, pelo menos naquele momento, não se sabia se seu desejo iria se realizar. José Ramón Alexanco, o capitão na conquista da Copa da Europa em Wembley, em 1992, havia assumido o comando de La Masia naquele verão. Ele disse sobre o garoto: “Messi continuará contratado como jogador do time B, ainda que inicie a temporada na equipe principal. Temos ouvido algumas críticas a esse respeito, mas caso Frank Rijkaard não o utilize com muita frequência, ele tem que continuar livre para atuar pela segunda equipe, se desenvolvendo e mantendo o prazer de jogar futebol”.

Begiristain, o diretor de futebol, foi ainda mais claro. “Não há nenhum motivo para emprestá-lo com o objetivo de ganhar experiência. Eu falei com Leo e seu pai, e está decidido que ele começará a temporada com o elenco de Rijkaard. Apenas se ele não estiver jogando tempo o suficiente, vamos discutir a situação novamente.”

O relacionamento do estafe de Messi com Begiristain e o vice financeiro, Ferran Soriano, era bom. Mesmo assim, Jorge queria saber se seu filho teria mais espaço no time principal ao longo da nova temporada. E perguntou a Begiristain se não seria boa ideia pensar em um empréstimo. Coincidentemente, durante essa mesma época, o então assistente técnico do Rangers, Jan Wouters, vinha conversando com o auxiliar de Rijkaard, Henk ten Cate, sobre a possibilidade de cessão do argentino.

Descobriu-se então que Jorge e Begiristain tinham a mesma opinião sobre o melhor caminho para o desenvolvimento de Messi. Só que nenhum dos dois tinha controle direto sobre as decisões de Rijkaard. Era do holandês a última palavra sobre quem jogaria e quem ficaria de fora.

Na opinião de Begiristain, o fato de Rijkaard e Ten Cate estarem considerando o empréstimo de Messi e Iniesta tinha por trás o desejo de não precisar enfrentar uma questão espinhosa: os dois garotos, ou um deles, mereciam ser titulares da equipe? Será que a imprensa catalã estava encantada demais com as duas promessas de La Masia? Eles estavam fisicamente prontos para suportar os mais de trinta jogos do campeonato espanhol por temporada?

O diretor de futebol, que permanecera ao lado de Rijkaard em seus piores

momentos, em 2003, queria que o treinador e seu auxiliar enfrentassem o desafio de responder a essas perguntas.

Begiristain então disse a Jorge Messi que Leo não seria emprestado “pelo menos até dezembro”. Se o garoto ainda não estivesse jogando regularmente, eles sabiam que toda a primeira divisão da Espanha estaria formando fila para tentar sua contratação por empréstimo.

Ele também deu um recado claro para Rijkaard e seus auxiliares: se Messi e Iniesta não estavam prontos para o time principal, eles é que deveriam prepará-los. O empréstimo não seria uma opção.

Naquele momento, os olhares da federação espanhola estavam todos sobre Messi. Pelas regras da Fifa, como ele ainda não tinha disputado um jogo oficial pela seleção principal da Argentina, cumpridos certos requisitos, poderia ainda atuar pela Espanha. Os cinco anos de residência no país já o qualificavam para a cidadania, por isso o passaporte espanhol de Messi havia tempos vinha sendo perseguido pelo Barça, que se beneficiaria muito da possibilidade de não o escalar como um estrangeiro.

Messi tem tantos sentimentos patrióticos quanto Maradona e explode de raiva toda vez que é acusado de estar mais interessado no Barça do que na seleção argentina.

Entretanto, a federação espanhola sabia que a nova cidadania do jogador sairia no outono de 2005 e sondou com ele a possibilidade de atuar pela Espanha. Ginés Meléndez era técnico da seleção espanhola da categoria de Messi na época e pensou no “roubo do século”. “Eu tinha um amigo no Barcelona, Alex García, que me sugeriu: ‘Por que você não conversa com nosso garoto argentino sobre isso?’.

“É claro que o conhecia, pois eu ia com frequência assistir às partidas das equipes menores do Barcelona e ele já tinha chamado minha atenção. Mas minha impressão era de que, pelo menos de início, o melhor era que Alex falasse pessoalmente com ele.

“Até o Mundial sub-20, tudo ainda era tratado confidencialmente, mas então um jornalista perguntou a Leo se alguém da federação espanhola havia entrado em contato com ele sobre essa ideia, e ele respondeu que sim. A verdade é que deixei tudo nas mãos de Alex García, e como o jogador nunca

respondeu positivamente, eu jamais teria dito nada a respeito. No fim, eu adoraria que a história fosse esquecida para que no futuro ninguém dissesse que Messi só não defendeu a Espanha por nossa culpa.

“Messi era apenas um garoto, mas um jogador fantástico. Alex teve a ideia de questioná-lo sobre o assunto, e ouvimos um ‘não’ como resposta. Isso foi tudo.”

Mas imaginem Messi vestindo a camisa da seleção espanhola que foi campeã do mundo. Ele teria sido mais festejado, conquistado mais títulos, estaria jogando ao lado dos companheiros de time e nem sequer teria sido o primeiro argentino a defender a *La Roja* (Alfredo di Stéfano e Juan Antonio Pizzi foram os pioneiros). No entanto, a Argentina e a chance de um dia ganhar uma Copa do Mundo por seu país significam muito para ele. Esperemos que sua lealdade seja sempre apreciada.

No mês de setembro daquele ano, Messi obteve a dupla cidadania.

Um mês antes, como acontece sempre em agosto, o Camp Nou sediou o Troféu Joan Gamper, torneio festivo em homenagem ao fundador do clube — e utilizado para a apresentação do elenco à torcida. Naquele ano, a Juventus, treinada por Fabio Capello, fora a convidada para enfrentar o Barça e conquistou o título, na disputa de pênaltis, depois de um empate por 2 a 2.

Durante o verão, o presidente e dono da Inter de Milão, Massimo Moratti, havia dito à imprensa italiana: “Eu gastaria muito dinheiro para contratar Messi. Há muito, muito tempo um jogador não me inspirava tanto”.

O garoto já tinha se tornado o jogador mais jovem a marcar um gol pelo Barcelona (recorde que seria batido depois por Bojan), já conquistara a Copa do Mundo sub-20 e passara a estar na mira de Moratti. Messi era, sem dúvida, o jogador do momento quando a Juventus chegou à cidade.

Foi a primeira vez que me deparei com a *Messimania*.

Todo fã de futebol é tomado por um sentimento de otimismo efervescente quando uma nova temporada está para começar — às vezes, trata-se de uma vitória da fé sobre a razão. Os torcedores do Barça, no entanto, vinham sofrendo fazia tanto tempo com a supremacia do Real Madrid que o surgimento do menino gênio — numa época em que Rijkaard, Ronaldinho e Eto’o já tinham trazido de volta ao clube os bons tempos — incendiou o Camp

Nou. Cerca de 100 mil catalães foram ao estádio para exaltar o príncipe Leo, e estavam loucos para ver do que o argentino seria capaz contra Fabio Cannavaro, Patrick Vieira, Giorgio Chiellini, Mauro Camoranesi, Alessandro del Piero e Zlatan Ibrahimović.

Se compararmos com um jogo típico do Barça de Guardiola, as estatísticas dessa partida são surpreendentes. A Juventus teve 62 por cento de posse de bola no primeiro tempo — no Camp Nou — e esteve à frente no marcador durante uma hora. Mas Messi deu muito trabalho aos juventinos, se livrava dos adversários com facilidade e seguidamente atraía a defesa rival antes de tocar a bola para os companheiros. Seu desempenho era superior ao de todos os outros atletas em campo, o que ficou ainda mais evidente quando num só drible ele deixou Cannavaro e Gianluca Pessotto esparramados no chão.

A torcida ia à loucura. Gritos de “Messi, Meessssi, Meeessssssi” tomavam conta das arquibancadas. A linha que separava o promissor garoto das categorias de base de um superastro do futebol mundial parecia ter acabado de se romper.

Foi Messi que deu o maravilhoso passe de 25 metros para Andrés Iniesta empatar a partida, coroando sua atuação. Rijkaard ofereceu então um momento especial ao garoto, substituindo-o aos 45 minutos do segundo tempo. Ele foi ovacionado e aplaudido de pé por toda a torcida.

Depois da partida, a Juventus solicitou ao Barcelona que indicasse um preço pelo garoto, mas o pedido foi imediatamente rejeitado. Laporta reconhecia o valor de Messi.

Também no pós-jogo, Capello demonstrou não ter qualquer dúvida sobre o potencial do argentino. “Em toda a minha carreira, nunca vi um jogador de tanta qualidade e personalidade ainda tão jovem, principalmente vestindo a camisa ‘pesada’ de um dos grandes clubes do mundo.

“Ele faz o que quer com a bola. É impressionante que tenha sido campeão mundial júnior, mas o que ele fez aqui — jogando contra homens, e não meninos da sua idade — foi algo ainda maior.”

Messi tinha chegado. Ainda naquele mês de agosto, estreou pela seleção principal da Argentina contra a Hungria, em Budapeste, sendo expulso depois de noventa segundos em campo. Mas o cartão vermelho foi uma decisão

terrível de Markus Merk. Vilmos Vanczák primeiro tentou derrubar Messi, depois quase arrancou sua camisa. Quando o argentino tentou se livrar do marcador, Merk decidiu que a agressão tinha sido de Messi e lhe mostrou o vermelho direto — amarelando o húngaro. Foi absurdo.

José Mourinho pensou o mesmo. Alguns meses mais tarde, o português seria o autor da pior calúnia que já ouvi sobre Messi (quando Barcelona e Chelsea mediram forças no Stamford Bridge, pela Champions), mas no dia do jogo contra os húngaros, ele estava nas arquibancadas do estádio Ferenc Puskás e saiu em defesa do prodígio.

“O cartão vermelho foi totalmente equivocado”, afirmou. “Vi claramente o que aconteceu e Messi só levantou o braço para escapar do defensor húngaro. Era, no máximo, para amarelo.”

Em setembro, a evolução do fenômeno Messi já estava ganhando tanta velocidade que o Barça precisava de um novo cinto de segurança.

A complexidade das várias questões que envolviam o garoto, como sua nacionalidade (argentino ou espanhol?) e seu tipo de registro na liga (atleta da base, do time B ou do elenco principal?) vinham impedindo sua estreia no campeonato espanhol.

Seu desempenho extraordinário no Joan Gamper, as propostas tanto da Inter como da Juventus para contratá-lo — que chegaram a 20 milhões de euros — e a certeza cada vez maior de que ele seria jogador do time principal naquela temporada significavam que um novo acordo entre as partes, substituindo o anterior que fora assinado em agosto, passava a ser uma necessidade urgente.

O salário de Messi foi aumentado, a multa rescisória continuou em 150 milhões de euros, e a família concordou em manter o jovem atrelado ao Barça num acordo que passaria a valer por nove anos. Na época, o Barça estava implantando uma política salarial em formato de pirâmide que foi sendo mantida ao longo dos anos seguintes. A maioria dos jogadores do elenco ocupa a base. Os talentos emergentes ficam um nível acima, logo abaixo dos talentos já estabelecidos. Por fim, no topo encontram-se um ou dois superastros do clube.

Ronaldinho, evidentemente, ocupava o ponto mais alto da pirâmide. E

Oleguer, por exemplo, era um dos que compunham a base — junto com Messi.

O salário base anual, na época, era de cerca de 900 mil euros, mas havia importantes bonificações disponíveis para todos os atletas, que envolviam gols marcados, classificação na liga espanhola e, principalmente, títulos conquistados.

Na entrevista coletiva em que anunciou a renovação, Begiristain destacou que o Barcelona poderia ter esperado mais alguns meses, até depois da Copa do Mundo de 2006, para negociar o novo vínculo, mas: “Nós quisemos que Leo, que terá um futuro brilhante pela frente, sentisse que podia confiar em nós”. Essa foi a primeira demonstração da forma inteligente como o clube passaria, desde então, a tratar seu gênio.

Jorge Messi acrescentou: “Esse novo contrato não tem nada a ver com as propostas feitas por outros clubes. Eu sempre fui ligado no Barcelona e não procuraria outras equipes apenas para fazer pressão”.

Minhas investigações em busca de confirmar o que todos vinham declarando revelou que, muito embora o Barça tenha sido informado da chegada de uma ou duas ofertas por Messi todos os anos pelo menos desde 2005, o pai do jogador sempre agiu de boa-fé com o clube e nunca se valeu da perspectiva de ofertas financeiramente mais vantajosas como ferramenta de barganha.

“Isso é o que eu sempre quis: a chance de passar toda a minha carreira no Barça”, afirmou o argentino, após a renovação.

Apesar de estar se tornando um ídolo no Camp Nou, Messi ainda vivia à sombra de Ronaldinho. Como o brasileiro perdeu o rumo e seu reinado no topo do mundo do futebol foi mais curto do que deveria, é possível que seu valor acabe não sendo apreciado com justiça, mas o gaúcho era um jogador sensacional.

Só que completamente diferente de Messi: todos que o enfrentaram no auge falam de como o brasileiro era robusto. Quem tentava tirar a bola dele, antes mesmo de ser driblado ou vencido na velocidade, logo batia numa parede — suas coxas fortíssimas — e voltava.

Era um craque capaz de dominar as partidas, e a vitória do Barcelona por 3 a 0 sobre o Real Madrid, no Bernabéu, em novembro de 2005, é até hoje

lembrada como “o jogo do Ronaldinho”. Só que esse confronto também contou com um dos melhores momentos de Messi na temporada.

Desde setembro de 1929, aquela foi apenas a 13ª vez que o Barça venceu fora de casa um clássico contra o Real pelo campeonato espanhol. Foram 76 anos e apenas doze vitórias. Uma marca que indica o tamanho da façanha do brasileiro.

Eu tinha levado dez amigos de Clontarf (em Dublin) para assistir ao clássico em Madri e estava sentado com um deles no setor onde ficam os familiares e amigos que recebem ingressos dos jogadores do Real. À minha volta, ouvi muitos insultos racistas contra Samuel Eto'o e Ronaldinho, que se transformaram, como numa farsa, em aplausos para o brasileiro quando seus dois gols fantásticos complementaram o tento de abertura do placar, marcado pelo camaronês. Vi pessoas chorando de tanta humilhação. Foi uma noite extraordinária.

Aos dezoito anos, Messi construiu a jogada do primeiro gol, obrigou Iker Casillas a fazer duas defesas incríveis e foi o atleta que mais faltas sofreu na partida. Belas marcas para um primeiro clássico.

“Messi? É simples. Nós sabíamos que, mesmo ainda tão jovem, ele não ficaria intimidado por jogar no Bernabéu e continuaria superando seus adversários no um contra um”, disse Begiristain, depois do jogo.

Se tiverem alguma dúvida a respeito da qualidade do rival do Barça naquela noite, saibam que o Real Madrid atuou com Casillas; Salgado, Sergio Ramos, Helguera e Roberto Carlos; Beckham, Pablo García, Zidane e Raúl; Robinho e Ronaldo.

Bom, mas vejam só. Lembram-se do simpático observador que fez questão de defender Messi após o injusto cartão vermelho recebido contra a Hungria? No mês de fevereiro seguinte, o tom de José Mourinho ao falar sobre o argentino havia mudado radicalmente.

O sorteio das oitavas de final da Champions League colocara de novo Barcelona e Chelsea frente a frente. Na temporada anterior, a equipe de José Mourinho tinha eliminado o Barça em circunstâncias bem controversas, e todos sabiam que era muito difícil conseguir arrancar um bom resultado em Stamford Bridge.

Dessa vez, no entanto, o Barcelona ganhou por 2 a 1 — num gramado terrível, mas jogando com muita confiança. Asier del Horno recebeu um amarelo depois de uma entrada violenta, na altura do joelho de Messi, que deveria ter resultado num cartão vermelho direto. Depois disso, e mesmo já tendo sido advertido, o espanhol do Chelsea foi finalmente expulso ao fazer mais uma falta (para cartão amarelo) sobre o argentino.

Após a partida, José Mourinho declarou: “Faz-se muito bom teatro na Catalunha. E foi isso o que Messi apresentou durante o jogo, um ótimo teatro”. Era um bom começo para aquilo que se tornaria comum anos mais tarde, na passagem do português pelo Real Madrid: as distorções da realidade.

Muito mais preciso, entretanto, foi Santiago Seguro, um dos jornalistas que melhor escrevem sobre futebol na Espanha — e que na época trabalhava para o *Marca*. Seu veredicto sobre aquela noite quente foi poético: “Numa rara demonstração de habilidade, inteligência e coragem, Messi destruiu o Chelsea — para espanto dos torcedores ingleses, que reagiram como costumam fazer quando um jogador os enche de pânico. Para além das vaías que dedicavam ao argentino a cada vez que tocava na bola, o que sentiam era medo: medo de sua sublime exibição de categoria.

“Ninguém deveria ser capaz de dominar uma partida dessa importância aos dezoito anos de idade. O futebol tem poucos precedentes, e aqueles que vêm à minha mente eram gênios: Pelé, na final da Copa do Mundo de 1958; Maradona, no Mundial sub-20 de 1979; talvez Cruyff, no famoso confronto com o Benfica, em 1969; ou George Best, em Lisboa, também contra o Benfica, três anos antes. Nesses dois últimos casos, os garotos já tinham vinte e poucos anos e carregavam um histórico considerável em competições internacionais. A façanha de Messi é de alguém que só se tornou titular absoluto em novembro; e mesmo essa condição só foi alcançada por outra performance brilhante e fundamental: na vitória do Barça sobre o Real Madrid, no Bernabéu.”

Até Jorge Valdano, um homem tão ligado à era galáctica de Florentino Pérez que muitos torcedores do Barça chegam a considerá-lo mais um madrilenho que um compatriota de Messi, endossou os elogios ao novo astro rival. “Messi é um jogador que tira os adversários do jogo, acaba se tornando uma espécie de terrorista do futebol”, ele afirmou. “Larga os rivais para trás,

sem chances de alcançá-lo — primeiro porque os deixa tontos com os dribles, depois porque demonstra uma capacidade de aceleração impressionante em distâncias curtas.”

Para a tristeza de Messi, a vitória em Stamford Bridge foi o ponto mais alto de sua temporada. Na partida de volta contra o Chelsea, ele teve de sair de campo mancando em razão de uma lesão muscular e só conseguiu voltar totalmente aos treinos nas vésperas da final da Champions, contra o Arsenal. No domingo que antecedeu a decisão, ele treinou no Camp Nou — para a surpresa e a alegria dos turistas que passeavam pelo estádio — ao lado de todos os atletas que tinham sido poupados do jogo contra o Sevilla.

Na segunda-feira, antes do voo para Paris, e no reconhecimento do gramado de Saint-Denis, na terça, o argentino foi visto chutando a gol com intensidade, roubando a bola de Ronaldinho e ajudando Eto'o quando uma bolada atingiu sua cabeça em cheio — por alguns instantes, pareceu que o Barça não teria à disposição o atacante camaronês que viria a salvar o time 24 horas depois, marcando o gol do empate na final.

Mas, na quarta-feira, vieram as surpresas. Rijkaard não relacionou Messi para a partida, sob o argumento de que o menino de dezoito anos não tivera tempo o suficiente de treinos depois do retorno pós-lesão. Iniesta também não entrou como titular, assim como Xavi, que foi para o banco e acabou não participando do jogo. Para Rijkaard e Ten Cate, o debate Iniesta-Van Bommel ainda não havia terminado, e o treinador continuava sem ter plena confiança em seus dois jovens e talentosos baixinhos.

Messi, no entanto, já havia provado que era tão especial que sua condição física deveria ter bastado para que ele pelo menos fosse colocado no banco. Iniesta, por sua vez, ainda diz que ouvir que não iria começar o jogo como titular em Paris foi seu pior momento no futebol.

Van Bommel fora escolhido para jogar no seu lugar e, embora não tenha sido tão inexpressivo na partida quanto Ronaldinho nem tenha perdido tantas disputas como Oleguer, seu ritmo lento e a incapacidade para a troca rápida de passes ajudaram o Arsenal, mesmo com um atleta a menos, a superar o Barça em campo e no placar, até que as substituições de Rijkaard, no segundo tempo, levassem os catalães ao segundo título europeu de sua história.

Poderíamos falar sobre o impacto de Henrik Larsson, um substituto que mudou o jogo, sobre a incrível fome de gols de Eto'o em grandes ocasiões, ou então sobre a providencial subida ao ataque de Juliano Belletti, que resultou na virada. Mas depois do jogo foi Iniesta que Xavi puxou de lado para lhe dizer: "Graças a Deus você entrou; sem você, teríamos sido derrotados".

O Barcelona foi campeão e comemorou muito. Mas irritado por não ter participado do jogo, Messi não quis descer ao gramado para levantar o troféu e celebrar a conquista ao lado dos companheiros. Seu desejo desenfreado de jogar se revelou num momento de imaturidade do qual ele se arrependeu quase imediatamente.

Depois da Copa do Mundo daquele ano, conversei com ele sobre a recusa em participar da festa pelo título da Champions. Messi tinha acabado de voltar de uma viagem a Bariloche, na Patagônia — uma espécie de rito de passagem para os jovens argentinos, do qual ele nunca tinha podido participar, já que deixou o país rumo à Espanha aos doze anos. As férias extras que o Barcelona tinha oferecido a ele foram perfeitas para curtir a neve, ainda que Messi estivesse proibido de praticar qualquer atividade que pusesse em risco sua condição física, como esqui em velocidade e *snowcross*.

"O que aconteceu é que fiquei de cabeça quente", ele ponderou. "Olhando para trás, ainda lamento que essa decisão tenha me tirado a chance de desfrutar daquela festa e daquele momento especial. Afinal, não é todo dia que você vence a Champions.

"Não dá para voltar no tempo e mudar isso, mas foram alguns minutos em que eu estava mal, e tomei a decisão de cabeça quente, sem pensar direito. Assim que percebi que tinha perdido a chance de comemorar com os rapazes no gramado, vi que tinha sido um erro e comecei a me arrepender.

"Eu tinha sido importante para o time na parte decisiva do torneio, mas com a lesão pude apenas assistir aos jogos seguintes. Até agora vejo de formas diferentes a medalha que ganhei pelo campeonato espanhol e a da Champions. Sinto-me muito mais campeão espanhol [participou de dezessete jogos e marcou seis gols na competição] do que europeu [disputou seis partidas e marcou uma vez na campanha continental]."

Entre a mistura de sentimentos na final de Paris e essa entrevista, Messi já

tinha sofrido outro duro golpe.

O técnico da Argentina, José Pekerman, utilizou-o pouco nos primeiros jogos da Copa do Mundo, na Alemanha, mas Messi ainda assim se destacou. Ele ficou no banco na estreia, depois atuou por quinze minutos contra a Sérvia, fez um gol e deu passe para outro. Contra a Holanda, foi titular; e na dramática vitória sobre o México, esteve em campo durante toda a prorrogação.

Mas nas quartas de final contra a Alemanha, jogo que os argentinos venciam até dez minutos do fim e em que Pekerman decidiu se fechar na defesa contra os comandados por Jürgen Klinsmann, Messi não saiu do banco. Depois da derrota, o treinador acabou sendo muito criticado por abdicar do grande talento do atacante.

Um treinador em formação viu as habilidades de Messi e sua contribuição para a Copa do Mundo de forma diferente de Pekerman. Doze meses antes de se tornar técnico do Barça B, Guardiola escreveu para o *El País* durante o mundial.

Um dos seus artigos foi sobre o menino com quem iria formar uma das mais incríveis parcerias entre técnico e supercraque da história do esporte.

Depois da vitória argentina sobre a Sérvia, Guardiola escreveu: “Faltando apenas quinze minutos para o final do jogo, Lionel Messi entrou em campo para fazer sua estreia em Copas do Mundo. Aposto o que você quiser que não será a última vez dele nesse palco.

“Durante 75 minutos, Messi permaneceu no banco e viu três gols serem marcados. E nada mais. Não notou como Riquelme estava jogando nem que Maradona dançava com seus familiares nas arquibancadas.

“E, quando começou a jogar, só tinha olhos para o gol de Jevrić. Ele é assim. Messi esquece todo o resto, tudo o que consegue ver são aquelas duas traves e o travessão. No momento em que entrou em campo, foi como se declarasse ao mundo: ‘Estou aqui, pessoal. Cheguei!’.

“Ele recebia a bola e disparava. Era como assistir a alguém correndo uma prova de cem metros rasos, mas sem a necessidade do tiro inicial. E quando ele corre, é realmente incrível. Como meu colega de *El País*, Ramon Besa, diz: ‘Ele é ainda mais rápido com a bola do que sem ela’.

“Se Ronaldinho é o maior, Messi é o mais autêntico. Ele nunca joga para a

arquibancada, a imprensa ou os torcedores. Para ele, o foco é um só: o gol.

“Ele tem aquela qualidade especial que todos os grandes possuem. É como assistir a uma peça de teatro conseguindo enxergar só um ator, embora existam outros dez profissionais brilhantes em cena. Ou ter olhos apenas para a Sara Baras, mesmo que ela esteja ao lado de outras dez incríveis dançarinas. É a diferença entre ver golfe com ou sem Tiger Woods. Uma experiência não pode ser comparada à outra.

“Quando Messi está jogando, tudo o que você pode desejar é que Riquelme lhe dê a bola. Quando o vejo jogar, tenho sempre a sensação de que algo incrível está para acontecer. Foi o que senti na primeira vez que o vi, no Barcelona. Foi assim novamente ontem, assistindo à partida da Argentina. E tenho certeza de que aconteceu o mesmo com Charly Rexach, na primeira vez que o vi e disse: ‘O que vocês estão esperando? Vamos contratá-lo!’.

“Só o técnico da Argentina sabe o que vai querer desse gênio. É óbvio que Messi daria a ele em noventa minutos o que já deu em quinze. Ontem, foi como aquele doce que a mãe tira do bolso para salvar o dia quando o filho está chorando. E essa tática funciona sempre. Mesmo quando só há quinze minutos pela frente.

“Talvez Luis Aragonés também tenha um doce no bolso para nos oferecer na Espanha. Um certo Andrés...”

As duas temporadas seguintes trariam lições dolorosas para Messi, apesar de ele ter tido um grande momento de brilho ao marcar três gols e salvar o Barça, com um homem a menos, da derrota para o Real Madrid, em março de 2007. Seu *hat-trick* no empate por 3 a 3 no Camp Nou foi o primeiro do Barça no clássico desde o anotado por Romário, em 1994. Com dezenove anos, oito meses e dezesseis dias, o argentino também se tornou o mais jovem a alcançar essa façanha no duelo mais famoso do futebol espanhol.

Mas suas palavras depois da grande atuação mostram como foram difíceis essas duas temporadas intermediárias, marcadas por problemas físicos. “Eu realmente precisava fazer alguns gols, porque estou voltando da lesão e só agora estou recuperando a forma. Antes da contusão, eu estava bem fisicamente, mas faltava algo na hora da definição, os gols estavam em falta. Eu desperdiçava as chances, andava sem sorte, e então de repente eu marco três

gols num jogo e, ainda por cima, contra o Real. Só ficou faltando mesmo ganhar a partida.”

Aquela noite na zona mista — o local onde os jornalistas entrevistam os jogadores que vão passando por eles — foi um pandemônio. Apesar de o Real ter saído do território inimigo com um valioso empate, a grande sensação era o garoto de dezenove anos que tinha acabado de marcar três gols em sua primeira vez jogando o clássico em casa.

A maioria dos jogadores, impressionados com o que tinham acabado de presenciar, ficou conversando com a imprensa por mais tempo (e mais livremente) que de hábito. Iker Casillas, por exemplo, apesar de ter deixado escapar dois pontos em razão do gol nos acréscimos feito pelo garoto de cabelos longos e desalinhados, disse: “Messi jogou muito bem, foi fenomenal”.

Ruud van Nistelrooy, que marcou duas vezes e fez sua melhor apresentação com a camisa do Real, afirmou: “Ele já é um dos grandes. Fez três gols sendo ainda tão jovem e poderia ter marcado mais”.

Ronaldinho, como sempre, não mostrou um pinga de inveja do prodígio que ia aos poucos se transformando em seu substituto. “Messi é simplesmente fora de série”, resumiu.

Mas a reação mais perspicaz veio de Sylvinho, lateral esquerdo brasileiro que se tornara uma figura quase paternal para o argentino. “Ele tem uma ótima cabeça, e não estou falando só de futebol. Foi muito bem preparado para lidar com as questões fundamentais da vida. Escrevam o que estou dizendo: ele ainda vai crescer muito como jogador.

“O importante agora é que ele esqueça todo o resto e se concentre apenas em jogar futebol. Treinar e jogar bem devem ser as únicas responsabilidades para um garoto da sua idade. A pressão que logo irá cercá-lo deve ser absorvida por aqueles que estão ao seu redor.”

O ponto conquistado nessa noite manteve o Barcelona ao lado do Sevilla na liderança do campeonato espanhol, com cinco pontos de vantagem para o Real, quarto colocado.

Essa, no entanto, também foi a temporada em que a incrível Jornada 37 (a 37ª rodada) viu Messi usar a mão para marcar contra o Espanyol; o Real sair atrás do placar contra o Zaragoza; Tamudo empatar para o Espanyol no Camp

Nou; e, finalmente, o Real se recuperar arrancando um ponto em La Romareda. Depois de todo esse drama, uma vitória em casa sobre o Mallorca, no fim de semana seguinte, deu ao Real de Fabio Capello o título de uma disputadíssima edição da *La Liga*.

De qualquer forma, outro momento inesquecível veio em abril, na primeira partida da semifinal da Copa do Rei. O Barcelona fez 5 a 2 no Getafe, e Messi marcou o gol que foi comparado ao segundo anotado por Diego Maradona diante da Inglaterra na Copa de 1986. Foi sensacional: Rijkaard chamou o lance de “obra de arte” e Deco o classificou como “o melhor gol que já vi na vida”.

O técnico do Getafe, Bernd Schuster, nos disse brincando após o jogo: “Fomos muito nobres no lance. Alguém devia tê-lo derrubado na metade do caminho”.

Só que a equipe de Rijkaard conseguiu protagonizar um vexame histórico no jogo de volta, quando Messi foi poupado. A vantagem obtida no jogo de ida virou pó depois da goleada sofrida por 4 a 0 em Madri, e os *culés* perderam a vaga na decisão. A palavra “vergonha” foi muito utilizada pela imprensa catalã. E merecidamente.

Rijkaard tinha perdido o controle sobre parte do elenco, e alguns jogadores começaram a agir de forma indisciplinada e egoísta. E o Barça passou a jogar e treinar em estado de letargia.

Já no caso de Messi, o que mais preocupava era a sua sequência de lesões.

Algumas aconteciam por pura falta de sorte. Ele, por exemplo, perdeu três meses da temporada 2006/2007 quando fraturou o metatarso num jogo contra o Zaragoza de Gerard Piqué. Foram onze partidas consecutivas como desfalque devido ao osso quebrado no pé. Mesmo assim, ele contabilizou 2 mil minutos em campo naquela edição do espanhol, já como peça fundamental do time principal.

Na temporada seguinte, 2007/2008, seu brilho individual num time em declínio lhe valeu uma primeira indicação para a final no prêmio de melhor jogador do mundo. Em dezembro de 2007, o argentino viajou a Zurique para receber a estatueta de prata na eleição organizada pela Fifa. Ronaldinho, que vencera duas vezes nos três anos anteriores, terminou em quinto. O campeão

Kaká e Cristiano Ronaldo, em terceiro, fizeram companhia a Messi no pódio. As fotos tiradas naquela noite indicam que o português não ficou nada impressionado com o posto reservado a ele pelos eleitores do prêmio.

O segundo estiramento do ano em músculos da coxa fez com que o garoto, ao voltar da Suíça, deixasse de jogar na derrota em casa por 1 a 0 para o Real Madrid no primeiro clássico da temporada. Ele ainda seria desfalque por mais três partidas.

O principal jogador do Barcelona já havia perdido seis meses de atividades entre 2006 e 2007 devido a contusões no mesmo grupo muscular, na parte posterior da coxa, e ficaria de fora por mais seis semanas pela mesma razão.

A lesão no metatarso, que lhe custara mais três meses longe do futebol, tinha resultado de um impacto e poderia ter acontecido com qualquer jogador, mas o total de oito meses sem atuar ao longo de duas temporadas passava a ser motivo para grandes preocupações no Barcelona.

Messi voltou a jogar no fim de janeiro, contra o Racing, uma partida antes do prognóstico inicial. Mas o problema não estava resolvido.

Aos 38 minutos do primeiro tempo da partida contra o Celtic, no Camp Nou, em 4 de março de 2008, o argentino desabou segurando a coxa esquerda. O que parecia ser mais um terrível capítulo no histórico de lesões musculares que vinham prejudicando o desenvolvimento de Messi acabaria sendo somente mais um momento de dificuldades antes do início de uma fase bem melhor.

Depois de Messi cair no gramado, Ronaldinho e Deco foram os primeiros a ampará-lo, perplexos com mais uma lesão sofrida pelo companheiro. O adolescente deixou o campo chorando — sua temporada, assim como a de seu time, parecia ter chegado ao fim.

Sem o argentino, o Barcelona perdeu para Villarreal, Betis e La Coruña; e empatou com Espanyol, Getafe, Almería e Recreativo Huelva — conquistou quatro pontos de 21 disputados. Além disso, foi eliminado da Copa do Rei pelo Valencia. Messi conseguiu voltar a tempo de enfrentar o Manchester United, na semifinal da Champions League, mas sua falta de ritmo somada aos erros do time e à impotência do ataque catalão significaram que o Barça não estaria em Moscou para lutar por mais um título europeu.

Logo depois de ter sofrido sua lesão mais recente, em março de 2008, Messi passou a ser o tema de um verdadeiro comitê reunido para discutir os rumos de sua carreira no Barça. O grupo era composto de Begiristain e dois vice-presidentes do clube, Marc Ingla e Ferran Soriano. No mês de outubro anterior, os principais integrantes da diretoria já tinham concluído que a manutenção de Rijkaard à frente da equipe fora um erro, a ser corrigido em junho de 2008, independentemente dos resultados da equipe. Passavam então a discutir uma nova estratégia que protegesse e promovesse o maior astro do Barcelona.

Ingla inicia o relato: “Estávamos desapontados com a fragilidade de Messi e suas repetitivas lesões musculares. Depois da partida contra o Celtic, construímos um plano holístico com vistas ao seu desempenho futuro: passaríamos a controlar seu número de refeições, o que ele deveria comer, quantas horas de sono dormiria e os tipos de alongamento aos quais seria submetido. Era um projeto para mantê-lo saudável e reduzir as contusões. Investimos muito dinheiro e trabalho em ajudá-lo”.

Juanjo Brau era o fisioterapeuta que vinha trabalhando com Messi — mas não de forma exclusiva — desde antes da Copa do Mundo de 2006. Com o novo projeto, ele passaria a se dedicar quase totalmente ao argentino, fazendo parte de sua rotina diária. Ele deveria evitar lesões, e não apenas recuperá-lo dos problemas já sofridos. Além disso, Brau teria de acompanhar Messi nas longas e desgastantes viagens intercontinentais para jogar pela seleção argentina.

Combinada ao trabalho de Brau, uma mudança na dieta do jogador para incluir maior consumo de peixe e vegetais tornou Messi mais magro e forte, menos suscetível a lesões e mais apto a se recuperar dos problemas. Só que o plano era mais do que isso. Ronaldinho e Deco seriam afastados do time com o objetivo de limpar a área para o novo técnico, mas estava claro também para o comitê de emergência que a partida dos dois era fundamental para salvar Messi de sua possível influência negativa.

Ronaldinho, Deco e, em menor escala, Thiago Motta estavam tratando de curtir a vida fora do campo — convencidos, como tantos outros atletas ricos e bem-dotados tecnicamente antes deles, de que eram tão talentosos, tão

abençoados pela aura de magia que recobre os superastros, que não precisavam seguir as regras, pois ainda assim se destacariam. Só que estavam errados.

O calendário de eventos sociais dos brasileiros era bem conhecido em Barcelona; apesar do metabolismo de Deco não permitir que ele ganhasse nem um quilo sequer, seu desempenho em campo decaiu. Suas intervenções foram se tornando cada vez menos decisivas, ele acabou se contundindo mais vezes, e o tempo necessário para sua recuperação só fazia aumentar.

O declínio de Ronaldinho foi ainda mais acentuado. A diferença é que ele, sim, estava ganhando peso — no âmbito fisiológico, seguia a tendência da família. Depois de deixar de ser o melhor jogador do mundo, ele foi ficando inchado.

Isso significou um desastre para o Barça, pois a equipe sofreu uma redução drástica em sua capacidade para pressionar no campo de ataque e furar defesas bem montadas — e o pior de tudo, a situação acabou com a harmonia que existia dentro do vestiário.

Mesmo sem citar especificamente a ligação entre Ronaldinho, Deco e Messi, Iniesta falou sobre como questões desse tipo podem ser encaradas de formas diferentes dentro de um time. Não há dúvidas de que os dois brasileiros foram (e continuam sendo) amigos do “discípulo” argentino e que tiveram papel fundamental na adaptação de Leo no time principal. No entanto, de acordo com Iniesta, é outro conceito, que vai além da amizade, o que torna mais apropriadas as relações no vestiário.

“A palavra-chave no vestiário é respeito”, diz. “É algo muito mais importante até mesmo do que a amizade. Você pode ter um ou dois amigos próximos, mas precisa respeitar todos os companheiros. Essa é a única forma de uma equipe funcionar, a única forma de ela vencer.

“Vou dar um exemplo. Houve momentos em que eu não jogava com a mesma frequência que agora. Eu não estava começando as partidas e, apesar de me considerar em melhor forma do que alguns dos titulares, nunca reclamei por respeito a eles e ao vestiário. Esse é um dos valores que me foram ensinados e que considero muito útil.”

Ronaldinho e Deco provavelmente ainda acham que jamais traíram a amizade de Messi, mas será que eles o respeitaram de verdade? Respeitaram

seu desenvolvimento, seu potencial, seu status e o fato de que a fisiologia de sua família é similar à de Ronaldinho?

O “gabinete de guerra” montado pela diretoria do Barça considerava que Messi teria de ser um verdadeiro super-homem para não acabar sendo influenciado por esses craques experientes, que ele não apenas idolatrava, mas que o tinham tratado como parte de sua família. Messi com o tempo se desenvolvera bem fisicamente — cresceu até a altura máxima que poderia alcançar, ganhou força e explosão — mas seguia consumindo a dieta clássica argentina, baseada na carne vermelha e em carboidratos. Se além disso também se deixasse levar pela vida noturna, o Barcelona poderia acabar perdendo três jogadores, e não apenas dois.

Os brasileiros precisavam ir embora para que a nova estratégia de marketing e o próprio time do Barça fossem construídos em torno de Messi, que ganharia um novo contrato compatível com sua importância como jogador de futebol e principal trunfo comercial do clube.

Tratava-se de uma estratégia de médio prazo, que dependia da aprovação do conselho. Motta não teria o contrato renovado, Deco e Ronaldinho seriam vendidos assim que surgissem as condições de mercado mais propícias, Messi e seu estafe teriam de ser convencidos a concordar com todas as mudanças.

Ingla me disse: “Ronaldinho e Deco estavam completamente fora de controle. Eles haviam sido nossos melhores jogadores nos últimos anos, mas tinham se perdido. Não estavam focados no campo, mas continuavam sendo líderes no vestiário. Ronaldinho e Deco tiveram papel preponderante no futebol ruim que jogamos nos dois anos entre 2006 e 2008.

“A temporada e meia em que ganhamos os seis títulos foi resultado de uma série de fatores, especialmente a contratação de Pep. Mas uma das questões decisivas foi termos seguido sem Ronaldinho e Deco.”

De qualquer forma, existe ainda um grande carinho por Ronaldinho no Camp Nou. Foi quem trouxe a magia de volta ao Barça. “Ele agregou valor em campo e fora dele. Foi o símbolo das mudanças”, relembra Soriano. O dirigente chama o brasileiro de sua contratação “rockstar”. O Bernabéu o aplaudiu, o Camp Nou o adorou e o mundo se apaixonou novamente pelo Barcelona. Então, não foi fácil dizer adeus ao camisa 10.

“Entre o final de 2006 e o início de 2007, ficou claro que Ronaldinho não seria a estrela duradoura que em 2004 e 2005 pensamos que ele poderia vir a se tornar — chegamos até a conversar com seu irmão sobre a possibilidade de estender seu contrato até 2014. Queríamos que ele passasse toda a carreira no Barcelona, mas não deu certo. Pela vida que ele levava, a forma como treinava... Enfim, era algo que não funcionava para nós”, continuou Soriano.

“Entre 2006 e 2007, percebemos que ele não seria o ícone do clube. E decidimos que quem ocuparia esse lugar seria Messi.”

Ingla fala por todos os presentes no clube na época quando diz que “para fazer o potencial e a imagem de Messi decolarem de uma vez, precisávamos nos desfazer de Ronaldinho e Deco”.

Houve uma mistura de inteligência e ousadia na estratégia. Ingla, Laporta, Soriano e seus companheiros de conselho, Raul Sanllehi e Txiki Begiristain, previram um futuro em que Messi seria o jogador de referência para o técnico, os companheiros de equipe e os torcedores.

Além disso, perceberam que, caso recebesse a ajuda necessária para se desenvolver, o argentino poderia se tornar o melhor jogador do mundo e teria pelo menos uns dez anos de carreira em alto nível pela frente.

Também anteciparam a ideia de que Messi se tornaria uma extraordinária ferramenta de marketing para o clube: o maior acelerador de vendas que o Barcelona já teve.

Por fim, reconheceram a necessidade de se incrementar o contrato do novo protagonista e concluíram que seria necessário apresentar o quanto antes à família do jogador a filosofia que queriam implementar, envolvendo-os no projeto e mostrando, desde então, como o Barça estava disposto a apostar no argentino. Era um plano inspirado e que mirava o futuro.

Soriano continua: “Minha parte foi elaborar um contrato que fosse proativo. Partimos da lógica de que Messi seria um cara mágico e sabíamos que clubes italianos, clubes ingleses e talvez até o Real Madrid viriam atrás dele. Então, tínhamos de reagir a isso de forma que sempre que alguém o abordasse, pudéssemos contra-atacar. Decidimos fazer algo diferente. Eu desenvolvi um bom relacionamento com o pai dele e nós nos comprometemos a melhorar o contrato de Messi anualmente, uma tática concebida para sempre estarmos à

frente dos acontecimentos.

“Ficou acordado, num primeiro momento, que ele receberia aumentos que compensariam o seu crescimento de produção, até que chegamos ao contrato de 2008. E também decidimos que teríamos de desenvolver uma boa relação com seu pai, para que eles sempre acreditassem que poderiam confiar em nós.

“Então, o pai de Messi recebia ofertas malucas de clubes como a Inter, prometendo o dobro do nosso salário a ele, e a primeira coisa que ele fazia era me ligar, e eu o acalmava, dizia que íamos resolver. E ele confiava em nós, porque sempre cumpríamos o que prometíamos.”

Ingla é claro sobre quem foi a força por trás dessa estratégia. “Temos de dar o crédito primeiro ao Txiki. Ele nos convenceu de que deveríamos construir o clube em torno de Messi. Foi essa crença que guiou as ações do clube.”

O objetivo de Begiristain era prender Jorge Messi ao processo em todos os níveis. Já se sabia que Rijkaard deixaria o clube e, desde o mês de outubro anterior, Txiki vinha levantando informações sobre os candidatos a dirigir a equipe, como Guardiola, Laurent Blanc, Michael Laudrup, Ernesto Valverde e José Mourinho.

As contratações de Gerard Piqué, Daniel Alves e Seydou Keita já estavam praticamente garantidas. Begiristain então pôs toda a sua energia em convencer Jorge Messi de que o clube passaria por grandes mudanças e construiria uma nova era em torno do craque argentino — ainda que parte da responsabilidade fosse do próprio jovem. O pai de Messi tinha acompanhado de perto o declínio da equipe, influenciado pelos estilos de vida pouco disciplinados de Deco e Ronaldinho. Havia divisões e muito ressentimento no vestiário. Atletas que vinham de culturas de treinamento mais rígidas, como Eiður Guðjohnsen e Thierry Henry, ficavam perplexos e decepcionados com a morosidade que tomara conta do elenco.

Jorge Messi queria que o filho se mantivesse em forma, evoluindo no ritmo certo e conquistando títulos. Assim, foi avisado com antecedência sobre a iminente saída de Rijkaard e sobre as contratações que seriam feitas, além de ter sido comunicado de que o novo treinador muito provavelmente seria Guardiola.

O trabalho de Soriano com foco no novo contrato de Messi foi finalizado

naquele verão. E Inгла tomou as providências necessárias na posição de vice-presidente de futebol. “No mesmo dia da moção de não confiança [relativa a Joan Laporta, em julho de 2008], eu assinei o novo contrato de Messi”, conta Inгла. “Precisávamos prendê-lo ao clube, pois o que se via no horizonte era um cenário de instabilidade.”

O que ele quer dizer é que, caso Laporta tivesse deixado a presidência e o clube mergulhasse num período de disputa eleitoral, que se arrastaria durante meses e incapacitaria o Barcelona para agir na janela de transferências e concluir as buscas por um novo treinador, as eventuais tentativas de atrair Messi para longe do Camp Nou, durante aquele verão, poderiam acabar sendo bem-sucedidas.

Mas, na verdade, o que estava prestes a acontecer era uma extraordinária confluência de transformações favoráveis ao Barça: Josep Guardiola, técnico promovido do Barcelona B com a intenção de fazer a equipe voltar aos tempos de glória, finalmente entraria na vida de Messi.

E, se no início do verão de 2008, o Camp Nou era um lugar triste, quando a estação chegou ao fim Messi já estava pronto para iluminar o estádio com seu talento, fazendo sombra a todos os futebolistas que o cercavam.

Este livro foi escrito justamente por tudo o que aconteceu desde então. Tem sido uma viagem incrível, cujo final ainda não vimos. Não estou dizendo nenhuma novidade, mas o fato é que Messi proporciona aos amantes do futebol doses altíssimas de diversão e prazer, e seus companheiros também se sentem assim em relação a ele.

É significativo que a resposta mais longa dada por Pep Guardiola na entrevista concedida após a final da Champions de 2011 tenha sido sobre seu camisa 10. Estamos falando de um técnico que rotineiramente dá mais valor ao grupo que ao indivíduo, que tem mais estima pelo passe que pelo drible.

E recordem que, em seu último treino antes da estreia como treinador do Barça B, em 2007, ele gritava: “Não quero que vocês tentem driblar como Leo Messi. Quero que passem a bola, passem e passem de novo. A ideia é fazer a bola girar, não é a individualidade”. Lembrem-se disso?

Em Wembley, Guardiola estava celebrando um triunfo coletivo, de uma equipe cujos gols haviam sido marcados por três atletas diferentes, numa

história escrita por grandes atuações de diversos jogadores e com o inspirador final em que o troféu e a braçadeira de capitão foram entregues a Éric Abidal, como forma de homenageá-lo depois da brava luta travada pelo francês contra um tumor hepático. No entanto, quando questionado sobre o desempenho de Messi, o treinador do Barça deixou de lado os princípios que mais valorizava.

“Messi é o que faz a diferença, o que nos leva a outro nível. Nós temos excelentes jogadores, um grande trabalho de equipe, temos nossas táticas e trabalhamos duro. Mas é Messi que nos coloca em outro patamar.

“Ele nunca será repetido. É o melhor jogador que eu vi, o melhor jogador que vou treinar.

“Só espero que não fique entediado no futuro. Precisamos cuidar para que isso não aconteça. Espero que o clube tenha a inteligência necessária para contratar jogadores que ele goste de ter por perto, para que Messi permaneça calmo e centrado, porque se isso for feito, ele não vai falhar.”

Depois da conquista em Wembley, Messi explicou toda a relevância do ambiente e do espírito de equipe no Barcelona. “O fato mais importante é que desfrutamos de um clima realmente saudável no centro de treinamentos e no vestiário. Tenho companheiros aqui com quem venho jogando e dividindo quarto desde as categorias de base em La Masia.

“Hoje mantenho um excelente relacionamento com cada integrante do nosso elenco e acho que isso ajuda a explicar por que é tão fácil para nós fazer aquele esforço a mais que muitas vezes é necessário durante as partidas, principalmente as mais difíceis.

“Nós nos damos bem, nos divertimos, compartilhamos a mesma ética de trabalho, já que muitos de nós treinamos juntos desde que éramos muito jovens. Se todos têm a mesma filosofia sobre como tratar a bola com respeito [posse], manejar as idas e vindas de cada partida e pôr o time à frente dos interesses individuais, então a vida fica muito mais simples.”

Por sua importância nessa era de sucesso vivida pelo Barcelona, talvez devêssemos deixar a última palavra com Guardiola, mas eu adoro quando é um jogador quem nos surpreende com uma bela frase. Nosso obrigado então vai para Javier Mascherano.

Logo depois da difícil vitória sobre o Real Madrid na semifinal da

Champions League, eu perguntei ao argentino sobre o desempenho do seu companheiro de clube e seleção.

Ele me disse: “Leo é o melhor do mundo, e as pessoas demoraram para perceber que ele está a caminho de se tornar o melhor de todos os tempos. A força necessária para ser capaz de mostrar o tamanho do seu talento em partidas como as que temos disputado é extraordinária. Leo mostrou que é o dono da coroa e que levará muito, muito tempo para que alguém consiga tirá-la dele”.

Messi é o dono da coroa. Essa é uma boa frase para terminar esta história.

EPÍLOGO

1. O LONGO ADEUS

ACONTECEU EM UMA NOITE FRIA de sexta-feira em Madri.

O Barcelona havia acabado de destruir o Athletic Bilbao e conquistar o quarto troféu da temporada quando o ponteiro dos minutos fazia seus últimos movimentos antes de Pep Guardiola deixar definitivamente o clube que tanto ama — mas que esgotara todas as forças.

Ele tinha protagonizado uma longa e bem-humorada entrevista coletiva antes de retornar ao vestiário para pôr as mãos no colossal troféu da Copa do Rei, uma taça de quinze quilos e 76 centímetros de altura. Sua parada seguinte foi o campo de jogo do Vicente Calderón, o estádio do Atlético de Madrid.

Guardiola ainda tem a alma de um jogador de futebol e em certas ocasiões especiais retorna ao espaço onde se sente mais feliz, o gramado. Foi o que ele fez quando deixou o Barcelona pela primeira vez, no ano de 2001, e também quando conquistou o primeiro título como técnico do time principal do Barça, a mesma Copa do Rei, em 2009. Dessa vez, o ritual se transformaria novamente em mais um calmo e silencioso *adéu*.

Pep saiu do túnel carregando o troféu com uma das mãos e ao lado de seu principal confidente, Manel Estiarte. Eles caminharam lentamente pelo gramado onde, mais de uma hora antes, o Barcelona fizera outra bela exibição, despedindo-se com estilo — e com o 14º título — de uma era de ouro para o clube.

O treinador parou por alguns instantes para atender ao pedido de um fotógrafo, Manel Montilla, do *El Mundo Deportivo*. Agachou-se, com o troféu à sua frente, deu um último sorriso, cheio de confiança e satisfação, e pronto... Tinha acabado. Ele e Estiarte percorreram o que restava do caminho até o

túnel para os vestiários e desapareceram estádio adentro. Era 1h35 da madrugada de sábado, 26 de maio de 2012.

Apesar de todas os problemas e adversidades daquela temporada, apesar do título espanhol conquistado pelo Real Madrid, com recordes batidos, e da estranhíssima eliminação pelo Chelsea nas semifinais da Champions, foi possível ver naquele último dia alguns resquícios dos melhores momentos de uma era que estava chegando ao fim. Guardiola estava feliz, não era a figura estressada que tínhamos acompanhado ao longo da maior parte do ano. Sua equipe foi brilhante na vitória por 3 a 0, partindo os corações de milhares de bascos cuja lealdade e paixão pelo Athletic haviam contribuído para criar o clima de uma noite épica de decisão.

No entanto, essa última grande apresentação do Barça, que valeu ao clube o quarto troféu da temporada — somando-se à Supercopa da Espanha, à Supercopa da Europa e ao Mundial de Clubes, vencido depois de um 4 a 0 sobre o Santos de Neymar, na atuação que o técnico catalão considera o resumo perfeito de sua filosofia —, tinha se desenrolado num gramado muito ruim.

Barça e Athletic queriam que a final da Copa do Rei fosse disputada no Santiago Bernabéu, casa do Real Madrid, para que mais 30 mil torcedores pudessem acompanhá-la *in loco*. Mas, apesar das tratativas encabeçadas pela Federação Espanhola de Futebol, Florentino Pérez não cedeu, pois não queria ver bascos e catalães festejando em seu estádio e Xavi Hernández ou Andoni Iraola levantando a Copa do Rei em sua tribuna presidencial.

Localizado do outro lado da cidade, o Vicente Calderón tinha sido rearrumado às pressas depois de ter recebido um show do Coldplay — sendo que a última partida pelo campeonato espanhol tinha acontecido no distante 5 de maio. Além disso, chuvas torrenciais banharam o estádio nos dias que antecederam a final. Depois de anos defendendo a importância de gramados bem cuidados, cortados na altura certa e regados regularmente, Guardiola passou seus últimos noventa minutos como treinador do Barça vendo seu time jogar sobre um terreno de jogo muito distante das condições ideais, em que placas de grama pintada se descolavam do solo. Uma cena emblemática da situação que se criou foi a de Leo Messi se abaixando durante o aquecimento,

curioso para entender por que o terreno estava se mexendo debaixo de seus pés; o argentino acabou levantando com facilidade um bom pedaço do gramado, em parte surpreso com tudo aquilo, mas também contrariado pelo que via.

Além do campo em mau estado, o Barcelona também precisou lidar com as ausências de David Villa, Carles Puyol, Daniel Alves e Éric Abidal. Mesmo assim, o time fez uma ótima partida, numa espécie de última homenagem à filosofia de jogo do técnico que estava se despedindo.

Depois de 1718 dias da estreia de Guardiola como técnico do Barça B, o único jogador de sua primeira escalação que continuava no clube, Pedro, participou também ativamente do último capítulo da trajetória de sucesso de Pep ao marcar duas vezes contra o Athletic. Xavi e Puyol, por sua vez, discutiram de modo amigável sobre quem deveria levantar o troféu (o meio-campista queria retribuir a gentil atitude de Puyol em relação a Abidal no jogo final da Champions de 2011 e deixar que o capitão, que estava machucado, erguesse a taça; mas o zagueiro não quis saber da homenagem). Enquanto os dois trotavam pelo campo, Puyol pegou uma bandeira basca, a *Ikurriña*, e, num gesto de respeito pelos torcedores do Athletic (e talvez numa pequena provocação a Florentino), tratou de colocá-la no círculo central ao lado da *Senyera* catalã.

O troféu da Copa do Rei foi então vestido com o uniforme de Abidal, enquanto Puyol seguia celebrando o título com uma camisa em que se lia o nome de Fontàs, zagueiro que quebrara a perna e perdera a maior parte da temporada. Definitivamente, ninguém foi esquecido.

Era um belo conjunto de despedidas para Guardiola, mas não uma noite perfeita.

Com a enorme vantagem oferecida pela análise em retrospectiva, a verdade é que poderíamos falar em perfeição se depois da coletiva de imprensa que se seguiu à conquista da Champions em 2011, ele tivesse feito uma grande festa com os amigos, familiares, jogadores e comissão técnica no Museu de História Natural, em South Kensington, Londres — apenas cuidando para não esbarrar em nenhum esqueleto de dinossauro — e, na segunda-feira seguinte, tivesse convocado outra coletiva para dizer adeus ao clube. Esse teria sido um

momento de ousadia equiparável a qualquer outro produzido por sua equipe. Mas, em vez disso, nós o vimos se tornar cada vez mais desiludido com seu estilo de vida, curtindo menos o trabalho e se irritando mais e mais com a pressão constante exercida pela imprensa.

Cruyff previu que isso aconteceria. Antes da final de Wembley, ele concedeu uma entrevista na Itália e disse: “O trabalho de Guardiola ao longo das últimas temporadas foi extraordinariamente difícil. Independente dos resultados, eu não me surpreenderia se ele simplesmente fosse embora. Isso aconteceria apenas porque existem certas pressões nesse cargo que são difíceis de suportar ao longo do tempo. E se ele for embora, acho que vai tirar um ano de folga”.

A visão era precisa, ele só errou a data.

Já no inverno de 2011, Guardiola sabia que não tinha mais a mesma energia para planejar e executar todo o trabalho necessário a fim de obter vitórias na Champions League; sua bateria chegara a níveis muito baixos, e o prazer obtido por trabalhar com os melhores jogadores do mundo já não era o mesmo.

Quando o Barcelona foi eliminado da Champions League pelo Chelsea, e depois derrotado em casa pelo Real Madrid, já se tornara comum ver o treinador sentado no banco de reservas, com as mãos na cabeça. Ainda assim, sua última temporada no Barça foi interessante e obteve relativo sucesso. Ter perdido o título espanhol para um Real poderosíssimo e goleador não era nenhuma vergonha. O time da capital apresentou um padrão de jogo elevadíssimo, cometeu poucos erros e em alguns momentos alcançou níveis sublimes de velocidade, potência e vontade de vencer.

E quanto à semifinal da Champions? A expressão “jogo posicional” foi usada com frequência quando explicamos o estilo de futebol praticado pelo Barça, das categorias de base à equipe principal. A incapacidade de aplicá-lo em campo foi um dos principais fatores a provocar a queda diante do Chelsea.

O Barcelona desperdiçou dezenas de oportunidades de marcar, inclusive uma cobrança de pênalti, mas para o padrão da própria equipe, o jogo posicional praticado foi terrível nos lances que decidiram o confronto: o gol de Didier Drogba, em Stamford Bridge, e o de Ramires no contra-ataque no Camp

Nou, quando os ingleses perdiam por 2 a 1 no placar agregado e tinham um homem a menos em campo.

O posicionamento de todos os jogadores do Barça em qualquer momento de um jogo quando o movimento de ataque é interrompido pelo rival era objeto de uma estratégia minuciosa, quase científica. Trata-se de uma obsessão de Guardiola.

Quando Messi perde a bola pouco antes do intervalo, na primeira partida da semifinal, em Stamford Bridge, existe um espaço imperdoável na direita da defesa do Barcelona, por onde Ramires se infiltra. Frank Lampard o aciona e ele só rola a bola para que Drogba faça o gol. É um dos erros que mais provocam a ira de Pep: permitir que o adversário tenha um espaço desprotegido para jogar.

No Camp Nou, Iniesta deixa temporariamente sua posição no lado esquerdo, a fim de pressionar a defesa adversária como uma espécie de segundo centroavante. Ele reage instintivamente, mas ao fazê-lo, deixa um corredor aberto para Ramires avançar. Xavi tenta cobrir o espaço, mas não consegue acompanhar Ramires, que tem todo o lado direito para correr depois de uma troca de passes com Lampard. Piqué havia se machucado, o Barcelona se defendia naquele momento com apenas três homens atrás, a distribuição de atletas no meio de campo era irregular, e não havia equilíbrio no posicionamento da linha ofensiva, formada por Cuenca, Messi e Iniesta. Aquele simplesmente não era o jogo de posição adotado pela equipe de Guardiola. O que tinha dado errado?

Uma questão central é que, quando chegaram os três jogos cruciais da temporada — os confrontos com o Chelsea e o clássico diante do Real, no Camp Nou — o Barcelona não teve a força mental nem a energia necessárias para transformar em gols a superioridade demonstrada diante dos ingleses e para se defender da forma correta contra seu maior rival. Alguns dos pequenos erros que tiveram grandes consequências podem ser atribuídos a uma pré-temporada em que a preparação física deixou de ser o foco principal. Falhe na preparação e prepare-se para falhar.

“Antes fazíamos uma pré-temporada de treinos. Agora, viajamos”, comentou Guardiola, sendo realista, mas também deixando transparecer sua

amargura. Dos voos atrasados aos treinos cancelados, das visitas mal programadas à Casa Branca a intermináveis eventos comerciais e ações de caridade — tudo sob um calor infernal —, o Barcelona se preparou para a derradeira temporada de seu grande treinador de uma forma que era a antítese de tudo o que ele pregava.

Guardiola está certo, essas turnês hoje são uma realidade sem volta, mas o planejamento e a execução dessa especificamente deixou muito a desejar. O propósito era gerar receitas, mas surgiu também uma conta enorme para ser paga. Entre esse verão mal aproveitado e abril do ano seguinte (2012), o elenco catalão sofreu com lesões seguidas que o debilitaram: foram 38 episódios ao todo.

Além de David Villa, que quebrou a perna durante a vitoriosa campanha no Mundial de Clubes, outros jogadores essenciais do grupo estiveram ausentes do time com muito mais frequência que na temporada anterior. Xavi e Iniesta jogaram juntos 1347 minutos a menos que em 2010/2011. Já Pedro viu sua participação total cair de 3467 para 2756 minutos. As rotineiras lesões musculares sofridas por Piqué, na coxa, na panturrilha e na virilha, certamente reduziram o nível do seu desempenho.

Algumas semanas depois do encerramento da temporada, durante a disputa da Eurocopa de 2012, Pep recordou: “Normalmente você sente, mesmo que a partida tenha sido difícil, que teve a chance de mostrar o seu trabalho. E assim você fica bem em relação a seu nível de atuação e em paz consigo mesmo. Durante essa última temporada, eu perdi completamente esse sentimento. Isso é assustador. Você começa a se perguntar: ‘Será que algum dia vou recuperar a capacidade de sentir aquilo novamente?’. E aí surge o medo de que, se a resposta for ‘não’, surjam dúvidas sobre por que continuar jogando, já que o sentimento desapareceu”.

Um ano depois, no verão de 2012, quando chegou a hora de uma nova pré-temporada, o Barcelona abandonou a ideia de ir à China, não disputou nenhum amistoso em cidades mais distantes que Bucareste e tratou como prioridade os treinos de preparação física no campo de Sant Joan Despi. A conclusão que se impunha era a de que a pré-temporada do ano anterior, além de mal organizada, havia sido também um fator importante para evitar que a

equipe conquistasse todos os troféus que disputou.

*

Mesmo assim, quando Pep Guardiola entrou na sala de entrevistas do Camp Nou, na sexta-feira, 27 de abril de 2012, poucos presentes tinham certeza de que ele estava de saída do Barcelona.

A tensão na sala cresceu de verdade quando alguns dos jogadores mais experientes do elenco — como Puyol, Xavi, Busquets e Iniesta — ocuparam as cadeiras da primeira fila. Tratava-se, à toda evidência, da confirmação da notícia. Então, Guardiola, Sandro Rosell e Andoni Zubizarreta finalmente chegaram para anunciar o fim de uma era.

Ao longo da temporada, diversos jogadores admitiram acreditar, quando indagados sem descanso pela imprensa, que o técnico acabaria permanecendo no clube. Era o que eles queriam, pois grande parte do sucesso dos próprios atletas se devia a Pep. Ele amava demais o clube para ir embora, essa era a lógica do raciocínio.

Guardiola, no entanto, estava quase sem forças. Esse se tornou um fator fundamental. Era possível vê-lo e ouvi-lo cansado; no fim das contas, esse desgaste tinha um impacto. Na época do anúncio, até mesmo os pais de Guardiola declararam que, sempre que lhe faziam perguntas sobre o assunto, o filho se fechava, até que desistiram de tentar conseguir uma resposta. Pep só ligou para o pai, Valentí, para avisar que deixaria o cargo um dia antes de revelar ao mundo todo qual era sua decisão.

Algumas frases ditas por Guardiola em sua temporada de despedida mostram bem o nível de estresse crescente que tomava conta do técnico.

Outubro, antes da vitória sobre o Viktoria Plzeň, pela Champions League:

“No momento, é importante encontrar as razões certas, a motivação para continuar aqui. Quando essa motivação desaparecer, será importante procurá-la em outro lugar.”

Novembro, antes de mais uma vitória sobre o Viktoria Plzeň, pela Champions League: “Quando assumi o cargo, não imaginei que ficaria aqui por

tanto tempo. O fato de eu ter durado tanto tempo é o que mais me orgulha.”

Logo após a cirurgia de cinco horas a que Tito Vilanova foi submetido, no final de novembro:

“Sinto falta da contribuição dele em tudo o que faço, mas sinto falta principalmente da sua companhia. Ele é meu amigo e colega, alguém que traz para o trabalho aquilo que eu não tenho para oferecer. Não quero misturar algo tão importante quanto a saúde de Tito com toda essa questão sobre meu futuro.”

Após a goleada por 5 a 1 sobre o Valencia, em fevereiro:

“Minha renovação de contrato é uma decisão pessoal. Não tem nada a ver com o clube. Não posso trabalhar num lugar tão exigente se não acredito que tenho forças para continuar. Se eu estivesse pensando só em mim, eu renovaria por mais três ou quatro anos. Existiria mais estabilidade, é claro, mas não quero usar o clube nem seguir um caminho em que não acredito. Sou realmente grato às pessoas que querem que eu fique, mas isso só acontece porque conquistamos títulos. Se tivesse sido diferente, elas estariam jogando pedras em mim.”

*

Já no final de março, Pep começou a mudar um pouco sua rotina. Ele e a família não assistiram a uma partida em que o Real Madrid deixou dois pontos pelo caminho, empatando com o Villarreal, para ir ao cinema ver o filme *Azul Oscuro Casi Negro* [Azul-escuro quase preto] — dirigido por Daniel Sánchez Arévalo e estrelado pelo ator catalão Quim Gutiérrez. Bem diferente do Pep Guardiola que acompanhamos em seus três primeiros anos no Camp Nou.

“Não assisti a Villarreal × Real. No final, acabei indo para cama mais feliz do que se o Real tivesse vencido, mas mesmo com a vitória deles eu teria dormido bem. Eu apenas escolhi não ver esse jogo ao vivo. Por quê? Todos temos família, filhos e uma pessoa ao lado. Lá fora existem cinemas. O mundo não começa e termina no futebol. Nós só podemos influenciar as nossas partidas, não as dos outros.”

Uma verdadeira heresia, se pensarmos em seus padrões mais antigos.

Depois da derrota por 3 a 2 no placar agregado para o Chelsea, na semifinal da Champions:

“Chegou a hora de falar com o presidente. Vamos fazer tudo com calma e tomar a decisão.”

27 de abril, ao anunciar que deixaria o clube no final da temporada:

“Sei exatamente o que estou deixando para trás: o melhor lugar onde eu poderia estar. Mas dei tudo de mim e esgotei minhas forças. Preciso reabastecer o tanque.

“Por favor, não procurem outras razões para essa decisão. A questão é o tempo que eu passei aqui, nada mais. Eu explodi de alegria quando fui contratado para dirigir o Barça B e o mesmo aconteceu quando fui promovido para o time principal, mas o tempo desgasta tudo e me desgastou também. Se não tivéssemos vencido tanto, eu teria saído antes. Esses projetos são feitos para serem curtos, não de longo prazo.

“Quatro anos é como uma eternidade aqui. Meu sucessor trará ao clube coisas que já não posso mais dar. O técnico precisa ter energia o suficiente para inspirar os jogadores. Eu preciso me recuperar, e a única forma de conseguir isso é dando um tempo e descansando. Se minha decisão fosse outra, eu estaria preocupado com a chance de terminar essa história de forma negativa. Eu me sinto mal por estar tão esgotado.

“Quando me ofereceram o cargo de técnico do time principal, eu me sentia pronto para enfrentar o mundo. Preciso recuperar isso.

“Expressei à direção esses sentimentos no outono, mas eu não podia contar nada aos jogadores, pois o treinador é um pilar de força para o elenco, e isso perturbaria tudo. No entanto, não era uma coisa que me deixava confortável.

“Vou embora com a sensação de que fiz um bom trabalho. Tenho muito orgulho de ter estado aqui.”

Para se ter uma ideia do que Guardiola estava abandonando naqueles meses, podemos voltar a setembro de 2011, quando ele recebeu a maior honraria concedida pelo Parlamento catalão, a medalha de ouro. Por mais que

muitos tentem analisar e explicar Guardiola e suas visões sobre a vida, ninguém faz isso melhor do que ele mesmo.

“No final, os trabalhos que fazemos podem ser reduzidos a simples momentos espalhados pelo tempo. Essa é a verdade, não importa qual seja sua profissão. Tudo se justifica por esses momentos especiais, um sentimento de alegria plena e satisfação.

“Vou contar a vocês um dos meus pequenos segredos. Dois dias antes de cada partida, vou até o subsolo do Camp Nou, onde tenho um pequeno escritório. Está escuro do lado de fora, mas eu tenho uma boa luminária e um pequeno tapete na sala, e lá eu me tranco por uma hora e meia ou duas horas.

“Há muita gente que me ajuda a viver essa grande aventura. Entre eles, estão Carles [Planchart], Dome [Domènec Torrent] e Jordi [Roura]. Eles me passam alguns DVDs, eu me sento com papel e caneta e assisto aos vídeos do nosso próximo rival. Então, começo a fazer minhas anotações.”

Guardiola fala sobre detectar virtudes e fraquezas dos adversários e então...

“É nesse momento que começo a pensar: ‘O.k., podemos fazer estragos contra eles se eu puser esses dois jogadores aqui. Se Messi jogar por ali e outro atleta por lá, talvez possamos derrotá-los’. Esse é o momento ‘eureca’, em que surge aquela fantástica faísca de inspiração que faz o meu trabalho ser o que é. É por esses momentos que sou um treinador, pela alegria desses pequenos instantes. Todo o resto faz parte daquela lista de afazeres diários de qualquer trabalho, que está presente em qualquer rotina.”

Depois, ainda no mesmo discurso, ele disse:

“Quero compartilhar minha paixão com todos e saber que é possível enxergá-la nos meus olhos, na forma como eu falo ou mexo os braços. Isso é tudo o que eu quero. Compartilhar minha paixão para que todos aqueles que estão ao meu redor sejam capazes de senti-la.”

✱

Em abril, toda essa inspiração e esse entusiasmo haviam desaparecido, como explicou seu braço direito, Estiarte: “Você pode discutir os erros e acertos da decisão [de deixar o clube], mas eu estava lá e vi que ele andava triste. Não

foi culpa de ninguém: nem dos jogadores, nem do clube”.

Esta foi a visão de Xavi: “Fiquei surpreso quando Pep nos contou que ia embora, mas essa surpresa diminuiu quando ele explicou suas razões. Ele é um homem um pouco solitário, certamente não é daquelas pessoas extrovertidas que deixam seus sentimentos aparecerem a todo tempo. Além disso, havia muita pressão sobre ele. O que ele nos disse no vestiário foi o mesmo que declarou à imprensa. Temos que respeitá-lo, acreditar nele e permitir que ele possa se refazer”.

*

Quando Guardiola ligou para Manel Estiarte, no começo de 2012, para contar que o câncer de Abidal havia voltado e que o defensor teria de passar por um transplante de fígado, ele chorou tanto que mal conseguia dar a notícia.

O clube havia renovado o contrato do francês ciente de que ele teria de encarar, no mínimo, mais sessões de terapia para reduzir as células cancerígenas que haviam retornado depois de sua surpreendente recuperação e do ótimo desempenho na final da Champions League de 2011.

“O gesto deste clube e de Zubi [Andoni Zubizarreta, diretor esportivo] de lhe dar um novo contrato mesmo sabendo aquilo que eles já sabiam é outra demonstração do que faz o Barcelona tão distinto, tão grande”, afirmou Guardiola, em sua primeira entrevista coletiva depois do anúncio.

Abidal jogou pelo menos duas vezes, na derrota da França para a Alemanha e na vitória por 2 a 1 do Barça sobre o Atlético de Madrid, em 26 de fevereiro de 2012, sabendo que muito em breve precisaria enfrentar um transplante — no total, ele deve ter jogado durante cerca de dois meses daquela temporada sabendo que o câncer havia voltado a atacar seu corpo.

Guardiola falou com ele: “Não vou lhe dizer nada. Você sabe o que está acontecendo. Você me avisa quando estiver bem e quando não estiver bem”.

No fim, até mesmo o treinador se surpreendeu com o tempo durante o qual Abidal conseguiu jogar normalmente — até que os médicos lhe dissessem que a partida contra o Atlético deveria ser seu último grande esforço físico antes do transplante.

Aqueles foram meses muito difíceis. Em novembro, Vilanova tinha precisado passar por uma cirurgia de emergência para a extração de um tumor localizado atrás de sua glândula salivar, no fundo da boca. O então auxiliar de Guardiola retornou ao trabalho, dedicando-se apenas às tarefas mais leves, no mês seguinte. Em janeiro, quando ganhou o prêmio da Fifa/Bola de Ouro como melhor técnico do ano, Pep decidiu dedicar o troféu ao amigo ausente.

Então, no dia 26 de janeiro, o grande jornalista catalão Dani Montesinos morreu quando um carro o derrubou de sua motocicleta no caminho para o trabalho. Ele tinha 36 anos. Era também meu amigo pessoal e a última pessoa de quem me despedi no Camp Nou na noite anterior, quando o Barça empatou por 2 a 2 com o Real Madrid e eliminou o rival da Copa do Rei (por 4 a 3 no placar agregado). Dani era alguém por quem Guardiola nutria bastante carinho — e foram várias as vezes em que as perguntas do jovem renderam um sorriso de Pep, ou uma resposta mais longa e atenciosa, alguma frase de grande repercussão na mídia. Assim que souberam do ocorrido, Pep, Xavi, Puyol, Valdés e Iniesta (com quem Dani mantinha uma relação especialmente amistosa) foram até a sala de imprensa para prestar, com os jornalistas presentes, um minuto de silêncio em homenagem ao colega. Guardiola, então, refletiu sobre a falta que sentiria de alguém com quem “eu conversei a cada três dias ao longo dos últimos quatro anos em, não sei, quatrocentas ou quinhentas entrevistas coletivas; ele estava na maioria delas”.

Em relação a alguém como Guardiola, que sempre cuida para manter certa distância da imprensa e cuja equipe nos oferece verdadeiras sinfonias futebolísticas, é fácil compor a imagem de um sujeito infalível, a quem as desgraças da vida não conseguem atingir. Mas todos esses episódios de proximidade com a morte impactaram o técnico, que tinha esposa e três filhos pequenos, uma família que ficara em segundo plano em sua vida durante cinco anos.

Carpe diem. Tinha chegado a hora de aproveitar a vida.

*

O primeiro amigo que o jovem Pep Guardiola fez ao chegar em La Masia

foi Francesc “Tito” Vilanova. A pequena diferença de idade não importou, pois ambos viam o futebol de maneira idêntica.

Guardiola era um franzino e elegante organizador de jogo na típica posição de camisa 4 do Barça, enquanto Vilanova atuava como um estiloso meia, pela direita do campo. Enquanto Pep viria a ser um dos grandes jogadores da história do Barça, a única participação de Vilanova pela equipe principal foi quando substituiu seu futuro chefe no intervalo da estreia de ambos pelo time, num amistoso contra o Banyoles em 1º de maio de 1989.

Ainda em seu período nas categorias de base, Vilanova teve mais apelidos do que sorte. Um dos treinadores costumava chamá-lo de “Marquês”, porque ele era elegante, vestia-se bem e não aceitava que nada estivesse abaixo da perfeição (o futebol tinha de ser muito bem jogado, o gramado precisava estar em ótimo estado e as chuteiras devidamente engraxadas). Os jovens Vilanova e Guardiola comiam tanto no refeitório do clube que num certo período passaram a ser conhecidos como “Os Glutões”. Quem se juntava a eles na mesa de refeições eram Jordi Roura e Aureli Altimira, que também acabariam fazendo parte da vitoriosa comissão técnica que dirigiu o Barcelona entre 2008 e 2012. Altimira, que marcou um gol no amistoso mencionado no parágrafo anterior, foi preparador físico com Guardiola e se manteve no cargo quando Vilanova se tornou o técnico. Já Roura foi promovido ao cargo de auxiliar de Tito no verão de 2012 e, por um breve período, pelas dramáticas circunstâncias que os cercaram, assumiu o comando do maior time de futebol do mundo.

Quando era um jovem de vinte e poucos anos, Vilanova tinha pressa para emplacar na carreira e precipitou-se resolvendo deixar o Barcelona. “Eu disse a [Charly] Rexach e Cruyff que iria embora se não fosse promovido do Barça B para o time principal depois de duas temporadas. Com o passar do tempo, percebi que provavelmente havia cometido um erro.”

Enquanto Guardiola fez história no Camp Nou, seu futuro assistente passou a carreira pulando de clube em clube. Defendeu as camisas de Figueres, Celta, Badajoz, Mallorca, Elche e, por fim, voltou à sua terra natal, a Catalunha, para jogar no Gramanet.

Depois da aposentadoria, seu conhecimento enciclopédico sobre futebol lhe rendeu um emprego como treinador nas categorias de base do Barça. Ao

chegar, Vilanova herdou os talentosos Cesc Fàbregas e Gerard Piqué, além de ter sido suficientemente inteligente para perceber o talento de Leo Messi assim que o garoto baixinho desembarcou em La Masia. Quando um dos técnicos dentro do clube rejeitou o argentino por considerá-lo “um risco”, Tito logo se candidatou a acolhê-lo no time que treinava, a categoria cadete B. Mas nem mesmo os dois títulos espanhóis conquistados no comando daquela geração de ouro permitiram que Vilanova escapasse da grande reformulação pela qual o Barcelona passou em 2003. Ele foi embora do clube pela segunda vez, por decisão final do vice de futebol à época, Sandro Rosell — que apenas nove anos mais tarde seria o homem a anunciá-lo como o sucessor de Guardiola no comando técnico da equipe principal. Quando o nome de Tito Vilanova foi pronunciado pelo presidente, já em 2012, ouviu-se um grande burburinho na lotada sala de imprensa do Camp Nou. Jornalistas do mundo todo tinham comparecido para ouvir a confirmação de que Guardiola deixaria o cargo, mas a notícia sobre Vilanova pegou muitos deles de surpresa.

Se Pep tivesse deixado o Barcelona para ir diretamente comandar outro clube, Vilanova teria seguido o amigo e daria um terceiro adeus ao clube catalão. Mas então, acabou permanecendo. “Eu fiquei surpreso. Não sabia de nada e, quando o presidente me fez o convite, um dia depois de Pep recusar todas as ofertas para ficar no cargo, eu disse a ele que precisava de tempo para pensar, porque eu também tinha me desgastado muito e as circunstâncias desse ano de trabalho tinham sido incomuns. Mas quando um clube dessa grandeza lhe oferece um posto, é muito difícil dizer não.

“Se você se sente pronto para o trabalho, não hesite”. Foi esse o conselho de Guardiola quando os médicos de Vilanova lhe deram aprovação para seguir em frente.

No entanto, o olhar de Guardiola na sala de entrevistas ao ouvir Rosell anunciando que Vilanova seria seu sucessor deixou os jornalistas resabiados. Será que para Pep a notícia era tão surpreendente quanto para o resto do mundo?

A resposta é não. Mas pode-se debater se não teria sido melhor postergar o anúncio sobre o novo treinador por uma ou duas semanas. Em vez disso, a tão aguardada revelação a respeito do final de uma era sem igual no clube foi

ofuscada pelas dúvidas de todos os que não eram da Catalunha: quem é Tito Vilanova?

Depois de catorze títulos conquistados em quatro anos, Pep talvez esperasse que os holofotes permanecessem voltados para ele por mais algum tempo. Ele agiu corretamente com o clube quando, assim que decidiu seu futuro, comunicou-o à diretoria para que se iniciassem as buscas por um novo treinador. E então passou o resto da temporada afastando os rumores e declarando em público que de fato iria deixar o Barça definitivamente.

Mas o futebol obedece a regras próprias. Constrói-se sob um jogo de imagens, impressões, meias-verdades, negativas e vazamentos. Guardiola quis deixar tudo muito claro e, em troca, gostaria de ter vivido um intervalo decente entre o anúncio de que estava muito desgastado e decidira encerrar aquela era de ouro e a notícia de que já havia outro nome à espera de ocupar o seu lugar.

O Barça escolheu bem o homem que iria sucedê-lo, mas errou quanto ao momento do anúncio. Do que pude apurar com as pessoas próximas do centro de decisões do clube, acredito que as relações não muito amistosas entre Rosell e Guardiola é que fizeram o presidente antecipar a nomeação de Vilanova, como se estivesse dizendo: “Pep Guardiola vai embora? Sem problemas, já estamos em outra”. Um erro de julgamento, na melhor das hipóteses; uma provocação barata, na pior delas.

Vilanova por fim esclareceu: “Eu disse a Zubi, assim que ele me ofereceu o emprego, que se Pep tivesse uma única objeção, já seria fim de conversa, eu não aceitaria o cargo. Pep e eu somos como família. Tenho certeza de que se ele estivesse indo para outro clube, eu o acompanharia em vez de ficar aqui no Barça”.

Xavi, por sua vez, disse: “O clube não poderia ter feito escolha melhor”.

E Iniesta chamava o novo chefe de “A Enciclopédia”, porque Vilanova era tão metódico, bem preparado e inovador quanto Guardiola.

Os dois sempre pediam opiniões a Tito, e a palavra do auxiliar sempre contava, especialmente nas conversas com Pep. Por exemplo, foi ele quem incentivou Guardiola a promover Sergio Busquets, experimentar Messi como falso 9, contratar David Villa e repatriar Fàbregas.

“Pep me dava espaço para deixar minha opinião, nunca me senti num papel secundário no clube”, confirmou Vilanova. “Era ele quem fazia a maior parte da comunicação, mas quase todas as decisões nós tomávamos juntos e nunca houve qualquer desentendimento entre nós.” Nunca até então.

*

E foi dessa forma que Pep Guardiola disse adeus. Foram catorze troféus conquistados em quatro temporadas incríveis, além de um papel fundamental na transformação de Messi em maior jogador do mundo. Na última temporada do treinador, o argentino marcou 72 vezes pelo Barcelona e se transformou, com apenas 24 anos, no recordista de gols com a camisa do clube; também igualou o recorde de catorze gols numa única edição de Champions League/Copa da Europa, estabelecido em 1963, e se tornou o único jogador a liderar a artilharia da Champions por quatro edições consecutivas do torneio.

No entanto, o legado deixado por Guardiola é ainda maior que qualquer uma das grandes conquistas de seu time. Foi a demonstração, para gerações de crianças do mundo todo, de como é possível jogar futebol de forma bonita e inteligente.

Depois de catorze anos trabalhando em Barcelona, eu sou cercado, aonde quer que vá, por técnicos, *scouts*, pais de atletas, jovens jogadores e amantes do futebol que anseiam por aprender e imitar o estilo de jogo do Barcelona. O jeito Guardiola de jogar. Poderia haver legado mais impressionante do que tornar milhões de pessoas do mundo todo ainda mais apaixonadas pelo futebol?

É óbvio que a despedida foi mais um “até breve” que um adeus definitivo.

Raúl, em teoria um rival ferrenho depois de uma vida inteira vestindo a camisa do Real Madrid, mas que é na verdade um grande amigo e admirador de Pep, resume bem aquilo de que estou falando: “O futebol precisa de Pep Guardiola e de pessoas como ele”.

E ele também precisa do futebol — o Bayern de Munique e agora o Manchester City estão aí para provar.

Pouco antes de deixar o Barça, no final de maio de 2012, Pep disse a Estiarte

que sabia que, mesmo cansado, poderia dar muito ao clube na temporada 2012/2013. “Muito, mas não tudo”, ele prosseguiu. Segundo ele, permanecer no Barcelona nessas circunstâncias teria sido uma traição.

Entre os grandes, são poucos os que sabem a hora certa de sair de cena quando essa decisão cabe apenas a eles. Pep Guardiola provou estar nesse grupo. E foi embora carregando mais um belo e valioso troféu.

2. O ADEUS MAIS TRISTE

CHEGA A SER ENGRAÇADO como o Chelsea foi um tema recorrente na narrativa desta excepcional história sobre futebol. Como nos casos envolvendo Joe Frasier e Muhammad Ali (no boxe) ou Jack Nicklaus e Tom Watson (no golfe), o clube londrino apareceu sempre em contraposição ao Barça: quando José Mourinho falou duramente contra o árbitro Anders Frisk, depois do cartão vermelho recebido por Didier Drogba no duelo com o emergente Barça de Frank Rijkaard, em 2005; ou quando os azuis de Londres fizeram a incrível blitz sobre Ronaldinho e companhia no jogo da volta, em Stamford Bridge; ou no 2 a 1 a favor do Barcelona em Londres, no ano seguinte, marcado pela entrada de Del Horno em Messi, numa exibição de jogo que anunciou o início de uma nova era de sucesso para os catalães.

Houve ainda o gol “impossível” de Lampard no Camp Nou em 2006, em que ele estava sem ângulo — e que, segundo o próprio inglês, foi o melhor da sua carreira.

Sem falar, é claro, *naquele* gol de Don Andrés Iniesta. Bola no ângulo, últimos instantes da partida, todos os jogadores se abraçando amontoados junto à bandeirinha de escanteio.

Barcelona e Chelsea construíram uma história repleta de rivalidade, rancores, drama, personagens inesquecíveis — e de excelência no futebol. Então, quando ficou definido que se enfrentariam na semifinal da Champions de 2012, tínhamos o direito de esperar um confronto especial. E foi o que aconteceu.

Só que a aguardada eliminatória acabou sendo também a porta de entrada para o momento mais sombrio de toda essa história.

O jogo de ida foi inacreditável. O Barcelona poderia ter vencido por três ou quatro gols de diferença. Manel Estiarte considera o primeiro tempo daquela

partida como uma das duas melhores performances da gestão Guardiola no Barça. Mesmo assim, os catalães perderam por 1 a 0.

Já o confronto da volta teve um ar de fim de festa — com o Barcelona numa verdadeira pilha de nervos. As probabilidades eram as mais favoráveis: o time vencia a partida por 2 a 0 (2 a 1 no agregado), tinha um homem a mais e um pênalti para bater. Em qualquer outro dia dos quatro anos da era Guardiola, aquele teria sido o fim da linha para a equipe de Roberto Di Matteo, com o Barça se classificando para a final da Champions League em Munique. Mas, no fim, o duelo no Camp Nou acabou em 2 a 2. Com os campeões do ano anterior fora do torneio, e o reinado de Guardiola prestes a se encerrar.

Após a partida, teve início no escritório de Guardiola, sem que todos nós soubéssemos, aquele que seria o último capítulo da vida de Tito Vilanova. Profundamente decepcionado e sem forças para seguir adiante, o treinador do Barcelona contou ao amigo que tiraria um ano sabático ao final da temporada. E Vilanova não demoraria a aceitar a tarefa de sucedê-lo.

“Sei como esse emprego é difícil”, disse Tito, aos 43 anos, em sua primeira coletiva como técnico. “Assumir depois de uma era não apenas vitoriosa, mas das mais gloriosas da história do clube.”

Mal sabia ele o que estava por vir.

O Marquês no início pareceu ser uma escolha sólida, inteligente, apropriada.

Apesar de ter perdido a Supercopa da Espanha para o Real (pelo critério dos gols fora de casa), o Barça de Tito logo passou a jogar um futebol corajoso, sem remorsos, demonstrando o desejo de recuperar o título nacional que o Real de Mourinho tinha conquistado na última temporada de Guardiola no cargo.

Quando a equipe sofreu sua primeira derrota na liga, na visita à Real Sociedad em janeiro, o cenário era o seguinte: o Barcelona liderava a competição, com onze pontos de vantagem para o Atlético, segundo colocado, e dezoito para o Real. Em janeiro. Mas, em meio a essa sequência impressionante, num fatídico dia de dezembro, abriu-se uma fenda no “universo Barça”.

Tenho esse momento gravado na minha mente. Eu estava a caminho de duas longas e agradáveis entrevistas, com o presidente da federação espanhola,

Ángel Villar, e o técnico Vicente del Bosque, no centro de treinamentos de La Rozas. O Natal estava chegando e, depois de um belo jogo na noite anterior — o Barcelona de Vilanova fizera 4 a 1 sobre o Atlético —, o mundo do futebol parecia mais encantador do que nunca.

Alguns dias antes do clássico, Vilanova se sentiu bem o bastante, e confiante o bastante, para dar sua primeira e única longa entrevista de televisão sobre a luta contra o câncer. A doença de Tito estava em remissão e ele havia quebrado um recorde na primeira metade de temporada à frente do Barça: 55 pontos conquistados de 57 possíveis. Um homem talentoso, realizando o trabalho dos seus sonhos e falando na TV sobre sua jornada pessoal, na esperança de mostrar às pessoas que a recuperação e uma vida digna dedicada àquilo que se ama eram possíveis, apesar de todos os problemas. Ele falou de forma comovente sobre os medos que sentia em relação aos filhos, mas parecia jovial e em bom estado de saúde.

Então, assim que eu desci do avião em Madri, naquele dia de dezembro, dezenas de ligações perdidas e mensagens de texto no celular me trouxeram a triste notícia. Tito estava doente de novo, precisaria se ausentar do cargo e sua vida corria riscos.

Acho impressionante como os extremos da condição humana podem produzir surpresas encantadoras e profundas decepções. Os meses seguintes trariam ótimos exemplos.

Para começar, Tito e Guardiola se desentenderam justamente no momento em que o novo treinador do Barcelona passava pelas maiores dificuldades. As esposas dos dois também se distanciaram. Nova York era a cidade onde os especialistas que cuidavam de Tito na Catalunha achavam que ele receberia o tratamento mais avançado, com as maiores chances de sucesso. O prognóstico não era animador: o que em 2011 fora descrito como um tumor numa área específica do corpo, a glândula salivar parótida, situação para a qual o estágio corrente da medicina indicava boas chances de restabelecimento, passara então a exigir que o paciente cruzasse o Atlântico em busca de especialistas. A cirurgia quase imediata à qual Vilanova se submeteu foi seguida de várias semanas de quimioterapia e radioterapia em Nova York.

Infelizmente, na mesma época, a imprensa espanhola começou a divulgar a

notícia de que acontecera um abalo importante no relacionamento de Vilanova e Guardiola — e entre Montse e Cristina, suas respectivas mulheres.

Agora que Tito morreu e todos estão tentando seguir em frente, acho que não vem ao caso uma análise mais detida sobre tudo o que aconteceu. Eram questões de ordem pessoal, sem qualquer relação com a história de futebol que estamos contando — os envolvidos é que precisarão se entender com os acontecimentos. De qualquer forma, cabe um relato dos fatos.

Quando estava bem de saúde e imaginava que iniciaria a pré-temporada para 2013/2014, Tito admitiu publicamente que se sentira sozinho e com medo, e que a presença do amigo teria lhe feito bem enquanto esteve em Nova York. Também disse que lamentava e que não entendia por que Guardiola não lhe fizera visitas durante o tratamento, exceto por um encontro ocorrido quando Vilanova viajou brevemente aos eua para uma primeira bateria de exames.

Pep, por outro lado, ficou furioso ao sentir que Sandro Rosell se aproveitara do estremecimento de relações entre os dois amigos para atacá-lo. Numa entrevista coletiva durante sua primeira pré-temporada treinando o Bayern de Munique, no Trentino, na Itália, Guardiola falou de forma ressentida sobre os antigos empregadores, que na visão dele vinham vazando informações à imprensa sobre a deterioração de seu relacionamento com Vilanova. No entender de Pep, amigos e intermediários do presidente do Barça estavam tentando atingi-lo em represália por uma suposta tentativa de interceptar a ida do brasileiro Neymar para o Camp Nou, cujo propósito final seria levá-lo para o Bayern.

“Viajei 6 mil quilômetros [de Barcelona para Nova York] e só pedi para que Rosell me deixasse em paz. Mas ele não conseguiu”, afirmou Guardiola, enfurecido. “Ele não manteve sua palavra. Muitas coisas acontecidas no último ano extrapolaram os limites. Usar a doença de Tito para me atingir? Nunca vou me esquecer disso. Quando falei com Neymar [depois de ter deixado o Camp Nou], eu disse a ele vinte vezes que estava fazendo a coisa certa ao ir para o Barcelona e, nas três conversas que tivemos, o nome de Tito não surgiu uma única vez.

“Encontrei Tito em Nova York e, se eu não o vi mais vezes, é porque não foi possível. Não por minha culpa.”

Os dois, Tito e Guardiola, disseram não ter culpa no afastamento. Muito triste.

Quando Guardiola deixou o Barcelona e Vilanova assumiu o cargo, ambos tiveram o cuidado de dizer publicamente que não tinha acontecido nenhum mal-entendido, que não sobrara qualquer mágoa entre eles. Quem os conhecia afirmou o mesmo, até em conversas informais. Mas eu não acredito nisso.

O mais próximo de uma confirmação a respeito do que teria criado o distanciamento nas relações entre dois homens que foram tão importantes um para o outro durante quase três décadas no Barcelona veio do colaborador mais próximo e grande amigo de Guardiola, Manel Estiarte.

Numa entrevista concedida alguns meses depois de Pep ter ido para Nova York, o ex-atleta olímpico disse: “A partir de outubro de 2011, começamos a conversar sobre duas possibilidades distintas para o futuro mais imediato, ao final da temporada. Se todos se sentissem fortes e felizes, continuaríamos no Barcelona. Caso contrário, iríamos embora em junho de 2012. Então, quando de repente surge uma terceira possibilidade, vem o sentimento de surpresa”.

A inesperada terceira possibilidade era a permanência de Vilanova, promovido a técnico principal, mesmo com a saída de Guardiola. Então, independentemente do que foi dito em público, a versão de Estiarte é a de que Pep esperava que seu estafe todo o seguisse, ele ficando no clube ou não.

Tirem suas próprias conclusões, mas acho inapropriado atribuir culpas nesse caso, sendo muito mais justo apontar como é triste quando uma amizade tão íntima, um relacionamento tão criativo e profícuo, sofre um golpe tão duro num momento em que esses laços deveriam estar mais fortes, quando Vilanova sofria de uma doença que acabaria pondo fim à sua vida.

Jordi Roura, até então coadjuvante nas comissões técnicas lideradas por Guardiola e Vilanova, assumiu provisoriamente o comando da equipe no inverno de 2012, enquanto o amigo se tratava do câncer.

Concentrando-nos apenas no futebol, naquele ponto eram sentidas as primeiras lufadas de vento de uma tempestade que se aproximava. Com desempenho excelente durante grande parte da temporada, o Barcelona acabou conquistando o título espanhol com quinze pontos de vantagem para o Real Madrid de Mourinho, igualando o recorde de cem pontos na liga e

marcando 115 gols.

Mas a diferença microscópica que existe, no trecho final de uma temporada, entre uma equipe de força mental inabalável — e condição física ideal — e um time vulnerável acabou custando ao Barça mais um ou dois troféus. Quando a primavera chegou, parte do elenco catalão estava em frangalhos nos aspectos físico e mental, sentindo o desgaste de anos seguidos atuando no mais alto nível.

É possível considerar que esse declínio esteja ligado a uma mudança no regime de treinamentos, já que Guardiola e boa parte da comissão técnica que havia feito do Barcelona o melhor time do mundo tinham deixado o clube.

Aconteceu, sem dúvida, uma queda no padrão de intensidade extrema que marcara a era Guardiola. Não que o novo ritmo de treinos fosse brando, mas simplesmente não se via o ambiente de alta tensão e concentração que imperava no clube desde 2008.

É justamente nesse ponto, no entanto, que aquilo que eu vi e ouvi se sobrepõe às notícias veiculadas à época. A mídia espanhola discutiu à exaustão nesse período se a manutenção de Tito Vilanova no cargo, enquanto ele passava pelo tratamento em Nova York, seria boa ideia. Ele e sua comissão usavam o Skype, o FaceTime e videoconferências para manter contato. Jordi Roura passou a estar sob os holofotes, e os jogadores também se viram mais cobrados. Será que Jordi era bom o bastante? Ou firme o bastante? Teria sido ingenuidade manter Vilanova no controle apesar de sua doença e de estar longe do país? Os jogadores não começaram a se poupar mais nos treinos? Será que não faltou comando à equipe?

A impressão geral dos analistas era a de que a derrota para o Real Madrid na semifinal da Copa do Rei e a goleada por 7 a 0 no placar agregado sofrida diante do Bayern de Munique na briga por uma vaga na decisão da Champions League ofereciam um diagnóstico claro: o clube vinha tomando decisões equivocadas e os jogadores tinham afrouxado o ritmo.

Lidar com mudanças pode ser um processo extremamente difícil. Esse grupo de jogadores teve de enfrentar a saída de Guardiola, e precisou administrar a alternância de comando entre Vilanova e Roura e as ausências de Puyol, Villa e Abidal (que perderam parte da temporada, ou a disputaram em

condições inferiores, em razão de lesões, cirurgias e processos de recuperação). O cenário, no âmbito esportivo, era esse.

O que recebeu pouco destaque, ou acabou não sendo compreendido, foi a profundidade dos traumas, no aspecto humano, que o elenco de atletas precisou enfrentar entre 2011 e 2014. Éric Abidal, por exemplo, passou boa parte desse período lutando contra um câncer e com a vida em perigo. Ao ponto de Daniel Alves se oferecer para doar parte do seu fígado ao amigo e companheiro de time.

Nas palavras de Abidal: “Quando ficou claro que eu teria de ser operado e precisava de um transplante para conseguir me recuperar, Dani quis doar uma porção do seu fígado para me ajudar. Obviamente, tive de recusar, afinal ele tinha uma carreira profissional a qual dar prosseguimento. Mas o que ele e eu temos vai além de uma simples amizade”.

Abidal sofreu, se recuperou, sofreu mais um pouco e depois tentou fazer sua carreira ressuscitar. Ao lado de seus companheiros de equipe, teve de enfrentar momentos terríveis, que fariam muitos outros fraquejarem. O impacto desse processo todo sobre o grupo tem de ser levado em conta, à parte das questões futebolísticas. Cada jogador pensava: “Lá vamos nós, que Deus nos ajude”.

Guardiola, figura quase messiânica no Camp Nou durante cinco anos, desde sua chegada ao Barça B, foi se cansando, ficou esgotado, depois irritado e então deixou o clube. A partida do salvador foi um lembrete aos jogadores de que, quando o sabor da glória se vai, todos precisam se virar sozinhos.

E, então, Vilanova também foi atingido pelo câncer. Primeiro em 2011, depois novamente nos últimos meses de 2012, até ser forçado a largar definitivamente o emprego. Tito tinha sido importante no início das carreiras de Piqué, Fàbregas e Messi. Foi um dos que avisaram Frank Rijkaard de que um gênio estava brotando em La Masia: um pequeno argentino capaz de fazer coisas nunca antes vistas por lá.

Eu entrevistei Cesc Fàbregas meses depois do funeral de seu antigo treinador. Ele me disse: “Eu gostaria de poder mais uma vez passar um dia inteiro ao lado de Tito Vilanova e de Luis Aragonés. São coisas de que sinto falta, são memórias que ficam com a gente. Tive momentos incríveis com Tito

quando eu era um garoto no Barcelona — ele me proporcionou muitas oportunidades e me ensinou muito, principalmente quando eu estava passando por uma fase difícil no final da minha primeira temporada de retorno. São duas pessoas de quem sinto falta. Então, se eu pudesse passar mais um dia ao lado de alguém do futebol, seria com eles”.

Acredito que, com a transformação do futebol em um grande negócio, com a abertura de um fosso econômico separando os torcedores dos jogadores que eles acompanham, além da proliferação de jornalistas esportivos que não estabelecem relações pessoais com os atletas e treinadores sobre quem escrevem, deu-se um abandono do senso comum e da decência. Estava claro que esse era um grupo que tinha passado por uma série de grandes traumas emocionais.

Que pessoa normal não veria diminuir, ainda que ligeiramente, a importância de deixar de ser competitivo ao extremo a ponto de concorrer pela vitória em todos os campeonatos?

Sob o impacto atordoante provocado por tantos dramas humanos, e até mesmo depois das goleadas por 4 a 0 e 3 a 0 aplicadas pelo Bayern, o núcleo do que fora construído por Guardiola, Vilanova e os demais membros do grupo permaneceu intacto.

Em Munique, na partida de ida da semifinal da Champions de 2013, quando o Barcelona começou a sofrer a derrota mais humilhante da sua história em competições europeias (Não, não estou me esquecendo do Dundee United!), o time de Vilanova não jogou bem.

Faltou a mentalidade vencedora, o espírito inquebrantável que era necessário naquela noite. O Bayern foi brutal, demonstrou mais fome, mais velocidade, e ainda por cima contou com o olhar benevolente da arbitragem — sendo o episódio mais relevante a falta clara e deliberada de Müller em Jordi Alba no lance em que Robben fez 3 a 0.

Messi tinha se machucado em Paris, na fase anterior da Champions, quando vivia um grande momento — mesmo para o seu altíssimo padrão —, com 33 gols em 24 partidas consecutivas do campeonato espanhol. Além da lesão, o Barça também teve problemas com a arbitragem nesse confronto, quando um gol irregular (em impedimento) foi validado em favor do PSG. De

qualquer forma, o problema muscular na parte traseira da coxa de Messi significava que ele não deveria entrar em campo até a primeira partida da semifinal de Munique. Mas quando o time parisiense veio ao Camp Nou e começou ganhando por 1 a 0 — resultado que tiraria o Barcelona da Champions —, Vilanova decidiu que Messi viria ao resgate do time e colocou-o no jogo para disputar os últimos trinta minutos. A finta com a qual, nove minutos depois de entrar, ele se livrou de Marco Verratti e também do velho amigo de noitadas Thiago Motta permitiu que fosse criado o gol de empate dos catalães. O suficiente para que o Barça passasse às semifinais.

Mas o retorno de Messi tinha acontecido cedo demais. Uma medida desesperada que trouxe benefícios no curto prazo, mas impediu que o argentino participasse das duas rodadas seguintes do espanhol, contra Levante e Zaragoza. Ele então não chegou em boas condições para o jogo de Munique, e o Bayern aproveitou muito bem a vantagem.

Apesar de todo o ocorrido, da boca do técnico interino do Barça, Jordi Roura (Vilanova estava no comando do time, mas ainda não devia dar entrevistas), não se ouviu uma ladainha ao estilo Mourinho.

“Francamente, o árbitro foi muito mal. Não tivemos sorte com as decisões dos árbitros nas partidas fora de casa nesta temporada. Aconteceram erros em todas elas. Mas isso não serve como desculpa hoje. O Bayern foi melhor.”

Roura também falou à imprensa sobre um “cansaço acumulado e queda na força física que temos notado nas últimas semanas”, mas acabou usando apenas uma das substituições possíveis no jogo, quando faltavam apenas sete minutos para o apito final — numa partida que vinha sendo ruim para o Barça desde os vinte minutos iniciais.

“Eles foram mais rápidos e mais fortes do que nós, e jogaram bom futebol. Parabéns a eles!”, disse Piqué.

“Fisicamente, eles foram e são melhores do que nós. E também têm muita qualidade na bola parada”, foi a declaração de Xavi.

“Não estou na minha melhor forma, mas não estava sentindo dores musculares e queria jogar”, disse Messi.

O Bayern completou o massacre de forma clássica uma semana depois: 3 a 0 contra um Barça que jogou sem Puyol, Messi, Mascherano, Jordi Alba,

Busquets e Abidal.

Depois de já ter conquistado o campeonato espanhol, Xavi refletiu sobre o confronto com os alemães, de maneira clara e contundente: “Eles mudaram a forma de jogar quando nos enfrentaram. Não jogaram apostando na mentalidade atraente de sempre, ou com o mesmo estilo alegre. Usaram bem a velocidade nos lados do campo, souberam como nos pressionar e defenderam sem deixar espaços. Mas o principal é que eles estavam em melhor forma do que nós. Fisicamente e em termos de futebol jogado.

“Os resultados podem ser enganosos. Nem tudo está contido no simples ato de ganhar ou perder. Todos os que estão enchendo a boca agora para falar num ‘fim de ciclo no Barcelona’ são pessoas que não gostam do que vínhamos fazendo.”

Durante a entrevista, Xavi também declarou que a diferença real entre Bayern e Barcelona era mínima, e não de sete gols. Teria sido exacerbada por questões de má forma física e oscilação no nível de jogo do Barça.

Essa linha de argumentação poderia levar a conclusões válidas apenas para os mais fanáticos pelo Barça, mas as palavras de Xavi também guardam relação com o cenário complexo que tinha se estabelecido, um convite aos detratores do clube catalão. Afinal, nenhuma análise desses dois jogos faz sentido se não levar em consideração tudo o que os jogadores do clube estavam vivendo.

*

A primeira temporada de Vilanova chegou ao fim com um sentimento de relativo sucesso. O Barcelona liderou o espanhol de ponta a ponta, conquistou o título com quatro rodadas de antecipação e abriu quinze pontos de vantagem para o Real Madrid. A equipe ainda igualou o recorde de cem pontos no campeonato, estabelecido doze meses antes pelo time dirigido por Mourinho. Para completar, o Real terminou o ano sem levantar nenhum troféu, pois foi derrotado pelo Atlético na decisão da Copa do Rei, no Bernabéu, no último jogo do treinador português.

O verão foi chegando ao fim, e a perspectiva de conhecermos mais sobre o trabalho de Tito, suas visões, sua força, parecia ser um dos pontos altos da nova

temporada — especialmente porque existia a expectativa do confronto com um Real Madrid renovado, com Carlo Ancelotti e Paul Clement no comando. Entretanto, não era esse o caminho que a vida tinha pavimentado para o técnico do Barcelona.

Sua primeira entrevista coletiva de pré-temporada foi tomada de assalto por perguntas sobre o relacionamento com Guardiola, e Vilanova admitiu ter ficado chateado com a distância do amigo em Nova York. Então, passados apenas alguns dias, veio a notícia. Tito precisou pedir ao clube para se afastar do cargo outra vez. Ele estava novamente doente.

Tenho certo orgulho dos sentimentos que capturei naquele momento. Por isso, reproduzo aqui a coluna que escrevi na época:

A expressão que irá ecoar pelo mundo todo, uma cortesia das mídias sociais, é #AnimsTito.

Ela tem amplidão de significado e profundidade de sentimentos. “Fique bem logo, Tito”, “Nós estamos com você, Tito”, “Boa sorte, Tito” — todas essas mensagens contidas em uma expressão. #AnimsTito.

E apesar de ser natural que um choque como esse una as pessoas, faça-as perceber sua fragilidade, a nossa fragilidade, também é verdade que Tito Vilanova é o “mocinho” dessa história. Não por causa do sentimento blaugrana que sempre carregou consigo, ou porque ganhou o título com o Barcelona, mas por causa do tipo de homem que ele é.

Tito não é um santo, não é um modelo de virtudes. Mas é um cara de pensamento claro, articulado, inteligente, alguém justo e decente que não merece passar por isso.

Dois fatores contribuem para reforçar a terrível sensação que nos acertou em cheio o estômago quando recebemos a notícia. Em primeiro lugar, e espero que isso não soe insensível, Tito parecia o retrato da saúde nesta semana. Um ou dois quilos mais gordo, corpo firme, bronzeado, com um sorriso no rosto, onde já não se viam tantas marcas das dores impostas pelo tratamento ao qual fora submetido em Nova York. A impressão era a de que estava pronto para mergulhar de cabeça naquilo que ama fazer.

Eu registrei o triste fato de sua última coletiva de imprensa ter sido dominada por conversas acerca do rompimento de suas relações com Guardiola. E então fiz uma alusão a Sandro Rosell e sua pressa para contratar um novo treinador:

“A vida continua” foi a expressão usada em relação à nomeação de um novo técnico. Torço fervorosamente para que a frase se aplique também ao futuro de Tito Vilanova. Não sei quem será esse treinador. E, pelo menos por hoje, isso não me importa.

Amanhã será outro dia, amanhã pode ser um dia de “novidades”. Mas, esta noite, o que todos nós podemos fazer é dizer #AnimsTito e, uma vez mais, pôr em prática a ideia do Carpe diem.

Tratemos cada minuto como um bem precioso.

Em fevereiro de 2014, na festa anual de gala do jornal *Mundo Deportivo*, de Barcelona, Jupp Heynckes iria ser o homenageado como técnico do ano, pela conquista da tríplice coroa em 2012/2013 com o Bayern de Munique. Mas o alemão tinha outros planos. Ele insistiu que ninguém mais poderia receber o prêmio além de Tito Vilanova. E fazia questão de viajar à Catalunha para anunciar o vencedor.

Quando chegou a data do evento, o frágil estado de saúde de Tito não permitiu que ele participasse da festa. Ainda assim, o ex-treinador do Bayern, o mesmo que comandara o massacre histórico por 7 a 0 no ano anterior, foi à celebração, discursou de maneira comovente e entregou o troféu ao diretor de futebol do Barcelona, Andoni Zubizarreta, que viera representar o vencedor ausente.

Heynckes repetiu insistentemente que Vilanova era o legítimo vencedor do prêmio, não apenas por sua bravura e elegância ao lutar contra o câncer, mas também pela qualidade do futebol que levou o Barcelona a vencer a liga espanhola.

“É uma honra e uma alegria estar aqui para conceder este prêmio a um homem tão ilustre: Tito Vilanova. Com Tito, o Barcelona jogou um futebol fantástico, porque ele é um grande estrategista. É trabalhador, corajoso e

prefere manter uma imagem discreta. E obviamente mantém uma ótima relação, fluida e de confiança recíproca, com os jogadores.

“Esse cara tem também uma grande noção do que são os verdadeiros valores humanos. Ele é um exemplo não apenas para o esporte, mas para o mundo inteiro. É um verdadeiro cavalheiro. Você não é um campeão somente no futebol, Tito, é um campeão na vida. E tem em mim um amigo para todo o sempre.”

Que bela declaração a do alemão depois do mais glorioso encerramento de carreira possível para um técnico de futebol, com a tríplice coroa: campeonato alemão, Copa da Alemanha e Champions League. E, depois, um *Auf Wiedersehen*.

É triste escrever isto, mas apenas nove meses depois de deixar o comando do Barcelona, a vida de Vilanova chegou ao fim.

Eu me lembro perfeitamente do dia. Estava pedalando pela cidade para ver um amigo de família, George Taylor, quando meu telefone celular começou a tocar. Tocou, tocou, tocou sem parar. De alguma forma, eu já sabia o que tinha acontecido. Tito Vilanova — o Marquês, a Enciclopédia, podem chamá-lo como quiserem — tinha morrido, com apenas 45 anos, deixando a mulher, Montse, e dois filhos, Carlota e Adrià.

No funeral, Xavi, Puyol, Iniesta e Messi se sentaram nas cadeiras da primeira fileira. E todos choraram.

Guardiola enviou uma mensagem de Munique. “Por mim, meus pais, minhas irmãs e meu irmão, envio nossas condolências aos pais de Tito, Joaquín e Maria-Rose, à sua esposa, Montse, e a seus filhos, Adrià e Carlota.

“Quando Tito e eu éramos jovens, nós queríamos enfrentar o mundo. Foi o que fizemos e nós vencemos. Foi incrível ter compartilhado essas experiências com ele, e foram tantas experiências. A tristeza que sinto agora vai me acompanhar para sempre.”

Meses antes da morte de Tito, que já havia deixado a carreira de técnico para se dedicar ao tratamento, Guardiola visitou o antigo amigo. Tinha ficado claro que os dois haviam feito um esforço para restaurar a relação de tantos anos. E isso tem valor.

Eu gostaria que as milhares de pessoas que lerão isto, e que já enfrentaram

um câncer ou viram alguma pessoa querida ser devastada por essa doença, soubessem que não foi minha intenção elevar Vilanova ao posto de uma figura especial por ele ser do mundo do futebol. Tito era simplesmente um bom homem de família atingido de forma injusta por essa doença insensível — que todos esperamos ver um dia definitivamente derrotada.

Jamais vou me esquecer de que sua entrevista para a primeira versão deste livro destacou que, para ele, a melhor parte de vencer não era derrotar o adversário, ganhar dinheiro, viver as glórias ou até mesmo o momento especial de levantar um troféu. Era, na verdade, a chance de, depois de tudo isso, poder reunir todas as pessoas que compõem o clube, do roupeiro ao técnico, do atacante estrela ao fisioterapeuta, com suas esposas e filhos, de forma que todos pudessem celebrar juntos a felicidade e o sucesso, o sentido de dever bem cumprido.

Tito. Nome de imperador, “marquês” por sua elegância e estilo em campo. Mas também um homem simples, que gostava de dar prazer às outras pessoas e ver aqueles que trabalham nos bastidores do futebol de alto nível curtirem a alegria dos grandes momentos da vida.

Força, Tito!

3. NÃO É ASSIM QUE SE DIZ ADEUS

FOI DURANTE ESSE PERÍODO, de 2012 a 2014, que a combinação de dois fenômenos tratou de diminuir a força do Barcelona e da tradicional filosofia do clube.

Alguns dos jogadores que conduziram esta narrativa começaram a descobrir que o tempo e as marés não esperam por ninguém. A forma e as razões de alguns dos movimentos realizados pelos envolvidos, no entanto, deixaram muito a desejar.

O segundo fenômeno, além da passagem do tempo, é que o clube tem hoje um presidente cujas ideias e decisões, principalmente as de ordem executiva, estão em desacordo com grande parte daquilo que havia feito o Barça se tornar o maior time do mundo.

Éric Abidal

“Chegamos a um acordo para renovação de contrato de Abidal. Só falta a assinatura. Vamos assiná-lo assim que ele disputar sua primeira partida [depois do transplante de fígado para combater um câncer], e ele continuará aqui conosco.” Foi essa a promessa feita pelo então vice-presidente Bartomeu no verão de 2012.

Boas notícias para um jogador que estava vivendo sua segunda batalha contra o câncer, em especial para alguém que se tornara torcedor do Barcelona e queria permanecer no clube até o final da carreira.

O defensor francês jogou novamente em abril de 2013, atuando mais quatro vezes até o fim da temporada, inclusive na última partida do ciclo 2012/2013, contra o Málaga. Levando em conta tudo o que teve de enfrentar, ele parecia estar em ótima forma, e sua presença aumentava a inteligência da linha defensiva. É claro que perdera músculos durante o tratamento e a

convalescença, mas isso poderia se recuperar. Ainda assim, no entanto, Abidal foi avisado repentinamente de que o Barcelona havia mudado de ideia, de que não existia mais proposta para que ele continuasse no clube. Uma atitude repreensível do Barcelona, em termos de honestidade e retidão, além de uma decisão pouco inteligente do ponto de vista futebolístico — considerando como viria a ser a temporada seguinte do Barça e também as 29 partidas disputadas por Abidal pelo Monaco, onde foi vice-campeão francês, bem como sua passagem pelo Olympiacos nos meses seguintes, quando ajudou o clube a derrotar Juventus e Atlético de Madrid na Champions League.

Um homem gigante, que merecia uma despedida mais digna, mas que já se reconciliou com o clube e hoje faz um trabalho tremendo com sua Fundação Abidal — sediada em Barcelona e que utiliza o esporte para ajudar os jovens na luta contra a doença que marcou sua trajetória.

David Villa

A goleada por 4 a 1 sobre o Málaga, em junho de 2013, que selou o fim da passagem de Abidal pelo Barcelona, também foi a última apresentação de *El Guaje* pelo clube. Atacante completo, com talentos desenvolvidos no futebol de rua, e com o nome escrito na história do Barça por ter marcado duas vezes em seu clássico de estreia — numa vitória por 5 a 0 — e pelo gol anotado na final da Champions de 2011, em Wembley, o fato é que Villa, assim como acontecera com Abidal, também foi embora mais cedo do que deveria. Mas retornou ao Camp Nou um ano depois, dessa vez vestindo a camisa do Atlético de Madrid para conquistar o título da liga após um empate por 1 a 1 contra o antigo clube.

Toma! — como se diz na Espanha.

Carles Puyol

Puyol e o Barça podem agradecer pelo fato de alguma lesão grave não lhes ter impedido de curtir dezenove anos de um casamento repleto de momentos felizes. Lembram-se da preocupação da mãe do pequeno Carles quando o levou ao médico porque o garoto estava sempre se esborrachando no chão de concreto jogando como goleiro nas peladas da escola? Bem, foi somente em

2014 que as dores nas articulações, nos ligamentos, nos ossos e nas cartilagens — partes do corpo levadas ao limite de esforços rotineiramente — se tornaram insuportáveis a ponto de fazê-lo se despedir dos campos.

Eu adoro o fato de que, apesar de não ter contado com uma partida formal de despedida ou com as grandes homenagens que fazia por merecer, o capitão balançou as redes no último jogo que disputou do campeonato espanhol e também no último pela Copa do Rei. O joelho direito de Puyol, depois de duas cirurgias bastante agressivas, continuava impedindo-o de ser tão rápido e vigoroso quanto ele desejava; então o jogador aproveitou a oportunidade para comunicar ao clube que gostaria de abrir mão dos dois anos que ainda restavam de seu contrato.

Assim, em março de 2014, Puyol anunciou que a 19ª seria também a sua última temporada no Camp Nou, encerrando uma carreira em que conquistou 23 troféus pelo Barça e pela seleção espanhola — além de uma medalha de prata olímpica. Muito embora suas qualidades técnicas também tenham sido valorizadas no clube, foram seu espírito de liderança, sua atitude e personalidade competitiva que mais fizeram falta no Barcelona desde então. O que é prova de sua imensa importância.

Víctor Valdés

Víctor Valdés tomou a decisão que se esperava de Víctor Valdés, e à sua maneira: anunciou que não iria renovar seu contrato e que nada o faria continuar no clube, pois havia chegado a hora de buscar novos caminhos. Uma decisão honrosa.

Ter que fechar um acordo para jogar pelo Monaco, no entanto, era menos do que ele merecia. E então, um exercício de saltos aparentemente inofensivo resultou numa lesão que arruinou seus últimos meses de Barcelona e ainda fez naufragar a transferência para o time francês.

Assim como outros nomes aqui citados, Valdés merecia muito mais em termos de despedida. O goleiro foi peça fundamental na implantação do estilo de jogo do Barcelona: um competidor nato, muito bom com os pés, porém subestimado por quem não vivia o dia a dia do clube — ainda que, dentro do Barça, tenha sido extremamente valorizado ao longo dos anos. Tal como Puyol,

ele deixou o Camp Nou com 23 títulos no currículo. Mais tarde, viria a conquistar a Copa da Bélgica com o Standard Liège.

Espero sinceramente ainda não ter visto o final da carreira de Valdés.

4. TATA MARTINO: UMA CURVA ERRADA NO MEIO DA ESTRADA

A TENACIDADE DO câncer que inviabilizou Tito Vilanova para o trabalho obrigou o Barcelona a ir ao mercado em julho de 2013, quando o treinador avisou Sandro Rosell de que precisava urgentemente se submeter a um novo tratamento. As circunstâncias incomuns acabaram colocando no caminho do clube o mais improvável dos candidatos.

Não tentarei narrar o que foi a temporada que Tata Martino passou à frente do Barcelona — não houve nada em termos de lançar bases para os anos que estavam por vir. O argentino não apenas deixou o cargo voluntariamente antes de completar um ano de trabalho, como ia murchando cada vez que tentava descrever seu desempenho no clube. A mais contundente de suas análises veio na primavera de 2016, quando ele chamou o próprio trabalho de “um fracasso total”.

Observando com atenção sua temporada no cargo, a de 2013/2014, descobriremos que o Barça venceu apenas uma de inúmeras batalhas travadas contra o Atlético de Madrid ao longo do ano. Menos mal que a partida tenha rendido ao clube um título.

Martino (por muito pouco, ele mesmo admite) ganhou a Supercopa da Espanha em jogos de ida e volta contra a poderosa equipe dirigida por Cholo Simeone — uma taça logo no primeiro mês de jogos oficiais. Mais do que na primeira temporada inteira de Frank Rijkaard (2003/2004) e o mesmo número que nos dois últimos anos do holandês (2006/2007 e 2007/2008). Mas, antes que alguém se apresse em diminuir a importância da Supercopa, não se preocupe. É que, ao falar da necessidade de deixar o clube, Martino foi tão articulado e ponderado quanto na maior parte das vezes em que concedeu entrevistas individuais e coletivas aos jornalistas que cobrem o dia a dia do Barcelona.

“Há momentos em que o fato de o Barcelona não conquistar títulos não significa um desastre ou um fracasso. Tudo depende da qualidade do futebol jogado e da implementação de uma filosofia de jogo clara e positiva. Não ganhamos nenhum troféu importante, mas eu também não contribuí com a filosofia já consolidada no clube que encontrei ao chegar. No fim, nem sequer consegui fazer o time jogar um bom futebol. As coisas não estavam funcionando. O clube, o presidente e eu sabíamos que não havia razão para prolongar algo que já não demonstrava qualquer futuro. Francamente, para mim, não termos jogado bem foi um fracasso maior que não ter vencido nenhuma grande competição.”

É uma declaração categórica e honesta de reconhecimento do próprio fracasso, e é em parte por isso que sinto muito por Tata Martino — pelo homem, ao menos, não tanto pelo treinador.

Vale a pena dar uma olhada nas circunstâncias que o levaram ao cargo. Isso nos ajuda a entender por que as coisas deram errado e por que Martino logo se viu sob fogo cruzado, assim que assumiu o comando técnico do Barça.

Para começar, Tata Martino não é um fiasco como técnico. Era, no entanto, o homem errado para a função. E foi nomeado, também, pelo homem errado.

Tudo começou quando Horacio Cartes, que viria a ser presidente do Paraguai, ficou podre de rico nos anos 1990. Com tanto dinheiro para gastar, ele fez, na virada do milênio, como tantos outros homens de negócios com egos inflados, bilionários e proeminentes: resolveu assumir um clube de futebol. No caso, o Libertad, de Assunção.

Foi então que aconteceram dois fatos que, com o tempo, viriam a selar o destino de Martino, conduzindo, doze anos mais tarde, a sua experiência mais desagradável e decepcionante na carreira de treinador. Cartes começou a cortejar o principal executivo da Nike na América do Sul, um senhor chamado Sandro Rosell, em busca de apoio para seu recém-adquirido time de futebol. E foi bem-sucedido. Mais do que isso: Cartes aceitou o conselho de um amigo muito bem relacionado no futebol e nomeou como técnico do Libertad o ex-meia do Newell's Old Boys, Gerardo Tata Martino — então com 39 anos. Como o Libertad passou a conquistar títulos, e o mesmo aconteceu com o

Cerro Porteño, clube seguinte de Tata, Rosell anotou aquele nome.

Cartes foi subindo degraus até chegar ao ponto mais alto da escala de poder no futebol paraguaio, antes de se tornar presidente do país.

Foi ele quem apontou Martino como técnico da seleção nacional. Tata fez um trabalho excelente com os paraguaios, classificando-os para a Copa do Mundo de 2010 e levando a seleção até a fase de quartas de final naquele mundial. O time de Tata só foi derrotado pela Espanha, a futura campeã — e por 1 a 0. Talvez, portanto, tenha sido natural para Rosell pensar em Martino quando Vilanova de repente precisou deixar o posto. Talvez...

Valendo-se da mesma atitude intervencionista que o fez perder o apoio de toda a diretoria do Barcelona em 2003/2004 — quando sua intenção era ignorar o diretor de futebol do clube, e as orientações de Johann Cruyff, para demitir Rijkaard e contratar Luiz Felipe Scolari —, Rosell iniciou as conversas com o treinador argentino em julho de 2013.

“Depois que encontrei Tito e ele me avisou que precisava deixar o cargo, fui embora triste do Camp Nou, mas determinado a seguir em frente”, disse o presidente, em entrevista à rádio Cadena Ser. “Telefonei para Tata do meu carro, contei-lhe sobre Tito e disse que seria um grande prazer para nós se pudsésemos contar com ele como o próximo técnico do Barcelona.”

Isso aconteceu minutos depois do anúncio de Vilanova. Nada de analisar os riscos, nada de ouvir a opinião da diretoria. Rosell como presidente executivo.

Martino saíra derrotado na semifinal da Copa Libertadores apenas oito dias antes. Seu Newell's, liderado dentro de campo por Maxi Rodríguez, meio-campista com passagem pelo Espanyol, perdera para o Atlético-MG, que tinha como estrela máxima um velho conhecido de Rodríguez dos tempos de dérbis catalães: Ronaldinho, o reforço-sensação que ajudou Joan Laporta, Ferran Soriano, Marc Inla e o próprio Rosell a revolucionarem o Barcelona, em 2003. O mesmo astro de futebol espetacular que, acima do peso em 2008, fora dispensado do clube por Pep Guardiola. Ronaldinho já tinha 33 anos, mas converteu o pênalti decisivo naquela ultradramática semifinal da Libertadores da América.

Olhando em retrospectiva, parece até que um espectro do passado do Barça é que tinha vindo avisar Martino de que o Camp Nou não seria seu

melhor destino. Dias depois, contudo, o telefone tocou com uma proposta de tom urgente, e seu mundo virou do avesso.

Martino era tão modesto que, anos antes, quando cruzou o Atlântico ao lado do filho exclusivamente para ver em ação o time comandado por Guardiola, que eles tanto admiravam, pagou do próprio bolso os ingressos para a partida e também para a visita ao museu do Camp Nou. Nem sequer passou pela sua cabeça pedir as entradas de graça na condição de ex-atleta e treinador de sucesso na América do Sul, ou então simplesmente como conhecido de Rosell. Dois anos depois, aquele viraria a ser seu local de trabalho.

“Tivemos algumas chances de jantar juntos e conversar sobre futebol quando eu dirigia o Libertad”, admitiu o argentino a respeito de Rosell, após sua contratação.

De fato, sobre o momento em que Cartes telefonou, em julho de 2013, para lhe dizer que Rosell queria urgentemente falar com ele, Martino afirmou: “Eu não tinha a mínima ideia do que ele queria comigo”.

Infelizmente, essa já seria uma pista de como o argentino não estava pronto para comandar o Barcelona àquela altura da carreira.

Olhando para trás, ele admite que ainda estava vivendo o trauma da eliminação na Libertadores e que, assim que conversou com Rosell e o diretor de futebol, Andoni Zubizarreta, viu surgir uma grande pressão para que aceitasse o convite.

A ironia é que Martino esteve perto de assinar com a Real Sociedad algumas semanas antes. O acordo só não saiu porque o Newell's foi evoluindo na competição sul-americana e os dirigentes bascos não queriam que o novo treinador perdesse parte da pré-temporada. No momento do contato com o Barça, no entanto, a pré-temporada já estava em estágio ainda mais avançado: Vilanova precisara abandonar o cargo no pior momento possível.

“A necessidade de uma decisão rápida significou que eu não pude analisar tão bem, e de forma ponderada, a oferta de emprego que havia recebido, como estou acostumado a fazer”, disse Tata, algum tempo depois do fracasso. “Mas eu não era o único candidato.”

Não seria a primeira vez, mas Ernesto Valverde também tinha estado na lista de desejos do Barça. Só que, como Tito se apresentara em boas condições

para o trabalho de pré-temporada, o basco acabou assinando com o Athletic Bilbao. Exatamente um mês antes da recaída de Vilanova.

Luis Enrique, que assinara com o Celta de Vigo apenas quatro semanas antes, já era naquela época o candidato preferido de Zubizarreta, mas Rosell queria tentar algo novo. Uma maneira, na verdade, de poder se afastar o máximo da escola de pensamento de Cruyff — e dos discípulos de Cruyff, se possível.

Desde o início, portanto, Tata pareceu ter sido enredado pelas circunstâncias. Ele não gostava que os funcionários do clube carregassem sua mala e odiava o excesso de cobertura jornalística sobre ele e seus jogadores. Também ficara chocado ao descobrir que seu currículo era praticamente invisível na Espanha.

“Um cara andando pelo supermercado pode ser anônimo, mas alguém com o trabalho que eu tenho não deveria ser praticamente desconhecido ao chegar para treinar o Barcelona. Das pessoas com quem conversei, 99 por cento não sabiam quais eram minhas ideias futebolísticas, a forma como eu trabalho ou como eu gostaria que meu time jogasse.

“Hoje está claro que eu deveria ter conquistado o direito de treinar na Europa dirigindo antes um outro clube do continente, em vez de ter saído direto da Argentina para o Barcelona.”

Martino estava absolutamente despreparado para o nível, o imediatismo e as razões das críticas que recebeu. Sua equipe, que até o mês de fevereiro só perderia duas partidas competitivas, nas primeiras cinco semanas marcou muitos gols e sofreu pouquíssimos. Mas, mesmo assim, seu trabalho e o estilo de jogo do time estiveram todo o tempo na mira dos meios de comunicação locais.

“Foi quando concluí que o trabalho seria duro demais”, ele admitiu mais tarde.

Demorou, meu caro Sherlock.

Seu time venceu a Supercopa, foi derrotado na decisão da Copa do Rei devido a um gol extraordinário de Gareth Bale, perdeu em casa o título espanhol para o Atlético de Madrid na última rodada e foi eliminado — sob intensa pressão e sem tempo para respirar em campo — nas quartas de final da

Champions League também pelos comandados de Diego Simeone.

Algumas circunstâncias atenuantes? Martino perdeu Messi, Valdés, Piqué e Neymar por questões físicas em momentos importantes da temporada. Os três últimos foram desfalques na sequência de tropeços que acabou custando o troféu do espanhol que parecia estar nas mãos do Barça: derrota para o Granada e empates contra Elche e Getafe.

Um gol anulado de Messi — que talvez pudesse ter sido validado — contra o Atlético, no Camp Nou, poderia ter feito o Barcelona conquistar a liga, mudando os rumos da história de Martino. Mas não dá para chamar de roubo o desfecho do lance.

Um dos erros mais terríveis de Tata — na época, era essa a impressão; hoje, podemos ter certeza — foi ter perdido a fé em Xavi. Mal utilizado na sequência de resultados negativos que acabou permitindo ao Atlético a conquista de seu primeiro título nacional desde 1996, o lendário meio-campista encerrou a temporada decidido a ir embora do Barcelona. Mas, em vez disso, apesar de ter vencido os dois clássicos contra o Real Madrid, foi Martino quem recebeu a notícia de que veria a porta da rua. Um homem decente, que se disse feliz por ter trabalhado com jogadores que o surpreenderam pela “humildade, atitude e empenho nos treinos todos os dias”, que mostrou inteligência e honestidade, e que fez o melhor para tentar lidar com a tempestade que se abate sobre quem dirige o Barcelona — em tempos bons ou ruins. Mas o homem errado para o cargo, nomeado num ataque de “eu sei mais que vocês” de um presidente que iria renunciar a seu posto na metade daquela mesma temporada.

5. JOHAN, BEDANKT! (OBRIGADO, JOHAN!)

E ENTÃO, EM MARÇO de 2016, nós perdemos Johan Cruyff — o macho alfa da história do futebol. O ícone mais extraordinário do “futebol total” do Ajax e da Holanda na década de 1970; um vencedor carismático enquanto jogador em três países diferentes; um técnico cujo trabalho brilhante à frente do Ajax nos anos 1980 não só rendeu troféus ao clube como lançou as bases para a formação do time que conquistaria a Champions League de 1995.

Até o surgimento de Guardiola, Cruyff era também o treinador mais bem-sucedido da história do Barcelona, e foi a sua filosofia de jogo que deu origem à era atual de grande brilho no clube. Ninguém fez mais do que ele pelo esporte que todos amam.

Talvez tenha havido um ou dois jogadores melhores do que ele. Um ou dois. Talvez.

Talvez sua curta carreira como treinador o deixe vulnerável em termos de conquistas nas comparações com um Ferguson, um Shankly ou um Capello.

Mas, se é fato que a filosofia de jogo eternizada por Cruyff não foi uma construção apenas sua, resultando também do trabalho daqueles que o antecederam, a verdade é que nunca existiu outro homem como ele, que integre a elite do futebol como atleta, técnico e pensador.

Colocando em termos militares, ele seria como uma mistura entre o mais implacável soldado do sas [Serviço Aéreo Especial britânico], Napoleão, o general Eisenhower e Sun Tzu, autor de *A arte da guerra*. Inigualável dentro de campo, brilhante como líder, mas ainda mais impactante como estrategista e teórico.

Cruyff foi como uma versão futebolística dos criptólogos de Bletchley Park, grupo que decodificou o código nazista de comunicação “Tunny” e dessa forma antecipou a vitória dos aliados na Segunda Guerra Mundial. Eles notaram

certos padrões, uma lógica, repetições e lacunas quando olhavam para o material que muitos outros também observavam, entendendo-o de maneira diferente. E assim aconteceu também com Cruyff e o futebol. Hoje, podemos compreender o que nos foi explicado. Mas ele teve que trabalhar muito duro a partir de 1985 para ganhar verdadeira aceitação.

“Pela mentalidade holandesa com a qual nasci, nunca tive de pensar duas vezes quanto a seguir o meu próprio caminho”, ele explicou. “Talvez eu cometa algum erro agindo assim, mas, se for o caso, terá sido um erro cometido por mim mesmo, e não imposto pelos outros. Geralmente, eu consigo o que desejo, mas à custa de me envolver em milhares de batalhas, pois não é fácil convencer pessoas que nasceram e foram educadas para pensar de forma totalmente diferente. Você pode até entender a mentalidade delas, mas se quer mudar esse jeito de pensar, então é óbvio que surgirão conflitos.

“Um dos meus maiores [conflitos] aconteceu no Barça, com Núñez como presidente. Mas o clube simplesmente não podia continuar seguindo por aquele caminho, não era possível. Eu tive outros tipos de desavenças na Holanda, porque as pessoas de lá costumam a aceitar as ideias dos outros. Mas é preciso evoluir constantemente, e a evolução bem-sucedida é sempre fruto do treinamento e da promoção dos jovens. É sempre necessário contar com sangue novo para se adaptar a tempos de mudanças.”

Foi em parte por esses conceitos que ele gastou tanto tempo e dinheiro na construção de quadras cobertas para a prática de futebol de cinco, já são mais de duzentas delas espalhadas mundo afora. A Fundação Cruyff ainda tem como objetivo formar administradores esportivos, além de oferecer uma vasta gama de cursos destinados a melhorar a vida e os níveis de confiança de crianças deficientes.

Cruyff talvez tenha herdado elementos de uma filosofia de futebol que remonta ao jogo de passes curtos usado pelos escoceses para infernizar a Inglaterra na primeira partida internacional da história da modalidade, quase um século e meio atrás. Ou aos húngaros revolucionários da década de 1950, ao Brasil de Pelé ou às ideias daquele que foi seu mentor, Rinus Michels. Mas foi ele quem, ao se tornar uma voz ouvida, passou a doutrinar o mundo do futebol a respeito da importância de precisão, técnica, inteligência, equilíbrio, pressão,

jogo posicional, *scouting*, treinamento, formação de atletas e, claro, do passe.

Por tudo isso, sou grato pela chance de ter visto, respirado e apreciado a era Cruyff. Ele mudou a minha vida. E, provavelmente, também a sua.

*

No mês de outubro anterior à morte de Cruyff, um plano costurado entre meu grande amigo Aurelio Capaldi e o professor Valter di Salvo me deu a oportunidade de conversar durante uma hora com o holandês, em frente a uma plateia formada por enviados dos principais clubes do planeta, em Berlim. Serei eternamente grato a eles. Cruyff foi elegante, amigável, interessante e claramente se divertiu naquele dia. Melhor ainda, parecia jovial e saudável.

Uma semana depois, veio o anúncio de que ele estava lutando contra um câncer de pulmão. E, meses mais tarde, apesar de ter dito que estava vencendo a batalha contra a doença “por 2 a 0, ao final do primeiro tempo”, ele morreu.

Naquela manhã, eu estava com os dois caras que inspiraram a criação deste livro, Martin Greig e Neil White, da editora BackPage, e eles sabem como a notícia da morte de Cruyff me abalou. Agradeço a Jody Morris, nosso convidado daquele dia no podcast *The Big Interview* que produzimos juntos, por ter me lembrado de que o legado de Cruyff estará vivo para sempre na forma como as pessoas jogam, conversam sobre, analisam e reinventam o futebol. Nada mal, sem dúvida.

Eu acredito que se aderíssemos à filosofia básica de Cruyff, no futebol e na vida, estaríamos todos vivendo melhor.

“No futebol, existem duas coisas diferentes. Uma é o resultado. A outra é o que os jovens veem, sentem e absorvem quando assistem a um jogo. É por isso que sou famoso, é por isso que ainda escrevem sobre mim. O trabalho que fiz sempre foi para que os jovens tivessem algo de valor para copiar e imitar: seja a ética de trabalho, o comportamento, a vontade de experimentar o novo ou a capacidade para aceitar a vitória ou a derrota com a mesma elegância.”

O maior e mais importante homem que o futebol já conheceu. Vocês estão lendo este livro e puderam testemunhar o melhor futebol de suas vidas graças a ele.

Johann, Bedankt!

AGRADECIMENTOS

Gostei muito de ter trabalhado com a editora BackPage. Eles leram um artigo que escrevi sobre Xavi no *Sunday Herald*, tiveram a ideia de fazer o livro e me procuraram. Escrever para pessoas que são apaixonadas pelo próprio trabalho, que adoram futebol e não têm receio de expor seus valores com franqueza foi uma grande experiência. Nada de prepotência ou extravagâncias, apenas talento e energia para o trabalho. Eles só não sabem cantar.

E mais importante ainda foi minha esposa Louise ter podido participar de todo o processo, com sua inteligência e grande capacidade de edição — sem contar que o fato de ela ter conhecido boa parte do pessoal, sendo conquistada pelo talento deles, também tem enorme significado para mim. A coisa toda foi ideia dela, desde o início.

Eu sei que minhas filhas Cara (que conhece Ronaldinho e jogou futebol no quintal da casa de Johan Cruyff) e Annie (a única catalã de nascimento na família e provavelmente a fã número um de Leo Messi) amam ir ao Camp Nou. Elas me apoiaram durante todas as horas intermináveis que passei escrevendo, entrevistando ou revisando este material.

Ao meu pai e à minha mãe, a Pete e Andrew, que tiveram de suportar meu falatório sem fim sobre futebol ao longo de uma considerável quantidade de anos, meu muito obrigado. Eles fizeram todo o possível para me acalmar, encorajar e orientar pelos melhores caminhos. Eu sei exatamente onde estão as raízes da minha paixão pelo futebol: Pittodrie.

Graeme Runcie teve a visão, em 1982, de ir para a Espanha — e estava muito certo. Rob Moore recebeu algumas menções ao longo do livro e merece cada uma delas. Aurelio Capaldi e Ian McGarry são sempre meus guias, algumas vezes em temas bem importantes. Sid Lowe muito gentilmente dedicou parte do seu tempo ao livro. E também preciso agradecer a Pete Jenson, Manel Montilla e Carmelo Rubio.

Silvia González ajudou demais com suas entrevistas, Luis Martín é uma

lenda jornalística e um grande amigo, assim como Cordula Reinhardt. Por fim, Kevin Bridges, John Bridges e Greg McHugh devem ser capazes de ouvir as próprias vozes nas páginas desta obra.

APÊNDICE A — LINHA DO TEMPO

1996	Cruyff é demitido no vestiário, enquanto os jogadores estão chegando para o treino. Neste ponto, Xavi, aos dezesseis anos, já está em La Masia, assim como Víctor Valdés. Carles Puyol acaba de ser contratado. Andrés Iniesta, de apenas doze anos, vem sendo observado e em breve será recrutado.
2000	Lionel Messi, aos treze anos, deixa a Argentina, muda-se com a família para Barcelona e entra em La Masia.
2001	Guardiola anuncia sua saída do Barcelona numa entrevista coletiva marcada pela emoção.
2003	O advogado Joan Laporta, líder do movimento <i>Elefant Blau</i> , de oposição à gestão Josep Lluís Núñez, vence as eleições presidenciais. Rosell, um dos vice-presidentes, é um estrategista fundamental para a vitória. A nova diretoria nomeia Frank Rijkaard como técnico.
16 de outubro de 2004	Aos dezessete anos, Messi disputa sua primeira partida na liga espanhola, contra o Espanyol.
2005	Rosell abandona seu posto na diretoria do Barcelona, alegando que Laporta se desviou das ideias que levaram o grupo de ambos ao poder.

2006	O Barcelona derrota o Arsenal de virada na final da Champions League e conquista seu primeiro título europeu desde o <i>Dream Team</i> .
2007	Guardiola é contratado para dirigir o Barça B.
2008	Depois de somente uma temporada treinando a segunda equipe, Guardiola sucede Rijkaard no comando do time principal e anuncia que Deco, Ronaldinho e Samuel Eto'o não estão em seus planos.
27 de maio de 2009	Os gols do “perdoado” Eto'o e de Messi decidem a final da Champions League, contra o Manchester United, e valem a tríplice coroa para o Barça na primeira temporada de Guardiola como técnico, depois dos títulos na liga espanhola e na Copa do Rei.
19 de dezembro de 2009	Pela primeira vez na história, o Barcelona conquista o Mundial de Clubes, com Messi marcando o gol que decide a final contra o Estudiantes.
2010	O Barcelona é bicampeão espanhol, mas falha na defesa do título da Champions e é eliminado pela Inter de Milão, treinada por José Mourinho.
13 de junho de 2010	Rosell se torna o 39º presidente do Barcelona, substituindo Laporta, seu antigo aliado.
	Com sete formados de La Masia em campo, e mais dois no banco de reservas, a seleção espanhola disputa

11 de julho de 2010	a final da Copa do Mundo, e Iniesta faz o gol do título da <i>La Roja</i> (que já havia vencido a Eurocopa, dois anos antes).
28 de maio de 2011	Pedro, Messi e David Villa balançam as redes, o Barcelona faz 3 a 1 no Manchester United e vence sua segunda Champions League em três anos de comando de Guardiola, depois de também já ter conquistado o tricampeonato nacional.
18 de dezembro de 2011	O Barcelona faz 4 a 0 no Santos, em Yokohama, no Japão, e é campeão mundial pela segunda vez.
2012	Messi iguala Michel Platini e se torna o segundo jogador na história a vencer três Bolas de Ouro consecutivas.
27 de abril de 2012	Depois de quatro anos no cargo, Pep Guardiola anuncia que deixará o Barcelona. Seu 14º e último troféu é a Copa do Rei, conquistada com uma vitória por 3 a 0 sobre o Athletic Bilbao, em 25 de maio.

APÊNDICE B – REFERÊNCIAS

SOU EXTREMAMENTE grato às pessoas citadas abaixo pelas entrevistas exclusivas concedidas para a produção deste livro.

Manel Estiarte, Arnau Riera, Tito Vilanova, Josep Maria Minguella, Joan Lacueva, Charly Rexach, Alex García, Marc Ingla, José Ramón Alexanco, Albert Benaiges, Rodolfo Borrell, Ferran Soriano, Fran Sánchez, Ginés Meléndez e Txiki Begiristain dedicaram-me seu tempo, permitindo que este livro explicasse conceitos adotados pelo Barcelona e narrasse momentos especiais que fizeram a história recente do clube. Alex McLeish, um bom amigo, trouxe detalhes acerca de Messi e Iniesta; Paul Jewell me contou como esteve perto de contratar Guardiola; Joachim Björklund gentilmente compartilhou suas visões sempre aguçadas sobre futebol; e Martin Ferguson, Steve Archibald, Darren Fletcher e Jordi Lardín foram meus guias.

Eu diria ainda que as entrevistas feitas antes mesmo de a ideia deste livro nascer, ao longo de dez anos em que recebi de jogadores e pessoas ligadas ao Barcelona um tratamento excepcionalmente gentil, foram fundamentais. Cito, em especial, as conversas com Xavi Hernández, Gerard Piqué, Carles Puyol, Josep Guardiola, Éric Abidal, Javier Mascherano, Andrés Iniesta, Daniel Alves, Julianio Belletti, Gio van Bronckhorst, Henrik Larsson, Víctor Valdés, David Villa, Leo Messi, Ronaldinho, Pedro Rodríguez, Sergio Busquets, Sylvinho, Thiago Alcântara, Óscar García, Johan Cruyff e Rutger Koopmans, assim como integrantes da comissão técnica do Barça, como Chemi Teres, Francesc Orenes, Sergi Nogueras, Xavi Guarte e José Manuel Lázaro. Menciono também Joaquin Macanás, bem como todos na IMG Espanha, o excelente Juanjo Castillo e o time de imprensa da seleção espanhola: Paloma Antoranz e Susana Barquero.

Senda de Campeones, obra escrita por Martí Perarnau, foi um bom guia na preparação das entrevistas sobre La Masia.

Por fim, eu gostaria de reconhecer a importância dos seguintes textos e

declarações, que passaram a fazer parte do livro:

Capítulo 1: O caminho para Wembley

Os comentários sobre o desempenho do Barça na final da Champions League incluem: Graeme Souness, falando na Sky Sports; Ossie Ardiles, na *Revista de La Liga*; Ottmar Hitzfeld, na *Kicker*; Juste Fontaine, no jornal esportivo francês *L'Equipe*. Marcello Lippi foi entrevistado pelo *Corriere della Sera*. Roy Keane falou na ITV. Guti usou o Twitter para elogiar Pep Guardiola.

Capítulo 2: A construção de Messi

Este capítulo inclui trechos de entrevistas com Lionel Messi que foram originalmente publicadas no *Mundo Deportivo* e no *El País*; dr. Schwarzstein e Matías Messi falaram para o programa de TV *Informe Robinson*; já a descrição das injeções com hormônios de crescimento, aplicadas pelo próprio Leo Messi, encontra-se em seu website pessoal.

Capítulo 3: O retorno do exílio

Xavi Hernández conversou com Luis Martín, do *El País*. Zlatan Ibrahimović concedeu entrevista ao autor para a revista *Champions* e, posteriormente, falou com o *Mundo Deportivo*. A mãe de Pep Guardiola, Dolores, falou para o Cuatro, canal de TV.

Capítulo 4: A máquina

Duas entrevistas com Xavi Hernández foram citadas neste capítulo. Ele falou com o Canal+ sobre jogar futebol na infância, e com Luis Martín, do *El País*, a respeito de seu décimo ano como jogador do Barcelona.

Capítulo 5: A teoria da evolução

Foram usados extratos das seguintes entrevistas dadas por Johan Cruyff: para a *GQ*, sobre sua contratação pelo Feyenoord; para Frits Barend e Henk van Dorp, do *Nieuwe Revu*, sobre o estado em que o Barcelona se encontrava quando ele chegou para treinar o clube e a respeito de seu impacto sobre Frank Rijkaard. Também foram aproveitados trechos de suas colunas para os jornais *La Vanguardia* e o *El Periódico*. Charly Rexach conversou com o autor do livro

numa entrevista que figurou na revista *FourFourTwo*.

Capítulo 6: A construção de Pep

Este capítulo inclui trechos de entrevistas concedidas por Pep Guardiola a Gabrielle Marcotti e publicadas no *The Times* e no *Mundo Deportivo*. A mãe de Pep (Dolores), Francesca Guardiola, Carles Naval, Luis Milla e Guillermo Amor falaram ao canal La 2.

Capítulo 7: Os imperadores de Barcelona

Este capítulo traz extratos de entrevista concedida por Joan Laporta ao *El País*. Laporta também falou com o autor do livro em entrevista publicada originalmente na revista *Champions*.

Capítulo 8: A dupla improvável

Este capítulo apresenta trechos das seguintes entrevistas: Jordi Mauri falou com o canal TV4; Gerard Piqué conversou com Luis Martín, do *El País*, sobre a saudade que sentia de casa; Carles Puyol falou sobre a questão “atitude versus talento” e sua fome de vitórias para Albert Puig, no livro *La fuerza de un sueño*, e sobre o Real Madrid para o *Marca*. Xavi, por sua vez, deu entrevista ao Canal+.

Capítulo 9: Terreno fértil

Neste capítulo, utilizei trechos das seguintes entrevistas: Pep Guardiola conversou com Albert Puig, no livro *La fuerza de un sueño*, em que também figurou a anedota envolvendo Mazinho; Xavi falou ao jornal *L'Equipe*; Guillermo Amor conversou com o *Mundo Deportivo*; e Charly Rexach com o *El País*.

Capítulo 10: O homem das soluções

Este capítulo inclui extratos de entrevistas concedidas por Andrés Iniesta para o *El País*, nas quais ele fala sobre sua infância; os relatos sobre o torneio *alevín* ele faz em seu próprio website; também conversou com o amigo Luis Martín, do *El País*, às vésperas da final da Champions League, em Wembley, e numa entrevista ao mesmo jornal, em 2009. Lorenzo Serra Ferrer também

falou ao *El País*.

Capítulo 11: Construindo a maior rivalidade do mundo

Este capítulo apresenta trechos de uma entrevista de José Mourinho ao *El País*, e Guti falou com a rádio Ona FM.

Capítulo 12: O maior de todos

José Mourinho conversou com Cristina Cubero; Pep Guardiola e Santiago Segurola escreveram suas colunas para o *El País*.

APÊNDICE C – GLOSSÁRIO

<i>Alevín</i>	Categoria de base para garotos entre 10 e 12 anos.
<i>Cadete</i>	Categoria de base para garotos entre 14 e 16 anos.
<i>Cantera</i>	Termo genérico usado para definir as categorias de base de um clube na Espanha.
<i>Canterano</i>	Jogador da <i>cantera</i> .
<i>Carnê</i>	Ingressos para uma temporada inteira do clube.
<i>Colchonero</i>	Torcedor do Atlético de Madrid. O termo está ligado às listras verticais da camisa do clube, que se assemelhavam ao tecido de revestimento dos colchões antigos.
<i>Culé</i>	Termo afetuoso utilizado para definir o torcedor do Barcelona.
<i>El Niño</i>	Apelido de Fernando Torres. Significa “o menino”.
<i>El Submarino Amarillo</i>	Em português, “o submarino amarelo”, apelido do Villarreal.
<i>Juvenil</i>	Categoria de base para garotos entre 16 e 19 anos.

<i>La Roja</i>	Apelido da seleção espanhola de futebol, devido à cor vermelha de sua camisa.
<i>Més que um club</i>	“Mais que um clube”: slogan usado pelo Barcelona desde janeiro de 1968.
<i>Pañolada</i>	Forma de protesto tradicional no futebol espanhol, em que torcedores agitam lenços brancos em sinal de desaprovação.
<i>Passillo</i>	Tradicional homenagem a um time que conquista a liga espanhola, realizada pela equipe seguinte a ser enfrentada pelo clube no mesmo torneio, que forma um corredor com seus atletas para a passagem dos jogadores rivais.
<i>Pivote</i>	Jogador que atua logo à frente da defesa e atrás do meio de campo, como Pep Guardiola em seus tempos de jogador. No Brasil, o conceito mais próximo é o de “volante”.
<i>Rondo</i>	Exercício de posse de bola praticado desde os grupos etários mais jovens até o time principal no Barcelona, envolvendo um ou dois jogadores que tentam interceptar os passes trocados entre atletas que formam um círculo à sua volta. No Brasil, a atividade é genericamente conhecida como “roda de bobinho”.

APÊNDICE D — CRITÉRIOS PARA CONTRATAÇÃO

MENCIONADO NO CAPÍTULO II, reproduz-se abaixo o documento produzido pelo vice-presidente Marc Ingla com os critérios que o clube deveria levar em conta para definir o substituto de Frank Rijkaard como treinador do Barcelona.

Para o novo técnico do FC Barcelona

- 1. Respeito ao modelo de gestão esportiva — e o papel do secretário-técnico**
 - Trabalhar com a comissão técnica do time principal;
 - Coordenar as categorias de base local e globalmente;
 - Reforços, novos contratos, dispensas de jogadores, vendas etc.
 - Trabalhar com a equipe técnica sobre esses temas de dezembro a janeiro;
 - Embora o secretário-técnico seja responsável pelas decisões finais, o treinador pode fazer propostas e estabelecer vetos;
 - A diretoria do clube e o secretário-técnico não interferirão no trabalho do treinador nem influenciarão sessões de treinamento e a preparação para as partidas.
- 2. Estilo de jogo**
 - Equilíbrio entre eficiência e o futebol mais atraente e espetacular possível;
 - Formação em campo no 4-3-3 com as alterações que se fizerem necessárias;
 - Gestão e controle das partidas — concentração e atenção máximas.
- 3. Valores a serem promovidos no time principal — alguns deles são novos**
 - Trabalho, trabalho e trabalho;
 - Continuar promovendo jogadores da *cantera* (isso faz parte da

identidade do clube, ajudará a manter nosso estilo de jogo e contribuirá para o nível de entendimento no vestiário);

- O time deve:
 - Encorajar a solidariedade, o jogo coletivo, os passes e a velocidade de movimentos: a generosidade deve estar acima do individualismo, que não traz resultados;
 - Os talentos das grandes estrelas, bem como de todos os jogadores do elenco, estão a serviço da equipe toda;
- Manter concentração total em todos os momentos (permanecer distante dos ruídos e distrações da vida cotidiana e continuar focado nas competições);
- Prestar atenção aos menores detalhes (por exemplo, as permissões para faltas em treinos).

4. Treinamento e desempenho: “A forma como você joga é resultado da forma como você treina”

- Todo e qualquer treino tem a máxima importância;
- O treinador deve gerenciar de perto toda atividade que tenha impacto direto na performance dos jogadores:
 - A estratégia e o plano tático de cada partida;
 - A preparação física de cada indivíduo e do time como um todo;
 - A saúde dos atletas e o envolvimento da equipe médica nos treinamentos a fim de permitir que os jogadores estejam, tanto quanto possível, protegidos de lesões;
 - A alimentação e o descanso;
- Maior ênfase sobre a preparação física (um novo valor para o clube):
 - O futebol se tornou cada vez mais físico e competitivo. O Barcelona é sempre o número 1 em relação a talento... Mas também precisamos que nossos atletas se desenvolvam em termos de força e explosão; Ênfase no trabalho preparatório e posterior ao jogo:
 - A análise dos nossos rivais (vídeos, novas soluções táticas etc.);
 - O dia seguinte ao do jogo, um olhar sobre os nossos erros, uma análise daquilo que funcionou e das lições que podem ser aprendidas;

- Outras considerações:
 - Os treinos precisam se tornar mais “fechados”, de acordo com nossa meta de contínua profissionalização;
 - Mais sessões de treino no Mini Estadi e na Ciudad Deportiva;
 - O prolongamento do dia de trabalho: mais descansos, mais refeições controladas etc.

5. Gestão ativa do vestiário

- Aplicação das “regras da casa”;
- Permissões para faltas em treinos — em caso de dúvida, o treinador deve buscar entendimento com o secretário-técnico;
- O modelo de capitão — na meritocracia que pretendemos promover, aqueles que possuem habilidades naturais de liderança e influência sobre o grupo;
- Gestão dos jogadores superastros.

6. Outros acordos e obrigações com o clube: a relação com a imprensa

- Como uma das imagens permanentes e mais visíveis do clube, o treinador deve:
 - Comportar-se de maneira prudente em todos os momentos;
 - Aderir ao conceito de jogo limpo e demonstrar respeito aos oponentes, árbitros e outras instituições;
 - Evitar o uso excessivo da mídia e a criação de polêmicas artificiais. O foco deve sempre estar no futebol e no momento vivido pela equipe;
- Sobre os jogadores:
 - Devem passar pela zona mista ao final das partidas;
 - Devem cumprir suas obrigações em relação às entrevistas coletivas;
 - Quanto ao marketing, é necessário encontrar um equilíbrio entre os compromissos individuais de cada atleta e os do clube;
 - Atuação social.

7. Experiência

- Ter experiência no futebol de elite e de seleções, como jogador e

treinador;

- Qualidades pessoais do mais alto nível devem ser comprovadas se o técnico não apresentar grande experiência.

8. Contribuição e apoio para a gestão eficaz do clube como um todo

- Ênfase em métodos diretos e formais de comunicação para assegurar que as necessidades da equipe sejam identificadas:
 - Planejamento semanal das sessões de treino, do atendimento na zona mista; apontamentos de todas as ausências nos treinamentos, bem como do estado de saúde e forma física dos jogadores; se necessário, a produção de um relatório sobre cada atleta;
- Reuniões regulares de coordenação interna para desenvolver o trabalho da equipe e assegurar sua evolução contínua. Delas devem participar:
 - A comissão técnica, a equipe médica e de fisioterapia (frequência a critério do treinador);
 - O vice-presidente esportivo, o secretário-técnico e o treinador do time principal (quinzenalmente);
- A diretoria do clube evitará rigorosamente exercer influência sobre as decisões de caráter técnico e respeitará o trabalho dos profissionais do clube, com a única exceção de assuntos ligados à estratégia global do FC Barcelona.

9. Outras qualidades altamente desejáveis

- Bom conhecimento da liga espanhola;
- Bom conhecimento do clube;
- Experiência internacional.

Este livro foi composto na fonte Calluna em corpo de 10 pontos, impresso pela gráfica Bartira com tiragem de 2000 unidades e diagramado pela Tupiniquim Design

Campinas, 2018